

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Unidade de Ciências Exactas e Humanas

Afecto e Identidade Nacional
A contribuição teórica das representações
sociais para o estudo de uma imagem
persistente em Portugal



Faro, 1999

Maria de Fátima Vieira Rosado

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Unidade de Ciências Exactas e Humanas

Afecto e Identidade Nacional
A contribuição teórica das representações
sociais para o estudo de uma imagem
persistente em Portugal

Dissertação apresentada à
Universidade do Algarve para
efeito da prestação de provas de
Doutoramento em Sociologia

Faro, 1999

Maria de Fátima Vieira Rosado

Faiança portuguesa, presumivelmente anterior ao século XVII.
Foto de Luís Filipe Cândido Oliveira (© Correios de Portugal, 1992).

Há seres através dos quais Deus me amou.

Louis-Claude de Saint-Martin

Este trabalho é dedicado, em homenagem e agradecimento, àqueles que aceitaram ser para mim *Visitações do Amor*, ensinando-me que tudo vem de mais longe e vai para mais longe.

Em homenagem especial dedico-o ainda a todos aqueles que gostam ou gostaram de ser portugueses, em particular aos que usaram muito do seu tempo de vida para pensar, escrever e falar sobre Portugal, assim se tornando figuras públicas, e que morreram durante a realização deste trabalho: Agostinho da Silva, António José Saraiva, António Quadros, David Mourão-Ferreira, Fernanda de Castro, Francisco Sousa Tavares, Franco Nogueira, Jorge Borges de Macedo, Manuel da Fonseca, Maria de Lourdes Belchior, Mário Viegas, Miguel Torga, Natália Correia, Virgílio Ferreira...

E também a Estela Berger e Alfredo Santos Marques, docentes fugazes e de memória saudosa da Universidade do Algarve.

APRESENTAÇÃO

Poder explicar como algo nasce é uma aspiração bem humana, mas neste caso creio que nunca poderei vir a saber nem quando nem onde este trabalho nasceu.

Há pequenos lumes estranhos, e sobretudo fugazes, que me aquecem a memória. De dois deles ficaram cinzas mais densas.

Um diálogo escutado uma manhã, na freguesia de Salir, em que no correr lento de uma viagem de automóvel pela Serra se vem a falar dos Portugueses e de estrangeiros – “outra gente” –, definida por alguns outros e estranhos comportamentos. Um dos companheiros de viagem sabe do que fala porque muito tempo atrás presenciou algo que nunca mais esqueceu e nos passou a contar. Nos Açores, na primeira metade do século, um soldado estrangeiro chega à messe para tomar o seu chá da tarde. É-lhe então dito que não pode ser porque faltou a água. O soldado responde que isso não lhe interessa porque tem direito a tomar o seu chá.

Mas como era possível não interessar, se se estava perante um facto? – continuava ainda inacreditado a perguntar-se e a perguntar-nos o nosso companheiro. Como era possível que em nome da vontade se pudessem ignorar as circunstâncias, como é que a razão poderia querer ser mais forte que a vida?

Diria que foi a viva intensidade do seu assombro que me despertou para uma eventual consciência de identidade nacional muitíssimo mais actuante do que até então poderia supor.

Não muito tempo depois o assunto reapareceu-me sob outra forma.

Num grupo de estudantes estrangeiros, participo numa visita a um centro agrónomico em Perpignan. Somos acompanhados por um responsável do centro, que no decorrer da mesma se vai informando sobre as nossas nacionalidades. É então, quando chega a minha vez, que acontece algo completamente inesperado para mim e que me deixa, diria hoje, presa de assombro semelhante ao que vislumbrara no meu ocasional companheiro de viagem em Salir. Ao dizer que era portuguesa, o meu interlocutor anima-se vivamente e apresenta aquilo que considereei uma opinião completamente inaudita sobre os Portugueses. Conhecedor directo

de Portugal, que visitara diversas vezes, diz-me, concluindo, que era preciso “estudar Portugal”, reparar nos comportamentos portugueses, porque “Portugal era o último país civilizado da Europa”.

Esta posição é de tal modo incompreensível para mim que, pouco tempo depois esqueço-a. Aparentemente...

E esta é a parte que não sei explicar, sei só que o assunto me foi minando e se tornou parte de mim. Uma das consequências é o trabalho aqui presente, que se prolongou muito para além do previsível e através do qual sofri, desacreditei muito, e vivi momentos de comoção, alegria e reconhecimento extraordinários. Todas as vezes que mantive viva a esperança recebi muito mais do que alguma vez pudera imaginar. Muitas e muitas pessoas me ajudaram. Em alguns momentos estive quase a quebrar o compromisso de o realizar e o trabalho foi “segurado” por outros.

São alguns destes outros, os de que conheço os nomes, que passo a referir, desejando que através destas pessoas chegue a todos aqueles que me ajudaram o mais profundo, terno e humilde “obrigada”.

Não me tendo sido possível fazer, como gostaria, algo semelhante a um inventário dos inevitáveis obstáculos que esperam aqueles que se dedicam simultaneamente à investigação e à docência, limito-me a referir apenas nomes de pessoas ou instituições que de uma forma mais directa ou mais decisiva me ajudaram, particularizando por vezes alguns aspectos dessa ajuda.

Recuando um pouco, e a começar pelo percurso escolar universitário, preciso, lembrar duas pessoas extraordinárias que forçaram a minha resistência à vida académica, assim se constituindo nos primeiros sustentos deste trabalho – o Professor Doutor Augusto da Silva, que, na Universidade de Évora, aceitou ser meu orientador de licenciatura e nunca recusou o difícil papel de crítico, desempenhando-o com generosa e amável solicitude, e o Professor Doutor Manuel Gomes Guerreiro, que me permitiu estabelecer pontes entre a Sociologia e a Ecologia, veio a ligar na minha vida a Universidade de Évora à Universidade do Algarve e ficará para sempre como um Mestre que entre muitos outros ensinamentos me revelou a importância de levar a “carta a Garcia”.

Numa fase muito agitada o Professor Doutor Manuel Nazareth encontrou tempo e paciência para me mostrar que acima de tudo uma tese

de doutoramento exige dedicação. Demorei bastante a entender mas estou-lhe verdadeiramente reconhecida.

De mais perto, já na carreira académica, acredito profundamente que sem a inteira disponibilidade do Professor Doutor José Gil, meu primeiro orientador, nunca se teria alicerçado este projecto nem eu teria encontrado as vias da sua concretização. Maternizou a ideia, amparou o meu desamparo e empurrou-me para novos caminhos, sacrificando-se como orientador. Tudo isto lhe devo-lhe e uma delicadeza de trato que não sei exprimir.

Marcel Jolivet, em França, e Claude Javeau, na Bélgica, foram dois dos investigadores estrangeiros que discutiram comigo o pré-projecto de investigação e a quem agradeço vivamente porque se tornaram decisivos na desmistificação da “impossibilidade” em estudar a identidade nacional, tal como ainda se fazia no final dos anos oitenta. Serge Moscovici que conseguiu, entre a agitação de uma mudança de instalações do Laboratório de Psicologia Social, encontrar tempo e lugar não só para desmistificar o estudo da identidade nacional como, e sobretudo, para me desarmar, com todo o fulgor que lhe é reconhecido, da resistência à investigação, escudada que então era numa inventada (quase se diria congénita) incapacidade. Para ele vale a pena recorrer à forma de agradecimento corrente na terra de meus bisavós maternos – bem haja!

No quadro da Universidade do Algarve e da Unidade de Ciências Exactas e Humanas tive a sorte de encontrar no Presidente da sua então Comissão Instaladora, Professor Doutor Abílio Marques da Silva, uma compreensão sempre exigente mas calorosa e que em diferentes momentos constituiu um importante estímulo. A reorganização posterior da UCEH conduziu-me às Ciências da Educação. Aos colegas do antigo Sector e actual Área Departamental das Ciências da Educação, na pessoa do seu Presidente, Professor Doutor Fernando Gonçalves, pelo interesse em que de “lenda” este trabalho passasse a realidade, desejo expressar o meu reconhecimento pela discreta delicadeza em momentos de maior fragilidade.

Do antigo colega, Professor Doutor Joseph Conboy desejo relembrar a atitude habitual de encorajamento agradecendo-lhe calorosamente ter-se deixado arrastar para a criação do Núcleo de Estudos de Representações Sociais Alberto Caeiro e ter apoiado parte da investigação em curso.

De um modo geral agradeço aos já muitos companheiros de jornada, fugazes ou duradouros, na Universidade do Algarve – docentes, funcionários e alunos. De entre os funcionários gostaria de destacar como representando a todos no seu melhor o antigo funcionário Sebastião Sequeira e, de entre os alunos, o Manuel Régio, pela coragem de aprender.

O planeamento e concretização das diferentes actividades que permitiram dar forma ao presente estudo foram apoiados, nutridos e acarinhados pela presença, acção, inteligência e simpatia de colaboradores e amigos. Tratou-se de dois tipos de apoios que não saberei hierarquizar. Algumas pessoas, individualmente ou representando instituições, me ajudaram física e materialmente. Porque propiciaram ambientes de isolamento e silêncio, verdadeiros abrigos em fases mais críticas, e me envolveram de carinho e incentivo, ficarei sempre grata à Silta, da Quinta da Calma, à minha extraordinária amiga Maria Emília Costa, à Comunidade do Carmelo Nossa Senhora Rainha do Mundo, e muito em especial à Reverenda Madre Maria do Carmo e sua incomensurável alegria, e, na fase final, ao meu devotado amigo Roger Paternoster. Da parte da Delegação Regional da Cultura do Algarve obtive ajuda financeira através de um Convénio de Cooperação estabelecido entre esta instituição e a Universidade do Algarve e recebi muita simpatia e encorajamento da Dra. Isilda Martins na fase inicial do projecto de investigação, continuando o seu sucessor no cargo, Dr. Manuel Bento Serra, a implicar-se pessoalmente e de forma amistosa no apoio pré-estabelecido.

Três pessoas estão directa, profunda e sabiamente envolvidas na materialização deste trabalho que sem elas não teria sido possível. A minha resposta ao seu empenhamento e amizade fica muito aquém do que tinham direito a esperar e, se por um lado isso lamento, por outro gostaria que encontrassem algum conforto pensando que desta forma será mais difícil vir um dia a esquecer as minhas limitações. Ao Professor Doutor Jorge Correia Jesuíno, meu orientador, nunca poderei retribuir a paciência com que desde 1991 suportou os repetidos atrasados. Pelos seus ensinamentos e naquilo em que com uma confiança inabalável paternizou este projecto, muito gostaria que viesse a usufruir das alegrias descritas por Diotima a Sócrates. Ao Professor Doutor Willem Doise, que de há muito tem vindo a maternizar não só o estudo mas as minhas dúvidas e teve a gentileza de fazer uma leitura do texto quando não era mais do que um esboço ainda

por estruturar, o meu agradecimento, para o qual faltariam sempre palavras, traduz-se no desejo de poder vir a seguir-lhe o exemplo com desapego, entusiasmo e dedicação semelhantes. E, porque cronologicamente foi dos três o último a envolver-se nesta aventura, e porque às vezes os últimos são os primeiros, há que referir o Mestre Luís Faísca, docente da Universidade do Algarve. Sendo o último, foi no entanto aquele que mais suportou esta investigação porque não só me estimulou como trabalhou directamente comigo realizando, num quase interminável quotidiano, o triplo e quase impossível papel – de colaborador eficiente e empenhado em causa alheia como se sua fosse, de infatigável e lúcido advogado do diabo, de simplesmente amigo em boas e más horas para quem a dificuldade do outro se torna ainda maior porque é dele e é sua, porque sobrepesando o risco da queda não quer cortar as asas. A sua colaboração específica, ao nível da análise estatística, permitiu obter dos dados empíricos verificações que eu nunca poderia ter feito realçar porque não domino nem as técnicas nem o quadro teórico deste domínio científico. A sua presença em incontáveis horas e o seu envolvimento constante revelaram-me uma generosidade que só testemunhando-a posso convencer-me de que existe e pela qual, recebendo-a, lhe fico infinitamente grata e candidata a sua eterna amiga.

Há ainda os colaboradores pontuais – dos mais antigos para os mais recentes: a Fátima Custódio, o Paulo Dias, o Rui Pires, o Paulo Cavaco, o Zé Maria, o Célio, o Jorge Gabriel, a Luísa Cardoso, a Célia Soares –, que participaram na recolha ou no tratamento da informação, ou serviram de mensageiros, e os inquiridos, estudantes e não-estudantes (entre estes e de um modo muito especial, pelo tempo despendido, o pequeno grupo de entrevistados), todos obreiros da substância concreta e simbólica através da qual algumas conclusões são possíveis.

Várias pessoas me facilitaram a pesquisa bibliográfica, sendo de destacar a D. Idalina Portugal na Biblioteca Nacional e a Dra. Margarida Vargues na Universidade do Algarve.

Para me aconselharem na tarefa nada fácil de escolha de autores representativos do discurso erudito, os Professores Doutores Maria de Lourdes Belchior e António Cândido Franco conseguiram encontrar tempo e palavras esclarecedoras que se transformaram em precioso apoio. Outras pessoas foram servindo de alerta para a fundamental persistência a desenvolver. Nas Professoras Doutoradas Isabel Cardigos, Ana Paula

Guimarães e Estela Berger revejo as restantes e lhes agradeço. Do outro lado do Atlântico, do Rio de Janeiro e desde 1994, recebi da Gilda e do Emmanoel a propósito deste projecto, e além de aconselhamento, uma ternura tão inesperada quanto fortalecedora, verdadeira e renovada prenda de Natal.

Ainda por agradecer está o estímulo recebido de diversos investigadores que trabalham em representações sociais, nomeadamente do Pascal Moliner e do Pierre Vergès, que com colaborante simpatia me cederam trabalhos seus, alguns dos quais ainda em pré-publicação, e ao Pierre acrescidamente pelo envio de programas informáticos e acompanhamento na sua utilização.

E, por fim, aqueles que em acções várias, palavras ou só silêncio, de há muito me têm apoiado. Os meus pais, que sem nem eles nem eu muitas vezes disso nos darmos conta, estiveram resistindo e fundamente segurando toda esta aventura, a minha avó e o meu tio Luís, e os meus amigos, de que apenas posso nomear parte. Alguns de longa data, a Ricardina, a irmã Ana do Carmo, a Inês, a Madalena, a Maria Alice, o Manuel Luís, o Manel Zé, o Zé Manel Ferreira, o Fernando, o Carlos Valente, o Manel Branco, a Isabel Gil, a Gertrudes, o Luís Bettencourt, a Adelina, o João Guerreiro, amigo e companheiro atento de esforçadas aventuras académicas, o Luís Fonseca, persistentemente insistindo que era preciso mergulhar, a Amélia, a Manuela David, a Carla, a São, o Idílio, o João Martiniano, o Mário Manuel, o Zé Eduardo, a Margarida, o Jorge Martins e o seu sistemático apelo à síntese, a Ingrid, Jan Delva, o Joaquim José, que recolhidamente me acompanhou no auge da dúvida, o Vítor Pomar, através de quem aconteceu o inacreditável que me levou à Índia enquanto realizava este trabalho... e outros mais recentes mas empenhadamente solícitos, a Lurdes Cristiano, a Ana e o Pedro e a sua gravação, a Isabel Cristina, o António Branco e o Amadeu, que repetidamente se disponibilizaram para ler o texto final e que os imprevistos da vida impediram, a Margarida, minha amiga açoreana... Entre os mais recentes destacam-se a Dra. Teresa Modesto e o Dr. J. J. Dias Marques. O José Joaquim não só foi carreando agora uma referência, logo outra, como veio a ler a penúltima versão do texto, oferecendo-me assim, generosamente, algo tão difícil de pedir. A Teresa carreando de outro modo algo tão extraordinariamente difícil de oferecer como é o apoio silencioso.

Por fim, a Rosa Maria, que me vem segurando desde a adolescência e representa melhor que ninguém todos os meus amigos não nomeados, a Flávia, que ajudou a atravessar o medo, e a Aldegice, que tantas vezes foi mãe, pai, irmã mais velha, professora, companheira de risos e lágrimas, assim me ensinando da sua Mestria na arte de receber a vida, sinal para mim de tudo aquilo que vem de mais longe e vai para mais longe, e a quem, como oferenda, entrego simbolicamente esta tese.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
PRIMEIRA PARTE	
A IDENTIDADE PORTUGUESA COMO CONTINUIDADE HISTÓRICA	
CAPÍTULO 1 - <i>A problemática da identidade nacional</i>	9
A. Identificação nacional: importância e ambiguidade	9
<i>De ideologia do quotidiano à pertença comunitária</i>	10
1. Patriotismo como norma	10
2. Nacionalismo como ideologia do quotidiano	10
3. Pertença comunitária, necessidade fundamental	11
<i>Circularidade na terminologia sobre nacional</i>	12
1. Patriotismo, orgulho nacional, sentimento nacional, nacionalismo, consciência nacional, identidade nacional	13
2. Identidade nacional <i>versus</i> Nacionalismo	15
B. Identificação nacional e Representações sociais	17
<i>Identidade nacional como representação social</i>	17
<i>Identidade pessoal e identidade nacional</i>	19
1. Identidade pessoal e <i>mediações representacionais</i>	20
2. Identidade pessoal como representação social	21
C. A identidade nacional no âmbito deste trabalho	23

CAPÍTULO 2 - <i>A contribuição das representações sociais para o estudo da identidade portuguesa</i>	25
A. A importância do social e a noção de Representação Social	25
<i>Representação social, uma forma de senso comum</i>	27
<i>Representação social, noção não necessariamente consensual</i>	28
<i>A partilha, fundamento do carácter social de uma representação e a sua vivência psicológica</i>	28
B. Formação, organização interna e transformação das representações sociais	29
<i>Representação social, construções sociocognitivas</i>	29
<i>Organização interna e transformação das representações sociais</i>	30
1. Teoria do núcleo central	31
2. Princípios organizadores	34
3. O conceito de <i>themata</i>	35
Síntese e considerações	37
CAPÍTULO 3 - <i>Estudo da identidade portuguesa como representação social: materiais e metodologia</i>	43
A. Descrição metodológica	43
B. Materiais e sua recolha	44
<i>Materiais e discurso colectivo: informação documental e informação empírica</i>	45
1. Informação documental	45
2. Informação empírica	46
<i>Os instrumentos de recolha da informação empírica</i>	47
1. Fases de recolha informativa	47
2. Questionários exploratórios	48
3. Pré-questionários	52
4. Questionário Geral	53
5. Questionário complementar: segunda validação experimental do núcleo central	62

<i>Inquirição e amostras</i>	64
Fase A	65
Fase B	65
Fase C	65
Fases D a F	66
Fase G	67
C. Materiais e sua análise	68
<i>Informação documental</i>	69
<i>Informação empírica</i>	69
1. Procedimentos de delimitação e exploração dos <i>corpora</i>	70
2. Exploração do campo representacional	72
3. Tratamento estatístico	74
Síntese	76

SEGUNDA PARTE

DISCURSOS DE AUTORES CONTEMPORÂNEOS SOBRE PORTUGAL E OS PORTUGUESES

CAPÍTULO 4 - <i>O povo português e os Portugueses no discurso erudito</i>	83
A. “O Homem Português, textos de autores portugueses do século XX”: principais aspectos de um <i>corpus</i> de autores nacionais	83
<i>Autores, títulos e perspectivas</i>	84
B. Imagens de Portugal: ambiguidade, contingência e essência	86
<i>Antiguidade, heroicidade, humanidade: a face masculina de Portugal</i>	86
<i>Bondade, seriedade, mistério, sabedoria, simplicidade, poesia, maternidade: a face feminina de Portugal</i>	87
<i>Sal, sol, sul, golpe até ao osso: Portugal paisagem e “carne viva”</i>	88
<i>“Só tu! Só tu és verdade!”</i>	89

C. Nós, portugueses: características nacionais e tipos de português	92
<i>Consciência nacional e contrastes regionais: Portugal primitivo e Portugal dilatado</i>	92
<i>Identidade étnica e diversidade: um tipo humano tão homogéneo</i>	94
Um tipo humano tão homogéneo	94
Características nacionais e <i>mentalidade comum</i>	96
D. Alguns paradigmas da identidade portuguesa	100
<i>Aspectos positivos</i>	101
Complexidade harmoniosa...	101
... ou a habilidade para ser-se inteiro, plasticamente amorável	102
... com uma mistura de sonho e realidade	105
<i>Aspectos negativos</i>	107
1. Plasticidade - conformismo - disciplina	107
2. Vontade descontínua - impulsividade - irresponsabilidade social	110
E. Nacionalidade portuguesa e Identidade pessoal	113
<i>A nacionalidade portuguesa e a sombra do Outro</i>	113
<i>Hispanidade: portugueses e espanhóis, contraste simétrico?</i>	114
<i>A nacionalidade portuguesa na identidade pessoal</i>	117
1. A avaliação positiva	117
2. Avaliação conflituante-negativa	117
3. Avaliação conflituante-positiva	118
4. Eu Português, eu Portugal	120
Síntese	121
CAPÍTULO 5 - De um século ao outro: dois autores, duas obras	125
A. Agostinho da Silva e a Educação de Portugal	126
<i>Algumas razões para autor e obra</i>	126
1. Do autor	127
2. De <i>Educação de Portugal</i> , a obra e sua apreciação	129
<i>Portugal, Portugueses; passado e futuro</i>	130
1. Portugal e os factos ou Portugal em parte realizado: <i>fundou uma religião, tornou inteiro o mar e continuou bandeirante por vários continentes</i>	130
2. Portugal e os novos tempos: <i>a liberdade e o amor irrestrito</i>	132
3. Representação de Portugal e características portuguesas	134

<i>Portugal-futuro, portugueses do futuro: representações</i>	137
1. Conteúdo representacionais de Portugal-futuro	137
2. Paradigma da representação da identidade portuguesa	140
3. Portugueses do Futuro	143
<i>Síntese</i>	147
B. Eça de Queirós e <i>A ilustre casa de Ramires</i>	149
<i>Portugal n' <i>A ilustre casa de Ramires</i></i>	149
<i>Gonçalo Mendes Ramires e os Portugueses</i>	151
<i>Síntese</i>	155
Considerações	155
TERCEIRA PARTE	
ESTUDOS EMPÍRICOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA IDENTIDADE PORTUGUESA	
CAPÍTULO 6 - <i>Os Portugueses, Portugal e ser português: resultados empíricos das fases exploratórias</i>	161
A. Primeira imagem dos Portugueses (Fase A)	162
<i>Descrição da amostra</i>	162
<i>Características dos Portugueses</i>	163
<i>Caracterização individual e heterogeneidade na representação dos Portugueses</i>	165
1. Perfil sociodemográfico	166
2. Caracterização individual: valores mais escolhidos	168
3. Sentimento nacional	171
<i>Análise da estrutura da representação</i>	172
<i>Estudantes versus outros respondentes: contraste na representação dos Portugueses?</i>	173
<i>Síntese</i>	174

B. Confrontações: Português <i>versus</i> Eu, discurso erudito <i>versus</i> discurso popular (Fase B)	176
<i>Descrição da amostra</i>	176
<i>Ser e gostar de ser Português: avaliação do sentimento nacional</i>	177
<i>Representação do português e do próprio</i>	179
1. Caracterização individual: auto-descrição	179
2. Caracterização dos Portugueses	182
3. Análise da estrutura da representação	184
4. Representações do Português e ancoragem	189
5. Comparação entre a auto-descrição e a caracterização dos Portugueses	192
<i>Confrontação entre discurso erudito e discurso popular: Portugal e ser português</i>	197
<i>Síntese</i>	199
C. Fase A e Fase B: comparação entre os resultados obtidos	201
Considerações	203
<i>O que é expresso</i>	203
<i>O que é sugerido</i>	204
CAPÍTULO 7 - Portugal e Ser Português: sentimento nacional e nacionalidade	207
A. Descrição da amostra total	208
B. Portugal e Ser Português	210
<i>Portugal...</i>	211
1. Associações à palavra Portugal - análise de saliência	212
2. Portugal, fragmentos de um discurso	217
3. A simbólica nacional na representatividade de Portugal	219
<i>Ser português...</i>	223
1. Associações à expressão “Ser português”	224
2. Ser português, considerar-se e gostar de ser: discurso sobre nacionalidade e sentimento nacional	226
3. Ser português como nacionalidade	234
<i>Portugal e Ser Português: imagens</i>	239

<i>Síntese</i>	248
Considerações	251
CAPÍTULO 8 - Representações da identidade portuguesa	253
A. Identidade portuguesa e identidade pessoal: representações	253
<i>Portugueses...</i>	254
1. Associações à palavra Portugueses - análise de saliência	254
2. Campo semântico da representação social dos Portugueses - análise de saliência	257
3. Portugueses - fragmentos de um discurso	364
4. Cartografia do campo representacional dos Portugueses	268
<i>Representação social de identidade pessoal</i>	273
1. Campo semântico da representação do <i>Eu</i> (cidadãos portugueses) - análise de saliência	274
<i>Síntese</i>	282
B. Delimitação do núcleo central na representação dos Portugueses	284
<i>Núcleo central da representação da identidade portuguesa: procedimentos exploratórios</i>	284
1. Análise de saliência: a posição como critério complementar da frequência	285
2. Análise da estrutura do campo representacional do Português	295
<i>Núcleo central da representação dos Portugueses: procedimentos experimentais</i>	299
1. <i>Imagens ambíguas</i> : descritores afectivos no núcleo central da representação dos Portugueses e da identidade pessoal	299
2. Cenário ambíguo: núcleo central da representação social do Português	306
<i>Síntese</i>	313
C. Identidade nacional versus Identidade pessoal	316
<i>Identificação explícita com o grupo nacional</i>	316
<i>Comparação dos campos semânticos do Português e do Eu</i>	319
1. Análise global dos <i>corpora</i>	319
2. Análise das co-ocorrências	322
<i>Português, Eu e intensidade de identificação</i>	324
1. Português / Eu: características mais e menos representativas	324

2. Português / Eu: aspectos da proximidade Eu-Grupo	331
<i>Síntese</i>	337
Considerações	339
CAPÍTULO 9 - Continuidade(s): discurso, passado e futuro	341
A. Sintonia e dissonância entre discurso erudito e discurso popular	342
<i>Sentimento nacional e características nacionais: reconhecimento implícito do discurso erudito pelo discurso popular</i>	343
1. Sentimento nacional	344
2. Características nacionais	346
<i>Discurso erudito avaliado pelo discurso popular: afirmações mais representativas dos Portugueses</i>	358
<i>Os Portugueses ao espelho de Gonçalo Ramires</i>	361
<i>Síntese</i>	364
B. Os Portugueses entre passado e futuro e a importância do Afecto	366
<i>Os Portugueses do passado</i>	366
<i>Os Portugueses do futuro</i>	370
<i>A importância do Afecto</i>	374
<i>Síntese</i>	378
C. Afecto, alma e <i>themata</i> na representação dos Portugueses	379
<i>O paradigma da Alma</i>	380
1. A natureza da alma	381
2. Anima e animus	382
<i>A importância da alma e o valor do afecto na identidade humana</i>	386

<i>Do futuro é próprio ser plural: o tempo, a sua herança e os Portugueses</i>	397
1. Amorosos antigos, afectuosos para sempre?	397
2. Incapacidade de amar, perda da alma: males e indigências do tempo presente e esperanças futuras	399
3. Honesto estudo para medir o valor real da herança	401
<i>Síntese</i>	405
Considerações	406
CONSIDERAÇÕES FINAIS	409
A. A continuidade histórica dos Portugueses Amorosos	410
B. Identidade nacional, de osmose a ideologia do quotidiano e representação social	411
POSFÁCIO	415
BIBLIOGRAFIA	417
ANEXOS	
Anexo I	
<i>Excerto da versão fac-símile da “Epanáfora Amorosa” de Dom Francisco Manuel de Melo, 1660</i>	
Anexo II	
<i>Questionário Geral (versão fac-símile)</i>	
Anexo III	
<i>Resultados empíricos: corpora e análise factorial de correspondências</i>	

*Levam a companhia desejada
Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.*

Luís de Camões, 1595

*A sociedade portuguesa é a sociedade do afecto, os valores do
mundo no futuro serão também os do afecto.*

António Alçada Baptista, 1987

*Falou-se de uma 'religião do amor em Portugal' e pode dizer-se
que ele é entre nós quase uma forma de misticismo, e de um
misticismo que não logra despegar-se inteiramente da carne.*

António José Saraiva, 1994

INTRODUÇÃO

Este trabalho estruturou-se a partir de uma referência da literatura portuguesa do séc. XVII.

Despertado ocasionalmente o interesse pela peculiaridade atribuída a Portugal como nação, seguiu-se-lhe um longo período de questionamento pessoal e de consulta de documentos sobre a sociedade e cultura portuguesas.

De entre as leituras sobre Portugal, algumas afirmações de D. Francisco Manuel de Melo em 1660 vieram progressivamente a transformar-se em ponto de atracção à volta do qual outras leituras e observações se iriam juntar (Melo, 1977). Trata-se de uma reflexão breve, ainda que decisiva, em que este autor considera as características dos Portugueses e a sua fundamentação. Abordado na *Epanáfora Amorosa*, o assunto não é o tema principal da mesma, servindo antes de ilustração. Ao analisar a origem do sentimento amoroso a que chama Saudade e para o qual identifica como primeiras causas o Amor e a Ausência, D. Francisco vem a concluir que Portugal é um meio humano particularmente propício ao desabrochar deste sentimento. Tão propício que, como diz, as saudades vivem entre nós como “seu natural centro”, cabendo aos Portugueses mais do que a outros viver esta *generosa e mimosa paixão da alma*, e sendo como tal reconhecidos no concerto das nações: “nosso natural é, entre as mais nações, conhecido por amoroso”¹.

As afirmações longínquas de D. Francisco Manuel de Melo trazidas ao nosso quotidiano levaram-nos então ao seguinte questionamento: seria de admitir uma tão longa continuidade na imagem dos Portugueses como afectuosos? É que, como nos tínhamos dado conta em autores contemporâneos, elementos de ordem afectiva eram referidos e por vezes destacados no conjunto das características nacionais. Fernando Pessoa chegou a falar de um “sentimento português das almas e das coisas” (Pessoa, 1915), que com ambas quer ternamente comunicar, e, décadas mais tarde, em 1950, Jorge Dias afirmava que “para o Português o coração

¹ O excerto a que nos referimos figura no Anexo I (fac-símile).

é a medida de todas as coisas” e que entre os Portugueses o sentimento amoroso “é muito forte em todas as classes sociais” (Dias, 1986). Nos nossos dias, António Alçada Baptista já se referiu à sociedade portuguesa como “a sociedade do afecto” (Baptista, 1987).

Para além da questão da continuidade, uma outra se poderia ainda considerar: seria a atribuição de sentimentos amorosos uma caracterização própria do meio erudito ou estaria igualmente presente nos estratos populares como Jorge Dias afirmava?

Foi como tentativa de melhor compreender estas duas questões que o estudo das características portuguesas na actualidade se nos prefigurou como assunto interessante e a permitir esboçar um estimulante problema sociológico e psicológico. Seguindo a definição dos Portugueses de D. Francisco, poder-se-á investigar se a mesma se prolongou até à actualidade, revelando uma continuidade histórica na imagem do Português *Amoroso*? Aceitámos tal projecto como realizável, delimitando a nossa problemática pela comprovação ou invalidação da persistência de características afectivas na identidade portuguesa.

Em consequência, o objecto em estudo são imagens actuais sobre os Portugueses, e o principal problema a resolver é o de clarificar qual a pertinência estruturante dos traços afectivos nas referidas imagens. Estas imagens, definidas pela atribuição de características nacionais, constituem uma das dimensões da identidade nacional, a qual se estudou como representação social. Complementarmente foram estudados a imagem de Portugal, o sentimento nacional dos Portugueses, concepções de nacionalidade e representações da identidade pessoal de cidadãos nacionais. Os materiais em análise são fragmentos do discurso sobre a identidade portuguesa, provêm da literatura nacional (considerada fonte do discurso erudito) e das opiniões correntes de cidadãos portugueses, maioritariamente jovens estudantes (como fonte de discurso popular).

Teórica e metodologicamente este trabalho inscreve-se no âmbito da Teoria das Representações Sociais e recorre, em particular, às abordagens sobre a estruturação dos elementos de uma representação social – *teoria do núcleo central e princípios organizadores*. O presente estudo está organizado em três partes. Na Primeira Parte, delimita-se a noção de identidade nacional, circunscrita ao sentimento e características nacionais (Capítulo 1), apresentam-se as principais contribuições da teoria das representações sociais para estudo da identidade nacional como

representação social (Capítulo 2) e ainda os procedimentos metodológicos a que recorreremos (Capítulo 3). Na Segunda Parte, analisam-se imagens de Portugal, dos Portugueses e aspectos do sentimento nacional em textos de autores contemporâneos (Capítulos 4 e 5). A Terceira Parte é constituída pela apresentação e discussão de resultados empíricos. O Capítulo 6 respeita a resultados obtidos em dois estudos exploratórios sobre as características dos Portugueses. Os resultados referentes à imagem de Portugal, ao sentimento nacional e a concepções de nacionalidade são apresentados no Capítulo 7. O Capítulo 8 reúne informação sobre a representação da identidade portuguesa, aspectos da identificação nacional dos inquiridos e representação da identidade pessoal (Capítulo 8). Nesta parte analisam-se ainda, confrontando-os, elementos referentes à identidade nacional provenientes do discurso erudito (autores nacionais) e do discurso popular (cidadãos inquiridos), perspectivas sobre a identidade portuguesa relativamente ao passado e futuro próximo, a importância atribuída ao Afecto e eventuais *themata* presentes na definição dos Portugueses (Capítulo 9). Nas Considerações Finais procura-se estabelecer pontos de ligação entre as várias partes do trabalho.

Algumas precisões se nos impõem. Em primeiro lugar, o trabalho que se apresenta não é um estudo comparativo da identidade portuguesa *versus* outras identidades nacionais mas sim um estudo das representações que actualmente circulam em Portugal sobre os Portugueses. Em segundo lugar, é um estudo da imagem que os Portugueses apresentam de si e não sobre a ontologia da identidade portuguesa: trata-se de uma análise da identidade nacional como construção social e não como entidade *natural*. Em terceiro lugar, ao debruçar-se sobre a eventualidade de uma continuidade histórica em que o afectivo, como “primeiro princípio” ou “ideia-força” estruturante das restantes características portuguesas, se poderá considerar *themata*, pretende-se com este estudo captar e encontrar forma de ilustrar a presença de elementos difusos e subjectivados de percepção, avaliação e reconstrução da identidade nacional como objecto eminentemente social, não se adoptando um posicionamento crítico quanto às bases ideológicas do quadro institucional português.

PRIMEIRA PARTE

A IDENTIDADE PORTUGUESA COMO CONTINUIDADE HISTÓRICA

Nesta parte visa-se circunscrever o conceito de identidade nacional, indicar os pressupostos teóricos que seguimos para o estudo da representação da identidade portuguesa e apresentar os principais procedimentos metodológicos empregues.

Patriotismo, sentimento nacional, cultura nacional, características nacionais, nacionalismo e identidade nacional são noções relacionadas entre si e empregues pelas ciências sociais, mas que não têm sido suficientemente estudadas numa perspectiva diacrónica que está subjacente a este trabalho.

Considerar a identidade nacional enquanto identidade étnica, ou seja, enquanto fenómeno psicossocial, permite estudar a continuidade histórica – imagens actuais dos Portugueses *versus* antiga imagem – como é nosso objectivo principal. Nesta perspectiva a identidade nacional revela-se um objecto socialmente construído, uma representação social.

Capítulo 1

A PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE NACIONAL

Emendaremos o capítulo Nacionalismo, tirando-lhe o sentido opositor, e afirmando que as nações existem como corpos mentais da família civilização, lutando por cada uma fazer mais do que a outra no concurso de vencer a matéria e a treva, e não como até aqui, cada uma para estorvar outra em fazer qualquer coisa.

Fernando Pessoa ²

A. Identificação nacional: importância e ambiguidade

Uma das dificuldades iniciais deste trabalho decorre da necessidade de um enquadramento que permitisse obter características nacionais e avaliar a importância relativa de algumas delas na formação de imagens dos Portugueses, e a literatura não nos fornecer indicações adequadas, nomeadamente quanto à delimitação do conceito de identidade nacional.

De um modo geral, na literatura sobre a temática nacional eram analisadas as características do objecto Nação e as relações simbólicas que os indivíduos estabelecem com a Nação – a que tipo de necessidades responde a identificação nacional, em que se fundamentam o patriotismo, o nacionalismo e a identidade nacional –, como se inscreve este tipo de relação no sistema individual de relações, e quais as condições do seu normal desenvolvimento, em harmonia com as restantes interrelações pessoais e sociais. No entanto, apesar de a observação das práticas revelar que estas relações simbólicas (e talvez por isso mesmo) têm um enorme peso efectivo no desenrolar da vida quotidiana, estranhamente, como assinalam vários autores (Rose, 1985, Billig, 1993, Schudson, 1994,

² *Agenda Centenário de Fernando Pessoa*, organizada por Pedro Teixeira da Mota, Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988 (dia 11 de Junho).

Salazar, 1998), a temática da identificação nacional tem recebido reduzida atenção por parte dos investigadores sociais ³. Circunstância que ajudará a compreender a imprecisão conceptual que certos textos apresentam e de que são exemplo aqueles que em seguida se referem.

De ideologia do quotidiano à pertença comunitária

1. Patriotismo como norma

Richard Rose, ao comparar resultados empíricos obtidos junto de nacionais de 15 países membros da OCDE ⁴, conclui que o *patriotismo* é a norma, no sentido literal e estatístico do termo, sendo as diferenças observadas de *grau* e não de *natureza* (Rose, 1985, pp. 97 e 100). Face a esta generalização do agrado individual pelo país de nascimento, o autor interroga-se porque têm os especialistas das ciências sociais concedido uma atenção tão reduzida ao patriotismo: “Compte tenu de la force du sentiment national qu’on a pu observer dans des pays si différents, la question demeure posée de savoir pourquoi les spécialistes des sciences sociales accordent si peu d’attention au patriotisme dans l’analyse des systèmes politiques, et pourquoi le patriotisme est si souvent tournée en dérision par les médias des élites.” (ob. cit., p. 104).

2. Nacionalismo como ideologia do quotidiano

Alguns anos depois, Michael Billig lembrava que durante muito tempo os psicólogos tinham tratado o nacionalismo como fenómeno minoritário enquanto ele se apresenta claramente como fenómeno de maioria, como “ideologia do quotidiano”. Dirigindo-se em particular aos psicólogos sociais, afirma a necessidade de mais informação e compreensão sobre o nacionalismo, dada a sua inegável importância nas sociedades

³ Trata-se de um contexto que tem vindo a ser significativamente modificado nos últimos anos, como confirma o elevado número de publicações recentes sobre esta temática.

⁴ Este autor serviu-se dos resultados obtidos pelo inquérito realizado pelo “European Value System Study Group” (Stoezel, 1983) e a sua análise incide sobre os seguintes países: Bélgica, Dinamarca, Espanha, EUA, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Islândia, Itália, Japão, México, RFA, Suécia.

contemporâneas: “If, as Benedict Anderson (1983) argued, a nation is, above all, an ‘imagined community’, then it is vital that social scientists understand how the nationalist imagination is embedded in contemporary consciousness. (...) For too long social psychologists have tended to treat nationalism as a minority phenomenon. (...) As Ernest Gellner (1983) has remarked, the modern person considers the possession of a national identity to be as natural as having an arm or leg. However, this naturalness is itself something to be investigated, for it indicates the ideological nature of nationalism as an everyday phenomenon.” (Billig, 1993, p. 40).

3. Pertença comunitária, necessidade fundamental

Por outro lado, o sociólogo Michael Schudson, ao estudar a cultura como mecanismo de integração nas *sociedades nacionais*, defende que mesmo que as reivindicações de nacionalidade possam ser de invenção recente, ou *fabricadas*⁵, estas reivindicações dão um sólido fundamento psicológico ao sentimento de pertença, pelo que não deverão ser menosprezadas, já que atestam a importância da pertença a comunidades humanas: “Souvent, les revendications touchant une même symbolique nationale, un patrimoine antique, d’anciennes traditions, une unité ethnique ou familiale dont les origenes se perdent dans la nuit des temps, ne sont que des inventions, pour ne pas dire qu’elles sont fabriquées de toutes pièces. Elles n’en donnent pas moins un fondement psychologique solide au sentiment d’appartenance.” (Schudson, 1994, p. 84).

Por outro lado, acrescenta o mesmo autor, a diversidade actual de modelos comunitários é igualmente prova da necessidade social de pertença: “Qu’elles soient ou non constituées en États-nations, les sociétés humaines résistent à l’épreuve du temps et se soudent sous l’effet de plusieurs mécanismes d’intégration.” (ob. cit., p. 79).

E depois de se referir a vários tipos de integração (territorial, parental, económica, política) conclui: “Enfin, la langue, les symboles, les rituels et les récits – en un mot, la culture – rassemblent les individus et les familles, qui vivent différemment et viennent d’horizons divers, en une collectivité

5 O autor relembra como são recentes algumas nacionalidades europeias, referindo os casos da Finlândia, Noruega e Ucrânia (Schudson, 1994, p. 86).

qui leur apporte un puissant sentiment d'identification, un ensemble de références essentielles et un appui affectif.” (ob. cit., p. 80).

A existência, no mesmo tempo histórico, de diferentes formas de relacionamento humano, de âmbito grupal, comunitário, societário e macrossocietal deve remeter-nos, ainda segundo Schudson, para a *persistência* da “experiência colectiva” como uma necessidade humana fundamental. A importância deste tipo de pertença leva o autor a uma exortação geral, embora mais dirigida aos sociólogos, sobre a importância de uma *reorientação para o social*: “La sociologie a trop souvent et trop facilement passé la main dans son propre domaine: l'étude de la condition, du respect et de la composition des communautés humaines. On a expliqué, ou évacué, des phénomènes sociaux en se référant à des caractéristiques économiques, politiques ou culturelles du paysage humain. Et les sociologues spécialistes de la culture et des médias sont parfois au nombre des coupables. Se réorienter vers le social, étudier de nouveau le rôle de la signification et de l'appartenance en tant qu'éléments constitutifs du social ne sont pas tâches faciles. Mais au vu de la physionomie du monde en 1993, les forces qui incitent à cette réorientation sont omniprésentes.” (ob. cit., p. 95).

Circularidade na terminologia sobre o nacional

Na literatura a que nos foi dado ter acesso e que os casos anteriormente referidos pretendem ilustrar, observa-se, por um lado, a insistência na necessidade de rever o valor até agora mais negado que atribuído pelos cientistas sociais à pertença nacional e à existência de nações; e, por outro lado, uma tendência à circularidade entre diversas noções.

Esta circularidade, quer pela recorrência de termos, quer pela ambiguidade de sentido, constitui uma dificuldade real assinalada, entre outros, por Pierre Birbaum a propósito dos estudos comparativos ao nível macrossociológico sobre o nacionalismo (Birbaum, 1992) ⁶, e de que

⁶ Este autor serve-se da comparação do nacionalismo em França e Alemanha para criticar as posições teóricas de Ernest Gellner sobre a explicação do nacionalismo a partir do Estado, sem que tenha em devida conta uma “tipologia do Estado” (Birbaum, 1992, pp. 424-5).

igualmente nos fomos dando conta ao procurar situar a nossa problemática e ainda, em particular, na escolha da abordagem a seguir.

1. Patriotismo, Orgulho Nacional, Sentimento Nacional, Nacionalismo, Consciência Nacional, Identidade Nacional

Pode ver-se a circularidade de que falamos em textos mais antigos mas também em textos recentes.

Num texto dos anos 60 sobre a *Teoria da Nação*⁷, de Edgar Morin recorre-se nomeadamente a Nacionalismo, Identidade Nacional, Sentimento Nacional, Consciência Nacional, explicitando o autor que considera estes termos interdependentes, nomeadamente os três primeiros, distinguindo-se apenas por remeterem para “diferentes naturezas” da identificação nacional. Assim, o Sentimento Nacional incidiria na “natureza afectiva do fenómeno”, a Consciência Nacional na sua “natureza psicológica” e a Identidade Nacional na sua “natureza antropossociológica” (Morin, 1984, pp. 129-38). Em certa medida o autor privilegia Sentimento Nacional, dir-se-ia como conceito operacionalizável, reservando a Consciência Nacional para a ontologia da Nação: “Le stade ultime de la constitution des nations modernes est le moment où la nation, cessant de dépendre de l’Etat qui l’a crée, veut que cet Etat dépende d’elle. Alors la conscience nationale peut se dresser contre l’Etat qui en a été l’artisan.” (ob. cit., p. 130). Para a Identidade Nacional, Morin reserva a definição mais formalizada de “unidade cultural”: “L’identité nationale dans l’histoire occidentale, s’est élaborée d’abord en France et en Angleterre, dans et par un brassage d’ethnies diverses, où s’est formé une unité culturelle fortement vécue comme ethnique (bio-culturelle). Elle est le produit lent et tardif d’une élaboration complexe où un pouvoir étatique central constitué sur un territoire fermé, doué d’une autonomie qui ne reconnaît rien de supérieur (car, sur son plan, la nation est une réalité supérieure à toutes les réalités universelles comme la religion ou l’humanité, et à toutes les réalités infra-nationales: famille, village, province).” (ob. cit., p. 130).

⁷ Embora este texto faça parte da obra *Sociologie*, editada em 1984, é nele referido ter sido escrito em 1964 (ob. cit., p. 135).

Insistindo na natureza afectiva do Sentimento Nacional, o autor explica este sentimento como um desenvolvimento da etapa inicial de identificação humana: um alargamento à ideia de nação de sentimentos experimentados na infância relativamente à família. Sentimento definido como “um ‘complexo’, uma realidade psicológica” em que estão simultaneamente presentes sentimentos infantis projectados na figura da mãe e do pai e que constituem a “componente matripatriótica”: “Le sentiment national est un ‘complexe’, une réalité psychologique formée par la coagulation, l’agglutination, voire la synthèse en une totalité organique d’éléments isolables par l’analyse. Sa composante psycho-affective fondamentale peut être nommée composante matripatriotique. Cette composante peut être définie comme l’extension sur la nation des sentiments infantiles portés à la famille. La nation est, en effet, bisexuée: elle est maternelle-féminine en tant que ‘mère’ patrie que ses fils doivent chérir et protéger. Elle est paternelle-virile en tant qu’autorité toujours justifiée, impérative, qui appelle aux armes et aux devoirs. La fusion du maternel et du paternel se manifeste dans la langue française par le mot même de patrie, nom féminin d’un concept masculin, ou dans l’étrange association de la formule sacramentale ‘mère-patrie’.” (ob. cit., p. 131).

O conceito de Nacionalismo, além de poucas vezes mencionado, não chega propriamente a ser definido, mas talvez se possa inferir que o autor o considera como um movimento da consciência humana expressando um certo tipo particular – a Consciência Nacional ⁸.

Embora bem mais recentes que o texto de Morin os textos dos três autores anteriormente citados também apresentam recorrência de noções.

No artigo de Rose, o mais antigo de todos, encontramos, a iniciar, uma quase definição de *orgulho nacional*, considerando que este “se situa na charneira psicológica que permite a articulação entre o sentimento de realização pessoal e os objectivos públicos do Estado” (Rose, ob. cit., p. 95). No desenrolar do texto esta expressão é justaposta a *nacionalismo* e

⁸ Repare-se no que o autor diz a propósito da expansão desta forma de consciência: “La nation, la nationalité, le nationalisme ont recouvert la planète. La revendication de nationalité est devenue revendication universelle (...) L’arabisme devient nationalisme, la négritude devient nationalisme; le judaïsme lui-même, de tradition culturelle-religieuse se mue par le biais du sionisme en nationalité israélienne, allant jusqu’à affirmer laïquement son droit sur un territoire perdu depuis deux mille ans...” (ob. cit., pp. 135-6).

substituída, várias vezes, por *patriotismo*, *sentimento nacional*, *sentimento patriótico*, *sentimento de orgulho nacional*, sendo ainda referida a *identidade nacional* em símbolos de identidade nacional e sentimento de identidade nacional.

Michael Billig, que intitula o seu trabalho de *nacionalismo*, menciona igualmente *identidade nacional*, em contexto que transforma as duas noções em sinónimos (Billig, 1993).

Michael Schudson emprega ao longo do seu artigo e sem distinção nítida os seguintes termos: *sentimento nacional*, *sentimento nacionalista*, *cultura nacional*, *nacionalismo*, *consciência nacional*, *patriotismo*, *identidade nacional*.

2. Identidade Nacional *versus* Nacionalismo

Um artigo de John Keane, intitulado “Nações, nacionalismo e cidadãos na Europa” (Keane, 1994), revela a intenção clara de separar Identidade Nacional de Nacionalismo.

Introduzindo desde o início a noção de Identidade Nacional, o autor questiona se o Nacionalismo não deverá ser entendido como noção diferente – já que lhe está subjacente uma outra realidade –, e nesta perspectiva de identidade nacional *versus* nacionalismo procede ao longo da sua exposição a sucessivas diferenciações entre ambos.

Remetendo a “democratização da teoria da identidade nacional” para o século XVIII, Keane enquadra a identidade nacional nos *direitos do homem* e na nova ideia de nação então surgida: um agregado territorial que reconhece a autoridade de um mesmo Estado (Keane, 1994, p. 207). Do ponto de vista político, na aceitação desta fórmula, a identidade nacional será antes de mais um *direito*, um privilégio de cidadania, e, implicitamente, uma marca de pertença social – a pertença a *um povo* –, como parece concluir Keane quando, a propósito das recentes lutas nacionais para autodeterminação na Europa de Leste, se refere a um “sentimento partilhado de identidade nacional” (ob. cit., p. 208). Posteriormente o Sentimento de Identidade Nacional é referido como uma forma de identidade pessoal: “ils arrivent à voir que leur sentiment d’identité nationale – le fait de se penser et de se sentir allemand, irlandais ou turc – n’est intrinsèquement supérieur à celui des autres nations et que

la nationalité n'est qu'une identité possible parmi d'autres." (ob. cit., p. 219).

Apesar da associação Sentimento Nacional-Identidade Nacional, este autor apresenta uma caracterização mais cuidada do que as anteriores, em especial naquilo que se refere às diferenças entre Nacionalismo e Identidade Nacional.

A Identidade Nacional é-nos apresentada como uma forma particular de identidade colectiva, marcada não por laços físicos mas pela partilha de uma memória comum e por antecipada ligação aos acontecimentos futuros da nação: "Entendue comme type idéal, l'identité nationale est une forme particulière d'identité collective dans laquelle, bien qu'ils ne soient pas physiquement en contact dans la vie ordinaire, les gens s'estiment liés les uns aux autres parce qu'ils ont une langue, un dialecte ou un parler commun, vivent sur un territoire défini ou en ont une connaissance intime et ne sont pas indifférents à son écosystème, et parce qu'ils partagent un certain nombre de coutumes, et notamment une mémoire du passé historique, qu'ils vivent en conséquence au présent comme une fierté à l'endroit des réalisations de la nation et, le cas échéant, comme une obligation de se sentir honteux de ses échecs." (ob. cit., p. 208). Trata-se de uma forma de identificação dos tempos modernos, especificamente europeia, que encoraja a se "sentir em casa": que permite decifrar normas da vida institucional e quotidiana ao reconhecer-se nas actividades dos outros ⁹ e que proporciona aos cidadãos uma "familiaridade" que dá segurança para falar e agir: "L'identité nationale ainsi définie est une invention spécifiquement européenne des temps modernes, et son importance politique tient à ce qu'elle inspire au citoyen résolution, confiance et dignité, en l'encourageant à se sentir "chez lui". Elle lui permet de décrypter les codes de la vie institutionnelle et quotidienne." (ob. cit., p. 208).

Finalmente Keane refere-se a fronteiras fluídas entre Identidade Nacional e outras formas de identificação vizinhas, tais como classe, sexo, religião ou raça, salientando que a imagem da identidade nacional poderá

⁹ "Il peut ainsi reconnaître l'activité des autres – les plats qu'ils cuisinent, les produits qu'ils fabriquent, les airs qu'ils chantent, les blagues qu'ils racontent, les vêtements qu'ils portent, les expressions de leurs visages, les mots qu'ils emploient." (Keane, ob. cit., p. 208).

não ser inteiramente consensual para os respectivos cidadãos: “Il est même dans une certaine mesure admis que des membres de la même nation puissent légitimement être en désaccord sur la signification et la portée de leur qualité de nationaux.” (ob. cit., p. 208).

Considerando a Identidade Nacional como uma identidade moral, este autor esclarece que, por um lado, existem “relações complexas” entre Identidade Nacional e Nacionalismo e que, por outro lado, a distinção é “fundamental” entre ambas e tem sido com frequência “negligenciada”: o nacionalismo é um “predador”, vive da identidade nacional, que transforma, constituindo-se numa sua “forma patológica”; a identidade nacional tolera a diferença e mostra-se humilde, o nacionalismo é fanático, assenta na simplificação extrema (ob. cit., pp. 210-2).

B. Identificação nacional e Representações sociais

De entre as várias noções que se referem à identificação nacional, escolhemos identidade nacional como noção principal deste trabalho por, nomeadamente na linha de Edgar Morin, entendermos que será aquela que sobre este fenómeno melhor explicita a interligação psicossocial e cultural ou natureza antropossociológica (Morin, 1984).

Em face da circularidade terminológica anteriormente assinalada, importa redefinir identidade nacional e indicar a abordagem teórica a que recorreremos para o seu estudo.

Identidade nacional como representação social

Edmond Lipiansky, ao estudar em textos contemporâneos imagens da *Alma Francesa*, levanta o problema da objectivação da identidade nacional: a dificuldade que se esconde na aparente evidência de os povos terem identidade. Por um lado, se a especificidade da identidade de um povo é fácil de sentir, não é fácil de apreender nem de formalizar; por outro lado, existe uma *complementaridade dinâmica* que caracteriza os fenómenos de identificação nacional. Destes fenómenos se poderá dizer, seguindo o autor, que constituem um plano de intersecção da

subjectividade pessoal com a definição social da realidade, sendo ao nível pessoal que cada identidade nacional é assumida: “Si l’on est sensible intuitivement à l’identité singulière (culturelle et psychologique) de chaque peuple, la saisie et la formalisation d’une spécificité semblent particulièrement problématiques. (...) D’une part, la façon dont l’identité est subjectivement assumée fait partie intégrante de la personnalité. Mais d’autre part, la personnalité ethnique trouve dans l’identité où elle se saisie comme conscience un modèle qui la définit socialement.” (Lipiansky, 1979, pp. 10-1).

O que a identidade nacional é (como identidade étnica ¹⁰) resulta de uma definição socialmente produzida dessa mesma identidade, composta por um conjunto de representações que são *representações sociais*: “Les représentations de l’identité ethnique ne sont pas sans informer et même préformer les comportements. Or ces représentations sont des représentations sociales.” (ob. cit., p. 11).

Estas representações sociais concretizam mas limitam a expressão do real: oferecem formas em que a realidade psicológica se pode exprimir e, simultaneamente, condicionam as possibilidades de essa expressão acontecer: “La société ne se contente pas de proposer des formes où la réalité psychologique peut trouver une expression; dans un certain sens elle lui impose un statut, une figurabilité et une signification notamment à travers le langage qui fixe ce que l’on peut en dire et de quelle façon elle peut être conceptualisée. L’individu se saisit comme sujet, il reconnaît son identité à travers des systèmes sémantiques et des univers symboliques qui sont coextensifs à la société et qui commandent les conduites puisqu’ils leur donnent sens et réalité.” (ob. cit., p.11).

Nesta perspectiva, concebida como *representação social*, a identidade nacional poderá ser definida pela existência de um conjunto de discursos

¹⁰ A importância da dimensão étnica na definição de comportamentos individuais e aspectos da personalidade estava já presente em 1945 nas posições de Ralph Linton sobre cultura e formação da personalidade: “On constatera toujours que les membres d’une société ont en commun un grand nombre de éléments de personnalité. Le degré de spécificité de ces éléments peut être très variable, allant de simples réponses explicites, comme la façon de se tenir à table, jusqu’aux attitudes les plus généralisées. (...) Ces éléments de personnalité commune forment ensemble une configuration bien intégrée que l’on peut appeler la Personnalité de Base (Basic Personality Type) pour la société globale.” (Linton, 1986, pp. 115-6). Para além da riqueza das observações, será de admitir que os “comuns elementos” de personalidade referidos por este autor se encontrem excessivamente integrados, sem que a dinâmica pessoal-social seja devidamente sublinhada.

específicos que visam constitui-la como realidade: “L’identité se présente donc d’abord à nous sous forme de clichés, de stéréotypes, d’images plus ou moins conventionnelles; elle s’affirme plus précisément comme une représentation sociale portée par un ensemble de discours qui tendent à la constituer comme réalité ou comme modèle.” (ob. cit., p.11).

Ao tratar a identidade nacional enquanto identidade étnica este autor situa-se no plano psicossociológico visado por nós para o estudo da auto-imagem dos Portugueses; ao considerar a referida identidade como representação social Lipiansky introduz-nos na Teoria das Representações Sociais, instaurando-se assim a ligação que nos faltava com um enquadramento teórico e metodológico adequado à investigação empírica sobre as características dos Portugueses.

Da perspectiva de Lipiansky sobre identidade nacional retirámos contributos que adoptámos como pressupostos na abordagem da identidade portuguesa:

- a) a identidade nacional é uma identidade étnica, não de base natural mas socialmente construída;
- b) as representações da identidade étnica configuram comportamentos individuais;
- c) a identidade nacional circula através de estereótipos, de imagens mais ou menos convencionais, que se desprendem de um discurso sobre esta forma de identidade com o fim de a tornar real.

Identidade pessoal e identidade nacional

Duas outras abordagens se tornaram decisivas para a delimitação deste trabalho. Por um lado, a importância da nacionalidade na definição da identidade pessoal, reconhecida por Marisa Zavalloni e Christiane Louis-Guérin no seu estudo *ecossistémico da identidade pessoal* (Zavalloni e Louis-Guérin, 1984); por outro lado, a perspectiva sugerida por Willem Doise e Fabio Lorenzi-Cioldi de se considerar a identidade pessoal como representação social (Doise e Lorenzi-Cioldi, 1991).

1. Identidade pessoal e mediações representacionais

Na primeira destas abordagens, as autoras apresentam o estudo ecossistêmico (*ego-ecologia*) da identidade pessoal como forma de esbater as fronteiras entre indivíduo, sociedade, cultura, defendendo que a realidade é *sempre a realidade de uma pessoa, de um grupo, de uma cultura* (Zavalloni e Louis-Guérin, 1984, p. 8). Propõem para tal uma concepção de identidade social estreitamente ligada à identidade pessoal, como o “lugar de encontro” entre o psicológico e o social, defendendo que a identidade pessoal só pode entender-se no quadro da pertença social e cultural: “Le point de départ d’une telle étude est l’identité sociale comme lieu de rencontre du psychologique et du social. La notion d’identité est inséparable de la notion d’appartenance et c’est dans et par ces appartenances qui sont en fait un système de différence des découpages. L’identité apparaît ainsi comme un objet privilégié pour comprendre la construction de la réalité sociale dans la mesure où le rapport au monde s’établit à travers ces appartenances sociales et culturelles.” (ob. cit., p. 8).

Partindo do psicológico para o social, pretendem conhecer as *mediações representacionais* que se estabelecem entre as condições macrossociais (estado da sociedade num certo momento histórico) e o comportamento psicológico. Visam estudar aspectos da consciência social na sua ancoragem psicológica, observar a articulação das dimensões individuais e colectivas das representações sociais. Consideram que através da descrição individual de *grupos de pertença* é possível analisar as mediações representacionais, dado que estes grupos são *lugares privilegiados a partir dos quais se elabora uma construção do real* (ob. cit., p. 10). Os grupos de pertença a que se referem tanto podem ser categorias sociais (idade, sexo, nacionalidade) como papéis e posições sociais ou outros níveis de pertença.

Ao procurar pôr em evidência como certo discurso induz a criação, a adopção ou a rejeição de ideologias, o estudo das mediações representacionais aproxima-se, segundo as autoras, da noção de representação social, analisando o *aspecto individual das representações*.

A estreita ligação identidade pessoal-identidade social conduz a que as representações produzidas pelos diferentes tipos de pertença se reflectam nas representações de si, já que todas elas provêm de *imagens protótipos* com um referente comum; a *coincidência eu-grupo* torna-se tanto mais forte quanto a ligação ao grupo é estreita: “les représentations générées par les groupes d’appartenance, si ces groupes constituent des éléments

importants de l'identité (...) reflètent et sont liées aux représentations de soi." (Zavalloni e Louis-Guérin, 1984, p. 29); "Cette réversibilité entre le Soi et le groupe est possible parce que génétiquement les représentations de Soi et du groupe se constituent ensemble dans la psyché avec un référent commun qui est le prototype. (...) On peut être frappé de voir la coïncidence entre les représentations du groupe et du Soi, l'équivalence étant d'autant plus grande que l'attachement au groupe est forte." (Zavalloni e Louis-Guérin, 1988, p. 182-3).

Posteriormente, Marisa Zavalloni fala de um *efeito de ressonância* nos fenômenos de identidade humana, o qual permite a ancoragem das representações sociais na consciência individual: "En effet, l'identité peut être vue comme le lieu où les représentations sociales s'enracinent dans la conscience individuelle, sont intégrées et transformées pour être appropriées et ensuite réintroduites dans le public sous forme de discours ou d'action. Nous avons ici ce que Moscovici (1956) appelle le processus d'ancrage, c'est-à-dire l'assimilation d'une représentation à un contenu cognitif pré-existant." (Zavalloni, 1990, p. 409).

2. Identidade pessoal como representação social

A segunda abordagem associando identidade pessoal e representações sociais figura num estudo sobre características nacionais realizado na Suíça, no qual os autores avançam como novo ponto de vista a concepção da própria identidade pessoal como representação social (Doise e Lorenzi-Cioldi, 1991).

Os resultados do seu estudo ¹¹ apresentam mais heterogeneidade que a esperada ¹², evidenciando que a identidade individual não reflecte inteiramente as definições do grupo de pertença. Por um lado, os jovens suíços avaliam menos favoravelmente a sua nacionalidade do que os

¹¹ Trata-se de um estudo das características nacionais em que foi seguida a metodologia empregue por Peabody (1985). Do conjunto de traços seleccionados por Peabody, os autores retiveram 20, apresentando-os a um conjunto de jovens suíços, italianos e espanhóis residentes na Suíça e perguntando-lhes se os referidos traços eram aplicáveis a: *a si, aos Suíços em geral, aos Estrangeiros em geral, aos seus amigos, às pessoas da sua nacionalidade.*

¹² De acordo com o modelo de categorização social desenvolvido por Tajfel (Tajfel, 1972), seria esperada maior homogeneidade na atribuição de traços, nomeadamente entre a atribuição *a si e às pessoas da sua nacionalidade.*

jovens estrangeiros avaliam as respectivas nacionalidades, e também se consideram, *a si e aos seus amigos*, mais próximos dos estrangeiros do que dos *Suíços em geral*. Esta ocorrência remete os autores para a abordagem anteriormente referida de uma definição ecossistémica da identidade (Zavalloni e Louis-Guérin, 1984), segundo a qual os grupos de pertença podem gerar associações positivas e negativas, bem como suscitar vários protótipos identitários de natureza mais individual ou mais colectiva.

O estudo revelou ainda que as imagens de si eram mais homogéneas quando se aproximavam de concepções idealizadas, confirmando que apesar de se atribuírem traços negativos os indivíduos *aderem mais fortemente a características positivas* (Doise e Lorenzi-Cioldi, 1991, p. 286).

Como consequência maior deste seu trabalho, os autores concluem que também a definição de si poderá ser estudada como representação social: “La définition de soi et les définitions des groupes d’apparténances sont des représentations, des principes organisateurs des rapports symboliques entre acteurs. Étudier les images et stéréotypes intergroupes comme les représentations sociales (Doise, 1984) ne constitue pas nécessairement une innovation importante par rapport aux courants dominants dans la recherche intergroupes, étudier la définition de soi comme une représentation sociale est sans doute plus innovateur.” (ob. cit., pp. 285-6).

Identidade pessoal e as suas mediações representacionais e identidade pessoal como representação social conduzem-nos a dois princípios sobre homogeneidade e heterogeneidade na categorização social.

O primeiro defende que entre a pertença social e a definição individual de si se pode encontrar heterogeneidade, o segundo estabelece que há solidariedade entre definições de identidade pessoal e de identidade social. Estes dois princípios inspiraram-nos diversos procedimentos metodológicos.

C. A identidade nacional no âmbito deste trabalho

Sobre a identidade nacional, noção revalorizada na presente década, observa-se na literatura alguma imprecisão terminológica: noção simples, uma das dimensões do fenómeno de identificação nacional (sentimento

nacional), ou noção complexa, que engloba várias dimensões do referido fenómeno.

A necessidade de clarificar conceptualmente a temática da identificação nacional decorre dos objectivos deste trabalho e das vias a seguir para a sua concretização. Para estudar a imagem actual do Português necessita-se prioritariamente de entrosar o psicológico e o social. Embora esta interrelação seja sublinhada nos primeiros textos a que atrás nos referimos, foi nos segundos que, do ponto de vista metodológico, se encontrou o enquadramento adequado. De seguida, e em síntese, explicitam-se as escolhas conceptuais e metodológicas que nos guiaram na definição da identidade nacional neste trabalho.

1. Identidade nacional como nacionalismo – Definida como nacionalismo, a identidade nacional não permite estudar as características atribuídas aos Portugueses. Quer o nacionalismo se considere uma exacerbação do sentimento nacional, uma *forma patológica* da identidade nacional (Keane, 1994), quer uma construção da modernidade ou *ideologia do quotidiano* (Billig, 1993), enquanto nacionalismo a identidade nacional mantém-se fundamentalmente na esfera dos direitos políticos do cidadão: direito à posse de uma nacionalidade, direito a expressar sentimentos de pertença e de identificação com agrupamentos nacionais.

2. Identidade nacional como sentimento nacional e processo íntimo de identificação – A definição de identidade nacional como *sentimento nacional* (Morin, 1984) ou *orgulho nacional* (Rose, 1985) permite avaliar a extensão e profundidade do respectivo sentimento e, eventualmente, encontrar motivos que o justifiquem, mas só indirectamente se poderá obter através dele uma caracterização psicossocial dos respectivos nacionais. Quando Morin reflecte sobre o significado profundo da nova entidade Nação, considera-a uma nova forma de realidade humana em que o indivíduo é alimentado pela Nação como *Grande Ser Histórico*, com o qual realiza um processo de identificação muito íntimo. Este processo de ligação à pátria estabelece uma osmose entre o indivíduo e o grupo, que funciona nos dois sentidos: o indivíduo funde-se com uma identificação mas também funda a sua própria identidade (Morin, 1984, p. 132). Apesar do destaque dado à interrelação psicossocial, não se encontraram no texto deste autor as orientações metodológicas de que necessitávamos.

3. Identidade nacional como identidade étnica e representação social – Neste trabalho, a identidade nacional pressupõe a pertença étnica mas visa especialmente a dimensão psicossocial subjacente às características nacionais. Considerada um objecto socialmente construído, uma representação social (Lipiansky, 1979), o estudo da identidade portuguesa como representação social permite inventariar características atribuídas aos Portugueses, tal como se pretendia.

4. Identidade nacional como processo psicossocial – A identificação nacional caracterizada como processo íntimo e osmótico (Morin, 1984) permite analisar a proximidade Eu-Grupo (Zavalloni e Louis-Guérin, 1984) e estudar aspectos da identidade pessoal como representação social (Doise e Lorenzi-Cioldi, 1991).

O objectivo principal deste trabalho é verificar a hipótese que defende uma longa persistência temporal dos traços afectivos como estruturantes da representação da identidade portuguesa. Dado que a abordagem da identidade nacional como representação social nos pareceu o melhor enquadramento para o estudo desta hipótese, referimo-nos em seguida à Teoria das Representações Sociais e à sua contribuição específica no estudo da identidade portuguesa.

Capítulo 2

A CONTRIBUIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA O ESTUDO DA IDENTIDADE PORTUGUESA

Não há muito tempo representávamos coisas que podíamos ver na terra, coisas que tínhamos ou tínhamos tido o prazer de ver. Agora aquilo que mostramos é a relatividade de coisas visíveis. Ao fazê-lo estamos a expressar a convicção de que, em termos do universo como um todo, o visível é apenas um exemplo isolado e que outras verdades existem, latentes e cada vez mais numerosas.

...Os símbolos consolam a mente.

Paul Klee, 1920 ¹³

Do capítulo anterior, vem-nos uma primeira aproximação à noção de Representação Social como tipo de representações que informam e pré-formam comportamentos (Lipiansky, 1979). A Teoria das Representações Sociais no seu conjunto distingue uma Representação Social de outras formas de saber de senso-comum pelo seu carácter estruturado. A reflexão teórica sobre a organização interna de uma representação social e as técnicas desenvolvidas para o seu estudo permitem analisar a permanência ou transformação dos conteúdos representacionais.

Passam a referir-se aspectos desta teoria mais directamente relacionados com o âmbito do nosso trabalho.

A. A importância do social e a noção de Representação Social

A noção de Representação Social surge como novo campo de estudo no início dos anos 60, com Serge Moscovici, no âmbito da Psicologia

¹³ Citado por Constance Naubert-Riser em Klee, 1994, p. 26.

Social e a propósito das visões populares sobre a Psicanálise. Noção próxima de “representações colectivas”, introduzida na época inaugural da Sociologia por Durkheim e referente às produções da *consciência colectiva*, como nova noção e conseqüente corpo teórico, a Representação Social decorre do trabalho persistentemente realizado por Moscovici com o fim de, reintroduzir o social entre as ciências humanas (Moscovici, 1971). Nestas ciências, devido à fragmentação dos domínios científicos e crescente especialização da investigação, em curso desde o século passado, registou-se um enfraquecimento da explicação psicossociológica e uma *dessocialização do conceito de ser humano* (Moscovici, 1992, p. 137).

Enfraquecida a explicação psicossocial, é nomeadamente o domínio da cultura (e da história) que resulta desvalorizado, observando-se que certo tipo de fenómenos deixam de ser reconhecidos como tendo existência própria, pois apenas no âmbito de uma cultura determinada eles adquirem autonomia dado serem produtos dessa mesma cultura e se revelarem na forma de pensar, de encontrar significado e de comunicar dos seus membros. Face a este contexto, Moscovici considera que a psicologia social em vez de ciência crítica da sociedade se tornou numa *ciência mistificante do indivíduo* (ob. cit., p. 140).

A reintrodução do social, em Moscovici, passa pela aproximação entre pensamento individual e pensamento social. Neste sentido renomeou as *representações colectivas* (um *conceito perdido*, que se deve a Durkheim – ob. cit., p. 39) de *representações sociais*, salientando a importância do quadro de socialização e apresentando estas como constituídas por *figuras e expressões socializadas*: “Toute représentation est composée de figures et d’expressions socialisées. Conjointement, une représentation sociale est organisation d’images et langage car elle découpe et symbolise actes et situations qui nous sont ou nous deviennent communs.” (Moscovici, 1976, p. 26).

Trata-se não do primado do social mas da importância das *representações partilhadas*; representações que tornam, para cada um de nós e à escala da vida de todos os dias, o mundo *verdadeiro e efectivo* (Moscovici, 1992, p. 141). Representações que são reprodução e simultaneamente reconstrução. Reprodução activa que realiza uma remodelação de elementos recebidos do exterior e com os quais ela se torna solidária, remodelação que faz de cada representação um espaço de informação e de expressão: “Car son rôle [da representação] est de

façonner ce qui est donné de l'extérieur (...) Elle reproduit, certes. Mais cette reproduction implique un remmaillage des structures, un remodelage des éléments, une véritable reconstruction du donné dans le contexte des valeurs, des notions et des règles dont il devient désormais solidaire. (...) C'est pourquoi une représentation parle autant qu'elle montre, communique autant qu'elle exprime" (Moscovici, 1976, p. 26).

Este aspecto dinâmico, fluído, das representações sociais é acentuado por Moscovici na própria definição de representação social como modalidade de conhecimento destinada a *elaborar e comunicar* comportamentos: "En un mot comme en mille, la représentation sociale est 'une modalité de connaissance particulière ayant pour fonction l'élaboration des comportements et la communication entre individus'" (ob. cit., p. 26).

Representação social, uma forma de senso comum

O desenvolvimento teórico e metodológico da noção de representação social tornou-a uma *abordagem transversal* (Jodelet, 1989, pp. 38-42), uma *referência incontornável* para diversas ciências sociais (Abric, 1994, p. 11).

Trata-se, apesar disso, de uma noção não exaustivamente definida, como a literatura repetidamente refere, e que tem vindo a ser enriquecida com diversas especificações. Uma das modalidades, ou "parentescos analógicos" na expressão de Celso de Sá (Sá, 1996, p. 31), a que Moscovici já recorreu para apresentar a noção de Representação Social consiste em a considerar pensamento e saber originados no cadinho do quotidiano, entretecedor de comunicações interpessoais e de partilhas comuns, que o mesmo é dizer, formas contemporâneas de senso comum equivalentes aos *mitos e sistemas de crenças* das sociedades tradicionais (Moscovici, 1981, p. 181).

Representação social noção complexa, inclusiva, não necessariamente consensual: principais dimensões

Outro aspecto que afasta as representações sociais das representações colectivas de Durkheim é estas serem concebidas como produtos cristalizados, com *funções hegemónicas*, enquanto, pelo contrário, para Moscovici as representações que os indivíduos têm do mundo em que vivem, dos objectos que os rodeiam, nem sempre são consensuais (hegemónicas), e podem mesmo ser *polémicas*, em resultado de contextos de oposição entre grupos, o que implica, por vezes, a falta de consenso (Moscovici, 1988, pp. 221-2).

O aspecto não necessariamente consensual das Representações Sociais decorre da estrutura que Moscovici faz corresponder a uma representação social e que se configura segundo três dimensões principais: *informação, atitude, imagem* ou *campo de representação*. Quer isto dizer que sobre o mesmo objecto social os grupos podem ter diferentemente organizados os seus conhecimentos (informação), apresentar diferentes orientações de comportamento (atitude) e incluir diferentes conteúdos no modelo que representa o objecto (imagem) (Moscovici, 1976). Estas três dimensões fazem da representação social uma noção complexa, um conceito de inclusividade com uma “composição polimorfa”, que “recolhe e integra toda uma série de conceitos que apresentam, cada um deles, um alcance mais restrito que o próprio conceito de representações sociais” (Ibañez, 1988, *apud* Sá, 1996, p. 32).

A partilha, fundamento do carácter social de uma representação social e a sua vivência psicológica

Não sendo necessariamente consensuais, as representações de um objecto são sociais porque são socialmente partilhadas, nomeadamente por grupos que não produziram tais representações sociais (Ibañez, 1988, *apud* Sá, 1996, p. 41). Dada a sua fluidez, elas circulam dinamicamente nas comunicações interpessoais, expandindo-se para além dos grupos de origem e permitindo uma partilha alargada. Tal como com o dinheiro, metáfora possível para a compreensão do processo de constituição e funcionamento das representações sociais, apesar de sociais estas são

psicologicamente vividas em três aspectos: enquanto representação *neutra*, sem apropriação pessoal nem colectiva; como representação de *outro*, colectivamente apropriada; e como representação pessoal apropriada e afectivamente vivida pelo eu (Moscovici, 1992, pp. 141-2).

B. Formação, organização interna e transformação das representações sociais

Dois aspectos principais distinguem as representações sociais de outros sistemas de pensamento colectivo. Um deles é a sua natureza prática, o outro o seu carácter estruturado.

A organização interna de uma representação social estrutura e dá significado ao conjunto dos seus diversos elementos.

Representações sociais, construções sociocognitivas

A natureza prática das representações sociais está presente na formulação inicial de Moscovici, como atrás se referiu, considerando que a função maior das representações sociais é a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos; função lembrada, entre outros, por Jodelet que considerou posteriormente as representações sociais como um saber orientado para a acção e em consonância com o meio: “– Qualifier ce savoir de ‘pratique’ réfère à l’expérience à partir de laquelle il est produit, aux cadres et conditions dans lesquels il est, et surtout au fait que la représentation sert à agir sur le monde et autrui. Ce qui débouche sur ses fonctions et son efficacité sociales. La position occupée par la représentation dans l’ajustement pratique du sujet à son environnement, la fera qualifier par certains de compromis psychosocial.” (Jodelet, 1989, pp. 44-5).

Em nome da componente prática das representações sociais, explica Abric a rejeição de Moscovici pela assimilação de representações sociais a *representações cognitivas*. Segundo Abric, aquilo que especifica as representações sociais face a outras produções ou mecanismos cognitivos é serem cognitivas mas também sociais (*dimensão cognitiva e dimensão*

social) (Abric, 1994, pp. 13-4): “Les représentations sociales ont donc cette caractéristique spécifique, qui rend d’ailleurs leur analyse difficile, qu’elles sont soumises à une double logique: la logique cognitive et la logique sociale. Elles peuvent être définies comme des *constructions sociocognitives*, régies par leurs règles propres.” (Abric, ob. cit., p. 14).

Decorrente de uma perspectiva sociocognitiva, Abric acentua a importância decisiva na dinâmica das relações e das práticas das representações sociais, às quais atribui quatro funções essenciais: *funções de saber* que permitem compreender e explicar a realidade, *funções identitárias* que definem identidade e permitem salvaguardar a especificidade dos grupos, *funções de orientação* que guiam comportamentos e práticas, *funções de justificação* que permitem *a posteriori* justificar as tomadas de posição e os comportamentos (Abric, ob. cit., pp. 15-8 e 30-2).

Organização interna e transformação das representações sociais

O segundo aspecto que torna as representações sociais distintas de outras formas de pensamento colectivo é, como acima se mencionou, o seu carácter estruturado. Este carácter estruturado, que desde o início tem sido acentuado, continua a congregar as diferentes abordagens teóricas exploradas a partir de Moscovici: “Tous les auteurs depuis Moscovici s’accordent sur cette définition de la représentation comme ensemble organisé” (Abric, ob. cit., p. 19).

Se a aceitação das representações sociais como *conjunto organizado* é hoje um dos pressupostos da sua teorização geral, a designação dos componentes da estrutura interna de uma representação social é plural. Em torno de *núcleo central* (Abric, 1976) e de *princípios organizadores* (Doise, 1986, 1990) constituíram-se duas correntes teórico-metodológicas, habitualmente designadas como *Grupo do Midi* e *Escola de Genebra* (Jesuino, 1997), que procuram aprofundar e validar a teoria geral. A primeira defendendo uma hierarquização dos elementos representacionais em torno de um núcleo central, a segunda insistindo na não consensualidade das representações sociais evidenciada nas diferenças interindividuais que, no entanto, revelam a existência de princípios organizadores actuantes no campo representacional. Ponto comum às duas

abordagens, segundo Flament, é o reconhecimento de *uma estrutura que organiza e dá sentido* aos diversos elementos do campo de uma representação (Flament, 1987, p. 145).

A noção de princípios organizadores reduz a ambiguidade de ideias e imagens, tornando-as pertinentes num determinado contexto social, enquanto que o núcleo central procura identificar os elementos mais consensuais. Relativamente às duas correntes, é considerado existir uma *analogia profunda* entre ambas: “A bien des égards, il existe analogie profonde entre ces deux hypothèses qui touchent, l’une au problème du changement des représentations sociales, et l’autre, à celui de leur générativité, dans la mesure où changement et générativité intéressent au même phénomène fondamental. A savoir celui de la formation et de l’évolution des représentations sociales au cours d’une histoire, de la brève et de la longue histoire, pour reprendre une expression de Fernand Braudel.” (Moscovici e Vignaux, 1994, pp. 31-2).

1. Teoria do núcleo central

A *Teoria do Núcleo Central*, introduzida em 1976 por Jean-Claude Abric, parte da teorização geral sobre a organização interna de uma representação social, considerada como campo estruturado, hierarquizado, e avança a hipótese de que a hierarquização se caracteriza pela centralidade. Abric defende então que a centralidade é definida pela existência de um ou mais elementos do campo representacional situados em posição central¹⁴. Estes elementos constituem aquilo que foi designado como um “núcleo central”, no qual esta teoria delega uma importância fundamental, considerando que é o depositário do significado da própria representação: “l’hypothèse dite du noyau central (...) peut être formulée en ces termes: l’organisation d’une représentation présente une modalité particulière, spécifique: non seulement les éléments de la représentation sont hiérarchisés mais par ailleurs toute représentation est organisée autour

¹⁴ O autor apresenta a sua teoria como tributária de teses da Psicologia Social (nomeadamente, Heider, 1927; Asch, 1946), retomando parte do pensamento de Moscovici: “L’idée de noyau, como celle de centralité, est donc bien présente dans des travaux de psychologie sociale qui ne concerne pas à proprement parler les représentations sociales. Mais on va les retrouver, dans le travail de Moscovici (1961) sur la psychanalyse, et à propos de la genèse des représentations telle que cet auteur la postule.” (Abric, 1994, p. 20).

d'un noyau central, constitué d'un ou de quelques éléments qui donnent à la représentation sa signification.” (Abric, 1994, p. 19).

A existência de um núcleo central implica por sua vez a presença de um campo periférico, o que levou Abric a considerar que cada representação social tem “duas componentes” e funciona segundo um duplo sistema (*sistema central* e *sistema periférico*). No *sistema central* (núcleo central) a determinação dos conteúdos é sobretudo de origem social, e estes referem-se ao contexto global do objecto representado, directamente associado aos valores e normas ¹⁵; no *sistema periférico* (elementos periféricos) os conteúdos representacionais resultam de uma determinação mais individualizada e contextualizada: “Les représentations sociales et leurs deux composantes: noyau central, éléments périphériques fonctionnent donc bien comme une entité où chaque partie a un rôle spécifique mais complémentaire de l'autre. Leur organisation, como leur fonctionnement, est régi par un double système (cf. Abric, 1992).” (ob. cit., p. 27).

De acordo com a diferenciação proposta, ocorrem nos dois sistemas os processos de *objectivação* e *ancoragem* referidos por Moscovici desde os anos 60 (Moscovici, 1976, Doise, 1990) e respeitantes à formação das representações sociais ¹⁶. O núcleo central concretiza, *objectiva*, o objecto, corresponde a uma esquematização que se torna estável e em torno da qual

¹⁵ “C'est la base commune proprement sociale et collective qui définit l'homogénéité d'un groupe à travers des comportements individualisés qui peuvent apparaître comme contradictoires. Il joue un rôle essentiel dans la stabilité et la cohérence de la représentation (...) il s'inscrit dans la durée” (Abric, ob. cit., p. 28).

¹⁶ Trata-se de dois processos cognitivos complementares que permitem especificar as representações sociais. A objectivação estará directamente ligada ao funcionamento do pensamento social (Rouquette, 1973), constituindo uma simplificação dos elementos informativos referentes ao objecto, *fazendo corresponder as coisas às palavras*, “et surtout, les résume à grand trait à partir d'une logique qui reste interne au groupe” (Guimelli, 1994, p. 13). Este processo dá origem àquilo que Moscovici designou por *núcleo figurativo* da representação (Moscovici, 1976) e que torna os seus elementos *não discutíveis* e, desta forma, integrados na realidade do senso comum. O processo de ancoragem permite o *enraizamento* social da representação, *torna familiar o que é estranho* (Moscovici, 1976), possibilita a construção de uma representação de um objecto novo dado que o integra *numa rede de significado* de acordo com os valores predominantes nos grupos sociais. Em resumo, é uma forma de *ligar o que é novo ao que é antigo* (Guimelli, 1994, p. 14). Na formulação mais recente de Correia Jesuíno, objectivação e ancoragem serão dois macro-processos inter-articulados que do significativo nos conduzem ao significado: “As I see it, objectifying and anchoring are two inter-articulated macro-processes, the former related with the production of the sign or significant that stands for the Social Representation, and the latter related with its ultimate meanings from a hermeneutical standpoint.” (Jesuíno, 1997, p. 12).

se constrói o conjunto da representação (segundo Abric é o *conteúdo activo* inicialmente mencionado por Moscovici); os elementos periféricos são a parte *mais acessível, viva e concreta* de uma representação e neles se realizam as *modulações pessoais* face ao núcleo central, ou seja, é através do sistema periférico que se dá a *ancoragem* das representações sociais (Abric, 1994, pp. 21-8). Relativamente ao núcleo central o sistema periférico desempenha ainda, segundo Abric, três importantes funções: de *concretização* ou ancoragem da representação na realidade dos sujeitos; de *regulação* adaptando a representação às evoluções do contexto, integrando com *estatuto menor* elementos capazes de porem em causa os fundamentos da representação; de *defesa* retendo e suportando elementos contraditórios com o próprio núcleo: “le noyau central d’ une représentation sociale – nous l’avons déjà dit – résiste au changement, car sa transformation entraînerait un bouleversement complet. (...) La transformation d’une représentation s’opèrera donc dans la plupart des cas par la transformation de ses éléments périphériques: changement de pondération, interprétations nouvelles, déformations fonctionnelles défensives, intégration conditionnelle d’éléments contradictoires.” (ob. cit., pp. 25-6).

Se toda a representação social é organizada à volta de um núcleo central, este torna-se fundamental para a organização e significado da representação, sendo, contudo, igualmente fundamental o sistema periférico já que nele se reflecte o processo de transformação de uma dada representação. Chave de abóbada e interface são respectivamente duas expressões empregues por Abric para núcleo e periferia (ob. cit., p. 25).

A determinação do núcleo central reveste-se de particular importância para a autonomização e comparação de representações, dado que o conhecimento dos elementos do núcleo central é que nos permite distinguir e independentizar uma dada representação de outra. A teoria do núcleo central prevê para cada representação social a existência de um núcleo central, fundamentando-se na resistência deste à mudança.

De entre os trabalhos que visaram comprovar a consistência do núcleo central, destacam-se os de âmbito experimental realizados por Abric e Moliner sobre os quais se apoia parte do nosso trabalho: Abric observou experimentalmente que numa representação evocada em que não figuravam os elementos centrais os sujeitos restituíam-nos, reinventavam-nos, como forma de reencontrar *identidade e significado* para a referida

representação (ob. cit., p. 34), o que nos informa sobre a posição consistente do núcleo central na estrutura de uma representação social; também experimentalmente, Moliner pôde observar que a transformação de uma representação só ocorre quando o núcleo central é posto em causa (Moliner, 1989), resultado que testemunha a importância do núcleo central como conteúdo que resiste à mudança.

2. Princípios organizadores

Reconhecendo a importância de determinar não só o conteúdo de uma representação social como os seus *laços estruturantes*, Doise tem insistido que é necessário procurar significações mais gerais que aquelas que resultam de uma análise interna dos conteúdos. A simples identificação de conteúdos poderia remeter as representações sociais para uma *existência autónoma*, desligada da dimensão simbólica sempre presente nas dinâmicas relacionais. Objectivação sem descurar a ancoragem é a sua proposta: “Mais limiter l’étude des RS à leur contenu pourrait les faire apparaître comme réalités en soi, dotées d’une existence autonome. Ce serait privilégier une démarche descriptive aux dépens d’une démarche explicative. Toute étude exhaustive des RS doit en même temps les décrire comme réalités objectives et considérer leur ancrage dans des dynamiques relationnelles” (Doise, 1992, p. 189). E considera que o estudo das diferentes formas de ancoragem – *psicológica, psicossociológica e sociológica* – permite aproximarmo-nos do *sentido* mais profundo de uma representação social o qual uma simples análise de conteúdos não chegaria a revelar: “Étudier l’ancrage des RS c’est chercher un sens pour la combinaison particulière de notions qui forment leur contenu. Ce sens ne peut pas être défini par la seule analyse interne des contenus sémantiques d’une représentation, il se réfère nécessairement à d’autres significations régissant les relations symboliques entre acteurs sociaux. Autrement dit, la signification d’une RS est toujours imbriquée ou ancrée dans des significations plus générales intervenant dans les rapports symboliques propres à un champ social donnée.” (ob. cit., p. 189).

Se, por um lado, Doise alerta para o risco de ocultação da ancoragem, ao serem privilegiados os aspectos descritivos, acentuando a importância

de uma *concepção diferencialista* das representações sociais oposta à concepção consensual de alguns autores ¹⁷, por outro lado, este autor não deixa de reconhecer a existência de uma estruturação própria no campo de uma representação social. Assim se poderá entender a sua proposta de definir as representações sociais como *princípios organizadores de tomadas de posição* e parte do seu trabalho metodológico sobre a análise de dados empíricos nos estudos de representações sociais: “Je pense qu’une définition des RS comme principes organisateurs de prises de position par rapport à des repères comuns permet de résoudre ce problème [da excessiva descrição ou objectivação sem ancoragem]...” (Doise, 1992, p. 194).

3. O conceito de *themata*

O conceito de *themata* ¹⁸ associado à formação das representações sociais foi apresentado por Moscovici em 1992, na abertura da Primeira Conferência Internacional sobre Representações Sociais. Poderá considerar-se esta associação como novo contributo para o *polimorfismo* da noção de representação social. Em texto conjunto, Moscovici apresentou posteriormente o conceito de *themata* como contraponto à tendência em manter em *semi-obscuridade* uma das referências essenciais das representações sociais, a referência à comunicação: “Nous voulons parler de leur référence à la communication, au langage, bref, à l’aspect discursif des savoirs élaborés en commun (...) A cette fin, il a semblé nécessaire de proposer un concept qui d’une part tienne compte de

¹⁷ Em diferentes momentos este autor se tem referido à utilidade de uma abordagem diferencialista no estudo das representações sociais: “Une telle conception consensuelle n’est nullement présente chez Moscovici qui ne considère pas le consensus comme une caractéristique essentielle du fonctionnement ou du produit des représentations sociales. Si la propagation peut résulter dans une pression vers l’uniformité, (...) les insertions et situations sociales ne sont jamais complètement identiques, les multiples processus intervenant dans les prises de position sont aussi variés. Cette double source de variation peut générer une multiplicité apparente de prises de position qui sont pourtant produites à partir de principes organisateurs communs.” (Doise, 1990, p. 127).

¹⁸ Dado que não se conhece tradução portuguesa de *themata*, palavra de origem grega que nas línguas francesa e inglesa não foi traduzida, adopta-se igual procedimento.

l'importance des hypothèses dont il vient d'être question ¹⁹, et d'autre part concrétise le lien entre cognition et communication, opérations mentales et opérations linguistiques. C'est du moins dans cette perspective que fut proposé le concept de *thémata* (Moscovici, 1992) afin de répondre aux exigences d'analyse structurale sur laquelle on a eu raison d'insister." (Moscovici e Vignaux, 1994, p. 32).

O conceito de *themata*, ou plural de tema, conceito ainda sem *nicho científico* mas que o poderá encontrar no âmbito das representações sociais, segundo os autores, refere-se a uma significação que está para além da sua actualização quotidiana através da qual, no entanto, se objectiva. Atravessa os discursos e as práticas mas permanece como "fonte" possível de nova significação: "En somme par la notion de thème, on indique que les disponibilités effectives de signification dépassent toujours ce qui peut être actualisé par les individus et réalisé par les institutions. En définitive les thèmes qui traversent les discours ou les pratiques sociales ne peuvent pas être simplement 'effacées', comme on dit dans le jargon des ordinateurs, mais uniquement mis entre parenthèses, déplacés d'un moment à l'autre de diverses manières, mais ils sont toujours préservés comme des sources constantes de nouvelles significations ou de combinaisons de significations si besoin est." (ob. cit., p. 37) ²⁰.

Definindo *themata* como palavras, imagens mentais, crenças ou preconceitos, os autores propõem como nova tarefa da análise das representações sociais a sua identificação, enquanto *ideias-força*, e a demonstração de respectiva *consistência* metodológica e empírica ²¹: "En résumé, au coeur des représentations collectives comme à l'oeuvre dans les révolutions scientifiques, ainsi que nous venons de le résumer, il y a des

¹⁹ Anteriormente tinham sido referidas pelos autores as duas hipóteses de análise da estrutura interna de uma representação social – hipótese do núcleo central e princípios organizadores.

²⁰ Moscovici sublinha assim a importância dos *themata* no processo de objectivação e de ancoragem de uma representação social: "Et ce parce que les individus en rendant quelque chose thématique, pertinent à leur conscience, le transforment en même temps en un objet pour eux-mêmes, ou plus exactement, en un objet qui appartient à une réalité choisie parmi toutes les réalités possibles ou antérieures." (Moscovici e Vignaux, 1994, p. 38).

²¹ No caso analisado, as representações do mundo no âmbito da ciência, podemos ver em acção certos princípios presentes na génese da imagem e explicação do funcionamento do mundo em diferentes autores e épocas. Princípios estes que continuam a presidir às sucessivas transformações da referida concepção do mundo.

thêmata qui perdurent comme ‘concepts-images’ ou sont objet de controverses avant leur remise en cause. Que sont-ils? Quelles formes prennent-ils? ‘Concepts-images’? ‘Conceptions premières’ profondément ancrées dans la mémoire collective? ‘Notions primitives’? Assurément un peu de tout cela. (...) Faute alors maîtriser complètement l’origine des conceptions ‘sur la longue durée’, l’analyse des représentations collectives ne peut faire mieux que de tenter, d’une part de repérer ce qui à un certain plan ‘axiomatique’, dans les textes et les opinions, va opérer comme ‘principes premiers’, ‘idées-forces’ ou ‘images’, et d’autre part, de s’efforcer de montrer la ‘consistance’ méthodologique et empirique de ces ‘concepts’ ou ‘notions premières’ dans leur applicabilité régulière au plan des argumentations quotidiennes ou savantes.” (ob. cit., pp. 61-2).

Finalmente, a última nota sobre os *thêmata* refere-se à não *evidência*, à subterraneidade dos mesmos se esta expressão é possível. Sublinham os autores que estes não se apresentam em transparência, que existem entrelaçados em aspectos de uma determinada memória colectiva composta de *cognitivo* e de *cultural*: “C’est dire que les ‘thêmata’ ne se donnent jamais à l’évidence ni même sont quelque part définitivement atteignables. Tant ils sont intriqués à une certaine mémoire collective inscrite dans le langage et tant ils sont composites, comme les représentations qu’ils soutendent, à la fois du cognitif (invariants ancrés dans nos appareils neuro-sensoriels et à nos schèmes d’action) et du culturel (universaux consensuels sur des thèmes objectivés par des temporalités et des histoires de longue durée).” (ob. cit., p. 70).

Síntese e Considerações

Síntese

A revisão que se acaba de fazer do domínio científico das representações sociais é incontestavelmente restrita. Entre o muito que havia para referir – aspectos teóricos, metodológicos, contribuições distintas de variadíssimos autores –, o critério estabelecido para a selecção

foi o de mencionar a contribuição específica da teoria das representações sociais para o estudo da identidade portuguesa enquanto representação social, no contexto em que a situámos no capítulo anterior. São os principais aspectos desta contribuição que passaremos a indicar.

1. Representações sociais, identidade nacional e socialização – Um primeiro e decisivo aspecto que justifica o recurso à teoria das representações sociais para o estudo da identidade nacional enquanto identidade étnica é a importância que esta teoria atribui ao social. A identidade nacional, como se considerou anteriormente, é uma construção social e um dos lugares em que o psicológico e o social se encontram, em que pensamento colectivo e pensamento individual se interligam passiva e activamente na definição de formas de identidade pessoal e social. Ora, pela noção de representação social aproximam-se pensamento individual e pensamento colectivo, *ressocializando-se* o conceito de ser humano. As representações sociais são definidas como objectos socializados (*figuras e expressões socializadas*) e o quadro de socialização subjacente é o de uma realidade em contínua reconstrução, é a *remodelação de elementos* e não a simples reprodução social (Moscovici, 1976, 1992).

2. Identidade nacional e representações sociais: senso comum não necessariamente consensual – As representações sociais são construções mentais provenientes do senso comum não necessariamente consensuais (Moscovici, 1988, Doise, 1990). Na sua elaboração participam indivíduos concretos, o mesmo é dizer, sujeitos com posicionamentos e pertenças sociais variadas e com espaços de diversidade intra-individual. A identidade nacional é objecto social e uma forma de identidade social que existe conjuntamente com outras formas de identidade com as quais pode coexistir em concordância ou oposição, pelo que apenas em alguns aspectos será de esperar que as representações da identidade nacional sejam consensuais.

3. Identidade nacional como representação social: justificação pelas funções – Outro aspecto a salientar na utilidade de estudar a identidade nacional como representação social decorre das características e funções atribuídas às representações sociais. Presentes em saberes e práticas sociais, as representações sociais são construções sociocognitivas com funções de *saber, definição de identidade, orientação de comportamentos e práticas, justificação de tomadas de posição* (Abric, 1994). Estas são

funções igualmente assinaladas no processo de identificação nacional. Se relembarmos definições de identidade nacional de Keane indicadas no Capítulo 1, verificamos a referida proximidade: a identidade nacional permite *descodificar os códigos da vida institucional e quotidiana* (função de saber), faz com que nos *ensem e sintamos alemães, irlandeses ou turcos* (definição de identidade), leva à partilha de *certos costumes e à memória de um passado em que se pode ter orgulho ou obrigação de sentir vergonha* (orientação de comportamentos e práticas, justificação de posições) ²².

4. Identidade nacional como campo semântico estruturado e hierarquizado – A concepção das representações sociais como campos semânticos internamente estruturados permite conceber a existência de dois campos semânticos que podem ser comparáveis, perspectiva que se adequa ao nosso objectivo de comparar aspectos de uma representação antiga dos Portugueses com representações actuais dos mesmos. De modo específico, a teoria do núcleo central apresenta pressupostos a considerar na comparação de representações sociais, nomeadamente a existência de um núcleo em cada representação; o que, no caso da sua constituição ser semelhante em duas representações nos permitirá considerar que se trata afinal de uma só representação ainda que se observe a presença de elementos divergentes (Abric, 1994). Esta teoria prescreve ainda o quadro metodológico em que o núcleo central de uma representação pode ser delimitado.

5. As representações sociais e a longa duração: *themata* persistentes na representação da identidade portuguesa – O conceito de *themata* (Moscovici, 1992, Moscovici e Vignaux, 1994) veio introduzir a perspectiva diacrónica no estudo das representações sociais, constituindo-se em enquadramento sobremaneira adequado ao estudo da continuidade histórica dos Portugueses *Amorosos*, nosso principal objectivo.

Objectivos

²² Estas funções reencontram-se igualmente nos restantes autores citados mas de uma forma menos sistemática, salvo o caso de Lipiansky que considera a identidade nacional como representação social (Capítulo 1).

Como afirmámos ao concluir o capítulo precedente, o objectivo central deste trabalho é averiguar a continuidade histórica da afectividade como elemento estruturante da representação social da identidade portuguesa. O quadro teórico das representações sociais permite-nos operacionalizar este objectivo em sub-objectivos mais específicos que se passam a indicar, conjuntamente com alguns dos resultados que esperamos encontrar.

1. Identificar do núcleo central da representação dos Portugueses – A teoria das representações sociais, nomeadamente na sua vertente estrutural, fornece um conjunto de instrumentos conceptuais e metodológicos que permite estudar o campo representacional do Português e delimitar o respectivo núcleo central. Pretende-se realizar este tipo de abordagem a fim de caracterizar a representação actual da identidade portuguesa.

2. Avaliar a continuidade histórica – Sobre a representação antiga dos Portugueses, da qual partimos, poder-se-á admitir, à luz da teoria das representações sociais, que *Amorosos* constituía o seu núcleo central ou era parte dele, e ainda que se trataria de um princípio organizador. A comparação desta imagem com o conteúdo do núcleo central delimitado no estudo da literatura e da abordagem empírica torna possível avaliar a continuidade histórica, permitindo concluir da permanência ou transformação da antiga representação. Embora separadas uma da outra por mais de três séculos (séculos XVII-XX), se a representação antiga persistir, o núcleo da representação actual não deverá apresentar alterações significativas. Se a análise dos diferentes resultados obtidos ao longo deste trabalho vier a sugerir a permanência na actualidade da antiga representação dos portugueses, poder-se-á considerar que a afectividade atribuída de há tão longa data faça parte dos *themata* da identidade portuguesa, sendo uma das suas manifestações mais visíveis; uma objectivação de algo mais primitivo na arqueologia dos Portugueses e que se repercute e ancora na própria auto-imagem dos nacionais portugueses.

3. Estudar a ancoragem da representação – Atendendo à heterogeneidade característica das representações sociais, espera-se que apenas alguns aspectos da representação da identidade nacional sejam consensuais, nomeadamente na composição do núcleo central. De forma

complementar, estudam-se sentimento nacional, representação de Portugal e concepções de nacionalidade.

4. Abordar a identidade pessoal como forma de identidade nacional – Atendendo à solidariedade nas representações da identidade pessoal e da identidade social, hipotetiza-se que o facto de ser cidadão português não implica necessariamente descrever-se a si próprio com as características usadas na descrição dos Portugueses, pelo que se espera chegar a dois diferentes conteúdos representacionais – a representação do objecto Portugueses e a representação de um conjunto de indivíduos que partilham a categoria ser português –, embora com pontos de contacto entre si (núcleo central, princípios organizadores). Para uma identificação nacional positiva será de esperar maior aproximação entre a representação de si e a representação dos Portugueses do que para uma identificação negativa. Quanto mais íntima for a identificação pessoal com a identidade portuguesa maior proximidade tenderá a existir entre o paradigma da imagem actual dos portugueses e o paradigma do Português Amoroso, se o tema afectivo permanecer no núcleo central da representação dos Portugueses. Complementarmente, será ainda de esperar que uma concepção de nacionalidade mais como pertença comunitária do que apropriação pessoal do objecto nação esteja igualmente associada a uma maior proximidade com o paradigma antigo.

5. Continuidade entre discursos – Apesar de se partir de uma fonte literária (discurso erudito) sobre a representação dos portugueses, considera-se imprescindível recorrer às opiniões de cidadãos comuns (discurso popular), dado que o objectivo principal é analisar a continuidade histórica, portanto generalizada, consensual, da referida representação. Só na circunstância de o discurso actual, erudito e popular, se apresentar convergente se poderá admitir tal continuidade.

Capítulo 3

ESTUDO DA IDENTIDADE PORTUGUESA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL: MATERIAIS E METODOLOGIA

A palavra produziu todos os objectos e todas as coisas pelo seu Nome uno.

Sepher Yetzirah

Se a realidade é socialmente construída (Berger e Luckmann, 1966) é graças à linguagem e em particular à linguagem falada. Uma língua é material, arquitectura e espaço habitado. A semântica de uma língua já foi considerada etnografia de uma cultura (Mounin, 1963) e na teoria das representações sociais a linguagem falada, as *expressões socializadas* ocupam um lugar proeminente na configuração de um dado objecto (Moscovici, 1976, p. 26).

Este trabalho nutre-se da palavra e da linguagem, materiais de que metodologicamente nos apropriamos para o estudo da identidade portuguesa como representação social.

A. Descrição metodológica

O nosso estudo da representação da identidade portuguesa consiste em analisar aspectos do discurso de cidadãos nacionais sobre Portugal e as características dos Portugueses. Os *corpora* a analisar provêm do discurso erudito e do discurso popular. Os materiais apresentados foram obtidos em duas fontes: informação documental (obras publicadas de autores nacionais) e informação recolhida empiricamente junto de cidadãos de nacionalidade portuguesa.

Considerada a identidade portuguesa como objecto de representação social, pretendeu-se estudar na mesma as três dimensões configurantes de uma representação social – *informação, atitude, imagem* (Moscovici,

1976), referidas no capítulo anterior. Tem-se sobre Portugal, as origens da nacionalidade, heróis e acontecimentos significativos da história nacional, características dos Portugueses um conjunto diversificado de conhecimentos (informação); vive-se e exprime-se um sentimento nacional, positivo ou negativo (atitude); construiu-se, reconstrói-se e interioriza-se um modelo da identidade portuguesa estruturado em traços psicossociais – as características nacionais (imagem). Porque uma representação social se refere a um tipo de saber estruturado, espera-se encontrar na representação da identidade portuguesa uma estruturação interna em torno de características mais atribuídas aos Portugueses. No entanto, como foi anteriormente referido, um representação social não é necessariamente consensual, embora apresente aspectos consensuais (núcleo central, princípios organizadores).

Para aprofundar a diversidade sem descurar possíveis plataformas de convergência teve-se em conta no plano de investigação o modelo trifaseado de Doise (Doise *et al.*, 1992) – estudo do campo representacional, dos princípios organizadores do respectivo campo e estudo da sua ancoragem –, procurando-se, no entanto, realizar uma abordagem plurimetodológica. Os principais procedimentos seguidos tiveram como enquadramento geral a teoria das representações sociais, recorrendo-se a técnicas empregues nos estudos de Aix-en-Provence e Genebra. Por vezes servimo-nos das técnicas correntes empregues nos estudos de representações sociais, nomeadamente na análise dos dados empíricos e em certas fases da recolha, como ocorreu com as associações livres; outras vezes, estas técnicas foram inspiração para certos procedimentos. Assim ocorreu na verificação experimental do núcleo central da representação da identidade portuguesa e na comparação das representações de identidade nacional e pessoal.

B. Materiais e sua recolha

O estudo das representações sociais coloca *dois problemas metodológicos desafiantes*: o da colecta das representações e o da análise dos dados obtidos (Abric, 1994a, p. 59). O primeiro destes problemas, a colecta das representações, compõe-se essencialmente de duas vertentes que é importante diferenciar: a selecção dos materiais portadores das

representações e as metodologias utilizadas para a sua colecta. Trata-se de aspectos amplamente discutidos na literatura (Abric, 1994a; Grize *et al.*, 1987; Sá, 1996, 1998) e a que em seguida nos referiremos à luz das opções tomadas neste trabalho. Mais adiante abordar-se-á o problema a jusante – o da análise da informação colhida.

Materiais e discurso colectivo: informação documental e informação empírica

Para Jodelet, a definição do material veiculador do conteúdo da representação, a sua fidedignidade e mesmo a sua validade é um *problema central* no estudo das representações sociais, tanto a nível teórico como metodológico (Jodelet, 1986, p. 171).

No nosso caso, a escolha das fontes do discurso colectivo sobre a identidade portuguesa relaciona-se directamente com a forma como se problematizou o objectivo deste trabalho.

Procurando investigar se existiria continuidade da imagem do *Português Amoroso*, inicialmente identificada em texto de autor erudito do século XVII, optou-se pela análise de dois tipos diferentes de discurso: o discurso erudito, veiculado pela literatura portuguesa, e o discurso que, de um modo livre, se pode chamar popular ou de senso comum, apreendido junto de uma amostra de cidadãos de nacionalidade portuguesa. Os materiais privilegiados neste estudo são, assim, de duas naturezas: informação documental, em que predomina material publicado de autores portugueses, maioritariamente contemporâneos, e informação recolhida empiricamente junto de cidadãos portugueses através de um questionário de opinião.

1. Informação documental

A escolha de autores que se pudessem considerar representativos foi uma das primeiras e sérias dificuldades que enfrentámos para realizar este trabalho. Numa primeira fase, consultaram-se obras literárias e ensaísticas de autores contemporâneos em que se abordava a identidade portuguesa, de uma forma mais ou menos directa, persistindo o problema da representatividade. Este problema foi resolvido porque foi contornado.

Dado que a nossa finalidade era a representação da identidade portuguesa em sentido amplo e não apenas no discurso erudito, acabou por se considerar aceitável recorrer a uma resenha antológica já publicada. Optámos, em consequência, por considerar principal fonte documental uma publicação antológica composta de trechos de obras anteriormente publicadas de 43 autores portugueses editada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1990²³. Esta publicação reúne 56 citações de autores do século XX que se referenciam no Capítulo 4 (Quadro 1) por autores e títulos atribuídos pelos organizadores aos trechos citados. Complementarmente, em escolha pessoal, analisaram-se mais dois autores: Eça de Queirós em excerto d'*A illustre casa de Ramires*, e Agostinho da Silva na *Educação de Portugal*, obra escrita nos anos 70 mas publicada apenas em 1989.

Dos autores antologados retiveram-se aspectos referentes à imagem de Portugal, às características atribuídas aos Portugueses e algumas passagens de auto-reflexão dos autores sobre a identidade portuguesa na sua identidade pessoal. Para utilização na fase de recolha de informação empírica, seleccionámos ainda um pequeno número de frases dos referidos autores que, em nosso entender, remetiam para o predomínio da componente afectiva na representação social dos Portugueses.

2. Informação empírica

A recolha de opiniões através de inquérito foi a nossa principal fonte de informação empírica. A utilização de um inquérito encontra-se, em certa medida, justificada por se tratar de uma técnica corrente de recolha de opiniões.

Os objectivos visados pelo referido inquérito pretendiam contemplar os principais objectivos visados por esta investigação: recolha do discurso dos portugueses sobre a identidade portuguesa e sobre a sua própria identidade pessoal, avaliação do sentimento nacional e formas de conceber a nacionalidade portuguesa.

²³ *Boletim Cultural*, nº 1, VII Série, publicado em Fevereiro de 1990, sob a direcção de David Mourão-Ferreira, com coordenação de Natalina Oliveira do Monte.

Os instrumentos de recolha da informação empírica

O recurso a diversos procedimentos metodológicos justificar-se-á pela necessidade de se estudar a representação da identidade portuguesa numa perspectiva diacrónica. Se para o estudo da representação actual dos Portugueses poderia ser suficiente recorrer apenas a uma abordagem documental ou a uma abordagem empírica, para se poder concretizar a comparação passado-presente entendeu-se conveniente alargar o quadro de observação, nomeadamente porque sobre os conteúdos da representação antiga temos apenas o que poderá ter sido o seu núcleo central. Admitiu-se que a diversificação da recolha e do tratamento da informação iriam possibilitar uma análise mais exaustiva, permitindo detectar aspectos controversos e dotando de maior credibilidade resultados eventualmente convergentes.

1. Fases da recolha informativa

A informação empírica presente neste trabalho foi recolhida ao longo de diferentes fases (Quadro 1) e com recurso a diferentes instrumentos. Nas duas fases iniciais, que se podem denominar exploratórias por consistirem na procura dos meios e da população mais adequados ao estudo da problemática em causa, recorreremos a duas versões ligeiramente diferentes do mesmo questionário (Fases A e B); numa terceira fase (Fase C), o procedimento escolhido compreendeu a entrevista individual aprofundada, procurando-se não só alargar o campo de inquirição como testar o modelo de um novo questionário considerado final. Nas fases seguintes (Fases D a F) o modelo de questionário utilizado, e que é responsável pela maior parte da informação colhida, sofreu apenas ligeiras alterações ao longo das diferentes fases de aplicação. Na última fase de inquirição (Fase G) foi utilizado um guião de inquérito aplicado na forma de questionário e, em aplicação mais restrita, na forma de entrevista destinado à verificação experimental da constituição do núcleo central da representação social dos Portugueses.

Quadro 1: Fases de recolha de informação empírica

<i>Fases</i>	<i>Época</i>	<i>Modo de inquirição</i>	<i>Instrumento</i>
Fase A	Dezembro 1988	Questionário de aplicação individual	Questionário exploratório – versão 1
Fase B	Janeiro 1992	Questionário de aplicação colectiva	Questionário exploratório – versão 2
Fase C	Março 1993 – Abril 1993	Entrevista aprofundada individual	Guião de Pré-questionário
Fase D	Julho 1993	Questionário de aplicação colectiva	Questionário final – versão 1
Fase E	Junho 1994	Questionário de aplicação colectiva	Questionário final – versão 2
Fase F	Dezembro 1994 – Junho 1995	Questionário de aplicação colectiva	Questionário final – versão 3 (Anexo II)
Fase G	Dezembro 1995	Questionário de aplicação colectiva e entrevista individual	Questionário complementar (Quadro 5)

O questionário foi o instrumento predominante, não só por estar amplamente validado no âmbito das ciências sociais, como também por fazer parte das técnicas de recolha mais empregues no estudo de representações sociais: “le questionnaire reste à l’heure actuelle la technique la plus utilisée dans l’étude des représentations.” (Abric, 1994a, p. 62).

A sua aplicação colectiva satisfaz três requisitos importantes: proporcionar maior distância na interacção observador-observado; criar condições de resposta relativamente homogéneas para o conjunto dos inquiridos; reduzir o tempo da fase de inquirição.

2. Questionários exploratórios

Como se referiu, as diferentes fases de recolha empírica estiveram associadas a reformulações do texto do questionário.

Em finais de 1988, aplicou-se, em Faro e Tavira, um tipo de questionário que tinha como principal objectivo avaliar um perfil de caracterização dos Portugueses, e que deveria permitir a comparação entre

a caracterização individual de cidadãos nacionais e características atribuídas por estes aos Portugueses (Quadro 1, Fase A).

Serviram-nos de referência na formulação de algumas perguntas reunidas neste questionário dois estudos empíricos de âmbito nacional, realizados na década de 80 – o *Inquérito I.E.D. - Valores e Atitudes dos Jovens* (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento IED, 1983) e *Conflito de Gerações, Conflito de Valores* (Figueiredo, 1985, 1988). Assim, para a construção de uma grelha de características do *Português*, recorreremos aos itens empregues pelo inquérito IED na caracterização psicossocial dos jovens, seleccionando seis itens de entre os mais e menos escolhidos. Incluíram-se ainda três valores instrumentais utilizados no estudo de Figueiredo e uma afirmação frequente sobre capacidades nacionais, definindo-se um conjunto de dez itens caracterizadoras dos Portugueses (Quadro 2) a serem avaliados pelos nossos inquiridos numa escala de quatro níveis (Concordo Muito, Pouco, Algo e Nada)²⁴.

Quadro 2: Itens de caracterização dos Portugueses e respectivas fontes

<i>Características dos Portugueses</i>	<i>Fonte</i>
Os Portugueses dão mais força à razão que aos sentimentos.	IED
Os Portugueses dão importância à amizade.	IED
Os Portugueses são corajosos.	IED
Os Portugueses são criativos.	FIGUEIREDO
Os Portugueses dão importância ao trabalho.	IED
Os Portugueses são ternos.	IED
Os Portugueses revoltam-se com injustiças sociais.	IED
Os Portugueses têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	
Os Portugueses são tolerantes.	FIGUEIREDO
Os Portugueses são atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	IED e FIGUEIREDO

²⁴ Esta escala veio a ser recodificada em virtude de, para muitas respostas, nos surgirem dúvidas quanto à real ordenação que os inquiridos davam aos dois níveis centrais. Por essa razão, procedeu-se no momento de análise da informação a uma recodificação que transformou a escala de quatro para três níveis, em que o nível central passou a reunir os níveis originais *Pouco* e *Algo*. Nesta nova escala, os inquiridos apresentam um nível de concordância *Nulo* (Nada), um nível de concordância *Médio* (Pouco ou Algo) ou um nível de concordância *Elevado* (Muito).

A utilização de escalas avaliadoras de opinião, além de ser uma prática comum em estudos de Representações Sociais (Poeschl, 1992; Spini, 1997; Tafani, 1997), apresenta duas consideráveis vantagens: a facilidade que esta forma de resposta apresenta para os respondentes e a possibilidade de se recorrer a procedimentos estatísticos para tratar quantitativamente e com mais rigor a informação recolhida junto de um elevado número de sujeitos.

Para a auto-descrição dos respondentes seleccionaram-se sete valores finais e sete valores instrumentais da escala de Rokeach (1973), utilizados pelo estudo de Figueiredo. Também nesta selecção se seguiu o mesmo critério de preferências mais e menos elevadas obtidas no referido estudo. Era solicitado aos inquiridos que respondessem à pergunta “Procura na sua vida...” escolhendo como resposta três dos valores finais indicados, e que respondesse à pergunta “Considera mais importante ser...” escolhendo desta vez três valores instrumentais²⁵.

Tal como na caracterização dos Portugueses, pretendeu-se reduzir fortemente a possibilidade de escolha de modo a que, evitando-se dispersão, as respostas pudessem revelar mais claramente o consenso existente entre os inquiridos.

Neste questionário, foi ainda pedido aos inquiridos que respondessem a uma pergunta sobre preferência de sair ou residir em Portugal. Esta pergunta tinha como objectivo avaliar a natureza da ligação do respondente a Portugal, introduzindo a temática do sentimento nacional.

O segundo questionário exploratório, aplicado em Faro no início de 1992, procurava sobretudo reavaliar, junto de uma população menos heterogénea, os resultados recolhidos com o questionário precedente (Quadro 1, Fase B). Os seus objectivos, bastante próximos dos anteriormente definidos, consistiam na avaliação de conteúdos propostos para caracterização do Português e na comparação da descrição deste com a auto-descrição de cidadãos portugueses, utilizando uma grelha comum de características.

Para a descrição do Português manteve-se a avaliação do conjunto das dez afirmações utilizado no questionário anterior. Na auto-descrição do

²⁵ Os valores instrumentais escolhidos foram *ser afectuoso, ser ambicioso, ser criativo, ser intelectual, ser lógico, ser prestável, ser tolerante* e os valores finais foram *amizade, amor, harmonia interior, liberdade, reconhecimento social, salvação da alma e vida de bem estar*.

inquirido recorreremos igualmente a estas dez afirmações, em frases adaptadas à descrição individual, o que permitiu comparar directamente as duas descrições, comparação que não nos fora possível realizar na fase anterior.

Também se introduziram alterações na exploração do sentimento nacional, com vista a maior aprofundamento. Deixou de se perguntar apenas se os inquiridos preferiam ou não continuar a viver em Portugal, para se procurar saber como se posicionavam face à nacionalidade portuguesa e à ligação a Portugal. Recorremos às seguintes perguntas: *Considera-se português?*, *Gosta de ser português?* e *Gostaria de ter nascido noutra país?*, sendo “Sim”, “Não” e “Não sei” as modalidades de resposta disponíveis, solicitando-se ainda aos inquiridos que justificassem as respostas.

Finalmente, foi pedida a avaliação de duas citações de dois autores nacionais²⁶: “Português somos, *amigos. É bom sabê-lo e assumi-lo.*” (Joel Serrão) e “Provo-me e saibo-me a sal, não se nasce impunemente nas praias de Portugal.” (António Gedeão), a primeira destinada a avaliar certa explicitação do sentimento nacional e a segunda para observar se se registava alguma consciencialização do papel da cultura portuguesa na identidade pessoal.

Os questionários das fases exploratórias incluíam, de forma embrionária, os principais temas abordados no questionário final (Questionário Geral), nomeadamente: conteúdos da representação do Português (através da caracterização do Português e do Eu), comparação entre essas duas formas de identidade, a avaliação do sentimento nacional e a confrontação de elementos do discurso erudito com opiniões de cidadãos comuns. A análise aos resultados obtidos levou-nos a considerar que a via seguida era prometedora, sendo de decididamente a percorrer, procurando ampliar campo de observação e aprofundar aspectos quase só enunciados, como fora o caso da comparação de discurso erudito e popular.

²⁶ A citação de Joel Serrão consta do prefácio da obra *Portugueses Somos* (1975, p. 9), enquanto a citação de António Gedeão foi extraída da última estrofe de “Poema da Malta das Naus” ([s.d.], pp. 140-2).

3. Pré-questionário

Iniciada a exploração da representação social do Português e vislumbrada a confirmação de características afectivas figurarem no núcleo central desta representação, iniciou-se a elaboração de um instrumento final de inquirição. A elaboração desse instrumento foi antecedida por um conjunto de entrevistas aprofundadas a cujo guião se sucederam mais duas versões até chegarmos à versão final do questionário. A informação recolhida através das entrevistas aprofundadas não se analisa neste trabalho, tendo servido somente como modelo inspirador do questionário final, e esta é a razão pela a qual lhe fazemos em seguida apenas uma referência breve.

Na modalidade de entrevista semi-directiva individual, as entrevistas aprofundadas constituíram parte do pré-questionário e foram realizadas entre Março e Abril de 1993. Os entrevistados originaram uma pequena amostra estratificada de catorze cidadãos nacionais seleccionados pela diversidade da sua caracterização quanto a sexo, idade, escolaridade, profissão e local de residência (urbano ou rural).

Os temas abordados no guião da entrevista foram os que constam do questionário final e que adiante se apresentam. O objectivo principal desta modalidade de inquirição foi averiguar a pertinência das perguntas e da sua formulação, bem como a exploração prévia do campo de inquirição, de forma mais aprofundada e alargada que a permitida pelos dois questionários exploratórios.

O tempo de cada entrevista variou entre 60 e 120 minutos, registando-se uma duração média de 90 minutos²⁷.

²⁷ Há, no entanto, uma apreciação muito breve e global que nos parece oportuno registar. No decurso da fase de entrevista aprofundada individual, seria quase *impossível* não tomar consciência da “realidade” do mental presente na estruturação que as ideias permitem arquitectar. Quero dizer: ali estavam, na minha frente, dia após dia, pessoas que não se conheciam entre si, que se iam definindo aos meus olhos pela diversidade de características pessoais (sexo, idade, escolaridade, actividade profissional, residência) e todo um campo específico de experiências e vivências individuais, e de competências variadas – de léxico e de expectativas gerais, nomeadamente quanto à utilidade da oferta do seu tempo para a realização da entrevista. Estas pessoas, tão diferentes entre si, ali estavam tacteando a sua forma de expressão para um nível da realidade que as aproximava e lhes era comum: os Portugueses e as suas características. Assim, enquanto um dos entrevistados, licenciado, professor, me dizia a terminar que já *descobrira* o meu objectivo – a identificação dos cidadãos portugueses com o modo de ser-português – e que achava estar no bom caminho, outro entrevistado, marinheiro, quarta classe, dizia-me do seu quase descontentamento por não descobrir utilidade nas suas

4. Questionário Geral

A partir do guião das entrevistas aprofundadas e atendendo à informação assim obtida, elaborou-se uma primeira versão do questionário geral que foi aplicada durante o mês de Julho de 1993 a uma amostra de estudantes universitários. Mais duas versões se construíram posteriormente, seleccionando ou reformulando perguntas. Dado que a última destas versões é a responsável pela recolha da maior parte da informação analisada neste trabalho, apresentam-se em seguida unicamente as perguntas constantes da mesma e que designada como Questionário Geral.

O Questionário Geral consta de três partes: a primeira parte composta por associações livres, com palavras-estímulo relativas a Portugal, aos Portugueses e ao ser Português; a segunda parte referente a conceitos de nacionalidade, características nacionais e identidade nacional; a última parte respeitante à caracterização da imagem de si e outros elementos pessoais do respondente. De um modo geral o questionário foi organizado para permitir uma análise do confronto entre características atribuídas aos Portugueses e características auto-atribuídas pelos inquiridos. O fac-símile do questionário é apresentado em anexo (Anexo II).

respostas (mesmo após a justificação que então lhe apresentei das mesmas). Havia pensado que lhe fosse perguntar sobre algo que ele *sabia* - coisas do mundo da marinha mercante ou da pesca ou ali da aldeia... para se estudarem novas formas de acção, de desenvolvimento ou de protecção. Contudo, e exprimindo-se diferentemente, um e outro evidenciavam “conhecimentos” sobre o objecto em estudo – a imagem que traziam em si dos Portugueses e a sua identificação com ela. O marinheiro resolve a dificuldade inerente à escolha das *imagens ambíguas* (que a seguir se descrevem) apelando a um cenário *empírico* do seu quotidiano e criando assim um novo contexto descritor do Português: a nível global, comparando o México a Portugal, comparação tornada possível pelas suas viagens, as quais lhe permitem ainda, para as características psicossociais dos Portugueses, indicar Gregos, Espanhóis, Italianos como mais semelhantes e Alemães, Ingleses como seus contrários. O licenciado, dispondo de outros recursos intelectuais, ao ser confrontado com a referida ambiguidade, procura resolvê-la através do apelo a *elementos teóricos* do discurso erudito (citações de Agostinho da Silva e de António José Saraiva, este último evocado nomeadamente para a distintividade de Portugueses e Espanhóis através da imagem do Cristo-Menino em Portugal e do Cristo-Crucificado em Espanha, com a qual se mostra concordante).

Evocação de objectos: perguntas de associação livre

As perguntas de associação livre, a iniciar o questionário, solicitavam ao inquirido para registar aquilo que lhe era de imediato evocado por três palavras indutoras: “Portugal” (P01), “Portugueses” (P02), “Ser Português” (P03). O carácter espontâneo das produções verbais assim induzidas permite aceder rapidamente ao universo semântico dos objectos em estudo. O que justificará a denominação da associação livre como “une technique majeure pour recueillir les éléments constitutifs du contenu de la représentation, ce qui explique son succès actuel et son utilisation systématique dans nombreuses recherches” (Abric, 1994a, p. 66). No entanto, e apesar disto, procurou-se ao longo do questionário compensar algumas das limitações apontadas a esta técnica, nomeadamente através da formulação de perguntas mais estruturadas sobre os assuntos abordados nesta primeira parte.

Discurso e temas: perguntas estruturadas sobre Portugal e os Portugueses

A segunda parte do questionário reúne perguntas de formato diverso – perguntas fechadas, perguntas abertas, perguntas semi-directivas, escalas de opinião – organizadas em diferentes áreas temáticas que se passam a apresentar.

a) representação dos Portugueses

As três primeiras perguntas desta parte visaram definir o Português, permitindo uma maior explicitação do pensamento após a estimulação inicial da fase de associação livre. Tratou-se de perguntas de estrutura semelhante, em que a tarefa pedida consistia na conclusão de uma frase. Assim, na pergunta P04 solicitava-se ao respondente que completasse pelo menos cinco vezes a frase “Os Portugueses são...”; na pergunta P05 (“Os portugueses são acima de tudo...”) era pedida a selecção do(s) traço(s) mais característico(s) dos Portugueses e na terceira destas perguntas procurava-se caracterizar os Portugueses pela ausência de certas características – “O que os Portugueses não são é...” (P06). Na elaboração deste tipo de perguntas inspirámo-nos na *introspecção focalizada* desenvolvida por Marisa Zavalloni (1973, 1975).

b) sentimento nacional

As três perguntas seguintes eram perguntas fechadas destinadas a avaliar o sentimento nacional e já tinham sido utilizadas na Fase B: P07 (“Considera-se português? Porquê? Indique três motivos.”), P08 (“Gosta de ser português? Porquê? Indique três motivos.”) e P09 (“Gostaria de ter nascido noutra país? Se sim, qual e porquê.”).

c) identificação nacional

Embora a identificação nacional tenha sido estudada através de diversas perguntas, numa destas solicitava-se o grau de identificação explícita com a maneira de ser dos portugueses (“Identifica-se com a maneira de ser dos Portugueses?”, P10), sendo o grau de identificação expresso numa escala de 5 níveis entre “Identifico-me totalmente “ e “Não me identifico”.

d) discurso erudito, discurso popular e características nacionais

Através de afirmações incompletas, foi pedido aos inquiridos que apreciassem um conjunto de dez afirmações para caracterização dos Portugueses (“Pensando nos Portugueses, complete as seguintes frases”, P11). Estas afirmações provinham dos autores nacionais analisados no Capítulo 4 e a sua escolha assenta no destaque dado pelos mesmos a algumas características nacionais; em alguns casos, a estrutura original das frases foi alterada para simplificar a sua apresentação.

As dez afirmações em estudo, à excepção de uma (Aquilino Ribeiro), voltaram posteriormente a ser apresentadas aos inquiridos, já completas e segundo outra ordenação, tendo-se-lhes juntado mais três afirmações anteriormente não mencionadas (Fernando Pessoa, Jorge Dias e José de Almada Negreiros). A inclusão destas últimas pareceu-nos justificar-se por virem explicitar dimensões de características atribuídas aos Portugueses. Neste conjunto de doze afirmações, foi solicitado aos inquiridos que escolhessem as três que considerem mais representativas dos portugueses (“Nas frases que se seguem, quais são para si as que melhor caracterizam os Portugueses? Sublinhe a letra das TRÊS frases mais características”, P16).

O Quadro 3 apresenta as afirmações utilizadas, a referência ao seu autor e a versão incompleta inicialmente apresentada²⁸.

Quadro 3: Discurso erudito em avaliação pelo discurso popular (P11 e P16)

<i>Autor</i>	<i>Formato adoptado em P11</i>	<i>Formato adoptado em P16</i>
Agostinho da Silva	1 - Ser português é uma complicação mas também é....	I - Ser português é uma complicação mas também é engraçado.
Francisco da Cunha Leão	2 - O Português é mais... fora de Portugal que dentro dele.	D - O Português é mais patriota fora do país que dentro dele.
Aquilino Ribeiro	3 - Onde o Português chega...	F - Onde o Português chega há tertúlia; desenvolve-se a afabilidade; alarga-se o halo humano.
Aquilino Ribeiro	4 - Por esse mundo fora o Português poderá não ser o mais ... mas é concerteza o mais ...	
D. Francisco Manuel de Melo	5 - Os Portugueses são conhecidos entre as outras nações por...	J - Os Portugueses são conhecidos entre as outras nações por amorosos.
Jorge de Sena	6 - Todos os Portugueses se imaginam...	C - Não há Português que não se suponha um pinga-amor, universalmente irresistível.
Jorge Dias	7 - O Português dá mais valor aos sentimentos do que...	E - O Português dá mais valor aos sentimentos que ao lucro e ao utilitário.
Francisco da Cunha Leão	8 - O que para os outros povos se faz pela vontade, em Portugal faz-se...	B - O que para outros povos se faz pela vontade em Portugal faz-se pelo sentimento.
Fernando Dacosta	9 - Os Portugueses não são gentes de paixões mas sim de...	L - Os Portugueses não são gente de paixões mas de ternuras.
Miguel de Unamuno	10 - Os Portugueses consideram-se antes de mais e acima de tudo...	H - Um Português reconhecerá facilmente que outro povo se lhe avanteja em riqueza, em poderio, em ciência, em arte, mas não em sentimentalismo. Consideram-se antes de mais e acima de tudo sentimentais.
Fernando Pessoa		A - O povo português é um dos mais civilizados da Europa.
Jorge Dias		G - O Português não gosta de fazer sofrer e evita conflitos.
José de Almada Negreiros		M - O humano deve ser a única varonia de Portugal.

²⁸ No Capítulo 9, ao serem discutidos os resultados obtidos através das perguntas P11 e P16, indicam-se versão original (citação) e proveniência de cada uma das afirmações.

Além de constituir uma outra forma de inventário às características espontaneamente atribuídas aos Portugueses (em certa medida uma nova associação livre), a comparação entre a versão original das afirmações e o modo como os inquiridos completaram as mesmas permite confrontar o discurso dos respondentes com o discurso erudito sobre os Portugueses, objectivo complementar deste trabalho, como já foi referido.

e) representação de Portugal e emblemas nacionais

Para além da evocação de Portugal em associação livre, apresentou-se uma pergunta destinada a recolher descrições de Portugal sob uma forma narrativa – “Portugal para si é...” (P12).

Numa terceira pergunta sobre Portugal, apelávamos ao que fosse considerado de maior representatividade: “Em seu entender o que é que mais representa Portugal?” (P13). Interessava-nos observar se espontaneamente os respondentes recorriam e em que medida aos emblemas nacionais para simbolizar Portugal.

f) identidade portuguesa: teorização implícita

Entendeu-se que as concepções sobre a nacionalidade portuguesa poderiam constituir mais um contributo à forma de identificação dos inquiridos: identificação por pertença comunitária ou identificação por cidadania. Através de duas perguntas se procurou averiguar estes aspectos. Ambas perguntas fechadas, tendo “Sim”, “Não”, “Não Sei” como alternativas e para as quais se pedia, em cada caso, a justificação da resposta: “Ser português do Minho ou do Algarve é a mesma coisa que ser português de qualquer outra parte de Portugal? Porquê?” (P14) e “Acha que se pode deixar de ser português? Porquê?” (P15).

g) perspectivação da identidade portuguesa

A segunda parte do questionário concluía-se com duas perguntas sobre os modos antigo e futuro de ser português: “Como acha que eram antigamente os Portugueses?” (P18) e “Como acha que serão os Portugueses daqui a trinta anos? E porquê?” (P19).

Estas perguntas visavam deslocar no tempo a representação social da identidade nacional. Relativamente ao passado, os elementos atribuídos

poderiam contribuir para a reconfirmação da persistência de traços afectivos; quanto à imagem futura dos Portugueses, o tipo de características atribuídas poderia indiciar eventuais transformações em curso.

Na terceira parte introduziu-se uma pergunta em parte relacionada com a perspectivização da identidade portuguesa, dado que se procurou conhecer a importância que os respondentes atribuíam ao Afecto. Tratou-se da pergunta P20 (“O Afecto é para si...”), em que a importância atribuída era expressa numa escala de 5 níveis entre “Muito importante “ e “Nada importante”. Na mesma pergunta pedia-se aos inquiridos a justificação da resposta.

Representação de identidade pessoal

A terceira parte do questionário, realizada separadamente das anteriores, visava a descrição dos inquiridos e incluía quatro perguntas. As três primeiras solicitavam ao respondente uma auto-definição em moldes semelhantes ao usado na definição dos Portugueses. Primeiramente solicitou-se que respondessem pelo menos cinco vezes à pergunta “Quem sou eu?” (P20), em seguida, que completassem as frases “Eu sou acima de tudo...” (P22) e “O que eu não sou é...” (P23). Estas três perguntas e uma quarta (P24), em que se recorre às *imagens ambíguas*, anteriormente utilizadas para descrição dos portugueses (P21) e agora adaptada à descrição do respondente, integrando-se na validação experimental do núcleo central e que apresentaremos em seguida, possibilitaram uma comparação directa entre os modos de se auto-representar e de representar a identidade portuguesa.

Representação da identidade portuguesa: delimitação experimental do núcleo central

Pela importância de que se revestia para a confirmação ou invalidação da nossa hipótese, pretendemos delimitar experimentalmente o núcleo central da representação dos Portugueses através do Questionário Geral, ou seja, recorrendo a uma amostra que poderíamos caracterizar multiplamente. Posteriormente, com uma nova amostra, realizámos uma última verificação experimental. Na primeira situação trabalhámos com o que se designou por

imagens ambíguas e no segundo caso com o que denominámos *cenário ambíguo*. Antes de se descreverem os dois procedimentos, passamos a apresentar o enquadramento teórico metodológico que os fundamenta.

a) indução por cenário ambíguo: pressupostos

A utilização no Questionário Geral de imagens que ambigualmente descrevessem os Portugueses parte do pressuposto das duas componentes de uma representação social – *núcleo* e *periferia* (Abric, 1976). A constituição destas imagens, por um lado, teve em conta resultados de estudos que validam a teoria do núcleo central, nomeadamente os procedimentos seguidos por Abric no estudo do artesanato e destinados à verificação de elementos do núcleo central (Abric, 1984, 1989); por outro lado, foi inspirada no método de *indução por cenário ambíguo* (ISA) empregue por Moliner para verificação experimental das características do núcleo central (Moliner, 1989, 1993, 1994)²⁹.

Os trabalhos realizados em torno da noção de *cenário ambíguo* desenvolvem um argumento designado como *pôr em causa* (“mise en cause”) e que visa dificultar o reconhecimento de um objecto de representação. Este procedimento consiste na apresentação de uma descrição neutra³⁰ do objecto de representação (*cenário ambíguo*), sendo essa descrição clarificada apenas pela negação de uma característica que se hipotetiza integrar o núcleo central (ou a periferia) da representação. Atendendo às premissas da teoria do núcleo central, Moliner preconiza que num cenário em que se inclui a negação de uma característica central o objecto se torna ambíguo, não podendo a ser reconhecido como objecto da representação em estudo: “si l’on présente aux sujets un objet ambigu pour

²⁹ O método ISA realiza-se em duas fases. Numa fase exploratória, designada *fase de indução* (Moliner, 1994, p. 221), procura-se identificar potenciais elementos do núcleo central da representação em estudo; “a ce stade, ISA nous permet uniquement de formuler des hypothèses” (Moliner, 1993, p. 15). Numa segunda fase, destinada à validação experimental das hipóteses (*fase de refutação*, Moliner, 1994, p. 221), é testada a centralidade dos elementos identificados na fase anterior, recorrendo ao argumento “mise en cause”. Uma vez que, no nosso estudo, a identificação de potenciais elementos centrais tinha sido feita através dos resultados dos estudos exploratórios e da análise ao discurso erudito, os procedimentos adoptados inspiraram-se apenas na segunda fase do método ISA.

³⁰ Uma descrição é considerada neutra em virtude de por si só não ser suficiente para induzir o reconhecimento do objecto de representação. Apenas ao ser-lhe adicionada uma característica central poderá o objecto ser reconhecido como objecto da representação social em estudo.

lequel on a mis en cause une des [de ces 4] caractéristiques [centrales], l'objet présenté ne devrait pas être reconnu comme objet de représentation” (Moliner, 1993, p. 16).

O pressuposto fundamental é o seguinte: se um cenário descrever um objecto negando um elemento do núcleo central da sua representação, esse cenário será rejeitado.

A adaptação que fizemos nas imagens ambíguas não segue directamente esta prescrição. Enquanto que no método ISA cada cenário ambíguo é construído de forma a apresentar apenas *uma* característica do objecto, da qual se faz a negação, nós optámos pelo confronto em cada imagem de elementos centrais com elementos periféricos. A inclusão em cada imagem de mais do que uma característica permitiu reduzir significativamente o número de imagens.

b) construção de *imagens ambíguas*

Ao utilizar imagens para descrição dos Portugueses, que simultaneamente afirmavam e negavam características do núcleo central e características e periféricas, foi necessário pressupor diferentes modos de resposta em função da respectiva natureza de cada imagem. Assim, admitiu-se: a) que fossem menos escolhidas as imagens que rejeitassem itens centrais; b) que o nível de rejeição fosse depender de na imagem se afirmarem ou não itens centrais.

Cada uma das imagens, que denominamos *ambíguas*, foi constituída por três características psicossociais (as duas primeiras afirmadas e a terceira negada), e pretendendo descrever maneiras de ser e agir dos Portugueses e sujeito inquirido. Seleccionaram-se seis características para formar as oito imagens utilizadas: *dar muita importância à amizade, ser atencioso e agradável nas relações sociais, ser trabalhador, ser corajoso, ser criativo (engenhocas), revoltar-se com injustiças sociais*. Estas seis características haviam sido propostas para caracterização dos Portugueses nas fases iniciais da inquirição (Fases A e B) e os resultados obtidos tinham permitido avançar algumas hipóteses de trabalho quanto à sua posição central ou periférica na definição da imagem dos Portugueses.

c) formulação das perguntas sobre as *imagens ambíguas*

A pergunta P17, destinada à caracterização dos Portugueses, propunha ao inquirido duas tarefas e teve a seguinte formulação: “Vou apresentar-lhe algumas maneiras de ser que podem ser aplicadas a alguns povos. Pensando no povo português, gostava que me dissesse qual a sua opinião para cada uma delas, usando na escala que se segue a opção que mais lhe agrada”. A escala à disposição do respondente para classificação de cada uma das oito imagens constava de 5 níveis (1 - Não concordo a 5 - Concordo plenamente). Feita a avaliação individual das imagens, pedia-se a realização da segunda tarefa: “Gostava ainda que escolhesse qual destas maneiras de ser se parece mais e menos com o povo português, indicando a letra da respectiva frase”; o inquirido tinha então de seleccionar a imagem mais semelhante e a imagem mais oposta à sua maneira de conceber o povo português.

Para caracterização da auto-imagem dos inquiridos foi empregue uma pergunta semelhante mas adaptada, como atrás se referiu (“Das seguintes pessoas que lhe vou apresentar, gostava que indicasse o grau de semelhança que julga terem consigo usando a escala que se segue”, P24), e, de forma análoga, se pediu a execução das duas tarefas que se acabam de descrever (Quadro 4).

A representação da identidade pessoal por imagens ambíguas destinou-se a avaliar a identificação implícita do respondente com a imagem dos Portugueses, permitindo observar se existia ou não aproximação entre identidade pessoal e identidade nacional.

Identificação dos respondentes

O questionário terminava com um conjunto de perguntas para caracterização dos respondentes, em que se pedia que indicassem sexo, idade e naturalidade (informação discriminada por freguesia, concelho e distrito).

Quadro 4: *Imagens ambíguas: P17 e P24*

<i>Imagens apresentadas em P17</i>	<i>Imagens apresentadas em P24</i>
A - É um povo criativo (engenhocas) e que se revolta com injustiças sociais, mas que não dá importância à amizade.	A - É uma pessoa criativa (engenhocas) e que se revolta com injustiças sociais, mas que não dá importância à amizade.
B - É um povo que se revolta com injustiças sociais e que é atencioso e agradável nas relações sociais, mas que não dá importância à amizade.	B - É uma pessoa que se revolta com injustiças sociais e que é atenciosa e agradável nas relações sociais, mas que não dá importância à amizade.
C - É um povo que dá muita importância à amizade e que é atencioso e agradável nas relações sociais, mas que é covarde.	C - É uma pessoa que dá muita importância à amizade e que é atenciosa e agradável nas relações sociais, mas que é covarde.
D - É um povo que dá muita importância à amizade e que é trabalhador, mas que é covarde.	D - É uma pessoa que dá muita importância à amizade e que é trabalhadora, mas que é covarde.
E - É um povo corajoso, atencioso e agradável nas relações sociais, mas que não dá importância à amizade.	E - É uma pessoa corajosa, atenciosa e agradável nas relações sociais, mas que não dá importância à amizade.
F - É um povo que dá muita importância à amizade e que é criativo, mas que é desabrido e desagradável nas relações sociais.	F - É uma pessoa que dá muita importância à amizade e que é criativa, mas que é desabrida e desagradável nas relações sociais.
G - É um povo corajoso e que dá muita importância à amizade, mas que é desabrido e desagradável nas relações sociais.	G - É uma pessoa corajosa e que dá muita importância à amizade, mas que é desabrida e desagradável nas relações sociais.
H - É um povo que dá muita importância à amizade e que é atencioso e agradável nas relações sociais, mas que não gosta de trabalhar.	H - É uma pessoa que dá muita importância à amizade e que é atenciosa e agradável nas relações sociais, mas que não gosta de trabalhar.

5. Questionário complementar: segunda validação experimental do núcleo central

Este último instrumento de inquirição tem por objectivo específico testar, através do que designámos por *cenário ambíguo*, a constituição do núcleo central da representação dos Portugueses delimitada nas fases anteriores e, tal como afirmámos anteriormente, inspira-se no método ISA.

Atendendo aos objectivos visados, na construção do presente instrumento, a selecção dos itens centrais a incluir no cenário foi feita a partir dos resultados obtidos nas fases A e B e mediatizada pelas referências eruditas.

Ao conjunto das seis características anteriormente testadas (*imagens ambíguas*) retirámos uma característica considerada periférica (*revoltar-se com injustiças sociais*) e juntámos outra hipotetizada como central (*ser sentimental*), retirada de uma referência erudita (afirmação de Unamuno, apresentada no Quadro 3).

O *Cenário Ambíguo* elaborado consistiu na descrição de um personagem fictício (H.), sem que fosse feita qualquer referência quer à nacionalidade quer a traços de personalidade que pudessem influenciar as respostas dos inquiridos. A estes era pedido que, numa escala de 6 níveis, avaliassem a possibilidade de H. ser uma pessoa de nacionalidade portuguesa. No total, empregámos sete versões do cenário ambíguo: seis afirmando as características em estudo e uma negando *Dar importância à amizade*, versão que se apresenta em seguida (Quadro 5).

Quadro 5: Exemplo de *Cenário Ambíguo*

<p>“H. é uma pessoa de um determinado país que gosta de conhecer pessoas de outros países. Do contacto com algumas delas, apercebeu-se de que partilha com todas certas características pessoais. No entanto, também já se apercebeu de que tem determinadas características que é mais frequente encontrar entre as pessoas do seu país que nas de outros países. Entre estas características, aquela que considera mais evidente é ser uma pessoa que não dá importância à amizade.”³¹</p>						
<p>Em seu entender, poderemos considerar H. uma pessoa do seguinte tipo:</p>						
Descritores	Muito provável -mente não [1]	[2]	[3]	[4]	[5]	Muito provável -mente Sim [6]
<p>Uma pessoa de nacionalidade portuguesa.</p>						
<p>Uma pessoa corajosa.</p>						
<p>Uma pessoa trabalhadora.</p>						
<p>Uma pessoa simpática.</p>						
<p>Uma pessoa criativa.</p>						
<p>Uma pessoa que dá muita importância à amizade.</p>						
<p>Uma pessoa atenciosa e agradável nas relações sociais.</p>						

A cada sujeito inquirido foi apresentado apenas um cenário para descrição de H.

³¹ O texto de cada cenário foi concluído de forma diferente, consoante a característica que se pretendia testar.

Aplicando os pressupostos do método ISA anteriormente referidos, ao ser descrito por um cenário que negue uma característica central, o objecto representado H. não será reconhecido enquanto português, mas sê-lo-á se a descrição afirmar essa característica; contrariamente, a confrontação com um cenário onde figurem apenas características periféricas não permite ao sujeito concluir se H. é ou não o uma pessoa de nacionalidade portuguesa.

Para além do reconhecimento da nacionalidade, solicitava-se ainda aos inquiridos que completassem a caracterização de H. através de uma grelha constituída por seis descritores. Estes descritores repetem os itens empregues na constituição dos diferentes cenários, tendo-se ainda adicionado o descritor *Simpático*, em função dos resultados obtidos nas Fases D a F. Esta caracterização suplementar tinha por objectivo avaliar se a composição dos cenários influenciava ou não a atribuição de outras características a H.

Inquirição e amostras

A recolha de informação empírica, como já foi referido, realizou-se entre 1988 e 1995 no Algarve e no Alentejo, e constou de várias fases (Quadro 6). Em seguida apresentam-se as populações utilizadas em cada fase e faz-se uma breve descrição das amostras inquiridas. Uma descrição mais completa será feita no momento de apresentação dos resultados na Terceira Parte.

Quadro 6: Populações e amostras inquiridas

<i>Fases</i>	<i>População</i>	<i>Inquiridos</i>	
Fase A	Cidadãos comuns	N = 215	(113 masc. + 100 fem. + 2 s/dados)
Fase B	Estudantes universitários	N = 131	(49 masc. + 82 fem.)
Fase C	Cidadãos comuns	N = 14	(7 masc. + 7 fem.)
Fase D	Estudantes universitários	N = 24	(7 masc. + 17 fem.)
Fase E	Estudantes universitários	N = 56	(24 masc. + 32 fem.)
Fase F	Estudantes universitários (F1)	N = 125	(57 masc. + 68 fem.)
	Estudantes do ensino secundário (F2)	N = 100	(41 masc. + 59 fem.)
Fase G	Estudantes universitários (G1)	N = 119	(49 masc. + 70 fem.)
	Cidadãos comuns (G2)	N = 29	(15 masc. + 14 fem.)
Total		N = 813	(362 masc. + 449 fem. + 2 s/dados)

Fase A

Na definição do plano de amostragem deste primeira inquirição não foi tida em conta qualquer representatividade numérica; pretendia-se apenas que a amostra apresentasse alguma estratificação, pelo que se seleccionaram os respondentes em função de quatro variáveis: sexo, idade, escolaridade, actividade profissional. Contudo, devido à situação actual do Algarve como região migratória de destino, tornou-se possível contar com uma quinta variável – a naturalidade (Algarve / Fora do Algarve). Tendo a inquirição sido dirigida a cidadãos algarvios residentes em Faro e Tavira, obteve-se uma amostra bastante heterogénea, em que a diversidade etária, de habilitações escolares e de áreas profissionais permitiu avaliar com alguma segurança tendências comuns na atribuição de características aos Portugueses. O inquérito realizou-se porta a porta e consideraram-se válidos 215 questionários.

Fase B

Nesta segunda fase de inquirição, procurou-se reduzir a heterogeneidade presente na amostra anterior e no respeitante às variáveis sociodemográficas, dado que a análise dos resultados não revelara inclinação significativa das mesmas (Capítulo 6). A população-alvo nesta fase foram apenas jovens estudantes universitários frequentando a Universidade do Algarve nos cursos de Biologia Marinha e Pescas, Engenharia Hortofrutícola, Línguas e Literaturas Modernas, Economia e Gestão de Empresas e Ensino de Informática na. A recolha de informação foi realizada em Janeiro de 1992 através de questionário e em aplicação colectiva, considerando-se válidos 131 questionários.

Fase C

A fase de avaliação preliminar do modelo de questionário final foi realizada junto de uma amostra estratificada de 14 respondentes em situação de entrevista aprofundada. Não se teve em conta a

representatividade das quotas utilizadas, uma vez que o objectivo principal era reintroduzir nesta fase de pré-inquérito a diversidade sociodemográfica no discurso produzido sobre os Portugueses. A amostra incluiu igual número de respondentes do sexo masculino e feminino, de três níveis etários (idades compreendidas entre os 18 e os 72 anos), com diferente escolaridade (ensino primário, secundário e superior) e com actividade profissional diversa (domésticas, operários, comerciantes, empregados de serviços, estudantes, professores), residindo em meio urbano (Faro) e meio rural (Fuseta, concelho de Olhão).

Fases D a F

Na primeira destas fases (Fase D), procurou-se testar o modelo de questionário desenvolvido a partir do guião de entrevista aprofundada empregue na fase anterior. A amostra utilizada consistiu em 24 jovens estudantes da Universidade do Algarve frequentando o primeiro ano das licenciaturas em Engenharia do Ambiente e Biologia Marinha e Pescas. Tratou-se de uma amostra que se pode considerar homogénea, em que apenas género sexo e naturalidade introduzem diversidade.

A Fase E consistiu na aplicação de uma versão ligeiramente modificada do questionário empregue na Fase D e compreendeu uma amostra de 56 jovens estudantes dos cursos de Engenharia Hortofrutícola e Línguas e Literaturas Modernas da Universidade do Algarve.

Na Fase F, a versão final do questionário (Questionário Geral) foi integralmente aplicada a uma amostra de 125 jovens estudantes da Universidade do Algarve (alunos dos cursos de Matemática, Engenharia Hortofrutícola, Ensino Informática, Informática de Gestão e Engenharia de Sistemas e Computação) e a uma amostra de 100 estudantes do ensino secundário frequentando a Escola Secundária de Olhão – 12º ano – e a Escola Secundária de Loulé – 10º ano, via técnico-profissional de Informática.

No que se refere ao conjunto de perguntas elaboradas, como se referiu, o texto inicial do questionário foi sofrendo alterações, pelo que nem todas as perguntas foram objecto de inquirição nestas três fases. Embora os resultados que se vão analisar na Terceira Parte deste trabalho provenham, na sua maioria, da versão final do questionário, em alguns casos o conjunto

da informação que se apresenta aglutina respostas colhidas ao longo das diferentes fases de inquirição. Sempre que assim acontece, os efectivos da amostra deixam de ser os 225 inquiridos da Fase F, variando em função das fases em que a pergunta em apreciação foi apresentada e atingindo um máximo de 305 respondentes.

Fase G

A informação recolhida na Fase G destinou-se a uma segunda e última verificação experimental da presença de itens afectivos no núcleo central da representação social dos Portugueses, tendo ainda como objectivo tornar esta verificação extensiva a inquiridos não estudantes.

A inquirição decorreu em dois momentos distintos, recorrendo-se em cada um deles a amostras e a procedimentos diferentes.

A primeira amostra incluiu 119 estudantes universitários frequentando cursos de licenciatura na Universidade de Évora (Ensino de Física e Química) e na Universidade do Algarve (Matemática, Bioquímica, Ensino de Informática, Informática de Gestão e Engenharia de Sistemas e Computação), podendo ser caracterizada, em traços largos, como homogénea no que respeita à idade e nível de formação escolar. Os estudantes foram inquiridos através de questionário aplicado colectivamente, tendo-se procurado garantir que os sete cenários ambíguos construídos fossem utilizados em igual proporção.

Dado que na constituição dos cenários ambíguos se incluía uma característica extraída do discurso erudito, pretendeu-se averiguar se este discurso era igualmente partilhado por franjas mais heterogéneas da sociedade portuguesa, tal como se revelara entre os estudantes. Com esta finalidade inquiriu-se uma pequena amostra socialmente diversificada, nomeadamente quanto à situação socio-económica dos informantes, de 29 cidadãos residentes no Algarve. Em consequência, esta segunda amostra caracteriza-se por uma notória diversidade interna quanto a idade (idade média de 47 anos), níveis de escolarização (57% até ao ensino primário) e actividade profissional (cerca de um terço dos respondentes distribuídos pelos sectores primário e secundário). A inquirição fez-se por entrevista, e, para encurtar a realização desta fase, usaram-se apenas cenários ambíguos referentes às características hipotetizadas como constituintes do núcleo

central. Consequentemente, os resultados obtidos com esta amostra poderão ser tomados como reforço de âmbito mais alargado ao teste da hipótese inicial deste trabalho.

Como nota final sobre as populações inquiridas e a preferência dada à população jovem importará dizer o seguinte.

Em primeiro lugar, os estudos exploratórios, desenvolvidos nas Fases A a C, mostraram que a diversidade etária e sócio-económica das populações inquiridas não introduziu diversidade sistemática nos modos de resposta, pelo que o trabalho com uma população homogénea se nos apresentou como opção metodológica defensável.

Em segundo lugar, o principal objectivo deste estudo é verificar se a afectividade permanece elemento do núcleo central da representação da identidade portuguesa. Deste ponto de vista, os jovens são, de entre os cidadãos portugueses, aqueles que se apresentam com maior capacidade para intervir no processo de manutenção/transformação das representações sociais da identidade nacional. Por um lado, constituem um extremo etário, no que se tornam um estrato adequado para estudar quer a permanência quer a eventual transformação dos conteúdos identitários nacionais. Por outro lado, são a parte da população nacional que poderá ou não assegurar a passagem da antiga imagem do Português Amoroso.

Em consequência, e como amostra principal, inquirimos jovens universitários e estudantes da fase final do secundário. Por razões logísticas decorrentes da nossa situação como docente na Universidade do Algarve, esta opção viabilizou, em parte, os custos inerentes ao processo de inquirição.

C. Materiais e sua análise

Os materiais referentes ao discurso erudito foram analisados segundo alguns procedimentos gerais da análise de conteúdo. Para análise dos materiais recolhidos por inquirição, em conformidade com o anteriormente indicado, recorreu-se simultaneamente a técnicas seguidas nos estudos realizados segundo a orientação de Aix-en-Provence (identificação do

núcleo central) e a procedimentos empregues pelo grupo de investigação de Genebra (identificação de princípios organizadores da representação).

Informação documental

Nos textos seleccionados como representativos do discurso erudito procurámos descrições e imagens de Portugal, características atribuídas e negadas aos Portugueses e, sempre que possível, características que em cada autor se poderiam considerar fundamentais ou estruturantes do *Português*. Inventariaram-se as palavras usadas para descrever Portugal e os Portugueses (campos representacionais) e isolaram-se expressões que, em nosso entender, organizavam os respectivos campos representacionais, numa tentativa de delimitar o núcleo central da representação erudita da identidade portuguesa. Na identificação destas expressões seguiu-se uma metodologia próxima da análise de saliência proposta por Vergès (1992) e que consiste em considerar simultaneamente dois critérios de saliência (a frequência da palavra ou da expressão no *corpus* total e o relevo que lhe é dado pelo autor que as emprega)³².

Em consequência desta orientação, obtiveram-se elementos de caracterização geral, provenientes do conjunto dos autores antologiadados, e caracterizações-síntese extraídas de alguns autores e que se poderão considerar paradigmáticas do Português.

Informação empírica

O conteúdo das respostas obtidas em cada fase de inquirição foi transcrito para um suporte informático, sendo corrigidos os erros ortográficos dados pelos respondentes e esclarecidas, sempre que possível, dúvidas de grafia. A partir desse momento, toda a análise foi efectuada a partir do registo informático das respostas.

³² No ponto seguinte, nomeadamente quando se apresentarem as técnicas de exploração dos *corpora* obtidos empiricamente, será feita uma exposição mais pormenorizada da técnica a que nos estamos a referir.

1. Procedimentos de delimitação e exploração dos *corpora*

As perguntas cujas resposta eram dadas por associação livre ou completando afirmações deram origem a um conjunto de palavras, por vezes frases, que foi necessário organizar num *corpus* analisável. Sintetizam-se em seguida os principais aspectos metodológicos relacionados com a constituição dos diferentes *corpora* que se obtiveram a partir de cada um deste tipo de perguntas. Importará dizer que para respostas a algumas perguntas mais estruturadas se seguiram estes mesmos procedimentos (P12, por exemplo). Trata-se de procedimentos próximos dos princípios de *lemmatisation* sugeridos por Lebart e Salem (1994) e em muito semelhantes aos usados por outros autores com o mesmo objectivo (Di Giacomo, 1981, Poeschl, 1992, Amâncio, 1994) e que designamos por *redução lexical*.

As respostas completas de cada respondente foram desagregadas desde que contivessem mais de um elemento informativo. Depois de suprimir as palavras auxiliares (artigos, preposições...), os elementos obtidos foram agrupados por proximidade lexical. Para isso, ignorou-se o género, o número e, no caso de adjectivos, o grau³³; os verbos foram convertidos ao modo infinitivo e, sempre que possível, transformaram-se expressões na respectiva forma adjectivada, como “Simpáticos” em lugar de “Com simpatia”. Considerou-se assim como frequência de um vocábulo (ou expressão) o somatório do número de ocorrências de todas as suas formas flexionadas, aumentativas, diminutivas. Este procedimento levou à elaboração de uma lista dos diferentes elementos referidos pelos inquiridos e respectiva frequência de ocorrência, constituindo-se o *corpus* semântico de cada pergunta de evocação.

Para caracterização de cada *corpus* foi tido em conta a sua dimensão, avaliada pelo número de itens que o constituem, a sua fluidez, avaliada pelo número de itens diferentes que o constituem e que traduz a amplitude do léxico que a pergunta torna acessível, e a sua riqueza, avaliada pela razão entre as duas medidas anteriores e que reflecte a riqueza do conceito em causa e o volume de informação que ele integra. Estas medidas

³³ De um modo geral, optou-se pela forma gramatical mais frequentemente utilizada no *corpus* (“Simpáticos” em vez de “Simpático”). No caso dos graus dos adjectivos, apenas se manteve a situação em que o grau invertia o significado da palavra (transformou-se “Muito simpáticos” em “Simpáticos” mas manteve a expressão “Pouco Simpáticos”).

permitem a comparação entre *corpora* diferentes obtidos através de procedimentos idênticos, averiguando assim a maior ou menor estereotipia das imagens por eles veiculadas.

Duas linhas principais orientaram a análise da informação obtida: uma análise quantitativa, em que se procurou identificar, através de uma abordagem global, as características mais salientes do *corpus* e padrões significativos de co-ocorrências, e uma análise predominantemente qualitativa, privilegiando formas particulares de resposta consideradas particularmente ilustrativas.

Na análise qualitativa, para além da procura de singularidades representativas, devido à sua expressividade, atendeu-se igualmente à congruência interna do padrão individual de resposta, recorrendo, em diversos casos, à apreciação do percurso seguido pelos inquiridos ao responderem a diferentes perguntas.

Na análise quantitativa distinguiu-se quase sempre um *corpus* principal (correspondendo às respostas da amostra total) e diferentes *subcorpora* (correspondentes às respostas das diferentes subamostras³⁴). Considerou-se que efectuar o mesmo tipo de análise no *corpus* principal e nos respectivos *subcorpora* e comparar o que permanece e o que se altera entre amostra total e subamostras iria permitir avaliar a estabilidade dos resultados encontrados em cada uma das análises e distinguir um padrão de resposta partilhado para além de eventuais especificidades grupais. A comparação dos *corpora* obtidos em cada subamostra exigiu dois tipos de precaução: por um lado, atendendo à dimensão distinta das diferentes subamostras, é necessário levar em conta o peso diferencial dos resultados obtidos em cada uma delas; por outro lado, não sendo as variáveis estratificadoras da amostra independentes entre si, é necessário ter presente a associação que existe entre elas para compreender algumas diferenças encontradas entre *subcorpora*³⁵.

³⁴ A definição das diferentes subamostras que deram origem aos *subcorpora* teve em conta as principais variáveis estratificadoras da amostra: sexo, grau de escolaridade e naturalidade. Constituíram-se assim subamostras masculina e feminina, subamostras de respondentes do ensino secundário e universitário e subamostras de respondentes naturais do Algarve, naturais de fora do Algarve e de cidadãos portugueses nascidos no estrangeiro.

³⁵ Pelo facto de não se terem estabelecido quotas de inquirição, não foi possível garantir a independência entre as subamostras definidas com base nas diferentes variáveis estratificadoras. No Capítulo 7 será feita a apresentação das amostras inquiridas nas Fases D a F, sendo ilustrativo das situações de não independência a forte associação registada entre o nível de ensino e a naturalidade dos inquiridos, em que a maioria dos estudantes do ensino

Convirá ainda introduzir a distinção referida por Willem Doise entre análise lexical e análise temática (Doise *et al.*, 1992, p. 230). Embora tenhamos realizado uma análise predominantemente lexical, procurando interferir o menos possível na informação recolhida, para aplicação de certas técnicas ou para ilustrar certos objectivos específicos, procedeu-se, por vezes, à categorização temática das respostas, como é o caso da análise de similitude apresentada no Capítulo 8.

Na tentativa de garantir alguma objectividade no processo de categorização das respostas, procuraram-se seguir dois procedimentos básicos: por um lado, após o autor deste trabalho definir as categorias de análise para cada resposta, a sua classificação foi sempre feita por dois observadores independentes, sendo discutidas posteriormente as discrepâncias observadas; por outro lado, recorreu-se a um dicionário de sinónimos³⁶ como instrumento auxiliar na definição da familiaridade dos vocábulos.

2. Exploração do campo representacional

Para análise da estrutura do campo representacional recorreu-se às técnicas de análise da saliência e da similitude dos elementos constituintes desse campo.

Os critérios de saliência a que se submeteram os diferentes itens indicados pelos respondentes na amostra total e subamostras corresponde à frequência de ocorrência do item no *corpus* global e à ordem de evocação desse item em cada resposta individual. Segundo Pierre Vergès, existirá independência na informação transmitida por cada um destes critérios, pelo que ambos se tornam importantes na identificação dos elementos centrais e periféricos de uma representação social (Vergès, 1992). Assim, cada item presente no *corpus* é caracterizado por três medidas de saliência: o número de vezes que foi referido no conjunto de respostas em análise, o número de vezes que foi referido em primeiro lugar nas resposta individual e a média das diferentes posições que obteve nas respostas dos inquiridos que o referiram. O cruzamento entre o primeiro e o último critério de saliência

secundário são naturais do Algarve, o que não aconteceu com os estudantes universitários provenientes de todo o país.

³⁶ O dicionário utilizado foi o *Dicionário de Sinónimos*, Porto Editora, [s.d.].

permite averiguar a centralidade e periferia dos elementos de uma representação social (Grize *et al.*, 1987, Vergès, 1992): os itens considerados simultaneamente salientes por esses dois critérios (os mais frequentes e os mais prontamente evocados pelos sujeitos) podem ser considerados como potencialmente centrais.

A análise de similitude é uma técnica desenvolvida por Flament e colaboradores na Université de Provence e que remonta a 1962. Assumindo que uma Representação Social é um conjunto estruturado e hierarquizado de elementos cognitivos, a proposta metodológica de Flament procura averiguar a forma coerente como se articulam entre si esses elementos (Flament, 1981, 1987). Procede-se inicialmente à avaliação da associação existente entre os elementos constituintes da representação, a qual pode ser feita por diferentes índices de similitude, dependendo da forma como os dados foram recolhidos³⁷. A representação através de um grafo dessa matriz de similitude permite identificar classes de elementos que partilham entre si conexões fortes. Flament sugere que se construa o grafo correspondente à denominada *árvore máxima*³⁸, por este pôr em evidência os laços mais fortes que organizam os diferentes elementos da representação (Flament, 1986, pp. 143-4). A análise da configuração desse grafo – em estrela, em triângulo ou em linha (Vergès, 1994, pp. 247-8) – possibilita hipotetizar como centrais aqueles elementos que mantêm uma relação privilegiada com os restantes.

³⁷ No presente trabalho, os dados que sofreram este tipo de análise foram de duas naturezas: avaliações feitas através de uma escala de opinião, tendo-se utilizado um coeficiente de associação não paramétrico (índice Tau-b de Kendall) para avaliar a similitude entre os itens por ela avaliados (Capítulo 6); frequência de categorias temáticas de resposta, tendo-se utilizado o índice de Jaccard como medida do grau de co-ocorrência entre categorias (Capítulo 8).

³⁸ Se k é o número de vértices do grafo, correspondendo esses vértices aos elementos da representação em estudo e o valor das arestas que os unem à medida de similitude entre eles, a *árvore máxima* é um grafo conexo e sem ciclos, com $k-1$ arestas cuja soma de valores é máxima face a outro qualquer grafo do mesmo tipo. A *árvore máxima* foi construída recorrendo aos programas informáticos SIMI97 (Analyse de Similitude, versão 1.2 de 1997, da autoria de P. Vergès, W. Barbry e S. Scano, Institut des Sciences de l'Ingénieur de Montpellier) e AVRIL (versão 3.0 de 1995, da autoria de R. Zeiliger, CNRS-IRPEACS).

3. Tratamento estatístico

A análise estatística dos dados colhidos, tanto na sua vertente descritiva como na indutiva, torna-se uma abordagem necessária, sobretudo quando se quer resumir informação para identificar invariantes a partir das respostas de um conjunto alargado de sujeitos e se pretende avaliar se certas respostas são verdadeiramente (significativamente) mais acessíveis num grupo de inquiridos do que noutro.

Atendendo à natureza da maioria dos dados recolhidos, o tratamento estatístico privilegiado consistiu no cálculo de percentagens e na análise do cruzamento entre as respostas obtidas e variáveis definidoras de subamostras (variáveis estratificadoras e outras variáveis caracterizadoras dos respondentes). Sendo o objectivo principal da análise desses cruzamentos a detecção de diferenças significativas na incidência de respostas entre os diferentes subgrupos, recorreu-se ao teste de independência do qui-quadrado e ao cálculo do coeficiente de contingência (ϕ) como medida descritiva do grau de associação entre as variáveis em análise. Sempre que a associação se revelou estatisticamente significativa, foi efectuada uma análise de resíduos para identificar as modalidades das variáveis responsáveis pela rejeição da hipótese de independência. Devido às condições requeridas pelos testes estatísticos que recorrem à distribuição do qui-quadrado, nomeadamente as exigências sobre o valor mínimo das frequências esperadas, seguiram-se dois procedimentos para analisar conjuntos de respostas de reduzida dimensão. Sempre que possível, procurámos empregar testes exactos (teste Fisher, teste binomial); quando tal não foi possível, agruparam-se ou excluíram-se da análise as classes de resposta que infringissem a dimensão mínima exigida. Todavia, quando, por especial interesse do assunto em apreciação, se realizaram análises nas condições estatísticas não adequadas, os resultados foram assinalados, devendo ser olhados com precaução.

A utilização de escalas de avaliação tornou possível realizar alguns estudos de comparação de médias (teste t e análise de variância, seguida do teste de Tukey para comparações *post hoc*) e análises recorrendo a medidas de correlação.

Atendendo ao carácter predominantemente exploratório da análise de dados efectuada, referenciaram-se como significativas todas as associações cujo nível de significância fosse igual ou inferior a 10%³⁹.

Quando a natureza dos dados o permitia e tal era pertinente no esclarecimento de questões surgidas, recorreu-se a algumas das técnicas de análise multivariada com ampla utilização na investigação em Representações Sociais: análise factorial, análise factorial das correspondências e análise de agrupamentos hierárquicos.

A análise factorial (extracção das componentes principais de uma matriz de intercorrelações, com posterior rotação *varimax*), ao assumir que itens fortemente correlacionados ilustram uma mesma dimensão conceptual da representação, permitiu analisar a significação de algumas dimensões subjacentes à imagem do Português. Possibilitou ainda, obtendo as pontuações factoriais de cada sujeito, comparar o posicionamento dos diferentes grupos de sujeitos face às dimensões identificadas, fornecendo indicações importantes para a compreensão da ancoragem social das representações.

A análise factorial das correspondências, uma das técnicas multivariadas mais comum nos estudos sobre representações sociais, sobretudo os de língua francesa (Doise *et al.*, 1992, p. 71), torna possível analisar as dimensões subjacentes à rejeição da independência entre as linhas e as colunas de uma tabela de contingência. Neste trabalho, as tabelas de contingência analisadas consistiram na matriz indivíduos \times itens do *corpus*, correspondendo as entradas à frequência com que cada indivíduo refere cada item. A apresentação visual dos resultados desta análise permite uma “cartografia dos elementos estruturantes” da representação (ob. cit., p. 71), identificando os itens mais responsáveis pela deformação do espaço semântico em função da semelhança dos padrões de resposta individuais. A possibilidade de projectar variáveis ilustrativas (Lebart e Salem, 1994, p. 92) em cada espaço semântico constitui um precioso auxiliar interpretativo e a que recorreremos em algumas situações para estudo da ancoragem das representações de Portugal e dos Portugueses.

³⁹ O valor do nível de significância atingido em cada teste foi sempre indicado em quatro escalões: $p \leq 0,1$, $p \leq 0,05$, $p \leq 0,01$ e $p \leq 0,001$. Os níveis de significância superiores a 0,10 foram indicados por “n.s.”.

O estudo da proximidade entre os conteúdos de uma representação social pode ser realizado através da análise hierárquica de agrupamentos (análise de *clusters*, na sua vertente R), sendo por isso uma técnica usada complementarmente à análise de similitude e da análise factorial.

Síntese

O nosso estudo da identidade portuguesa como representação social recorre ao discurso erudito e ao discurso popular como suporte linguístico e veículo de permanência e transformação das imagens do Português que se recolheram e analisaram em conformidade com os seguintes aspectos:

1. Os *corpora* constituídos provêm de análise documental e de observação directa. Na análise documental recorreu-se a obras publicadas de autores portugueses, com destaque para as que figuram numa resenha antológica. O *corpus* empírico foi recolhido através de inquérito (questionário e entrevista) junto de cidadãos portugueses.

2. A recolha de elementos empíricos decorreu entre os finais de 1988 e de 1995 e realizou-se no Algarve (Faro, Tavira, Olhão e Loulé) e no Alentejo (Évora). Foi iniciada com dois questionários exploratórios (Fases A e B), o primeiro em aplicação individual e compreendendo uma amostra heterogénea e o segundo em aplicação colectiva a uma amostra mais homogénea constituída por jovens estudantes da Universidade do Algarve. Nestes questionários procurou-se testar a atribuição de um conjunto de dez itens aos Portugueses, com vista à identificação de características afectivas como constituintes do núcleo central da representação social dos Portugueses. Complementarmente, iniciou-se a avaliação de aspectos referentes ao sentimento nacional dos inquiridos, à comparação da sua auto-imagem com a imagem dos Portugueses e à confrontação entre discurso erudito e discurso popular.

3. Após se apreciar a informação obtida através destes dois questionários, definimos um período de trabalho (pré-questionário) considerado preliminar à realização de um questionário final e que foi apoiado por um guião de entrevista e duas novas versões de questionário (Fases C, D e E). Além de se ter aumentado notoriamente o número de

perguntas, os instrumentos de inquirição passaram a incluir perguntas de associação livre sobre Portugal, os Portugueses e ser Português.

4. O questionário empregue na fase seguinte (Fase F) foi designado Questionário Geral e resultou de opções metodológicas que se consideraram pertinentes face aos resultados obtidos nas fases anteriores. Os principais temas abordados neste questionário foram: representação de Portugal, dos Portugueses e do Eu, sentimento nacional e concepções de nacionalidade, confrontação de discurso erudito e popular. O referido questionário incluiu ainda um procedimento (*imagens ambíguas*) destinado à verificação experimental do núcleo central da representação da identidade nacional, itens que haviam sido avaliados nas fases anteriores.

5. Relativamente à constituição do núcleo central, realizámos posteriormente uma segunda verificação mas em moldes diferentes (*cenário ambíguo*) e com nova amostra (Fase G).

6. Nas sete fases de recolha empírica trabalhámos com um total de 813 sujeitos de caracterização etária e social diversificada, considerando-se como amostra principal um conjunto de 305 jovens estudantes (205 do ensino universitário e 100 do ensino secundário).

7. A informação a que se refere este trabalho foi objecto de procedimentos correntes na análise qualitativa (análise de conteúdo e redução lexical) e em técnicas quantitativas usualmente empregues no estudo de representações sociais (análise de saliência, análise de similitude, análise factorial de correspondências e análise hierárquica de agrupamentos).

Em nosso entender, os materiais analisados, o faseamento metodológico e as modificações progressivamente introduzidas nos instrumentos de recolha de informação terão permitido de forma relativamente adequada configurar o campo representacional da identidade portuguesa e delimitar o núcleo central da mesma.

SEGUNDA PARTE

**DISCURSOS DE AUTORES CONTEMPORÂNEOS SOBRE
PORTUGAL E OS PORTUGUESES**

Nesta parte procura-se dar conta de uma deambulação através do discurso erudito com vista ao estudo da hipótese deste trabalho – a continuidade histórica da imagem do *Português Amoroso* –, imagem que, como se indicou, se encontra registada em fonte erudita.

Os objectivos visados na análise do discurso erudito, cujos resultados se passam a apresentar, decorrem dos objectivos gerais desta investigação, com especial ênfase nos conteúdos e estruturação da representação social da identidade portuguesa. Por um lado, inventariaram-se palavras e expressões usadas para descrever Portugal e os Portugueses e alguns elementos de avaliação referentes ao sentimento nacional; por outro lado, procurou-se identificar palavras organizadoras do campo representacional do Português e encontrar formas paradigmáticas que permitissem aprofundar as imagens do Português numa perspectiva de ideias-força ou *themata*.

Primeiramente, salientam-se os aspectos que resultaram da análise de um conjunto de textos previamente seleccionados; em seguida, destacam-se elementos e quadros interpretativos colhidos em Agostinho da Silva e Eça de Queirós.

Apesar do esforço feito para sintetizar a informação, encontram-se alguns elementos avulsos, nascidos em momentos de empatia com os autores e perante a beleza e emoção contida de alguns testemunhos.

Capítulo 4

O POVO PORTUGUÊS E OS PORTUGUESES NO DISCURSO ERUDITO

A abordagem da representação da identidade portuguesa através do discurso erudito constituiu durante algum tempo um problema, como se referiu no capítulo sobre aspectos metodológicos, por nos confrontar necessariamente com a escolha de autores e textos.

Depois de termos apresentado o referido problema a investigadores no domínio da análise literária e histórica, considerámos que uma antologia já publicada seria adequada aos objectivos que nos propúnhamos, permitindo ainda atenuar efeitos de enviesamento pessoal na escolha de autores e obras.

Os textos de que em seguida nos ocuparemos contém descrições e imagens de Portugal, características atribuídas e negadas aos portugueses, elementos de avaliação da identidade portuguesa e, em alguns casos, caracterizações mais globais e paradigmáticas, em que os autores enunciam estruturações da imagem do Português.

A. “O Homem Português, textos de autores portugueses do século XX”: principais aspectos de um *corpus* de autores nacionais

A selecção de textos que constitui o *corpus* erudito do nosso trabalho está publicada num pequeno fascículo de divulgação, denominado “Homem Português”⁴⁰, em que figuram diversas participações, de historiadores, ensaístas, escritores, poetas, pintores e escultores

⁴⁰ Trata-se, como já atrás dissemos, do *Boletim Cultural*, nº 1, VII série, editado em Fevereiro de 1990 pela Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direcção de David Mourão-Ferreira e coordenado por Natalina Oliveira do Monte. Como se irá repetidamente recorrer a esta fonte para situar os textos dos autores antologados, optámos por substituir a referência à mesma empregando Antologia de forma abreviada (ANT).

portugueses. Apesar da sua apresentação ser simples, despretensiosa, este boletim referencia várias dezenas de textos, citando quarenta e três autores nacionais.

Cronologicamente, os textos dizem respeito a dois tipos de autores: aqueles cuja obra se desenvolve entre o início e o meio do século, e aqueles que publicaram trabalhos sobretudo na segunda metade do século, a maioria dos quais ainda vivos aquando da publicação da resenha.

O pensamento expresso pelos autores tece considerações diversas sobre a sociedade e a cultura em Portugal, repertoriando, igualmente, um importante leque de características atribuídas aos Portugueses. No *Editorial*, David Mourão-Ferreira sublinha que a antologia oferece não “uma caracterização do Homem Português” mas “uma constelação de caracterizações” (ANT, p. 3)⁴¹.

Relativamente ao nosso trabalho, se tomarmos como critérios de representatividade, por um lado a pluralidade de opiniões que a referida *constelação* agrega, e por outro lado o reconhecimento de *obra pública* – o qual será difícil não atribuir à quase totalidade dos nomes antologados –, teremos condições satisfatórias para considerar estes autores como um *corpus* apropriado ao estudo do tema que nos propusemos.

Autores, títulos e perspectivas

Uma primeira apreciação aos títulos encontrados para os textos⁴² permite-nos ver em que medida a temática de Portugal e da nacionalidade portuguesa tende a centrar-se em características da identidade nacional (Quadro 7).

41 David Mourão-Ferreira, referindo-se a esta constelação, afirma que o conjunto de autores “razoavelmente exemplificativo de um bem diversificado número de perspectivas, de tendências, de crenças, de humores, de opções ideológicas, e até de diferenciações geográficas e geracionais.” (ANT, p. 3).

42 O selecção de textos é constituída por 56 citações. As citações mais curtas não foram objecto de qualquer título. Aos 40 excertos mais longos foi dada titulação: sempre que os textos citados tinham título, como no caso de alguns poemas, este foi respeitado. Quando tal não acontecia, o título dado pela coordenadora do *Boletim* segue conteúdos próprios de cada texto, destacando afirmações do mesmo.

Quadro 7: *O Homem Português*: temas, autores e títulos

<i>Temas</i>	<i>Títulos</i>	<i>Autores</i> ⁴³	<i>Data</i>
Portugal	O Povo	João de Barros	1919
	Povo	Pedro Homem de Mello	1947
	Mãe-Povo	Carlos Queiroz	1937
	Portugal	Alexandre O'Neill	1965
Território e Gentes	O Português do Norte	Vitorino Nemésio	1932
	À senhora Maria Laranjo da praia da Nazaré	Afonso Lopes Vieira	1940
	Figuras Portuguesas do Sul	M. Teixeira-Gomes	1916
Sociedade e Cultura	Vão-se os homens desta terra	Manuel Alegre	1967
	Os Portugueses e as cidades	Pedro de Moura e Sá	1957
	O Português: o povo e as 'élites'	Raul Brandão	1930?
	Arte de ser Português	Teixeira de Pascoaes	1915
	O Fado Português	José Régio	1941
	Painéis de São Vicente	Henrique Segurado	1970
Características nacionais	Individualidade e universalidade do Português	J. de Almada Negreiros	1935
	O Português: universalista ou cosmopolita?	Castelo Branco Chaves	1944
	O amadorismo português	Jorge de Sena	1954
	Nós, portugueses, somos castos	Pedro Homem de Mello	1948
	Tolerância do Português	Marcello Duarte Mathias	1968
	O Português, poeta de raiz	Luís Forjaz Trigueiros	1987
	O idioma do 'cavaleiro andante'	Jaime Cortesão	1951
Nacional <i>versus</i> Estrangeiro	O Português frente ao Castelhana	Aquilino Ribeiro	1924
	O Português e o Castelhana	Francisco da Cunha Leão	1960
Paradigmas identitários	A 'palaciana alma' do Português	Irene Lisboa	1937
	Sociabilidade do Português	Aquilino Ribeiro	1942
	O Português: sonhador realista	Jorge Dias	1950
	A plasticidade amorável do Português	Jaime Cortesão	1955
	O jeito missionário do Português	Agostinho da Silva	1956
	O Português, intimamente dividido	Marcello Duarte Mathias	1965
	O Português: sombras e luzes	Domingos Monteiro	1944
	Três espécies de Português	Fernando Pessoa	1922?
	Portugueses: Heróis Adiados	Fernando Pessoa	1915
	Os dois Portugais	António Quadros	1978
Nacionalidade na identidade pessoal	Autocrítica de um Português	José Rodrigues Miguéis	1974
	Reflexão de um Português	Fernando Namora	1975
Diversos	Letreiro	António Sardinha	1915
	Discussão do ponto de vista anterior	António José Saraiva	1945
	Prisão de cristal	António M. Couto Viana	1948
	A esfinge	António M. Couto Viana	1950
	O centro do mundo	Orlando Vitorino	1971
	Os estados plenos do ser	Francisco da Cunha Leão	1971

No entanto, outros temas se destacam: por um lado há o *Portugal-povo*, *mãe-povo* mas também e apenas *Portugal*; por outro, há o *Portugal-território-sociedade-cultura-gentes*. Assinala-se a diversidade geográfica

43 Além dos autores aqui indicados, a antologia inclui os seguintes: António Sardinha, Leonardo Coimbra, António Sérgio, António José Saraiva, António Manuel Couto Vieira, Orlando Ribeiro, Ruben A. Leitão, Agustina Bessa-Luís, Orlando Vitorino, João Palma-Ferreira, Dalila Pereira da Costa, Maria Ângela de Sousa, Fernanda de Castro, Miguel Torga.

entre o Norte e o Sul; reflecte-se sobre aspectos sócio-estruturais – dicotomia campo-cidade, emigração, elementos materiais de cultura – e elementos de diferenciação social interna e externa (*élites-povo, Portugueses-Castelhanos*), mas é sobre as gentes e as suas características que a análise dos autores mais se desenvolve, e os títulos referindo características nacionais são aqueles que no *corpus* aparecem em maior número. Será ainda de salientar que em dois títulos em que se associa a nacionalidade à identidade pessoal (*Autocrítica de um Português e Reflexão de um Português*) se apontam igualmente características nacionais.

B. Imagens de Portugal: ambiguidade, contingência e essência

As imagens com que os autores descrevem Portugal fazem surgir perante nós um objecto ambivalente: ora incerto, definido por aspectos acidentais que variam historicamente, ora persistente, irreduzível na sua interioridade.

Como objecto acidental, contingente, Portugal nomeado *Povo, Mãe-Povo*, ou só *Portugal*, é revelado como um ser antropomorfo, masculino (João de Barros) e feminino (Carlos Queiroz); um lugar físico, uma paisagem; um nome comum a natureza e cultura: bichos, gentes, gestos, acções, atitudes, sentimentos... (Alexandre O'Neill; Pedro Homem de Mello).

Apesar desta diversidade de elementos que fazem Portugal concreto, materializado em seres e coisas, mais há ainda se refere. Há a imagem do Portugal em si mesmo, liberto dos seus condicionalismos históricos, persistindo naquilo que lhe é inalterável e que constitui a sua essência. É então que os autores desvendam um Portugal entidade abstracta, energia de vida, princípio imaterial (Queiroz, O'Neill, Mello).

Antiguidade, heroicidade, humanidade: a face masculina de Portugal

Antropomorfizado, Portugal toma características biofísicas que revelam a sua humanidade no masculino – “moreno e alegre, elegíaco e forte!” (João de Barros).

Num retrato em que o rosto e as mãos dizem quase tudo, o autor faz-nos ver os diferentes traços de Portugal: inscrita na fronte está a sua longa idade (“fronte milenária”), e o desejo ardente de “lutar”. No seu olhar, que apesar da idade continua jovem, pode ler-se toda a história da sua vida passada: a “ousadia”, a “fé”, “sobre-humanos sonhos”, bem sucedidas acções navegantes (“a profunda amplidão de três largos oceanos”)... Nos ombros estão-lhe gravadas as marcas da glória (“peso ideal da glória”), a boca espelha alegria amorosa, (“risos de amor na sua ingénua boca”), e o seu corpo, sendo heróico, revela afinal, fragilidade compondo-se de ingenuidade e ternura (“Há gestos de ternura em seu corpo de herói!”).

Finalmente, são as mãos, “rudes e calosas”, que resumem toda a qualidade deste ser e nos contam a sua longa estória heróica: dizem do trabalho na terra, do combate e conquista através do mar, da nova descoberta e humanização do mundo – “Pôs abrigos de paz em regiões sem abrigo, / Deixou padrões de crença à sombra dos palmares.”.

Eis Portugal, afinal mais humanidade que heroicidade.

Efectivamente, apesar do herói cantado, é surpreendente a fragilidade que emana deste retrato. Para além da que está implícita na ingenuidade e na ternura, o autor assinala que a continuação do devir heróico de Portugal pode estar dependente de circunstâncias exteriores e adversas. Embora se possa inferir um reduzido número de obstáculos, estes parecem decisivos: trata-se da “mentira” que lhe destrói a força, e da “estagnação” que lhe diminui o potencial de heroicidade.

Como ser antropomorfizado, Portugal que vive a vida humana experimenta todos os sons da escala do sentir e agir humano. Escala composta de fragilidade, sofrimento, amor e grandeza que João de Barros exemplarmente sintetiza: “– Sofre: – Poeta e Santo. Ama – o seu lar constrói.” (ANT, p. 12).

Bondade, seriedade, mistério, sabedoria, simplicidade, poesia, maternidade: a face feminina de Portugal

Para além da imagem solar e masculina (*forte, alegre, activo, heróico*), mais nítida em Barros, Portugal pode aparecer noutra imagem claramente anti-heróica e feminina. É aquela que o descreve já não como herói mas como um povo maternal e sofredor, corporizado na imagem da mãe

amorosa, figura decalcada do Deus-Pai do texto evangélico, *mãe-povo* esperando e alegrando-se com o regresso do *filho pródigo* (“filho ausente”), filho que faminto e reconciliado espera e pede o novo e decisivo ensinamento da simplicidade – “E sopra com força / No meu coração! (...) Ensina-lhe o ritmo / Com que o teu lateja. (...) Que a razão é tua, / De modo bem teu: (...) Dá-me o teu mistério / Que eu sou digno dele! (...) Fora eu tão simples / Como tu mereces” (Carlos Queiroz, ANT, p. 19).

Embora em cada um destes autores se acentue mais uma das faces, encontramos nas suas imagens um Portugal de dupla face masculina-feminina, em o elemento feminino é sobrevalorizado através do destaque dado à poesia e ao sofrimento: “é poeta” (Barros), “Para ti foi feita/ A lira de Orfeu.” (Queiroz); “Sofre” (Barros), “Ansiosamente, / Como a mãe que espera / O seu filho ausente” (Queiroz).

Sal, sol, sul, golpe até ao osso: Portugal paisagem e “carne viva”

Portugal abstracto objectiva-se num ser contingente e essencial. Aspectos acidentais do mundo físico, vida animal, diversidade humana, religião, magia..., revelam a sua contingência – “linda vista para o mar, / Minho verde, Algarve de cal, / jerico rapando o espinhaço da terra, (...) desancada varina”, “doceiras de Amarante, “toureiros da Golegã” (O’Neill); aspectos psicológicos concretizam um Portugal essencial ou imanente. É o tudo e o nada de Portugal, é *qualquer coisa* (de Portugal) que mantém uma relação profunda com a vida de cada português, que lhe atravessa a consciência individual e nela se instala provocando sensações e emoções de mal estar e de comunhão intensa: a insatisfação (“fome sem entretém”), o arrependimento (“remorso de todos nós”)... Qualquer coisa maior e inominada, que não se sabe bem o que é, mas com a qual há um pacto de sangue e uma ferida que se sente e é permanente e torna a carne viva (“questão que eu tenho comigo mesmo, golpe até ao osso”).

Por causa desta *coisa* maior que três sílabas e que no autor ocupa tão vasto espaço e tão funda profundidade, lamentará O’Neill que Portugal não seja só do tamanho do seu nome trissilábico e se não se escreva apenas em materiais grosseiros (“de plástico, que era mais barato!”), como canta o seu poema *Portugal* (ANT, p. 44):

Portugal

*Ó Portugal, se fosses só três sílabas,(...)
se fosses só o sal, o sol, o sul,
o ladino pardal,
o manso boi coloquial,
a rechinante sardinha,
a desancada varina,
o plumitivo ladrilhado de lindos adjectivos,
a muda queixa amendoada
duns olhos pestanítidos,
se fosses só a cegarrega do estio, dos estilos,
o ferrugento cão asmático das praias,
o grilo engaiolado, a grila no lábio,
o calendário na parede, o emblema na lapela,
ó Portugal, se fosses só três sílabas
de plástico, que era mais barato!*

*Doceiras de Amarante, barristas de Barcelos,
rendeiras de Viana, toureiros da Golegã,
não há ‘papo-de-anjo’ que seja o meu derriço,
galo que cante a cores na minha prateleira,
alvura arrendada para o meu devaneio,
bandarilha que possa enfeitar-me o cachaço.
Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo,
golpe até ao osso, fome sem entretém,
perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes,
rocim engraxado,
feira cabisbaixa,
meu remorso,
meu remorso de todos nós...*

“Só tu! Só tu és verdade!”

Em poema que nomeou de modo bem concreto (“Povo que lavas no rio”), Pedro Homem de Mello permite-nos continuar a análise da ambiguidade subjacente à representação de Portugal, em que descrições de carácter aparentemente concreto servem à definição de um Portugal abstracto. Associados aos elementos acidentais que dão forma a Portugal – “água pura, fruto agreste”, “aromas de urze e de lama”, “povo que lavas no rio”, “feiras”, “mesa redonda”, “procissões de praia e monte”, “cântaros da fonte”, “bruxas e lobas” – insinuam-se e são claramente afirmados

elementos abstractos remetendo para a natureza essencial de Portugal, elementos que veladamente revelam a sua natureza oculta, a sua única verdade (ANT, p. 30):

Povo

*Povo que lavas no rio,
Que vais às feiras e à tenda,
Que talhas com o teu machado
As tábuas do meu caixão,
Pode haver quem te defenda,
Quem turve o teu ar sadio,
Quem compre o teu chão sagrado,
Mas a tua vida, não!*

(...)

*Aromas de urze e lama!
Dormi com eles na cama...
Tive a mesma condição.
Bruxas e lobas, estrelas!
Tive o dom de conhecê-las...
Mas a tua vida, não!*

(...)

*Só tu! Só tu és verdade!
Quando o remorso me invade
E me leva à confissão...
Povo! Povo! Eu te pertença.
Deste-me alturas de incenso.
Mas a tua vida, não!*

O belíssimo poema de Mello é um bom exemplo de como as palavras usadas nas caracterizações de Portugal, presentes nos quatro autores que temos vindo a mencionar (Quadro 8), definem imagens antropomórficas de Portugal – velho-jovem-adulto, homem-mulher –, e pares de relação – mãe-filho, povo-pessoa... Este poema conduz-nos abertamente para o campo da identificação social, acentuando a forma como a identificação nacional interage na dinâmica da identidade pessoal.

Quadro 8: Ambiguidade de Portugal: imagens e relações

<i>Imagens e relações</i>	<i>Afirmações</i>	<i>Autores</i>
Pares de relação		
Mãe-filho	“Como a mãe que espera / O seu filho ausente”	Carlos Queiroz
Povo-pessoa	“Povo! Povo! Eu te pertença. (...) Só tu! Só tu és verdade!”	Pedro Homem de Mello
	“Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo (...) meu remorso, meu remorso de todos nós...”	Alexandre O’Neill
Imagens antropomórficas		
Jovem-Adulto-Velho	“olhar juvenil”, “fronte milenária”, “corpo de herói”	João de Barros
Homem-mulher	“poeta e santo”	João de Barros
	“mãe-povo”	Carlos Queiroz

A força emocional com que identificação nos é apresentada parece indicar que a realidade psicológica de ter uma identidade nacional pertence a uma ordem diferente da realidade de outras formas de identidade. Como o poema ilustra, não será “ter”, mas sim “ser tido”; não será estar incluído num dos tipos da categorização social, mas ser parte de uma realidade viva. Careceria de significado dizer “sexo masculino/feminino eu te pertença”, ou “profissão eu te pertença”, mas é prenhe de sentido dizer “Povo! Povo! Eu te pertença.”, como o faz Pedro Homem de Mello.

Em apreciação global à representação de Portugal veiculada por estes autores, parece-nos bastante adequado o quadro teórico em que Edgar Morin analisa a Nação e o processo de identificação nacional e a que se referiu no Capítulo 1 (Morin, 1984). O nome de Portugal evoca uma força avassaladora, uma presença mítica mas de realidade quotidiana. Reencontramos a componente psico-afectiva através da qual Morin se refere ao sentimento nacional e a componente matripatriótica, mas de uma forma clara apenas no que se refere à figura maternal (Mãe-povo). À figura paternal-viril não se encontraram alusões: o masculino, na imagem de Portugal, é o arquétipo do Herói, sem idade porque com todas as idades, e do par Mãe-Filho. Quanto à osmose referida por Morin, que funciona nos dois sentidos, conduzindo à fusão do indivíduo numa identidade e que simultaneamente lhe permite fundar a sua própria identidade, outra

diferenciação se poderá ainda assinalar. Através do discurso destes autores sobressai a resistência à fusão, ao mesmo tempo que uma forte atracção é evidenciada, o que remete para um discurso em que o passional se acentua. A força que o nome de Portugal evoca comporta uma componente afectiva, a que em certa medida se quer resistir, ou se gostaria de poder resistir, mas sendo ela quem resiste atraindo a si aqueles que lhe pertencem. Qual Eros passando, acenando, atirando certamente para o mais fundo da pessoa, inflamando-a e incendiando-a de insaciável desejo, possuindo-a sem ser jamais possuído, como canta Pedro Homem de Mello, no poema já referido (“Deste-me alturas de incenso. / Mas a tua vida, não!”).

Esboça-se algures a suspeita de a linguagem empregue pertencer à liturgia de Portugal-Amor-Maior dos Portugueses ou, e talvez, do Amor somente.

C. *Nós, portugueses: características nacionais e tipos de português*

*Nós, portugueses, somos castos.
Ninguém nos peça um rosto alheio.*

Pedro Homem de Mello ⁴⁴

A existência efectiva de uma comunidade humana *portuguesa* é uma das opiniões mais partilhadas pelos autores, mesmo quando estes referem diferenças de comportamento dos Portugueses associadas à pertença regional.

Consciência nacional e contrastes regionais: Portugal primitivo e Portugal dilatado

Vitorino Nemésio, que começa por mencionar o Portugal “entidade gregária”, salienta a diversidade da história nacional para os diferentes modos de vida local: o Norte mais cedo marcado pela criação da

⁴⁴ Excerto do poema *Bodas Vermelhas* (ANT, p. 28).

nacionalidade (“historicamente o núcleo original da nação”); “as províncias castiças, de pequena propriedade e congestionamento populacional – as Beiras, Trás-os-Montes e Minho”; o sul (terra “sáfara ou talada da moirama”), denotando mais claramente a influência muçulmana.

As diferenças, o contraste ⁴⁵ constituem aquilo a que o autor chama, “um Portugal primitivo e um Portugal dilatado, um embrião e um adulto”, contribuindo ambos, na sua complementaridade, para a formação da “consciência nacional” e do “corpo de toda a nação”:

“Sempre que o nome de Portugal vem a pêlo e soa aos nossos ouvidos como entidade gregária, – ou seja como população e território, serra e viandante, agro e camponês (...) O Norte, – tomando por barra meridiana a pequena bacia do Mondego, – não sem motivo foi historicamente o núcleo original da nação e por muito tempo o seu corpo. Até quase expirar a baixa-idade-média, as veigas da comunidade cisterciense de Alcobaça punham ao sul a nota derradeira das culturas. A Estremadura *estremava* o país plantado ao Nordeste Peninsular, da terra mais ou menos sáfara ou talada da moirama. (...) A fragmentação agrária das nossas províncias castiças – as Beiras, Trás-os-Montes e Minho, – onde o regime da pequena propriedade congestiona a população, é ainda um forte e consabido sinal desse aporuguesamento um pouco retardado do sul. (...) Longe de mim querer beliscar a susceptibilidade provincial dos portugueses que suam para cá deste círculo mimoso. Também enfileiro no número. Defendemos o sopro de ternura que os nossos antepassados bafejam também nos nossos sítios, e só nos ficam bem tais sentimentos. Mas a verdade é que houve um Portugal primitivo e um Portugal dilatado, um embrião e um adulto, e é natural que o primeiro envie a todo o resto uma espécie de emanção avoenga que lisonjeia e enternece. (...) Não quero dizer que o que lá é mais aborígene, mais portuguesmente reactivo, se deva trasladar ao corpo de toda a nação para que nele estue. Não. Quero dizer que esse ‘quid’ nortenho, das três Beiras como para lá do Marão, dá perspectiva e como que recuo à consciência nacional, uma tinteira de atraso que vale como instigação e contraste, como reserva e repouso.” (ANT, pp. 16-7).

⁴⁵ De contraste interregional fala igualmente Aquilino Ribeiro ao reflectir sobre o Português e o Castelhana no quadro ibérico: “Mas, até certo ponto, prolixa se torna a demonstração de características diferentes em Portugal e Espanha, quando dentro do próprio país, de província para província, de comarca para comarca, elas existem, se não igualmente sensíveis. Do extremo Norte ao extremo Sul, por uma gradação lenta e ininterrupta, as cambiantes redundam em contrastes”.

Identidade étnica, diversidade e características nacionais

Um tipo humano tão homogéneo

Sem contrariarem a ideia de diversidade nacional, Domingos Monteiro e Raul Brandão delimitam-lhe outros aspectos: as diferenças de “estrutura física” (Monteiro) ou de “costumes, tradições, festas” (Brandão). Outros autores insistem na presença de características e traços comportamentais constitutivos do ser-português (Quadro 9). Temos, assim, “o tipo português” para Jaime Cortesão, ou “um tipo humano tão homogéneo” que se assemelha a “raça pura”, no dizer de Domingos Monteiro:

“Embora a sua estrutura física não seja a mesma (...) o carácter de uniformidade persiste como se as raças diversas de que estes homens procedem se tivessem caldeado, no mesmo cadinho de aventura e sofrimento, realizando um tipo comum, que diverge essencialmente de qualquer outro de raça latina – o espanhol, o italiano, o francês – e que com ele de alguma forma se pode confundir.

Embora não se possa dizer, no sentido próprio, que existe uma raça portuguesa, pois que o português é produto de todas as raças invasoras da Europa (...) a verdade é que, do contacto secular permanente e por vezes agressivo destas raças, saiu um tipo humano tão homogéneo, que hoje apresenta características próprias inabaláveis e específicas como se de uma raça pura se tratasse.” (ANT, pp. 23-4).

Para Raul Brandão a homogeneidade cultural convive com alguma heterogeneidade cultural formando um substrato de unidade caracterial. São, em seu entender, “os mesmos homens mais ou menos pintados de branco”:

“A massa é a mesma: do Vouga para cima, uma gente que conserva todas as qualidades de fidelidade, de resignação, de sobriedade; do Vouga para baixo os mesmos homens, mais ou menos pintados de branco. É a linha divisória onde tudo muda – costumes, tradições, festas. Extraordinário pequeno povo, com o qual foi possível fazer-se uma história admirável!” (ANT, p. 15) ⁴⁶.

⁴⁶ A afirmação reverente de Brandão evoca-nos uma outra de Bento Domingues que, expressa de outra forma e adicionando novos elementos, prossegue na mesma atitude reverente: “E isto porque toda a interpretação histórica é pouca para dizer a persistente ‘loucura’ de um pequeno povo de oito século de independência com um papel decisivo numa das grandes viragens da História da Humanidade e, passados 4 séculos de correrias pelo mundo, ligando oceanos, regressa muito pobre com os sonhos de quinto império a proclamar-se o Altar do Mundo” (Domingues, 1988, p. 17).

A este substrato caracterial e comportamental recorre também Pedro de Moura e Sá, para explicar o “estilo comum” da arquitectura portuguesa perante outras arquitecturas: levada para as zonas de colonização foi simultaneamente capaz de se adaptar e de introduzir o seu próprio estilo ⁴⁷ (ANT, p. 41).

Quadro 9: Identidade étnica: homogeneidade e diversidade

<i>Afirmações</i>	<i>Autores</i>
<p>Homogeneidade</p> <p>... um tipo humano tão homogéneo ...</p> <p>A massa é a mesma: (...) fidelidade, resignação, sobriedade</p> <p>Eis o tipo do português, considerado como um padrão ideal (...) módulo resistente do seu carácter</p>	<p>Domingos Monteiro</p> <p>Raul Brandão</p> <p>Jaime Cortesão</p>
<p>Heterogeneidade</p> <p>... três espécies de Portugal, dentro do mesmo Portugal (...) têm mentalidade comum, pois são todos portugueses</p>	<p>Fernando Pessoa</p>

Aceite a existência de uma identidade étnica – o “tipo português”, na citada expressão de Jaime Cortesão –, observa-se em alguns autores a tendência em considerar o perfil identitário português complexo, apresentando características comportamentais antagónicas. Este perfil aparece, nomeadamente em Jaime Cortesão e Fernando Pessoa, estreitamente associado às transformações da história nacional, defendendo ambos a existência de uma unidade subjacente à diversidade: “módulo resistente” para Cortesão, “mentalidade comum” para Pessoa:

“Há três espécies de Portugal, dentro do mesmo Portugal; ou se se preferir, há três espécies de português. (...) Estes três tipos do português têm uma mentalidade

⁴⁷ Estilo dualista que o autor assim caracteriza: “No Norte de África, no Brasil, na Ásia, os Portugueses, durante quatro séculos, construíram casas, abriram ruas, desenharam frontarias, nas mais diversas condições geográficas, lutando com as circunstâncias do terreno, mas mantendo sempre um estilo comum, fazendo que as pedras falassem a mesma linguagem. (...) Esta dualidade miraculosa, a possibilidade de manter as características próprias da nossa faixa europeia de terra e, ao mesmo tempo, de se fundir nas paisagens exóticas sem ferir a vista com horror, como colunas gregas numa paisagem norte-americana, é o segredo talvez mais fundo da projecção portuguesa no Mundo. Isto que diz das cidades pode dizer-se de todas as formas de vida que, no Brasil, em Goa, por toda a parte onde nos fixámos, nunca deixaram de ser portuguesas, mas nunca apareceram como qualquer coisa de estranho, de importado.” (ANT, p. 41).

comum, pois são todos portugueses, mas o uso que fazem dela diferencia-os entre si.” (Pessoa, ANT, p. 13).

“Eis o tipo do português, considerado como um padrão ideal, moldado pela terra, o género de vida e as andanças históricas (...) módulo resistente do seu carácter, que por várias formas encarnou em símbolos literários, para de novo reverter à vida, e, por meio deles, influí-la.” (Cortesão, ANT, p. 38).

Características nacionais e *mentalidade comum*

Se a massa é a mesma, como dizia Raul Brandão, de que é ela feita, que elementos a compõem, e qual é o seu aspecto final quando se transforma na “*mentalidade comum*” de Pessoa?

Os *mesmos homens*, de Brandão, a que espelho se olham para dizerem, como Pedro Homem de Mello, “Nós, portugueses, somos...”?

Continuando a análise dos textos seleccionados somos surpreendidos pela profusão de atributos referentes aos Portugueses.

Apesar de se trabalhar com textos muito curtos identificaram-se neles mais de duas centenas de itens de categorização. Estes itens resultaram da desagregação de algumas expressões e de agrupamento por proximidade lexical, procedimento que segue de perto aquele que adoptámos na análise da informação empírica e se apresentou anteriormente (Capítulo 3).

Uma primeira nota a salientar, na apreciação ao campo semântico de adjectivos atribuídos ou negados aos Portugueses, refere-se aos atributos negados, de que são exemplo – “somos incapazes de revolta e de agitação” (Fernando Pessoa, ANT, p. 9), ou “O Português não gosta de ver sofrer e desagradam-lhe os fins demasiado trágicos” (Jorge Dias, ANT, p. 32) – os quais aparecem em reduzido número, como se existisse uma tácita recusa em retirar características à definição do Português.

Outra nota a destacar é a relação autor-atributos. Efectivamente, e por diversos motivos, o total de atributos varia significativamente entre os autores: os textos seleccionados são mais extensos uns do que outros; o olhar de um autor pode ser mais ou menos analítico do que o de um outro; o estilo de escrita pode desenvolver uma argumentação mais ou menos

prolixa ⁴⁸. Recorrendo ao critério de frequência na atribuição de itens apurámos o seguinte: 90 itens são referidos por dois ou mais autores; por mais de três autores são mencionados 34 itens; quando se consideram quatro ou mais autores o total reduz-se para 14 itens os quais se apresentam em seguida (Quadro 10).

Quadro 10: Características mais atribuídas aos Portugueses

<i>Autores por item</i>	<i>Itens</i>
9 autores	Universalistas
8 autores	Amantes / Amorosos
6 autores	Duais, Saudosos
5 autores	Impulsivos, Rurais
4 autores	Adaptáveis, Emotivos, Espírito crítico, Humanos, Imaginativos, Plásticos, Poetas, Simpáticos
3 autores	Alegres, Aventureiros, Civilizados, Contemplativos, Emigrantes, Fiéis, Fraternalistas, Invejosos, Líricos, Misteriosos, Realistas, Rígidos, Sensíveis, Sonhadores, Trabalhadores
	<i>itens atribuídos e negados</i>
	Livres, Responsáveis, Utilitaristas, Violentos

Para além da inventariação dos atributos, que neste *corpus* definem o campo representacional dos Portugueses, foi igualmente nosso objectivo identificar eventuais elementos constituintes do núcleo central da representação do Português.

Dado que se trata de um discurso obtido por via documental, não se podem seguir as técnicas habitualmente empregues nos estudos empíricos de representações sociais. Considerámos, no entanto, que se poderiam ter em conta os princípios que fundamentam estas técnicas e nesse sentido se analisou o conjunto de itens identificados e algumas das afirmações em que estes figuram. Recorrendo aos critérios de saliência propostos por Vergès para delimitação do núcleo central (Vergès, 1992), se considerarmos primeiramente a frequência com que cada característica é referida, poderemos admitir na representação dos 43 autores um núcleo central constituído pelos itens *amantes/amorosos*, *duais*, *saudosos*,

⁴⁸ Situação exemplar com Aquilino Ribeiro que, começando por afirmar que o português é “o homem mais sociável deste mundo” (ANT, p. 22), emprega uma dezena de expressões para justificar esta afirmação.

universalistas (Quadro 4). Relativamente ao segundo critério (posição relativa), estamos perante uma séria dificuldade quanto à determinação do item em primeira posição. Tratar-se-á igualmente daquele que surge em primeiro lugar numa afirmação que contém vários, como no caso da recolha empírica? Será o último, através do qual o autor reforça o conteúdo e significado da sua atribuição?

Na incerteza, optámos por considerar atribuição de primeira posição a sobrevalorização de itens, a qual em certas afirmações se torna inequívoca (Quadros 11e 11a).

Quadro 11: Características nacionais sobrevalorizadas

<i>Característica</i>	<i>Citação</i>	<i>Autor</i>
Adaptáveis	“É (...) essa enorme capacidade de adaptação uma das constantes da alma portuguesa” (ANT, p. 33).	Jorge Dias
	“Não há que discutir: o português é o bicho mais adaptável do universo.” (ANT, p. 22).	Aquilino Ribeiro
	“O português, no seu fundo psíquico, define-se com razoável aproximação por três características: (...) (3) a adaptabilidade instintiva” (ANT, p. 13).	Fernando Pessoa
	“o português (...) não tem (...) elaborado até hoje, uma concepção de vida que lhe seja própria. (...) O português, em suma, adota e adapta-se – é cosmopolita.” (ANT, pp.25-26).	Castelo Branco Chaves
Afectivos (amantes / amorosos / emotivos/ simpáticos)	“A afectividade marca-nos, forma o tesouro da nossa psicologia, (...) O português compreende e age por comoção. (...) O temperamento apaixonado, exclusivista dos portugueses faz deles grandes amorosos.” (ANT, p. 49).	Francisco da Cunha Leão
	“O português é o homem mais sociável do mundo: deste mundo. (...) Essa expressão ‘é muito dado’ existe apenas na nossa língua. (...) E por cima de tudo, a coroar estes sentimentos, (...) uma grande simpatia humana.” (ANT, p. 22).	Aquilino Ribeiro
	“Portugal é um país de amadores. (...) E, numa vaidade já ancestral, não há português que se não suponha um pinga-amor, universalmente irresistível.” (ANT, p. 39).	Jorge de Sena
	“O Português é, sobretudo, profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso, sem ser fraco.” (ANT, p. 32).	Jorge Dias
	“Os Portugueses, e em maior ou menor grau os demais povos ribeirinhos da Península, diferem sim, dos Hispanos do planalto central naquilo a que chamamos plasticidade amorável. (...) O segredo dessa plasticidade, juntamente irradiante e receptiva, plasmável, esconde-se na riqueza amorosa do português, no seu dom de simpatia e comunicação cordial que lhe permite dar e receber, sem alterar o fundo próprio.” (ANT, p. 38).	Jaime Cortesão
	“O português, no seu fundo psíquico, define-se com razoável aproximação por três características: (...) (2) predomínio da emoção sobre a paixão;” (ANT, p. 13).	Fernando Pessoa

Quadro 11a: Características nacionais sobrevalorizadas (continuação)

<i>Característica</i>	<i>Citação</i>	<i>Autor</i>
Contemplativos	“querendo abranger tudo, saber de tudo, falar de tudo (...) – tornei-me hoje sobretudo usufrutuário contemplativo.” (ANT, p. 52).	J. Rodrigues Miguéis
Contraditórios / Duais	“O que na nossa raça perdura é a contradição. É um amor impossível com o que foi e não quer que se repita. Hábil, certo, elementar, é este recriar nas brumas, iludindo a agressão, esperando sem desejar; tendo esperança sem planos, coragem sem abismos, causa sem ordem, influência sem poder, alma sem cruz. Renasce já em cinzas, mas renasce sempre.” (ANT, p. 46).	Agustina Bessa Luís
	“Esta dualidade miraculosa (...) é o segredo talvez mais fundo da projecção portuguesa no Mundo.” (ANT, p. 41).	Pedro de Moura e Sá
	“Nesta união dos contrários – síntese das duas consequências da hombridade e da plasticidade, reside o <i>quid</i> diferencial que distingue o português do homem da meseta (...) A lógica desse protótipo reveste a forma de um aparente paradoxo: o português é tanto mais nacionalizado, quanto mais cosmopolita.” (ANT, p. 39).	Jaime Cortesão
	“[O Português] Na eterna encruzilhada entre o anjo e o demónio, o desassossego e a contemplação.” (ANT, p. 45).	M. Duarte Mathias
	“Estranha simbiose de astucioso realismo campesino com a fantasia desbordada.” (ANT, p. 59).	Fernando Namora
Imaginativos	“O português, no seu fundo psíquico, define-se com razoável aproximação por três características: (...) (1) o predomínio da imaginação sobre a inteligência;” (ANT, p. 13).	Fernando Pessoa
	“A imaginação sonhadora, a antipatia pela limitação que a razão impõe e a crença milagreira levam-no com frequência situações perigosas, de que se salva pela invulgar capacidade de improvisação de que é dotado.” (ANT, p. 33).	Jorge Dias
Universalistas	“Eu creio que o português tem uma acessibilidade melhor dos sentimentos universais do que qualquer outro povo da terra. E mais creio que esta acessibilidade do universal é historicamente portuguesa, por mais pesados que ainda caiam sobre nós os nossos antecedentes.” (ANT, p. 18).	José de Almada Negreiros

Em consequência desta decisão, se tomarmos como critério de delimitação do respectivo núcleo o cruzamento de frequência e posição ⁴⁹, obtém-se uma composição do núcleo central diferente da anterior, perdendo claramente o item *universalistas* a favor de *afectivos* e da natureza *contraditória* dos Portugueses (Quadro 12).

⁴⁹ Como foi anteriormente indicado (Capítulo 3), Pierre Vergès sugere que o cruzamento de dois critérios de saliência (frequência e posição) constitui o procedimento mais seguro na delimitação do núcleo central de uma representação (Vergès, 1992).

Quadro 12: Características dos Portugueses e elementos do núcleo central

	<i>Características mais referidas</i>	<i>Características menos referidas</i>
<i>Características sobrevalorizadas</i>	Adaptáveis, Afectivos, Contraditórios <i>(núcleo central)</i>	Contemplativos, Imaginativos, Universalistas
<i>Características não sobrevalorizadas</i>	Espírito crítico, Emotivos, Humanos, Impulsivos, Plásticos, Poetas, Rurais, Saudosos, Simpáticos	Alegres, Aventureiros, Civilizados, Emigrantes, Fiéis, Fraternalistas, Invejosos, Líricos, Misteriosos, Realistas, Rígidos, Sensíveis, Sonhadores, Trabalhadores

D. Alguns paradigmas da identidade portuguesa

Há uma qualidade que ninguém nega aos portugueses, louvado seja N.S.: a sociabilidade.

Aquilino Ribeiro ⁵⁰

Como se acaba de referir, alguns autores do *corpus* demarcam-se dos restantes por apresentarem perfis mais elaborados da identidade portuguesa. Por um lado, atribuem um maior número de características ao Português ⁵¹; por outro lado, apresentam aquilo que poderemos designar por imagens-síntese, ou seja, descrições do Português organizadas em torno de características que consideram principais. Os casos mais assinaláveis são Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, Jorge Dias, Jaime Cortesão, Francisco da Cunha Leão e José Rodrigues Miguéis.

Apesar de diferenças de vocabulário na caracterização dos Portugueses, e mesmo de divergência na atribuição ou rejeição de alguns itens, parece-nos existir um fio comum a ligar estes autores e as suas concepções paradigmáticas do Português. Estas concepções comportam

⁵⁰ Excerto de “A voz dos nossos avós” (ANT, p. 22).

⁵¹ São os casos de Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, Jorge Dias, Jaime Cortesão, Francisco da Cunha Leão e José Rodrigues Miguéis, que empregam entre 25 e 50 itens na caracterização dos Portugueses.

aspectos positivos e negativos da identidade nacional, como passamos a indicar.

Aspectos positivos

Complexidade harmoniosa ...

A dualidade dos Portugueses, a contradição das suas características, é uma das ideias fortes que acaba por se impor na leitura destes autores. Trata-se de uma contradição que tem por base a complexidade e que se compõe de características antagónicas, psicológicas e sociais, que coexistem e se harmonizam na estruturação da sociedade e cultura portuguesas. Uma complexidade harmoniosa, se seguirmos Jaime Cortesão, para quem ocorre uma “união dos contrários” entre as características portuguesas (ANT, p. 39). O fundo de heterogeneidade dos Portugueses é explicado em fraca proporção pela variabilidade biofísica (territorial ou rácica), como atrás se viu, e é fortemente explicado pelo desenvolvimento histórico da nação. A explicação historicista parece-nos sobrepôr-se à explicação sociológica pela ênfase dada ao tipo *comunitário* versus *societário* nas formas de organização social da nação portuguesa. Segundo alguns autores do *corpus*, em Portugal viveram-se épocas bem demarcadas historicamente e ainda hoje se podem observar resultados práticos das transformações então ocorridas, sendo os Portugueses de hoje testemunho da existência de um *continuum* no ser-português. Do Portugal *primitivo* vem uma *emanação avoenga*, dizia Nemésio; seremos, segundo Cortesão, *moedas gastas mas ainda com traços de cunhagem*:

“Se analisarmos ainda hoje qualquer português, nele encontramos, em combinações diversas aquelas virtudes, aliadas aos defeitos das virtudes, quando não estes exclusivamente. Como as moedas gastas pelo tempo e o manuseio, cuja efigie, outrora de nítido perfil, hoje mal se reconhece, e, quando o metal é vil, se afoga no verdete, assim, nos decaídos lusos, mais ou menos a custo se enxerga o lusíada da idade heróica. Às vezes é um traço apenas ou um resto de traço. Mas esse basta ao observador experimentado para reconhecê-lo e reconstituir-lhe as ascendências.” (ANT, p. 38).

... ou a habilidade para ser-se inteiro, plasticamente amorável ...

Fernando Pessoa é dos autores mais exaustivos, ainda que sintético na caracterização da complexidade portuguesa. Para ele, esta complexidade manifesta-se na interdiversidade dos Portugueses e tem, como para Cortesão⁵², uma génese histórica bem definida. Em seu entender, três grandes épocas de transformação marcaram o viver colectivo e a construção da identidade étnica, tendo cada uma delas segregado um novo modelo colectivo de pessoa. Teremos assim, como designa, “três espécies de Portugal dentro do mesmo Portugal”, e, em consequência, “três espécies de Português”: *o português típico*, fundamental (do início da nacionalidade), *o português do tipo imperial* ou da *saudade imperial* (D. Dinis-D. Sebastião), *o português oficial* ou *que o não é* (da época pombalina). É do seguinte modo que Pessoa caracteriza os três tipos de Português:

“Um começou com a nacionalidade: é o português típico, que forma o fundo da nação e o da expansão numérica, trabalhando obscura e modestamente em Portugal e por toda a parte de todas as partes do Mundo. Este português encontra-se, desde 1578, divorciado de todos os governos e abandonado por todos. Existe porque existe, e é por isso que a nação existe também.

“Outro é o português que o não é. Começou com a invasão mental estrangeira, que data, com verdade possível, do tempo do Marquês de Pombal. Esta invasão agravou-se com o Constitucionalismo, e tornou-se completa com a República. Este português (que é o que forma grande parte das classes médias superiores, certa parte do povo, e quase toda a gente das classes dirigentes) é o que governa o país. Está completamente divorciado do país que governa. É, por sua vontade, parisiense e moderno. Contra sua vontade, é estúpido.

“Há um terceiro português, que começou a existir quando Portugal, por alturas d’El-Rei D. Dinis, começou, de Nação, a esboçar-se Império. Esse português fez as Descobertas, criou a civilização transoceânica moderna, e depois foi-se embora. Foi-se embora em Alcácer-Quibir, mas deixou alguns parentes, que têm estado sempre, e continuam estando, à espera dele. Como o último verdadeiro Rei de Portugal foi aquele D. Sebastião que caiu em Alcácer-Quibir, e presumivelmente ali morreu, é no símbolo do regresso de El-Rei D. Sebastião que os portugueses da saudade imperial projectam a sua fé de que a família se não extinguisse.” (ANT, p. 13)

52 Cortesão assinala, como atrás se viu, apenas dois tipos de português – o da *idade heróica* e o actual, de *decaídos lusos* –, embora se possa pensar que reconhece igualmente um tipo originário do início da nacionalidade, ao salientar a influência (posterior à nacionalidade) do ideário da Cavalaria no “*ethos português*”.

Embora se diferenciem estes modelos de Português, não apresentam propriamente características diferentes. As características básicas são as normas, o que se altera é a qualidade com que as mesmas se manifestam. Isto faz com que uma característica como a *adaptabilidade*, nuclear e positiva no pensamento de Pessoa, se desloque para o pólo oposto e se torne negativa transformada em *mimetismo* (Quadro 13).

Quadro 13: Tipos do Português (Fernando Pessoa)

<i>Tipos de Português</i>	<i>Características</i>	<i>Estratos sociais</i>
Português típico	predomínio da imaginação sobre a inteligência; predomínio da emoção sobre a paixão; adaptabilidade instintiva	Povo (fundo da nação)
Português imperial	imaginação tão forte que integra a inteligência (<i>nova qualidade mental</i>); predomínio da emoção sobre a paixão; adaptabilidade instintiva torna-se activa (<i>habilidade para ser tudo</i>)	Toda a nação na época das Descobertas (?); portugueses da saudade imperial (Sebastianistas)
Português oficial	declínio da imaginação; amortecimento da emoção; adaptabilidade superficial (de <i>assimilador a mimético</i>)	Classes médias, superiores e dirigentes; algum povo

Quanto à manifestação de maior qualidade, Pessoa situa-a na segunda época com o atingir pleno de todas as potencialidades inscritas no carácter nacional. Terá sido durante este longo tempo de cerca de três séculos que se realizou uma espécie de *alquimia* nacional. Um dos “três característicos” da sua “mentalidade comum” – o par imaginação-inteligência –, devido à intensa aproximação havida entre os dois pólos, sofre um processo de transmutação em que se origina “uma espécie de nova qualidade mental”. Nesta segunda época de máximo potencial humano e criativo em circulação, ocorrem os Descobrimientos, como

consequência prática de um processo psicológico de transformação interior⁵³.

Tal como para Pessoa, também para Jaime Cortesão é na fase histórica em que se incluem os Descobrimentos (para si, a “idade heróica”), que se consubstancia aquilo que poderemos considerar como a *fixação* da etnicidade nacional.

Os Descobrimentos, pontuando esta idade, permitem, segundo o autor, ver em funcionamento (e em harmonia) a contradição básica que caracteriza os Portugueses. Contradição que reveste a forma de *paradoxo*, em que “duas forças opostas”, uma conservadora e outra universalista, governam a interioridade do *ethos* nacional e que é aparente, porque estas forças não governam digladiando-se mas sim complementando-se. A impossibilidade revela-se polaridade, correspondendo, na metáfora de Cortesão, ao *ritmo do coração português*:

“Em cada português, que embarca para o descobrimento do Mundo, há em germe um cavaleiro andante e um místico franciscano. Um aventureiro e um santo. Caso algum mais típico, como iremos ver, que o de Fernão Mendes Pinto.

“Mas essas duas tendências somam-se para, fundidas, voltar a dissociar-se. Se ambas educam no desejo da aventura, ambas levam também ao fervor lírico, e quer ao amor da terra, quer ao amor da mulher.

“Idênticas no fundo, elas escondem duas forças opostas. Uma impele a construir a Casa; a outra a dilatar o Império. Uma é eminentemente telúrica, conservadora e castiça; a outra vagamunda, renovadora, universalista.

53 Através de uma correspondência com tipos de literatura, Fernando Pessoa continua a delimitação dos três tipos de Português: “A cada um destes tipos de português corresponde um tipo de literatura. O português do primeiro tipo é exactamente isto, pois é ele o português normal e típico. O português do tipo oficial é a mesma coisa com água; a imaginação continuará a predominar sobre a inteligência, mas não existe; a emoção continua a predominar sobre a paixão, mas não tem força para predominar sobre coisa nenhuma; a adaptabilidade mantém-se, mas é puramente superficial – de assimilador, o português, neste caso, torna-se simplesmente mimético.

“O português do tipo imperial absorve a inteligência com a imaginação; a imaginação é tão forte que, por assim dizer, integra a inteligência em si, formando uma espécie de nova qualidade mental. Daí os Descobrimentos que são um emprego intelectual, até prático, da imaginação. (...) E esta nova espécie de mentalidade influiu nas outras duas qualidades mentais do português: por influência dela a adaptabilidade torna-se activa, em vez de passiva, e o que era habilidade para fazer tudo torna-se habilidade para ser tudo... (...) Estes três tipos do português têm uma mentalidade comum, pois são todos portugueses, mas o uso que fazem dessa mentalidade diferencia-os entre si.” (ANT, p. 13).

“Agora centrípeto, logo centrífugo, sístole e diástole do mesmo coração, o génio português ora se concentra sobre si mesmo, ora se dilata e leva o seu influxo a todo o Mundo, para de novo se recolher enriquecido de gérmes cosmopolitas.

“Mas, por vezes, e em raros momentos, os dois impulsos fundem-se em expressões de síntese.” (ANT, p. 36).

... com uma mistura de sonho e realidade

Em nosso entender, a escrita de Jorge Dias sobre os Portugueses desenrola de uma maneira inconfundível o tal fio comum que considera a identidade portuguesa como um campo identitário contraditório. É como se o tema da identidade nacional tivesse percorrido profunda e demoradamente o quotidiano do autor e dele resultasse uma lentíssima destilação em gotas saturadas de essência portuguesa.

Pode seguir-se o cuidado com que orientou a sua observação levando-o a procurar que a descrição fosse tão fidedigna⁵⁴ quanto possível, sem que isso interferisse numa apreciação fundamente compreensiva do ser português. Os traços do seu sintético retrato dos Portugueses – “profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso, sem ser fraco” – são também aqueles que a sua escrita nos inspira. A *bondade sem fraqueza* ou *o rigor com coração* poderiam ser uma forma apropriada para caracterizar a sua visão repassada de ternura pelos Portugueses.

Através do coração, da ternura, explica Dias a complexa e adaptável identidade portuguesa – *sonhadora, realista e prática, saudosa*:

“O Português é um misto de sonhador e de homem de acção, ou, melhor, é um sonhador activo, a que não falta certo fundo prático e realista.

“(…) Há no Português uma enorme capacidade de adaptação a todas as coisas, ideias e seres, sem que isso implique perda de carácter. Foi esta faceta que permitiu manter sempre a atitude de tolerância e que imprimiu à colonização portuguesa um carácter especial inconfundível: assimilação por adaptação.

“(…) A mentalidade complexa que resulta da combinação de factores diferentes e, às vezes, opostos dá lugar a um estado de alma *sui generis* que o Português denomina saudade. Esta saudade é um estranho sentimento de ansiedade que parece resultar da combinação de três tipos mentais distintos: o lírico sonhador – mais aparentado com o temperamento céltico –, o fáustico de tipo germânico e o fatalístico de tipo oriental.” (ANT, p. 32).

54 O reparo de Jorge Dias (que parece ter sido dos primeiros a fazê-lo) para a prática corrente dos automobilistas portugueses de mutuamente se avisarem da aproximação da polícia através de sinais de faróis pode dar-nos ideia do pormenor da sua observação (ANT, p. 33).

Este misto de *sonho e realidade*, que para Jorge Dias caracteriza os Portugueses, faz reaparecer o modelo activo-passivo presente em Cortesão (e também em Pessoa), e ao par sonho-realidade outros pares de opostos se associam: introversão-extroversão, preponderância da imaginação sobre a acção. O primeiro é exemplificado por Dias na agressividade contida da tourada portuguesa ⁵⁵ – em que, se o espectáculo em si assume a violência que lhe é própria, certas práticas específicas revelam o desagrado nacional com a manifestação plena da violência –, referindo, apesar disso, que os Portugueses também se podem comportar de forma extrovertida: “ferido no seu orgulho, pode ser violento e cruel”; o segundo par de opostos detecta-se no gosto do Português em: “fazer projectos vagos, castelos no ar que não pensa realizar”, esperando que “as coisas aconteçam milagrosamente” (ANT, p. 32).

Apesar da dualidade que reconhece e sublinha, é totalidade ou inteireza de ser que para Jorge Dias melhor parece caracterizar os Portugueses. Inteireza comandada pela qualidade amorosa em que “o coração é a medida de todas as coisas” ⁵⁶ e se reflecte tanto nos aspectos espirituais como materiais da cultura nacional. Neste fundo afectivo “humano, acolhedor, tranquilo”, se inscrevem a arquitectura e liturgia religiosas, com templos *sorridentes* ou *sóbrios* e sem “Cristos lívidos e torturados” (ANT, p. 32).

O *coração como medida* (Dias), a extraordinária capacidade *para ser tudo* (Pessoa) ou uma *complexidade harmoniosa* (Cortesão), tais podem ser os paradigmas que aglutinam as *características resistentes* atribuídas por estes autores aos Portugueses (Quadro 14).

⁵⁵ A propósito da expressão contida dos Portugueses, afirma Jorge Dias: “Outro aspecto curioso dessa característica são as touradas portuguesas, em que o touro não morre e vem embolado, para não ferir os cavalos nem matar os homens. O espectáculo perdeu a intensidade dramática que tem em Espanha, mas ganhou em beleza, pela valorização do toureio, e mantém a nota viril da coragem física com as pegas, em que os homens medem forças com o touro, que é dominado a pulso.” (ANT, p. 32).

⁵⁶ Esta expressão, embora faça parte do texto em análise (Dias, 1986, p.34), não foi incluída no excerto antologado.

Aspectos negativos

1. Plasticidade - conformismo - disciplina

A tendência a que anteriormente nos referimos, de os autores caracterizarem positivamente a identidade portuguesa, não significa a completa ausência de atribuição negativa. Embora seja notório que, quando tal acontece, os *defeitos* dos portugueses, ou as características que lhes *faltam*, acabem por ser apresentadas como decorrentes da *complexidade* da identidade nacional e da *polaridade* (fraca ou forte) das características estruturantes em certo contexto ou época.

Veja-se o caso através da plasticidade ou adaptabilidade. Ao reflectir, de uma forma pragmática, sobre a correcta orientação política de Portugal, Jaime Cortesão trata o tema da plasticidade-adaptabilidade dos Portugueses e das suas consequências negativas nas relações pessoais e sociais.

Na orientação proposta, Cortesão dá particular relevo à natureza paradoxal dos Portugueses, e ao risco sempre presente de que as suas melhores qualidades se tornem nos seus piores vícios, designados pelo autor como “defeitos das qualidades”. Deste modo, a *plasticidade* (“plasticidade amorável”) que ocupa lugar central na trilogia com que o autor caracteriza o *módulo resistente* do carácter nacional (“hombridade, plasticidade e inquietação”), plasticidade que considera a grande qualidade portuguesa, pode, se *degenerar*, fazer aparecer os principais defeitos nacionais. É assim que os itens positivos da plasticidade – espírito “exaltado pelo amor”, “capacidade eminentemente compreensiva, tanto para comunicar como para aprender”, “dom de simpatia e comunicação cordial” – se podem transformar nos seguintes itens negativos: “maleabilidade levada até à abjecção, à hipocrisia e ao conformismo sem limites”⁵⁷.

⁵⁷ Para Jaime Cortesão, os Portugueses podem ainda apresentar outros defeitos decorrentes deste modelo polarizado. São os defeitos da *hombridade* – “exacerbação anárquica do eu”, “individualismo feroz”, “indisciplina”, “soberba”, “ponto de honra”, “inveja”, “malidicência”, “intolerância fanática”, “violência”, “crueldade” – os quais são para os portugueses tão prejudiciais como os da plasticidade. Apesar da *hombridade* ser também uma das dimensões do carácter nacional, ela é ibérica e é em Espanha que pode tomar aspectos mais graves: “se a hombridade é a fonte dos maiores defeitos do ibérico, e, em especial, do castelhano, seu representante mais directo, a plasticidade degenera no português, em proporção maior, nos vícios correspondentes.” (ANT, p. 38).

Quadro 14: Alguns paradigmas da identidade portuguesa

<i>Paradigmas</i>	<i>Características resistentes (constantes e positivas)</i>	<i>Características ocasionais (tendencialmente negativas)</i>
<p><i>Complexidade harmoniosa</i></p> <p>Jaime Cortesão</p>	<p>“módulo resistente”: hombridade, inquietação, plasticidade</p> <p>“união de contrários”: [síntese da hombridade e da plasticidade] casticismo de raiz / cosmopolitismo de floração, cavaleiro andante / místico franciscano</p> <p>“forças opostas”: força telúrica, conservadora, castiça; força vagamunda, renovadora, universalista</p> <p>“plasticidade amorável”: espírito exaltado pelo amor, capacidade eminentemente compreensiva para comunicar e aprender, simpatia e comunicação cordial</p> <p>“hombridade”: inteireza de carácter, tenacidade e fidelidade a todas as tradições da terra e de uma cultura multissecular</p>	<p>abjecção, hipocrisia, conformismo [defeitos da plasticidade]</p> <p>individualismo feroz, indisciplina, maledicência, intolerância fanática, honra inveja, soberba, violência, crueldade [defeitos da hombridade]</p>
<p><i>Habilidade para ser tudo</i></p> <p>Fernando Pessoa</p>	<p>[predomínio de] imaginação sobre inteligência, emoção sobre paixão</p> <p>adaptabilidade instintiva</p> <p>imaginação tão forte que integra inteligência e torna adaptabilidade activa em vez de passiva: e o que era habilidade para fazer tudo torna-se habilidade para ser tudo [períodos de apogeu]</p>	<p>adaptabilidade superficial [de assimilação a mimetismo]</p> <p>“rude disciplina social” (rígida e excessiva) que gera indisciplina superficial e irresponsabilidade social: inveja, grosseria, barbárie</p>
<p><i>Mistura de sonho e realidade</i></p> <p>Jorge Dias</p>	<p>misto de sonhador e homem de acção, “sonhador activo” de fundo práctico e realista mais idealista, emotivo e imaginativo que reflexivo</p> <p>tolerante, enorme capacidade de adaptação: assimilação por adaptação</p> <p>não gosta de fazer sofrer e evita conflitos</p> <p>humano, sensível, amoroso e bondoso</p> <p>projectos vagos e crença no milagre</p>	<p>Violento e cruel (se ferido no seu orgulho)</p>

Em Fernando Pessoa, será igualmente a adaptabilidade como defeito (em excesso) que estará subjacente ao seu pensamento e que o leva a

classificar os Portugueses, num dizer mais magoado que invectivo, como “o povo disciplinado por excelência”, sendo esta a sua “mais irritante” característica (ANT, p. 9).

Do excesso de disciplina decorre aquilo que Pessoa assinala como incapacidade de “revolta e de agitação” (Cortesão falava de conformismo) perante a mentalidade *decadente* que vinha caracterizando a sociedade portuguesa do seu tempo. Esta disciplina, que não é claramente expressa e surge mascarada de uma indisciplina inconsequente, é socialmente partilhada e coarcta a acção libertadora e criativa que fora apanágio dos Portugueses na época áurea do seu desenvolvimento histórico. É em consequência dessa atitude conformista que, colectivamente, face ao “português do tipo imperial”, Pessoa considera os Portugueses do século XX (primeira metade) “um grande povo de heróis adiados”, e que, a nível de comportamentos individuais bem como nas suas relações sociais, os caracteriza por “invejosos, grosseiros e bárbaros”⁵⁸.

Pessoa e Cortesão, próximos quanto à fluidez básica do carácter nacional (“adaptabilidade instintiva”, “plasticidade amorável”), são-no igualmente quanto aos aspectos negativos deste⁵⁹. Além do *conformismo*, Cortesão refere também a *inveja*, a *maledicência*⁶⁰, a *soberba*, a *violência*

58 Ao referir-se à atitude conformista dos Portugueses, Pessoa compara-os aos Alemães: “Como os Alemães, nós compensamos a nossa rígida disciplina fundamental por uma indisciplina superficial, de crianças que brincam à vida. Refilamos só de palavras. Dizemos mal às escondidas. E somos invejosos, grosseiros e bárbaros, de nosso verdadeiro feitio, porque tais são as qualidades de toda a criatura que a disciplina moeu, em quem a individualidade se atrofiou.” (ANT, p. 9).

59 Em dois outros autores se podem encontrar referências mais ou menos directas aos defeitos da *plasticidade*: seja o caso de Irene Lisboa, que, num inventário decididamente negativo do carácter ou alma nacional, considera o Português como alguém que não se expõe nobremente ao convívio humano: “O português, mesmo o *snob*, é interesseirão e prático. Amador da segurança, e ser de grande, naturalmente irredutível, camponesismo mental. Dá-se, porventura a manifestações desinteressadas do espírito? Lança, galharda, nobremente, laços de pura convivência mental; aquilata o seu semelhante por simples valores morais ou intelectuais, ou sequer profissionais? Não. Tudo para ele deve irradiar de um certo fundo hierárquico, tudo a continuar, pré-estabelecido, bem mantido. A nossa gente, mesmo a mais tonalizada, gasta o seu espírito a apalpar terreno, a farejar atmosferas. (...) palaciana alma, simultaneamente amaneirada e exibicionista, frívola e cerrada, sectária, iliberal.” (ANT, p. 19); sejam ainda os casos de Castelo Branco Chaves, com o *génio português eminentemente plástico* que lhe retira “resistência interior” e “individualidade (faltando-lhe de universalismo)” (ANT, p. 25), e de Marcello Duarte Mathias, para quem a “tolerância do português” resultará de uma falta de convicções (ANT, p. 47).

60 Jaime Cortesão acentua que a *inveja* e *maledicência* foram consideradas durante o séc. XVI “como vícios essencialmente Portugueses” (ANT, p. 39).

e a *crueldade*, itens que se podem considerar contidos na *grosseria e barbárie* mencionadas por Pessoa.

2. Vontade descontínua - impulsividade - irresponsabilidade social

Aquilino Ribeiro distancia-se em parte de Cortesão e Pessoa aos enquadrar de tal modo os defeitos portugueses que aquilo que se poderia considerar vício – *vontade fraca, impulsividade, falta de responsabilidade* – nos é apresentado como uma visão particular do mundo quase adquirindo uma textura de virtude (Quadro 15).

O *conformismo* de Cortesão, implícito em Aquilino na “brandura, molice, um certo agastamento perante o esforço, e vontade descontínua” que atribui aos Portugueses, aparece também ligado à enorme *adaptabilidade* portuguesa mas avaliado de forma mais positiva, seja como tonalidade plástica a *suavizar* “a rudeza ibérica”⁶¹, seja como sabedoria existencial. No quadro desta sabedoria, tanto o “descuido”, como “certa lassidão perante a vida e uma certa filosofia de *lazzaróne*”, se resumem “em considerar a luta como coisa tonta e vã perante a eternidade”. Também a *impulsividade* (“abandono aos impulsos do bem ou do mal”) decorre desta forma de estar na vida, e a *irresponsabilidade*, por seu lado, provém do “inaglutinativo” modo de ser dos Portugueses.

Este modo inaglutinativo, que Aquilino caracteriza por uma “aversão pelo associacionismo”, não corresponde propriamente ao desejo de preservar um espaço exterior de liberdade pessoal, de acção individual, característicos do individualismo. Embora tal pareça, quando é dito que se trata de “rebeldia aos vínculos morais, atonia perante o dever social, impropriedade do seu individualismo para tudo o que tenha o carácter de colectivo”; acaba por se entender que, para o autor, o colectivo recusado é o do tipo moderno, dos estados-nação, e que é nesse quadro que se deverá situa a fuga aos deveres estabelecidos, a *irresponsabilidade social* dos portugueses.

61 Sobre o confronto Portugal - Espanha, Aquilino acaba por afirmar: “Em resumo, uma Espanha que conserva todo o seu carácter bárbaro, agreste, próprio, um Portugal que, pactuando com usos e costumes de outros povos, deixou esmaecer a rudeza ibérica.” (ANT, p. 15).

Estaremos perante a paradoxal natureza dos Portugueses: o Português é ao mesmo tempo “insolidário com o próximo” e a “gente mais hospitaleira do cosmos”, e Aquilino propõe-se explicar esta contradição. Decorre a mesma de uma descontinuidade da *vontade* mas apenas para alguns dos seus aspectos, aqueles que se referem à “vida civil”⁶²; como se o Português não quisesse *ter de* ser solidário e sim o fosse perante o *desejo* sentido em o ser. Esclarece Aquilino que a fraternidade indiscutível dos Portugueses, e que ele fortemente proclama, é uma fraternidade arcaica, uma “fraternidade de casa da malta, impulsiva, sem sanção nem obrigação, toda eventual e caprichosa, pois.” (ANT, p. 22) (Quadro 15).

Quadro 15: Axiomas da identidade portuguesa (Aquilino Ribeiro)

<i>Paradigmas</i>	<i>Características resistentes (constantes e positivas)</i>	<i>Características ocasionais (tendencialmente negativas)</i>
Sociabilidade - adaptabilidade	homem mais sociável deste mundo , grande simpatia, bicho mais adaptável do universo, gente mais hospitaleira do cosmos	
Vontade descontínua - impulsividade - irresponsabilidade social	fraternidade de casa da malta (eventual, sem sanção nem obrigação, eventual, caprichosa)	vontade fraca, brandura, molice, descuido, lassidão, filosofia de <i>lazzaróne</i> (luta coisa tonta e vã perante a eternidade), impulsividade aversão associativismo, rebeldia, vínculos morais, atonia perante dever social

Tal como se observa em Pessoa quando faz decorrer a irresponsabilidade do “excesso de disciplina”⁶³ nacional, está subjacente

⁶² Diz o autor: “Sendo o português sociável por excelência, na vida prática, para lá da boa intenção, é o mais inaglutinativo dos viventes. E porquê? Porque associação implica vontade, disciplina, sobretudo esforço a longo prazo, e o português cinca pela ausência ou atenuamento de qualidades que para o alemão ou o belga são a base da vida civil.” (ANT, p. 22).

⁶³ Fernando Pessoa caracteriza o excesso de disciplina pelo excesso de acção em grupo, que permite a indeterminação da responsabilidade individual: “nunca é possível determinar responsabilidades; elas são sempre da sexta pessoa num caso onde só agiram cinco.” (ANT, p. 9).

em Aquilino uma acentuação da base grupal-comunitária do *modus vivente* português.

Noutra perspectiva que vai para além da base grupal e dos valores partilhados, situam alguns autores outra chave da identidade nacional. Trata-se da acentuação do psicológico, de uma procura individual do sentido mais profundo da vida, do anseio de transpor limites, de renovar repetidamente o estabelecido ou, como diz Pessoa, de “obter a proporção fora da lei, na liberdade” (ANT, p. 10). Anseio a que Cortesão se refere como decorrente de um impulso *centrífugo* (renovador), do duplo apelo *cavaleiro andante-místico franciscano*.

Quer a *proporção fora da lei* quer a *força centrífuga* poderão ser entendidas como abertura ao *universal*, característica mais atribuída e sobrevalorizada por Almada Negreiros, ao constituir simultaneamente uma abertura ao mais profundo e particular do humano.

Efectivamente, em Almada, o tema da universalidade é apresentado de uma forma muito interessante porque se trata do universal *interior*, ou seja de uma vivência consciente da individualidade de cada pessoa e da sua procura de conhecimento e expressão da “incógnita” personalidade individual (ANT, p. 18).

Afirmando, no seu estilo ousado mas convicto, que “o português tem uma acessibilidade melhor dos sentimentos universais”, Almada leva-nos a recordar as premissas de D. Francisco Manuel de Melo ao referir, no século XVII, “E pois parece, que lhes toca mais aos portugueses, que a outra nação do mundo, o dar-lhe conta desta generosa paixão, a quem somente nós sabemos o nome, chamando-lhe: saudade” (Melo, 1977, p. 289). Ambos sobrevalorizam os Portugueses ao atribuírem-lhes uma posição privilegiada como receptores e depositários das características mais nobremente ou mais fundamente humanas. D. Francisco ligando o humano (racional) à possibilidade de se ascender ao afectivo e à unidade de todas as coisas, ao universal:

“É a saudade, uma mimosa paixão da alma, e por isso tão subtil (...) Assim prova ser parte do natural apetite da união de todas as coisas amáveis, e semelhantes; (...) Compete por esta causa aos racionais, pela mais nobre porção, que há em nós; e é legítimo argumento, da imortalidade do nosso espírito, por aquela muda ilação que sempre nos está fazendo interiormente, de que fora de nós há outra coisa melhor que nós mesmos com que nos desejamos unir.” (Melo, 1977, pp. 290-1).

Almada remetendo para a procura e respeito da individualidade mais extrema como riqueza última do humano e abertura ao universal e ao seu mistério:

“Eu creio que o português tem uma acessibilidade melhor dos sentimentos universais do que qualquer outro povo da terra. E mais creio que esta acessibilidade do universal é historicamente portuguesa, por mais pesados que ainda caíam sobre nós os nossos antecedentes. (...) Sem o respeito pela individualidade e personalidade de cada ser humano, seja ele qual for, não há nada começado neste mundo. (...) O respeito por cada uma das pessoas é a única ligação que teremos no diálogo das gerações e no encontro da humanidade com a própria humanidade. Enquanto em Portugal cada uma das pessoas humanas portuguesas não tiver a possibilidade de entregar-se totalmente a fundo, à incógnita da sua própria personalidade, continuará tudo ainda por começar. O humano é a única varonia da humanidade. O humano deve ser a única varonia de Portugal.” (ANT, p. 18).

E. Nacionalidade portuguesa e Identidade pessoal

Se a existência de uma comunidade nacional como etnia é uma ideia partilhada pela generalidade dos autores, no contraste com outras comunidades nacionais esta ideia manifesta-se ainda com mais força; é perante a *sombra* das qualidades (ou defeitos) que caracterizam o *outro* que novos aspectos da identidade nacional se revelam.

A nacionalidade portuguesa e a sombra do Outro

Os povos da Europa constituem a área geográfico-cultural em que os autores do *corpus* inscrevem a identidade portuguesa, em particular os povos do chamado mundo latino-mediterrânico (Espanhóis/Castelhanos, Franceses e Italianos), mas também Ingleses, Alemães, Belgas e Gregos (antigos).

Assim, os Portugueses serão opostos aos Ingleses, aparentados aos Alemães e aos Gregos (antigos), complementários com os Espanhóis, diferentes dos Franceses (parisienses) mas com alguns traços deles copiados, e, em geral, não são afinal latinos. Opomo-nos aos Ingleses pela *adaptabilidade* (Dias), pela *sociabilidade-afabilidade* (Aquilino), e tanto

diferimos dos latino-mediterrânicos (Dias e Pessoa) que Pessoa chega a dizer que “somos muito mais helénicos”⁶⁴. Partilhamos com os Alemães a *adaptabilidade* (Pessoa, Aquilino, Dias) e a *disciplina-irresponsabilidade social* (Pessoa); com os Gregos partilhamos a concepção de *liberdade* (Pessoa)⁶⁵, e com os Espanhóis a *emocionalidade* (Leão), a *fidalguidade* (Dias), a *ostentação* e o *individualismo* (Dias) a *hombridade* e a *inquietação* (Cortesão) (Quadro 16).

Hispanidade: Portugueses e Espanhóis, contraste simétrico?

Finalmente, destaca-se em alguns autores, aquilo que se poderá considerar como a matriz cultural mais definida da identidade portuguesa – a *Ibérica* ou *Hispanica*. Porque somos Portugueses, somos ibéricos, e, embora bem diferenciados de outros povos da Ibéria, é com eles e connosco que a Ibéria existe.

De entre um *Outro* genérico, a Espanha e os Espanhóis constituem aquele outro que aviva permanentemente a memória da diferença. Ao modelo contrastante e eminentemente comparativo – Portugueses-Espanhóis –, recorrem, entre outros, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão, Jorge Dias e Francisco da Cunha Leão. Este último autor, no seu “quadro comparativo” Portugueses-Castelhanos toma como postura filosófica comum a “afirmação plena do homem”, estabelecendo como linha de demarcação a afirmação através da “vontade” (Espanha) e do “sentimento” (Portugal).

⁶⁴ Domingos Monteiro é outro dos autores que sublinha a diferença entre os portugueses e os restantes latinos (*espanhol, italiano, francês*) como atrás se referiu.

⁶⁵ Também Castelo Branco Chaves compara os portugueses aos gregos. A comparação serve-lhe para concluir, por um lado, que não temos o seu *génio universalista*; por outro, para afirmar o domínio português da *acção prática*: “o grego teve-o [génio universalista] em alto grau e, contudo, no domínio da acção prática as suas actuações foram insignificantes ou restritas.” Os Descobrimientos, como “actividade de fins utilitários”, são, para o autor, a comprovação do nosso domínio da acção prática, em detrimento do génio universal (ANT, p. 25).

Quadro 16: Identidade nacional: o Português e o Outro

<p>Alemão <i>semelhança</i> adaptabilidade</p> <p>disciplina - irresponsabili- dade social</p> <p><i>diferença</i> adaptabilidade</p>	<p>“parece-se com ele [alemão] na adaptabilidade, mas a do alemão é racional e firme, a do português instintiva e instável” (Pessoa)</p> <p>“igual pelo menos ao alemão; ainda neste a adaptabilidade é fruto duma orgânica; no português, obra de instinto” (Aquilino)</p> <p>“Como os Alemães, nós esperamos sempre pela voz de comando. Como eles sofremos da doença da Autoridade (...) Por isso aqui, como na Alemanha, nunca é possível determinar responsabilidades” (Pessoa)</p> <p>“a capacidade de adaptação [do Português] é geral (...) [mas] enquanto (...) o Alemão, quando deixa de o ser, dificilmente volta a tornar-se alemão, o Português assimilou completamente o provérbio que diz: ‘Em Roma sê romano.’ Mas só enquanto está em Roma.” (Dias)</p>
<p>Inglês <i>diferença</i> adaptabilidade</p> <p>sociabilidade - afabilidade</p>	<p>“a capacidade de adaptação é geral (...) enquanto o inglês fica sempre inglês em toda a parte, (...) o Português assimilou completamente o provérbio que diz: ‘Em Roma sê romano.’ Mas só enquanto está em Roma.” (Dias)</p> <p>“Onde o português chega, há tertúlia, desenvolve-se a afabilidade (...) Esta virtude ou defeito (...) explica o seu nenhum exclusivismo (...) Ao contrário do inglês que para toda a parte leva com o cachimbo e o fato sal e pimenta a sua importante e exclusiva senhoria e os pergaminhos de celta, o português leva-se a si, simples como elemento, pronto a todas as permeabilidades, e enaipa com quem o requer e não o requer” (Aquilino)</p>
<p>Espanhol <i>semelhança</i> fidalguia ostentação</p> <p>hombridade</p> <p>individualismo</p> <p><i>diferença</i> emocionalidade</p> <p>inquietação</p>	<p>“Compartilha [o Português] com o Espanhol o desprezo fidalgo pelo interesse mesquinho, pelo utilitarismo puro e pelo conforto, assim como o gosto paradoxal pela ostentação de riqueza e pelo luxo.” (Dias)</p> <p>“Entre a hombridade rígida do Hispano e a hombridade plástica do Português, a explicar a segunda medeia a inquietação.” (Cortesão)</p> <p>“É [o português] como os Espanhóis, fortemente individualista, mas possui grande fundo de solidariedade humana.” (Dias)</p> <p>“No entanto a nação portuguesa, tão permeável ao universo como universalizante, conta com outros elementos de coesão de ordem genericamente humana e sentimental, mas sobremaneira eficazes que a compensam do maior orgulho, do hermetismo e ostensivo carácter que são constitucional defesa da Espanha.” (Leão)</p> <p>“Comum a todos os povos ibéricos de raiz semita, ela [inquietação] ganhou uma tonalidade específica no Português. A inquietação portuguesa, predominantemente extrovertida, é juntamente mais pragmática e mais sequiosa de espaço. O primeiro homem que deu a volta ao mundo tinha de ser, e foi, português.” (Cortesão)</p>
<p>Grego <i>semelhança</i> lei - liberdade</p>	<p>“Somos muito mais helénicos – capazes, como os Gregos, só de obter a proporção fora da lei, na liberdade, na ânsia, livres da pressão do Estado e da Sociedade.” (Pessoa)</p>
<p>Latino- mediterrânico <i>diferença</i> contemplação exuberância inibição</p>	<p>“Nada há de menos latino que um português.” (Pessoa)</p> <p>“O Português tem vivo sentimento da natureza e um fundo poético e contemplativo estático diferente do dos outros povos latinos. Falta-lhe também a exuberância e a alegria espontânea e ruidosa dos povos mediterrâneos. É mais inibido que os outros meridionais pelo grande sentimento do ridículo e medo da opinião alheia.” (Dias)</p>

A subordinação portuguesa ao sentimento é sublinhada com a atribuição de vários traços: “Homem como estado de alma. Tendência para o sonho”, “Vida-afirmação pelo sentimento e assimilação humana”, “Solidariedade pela comunhão dos afectos e transmissão do sangue”; enquanto ao Castelhana correspondem traços da vontade como polaridade oposta: “Homem agente do ideal, primazia da acção”, “Vida, afirmação e luta. Valorização pessoal”, “Solidariedade contra as intervenções alheias”.

Na abordagem que faz à solidariedade nacional, como coesão social que permitiu a criação de um Estado independente multissecular, o autor, sem opor intrinsecamente o tipo de solidariedade nacional espanhola e portuguesa – a ambas atribui o “não suportar intromissões de alheios ao torrão”, – não deixa de se lhe referir como sendo distintas. Ao tipo de solidariedade portuguesa atribui *elementos humanos e sentimentais* que a distinguem da solidariedade espanhola, concluindo que “A sub-estrutura psicológica do homem português parece mais profunda, mais sensível para fundamentos existenciais” (Quadro 17).

Quadro 17: Características portuguesas e espanholas: a vontade e o sentimento (Francisco Cunha Leão)*

<i>Castelhano</i>	<i>Português</i>
Religiosidade imediata	Religiosidade mediata
Homem agente do ideal, primazia da acção	Homem como estado de alma, tendência para o sonho
Vida, afirmação e luta. Morte, acesso à glória	Vida, afirmação pelo sentimento e assimilação humana. Espírito de missão
Extremação entre o amor e sexualidade. Amor natural, sem intrincamento	<i>Amor-adoração</i> . Supervivência amorosa, carácter absorvente, complexo. Insegurança, queixa, transcendência.
Ironia cortante, ácida. Ludismo verbal	Ironia sentimental, realismo emotivo e crítico
Reacção perante a adversidade pelo refúgio no foro individual – isento de derrota	Resistência à adversidade pela crença nos imponderáveis
Tendência para o categórico	Sentido das cambiantes e das sombras
Teimosia aberta: obstinação. Desapego das comodidades. Inteireza	Teimosia surda, <i>aquosa</i> , plasticidade

* adaptação (ANT, p. 42)

A nacionalidade portuguesa na identidade pessoal

A nacionalidade portuguesa, enquanto experiência da identidade portuguesa, diferencia-se em alguns autores da relação pessoal com Portugal, embora se evidencie como uma referência *maior* da identidade pessoal. Quando os autores em causa descrevem a experiência de ser português pode observar-se uma tonalidade afectiva menos intensa que quando se referem a Portugal e aspectos divergentes na auto-avaliação da nacionalidade portuguesa.

No que respeita à avaliação da identidade portuguesa, esta é claramente positiva em alguns autores, enquanto que noutros surge como avaliação conflituante, com aspectos negativos e positivos.

1. Avaliação positiva

Na avaliação positiva, em que predomina a ligação mais estreita da identidade nacional à figura de Portugal, a nacionalidade portuguesa é representada como *texto/ olhar fundamental* que decifra e reflecte o próprio autor: António Sardinha e Pedro Homem de Mello são exemplo. Para António Sardinha, Portugal é um *letreiro* que nos diz “tudo” sobre o próprio autor⁶⁶; para Pedro Homem de Mello, ser português pode ser lido como ser um “nós”, ter *rosto próprio* que não um “alheio”⁶⁷.

2. Avaliação conflituante-negativa

Na avaliação conflituante-negativa, o *nós* aparece com efeito contrário a este confortante padrão de identificação, como se fosse visto num espelho multifacetado, que devolve auto-imagens distorcidas, as quais geram confronto interior e se traduzem em sofrimento. O discurso de Marcello Duarte Mathias exemplifica, de certo modo, este tipo de

⁶⁶ “Tudo o que eu sou, o sou por obra e graça / da comoção rural que está comigo. / Foi a virtude lírica da Raça / a herança que eu herdei do sangue antigo. / (...) / De avós a netos, sempre os meus Maiores / fitaram o horizonte que hoje eu fito. / ‘O que estaria além da curva estreita?’ / – E da pergunta, a cada instante feita, / nasceu em mim a ânsia p’ra o Infinito.” (ANT, p. 8).

⁶⁷ “Nós, portugueses, somos castos. / Ninguém nos peça o que não somos. / Por isso, em nós, andam, de rastos, / Árvores de oiro com mil pomos. / (...) / Nós, portugueses, somos castos. / Ninguém nos peça um rosto alheio.” (ANT, p. 28).

avaliação. Protagonista de uma visão dicotómica passado-presente, este autor apresenta de um lado o nós do “Portugal histórico”, do outro, o nós do “Portugal quotidiano”. Entre ambos, há “um fosso”, e o Português vive “intimamente dividido”, sem encontrar, as pontas de uma unidade subjacente à diferença que resolveria o conflito ⁶⁸.

Ao caracterizar o espaço psicológico criado pela identidade pessoal e pela identidade nacional, o autor dramatiza o sofrimento resultante desta sua topografia de abismo: “Todas as noites, à nossa cabeceira, impedindo-nos de nos esquecer e de mergulharmos impunes no sono dos justos, ergue-se a galeria tutelar dos nossos fantasmas de Quinhentos” ⁶⁹. A comparação obsessiva com os méritos do passado, que o autor projecta igualmente nos restantes Portugueses, levará a que não só se avalie negativamente a identidade portuguesa na actualidade, como se acabe mesmo por deixar de ter identidade nacional definida. O conflito entre passado e presente faz com que “o Português pertença simultaneamente a duas pátrias diferentes” e “não se sinta no íntimo contemporâneo de nem de uma nem de outra mas órfão das duas (...) – “na eterna encruzilhada entre o anjo e o demónio, o desassossego e a contemplação” – e, “em última análise, filho de duas pátrias e parricida de ambas!” (ANT, p. 45).

3. Avaliação conflituante-positiva

Diferente de Mathias é a avaliação implícita nos textos de Fernando Pessoa, Fernando Namora e José Rodrigues Miguéis. Conflituante e só parcialmente negativa em Pessoa; reflexiva e positiva em Namora e Miguéis.

⁶⁸ Também António Quadros assume uma posição dualista (“dois Portugais”), mas a sua análise é bem mais consentânea, situando-se na linha dos autores que apelam à reconstrução de uma identidade nacional que não esqueça as origens: “O trágico equívoco português foi a cisão dos elementos tradicionais e dos elementos dinâmicos na sua personalidade, cisão a partir da qual surgiram os dois Portugais, distintos e nenhum verdadeiro. (...) Reencontrar pois a identidade adormecida [“Portugal simultaneamente universalista e português”], mas não ainda completamente perdida.” (ANT, pp. 53-4).

⁶⁹ E o autor prossegue descrevendo o desfile nocturno dos de Quinhentos: “Um a um. Um após outro. Vigilantes. Valorosos. Experimentados. Servidores. E iguais todos eles, pois do capitão-mor ao alcaide, do navegador ao escudeiro, do mártir ao missionário é a mm cabeça levantada de toscas feições e olhar ausente. É eternamente o mesmo homem repetido, exemplar e lendário. Quem somos ao lado dele? Que portugueses são esses que todos os dias nos interrogam e pela mera afirmação de suas presenças põem em causa a vivência da nossa portugalidade? Antigo e ininterrupto diálogo de que nunca saímos incólumes.” (ANT, p. 45).

Embora ancorados no passado da nacionalidade portuguesa, estes autores apontam saídas para o que se poderia chamar o conflito sem resolução de Mathias: Miguéis pela procura de sentido do passado; Pessoa com o apelo a uma nova fase de identificação que continue o processo de *heroicidade* do passado; Namora com o exorcizar da descrença que a “língua desatada” do pós-Abril a seu modo avivou.

Fernando Pessoa, em “Heróis Adiados”, lembra o percurso grandioso e de fama, mas atira largo e forte repto à reconstrução da identidade portuguesa: continua a existir material para engrandecer, é apenas preciso descobrir como fazê-lo, como encontrar *tinta* fresca para de novo escrever Império, porque o “Atlântico continua no seu lugar” (ANT, p. 10) ⁷⁰.

Em “Autocrítica de um português”, José Rodrigues Miguéis reflecte sobre o passado nacional, descortina a génese do actual modelo português, e identifica as suas principais características: um heróico e desmedido percurso que de tanta acção, desejo e posse, de tanto ter *sonhado, visto, tocado e tragado* na vastidão do mundo, tudo transmutou no seu contrário, atingindo um *sublimatio*, na linguagem alquímica, ou tão só a figura simples, distanciada e consumida de um “usufrutuário contemplativo”, nas palavras do autor (ANT, p. 52) ⁷¹.

Fernando Namora, na “Reflexão de um Português”, alerta para um *esvaziamento* da identidade nacional possível através da crítica exacerbada dos aspectos negativos e da comparação desenfreada com características de outros povos (ANT, p. 52) ⁷².

⁷⁰ “Somos hoje um pingo de tinta seca da mão que escreveu Império da esquerda à direita da geografia. É difícil distinguir se o nosso passado é que é o nosso futuro, ou se o nosso futuro é que é o nosso passado. Cantamos o fado a sério no intervalo indefinido. O lirismo, diz-se, é a qualidade máxima da raça. Cada vez cantamos mais um fado. / O Atlântico continua no seu lugar, até simbolicamente. E há sempre Império desde que haja Imperador.” (ANT, pp. 9-10).

⁷¹ “Assim sou eu, amigo: irracional, contraditório, confuso, medular, humoral como soíamos dizer noutra tempo. É para onde me dá.. (...) Que fiz eu quando a riqueza me bafejou passageiramente? Edifiquei palácios, torres e jardins para meu regalo e gozo; ou sonhei construí-los. / Fiquei estruturalmente colecionador: de charadas, anedotas, conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos, móveis e louças, propriedades, nomes de família, regras de sintaxe, livros, noções alheias sobretudo. (...) querendo abranger tudo, saber de tudo, falar de tudo, – traço que me ficou talvez de ter andado pelo mundo aos paus e às catanadas, a querer tragar mais do podia, pela força, a astúcia e a pregação – tornei-me hoje sobretudo usufrutuário contemplativo.” (ANT, pp. 51-2).

⁷² Escreve Namora: “Há muita gente que neste País troveja em vez de reflectir, há muita ameaça, muita cólera, que produzem os anticorpos da desconfiança, quando tanto necessitamos da sabedoria que empolgue pela eficácia e pela discrição. (...) Cada povo tem, naturalmente, as

4. Eu Português, eu Portugal

Dentro ainda do tipo de avaliação que se poderá considerar conflituante, a dinâmica da nacionalidade portuguesa-identidade pessoal apresenta, em António Manuel Couto Viana e Manuel Alegre, uma dimensão particularmente interessante, perante a qual ocorre pensar numa circularidade entre o “Eu” e o seu referencial (Portugal). Efectivamente, estes dois autores como que assumem uma responsabilidade pessoal no estado actual (tendencialmente negativo) de Portugal: seja pela quota parte na “limitação” de que Portugal é vítima (Couto Viana), seja no aconselhamento que lhe evite o sofrimento e *desorientação*, seja no corpo que metaforicamente se oferece como “nova estrada” a abrir (Alegre).

No poema intitulado *Prisão de cristal*, Couto Viana, mais que olhar-se no espelho Portugal, olha com os “olhos de Portugal” que lhe devolvem afinal a sua própria imagem. E, por que o autor se não aventura em “mares revoltos e sem fim”, assim resta Portugal, retido e *prisioneiro*, qual “aquário” de “bom senso tutelar”, em estreitos “limites” pessoais dos eus que o constituem (ANT, p. 29)⁷³.

Manuel Alegre como que fecha um ciclo de identificação. Qual *Eu emancipado* do seu modelo e perante um Portugal ferido e de rumo perdido, oferece-se a si mesmo, como guia e abrigo, para que, repousando na sua interioridade, Portugal se possa reencontrar. O pedido de acolhimento de filho-pródigo à *Mãe-Povo*, de Carlos Queiroz, é, em Manuel Alegre, transformado no seu contrário: agora é o Eu do autor que

suas vocações, os seus timbres, (...) Não nos inibamos, pois, com as nossas sublinhadas modéstias em quase tudo, de tanto que nos fomos autoflagelando com o menosprezo (...) De qualquer modo, a única via para avaliarmos os outros e, através deles, nos avaliarmos também, é a convivência sem complexos. E entre os benefícios que ele nos presta não se ponha de lado a clara identificação do que somos e os estímulos que dos outros iremos colher. O da fraternização, só por si (nós, povo sensível, com o mundo nos olhos, franqueado no receber e sem sobrançerias), bastaria para que não adiássemos essas jornadas de comunicabilidade – que na fase resgatadora em que estamos, contribuiria para a necessária mobilização colectiva.” (ANT, p. 52).

⁷³ “*Meus olhos de Portugal, / Vós reflectis minha sina: / Mares estáticos, dormentes, / Tendes o brilho do sal, / Verduras d’alga marinha, / Por detrás do aquário das lentes. / (...) / Amo o perigo e a aventura, / Sonhados, num sono quieto, / À noite, sob os lençóis: / Não há audácia ou loucura, / Todo o mundo é descoberto, / Resta dormir em heróis. / (...) / Meus olhos de Portugal: / Vós bem quereríeis ser / Mares revoltos e sem fim... / Mas prendi-vos num cristal, / P’ra melhor poderdes ver / Os limites que há em mim.*” (ANT, p. 29).

materniza Portugal para a construção de um novo ciclo – o ciclo do regresso a *casa* (ANT, p. 46)⁷⁴.

Síntese

No conjunto de textos apreciados encontraram-se elementos referentes à imagem de Portugal, às características nacionais, sua estruturação e comparação com características de outros povos. Em alguns textos os autores analisam a identidade portuguesa no quadro da sua identidade pessoal.

O nosso principal objectivo consistia em averiguar qual a importância das características afectivas na representação dos Portugueses segundo o discurso erudito e, como resultado global, há a referir que não só se registou a atribuição de características afectivas aos Portugueses como a componente afectiva se apresenta como a que reúne maior consenso entre os diferentes autores.

Relativamente a este objectivo e aos vários pontos da análise efectuada considera-se de interesse resumir a informação obtida, salientando os aspectos que a seguir se indicam.

1. Portugal é um objecto ambigualmente representado – contingente (aspectos acidentais) e essencial (princípio abstracto) ou objectivado em formas antropomorfes: masculino (*antigo, heróico, humano*) e feminino (*bondoso, misterioso, simples, materno*) –, estimulando fortemente a emocionalidade dos autores (Barros, Queiroz, O'Neill, Mello).

2. A existência de uma comunidade humana *portuguesa* e de uma “consciência nacional” são claramente afirmadas: apesar de se referirem contrastes regionais, estes são o resultado de circunstancialismo histórico-geográfico – *Portugal primitivo e Portugal dilatado* (Nemésio) –, não impedindo a diversidade regional que se tenha constituído um vincado “carácter nacional” (Monteiro, Brandão, Cortesão, Moura e Sá, Pessoa).

⁷⁴ Ciclo a que Alegre se refere do seguinte modo: “*Povo que foste ao mar onde colheste / teu fruto amargo: pátria de sal / E o mal é este: / Procuras pelo mundo o Portugal / que em Portugal perdeste. // Canta dentro de mim descalça e nua / conta-me tudo quanto te fere. E a / dor da Ibéria / ceifa-a ceifando o pão azul da lua / que é o pão da miséria. // Abre dentro de mim a longa estrada. / Teu coração navio ou asa / teu braço o arado tua mão a espada / vamos: é tempo de voltar a casa.*” (ANT, p. 46)

3. No campo semântico das características nacionais identificaram-se como itens principais (empregues por maior número de autores) os seguintes: *universalistas, amantes/amorosos, duais, saudosos, impulsivos, rurais, adaptáveis, emotivos, espírito crítico, humanos, imaginativos, plásticos, poetas, simpáticos*. Relativamente à delimitação do núcleo central da representação do Português, e salvaguardando dificuldades metodológicas oportunamente referidas, será de admitir que entrem na sua constituição os os itens *adaptáveis, afectivos, contraditórios*.

4. Em alguns autores do *corpus*, que se demarcam dos restantes por apresentarem perfis mais elaborados da identidade portuguesa, poderemos obter imagens-síntese, ou seja, descrições do Português organizadas em torno apenas de algumas características que são apresentadas como básicas ou estruturais (Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, Jorge Dias, Jaime Cortesão, Francisco da Cunha Leão e José Rodrigues Miguéis). Estas imagens permitem-nos aperceber um fio comum na caracterização da identidade portuguesa, em que surge como paradigma uma *complexidade harmoniosa* marcada por grande capacidade de *adaptação* e forte *emocionalidade*. A referida complexidade será percorrida ciclicamente por duas forças contrárias (*centrípetas* e *centrífugas*) e revela-se no quotidiano por um misto de actividade e passividade (*sonho* e *realidade*). Em síntese, o Português tende a ser pluralmente definido através de dois ou três principais itens.

5. Como aspectos positivos da identidade portuguesa são de destacar: a *complexidade harmoniosa* pela tendência a equilibrar características de personalidade e comportamentos (Cortesão); a *habilidade para ser-se inteiro*, que no geral é habilidade para fazer tudo mas que, expandindo-se, pode tornar-se habilidade para *ser* tudo (Pessoa); a *mistura de sonho e realidade* que faz do Português um “sonhador activo” (Dias).

6. A dualidade presente no carácter nacional contém também aspectos negativos ainda que menos evidenciados. Observa-se uma tendência em apresentar os aspectos negativos *integrados*, como “defeitos das virtudes”, na expressão de Jaime Cortesão, e mais acentuados em certas épocas. Ser plástico, adaptável, a grande virtude nacional, se for excessiva torna-se no principal defeito dos Portugueses. Dois grandes temas mais interrelacionados dominam os defeitos nacionais: o tema da *plasticidade - conformismo - disciplina* (plasticidade excessiva resulta em conformismo e

disciplina social rígida) e o tema da *vontade descontínua - impulsividade - irresponsabilidade social*. A falta aparente de responsabilidade social, que decorre de impulsividade e vontade descontínua, tornam o Português individualista. Este individualismo, de “aversão pelo associacionismo”, não significa falta de solidariedade com o próximo; é antes explicável pelo tipo de fraternidade portuguesa: “fraternidade de casa da malta” (Aquilino Ribeiro), e não uma fraternidade legislada, de quadro legal.

7. Um dos eixos de caracterização dos Portugueses é criado através de uma polaridade entre *racionalidade e afectividade* e evidencia uma tensão entre *individualismo e colectivismo*: será à razão como quadro legal (limitativo) da acção humana que os Portugueses são avessos, e não à racionalidade na sua componente de razão prática, como capacidade lógica de compreender e actuar no mundo. Outro eixo igualmente identificável assenta na *actividade-passividade*, enquanto um terceiro eixo estabelece um plano em torno da *interioridade-exterioridade* (contenção-extroversão).

8. A comparação da identidade nacional com outras identidades nacionais integra-a no conjunto dos povos da Europa, em particular entre os povos do chamado mundo latino-mediterrânico – Espanhóis, Franceses e Italianos – e Gregos (antigos), com os quais em certos aspectos os Portugueses se aparentam e em outros se dissemelham. A nota mais interessante será a conclusão de que são afinal *pouco* latinos.

9. A *hispanidade*, como matriz cultural mais definida na identidade nacional, tende a perspectivar Portugueses e Espanhóis naquilo que se poderá considerar como *contraste simétrico*. Francisco da Cunha Leão usa uma tipologia comparativa em que é a profundidade que dirige os pensamentos e acções dos Portugueses, em que o mundo dos sentimentos e dos afectos revela a sua supremacia.

10. Na experiência pessoal da identidade portuguesa, esta surge para alguns autores como uma referência *maior* da identidade pessoal cuja avaliação pode ser positiva, conflituante e negativa. Transversal aos diferentes posicionamentos encontra-se o peso do passado heróico dos Portugueses. Na avaliação positiva o passado é integrado, e além de marco fundador projecta no futuro características que se valorizam na identidade pessoal e colectiva; na avaliação conflituante-negativa a grandeza e

heroicidade do passado cria confrontos de auto-imagem entre o *Portugal histórico* e *Portugal quotidiano*. Estes confrontos são expressos de modo diferente: em exaurível sofrimento ou em exorcismo das fraquezas presentes e apelo a nova fase de reconstrução da identidade nacional.

Capítulo 5

DE UM SÉCULO AO OUTRO: DOIS AUTORES, DUAS OBRAS

Foi explicitado, na Primeira Parte, que para estudar a eventual persistência da imagem do Português Amoroso se recorreu a uma abordagem plurimetodológica, quer quanto às fontes de informação (discurso erudito e popular) quer no tratamento da informação recolhida.

No que se refere aos discurso erudito, objecto de análise no capítulo anterior, realizámos uma segunda apreciação centrada apenas em dois autores, Eça e Agostinho. Tratou-se de um estudo complementar orientado por uma dupla finalidade. Ampliar os limites diacrónicos da representação da identidade portuguesa, identificar aspectos mais obscuros e, porventura mais estruturais (*themata*), que tenham garantido a persistência do Português Amoroso.

Assim, procurou-se, por um lado, reaproximar mais fluidamente o século XVII do século XX através de um autor da segunda metade do século XIX e, por outro lado, analisar alguns elementos e contornos da imagem de Portugal e dos Portugueses em propulsão para o futuro.

As obras escolhidas distinguem-se não só cronologicamente mas também por dissemelhanças várias entre os seus autores. Na literatura portuguesa, Eça de Queirós corresponde a uma figura maior inteiramente institucionalizada, enquanto de Agostinho da Silva estão por estudar pensamento e originalidade de escrita (Lourenço, 1995). O primeiro comunica-se pela palavra escrita, o segundo pela palavra oralizante. Eça é um escritor, Agostinho é um contador de histórias. Seis anos decorrem entre a morte de um e o nascimento de outro. Eça procurou arqueologicamente recuperar para a identidade portuguesa parte do passado. Agostinho, prospectivamente, procurou recuperar o futuro. De Eça de Queirós o trecho final d'*A ilustre casa de Ramires*. De Agostinho, a obra *Educação de Portugal*.

A. Agostinho da Silva e a *Educação de Portugal*

Tal como se referia atrás, a propósito do lugar da identidade portuguesa na obra de Jorge Dias, quando se analisa a obra publicada de Agostinho da Silva sente-se como Portugal foi objecto permanente do seu quotidiano de pensamento e acção. Repetidamente os textos de Agostinho da Silva denunciam um mal escondido amor à noção abstracta de Portugal e ao *real concreto da acção* e sonhos dos Portugueses. O seu calado mas cantado amor por Portugal terá aprofundado a perspicácia da sua observação entre passado e futuro. É em termos de presente-futuro que o seu pensamento mais se dinamiza e que nos parece oportuna a sua inclusão neste trabalho, complementando a perspectiva passado-presente de que partimos.

Porque, como atrás se mencionou, a obra de Agostinho da Silva, ao contrário da de Eça de Queirós, só agora começa a ser estudada, faz-se em seguida uma breve apresentação deste autor e da obra.

Algumas razões para autor e obra

A vida de Agostinho da Silva, na perspectiva de uma incomensurável importância de cada vida humana, é, como o próprio lembrava, *criação primeira*: “Creio, primeiro, que o mundo em nada nos melhora, que nascemos estrelas de impar brilho, o que quer dizer, por um lado, que nada na vida vale o homem que somos, por outro lado que homem algum pode substituir a outro homem.” (Silva, 1989, p. 8); na sua obra, Camões, Padre António Vieira, Fernando Pessoa são três das figuras paradigmáticas do ser-português por ele permanentemente recriadas ⁷⁵.

A *Educação de Portugal* considera o processo de construção da identidade portuguesa, reavaliando imagens do passado e propondo a abertura de novos espaços mentais para reformulação do Portugal-futuro. Ao longo do texto perpassam lógicas e posicionamentos que contribuem

⁷⁵ Para além de serem referências explícitas do seu pensamento, Agostinho da Silva publicou *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, livro em que Camões é um dos objectos principais da análise (Silva, [s.d.]), e *Um Fernando Pessoa*, dedicada à figura deste Poeta-Pensador (Silva, 1988a).

para elucidação de temas recorrentes na caracterização de Portugal e dos Portugueses, nomeadamente temas relacionados com o passado histórico e sua motivação.

1. Do autor

Agostinho da Silva é um cidadão português que participa publicamente na vida nacional ao longo de quase todo o século – nasce seis anos depois deste começar e morre seis anos antes de terminar (Fevereiro 1906-Abril 1994) ⁷⁶. Licencia-se e obtém, em Portugal, muito jovem para a época (23 anos), o grau de Doutor em Filologia Clássica. Depois disso, sai do país e da Europa, regressando a Portugal nos anos 60 para aqui permanecer até final da vida. O desenrolar da sua vida – vida de “um aventureiro, um vagamundo, um Português antigo” (Quadros, 1992, p. 285) – é parte de um percurso comum a não poucos portugueses, figuras conhecidas e cidadãos anónimos, mas é também uma vida extraordinária ou a de um homem *extra-ordinário*, como lhe chamou Eduardo Lourenço (Lourenço, 1995, p. 19).

Historicamente, em relação aos movimentos de ideias e à Literatura Portuguesa, Agostinho da Silva aparece integrado na “tendência intuicionista”, próxima do “existencialismo”, da chamada *Geração da República*, tendência inspirada na “tradição sebastianista, saudosista e esotérica” (Saraiva e Lopes, [s.d.], p. 1015).

A partir de finais de 80, devido à sua participação regular nos órgãos de comunicação social, nomeadamente na série de programas televisivos da RTP “Conversas Vadias” (1990), tornou-se inquestionavelmente uma figura pública portuguesa.

⁷⁶ George Baptista Agostinho da Silva, conhecido por Agostinho da Silva, é das mais recentes heranças de Portugal. Dela fica a “muita experiência a que se não fugiu” (experiência de livros, de pessoas e de terras), como ele próprio esclarece no início da *Educação de Portugal* (Silva, 1989, p. 8). Experiência que não só não terá recusado, como a não regateou comunicar. Correndo o risco de renovadas experiências, como a de ver surgirem discordâncias, em outros e em si próprio, a propósito das suas reflexões e que nesta obra se revela bem presente: “nenhum pensamento que for exposto se deverá considerar como insusceptível de correcção futura; muitas vezes uma ideia se me tem substituído por outra e é muito possível que tal venha ainda a acontecer no futuro” (ob. cit., p. 8).

Assim, depois de andanças várias, ficou para alguns: “homem dos sete ofícios”⁷⁷, “herói da Contra-Cultura”, místico *sulfuroso* ou “pólo de vida activamente contemplativa” (Lourenço, ob. cit., pp. 13-8), “Mestre”, “intelectual solidário e generoso”, “visionário” (Soares, 1994), profeta... *Profeta do Terceiro Milénio*, como lhe chamou António Quadros (1992, p. 277); para alguns outros constituiu uma controversa personalidade, raiando o incómodo, a provocação, que falava da importância dos sonhos na configuração da realidade, insistindo como o real, de tão concreto, se apresenta *fantástico* (Silva, 1989, p. 75)⁷⁸.

Na memória de uns outros foi apenas um alguém quase ninguém, pessoa *especial* mas do povo ou *Sócrates familiar*, como lhe chamou

⁷⁷ A esta diversidade de pensamento e acção de Agostinho da Silva se referem, entre outros, Eduardo Lourenço como a de “profeta, pedagogo, sábio, naturalista por conta própria” (Lourenço, 1995, p. 18) e Mário Soares, em texto evocativo no dia da sua morte, ao escrever: “Agostinho da Silva foi uma das figuras máximas da vida cultural portuguesa deste século. Escritor, intelectual, universitário, pedagogo, visionário, ‘seareiro’” (Soares, 1994).

⁷⁸ Para além de autor de referência em estudos sobre as características portuguesas (Lourenço, 1978, Belchior, 1982, Domingues, 1988, Santos, 1996), a obra de Agostinho da Silva foi recentemente analisada segundo diferentes perspectivas (literária e ensaística). Em trabalho de investigação sobre literatura comparada, Agostinho da Silva é, com Fernando Pessoa, considerado um herdeiro da tradição utópica portuguesa, *um profeta utopista* (Reis, 1997, p. 635). Salientando aspectos da sua obra que permitem falar de um “profetismo retro-progressivo de inspiração joaquimita”, Reis refere a importância deste “auto-protagonista” na história literária e cultural portuguesa que apresenta segundo *cinco componentes* – ontológico, antropológico, axiológico-libertário, sociológico-económico, messiânico-teleológico (ob. cit., p. 554). Para José Reis, Agostinho da Silva, como profeta utopista, “raramente assume ares de gravidade”, embora repetidamente escrevendo sobre a “santificação do mundo” (ob. cit., p. 544). Embora sublinhando a sua contribuição utópica, Reis distingue Agostinho da Silva por não ser um “utopista planeador de modelos de organização social, susceptíveis de degenerar, pela sua hiper-racionalidade em projectos totalitários” (ob. cit., p. 562), antes concedendo prioridade “ao irredutível pessoal sobre o colectivo social” (ob. cit., p. 554), sendo a voz que sucede às do século XVII e XX, afirmando que tendo-se a Utopia Portuguesa fixado completa no século XIII, revelando-se em actos pentecostais, e estando quase desaparecida na actualidade ‘*reviverá*’ a mesma e já não só para Portugal mas também para o Mundo (ob. cit., p. 564). Em Miguel Real, Agostinho da Silva, que é o primeiro dos quatro autores analisados no seu ensaio sobre “a tripla paisagem cultural portuguesa” (Real, 1998, p. 11), é caracterizado como um dos autores que se integra na perspectiva de um *destino messiânico de Portugal*, para quem o Amor (Império dos Espírito Santo) assume a dimensão universal e de divinização do homem (ob. cit., p. 34). Depois de assinalar a redescoberta que Agostinho da Silva fez da história nacional, inspirando-se em Cortesão e Pessoa e graças ao seu encontro directo no Brasil de uma realidade semelhante à que teria existido em Portugal nos séculos XV e XVI, Real conclui que desde 1958 este “faz emergir Portugal de um fundo espiritual permanente que o constitui como trave de salvação europeia e, mesmo, como motor de um plano divino de purificação ou regeneração mundial” (ob. cit., pp. 27-30).

Eduardo Lourenço ⁷⁹, cuja simplicidade de presença e expressão propiciava aproximação generalizada. Ter-se-á cumprido a seu gosto o seu destino, pois o que dele fica é o passar de uma vida paradoxal, e *paradoxo* entendia serem a Vida, Deus ou o Universo, como frequentemente lembrava.

2. De *Educação de Portugal*, a obra e sua apreciação

Educação de Portugal é uma obra pequena, de doze partes, escrita em 1970, encomendado por uma editora que acaba por não o publicar, qualificando-o como demasiado filosófico ⁸⁰, vindo o mesmo a ser editado, na íntegra, dezanove anos mais tarde (Julho de 1989) e reeditado menos de um ano depois (Abril de 1990). Esta é a única obra de Agostinho da Silva que tem como finalidade expressa comunicar a um vasto público as reflexões do autor sobre novos quadros de socialização a desenvolver em Portugal. Nela se enunciam princípios e se propõem acções para uma reforma universitária e do ensino em geral. Do desenvolvimento histórico da cultura portuguesa propõe o autor que se extraíam orientações para o prosseguimento ou *cumprimento* de Portugal.

Para quem lê este texto, ele vai, pouco a pouco, traduzindo-se no *expressar-se* Portugal, ou seja, em acto de educação de Portugal, como Agostinho concebe o acto de educar: “não é levar ninguém a ser isto ou aquilo, não é tentar influir de qualquer modo em sua orientação futura”, educar é “dar meios de expressão à capacidade criadora e de comunicação” de uma entidade, criança, pessoa, povo, ser... (Silva, 1989, p. 39). O título

⁷⁹ Eduardo Lourenço começa por apresentar Agostinho da Silva dizendo: “Parece fácil falar de Agostinho da Silva. Em fim de vida e graças à televisão, a sua figura, o seu pensamento em directo e em voz alta para milhões de pessoas, como se tivesse conseguido unir milagrosamente a unidade do seu ser à sua aparência de Sócrates familiar, missionário sem mais missão que a de inculcar que todos somos naturalmente sábios e filósofos, Agostinho da Silva era a encarnação perfeita de uma existência transparente. No sentido original do termo, uma existência não-hipócrita.” (ob. cit., p. 11).

⁸⁰ “Num livrinho que não teve muita sorte de publicação, pois o recusou a editora por ser demasiado filosófico, o que é pelo menos cómico, depois do que de mim digo para trás, propunha eu que toda a reforma universitária que se fizesse em terra de língua portuguesa principiasse por tirar a filosofia das Faculdades de Letras ou dos Institutos de Ciências Humanas e por montar Centros de Estudos Teológicos, ou Filosóficos, se a palavra Teológicos ofendesse muito os espíritos positivistas que tão igualmente se repartem por esquerdas e direitas. Centros que seriam simultaneamente o ponto de partida e o ponto de chegada de toda a cultura em Portugal ou Brasil.” (Silva, 1988, p. 547).

da obra igualmente se inscreve nesta concepção: Educação *de* e não *para* Portugal; propostas de acção e de tomada de consciência para que possa revelar-se o que é Portugal, ou o “ser de Portugal”. É um trabalho que recorre aos feitos inventivos do passado português, e que é simultaneamente prospectivo e de apelo aos intelectuais portugueses, na dupla perspectiva de que os intelectuais captem o que o povo *sente* e o traduzam em linguagem que a *razão* entenda (ob. cit., pp. 20-21).

Procedemos na análise da *Educação de Portugal* de forma aproximada à apreciação do *corpus* de autores exposta no capítulo anterior: identificação de características atribuídas a Portugal e aos Portugueses e procura de princípios estruturantes das respectivas representações. Face ao complexo perfil de Agostinho da Silva pretendeu-se não só reunir paradigmas da identidade portuguesa, mas, e sobretudo, encontrar elementos que nos permitam enriquecer de sentido eventuais *themata* do ser-português.

Portugal, Portugueses; passado e futuro

O olhar de Agostinho da Silva sobre Portugal e os Portugueses cria uma estranha e forte impressão. Resulta numa visão de experiência dilatada, “geográfica e de acção” como o próprio assume, vivida de Timor à Costa de África, ou das fronteiras da Bolívia aos limites da Indonésia (Silva, 1989, p. 19).

1. Portugal e os factos ou Portugal em parte realizado: *fundou uma religião, tornou inteiro o mar e continuou bandeirante por vários continentes*

O Portugal que Agostinho da Silva recorta emana de uma ideia complexa, em que apenas algumas dimensões se terão manifestado, enquanto que alguns efeitos adversos ao florescimento pleno dessa ideia se foram observando.

A autonomia política, por ele considerada o primeiro grande empreendimento dos Portugueses, revela o germen das características fundamentais de Portugal, enquanto consciência colectiva aberta à diferença e propiciadora de paz, características desenvolvidas e

aprofundadas entre o século XIII e o século XV. Neste período, o movimento franciscano e a democratização do poder político criaram as condições necessárias ao florescimento e consolidação do referido ideário de abertura e paz. Por um lado, com o início do Franciscanismo, ao qual Portugal terá aderido prontamente, a consciência colectiva portuguesa sofre uma transformação que a faz orientar-se de um plano marcadamente terreno e de defesa da autonomia territorial para outro mais espiritual, ou de harmonização de ambos “tanto para percorrer o espírito como para calcorrear o globo” (ob. cit., p. 34). Por outro lado, graças à acção política de D. Dinis, de dinamização activa de projectos de âmbito nacional e de consolidação do poder concelhio, Portugal aproxima-se do cerne da sua realização.

É a partir desta época que Agostinho da Silva entende ter-se Portugal desviado da sua trajectória, cometendo acções que contrariam o espírito da sua missão e entrando num longo período de esquecimento (séc. XVII-XVIII). Tratou-se de um período em que a consciência nacional foi fortemente abalada, vivendo violentos confrontos entre valores espirituais de amor e liberdade e valores terrenos de estratégia e lucro. A morte de D. Inês de Castro e o abandono de D. Fernando em Ceuta, por razões de Estado e de interesse nacional, são dois acontecimentos maiores que o autor apresenta como simbolizando o atraçoamento aos valores espirituais desenvolvidos anteriormente⁸¹.

Nesta época de mudança de rumo, o extraordinário feito que são as viagens oceânicas – que *tornam o mar inteiro* – foi acompanhado de outros de qualidade inferior, consubstanciados na recusa de diferenças culturais e no afastamento entre elites e estratos populares, os quais contrariam valores espirituais, de fraternidade, liberdade e amor, que, segundo o autor, constituiriam a matriz cultural do projecto nacional português (Quadro 18).

Deste longo período de atraçoamento à sua rota ficaram, segundo Agostinho da Silva, resultados evidentes da *originalidade portuguesa*, a

⁸¹ De outros atraçoamentos fala Agostinho da Silva, nomeadamente a recusa das diferenças religioso-culturais manifestada na expulsão dos Mouros e dos Judeus, situando-se Agostinho da Silva mais uma vez na esteira de outros autores portugueses, no caso os da Geração de 70 e os seus ideais democráticos. Sobre a expulsão de Judeus e Mouros, escrevia em 1871 Antero de Quental tratar-se de um acontecimento que teve “quase as proporções de uma calamidade nacional” e que acabou por produzir os Portugueses do seu tempo – “os Portugueses indiferentes do século XIX” (Quental, 1982, p. 34).

qual continua potencialmente activa e é passível de ser recuperada: “porque não se vê por que motivo intrínseco há-de Portugal continuar copiando, quando, não copiando, fundou uma religião, tornou o mar inteiro e continuou bandeirante por continentes vários.” (ob. cit., p. 45) ⁸².

2. Portugal e os novos tempos: a liberdade e o amor irrestrito

Para Agostinho da Silva, a representação de Portugal alicerça-se, tal como no passado, numa missão a cumprir e em tarefas à escala planetária para realizar.

No mundo actual anuncia-se já uma nova era e é para intervir activamente nesta nova fase da Humanidade que Portugal é convocado. Nos novos tempos, as estruturas sociais irão ser transformadas, favorecendo a acção individual. A função da organização económica e nela o sentido do trabalho humano, bem como a função institucional da escola, serão reorientadas em torno de valores que promovam a expressividade pessoal. Trata-se de uma visão prospectiva-profética em que Agostinho da Silva concebe o ser humano consciencializando a sua incorporação individual no mistério da existência do mundo, substituindo o terror pelo amor:

“estamos na época da história que marcará a ascensão final da humanidade à abundância dos meios de existência, à curiosidade sem limites por todos os aspectos do grande espectáculo, do magnífico conto de fadas que pode ser a vida, à possibilidade de mergulhar sem medo no mistério que nos cerca; estamos no início de tempos em que nos parecerão incompreensíveis a economia em que o homem foi utensílio e não destino; a informação que foi limitada segundo as conveniências dos que, deste ou daquele grupo, detinham o poder; e os sistemas e instituições em que o terror do mistério foi mais forte que o seu apaixonado amor.”(ob. cit., p. 11).

⁸² Sobre a religião fundada por Portugal poder-se-á pensar no que Fernão Lopes designou como “Evangelho Português” (Rebelo, 1983, pp. 81-9). Trata-se, no entanto, do Culto Popular do Espírito Santo, como repetidamente o autor esclareceu.

Quadro 18: Portugal, factos e trajectórias

<i>1º período - Origens</i>	
Criação da nação	“juntar numa unidade permanente dois países tão distintos um do outro como o Norte e o Sul, fazendo dela a nação mais antiga da Europa e provando, pela tarefa pronta, a capacidade de outras unidades que estarão no futuro, foi o primeiro grande feito de portugueses, herdeiros aí do génio romano para a agregação e a paz. Portugal é uno do Minho ao Algarve” (ob. cit., p. 14).
<i>2º período - Sécs. XIII-XV - Época de espiritualização e democratização</i>	
Franciscanismo Reinado de D. Dinis	“encontrou o franciscanismo em Portugal o seu terreno de eleição, tanto para percorrer o espírito como para calcorriar o globo” (ob. cit., p. 34). “foi [Portugal] na sua melhor época, na única época boa que até hoje teve, uma federação de repúblicas constitucionais, as do foral, coordenada por um rei, igualmente constitucional” (ob. cit., p. 33).
<i>3º período - Séc. XVII-XVIII - Traição aos valores democráticos e espirituais</i>	
<i>Aspectos negativos</i>	
Recusa da diferença	“dir-se-ia até que foi [Portugal] uno demais, porque excluiu judeus e mouros e viu como inimigos, em todas as épocas a partir do século XVI, os que se recusavam a pensar exactamente como quem dominava” (ob. cit., pp. 13-4).
Ignorância	“Portugal se distingue, nos séculos XVII e XVIII, por ignorar; os intelectuais não sabem e não o sabem; o povo, ao menos, sabe que não sabe; os intelectuais desprezam o que não sabem, o povo prezaria sabê-lo; no pombal dos intelectuais só moram pombas cativas, qualquer que seja a cor da plumagem; no pombal do povo nem uma pomba objectiva e real; há apenas a pomba do culto e do desejo; a pomba da Fé.” (ob. cit., p. 23).
Inferioridade das elites	“sentimento de que são inferiores [os de cima] a si próprios e a ele reagem, fantasiando virilidades que não tiveram, representando valentias de que não deram provas, orgulhando-se de obras que sentem ruins, intitulado-se o mais possível, (...) inferiores o mais possível porque se quereriam superiores; e, julgando-se incuráveis, mais delirando a cada dia que passa; dando-lhe às vezes o delírio para a humildade circumspecta, isto é, a que olha à volta; e para a falinha comedida, isto é, a calculada e mansa” (ob. cit., p. 36).
Atração aos valores do Espírito	“nosso império se construiu sobre mortos, e que realmente somos todos nós um Infante D. Henrique que ao irmão atraiçoa para que Ceuta não caia; e Ceuta, afinal, caiu; ou não teve ainda, pelo menos, destino que se visse.” (ob. cit., p. 10).
<i>Aspectos positivos</i>	
Descobrimentos	“Terras todas elas a que foram e em que se instalaram a imaginação e a audácia portuguesas” (ob. cit., p. 30).
Brasil, o melhor de Portugal	“o Brasil, onde floresceu o que de melhor havia em Portugal, aparece como terra de promessa (...) e como modelo de convivência racial a todas as nações que têm problemas de contacto” (ob. cit., p. 20).
Resistência popular	“O espantoso de Portugal, no seu conjunto, com o povo do Minho e do Algarve, povo do Pará ou do Rio Grande, povo da Lunda ou de Sofala, povo da Taipa ou de Baukau, e até povo dos ‘papeamentos cristãos’ de Singapura ou Curaçau, é que tenham resistido praticamente incólumes a todo o desvario de vida que tem rolado de imitação a imitação, de barreira a barreira, e de engano a engano” (ob. cit., p. 35).

Não estaremos muito longe da proposta anteriormente referida de Almada Negreiros para a aventura da individualidade e do seu mistério. O tempo novo, que falta à humanidade viver e que está a chegar, será, para Agostinho da Silva, um tempo em que o ideal humano vai claramente tomar como modelo a aproximação ao divino sem enjeitar a sua fragilidade humana. Será um tempo em que os valores espirituais passam a presidir, nomeadamente o da liberdade, atributo supremo da divindade, e em que a qualidade amorosa constituirá a marca primeira da existência humana.

O autor enuncia esta nova era como tempo de *liberdade* e tempo de *caridade* ou “amor irrestrito”, admitindo uma reorientação de Portugal para o cumprimento, conjuntamente como os “Povos de língua portuguesa”, da “missão” que o caracteriza:

“O reino que virá (...) é para homens que não sintam obrigação alguma que não seja a de se aproximarem quanto possível da divindade de ser livre, livre no viver, livre no saber, livre no criar. (...) tempo virá de caridade, entendendo-se caridade não como aquele suplemento de humilhação que se leva aos que caíram na luta, mas como o amor irrestrito que, embora consciente dos defeitos do amado, o ama sem pensar em saldo positivo ou negativo.” (ob. cit., p. 11).

“por critérios internacionais de desenvolvimento, Portugal é pobre, Portugal ignora, Portugal é estático (...) Nada do que é nosso corresponde ao Espírito, a não ser a Fé, nalguns; o Espírito, porém, nos vai chamar; agora.” (ob. cit., pp. 38-9) “(...) nesta nova e definitiva arrancada dos Povos de língua portuguesa para cumprimento da missão a que estão destinados na História.” (ob. cit., p. 57).

3. Representação de Portugal e características portuguesas

Portugal categoria metafísica ou religiosa

Tal como para os autores do *corpus* anteriormente analisado, Agostinho da Silva refere-se a Portugal como entidade abstracta (“o ser de Portugal”) e também como um objecto constituído por determinados traços culturais e delimitado pelo uso da língua portuguesa. Menos território que cultura, mais Nação que Pátria. Portugal é a cultura portuguesa, na actualidade disseminada no mundo, e os seus limites não são configurados pelo espaço territorial nacional. De acordo com esta concepção culturalista de Portugal, o autor estabelece uma analogia entre Condado Portucalense-

Portugal e Portugal-Mundo Português, em que Lisboa, como “inspiração oculta”, substituiu Guimarães:

“Portugal está, para o que hoje existe de português no mundo, como esteve para Portugal o Condado Portucalense; e a Lisboa a vejo na posição de Guimarães: nada impede que seja amanhã outra a capital do mundo português; mas, como são ainda hoje Guimarães e o Condado, mesmo quando nisso se não pensa, a inspiração oculta de Portugal, espero que sejam Portugal e Lisboa a inspiração oculta do mundo português.” (ob. cit., p. 17).

A língua portuguesa será a substância estruturante deste futuro Portugal ou *mundo português*; no que, assumidamente, o autor se irmana a Fernando Pessoa e em que o tratamento que, neste contexto, Agostinho da Silva dá a Pessoa, transcende o respeito e a simpatia pelo poeta-pensador, sendo antes reconhecimento e sagração da sua obra como mito fundador do Portugal-futuro:

“como sua pátria a língua portuguesa, tanto era Pessoa lisboeta como de São Luís de Maranhão, e o era sobretudo de um futuro sonhado, (...) tendo podido ser inglês com toda a largura do mundo ao seu dispor, escolheu ser nosso, preferindo por aí, num acerto de inteligência e de instinto, a grandeza do mundo que ainda nos não foi dado; com a simplicidade com que se enche ficha de hotel, escreveu ele que a sua Pátria era a língua portuguesa, e, com a percepção do mistério que um dia encarnará, rogou a Deus que se cumprisse Portugal.” (ob. cit., pp. 13-4).

Sobre o Portugal-futuro, e continuando a delimitar-lhe contornos, Agostinho da Silva acaba por ir além da substancialidade da língua na configuração do mundo português, acabando por defini-lo como uma nova forma de conjugação do humano. Apoiado na observação das características que pelo mundo apresentam os Portugueses ou aqueles que o *desejam* ser, acaba por definir Portugal como ideia nova ou “forma de ser”, mais “categoria metafísica ou religiosa” do que “categoria social e psicológica”⁸³:

⁸³ A concepção do ser português por escolha, por assumida identificação, é ilustrada por Agostinho da Silva através de Pessoa. Em ter Fernando Pessoa escolhido a identidade portuguesa faz Agostinho da Silva assentar a grandeza que lhe atribui e a que se refere detalhadamente na obra *Um Fernando Pessoa* que lhe dedica. Como então escreve: “Quem pode, em raro jogo, escolher o seu País por aí mesmo está escolhendo a sua vida: uma vida que dele mesmo se vai alimentar”. E continua afirmando que, “poderia Fernando Pessoa ter passado inteiramente ao domínio inglês e nele se afirmado como um homem de Império”, não sendo isso que faz bem pelo contrário: “vai deliberadamente confirmar o acaso físico: vai nascer

“quando se procura o ponto de convergência de todas estas atitudes, [dos milhões de portugueses que não falam português e desejam acima de tudo continuar portugueses] principia-se pensando se podemos conservar a ideia de Portugal como o conjunto de povos que falam português ou se a temos de encarar como uma forma de ser, elevada já de categoria social e psicológica a categoria metafísica ou religiosa, forma de ser que apareceria desejável a todo o mundo, e que portugueses, esses agora os povos de língua portuguesa, a todo o mundo deveriam levar.” (ob. cit., p. 20),

Portugueses, povo realista teimosamente sonhador

Não se encontra na *Educação de Portugal* uma caracterização exaustiva das virtudes e defeitos nacionais, sendo da caracterização do Português atravessando e participando na história que a *Educação de Portugal* trata. Quando esta caracterização é explicitada surge o paradigma do *realista-sonhador* e os principais atributos nacionais dispõem-se ao longo da polaridade acção-sonho: “realismo”, persistência, “teimosia”, “audácia”, “sonho”, “intuição”, “melancolia”, certa *indiferença perante o desastre* ou aceitação deste...

Sendo realistas não chegam os Portugueses a ser cépticos, sendo sonhadores resistem às circunstâncias temporais não absolutizando valores que no entanto consideram fundamentais ⁸⁴ (Quadro 19). Esta estruturação da identidade portuguesa, afasta-a do quadro civilizacional europeu, aproximando-a do quadro cultural do Oriente, naquilo que o autor designa como “filosofia vivida” (ob. cit., pp. 17 e 67-8).

português (...) É como uma justificação e uma explicação deste seu acto fundamental de vida que Fernando Pessoa, pacientemente, vai durante quase duas dezenas de anos escrevendo *Mensagem*, sem dúvida a mais importante das suas obras e plenamente emparelhando com Fernão Lopes, *Os Lusíadas*, D. João de Castro e a *História do Futuro* na compreensão do que verdadeiramente é Portugal” (Silva, 1988, pp. 12-16).

⁸⁴ O valor atribuído pelos Portugueses à liberdade está presente em toda a obra e é referido em diversos contextos como no presente exemplo sobre economia e trabalho: “Português se fez, como toda a gente, para ser economicamente livre e qualquer liberdade lhe significa pouco se não tiver a de estar fisicamente vivo; mas fez-se também, e essa é uma das grandes afirmações do Brasil, para não considerar que o trabalho seja um valor absoluto: o trabalho é apenas uma desagradável necessidade enquanto nos não é possível viver em tempo todo livre.” (ob. cit., p. 22).

Quadro 19: Portugal persistente: principais características

<p><i>Realismo</i></p> <p>“a figura do cábula, que pode ser romântica, não é por isso mesmo, de portugueses, povo realista, quaisquer que sejam as invenções do fado que lhe inventaram e impuseram” (ob. cit., p. 52).</p>
<p><i>Sonho</i></p> <p>“realista ainda na teimosia de fazer que o sonho se torne verdadeiro e na contínua intuição de sua lírica de quanto é frágil toda a beleza de um mundo feito de tempo e espaço.” (ob. cit., p. 52).</p>
<p><i>Audácia e aceitação do destino</i></p> <p>“não nos contentaremos para alvo com a doméstica sensatez que nunca foi, no melhor, característica dos portugueses; é certo que Portugal jamais queimou navios para se impedir a volta; ficará tal feito ao castelhano; mas ardam os homens no lhes ser indiferente voltar ou não se os cálculos falhassem.” (ob. cit., p. 67).</p>
<p><i>Persistência e melancolia</i></p> <p>“os emigrantes que desaprenderam a sua língua (...) continuam portugueses, de coração ou de direito, com a mesma persistência e a mesma melancolia que em suas terras natais de seus avós herdaram” (ob. cit., p. 20).</p>

Portugal-futuro, Portugueses do futuro: representações

A dimensão messiânica percorre repetidamente a caracterização de Agostinho da Silva do Portugal-futuro e dá sentido às acções a realizar pelos Portugueses. Messianismo que, perante os conteúdos e pressupostos apresentados pelo autor, se poderá qualificar como messianismo humanizado.

1. Conteúdos representacionais de Portugal-futuro

Como crença consubstanciada na vinda de um ser (Messias) para restabelecer o reino de Deus sobre a terra, o Messianismo tem, desde logo, o carácter de acção individualizada e extrahumana ⁸⁵.

⁸⁵ O conteúdo messiânico enquanto parte do Profetismo Hebreu encontra no judaísmo o seu principal quadro de referência. Para além do Profetismo Hebreu, também o Budismo, para alguns autores, poderá ser considerado uma forma de profetismo. A mensagem de Buda aos seus seguidores, de distanciamento ou desapego como via para atingir uma vida verdadeiramente boa, constitui garantia ou promessa, à semelhança da promessa-aliança de

Contrariamente ao anunciado pelos Profetas do Antigo Testamento, o messianismo de Agostinho da Silva pressupõe uma entidade ou entidades colectivas (Portugal e Portugal-Comunidades Portuguesas pelo mundo) e acções humanas (dos Portugueses) e o seu quadro de valores decorre mais de uma matriz inscrita nos seres humanos que de um código outorgado.

Portugal messiânico, guia da paz

O messianismo atribuído por Agostinho da Silva a Portugal poderá ser entendido como uma consequência da sua concepção de povo *realista-sonhador*, no que se perde a coloração de extraordinária do messianismo, e o seu profeta se torna apenas um bom observador do estado do mundo.

Os *Portugueses* do futuro, para Agostinho da Silva, serão messiânicos por três motivos quase pragmáticos: os Portugueses e a humanidade anseiam por valores messiânicos (componente sonho); o mundo vai precisar da vivência desses valores (componente realismo); os portugueses sabem, e também por isso podem, contribuir para concretizar o anseio em realidade (componente sonho-realismo).

O papel de Portugal como cultura indutora ou condutora explica-se: por um lado, porque os valores messiânicos – liberdade e amor irrestrito ou fraternidade – continuam inscritos na matriz cultural portuguesa e podem ser revitalizados; por outro lado, porque a posição de Portugal no contexto mundial – não ser potência implicada na guerra (ob. cit., p. 77) – é uma posição propícia à comunicação destes valores, no que se pode este tornar-se “guia” na construção de uma nova época da história humana, época fundamentalmente de paz.

Grandeza e pedra de escândalo

Outro traço do Portugal-futuro é a sua *grandeza*. Grandeza circunscrita pelo referido messianismo: pioneirismo na imaginação, na procura e na condução de outros à descoberta da *unidade, interioridade e criatividade* humanas. Trata-se da grandeza de um Portugal que já não é propriamente o Portugal-país europeu, e nem mesmo o Portugal-Comunidades Portuguesas, é mais o Portugal *categoria metafísica-religiosa* – “Portugal,

Yaveh com o povo de Israel. A diferença principal residirá no carácter *ético* em relação ao judaísmo, e no carácter *exemplar* relativamente ao budismo (Boudon e Bourricaud, 1982, pp. 442-3).

o grande, o todo”, “o dos grandes espaços conhecidos e o dos espaços ignotos ainda dentro e fora do homem”. É um Portugal resíduo ou embrião de uma ideia nova, um “Portugal-núcleo” de paz mundial ⁸⁶:

“Portugal, o grande, o todo, o de amarelos, brancos, pretos e vermelhos, o de islamitas, cristãos, judeus, animistas, budistas, taoistas, o da América, Europa, Ásia, África, Oceânia, o dos municípios, tribos e aldeias, o de monarquias e repúblicas, o dos grandes espaços conhecidos e o dos espaços ignotos ainda dentro e fora do homem, o Portugal núcleo de formação de uma União Internacional dos Povos para o desenvolvimento, a liberdade e a paz, (...) deve, audaciosamente, preceder os outros povos, estabelecendo ensino ou aprendizagem superior que estejam já encaminhados a uma era em que o homem seja plenamente criador e deixe como traço de sua passagem na vida esse aproximar-se cada vez mais da essência da criação divina.” (ob. cit., p. 50).

A grandeza atribuída a Portugal é de serviço, de luta contra o fatalismo instalado, de heroicidade despojada, de desocultação da luz que se obscureceu na humanidade e a uma parte reduziu ao subdesenvolvimento. É para um imenso campo de unificação planetária que Portugal tem por missão guiar o mundo; é para o eclodir de um processo generalizado de multidentificação – racial, cultural, administrativa, planetária, geográfica, psicológica – que devem orientar-se as acções portuguesas.

Para poder liderar este movimento Portugal deve aceitar “ser pedra de escândalo”:

“Portugal tem de ser pedra de escândalo neste mundo de hoje que tão disposto parece a aceitar a situação como fatal, tem de ser ponta de lança dos países subdesenvolvidos para que todos se desenvolvam, como tem de ser o advogado dos pobres no sentido de que venham todos a ser ricos” (ob. cit., p. 53).

Ser “pedra de escândalo”, expressão evangélica, auto-atribuída por Jesus, significa o sinal da contradição, um dos principais argumentos do Profetismo, na medida em que a mensagem do Profeta não chega a ser unilateralmente subversiva; ao contestar a ordem presente, este está a constituí-la em nova ordem, religando-a à ordem inicial (Boudon e Bourricaud, 1982, pp. 443-4). No presente caso, esta é uma das expressões

⁸⁶ A representação de um Portugal ao serviço da humanidade será um dos aspectos em Agostinho da Silva que evidencia a sua herança do messianismo português na linha directa de Vieira, em que esta ideia já estaria expressa: “E o Quinto Império significa antes de tudo o mais a refundação da humanidade. Com efeito, os textos de Vieira mostram claramente que, menos do que de Portugal, é antes do futuro homem que se trata.” (Gil e Macedo, 1998, p. 10)

que claramente aproximam Agostinho da Silva do papel de Profeta, que em geral rejeitou, mas que a tonalidade do seu discurso jamais deixa de manifestar e ao qual, em certos momentos, o próprio se rende, como é o caso na atribuição explícita do referido messianismo aos Portugueses e povos da língua portuguesa ⁸⁷:

“vos tomarei um pouco mais de tempo para mais um [ponto]; e é ele o de tantas vezes atribuir papéis de messianismo aos povos da área da língua portuguesa, o que significa nitidamente que só creio possível tal messianismo e tal guia dos outros quando Portugal não for apenas o das corografias, mas a perfeita fraternidade, igualdade e camarada marcha de xinguanos e minhotos, ou de macuas e timorenses, ou de mineiros e macaistas, esquecidos inteiramente de quando púnhamos branco por superior a negro ou amarelo por superior a branco; ou de quando tínhamos fome; ou de quando tínhamos medo. Mas efectivamente o penso; o mundo vai precisar de quem empunhe o estandarte da paz e não creio que estejam a ponto de desempenhar tal papel no futuro as grandes potências comprometidas na guerra” (ob. cit., p. 77).

2. Paradigma da representação da identidade portuguesa

Na representação do Portugal messiânico de Agostinho da Silva identificam-se três temas fundamentais: a *criatividade*, a *imprevisibilidade* e a *liberdade* (Quadro 20). Na trilogia cristã (Deus-Pai, Deus-Filho, Deus-Espírito Santo), estas são as características mais intensamente atribuídas ao Deus-Espírito Santo ou Deus-Amor. Para o autor, estes três atributos estão consubstanciados em conteúdos míticos portugueses – o Culto popular do Espírito Santo e a Ilha dos Amores.

Culto popular do Espírito Santo

O Culto popular do Espírito Santo terá surgido em Portugal no início do Franciscanismo e dele se consideram introdutores e principais divulgadores junto do Povo os reis carismáticos D. Dinis e D. Isabel (Lopes, 1971).

⁸⁷ Sobre o messianismo português visto de fora, a posição de Gilbert Durand reveste-se de grande interesse. Investigador dos aspectos simbólicos da cultura portuguesa, e poderá admitir-se que, em consequência disso, este autor tem-lhe atribuído certa predestinação: “Portugal é o lugar onde o pensamento europeu pode reencontrar as suas fontes” (citado por Quadros, 1989, p. 25).

Quadro 20: Características do paradigma da identidade portuguesa

<p><i>Criatividade</i></p> <p>“melhorar o mundo que há, que é a outra forma de entender a criação contínua, pela infinidade sempre nova e sempre existente dos predicados de Deus” (ob. cit., p. 63).</p> <p>“Deus está sempre inventando e sempre com uma infinita possibilidade de mais inventar, como se ainda não tivesse inventado nada” (ob. cit., p. 77).</p>
<p><i>Imprevisibilidade</i></p> <p>“se é nosso ideal o inventar da vida, de modo a não esbarrarmos com as existências previsíveis logo de início (...) tem a vida de ser inventada todos os dias, e pela única invenção que é força, a nossa própria.” (ob. cit., p. 32).</p> <p>“nas condições actuais só a criança vive, no sentido basilar de que não se põe como ideal adquirir hábitos, mas reinventar o dia a cada sol que surge. O resto sobrevive, quase mais apavorado com a sobrevivência do que com a morte” (ob. cit., p. 71).</p>
<p><i>Liberdade</i></p> <p>“Portugal tem de se arriscar à liberdade, por mais que as outras nações sigam estradas contrárias e mais ainda na medida em que as seguirem” (ob. cit., p. 32).</p> <p>“(caminhos de Portugal) devem ser sempre caminhos de convergência para marchas de coordenação, nunca obrigado trilho para quem vê sua vida mais feliz noutras estradas. Fique o homem com a certeza de que está construindo sua vida, não entregando-a aos outros para que lha cortem por modelos” (ob. cit., p. 34).</p> <p>“se é o nosso ideal a liberdade, só pela liberdade o podemos atingir, que todos os outros meios emperram em si mesmos” (ob. cit., p. 32).</p> <p>“a única lei por que se rege Deus é a sua infinita liberdade” (ob. cit., p. 60).</p>

Este culto, que se pode inscrever na matriz cultural do Cristianismo, distancia-se do mesmo por apresentar ritual e liturgia próprios, os quais explicitam valores e veiculam normas de comportamento que se terão autonomizado, face à hierarquia católica protagonizada pelo catolicismo romano, e que terão constituído o principal quadro de regulamentação social de inúmeras aldeias e vilas portuguesas, senão mesmo de todo o país. Para Jaime Cortesão, o Culto do Espírito Santo, bem como o de S. António ou *Santo Antoninho*, filiam-se no “cristianismo franciscano, em que durante séculos, em Portugal, se educaram todas as classes desde o rei ao vilão.” (Cortesão, 1984, p. 184).

O ritual do referido culto culmina, ainda hoje ⁸⁸, numa grande festividade anual e o seu ritual é manifestamente simbólico. Consiste num

⁸⁸ Na actualidade só em alguns lugares do Continente se celebram as festividades típicas do Culto do Espírito Santo, sendo nos Açores, no Brasil e entre as comunidades portuguesas dos Estados Unidos da América que o mesmo continua a ser anualmente celebrado. A bibliografia existente sobre este assunto é já vasta. Entre outros, António Quadros dedicou ao

banquete colectivo (satisfação das necessidades do corpo), na libertação de presos (satisfação das necessidades do espírito), e na investidura de uma criança em Imperador (transformação geral na esfera do poder).

Para Agostinho da Silva, o fundamental deste culto, e que a sua liturgia assinala, é lembrar a cada pessoa a necessidade permanente de um renascimento interior, dando testemunho, no plano prático, das tarefas a realizar no plano simbólico e para as quais as características da Criança são o símbolo mais adequado:

“O ponto fundamental do culto popular do Espírito Santo não é, porém, nem o banquete comum e livre, nem o soltar de presos, nem a procissão que segue a Pomba, no estandarte ou coroa; é a instalação de uma criança como Imperador do mundo. No Paraíso terrestre que se quer (...) os interesses e os apetites dos homens, devem ceder seu trono às características infantis de atenção contínua à vida, de existência total no presente, de ignorância de códigos, manuais e fronteiras, de integração no sonho, de valorização do jogo sobre o trabalho, de simpatia pela cigarra, que logo a nossa escola substitui pelo aplauso à formiga” (ob. cit., pp. 23-4).

Ilha dos Amores

Na Ilha dos Amores – ilha simbólica a que a deusa Vénus conduz os marinheiros portugueses de regresso da sua bem sucedida aventura de encontrar o caminho por mar até à Índia, e em que a Vasco da Gama a deusa mostra a estrutura invisível do Universo, e aos seus companheiros é dado experienciar inimaginados prazeres – estão prefigurados, segundo Agostinho da Silva, diversos interesses quiméricos dos Portugueses. Estes interesses podem resumir-se em: a) pacificação geral dos sentimentos ⁸⁹; b) sacralização do amor humano ⁹⁰, simbolizado na experiência amorosa

Culto do Espírito Santo um dos seus livros, o qual apresenta uma considerável resenha bibliográfica (Quadros, 1987). Posteriormente João Leal realizou um estudo antropológico sobre as Festas do Espírito Santo nos Açores em que se podem igualmente encontrar referências a este Culto (Leal, 1994).

⁸⁹ “Pelo reconhecimento da unidade perfeita, não serão necessárias as iras do amor. Se o último ideal do Português é reconquistar o Paraíso e entrar naquele despojar-se de espaço e tempo a que Luís de Camões preludiou com a Ilha dos Amores, serão dispensáveis as guerras” (ob. cit., p. 56). Neste findar das guerras o autor já não se refere apenas às disputas amorosas mas a toda a conflitualidade e violência, nomeadamente aos interesses que alimentam as guerras em sentido restrito: “terão sido os melhores militares os que têm visto a sua missão como sendo essencialmente e de manutenção da Paz, para que o mundo se vá construindo, não os que são tentados pelas aventuras ou pelos lucros das guerras.” (Silva, ob. cit., p. 56).

⁹⁰ Helder Macedo acentua a estratégia de enobrecimento do erotismo, da “reconciliação do espírito com a carne”, do chamado *amor misto*, repetidamente empregue por Camões n’Os

vivida entre marinheiros e ninfas; c) contemplação como acesso à verdadeira sabedoria, última fase a que chega o intrépido Gama, tornado calmo e simples espectador perante o muito que ainda ignorava sem saber e que Vénus lhe desvenda na maravilhosa Máquina do Mundo ⁹¹.

3. Portugueses do Futuro

Os conteúdos míticos presentes no Culto do Espírito Santo e na Ilha dos Amores, fazem parte, para Agostinho da Silva, do mito do V Império ⁹², o qual corresponderá à nova idade a viver pela humanidade e que anteriormente se mencionou. Este é interpretado pelo autor como uma época de reconquista do *Paraíso*, a qual significará a própria anulação do Paraíso, ao situar-se este doravante na Terra e na pessoa humana: significará a descoberta do divino no mais livre, criativo e imprevisível do humano e que para os Portugueses constituirá anseio último:

“e haverá finalmente no mundo, a não-propriedade, para todos, de qualquer meio de produção ou de transporte. Este é o Paraíso em que pensa e que deseja o povo português e que nós temos obrigação de o ajudar a atingir; se ele é plenamente atingível ou não ignora-o o povo e ignoro-o eu; e não há prova alguma científica de que o seja, como não há prova do contrário; movemo-nos aqui no terreno da Fé” (ob. cit., p. 22).

Lusíadas (Macedo, 1980, p. 15). Por um lado, “a utopia camonianiana da Ilha dos Amores representa o triunfal exercício da sexualidade” (ob. cit., p. 21), integrando o “corpo no amor” (ob. cit., p. 41); por outro lado, pretende-se caracterizar a nova era como tempo de síntese “que permitisse reconciliação dos elementos aparentemente contraditórios do homem” (ob. cit., p. 20). Neste contexto e metaforicamente, a viagem inaugural ao Oriente “sugere a função determinante do amor na viagem dos Portugueses para o mundo desconhecido do Oriente”, sendo a realização da própria viagem um prémio amoroso: “e, finalmente, na fusão da mitologia com a História representada na Ilha dos Amores, é a gnose erótica oferecida aos Portugueses como prémio do seu serviço à pátria” (ob. cit., p. 41).

⁹¹ “Uniforme, perfeito, em si sustido, / Qual, enfim, o Arquétipo que o criou. / Vendo Gama este globo, comovido / De espanto e de desejo ali ficou. / Diz-lhe a Deusa: «O transunto, reduzido / Em pequeno volume, aqui te dou / Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas / Por onde vás e irás e o que desejas. // «Vês aqui a grande máquina do Mundo, / Etérea e elemental, que fabricada / Assi foi do Saber, alto e profundo, / Que é sem princípio e meta limitada.” (Camões, *Os Lusíadas*, Canto X, 1989, pp. 266-7).

⁹² “É pelo positivo que fizeram que as Igrejas podem contribuir para o triunfo, daquele Império que é do Povo e a que, para o datarem da Bíblia, chamaram Quinto homens de Igreja como Vieira.” (Silva, ob. cit., p. 59).

Inserindo-se no messianismo humanizado e na dupla qualidade do sonho-realismo, quatro conteúdos principais objectivam a representação dos Portugueses e das suas acções enquanto Portugueses-Futuro: unidade humana, aliança corpo-espírito, ecumenismo, aprendizagem do humano (Quadro 21).

Descoberta da unidade humana

A abertura é atitude fundamental para as acções a empreender pelos Portugueses: “é missão nossa estar abertos ao mundo” (ob. cit., p. 18).

Abrir, rasgar horizontes, revelar novas perspectivas, contribuindo para a expansão do conhecimento humano, são tarefas similares às da época da Aventura Marítima dos Portugueses, mas a orientação a presidir às novas acções deverá ser diferente. Trata-se de mergulhar no espírito da missão antiga para que assim finalmente Portugal se cumpra; fundindo-se ou dissolvendo-se no novo estado de consciência que vai animar o mundo e atrás se referiu.

As viagens marítimas realizaram-se sob o signo da exterioridade, da revelação da unidade física da terra que se veio a objectivar na sua comprovada circularidade; a partir de agora, segundo Agostinho da Silva, deverão os Portugueses inverter a orientação do movimento deslocando-o para o desconhecido da interioridade pessoal e assim descobrirem e revelarem a fundamental unidade humana.

Alimentar o corpo para não morrer o espírito e existir santidade: religião não religiosidade

A espiritualização, essencial à nova descoberta da unidade e interior riqueza do ser humano, situa-se também ela na união do sonho ao realismo. Será preciso o empenhamento activo na satisfação das necessidades humanas, que, sendo reais, são *físicas*, *mentais* e *espirituais*. Significa inverter a perspectiva do Céu após a Terra, do regresso ao Paraíso após a expiação terrestre. É, diríamos, a plena aplicação da *filosofia vivida*, defendida pelo autor, como se referiu; é a espiritualidade da vida humana religiosa em si mesma se plenamente desabrochada, e não a procura de uma espiritualidade desligada das condições terrenas. Será o sonho interiorizado e activo ou “o domínio do sonho”, e não a cedência ou fuga pelo sonho da religiosidade: “não há religião alguma que possa ser, excepto para raros (...) enquanto o conjunto da humanidade não tiver o

suficiente para viver, não puder livremente tomar conhecimento do mundo e não tiver consigo o domínio do sonho” (ob. cit., p. 25).

Ecumenismo não tratados de acomodação entre religiões

A vida, sendo religião em si, comporta a existência de diferentes expressões culturais religiosas, não sendo estas senão um aspecto diferente da mesma actividade unitária do Espírito. Pelos Portugueses do futuro devem ser desencadeadas acções que exprimam essa unidade religiosa da vida, ou “ecumenismo”, e não acções que decorram de formalismos: “Parece disposto o Império português (...) para que demos nós consciência ao mundo de que ecumenismo não consiste no lento negociar de tratados de acomodação entre arqueologias sobreviventes (...) Ecumenismo consiste em ver todas as religiões como os vários aspectos da religião portuguesa, e por Portugal esperemos que humana, da religião do Espírito (...) Religião que não é mais uma entre as outras, mas o aviso de que todas elas são um sinal de Deus” (ob. cit., p. 26).

A conversão individual será a marca fundamental da renovação religiosa a empreender por Portugal – o virar-se cada um para o interior de si próprio para aí encontrar a “sua” própria religião” e dela partir para a aceitação de todas as outras.

Ensinar a ser gente: Portugueses capatazes de humanidade

Educar, enquanto meio para libertar a expressão da criatividade e comunicação própria de cada pessoa, não inviabilizando o projecto que é cada vida humana, é a tarefa mais importante e urgente a realizar para construir o Portugal do futuro: “educar Portugal (...) e educar cada um dos homens que o constituem, pretos, vermelhos, amarelos, é dar os meios de não ser afinal frustrada cada vida que nele nasce e de se fazer que cada uma delas seja, para o resto da humanidade, a luz de entendimento que nenhuma técnica dá, mas que todas elas permitem libertar.” (ob. cit., p. 25).

A importância de *educar* Portugal reside na possibilidade da sua reconstrução, retomando o essencial do projecto interrompido no século XV, reavivando elementos de memória colectiva: “destino algum histórico se pode apontar aos que não tenham noção de suas origens, nada entendam do tempo em que lhes coube existir e não vejam diante de si sorte nenhuma que não seja a de sobreviver (...) ainda que pareça o contrário, pode o povo estar inteiramente à margem da vida económica e da vida cultural da

nação; as quais, por isso mesmo, só na aparência serão de economia e cultura; ignorância e carências, eis o que haverá.” (ob. cit., p. 39).

Porque educar é tarefa fundamental, os Portugueses devem ser obreiros no desabrochar de um novo modelo de ser humano, ou, como diz Agostinho da Silva, devem ensinar “a ser gente” segundo o *amor irrestrito* e a *liberdade*, ou tão só divina liberdade ⁹³:

“Neste tempo em que estamos, outro nome para nós devem tomar a Beleza e o Amor que Deus é, e o nome que devemos fundir numa Trindade agora plenamente vista é o de Liberdade.” (ob. cit., p. 49).

Para esta possibilidade de ser e ensinar a ser gente terão “sobrado” os Portugueses, profecia-funda aspiração do autor que em ardência de conteúdo e estilo afirma:

“o estandarte jaz aí, no chão, e em risco de ser definitivamente despedaçado pelo torpear dos combatentes; tomemo-lo nós e afirmemos a luz, por mais escura que seja a noite; já o fizemos quando navegámos, ainda pequeno Portugal, e trouxemos as bases para as utopias dos pensadores do Renascimento e o surto da ciência moderna (...) Sou destas confianças como lição do passado e destes optimismos com vontade de futuro; sobrámos das catástrofes para sermos o que quisermos quando quisermos: e nada há melhor para ser, depois que acendermos chama em nós, do que espancar com elas as sombras que atemorizam os outros e pelo medo os podem destruir; chegou o tempo de nos prepararmos para as novas viagens, que o soltar das amarras vem aí; e, embora saibamos da eternidade da cruz neste mundo nosso, talvez fosse bom que se substituísse, nas velas que se soltem, pelo liz do Norte dos mapas, do Espírito Santo da Rainha Isabel e da perfeita Trindade” (ob. cit., pp. 77-8).

⁹³ A este novo modelo de humanismo se terá afinal Agostinho da Silva pessoalmente convertido, fundindo-se em Liberdade e Amor, e assim assumindo a sua fidelidade à cultura portuguesa: “um homem que foi a Liberdade (...) anão foi impunemente que o universitário Agostinho da Silva se interessou pelo mais ‘erótico’ e pouco recomendável, segundo os nosso hipócritas códigos vigentes, autor antigo Catulo. A escrita límpida, o lado de profetismo e misticidade característicos da prosa de Agostinho da Silva, velam um pouco o que não pode deixar de se designar por ‘erótica’ agostiniana” (Lourenço, 1995, pp. 16-18).

Quadro 21: Portugueses do Futuro e acções

<p><i>Descoberta da unidade humana</i></p> <p>“podemos ser nós os que, tendo realizado a missão de mostrar o mundo inteiro, irão, quando o quisermos, à de mostrar inteiro o homem.” (ob. cit., p. 41).</p>
<p><i>Alimentar corpo para não morrer espírito e haver santidade</i></p> <p>“É religião, portanto, o que Portugal, explicitando-a, tem que dar a si próprio e ao mundo, indo para além de simbolismo e rituais e entendendo que, só cumprindo-se inteiramente o homem, se pode inteiramente cumprir o Espírito; o dever primeiro de quem organiza a nação é o de, para que não morra o espírito, alimentar o corpo; jejuem santamente os santos, mas se forneça, bem nutrido, a Deus o material de que os faz: homens com esperança.” (ob. cit., p. 69)</p>
<p><i>Vida como religião, ecumenismo português</i></p> <p>“O ecumenismo português tem de se afirmar pela igualdade de tratamento teológico e político de todas as religiões que Portugal contém (...) podem todos juntos ensinar a todos, procurando que os outros estejam sempre melhor e sejam sempre melhores e tenham sempre o melhor, o que é a Caridade. Ecumenismo não é contrato, é vida; vida plena e cogulada, como Deus a quer.” (ob. cit., p. 27)</p> <p>“repete o Espírito que sendo obrigação essencial de cada um converter-se à sua própria religião, numa vontade contínua de aperfeiçoamento seu e dela, nunca será plenamente religioso se não entender cada uma das outras religiões como se sua fosse.” (ob. cit., p. 26)</p>
<p><i>Portugueses, capatazes da humanidade</i></p> <p>“Todos vamos ter que ser professores de todos e cada um dos que sabe um pouco mais ensinará os que sabem um pouco menos” (ob. cit., p. 39).</p> <p>“não foram [os emigrantes actuais], como deviam, para ensinar a ser gente, para capatazes de humanidade” (ob. cit., p. 28)</p> <p>“gente de língua portuguesa, e quanto mais carregada a cor maior a possibilidade, é a que, por conduzir pacificamente à vida plena povos dela destituídos, mais pode ser vista como a guia de todos os que procuram construir um mundo novo; urge despertá-la e prepará-la. / Tem de o fazer todo o particular que para tal seja solicitado ou se apresente para onde e quando for útil” (ob. cit., p. 40)</p>

Síntese

Considerado por alguns autores como herdeiro das dimensões messiânicas, utópicas, sensuais e ecuménicas da cultura portuguesa (Quadros, 1992, Lourenço, 1995, Reis, 1997, Real, 1998), Agostinho da Silva expõe na *Educação de Portugal* um pensamento que abrange

conteúdos representacionais dos Portugueses e aspectos da sua génese que passamos a resumir.

1. Para Agostinho da Silva as actuais características portuguesas tiveram uma longa sedimentação. Decorrem de um ideário de fraternidade que absorveu o essencial do franciscanismo e que, plenamente assumido pelas classes dirigentes entre os séculos XIII e XV, se constituiu como ideário nacional.

2. Este ideário de fraternidade tem por base a aspiração ao Paraíso mas na Terra e as dificuldades experimentadas no decurso da existência, sendo concretas, tornaram os Portugueses um povo realista, apesar de sonhador, um povo amante da *filosofia do vivido*.

3. Os acontecimentos históricos e a dimensão simbólica segregaram conteúdos míticos que permitiram a vitalidade da componente sonho-realismo. O culto popular do Espírito Santo, fórmula de uma prática social, política e religiosa a que no passado os Portugueses chegaram, enquadra um modo messiânico de estar na vida que se reforçou com o encontro de outros povos e a descoberta da fundamental unidade humana – fundou [Portugal] uma religião, tornou o mar inteiro – e que deverá prosseguir para “mostrar inteiro o homem”.

4. Os Descobrimentos marítimos, enquanto aventura quiméricamente bem sucedida e materializada na Ilha dos Amores, potencializou e continua a impulsionar o aprofundamento da fraternidade humana – projecto futuro (“ensinar a ser gente”) a viver e comunicar ao mundo pelos Portugueses (e demais povos de língua portuguesa) – num tempo que se aproxima prenhe de transformação das estruturas sociais e da relação da pessoa com os outros e consigo mesma – tempo de *liberdade*, de *amor irrestrito* e de *invenção da vida*.

5. A afectividade dos Portugueses em Agostinho da Silva, tendo como fim a aproximação ao divino presente no humano e simbolizado na criança arquetípica (“nas condições actuais vive (...) o resto sobrevive”), toma como principal modelo o Deus-Espírito Santo ou Deus do Amor, caracterizando-se pela criatividade, imprevisibilidade e liberdade, as quais se poderão entender como ideias-força ou *themata* da identidade na sua representação da identidade portuguesa.

B. Eça de Queirós e *A ilustre casa de Ramires*

Eça de Queirós foi um observador atento e crítico dos comportamentos e anseios dos homens do seu tempo e dos Portugueses em especial. Considerado “o mais dotado expoente do realismo oitocentista (...) que consegue associar a uma crítica social (...) uma inédita fantasia” (Saraiva e Lopes, [s.d.], p. 891), Eça foi outro dos portugueses que se impregnou das andanças pelo mundo e das particularidades do seu tempo sem deixar de activar, através da sua escrita, a relação pessoal com Portugal.

A sua inclusão neste trabalho justifica-se, como se indicou, pela ligação que, em nosso entender, estabelece entre discurso antigo (de D. Francisco Manuel de Melo) e o discurso actual sobre o Português.

Portugal n’A ilustre casa de Ramires

A obra, de onde provém o pequeno texto em análise, é do final da vida do autor e simultaneamente do final do século XIX. A sua publicação ocorre no ano da morte de Eça mas depois da sua morte.

Contrariamente ao que se observou com Agostinho da Silva, na *Educação de Portugal*, não faz Eça de Queirós, n’*A ilustre casa de Ramires*, uma descrição circunstanciadamente histórico-social das características e projecto nacional portugueses. Trata-se de uma “novela histórica” (Saraiva e Lopes, ob. cit., p. 921), e é através da história de uma família, a notável família Ramires, que se processam a análise e reflexão do autor sobre a historia e identidade nacionais. De Portugal fala-se pouco, quase não se fala; o objecto em observação e discussão é esta antiquíssima família portuguesa, tão antiga que é anterior à nacionalidade, e que, por isso mesmo, foi determinante no início desta, sendo sua *meia irmã*, e continuando suporte e ânimo em todos os períodos decisivos da consolidação, expansão e renovação de Portugal⁹⁴.

⁹⁴ A antiguidade dos Ramires está patente em toda a obra e é logo no início assim caracterizada por Eça de Queirós: “Gonçalo Mendes Ramires (como confessava esse severo genealogista, o morgado de Cidadelhe) era certamente o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal. (...) Mais antigo na Espanha que o Condado Portucalense, rijamente como ele crescera e se afamara o solar de Santa Ireneia – resistente como ele às fortunas e aos tempos. E depois, em cada lanço forte da História de Portugal, sempre um Mendes Ramires avultou

Através da família Ramires perpassam os acontecimentos mais significativos e até certas trivialidades da longa vida e história nacionais. Só quase a terminar a obra, mais precisamente na página final, e de uma forma incrivelmente queirosiana em que na última gota se esconde a essência, o último Ramires, na sua extraordinária paradoxalidade, é comparado a nada mais nada menos que Portugal. Ao Portugal verdadeiro e persistente, aquele que por entre avanços e recuos, glórias e fracassos, mantém a chama da identidade nacional.

As duas escassas páginas, em que tudo se esclarece, revelam brilhantemente a reconhecida mestria de subtileza e adjectivação de Eça, ou o autor como “artista ao nível da língua” (Saraiva e Lopes, ob. cit., pp. 925-31), e apresentam, como se irá ver a seguir, um interessante paradigma da representação social dos Portugueses.

“- Extraordinário, aquele Gonçalo!

O Videirinha não findara o seu enlevado sorriso:

- Tem muito talento... Ah!, o Sr. Doutor tem muito talento.

- Tem muita raça! - exclamou o “Titó”, levantando a cabeça. - E é o que o salva dos defeitos... Eu sou amigo de Gonçalo, e dos firmes. Mas não o escondo, nem a ele... sobretudo a ele. Muito leviano, muito incoerente... Mas tem a raça que o salva.

- E a bondade, Sr. António Vilalobos! - atalhou docemente padre Soeiro. - A bondade, sobretudo como a do Sr. Gonçalo, também salva... Olhe, às vezes há um homem muito sério, muito puro, muito austero, um Catão que nunca cumpriu senão o dever e a lei... E todavia ninguém gosta dele, nem o procura, Porquê? Porque nunca deu, nunca perdoou, nunca acarinhou, nunca serviu. E ao lado outro leviano, descuidado, que tem defeitos, que tem culpas, que esqueceu mesmo o dever, que ofendeu mesmo a lei... Mas quê? É amável, generoso, dedicado, serviçal, sempre com uma palavra doce, sempre com um rasgo carinhoso... E por isso todos o amam, e não sei mesmo, Deus me perdoe, se Deus também não o prefere...

A curta mão que acenara para o céu recai sobre o cabo de osso do guarda-sol. Depois, corado com a temeridade de pensamento tão espiritual, acudiu cautelosamente:

- Que esta não é propriamente doutrina da Igreja!... Mas anda nas almas; anda já em muitas almas.

Então João Gouveia abandonou o recosto do banco de pedra, e teso na estrada, com o coco à banda, reabotoando a sobrecasaca, como sempre que estabelecia um resumo:

grandiosamente pelo heroísmo, pela lealdade, pelos nobres espíritos. Um dos mais esforçados da linhagem, Lourenço, por alcunha ‘o Cortador’, colaço de Afonso Henriques (com quem na mesma noite, para receber a pranchada de cavaleiro, velara as armas na Sé de Zamora), aparece logo na batalha de Ourique, onde também avista Jesus Cristo sobre finas nuvens de ouro, pregado numa cruz de dez côvados.” (Queirós, 1980, p. 6).

- Pois eu tenho estudado muito o nosso amigo Gonçalo Mendes. E sabem vocês, sabe Sr. Padre Soeiro, quem ele me lembra?

- Quem?

- Talvez se riam. Mas eu sustento a semelhança. Aquele todo de Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a imensa bondade, que notou o Sr. Padre Soeiro... Os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro quando se fila à sua ideia... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negócios, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade?... A imaginação que o leva sempre a exagerar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante nalgum milagre, no velho milagre de Ourique, que sanará todas as dificuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa... Até aquela antiguidade de raça, aqui pegada à sua velha Torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?

- Quem?...

- Portugal.” (Queirós, ob. cit., pp. 336-8).

Gonçalo Mendes Ramires e os Portugueses

A metáfora de Eça de Queirós, de um homem tomado por um país, cria um par (Gonçalo-Portugal) de particular interesse para a caracterização da identidade portuguesa e sua representação há um século atrás.

Através de Gonçalo se nos revela um conjunto de características humanas, esperáveis, segundo Eça, de quem se configure com Portugal. Conjunto suficientemente amplo e diversificado, que esboça contornos claros e revela uma determinada estruturação na representação dos Portugueses. Resulta do referido conjunto um retrato psicológico de tal maneira vivo que não é difícil a nossa imaginação desenhar a figura de alguém conhecido (e dificilmente não amado).

Os traços pelos quais Gonçalo é descrito constituem um modelo de pessoa em que se evidenciam nítida e incisivamente algumas constantes identitárias presentes em autores do século XX anteriormente referidos. Aqui se reencontra a dualidade-complexidade nutrindo abundantemente a base do comportamento português, ao mesmo tempo que se identifica um ponto mais elevado, ou um centro, em que esta dualidade se funde e torna

o Português uno. A afectividade (*bondade*) aparece em Eça como o indiscutível catalisador desta síntese.

O eixo afectividade-razão (vontade), que atrás se assinalou, é evidenciado em Eça como em nenhum outro autor. As primeiras palavras situam de imediato a questão: “muito leviano, muito incoerente... Mas tem a raça que o salva. / – E a bondade”, sobretudo, a *bondade*.”.

A raça poderá aqui ser entendida como a hombridade de que falava Cortesão e que, sendo aceite por Eça, também para ele não parece caracterizar correctamente o Português; enquanto que a bondade, o ser *amável e amado de todos*, e talvez mesmo *o preferido de Deus...*, essa sim, o poderá adequadamente caracterizar.

Com a acutilância que lhe é própria, Eça mostra em primeiro lugar o negativo da imagem (Quadro 22) para, em seguida, a apresentar com todos os tons da sua cor forte e com os matizes de uma surpreendente complexidade.

Quadro 22: Gonçalo (Portugal) e o seu anti-modelo

<i>A bondade e o amor</i> (alguém bondoso como Gonçalo)	<i>O dever e a lei</i> (um Catão: o oposto de Gonçalo)
Leviano	muito sério
Descuidado	muito austero
Com defeitos, com culpas	muito puro
Esquece o dever, ofende a lei	cumpridor do dever, cumpridor da lei
Amorável, generoso, delicado, serviçal, sempre com palavra doce	nunca deu, nunca perdoou, nunca acarinhou, nunca serviu
sempre com rasgo carinhoso, todos o amam	ninguém gosta dele, ninguém o procura

Igualmente muito claro é o contraditório carácter português. Sob o traço mais forte da bondade descobrem-se diversos traços que lhe asseguram uma antinomia permanente: os *fogachos e entusiasmos* logo tornados *fumo*, mas a muita persistência e o muito aferro quando *filado à sua ideia*; a vaidade de braço dado com a simplicidade; a terrível desconfiança de si acompanhada de uma metade de herói imprevisível.

Se repararmos bem no tipo de traços apontados por Eça, vemos como as duas forças opostas (*impulsos centrífugo-centrípeto*) de que falava Cortesão lhe são bom enquadramento (Quadro 23).

Quadro 23: Os opostos e a síntese na representação do Português (Cortesão e Eça)

<p style="text-align: center;"><i>Impulso centrífugo:</i> <i>vagamundo, renovador, universalista</i> (Cortesão)</p>	<p style="text-align: center;"><i>Impulso centrípeto:</i> <i>telúrico, conservador, castiço</i> (Cortesão)</p>
<p>fogachos e entusiasmos logo em fumo</p> <p>generosidade, desleixo, constante trapalhada nos negócios</p> <p>imaginação, exagero até à mentira</p> <p>vaidade, gosto de se arrebicar, de luzir</p> <p>tão palrador, tão sociável</p> <p>um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa</p>	<p>persistência, muito aferro</p> <p>muita honra, escrúpulos quase pueris</p> <p>espírito prático, sempre atento à realidade útil</p> <p>simplicidade tão grande que dá o braço a um mendigo</p> <p>fundo de melancolia</p> <p>desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe</p>
<p style="text-align: center;">Síntese</p> <p style="text-align: center;">franqueza, doçura, a bondade, a imensa bondade aquela antiguidade de raça, assim todo completo, com o bem, com o mal (Eça de Queirós)</p> <p style="text-align: center;">plasticidade amorável (Cortesão)</p>	

Finalmente, a inteireza do Português pela bondade é, declaradamente, uma inteireza de afectividade, de impulsividade: “aquele arranque para África... Assim, todo completo, com o bem, com o mal”, com as forças emotivas, que lhe estruturam a *imensa* bondade.

Bondade que não é unilateral, que não deixa na sombra os vícios. É bondade apesar do mal. E o mal, com que em si mesmo o Português (Gonçalo) convive, é, por isso, um mal concreto e não o mal arbitrariamente decretado pelo dever e pela lei. A pureza abstracta de um Catão não tem sentido para ele, não tem valor.

Do Português Amoroso, saudoso de D. Francisco Manuel de Melo para o Português amorável, bondoso de Eça, o princípio afectivo persiste. Além deste princípio também temas maiores, anteriormente identificados nos autores do século XX que se analisaram, se evidenciam em Eça e na sua representação da identidade nacional. Na descrição de Gonçalo, como se exemplifica a seguir, podem ver-se em funcionamento diferentes planos da

representação da identidade portuguesa: a relação consigo, a relação com os outros, a atitude global face ao mundo (Quadro 24).

Quadro 24: Gonçalo Ramires e os Portugueses

	<i>Eça de Queirós</i> (Gonçalo/Portugal) (séc. XIX)	<i>Diversos autores</i> (O Português) (séc. XX)
<i>Relação consigo</i>	<p>Esperança no milagre</p> <p>Fogachos e entusiasmos breves</p> <p>Persistência, aferro</p> <p>Desconfiança de si / acobardado</p> <p>Herói</p> <p>Sentimentos de honra</p> <p>Melancolia</p> <p>Inquietação</p> <p>Imaginação</p> <p>Espírito prático</p> <p>Viveza, facilidade em compreender</p> <p>Vaidade</p>	<p>Crença milagreira Jorge Dias</p> <p>Resistência à adversidade pela crença Cunha Leão</p> <p>Vontade descontínua - impulsividade Aquilino Ribeiro</p> <p>Persistência Agostinho da Silva</p> <p>Insegurança Cunha Leão</p> <p>Agudo sentido do ridículo / inibição Jorge Dias</p> <p>Doméstica sensatez não Agostinho da Silva</p> <p>Não sabe viver sem sonho e sem glória Jorge Dias</p> <p>Hombridade Jaime Cortesão</p> <p>Melancolia Agostinho da Silva</p> <p>Inquietação Jorge Dias</p> <p>Jaime Cortesão</p> <p>Imaginação sonhadora Jorge</p> <p>Dias Predomínio da imaginação sobre a inteligência Fernando Pessoa</p> <p>Fundo prático e realista Jorge Dias</p> <p>Astucioso realismo Fernando Namora</p> <p>Povo realista, teimosia do sonho Agostinho da Silva</p> <p>Capacidade eminentemente compreensiva Jaime Cortesão</p> <p>Ostentação Jorge Dias</p>
<i>Relação com os outros</i>	<p>Sociável e palrador</p> <p>Simplicidade</p> <p>Bondade imensa (amorável, generoso, carinhoso)</p>	<p>O homem mais sociável deste mundo Aquilino Ribeiro</p> <p>Fraternidade da casa da malta Aquilino Ribeiro</p> <p>Fraternal e universal Agostinho da Silva</p> <p>Humano, sensível, amoroso e bondoso Jorge Dias</p> <p>Riqueza amorosa Jaime Cortesão</p> <p>Grandes amorosos F. Cunha Leão</p> <p>País de amadores Jorge Sena</p>
<i>Relação com o mundo</i>	<p>Desleixo, trapalhada nos negócios</p>	<p>Descuido, lassidão, filosofia de <i>lazzérone</i> Aquilino Ribeiro</p> <p>Atonia para o dever social Aquilino Ribeiro</p>

Síntese

Os Portugueses retratados em Gonçalo Mendes Ramires apresentam as seguintes características:

1. São fortemente paradoxais nas relações consigo e com o mundo – persistentes e de entusiasmos breves, generosidade e trapalhada nos negócios, imaginação e espírito prático, desconfiança de si e decidido herói... –, mas apresentam grande coerência na relação com os outros através da dimensão afectiva – *imensa bondade*.

2. Esta bondade (amorável) tem como anti-modelo o *dever e a lei*. A seriedade, austeridade, o cumprimento de deveres formais são subalternizados em detrimento da leviandade e de defeitos vários que não impedem o *rasgo carinhoso* sempre pronto.

3. Ainda que subtilmente expresso, poder-se-á concluir que, tal como em Agostinho da Silva, o modelo desta qualidade amorável seja a divindade – para quem Gonçalo talvez seja mesmo o *preferido* – e que o processo de identificação com o divino constitui uma forma humana de ser ainda não plenamente vigente – “Que esta não é propriamente doutrina da Igreja!... Mas anda nas almas, já anda nas almas.”.

Considerações

Em análise complementar ao *corpus* literário de autores do século XX, anteriormente analisado, estudaram-se aspectos referentes à identidade portuguesa em Agostinho da Silva e Eça de Queirós. Com esta segunda abordagem ao discurso erudito pretendeu-se explorar de forma mais alargada – passado-presente-futuro – a perspectiva diacrónica deste trabalho, procurando identificar elementos relativos à persistência da componente afectiva na representação social dos Portugueses.

Focalizadas de forma diferente, as características afectivas são apontadas pelos dois autores como traço e aspiração mais fundamente inscritas na identidade nacional – *imensa bondade* em Eça, *amor irrestrito* em Agostinho da Silva.

Apesar de uma orientação temporal distinta – Eça revitalizando a memória do vivido através da figura tutelar da antiquíssima família Ramires (portuguesa, embora anterior à própria nação), Agostinho da Silva insistindo no desabrochar pleno dos valores que estruturaram os primeiros séculos da nacionalidade e em interregno desde há 500 anos –, diversos aspectos aproximam entre si estes autores, aproximando-os igualmente das caracterizações paradigmáticas apresentadas no capítulo anterior.

TERCEIRA PARTE

ESTUDOS EMPÍRICOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA IDENTIDADE PORTUGUESA

Esta Parte complementa a anterior, na medida em que se prossegue com a apreciação dos mesmos assuntos, mas através do discurso popular.

O trabalho que lhe corresponde decorreu em torno dos principais objectivos deste estudo: inventariar as palavras usadas para descrever Portugal, os Portugueses e Ser Português (campo representacional); avaliar estes três objectos (atitude); identificar qual ou quais as palavras que organizam o campo representacional da identidade portuguesa, ou seja delimitar o núcleo central da representação do Português. Para além dos resultados referentes a estes objectivos, apresentam-se os que respeitam à confrontação do discurso popular com aspectos do discurso erudito, com vista à reavaliação final do núcleo central da representação da identidade portuguesa.

Capítulo 6

OS PORTUGUESES, PORTUGAL E SER PORTUGUÊS: RESULTADOS EMPÍRICOS DAS FASES EXPLORATÓRIAS

*Portugal para mim é mais que a minha Pátria.*⁹⁵

Como foi referido no Capítulo 3, a primeira abordagem empírica neste trabalho teve um carácter exploratório. A partir de resultados obtidos em dois estudos sociológicos de âmbito nacional (Vala, 1986, Figueiredo, 1988), constituiu-se uma grelha de caracterização dos Portugueses, composta por dez itens, que se submeteu à avaliação de cidadãos nacionais.

A recolha de opiniões efectuou-se através de questionário e decorreu em duas fases (Fase A e Fase B). Os objectivos visados são semelhantes nas duas fases: pretende-se identificar no perfil de caracterização dos Portugueses elementos constituintes do núcleo central da identidade portuguesa; avaliar aspectos do sentimento nacional pela ligação dos inquiridos a Portugal; e comparar elementos atribuídos à identidade portuguesa e à identidade pessoal. Na Fase B, a descrição dos Portugueses *versus* descrição do próprio foi apresentada de forma mais sistemática, e incluíram-se ainda algumas perguntas baseadas em duas afirmações provenientes do discurso erudito.

Em seguida passam a apresentar-se os principais resultados obtidos em cada uma dessas fases e algumas reflexões sobre os mesmos.

⁹⁵ Afirmação de estudante universitário inquirido na Fase A.

A. Primeira imagem dos Portugueses (Fase A)

Os resultados colhidos nesta primeira fase exploratória referem-se à avaliação de conteúdos verbais da representação do Português e à análise dos efeitos nessa representação de um conjunto de variáveis de caracterização pessoal, nomeadamente variáveis de natureza sociodemográfica (sexo, idade, escolaridade, actividade profissional, naturalidade) e variáveis auto-descritivas (valores instrumentais, valores finais e nível de intensidade da ligação a Portugal).

Descrição da amostra

Nesta fase, a amostra compreendeu 215 inquiridos. A distribuição dos sexos é equilibrada, com ligeira predominância de respondentes do sexo masculino; a média etária é de 32,6 anos, tendo um terço dos respondentes menos de 20 anos; a maioria dos respondentes é natural do Algarve (cerca de dois terços da amostra), provindo os restantes de outros distritos do país. Mais de metade dos respondentes tem como escolaridade a frequência do nível secundário e a maioria desenvolve actividades profissionais no sector terciário, seguida da categoria dos estudantes (Quadro 25).

Quadro 25: Distribuição da amostra pelas variáveis em presença (sexo, idade, escolaridade, actividade, naturalidade)

Sexo	N	%	Naturalidade	N	%
Masculino	113	53,1	Algarve	133	63,9
Feminino	100	46,9	Fora do Algarve	75	36,1
Total	213	100,0	Total	208	100,0
Não respostas	2	0,9	Não respostas	7	3,3

Idade	N	%	Escolaridade	N	%	Sector de Actividade	N	%
menos de 20 anos	72	33,6	Primária	34	16,2	Primário	6	2,9
de 20 a 24 anos	22	10,3	Preparatória	19	9,0	Secundário	10	4,8
de 25 a 39 anos	53	24,8	Secundária	112	53,3	Terciário	90	43,3
de 40 a 49 anos	28	13,1	Média	11	5,2	Estudante	75	36,1
de 50 a 64 anos	28	13,1	Superior	29	13,8	Doméstica	19	9,1
mais de 65 anos	11	5,1	Outra	5	2,4	Outro	7	3,4
Total	214	100,0	Total	210	100,0	Total	208	100,0
Não respostas	1	0,5	Não respostas	5	2,3	Não respostas	7	3,3

Existem algumas associações entre estas variáveis que convém levar em conta na leitura dos resultados. Tendencialmente, os inquiridos com idade superior a 65 anos são maioritariamente algarvios, enquanto o conjunto de inquiridos não algarvios se caracteriza por uma maioria de indivíduos de idades entre os 25 e os 40 anos ($\phi = 0,32$; $p \leq 0,001$). A variável escolaridade encontra-se também associada à naturalidade: o conjunto de inquiridos algarvios caracteriza-se por maior percentagem nos níveis de escolaridade básica (primária e preparatória) e menor percentagem nos níveis de escolaridade superior ($\phi = 0,21$; $p \leq 0,01$). Encontra-se ainda na amostra a associação esperada entre a idade e o nível de escolaridade ($r = -0,27$; $p \leq 0,001$).

Características dos Portugueses

Como atrás se referiu, a representação social dos Portugueses foi avaliada solicitando aos inquiridos que expressassem a sua opinião sobre dez itens de caracterização. O quadro seguinte apresenta, para cada um desses itens, a distribuição dos respondentes segundo os níveis de concordância utilizados (Quadro 26).

Numa leitura global, verifica-se que os respondentes privilegiaram o nível *Muito* em detrimento do *Nada*, o que sugere que, na sua maioria, os respondentes consideram que qualquer uma das afirmações tem pelo menos *Algo* a ver com as características dos Portugueses, apesar de ser nítido que consideram terem algumas destas afirmações significativamente mais a ver do que outras.

Os níveis de não-resposta variam de frase para frase, sendo mais elevados na primeira, na oitava e na sétima, frases em que o nível *Nada* é mais utilizado.

Quadro 26: Caracterização dos Portugueses: distribuição dos respondentes segundo os níveis de concordância

Os Portugueses...	Nível de concordância								Total	Não resposta
	Nada		Algo		Pouco		Muito			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	N (%)
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	28	13,8	48	23,6	75	36,9	52	25,6	203	13 (6,0%)
Dão importância à amizade.	16	7,5	53	25,0	50	23,6	93	43,9	212	4 (1,9%)
São corajosos.	15	7,1	54	25,7	57	27,1	84	40,0	210	6 (2,8%)
São criativos.	13	6,2	76	36,2	69	32,9	52	24,8	210	6 (2,8%)
Dão importância ao trabalho.	19	8,9	54	25,4	58	27,2	82	38,5	213	3 (1,4%)
São ternos.	9	4,4	74	35,9	50	24,3	73	35,4	206	10 (4,7%)
Revoltam-se com injustiças sociais.	18	8,8	43	21,0	64	31,2	80	39,0	205	11 (5,1%)
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	25	12,3	52	25,6	88	43,3	38	18,7	203	13 (6,0%)
São tolerantes.	20	9,5	76	36,2	59	28,1	55	26,2	210	6 (2,8%)
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	16	7,5	56	26,3	52	24,4	89	41,8	213	3 (1,4%)

Para facilitar a leitura deste quadro, e por se colocarem algumas dúvidas quanto à verdadeira ordenação pelos respondentes dos níveis de concordância *Algo* e *Pouco*, agrupou-se esta informação do modo como se apresenta no quadro a seguir (Quadro 27). Neste referem-se apenas valores percentuais de resposta, encontrando-se os níveis centrais da escala condensados numa categoria média⁹⁶.

⁹⁶ A recodificação transforma a escala de quatro níveis utilizada numa escala de três níveis de concordância: *Nulo*, *Médio* e *Elevado* (ver Capítulo 3).

Quadro 27: Caracterização dos Portugueses: distribuição percentual dos respondentes segundo os níveis de concordância

Os Portugueses...	Concordância (%)		
	Nula	Média	Elevada
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	13,8	60,5	25,6
Dão importância à amizade.	7,5	48,6	43,9
São corajosos.	7,1	52,8	40,0
São criativos.	6,2	69,1	24,8
Dão importância ao trabalho.	8,9	52,6	38,5
São ternos.	4,4	60,2	35,4
Revoltam-se com injustiças sociais.	8,8	52,2	39,0
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	12,3	68,9	18,7
São tolerantes.	9,5	64,3	26,2
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	7,5	50,7	41,8

Se fizermos uma análise global dos resultados, considerando o nível mais elevado de concordância, destaca-se a importância que os Portugueses dão à *Amizade* (44%). Além da valorização da *Amizade*, entende-se que os Portugueses são *Atenciosos e agradáveis nas relações sociais* e *Corajosos*, se *Revoltam com injustiças sociais* e *Dão importância ao trabalho*. As frases que consideram os Portugueses *Criativos*, *Tolerantes* ou *Com poucas capacidades tecnológicas e científicas* recebem preferencialmente níveis médios de concordância. Assinalam-se os níveis mais altos de discordância quando se considera que os Portugueses *Dão mais força à razão do que aos sentimentos* (14%).

Caracterização individual e heterogeneidade na representação dos Portugueses

Que transformações sofre a representação do Português se tivermos em conta a diversidade da amostra? Os resultados apresentados a seguir procuram responder a esta pergunta através de aspectos referentes ao perfil sociodemográfico dos respondentes, à preferência por alguns valores e à ligação pessoal a Portugal.

1. Perfil sociodemográfico

As variáveis estratificadoras da amostra influenciam em alguns casos o posicionamento dos inquiridos face às afirmações propostas para caracterização dos Portugueses (Quadro 28⁹⁷).

Em primeiro lugar, é de assinalar a ausência de efeito estatisticamente significativo das variáveis sexo e naturalidade na avaliação de todas as frases. Por outro lado, a concordância com as frases *Os Portugueses são ternos*, *Os Portugueses dão importância ao trabalho* e *Os Portugueses são atenciosos e agradáveis nas relações sociais* não sofre qualquer interferência das variáveis estratificadoras.

A avaliação das frases *Os Portugueses dão mais força à razão que aos sentimentos* e *Os Portugueses revoltam-se com injustiças sociais* recebe influência das variáveis Escolaridade e Actividade profissional. Os respondentes com escolaridade superior tendem a recusar mais estas frases que os respondentes com outros níveis de escolaridade. Os profissionais dos sectores primário, secundário e doméstico, por seu turno, revelam níveis de concordância mais elevados com estas frases que os outros grupos.

A idade e o sector de actividade têm efeito significativo no nível de concordância com a frase *Os Portugueses dão importância à amizade*: os mais velhos e os trabalhadores do sectores primário e secundário mostram maiores níveis de discordância que os restantes respondentes. São os adultos e os trabalhadores do sector terciário que mostram um grau de concordância mais acentuado. Os adolescentes e os estudantes posicionam-se preferencialmente num nível médio de concordância. O padrão de respostas é muito semelhante para as frases *Os Portugueses são criativos* e *Os Portugueses são tolerantes*.

⁹⁷ Neste quadro, e em todos os outros em que se estude a associação entre variáveis nominais, apresentam-se os coeficientes de contingência (ϕ) e o nível de significância estatística associado; sempre que esse nível de significância for superior a 0,10 indica-se a expressão n.s. (não significativo). Os valores de ϕ sublinhados (**negrito**) são estatisticamente significativos.

Quadro 28: Associação entre as variáveis estratificadoras da amostra e a caracterização do Portugueses

Os Portugueses...	Sexo	Idade ⁹⁸	Escola- ridade	Activi- dade	Natura- lidade
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	0,00 n.s.	0,08 n.s.	0,24 p ≤ 0,05	0,25 p ≤ 0,10	0,10 n.s.
Dão importância à amizade.	0,02 n.s.	0,23 p ≤ 0,05	0,16 n.s.	0,27 p ≤ 0,05	0,09 n.s.
São corajosos.	0,09 n.s.	0,34 p ≤ 0,001	0,17 n.s.	0,16 n.s.	0,04 n.s.
São criativos.	0,12 n.s.	0,21 p ≤ 0,05	0,12 n.s.	0,24 p ≤ 0,10	0,08 n.s.
Dão importância ao trabalho.	0,08 n.s.	0,13 n.s.	0,15 n.s.	0,21 n.s.	0,13 n.s.
São ternos.	0,04 n.s.	0,12 n.s.	0,16 n.s.	0,17 n.s.	0,01 n.s.
Revoltam-se com injustiças sociais.	0,04 n.s.	0,13 n.s.	0,21 p ≤ 0,10	0,24 p ≤ 0,10	0,07 n.s.
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	0,14 n.s.	0,20 p ≤ 0,10	0,14 n.s.	0,21 n.s.	0,09 n.s.
São tolerantes.	0,13 n.s.	0,30 p ≤ 0,001	0,13 n.s.	0,24 p ≤ 0,10	0,01 n.s.
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	0,05 n.s.	0,12 n.s.	0,17 n.s.	0,21 n.s.	0,08 n.s.

A idade introduz ainda heterogeneidade nos padrões de resposta às frases *Os Portugueses são corajosos* (os adolescentes situam-se preferencialmente num nível de concordância médio, enquanto que as repostas de desacordo dos mais velhos e de acordo dos adultos se destacam) e *Os Portugueses têm poucas capacidades científicas e tecnológicas* (os adolescentes, ao contrário dos adultos, tendem a apresentar mais respostas de desacordo).

Devido à natureza numérica da variável idade assim o permitir, e para revelar possíveis efeitos escondidos sob o seu agrupamento em níveis etários, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de correlação entre a referida variável e os níveis de avaliação para cada uma das afirmações propostas. Obtiveram-se oito coeficientes de correlação estatisticamente diferentes de

⁹⁸ A distribuição de idades aqui estudada consiste no agrupamento dos níveis etários presentes no Quadro 25 em Jovens (menos de 20 anos), Adultos (entre 20 e 64 anos) e Idosos (mais de 64 anos).

0, mas analisaremos apenas aqueles cuja magnitude foi superior a 0,20. Assim, parece existir uma associação linear positiva entre idade e a avaliação das frases *Os Portugueses são atenciosos e agradáveis nas relações sociais* ($r = 0,38$; $p \leq 0,001$), *Os Portugueses são tolerantes* e *Os Portugueses são corajosos* ($r = 0,28$; $p \leq 0,001$) e *Os portugueses são ternos* ($r = 0,27$; $p \leq 0,001$) e uma associação linear negativa com a frase *Os Portugueses dão mais força à razão que aos sentimentos* ($r = -0,22$; $p \leq 0,001$). Apesar de os valores obtidos serem reduzidos, parece evidenciar-se uma tendência geral para maior concordância com o conjunto das afirmações entre os indivíduos mais velhos, exceptuando a frase *Os Portugueses dão mais força à razão que aos sentimentos*, em que a relação se inverte.

2. Caracterização individual: valores mais escolhidos

Para caracterização individual apresentaram-se aos inquiridos valores finais e instrumentais da escala de Rokeach (1973), sendo-lhes pedido para seleccionarem três de cada uma das duas listas de valores.

Sobre o que “procura na vida” (valores finais), a maioria dos respondentes indica destacadamente *Amizade* (Quadro 29). Além de uma escolha maioritária, é ainda uma escolha independente das características pessoais do entrevistado: as cinco variáveis em presença, caracterizadoras da amostra, não afectam significativamente o padrão de resposta. Para além da *Amizade*, os valores mais escolhidos são *Harmonia interior* e *Liberdade*.

Quadro 29: Caracterização individual: escolha de alguns valores finais e instrumentais

Valores finais			Valores instrumentais		
Na sua vida procura...	N	%	Considera mais importante ser...	N	%
Amizade	160	74,8	Afectuoso	133	62,4
Amor	86	40,2	Ambicioso	76	35,7
Harmonia interior	116	54,2	Criativo	96	45,1
Liberdade	112	52,3	Intelectual	55	25,8
Salvação da alma	24	11,2	Lógico	88	41,3
Reconhecimento social	53	24,8	Prestável	107	50,2
Vida de bem-estar	92	43,0	Tolerante	84	39,4

Para aquilo que “considera mais importante ser” (valores instrumentais), *Afectuoso* e, em segundo lugar, *Prestável* foram os valores instrumentais mais assinalados (Quadro 29). O sexo influencia o primeiro (mais escolhido pelas mulheres: coeficiente de contingência $\phi = 0,20$; $p \leq 0,01$); a escolaridade ($\phi = 0,20$; $p \leq 0,001$) e a actividade profissional ($\phi = 0,21$; $p \leq 0,05$) influenciam o segundo (mais escolhido por indivíduos de escolaridade básica e menos pelos de grau superior e por estudantes). Em último lugar surge, igualmente destacado, ser *Intelectual*, apenas escolhido por 26% dos respondentes.

Evidencia-se, desde logo, um número reduzido de associações entre a avaliação das características do Português e a expressão individual dos valores, sobretudo relativamente aos valores instrumentais. As associações são pontuais e de pequena magnitude (Quadros 30 e 31).

Os valores finais *Reconhecimento Social* e *Vida de bem estar* não interferem com a avaliação das dez frases sobre os Portugueses. Os respondentes que dizem procurar o valor *Amizade* apresentam, relativamente a quem não escolhe esse valor, maiores níveis de concordância para a frase *Os Portugueses dão importância ao trabalho*, o que nos permitirá pensar que este tipo de respondentes se representa com algum distanciamento dos Portugueses, aos quais atribui maior interesse pelo trabalho, não acontecendo o mesmo com os inquiridos que o *Amor* em primeiro lugar. A procura de *Amor* interfere ainda na avaliação da frase *Os Portugueses são atenciosos e agradáveis nas relações sociais* (tendência para discordar), enquanto que a escolha do valor final *Liberdade* tem um efeito inverso (os respondentes tendem a evitar expressar desacordo com essa frase).

A procura de *Harmonia Interior* interfere na avaliação das frases *Os Portugueses são ternos* (tendência para se situarem num nível médio de concordância) e *Os Portugueses revoltam-se com injustiças sociais* (tendência para evitarem respostas discordantes).

Assinale-se a tendência dos respondentes que procuram *Salvação da Alma* concordarem com a frase *Os Portugueses são mais força à razão que aos sentimentos*, não concordarem com a frase *Os Portugueses são corajosos* e se situarem preferencialmente numa posição média face a *Os Portugueses dão importância à amizade*. A tendência evidenciada por este tipo de respondente é aquela que, em certa medida, se esperaria: maior

importância atribuída à existência individual, numa perspectiva de passagem terrena, em que a vontade (razão) surge como directriz principal com vista à obtenção de um bem futuro noutra plano da vida.

Quadro 30: Associação entre os valores finais e a caracterização dos Portugueses

Os Portugueses...	Amizade	Amor	Harmonia interior	Liberdade	Salvação da alma	Reconhecimento social	Vida de bem estar
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	0,11 n.s.	0,02 n.s.	0,07 n.s.	0,15 n.s.	0,18 p ≤ 0,05	0,07 n.s.	0,14 n.s.
Dão importância à amizade.	0,06 n.s.	0,13 n.s.	0,09 n.s.	0,14 n.s.	0,17 p ≤ 0,10	0,07 n.s.	0,05 n.s.
São corajosos.	0,10 n.s.	0,08 n.s.	0,06 n.s.	0,07 n.s.	0,17 p ≤ 0,10	0,07 n.s.	0,09 n.s.
São criativos.	0,05 n.s.	0,08 n.s.	0,12 n.s.	0,10 n.s.	0,10 n.s.	0,04 n.s.	0,07 n.s.
Dão importância ao trabalho.	0,18 p ≤ 0,05	0,19 p ≤ 0,05	0,12 n.s.	0,06 n.s.	0,07 n.s.	0,14 n.s.	0,10 n.s.
São ternos.	0,07 n.s.	0,09 n.s.	0,16 p ≤ 0,10	0,08 n.s.	0,04 n.s.	0,01 n.s.	0,08 n.s.
Revoltam-se com injustiças sociais.	0,10 n.s.	0,08 n.s.	0,17 p ≤ 0,05	0,06 n.s.	0,10 n.s.	0,07 n.s.	0,06 n.s.
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	0,05 n.s.	0,13 n.s.	0,12 n.s.	0,08 n.s.	0,11 n.s.	0,12 n.s.	0,08 n.s.
São tolerantes.	0,08 n.s.	0,14 n.s.	0,10 n.s.	0,19 p ≤ 0,05	0,14 n.s.	0,11 n.s.	0,06 n.s.
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	0,13 n.s.	0,17 p ≤ 0,05	0,09 n.s.	0,17 p ≤ 0,05	0,14 n.s.	0,11 n.s.	0,08 n.s.

No que respeita aos valores instrumentais (Quadro 31), a sua escolha interfere sobretudo na avaliação dos Portugueses como *dando importância à amizade*: os respondentes que consideram importante ser *Afectuoso* tendem a evitar o nível de discordância e os que consideram importante ser *Lógico*, tendem a evitar o nível de concordância, no que se poderá pensar que estão a evidenciar a dicotomia racional-afectivo.

A escolha do valor instrumental *Ambicioso* surge associada a um nível de concordância intermédio com a frase *Os Portugueses são atenciosos e agradáveis nas relações sociais*, o que nos revelará que estes inquiridos se representam próximos da imagem do Português e que, por isso mesmo, são coagidos a assinalar que ambicioso se opõe a uma postura atenciosa para com os outros, a qual pode implicar a cedência ou não satisfação imediata de interesses pessoais.

Quadro 31: Associação entre os valores instrumentais e a caracterização dos Portugueses

Os Portugueses...	Afectuoso	Ambicioso	Criativo	Intelec- tual	Lógico	Prestá- vel	Toleran- te
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	0,08 n.s.	0,12 n.s.	0,05 n.s.	0,07 n.s.	0,14 n.s.	0,14 n.s.	0,11 n.s.
Dão importância à amizade.	0,15 p ≤ 0,10	0,06 n.s.	0,11 n.s.	0,04 n.s.	0,15 p ≤ 0,10	0,09 n.s.	0,07 n.s.
São corajosos.	0,05 n.s.	0,13 n.s.	0,09 n.s.	0,07 n.s.	0,05 n.s.	0,12 n.s.	0,11 n.s.
São criativos.	0,05 n.s.	0,03 n.s.	0,12 n.s.	0,08 n.s.	0,10 n.s.	0,10 n.s.	0,08 n.s.
Dão importância ao trabalho.	0,06 n.s.	0,04 n.s.	0,09 n.s.	0,07 n.s.	0,04 n.s.	0,12 n.s.	0,10 n.s.
São ternos.	0,11 n.s.	0,05 n.s.	0,00 n.s.	0,04 n.s.	0,07 n.s.	0,07 n.s.	0,07 n.s.
Revoltam-se com injustiças sociais.	0,08 n.s.	0,04 n.s.	0,09 n.s.	0,03 n.s.	0,08 n.s.	0,09 n.s.	0,08 n.s.
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	0,05 n.s.	0,09 n.s.	0,12 n.s.	0,09 n.s.	0,11 n.s.	0,15 n.s.	0,14 n.s.
São tolerantes.	0,14 n.s.	0,07 n.s.	0,00 n.s.	0,12 n.s.	0,06 n.s.	0,07 n.s.	0,03 n.s.
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	0,02 n.s.	0,18 p ≤ 0,05	0,11 n.s.	0,07 n.s.	0,02 n.s.	0,05 n.s.	0,06 n.s.

3. Sentimento nacional

A primeira abordagem que fizemos ao sentimento nacional dos Portugueses foi através da ligação a Portugal como espaço residencial. Nas respostas obtidas, Portugal surge como lugar para *permanecer*, tal como fora observado pelo inquérito IED, seja por uma relação de pertença (*porque é o nosso*), seja por laços afectivos (*em que dá gosto viver*). A preferência pela saída do país manifesta-se apenas em 12% dos casos (Quadro 32). Comparativamente, esta amostra apresenta maior ligação a Portugal que a população inquirida pelo estudo IED; convirá, no entanto, recordar que a nossa amostra inclui inquiridos de diferentes idades, enquanto que o referido estudo compreende apenas jovens. Este padrão geral de resposta não é afectado por nenhuma das variáveis estratificadoras da amostra.

Quadro 32: Ligação a Portugal: distribuição dos respondentes

Em seu entender, Portugal é um país...	N	%	% (IED ⁹⁹)
em que se vive porque é o nosso.	95	44,6	51
em que dá gosto viver.	92	43,2	30
do qual sairia na primeira oportunidade.	26	12,2	17
Total	213	100,0	98
Não respostas	2	0,9	2

A resposta à pergunta sobre a permanência/saída de Portugal interfere na avaliação das características dos Portugueses: quem afirma ter *gosto em viver em Portugal* concorda com as frases *Os Portugueses dão importância à amizade* e *Os Portugueses são corajosos* (para ambos itens, $\phi = 0,20$; $p \leq 0,10$) e mostra menos tendência para discordar com a frase *Os Portugueses revoltam-se com injustiças sociais* ($\phi = 0,21$; $p \leq 0,10$).

Análise da estrutura da representação

Para estudar a conexividade dos diferentes itens apresentados para caracterização dos Portugueses, utilizou-se a técnica de análise da similitude. A Figura 1 apresenta a “árvore máxima” associada à matriz de similitude entre as avaliações para as dez frases¹⁰⁰.

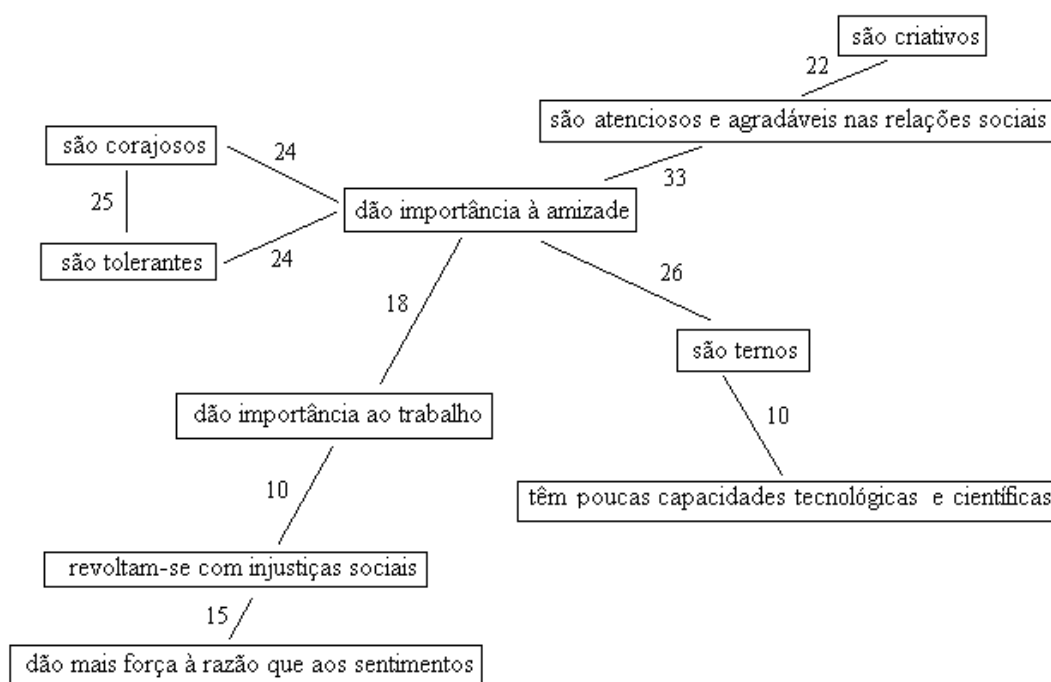
Pela análise da Figura 1 evidencia-se desde logo o carácter organizador do item *Os Portugueses dão importância à amizade*. Na verdade, é através deste item que os restantes elementos se relacionam, dele irradiando quatro grupos, numa configuração próxima da que Vergès denominou por *estrela* (Vergès, 1994). Os quatro grupos de itens tem graus diversos de conexividade. A associação mais forte é representada pela aresta que une o item *Os Portugueses dão importância à amizade* ao item *Os Portugueses*

⁹⁹ Valores percentuais referentes a esta mesma pergunta, obtidos pelo “inquérito do IED”, realizado com jovens a nível nacional (Vala, 1986, p.132).

¹⁰⁰ A similitude entre duas frases foi avaliada através do coeficiente de associação denominado “Tau-b de Kendall”, calculado a partir das respostas dos sujeitos a esse par de itens; cada uma das arestas do grafo apresenta o valor desse coeficiente ($\times 100$) para o par de itens unido por essa aresta.

são atenciosos e agradáveis nas relações sociais. Se se suprimirem as arestas de valor mínimo da árvore (valor 10), ficam dois grupos isolados: aquele que é formado pelos itens *Os Portugueses revoltam-se com injustiças sociais* e *Os Portugueses dão mais força à razão que aos sentimentos* e o constituído pelo item *Os Portugueses têm poucas capacidades técnicas e científicas*.

Figura 1: Conexividade dos itens caracterizadores do Português: árvore máxima



Como tem sido admitido, a grande quantidade de laços que um dado item mantém com os outros elementos caracterizadores do objecto potencializa-o como elemento central da representação desse objecto (Sá, 1996, p. 123). No caso da presente amostra, o item *Dão importância à amizade* poderá assim ser tomado como um dos elementos do núcleo central da imagem dos Portugueses.

Estudantes versus outros respondentes: contraste na representação dos Portugueses?

Como se acaba de referir, a idade e a actividade profissional foram as variáveis que introduziram maior variabilidade na descrição dos Portugueses. Assim, dado que mais de um terço da amostra total corresponde a estudantes (77% do ensino superior e os restantes do ensino secundário), contrastámos a população estudantil com o resto dos inquiridos com vista a aprofundar eventuais divergências na escolha das dez afirmações propostas para caracterizar os Portugueses.

Os resultados obtidos nestas duas subamostras não revelam diferenças marcadas, excepto para *Os Portugueses são criativos* e *Os Portugueses são tolerantes* ($\phi = 0,16$; $p \leq 0,10$ e $\phi = 0,22$; $p \leq 0,01$, respectivamente); relativamente a estes itens, os estudantes evidenciaram um nível de concordância médio, enquanto que os restantes respondentes optaram por níveis de concordância mais extremados. Para nenhuma das outras afirmações se evidenciaram diferenças entre estas duas subamostras.

A confrontação a que se precedeu teve duas consequências importantes. Por um lado, poder-se-á concluir que o conjunto dos inquiridos apresenta escolhas consensuais, nomeadamente para os eventuais descritores do núcleo central da representação dos Portugueses. Por outro lado, verificada a relativa conformidade da subamostra estudantes com a totalidade da amostra, considerou-se que os estudantes poderiam constituir a população de base para o prosseguimento da investigação. Além de não apresentarem um estereótipo diferente, o inquérito aos estudantes teria assim a vantagem de permitir observar em que medida os conteúdos da representação antiga continuam a ser veiculados.

Síntese

Em resumo dos resultados até agora apresentados haverá que assinalar a preferência destacada dos respondentes por valores afectivos, de índole relacional, e por valores mais íntimos (“valores instrumentais de relação consigo próprio”, Figueiredo, 1988), uma vez que a escolha recaiu maioritariamente sobre o valor final *Amizade* e sobre os valores instrumentais *Afectuoso* e *Prestável*.

Na descrição das características dos Portugueses, das afirmações propostas as que receberam níveis mais elevados de concordância foram aquelas que consideram que estes *Dão importância à amizade, São atenciosos e agradáveis nas relações sociais e corajosos*. A afirmação com que os respondentes mais discordaram descreve os Portugueses como dando *mais força à razão que aos sentimentos*. A frase *Os Portugueses dão importância à amizade* revela elevada conexividade com as restantes, posicionando assim a valorização da amizade como traço constituinte do núcleo central da representação social dos Portugueses.

Em termos globais, a auto-descrição dos respondentes e a caracterização do Português privilegiam a área afectiva. Todavia, não se encontram associações fortes entre as duas descrições, o que sugere independência da caracterização dos Portugueses face à caracterização pessoal.

Perante o quadro que se acaba de descrever, parece adequado concluir-se:

1. Pela preferência, na descrição dos Portugueses, de itens afectivo-relacionais, constituindo tal preferência um primeiro indício empírico da Afectividade como um dos elementos constituintes do núcleo central da representação social da Identidade Portuguesa, hipótese de que se partiu.

2. Pelo pouco peso das pertenças regionais, dado que a comparação entre escolhas de algarvios e não algarvios não se mostra discordante, remetendo para uma partilha consensual de âmbito nacional no que respeita a alguns conteúdos de representação da identidade portuguesa e da identidade pessoal. Das restantes variáveis estratificadoras da amostra, apenas a Idade e a Actividade Profissional parecem interferir nalguns aspectos da descrição dos Portugueses.

3. Pela não existência de associação significativa entre a descrição do próprio e a descrição do Português. Esta ocorrência pode resultar de uma dificuldade metodológica devida à utilização de grelhas descritivas diferentes. Em conformidade, nas fases seguintes de inquirição passou a usar-se uma grelha comum.

4. Pela existência de elevado sentimento nacional, que irá ser estudado de forma mais aprofundada na fase seguinte.

B. Confrontações: Português *versus* Eu, discurso erudito *versus* discurso popular (Fase B)

Os resultados obtidos na fase anterior e a aparente capacidade discriminativa dos itens seleccionados orientaram as actividades desta segunda fase, nomeadamente na construção do segundo questionário e na definição do plano de amostragem. Procurou-se, assim, homogeneizar a população-alvo, reduzindo o número de variáveis estratificadoras, de cinco para duas – sexo e naturalidade –, e escolheu-se uma amostra composta apenas por Portugueses jovens e estudantes do ensino universitário.

Esta fase de inquirição, que prolonga e desenvolve o estudo precedente, caracteriza-se por procurar re-avaliar, junto de uma população menos heterogénea, os resultados encontrados anteriormente. Os seus objectivos, bastante próximos dos anteriormente definidos, mas que incluem como novo objectivo a confrontação dos inquiridos com aspectos do discurso erudito sobre os Portugueses, são os seguintes:

1. Identificar conteúdos verbais da representação social do Português, procurando confirmar resultados anteriores;
2. Avaliar a proximidade entre a descrição do Português e a auto-descrição de cidadãos portugueses, utilizando uma mesma grelha de características;
3. Avaliar o sentimento nacional de forma directa;
4. Avaliar a proximidade entre discurso erudito e discurso popular através da apreciação de duas afirmações de autores contemporâneos.

Descrição da amostra

A amostra inquirida compreendeu 131 estudantes universitários frequentando o primeiro ano de diferentes licenciaturas na Universidade do Algarve¹⁰¹.

¹⁰¹ Por se inquirirem apenas estudantes, obteve-se uma amostra homogénea quanto à idade (entre os 18 e os 24 anos) e nível de escolaridade (frequência universitária), razão que nos levou a não considerar estas variáveis na análise.

Consideraram-se variáveis caracterizadoras da amostra o sexo e a naturalidade (Quadro 33).

Quadro 33: Distribuição da amostra pelas variáveis em presença (sexo e naturalidade)

Sexo	N	%
Masculino	49	37,4
Feminino	82	62,6
Total	131	100,0

Naturalidade	N	%
Algarve	35	26,7
Fora do Algarve	79	60,3
Países africanos de expressão portuguesa	10	7,6
Estrangeiro	7	5,3
Total	131	100,0

A assimetria da amostra total relativamente ao sexo acentua-se na subamostra algarvia (23% para 77%, coeficiente de contingência $\phi = 0,20$; $p \leq 0,05$). Na subamostra de não algarvios, a proporção entre os sexos é mais equilibrada que na amostra total.

Apesar de inquirida no Algarve, só pouco mais de um quarto da amostra é natural do distrito de Faro¹⁰², o que se explica pela natureza da população inquirida (estudantes universitários provenientes de todo o país).

Ser e gostar de ser Português: avaliação do sentimento nacional

A avaliação do sentimento nacional foi estudada através de três perguntas: *Considera-se Português?*, *Gosta de ser Português?* e *Gostaria de ter nascido noutro país?*. O Quadro 34 apresenta a distribuição dos respondentes pelas modalidades de resposta a cada uma dessas perguntas.

¹⁰² A maioria dos inquiridos não algarvios provém do distrito de Lisboa (21,4%), embora haja respondentes naturais de todos os distritos de Portugal (excepto Guarda), incluindo os arquipélagos da Madeira e dos Açores (2,3%). Cinco respondentes nasceram na Europa (França e Alemanha) e um nos Estados Unidos da América.

Evidencia-se em primeiro lugar forte adesão: apenas um respondente afirma não saber se se considera português¹⁰³; os restantes respondem afirmativamente. A mesma tendência se mantém na pergunta *Gosta de ser Português?*, embora sejam bem mais frequentes as respostas *Não sei* e um respondente afirma não gostar de ser português¹⁰⁴. As respostas à terceira pergunta são mais heterogéneas, embora mais de metade dos respondentes assuma gostar de ter nascido em Portugal.

Quadro 34: Avaliação do sentimento nacional - distribuição dos respondentes.

	Considera-se português?		Gosta de ser português?		Gostaria de ter nascido noutro país?	
	N	%	N	%	N	%
Sim	120	99,2	88	76,5	16	15,1
Não	0	0,0	1	0,9	57	53,8
Não sei	1	0,8	26	22,6	33	31,1
Total	121	100,0	115	100,0	106	100,0
Não respostas	10	7,6	16	12,2	25	19,1

Os níveis de não resposta são elevados, sobretudo se os compararmos aos obtidos em outras perguntas do questionário. A existência de cerca de um quinto de não respostas à pergunta *Gostaria de ter nascido noutro país?* deve-se sobretudo ao facto de se terem excluído alguns dos respondentes não nascidos em Portugal, uma vez que se concluiu que para estes respondentes responder à pergunta envolvia ambiguidade¹⁰⁵.

As variáveis estratificadoras da amostra (sexo e naturalidade) não interferem na avaliação do sentimento nacional (Quadro 35). Poder-se-á pensar que o facto de os respondentes nascidos fora de Portugal não terem

¹⁰³ Trata-se de um respondente do sexo feminino, de 18 anos, nascido em Alto Maé, Moçambique; também respondeu *Não sei* à pergunta *Gosta de ser português?* e afirma que gostava de ter nascido em outro país (Espanha).

¹⁰⁴ Este respondente (do sexo masculino, 19 anos, nascido em Lisboa e residindo em Linda-a-Velha) afirma que “embora tenha nascido em Portugal, não gosta do povo latino nem da civilização portuguesa”, pelo que gostaria de ter nascido na antiga República Federal Alemã.

¹⁰⁵ Treze das vinte e cinco não respostas são devidas à exclusão de inquiridos nascidos fora de Portugal. Na verdade, muitas vezes não era claro se esses inquiridos estavam a dar uma resposta literal (respondendo relativamente ao país da sua naturalidade) ou se estavam a responder relativamente ao país de que tratava o questionário, Portugal. Entre os respondentes não nascidos em Portugal, consideraram-se válidas as respostas em que não se verificava ambiguidade.

sido considerados nesta análise ¹⁰⁶ explique a homogeneidade dos resultados encontrados. Todavia, numa análise estatística menos rigorosa, observa-se que a presença destes respondentes não introduz um padrão claro de influência nas respostas, embora haja uma tendência para os naturais dos países africanos de expressão portuguesa responderem *Não sei* à pergunta *Gosta de ser Português?* e serem mais propensos que os restantes a não responderem às três perguntas em análise.

Quadro 35: Associação entre a avaliação do sentimento nacional e as variáveis estratificadoras da amostra.

Avaliação do sentimento nacional	Sexo	Naturalidade
Gosta de ser português?	0,03 n.s.	0,06 n.s.
Gostaria de ter nascido noutra país?	0,10 n.s.	0,08 n.s.

Representação do Português e do próprio

Apresenta-se em primeiro lugar a auto-descrição dos inquiridos e o efeito que sobre ela exercem as variáveis estratificadoras da amostra. Em seguida apresenta-se a descrição dos Portugueses, comparando-se então as duas descrições.

1. Caracterização individual: auto-descrição

Foi pedido aos respondentes um auto-posicionamento face ao conjunto das dez afirmações utilizadas na Fase A para caracterização dos Portugueses, agora adaptadas à descrição de si. Os resultados apresentam-se no Quadro 36.

¹⁰⁶ A pergunta *Considera-se português?* foi excluída desta análise por mais de 99% dos respondentes se concentrarem no *Sim* como modalidade de resposta. Também a modalidade de resposta *Não* foi excluída quando se analisaram as respostas à pergunta *Gosta de ser Português?* (houve apenas um respondente). Foram ainda excluídos da análise os respondentes não nascidos em Portugal devido ao volume reduzido desta categoria (N = 17). Estas exclusões devem-se ao número mínimo de efectivos exigido pelo teste estatístico do Qui-Quadrado.

Quadro 36: Caracterização do Eu: distribuição dos respondentes segundo os níveis de concordância

Eu...	Nível de concordância								Total N	Não resposta N (%)
	Nada		Algo		Pouco		Muito			
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Dou mais força à razão que aos sentimentos.	12	9,6	43	34,4	52	41,6	18	14,4	125	6 (4,5%)
Dou importância à amizade.	1	0,8	3	2,3	4	3,1	123	93,9	131	0 (0,0%)
Sou corajoso.	3	2,3	55	42,6	49	38,0	22	17,1	129	2 (1,5%)
Sou criativo.	8	6,2	55	42,6	42	32,6	24	18,6	129	2 (1,5%)
Dou importância ao trabalho.	0	0,0	38	29,5	8	6,2	83	64,3	129	2 (1,5%)
Sou terno.	2	1,5	37	28,5	14	10,8	77	58,3	130	1 (0,8%)
Revolto-me com injustiças sociais.	0	0,0	27	21,1	13	10,2	88	68,8	128	3 (2,3%)
Tenho poucas capacidades tecnológicas e científicas.	15	12,0	47	37,6	40	32,0	23	18,4	125	6 (4,5%)
Sou tolerante.	5	4,0	47	37,6	22	17,6	51	40,8	125	6 (4,5%)
Sou atencioso e agradável nas relações sociais.	1	0,8	42	32,8	12	9,4	73	57,0	128	3 (2,3%)

O Quadro 37 apresenta os níveis de concordância reagrupados em três categorias, resultantes da fusão dos dois níveis centrais numa categoria média¹⁰⁷.

Os respondentes mostram uma clara adesão aos itens *Dou importância à amizade*, *Revolto-me com injustiças sociais* e *Dou importância ao trabalho*. A primeira dessas frases destaca-se por receber da quase totalidade da amostra o nível mais elevado de concordância. Um posicionamento mais ambíguo se verifica face às frases *Sou corajoso*, *Tenho poucas capacidades tecnológicas e científicas* e *Sou criativo*, em que os respondentes exibem níveis médios de concordância. O grau inferior da escala é o menos utilizado, ocorrendo mais frequentemente na

¹⁰⁷ Relativamente ao reagrupamento dos níveis de concordância, seguiu-se o procedimento adoptado na fase A.

avaliação dos itens *Tenho poucas capacidades tecnológicas e científicas*, *Dou mais força à razão que aos sentimentos* e *Sou criativo*.

Quadro 37: Caracterização do Eu: distribuição percentual dos respondentes segundo os níveis

Eu...	Concordância (%)		
	Nula	Média	Elevada
Dou mais força à razão que aos sentimentos.	9,6	76,0	14,4
Dou importância à amizade.	0,8	5,3	93,9
Sou corajoso.	2,3	80,6	17,1
Sou criativo.	6,2	75,2	18,6
Dou importância ao trabalho.	0,0	35,7	64,3
Sou terno.	1,5	39,2	59,2
Revolto-me com injustiças sociais.	0,0	31,3	68,8
Tenho poucas capacidades tecnológicas e científicas.	12,0	69,6	18,4
Sou tolerante.	4,0	55,2	40,8
Sou atencioso e agradável nas relações sociais.	0,8	42,2	57,0

O Quadro 38 apresenta os graus de associação entre as respostas às dez frases em análise e as variáveis estratificadoras da amostra. A variável sexo é a única que introduz variabilidade significativa nos padrões de auto-descrição dos respondentes: as mulheres concordam mais com a característica *Revolto-me com injustiças sociais*, enquanto os homens mostram níveis de concordância inferiores; os homens apresentam níveis de concordância mais elevados que as mulheres face aos traços *Criativo* e com *Ter poucas capacidades tecnológicas e científicas*; o mesmo sucede para *Corajoso*, em que as mulheres se posicionam no nível médio e os homens num nível elevado de concordância.

Assinale-se que a variável naturalidade tem efeito apenas no item *Dou mais força à razão que aos sentimentos* (onde os não algarvios exibem um nível de concordância elevada, enquanto os algarvios se posicionam preferencialmente no nível médio)¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Uma análise estatisticamente menos rigorosa, por incluir um terceiro grupo de naturalidade de dimensão reduzida (nascidos em países africanos de expressão portuguesa), revela efeito significativo da naturalidade apenas relativamente à avaliação da frase *Dou*

Quadro 38: Associação entre as variáveis estratificadoras da amostra e a caracterização do Eu

Eu...	Sexo	Naturalidade
Dou mais força à razão que aos sentimentos.	0,15 n.s.	0,21 p ≤ 0,10
Dou importância à amizade.	0,18 n.s.	0,18 n.s.
Sou corajoso.	0,26 p ≤ 0,01	0,10 n.s.
Sou criativo.	0,23 p ≤ 0,05	0,09 n.s.
Dou importância ao trabalho.	0,05 n.s.	0,03 n.s.
Sou terno.	0,04 n.s.	0,12 n.s.
Revolto-me com injustiças sociais.	0,17 p ≤ 0,05	0,11 n.s.
Tenho poucas capacidades tecnológicas e científicas.	0,20 p ≤ 0,10	0,02 n.s.
Sou tolerantes.	0,18 n.s.	0,09 n.s.
Sou atencioso e agradável nas relações sociais.	0,09 n.s.	0,07 n.s.

2. Caracterização dos Portugueses

O Quadro 39 apresenta as frequências e percentagens de resposta às dez frases expressando eventuais características dos Portugueses. Nele se destacam os valores percentuais mais elevados, ambos no nível *Muito*, para *Dar importância à amizade* e *Ser atencioso e agradável nas relações sociais*.

importância ao trabalho ($\phi = 0,22$; $p \leq 0,05$): os respondentes deste grupo tendem a apresentar uma concordância menor que os nascidos em Portugal.

Quadro 39: Caracterização dos Portugueses: distribuição dos respondentes segundo os níveis de concordância

Os Portugueses...	Nível de concordância								Total N	Não resposta N (%)
	Nada		Algo		Pouco		Muito			
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	15	11,9	42	33,3	53	42,1	16	12,7	126	5 (3,8%)
Dão importância à amizade.	0	0,0	21	16,3	15	11,6	93	72,1	129	2 (1,5%)
São corajosos.	5	3,8	42	32,3	26	20,0	57	43,8	130	1 (0,8%)
São criativos.	7	5,4	40	30,8	30	23,1	53	40,8	130	1 (0,8%)
Dão importância ao trabalho.	1	0,8	42	32,6	30	23,3	56	43,4	129	2 (1,5%)
São ternos.	0	0,0	43	33,9	22	17,3	62	48,8	127	4 (3,1%)
Revoltam-se com injustiças sociais.	7	5,3	36	27,5	42	32,1	46	35,1	131	0 (0,0%)
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	12	9,2	45	34,4	42	32,1	32	24,4	131	0 (0,0%)
São tolerantes.	4	3,1	49	37,4	36	27,5	42	31,8	131	0 (0,0%)
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	3	2,3	33	25,6	20	15,5	73	56,6	129	2 (1,5%)

O Quadro 40 apresenta o reagrupamento dos níveis de concordância e, numa primeira leitura, será de assinalar a tendência para expressar raramente discordância com as frases apresentadas. Saliente-se a exceção significativa à frase *Os Portugueses dão mais força à razão que aos sentimentos*, e ainda a *Os Portugueses têm poucas capacidades tecnológicas e científicas*, em que os níveis de recusa são elevados, face à tendência geral (tal como se observara nos resultados da fase anterior).

Quadro 40: Caracterização dos Portugueses: distribuição percentual dos respondentes segundo os níveis de concordância

Os Portugueses...	Concordância (%)		
	Nula	Média	Elevada
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	11,5	75,4	12,7
Dão importância à amizade.	0,0	27,9	72,1
São corajosos.	3,8	52,3	43,8
São criativos.	5,4	53,8	40,8
Dão importância ao trabalho.	0,8	55,8	43,4
São ternos.	0,0	51,2	48,8
Revoltam-se com injustiças sociais.	5,3	59,5	35,1
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	9,2	66,4	24,4
São tolerantes.	3,1	64,9	32,1
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	2,3	41,1	56,6

Relativamente às afirmações *Os Portugueses dão importância à amizade* e *Os Portugueses são atenciosos e agradáveis nas relações sociais*, observa-se que mais de metade da amostra concorda que essas são duas características do povo português. No que respeita a *Os Portugueses são corajosos*, *Os Portugueses dão importância ao trabalho* e *Os Portugueses são ternos*, esboça-se uma clivagem da amostra em dois grupos de dimensão aproximada: o grupo que concorda fortemente que essas são características do Português e o grupo que opta pelo nível de concordância médio. Maior ambiguidade ainda se verifica na avaliação das frases *Os Portugueses revoltam-se com injustiças sociais*, *Os Portugueses são tolerantes* e *Os Portugueses têm poucas capacidades tecnológicas e científicas*, em que predomina um nível intermédio de concordância.

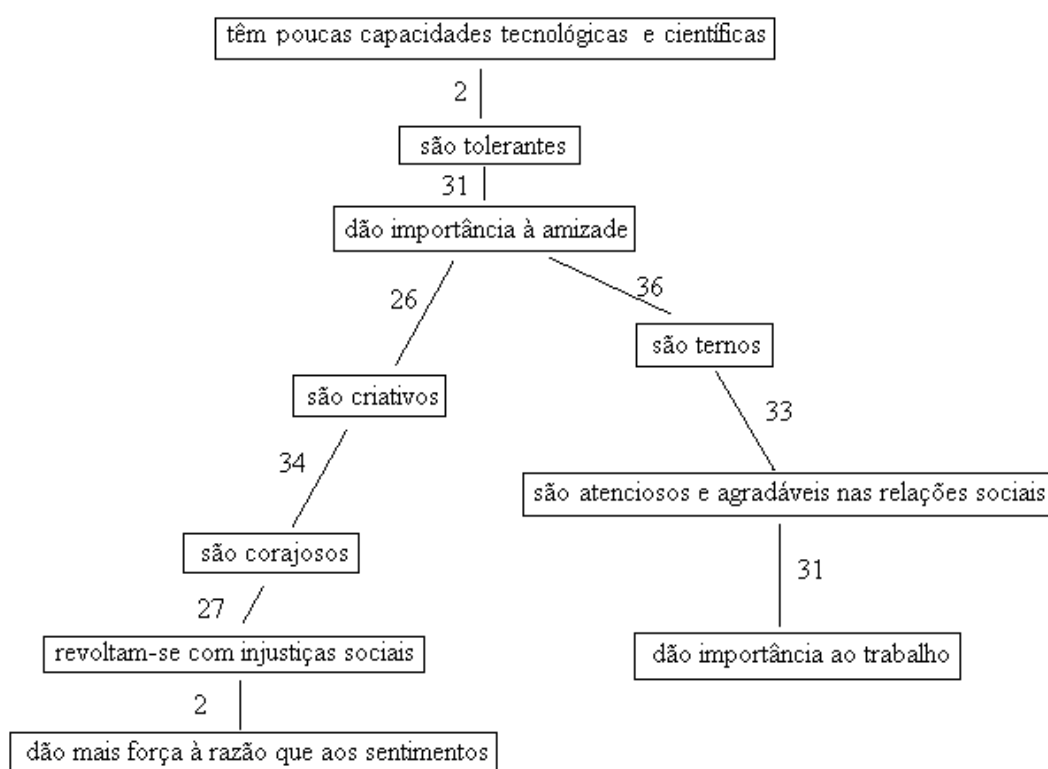
3. Análise da estrutura da representação

A Figura 2 apresenta a “árvore máxima” associada à matriz de similitude entre a avaliação das dez afirmações caracterizadoras dos portugueses ¹⁰⁹. Tal como na fase anterior de inquirição, evidencia-se

¹⁰⁹ A similitude entre duas frases foi, tal como anteriormente, avaliada através do coeficiente de associação “Tau-b de Kendall”; cada uma das arestas do grafo apresenta o valor do coeficiente (×100) para a associação do par de itens unido por essa aresta.

desde logo o carácter organizador do item *Os Portugueses dão importância à amizade*. As associações mais fortes são representadas pela aresta que une esse item a *Os Portugueses são ternos*¹¹⁰ e pela que une o par *São criativos* e *São corajosos*. Se se suprimirem as arestas de menor valor da árvore (valor 2), ficam isolados dos restantes os itens *Os Portugueses dão mais força à razão que aos sentimentos* e *Os Portugueses têm poucas capacidades tecnológicas e científicas*, igualmente isolados na análise realizada na Fase A.

Figura 2: Conexividade dos itens caracterizadores do Português: árvore máxima

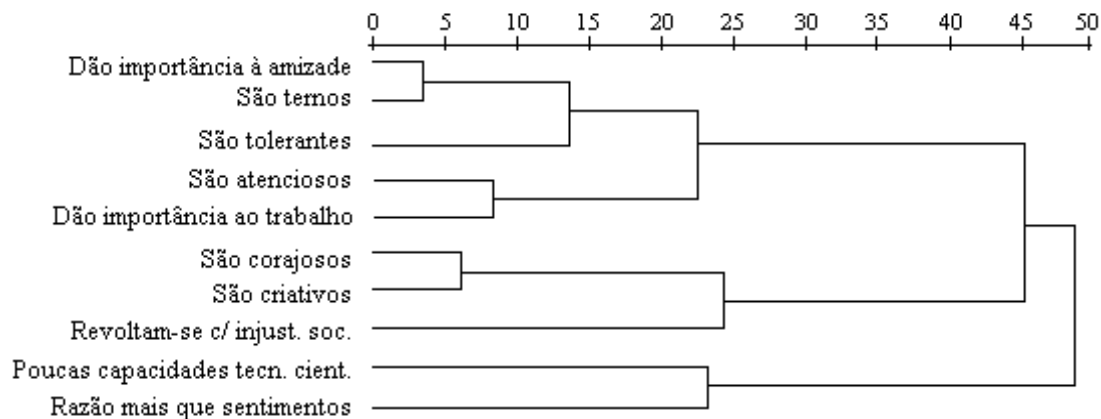


Para melhor visualizar a organização global destes descritores da imagem do Português, realizou-se uma classificação hierárquica (análise de *clusters*) sobre a matriz da similitude entre descritores. Para essa análise

¹¹⁰ O trio de itens *Dar importância à amizade*, *Ser atencioso e agradável nas relações sociais* e *Ser terno*, que revelam nesta análise forte ligação entre si (a aresta que une os dois primeiros não está representada no gráfico mas tem valor 26) foi também o que apresentou ligações mais fortes na análise efectuada com os dados colhidos na Fase A.

utilizou-se como medida de proximidade o coeficiente “Tau-b de Kendall”, já utilizado na análise de similitude, e como algoritmo de aglomeração, o método de “average linkage (between group)”. O dendrograma obtido apresenta-se na Figura 3.

Figura 3: Dendrograma obtido por classificação hierárquica das distâncias entre as respostas aos dez descritores do Português¹¹¹



Esta análise, completando a anterior, permite definir três grupos de características dos *Portugueses*:

- um grupo que engloba, por um lado, as características *Dão importância à amizade*, *São ternos* e *São tolerantes* e, por outro, *São atenciosos* e *agradáveis nas relações sociais*, *Dão importância ao trabalho*; este grupo, em que predominam descritores de natureza afectiva, parece organizado em torno do item considerado central na análise de similitude;
- um segundo grupo, que engloba as características *São corajosos* e *São criativos*, às quais se reúne ainda a característica *Revoltam-se com injustiças sociais*;

¹¹¹ A escala apresentada na Figura 3 refere-se a uma transformação dos valores originais do coeficiente “Tau-b”, utilizados para realizar o agrupamento, e consiste em subtrair a 0,40 o valor desse coeficiente de proximidade/similitude e multiplicar essa diferença por 100. É duplo o interesse desta transformação: possibilita olhar para os *clusters* de uma perspectiva mais tradicional (em termos de distância e não de proximidade) e evita o aparecimento paradoxal de distâncias negativas.

- um último grupo, o menos coeso, que reúne as características *Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas e Dão mais força à razão que aos sentimentos*, que surge como inconclusivo; poderá considerar-se como o grupo das características mais rejeitadas.

No sentido de analisar as diferenças individuais e assim aprofundar o processo de ancoragem, proposta teórica e metodológica devida a Doise no estudo de representações sociais (Doise *et al.*, 1992), procedemos a uma análise factorial da matriz das correlações entre os dez descritores utilizados. Extraíram-se três factores que explicam cerca de 50% da variação total dos dados (Quadro 41). Após rotação *varimax*, verifica-se que os factores encontrados agrupam os descritores de um modo semelhante à classificação hierárquica; no entanto, três itens – *Dão importância ao trabalho*, *Dão mais força à razão que aos sentimentos* e *Dão importância à amizade* – não saturam exclusivamente num único factor, o que dificulta a interpretação da solução encontrada, uma vez que se exigiu que os factores extraídos fossem ortogonais.

Quadro 41: Caracterização dos Portugueses: análise factorial da matriz de intercorrelações (saturações factoriais, comunalidades e percentagem de variância explicada pelos factores)

Os Portugueses...	Factor I	Factor II	Factor III	Comunalidades
São ternos.	0,72	-0,04	0,15	0,54
São tolerantes.	0,65	-0,03	-0,16	0,45
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	0,65	0,16	0,20	0,48
Dão importância à amizade.	0,60	0,42	0,04	0,55
São criativos.	0,14	0,80	-0,08	0,66
São corajosos.	-0,16	0,71	0,33	0,64
Dão importância ao trabalho.	0,25	0,38	0,32	0,30
Revoltam-se com injustiças sociais.	0,15	0,20	0,69	0,54
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	-0,06	-0,04	-0,62	0,39
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	-0,30	-0,40	0,50	0,50
% de variância	24,8	14,3	11,5	
% de variância acumulada	24,8	39,1	50,6	

O primeiro factor, responsável pela explicação de 25% da variação dos dados, correlaciona fortemente com descritores de características relacionais (*ternos*, *atenciosos e agradáveis*, *tolerantes*, *dando*

importância à amizade) e correlaciona negativamente com o item *Dão mais força à razão que aos sentimentos*. Parece assim opor traços relacionais-afectivos a traços racionais.

O segundo factor reúne os descritores *São corajosos* e *São criativos*, opondo-lhes novamente o item *Dão mais força à razão que aos sentimentos*. Este factor parece assim reflectir uma polaridade coragem-criatividade *versus* racionalidade. No entanto, atendendo à ortogonalidade dos factores obtidos, o significado desta componente de racionalidade deverá ser distinta do veiculado pelo factor anterior; interpretamo-la, assim, enquanto racionalidade que procura a ausência de risco, por oposição à inovação/acção espelhada nos itens *corajosos* e *criativos*. Este factor correlaciona ainda com os itens *Dão importância à amizade* e *Dão importância ao trabalho*, sendo este, de resto, o descritor menos suportado pela solução factorial apresentada e por isso devendo relativizar-se o seu papel na interpretação do significado do factor.

O último factor agrupa os descritores *Revoltam-se com injustiças sociais* e, novamente, *Dão mais força à razão que aos sentimentos*, por contraste com *Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas*. O reaparecimento neste factor da componente ‘razão’ exige novamente uma interpretação do seu significado distinta das anteriores. Avançamos assim a possibilidade de neste factor ser veiculada uma ideia de racionalidade virada para a justiça (razão moral) em detrimento da razão prática (racionalidade científica, aplicação tecnológica). Saliente-se que este é o único factor não correlacionado com o item potencialmente central *Dão importância à amizade*.

Apesar da solução factorial obtida não ser claramente interpretável mesmo após a rotação *varimax*, a convergência observada nos diferentes tipos de análise efectuada sugere que as avaliações que os sujeitos fizeram das dez afirmações propostas devem ter as seguintes dimensões subjacentes à imagem do Português: uma primeira dimensão (Factor I) que opõe Afectividade a Razão, uma segunda dimensão (Factor II) que opõe Actividade (Imaginação-Criação-Coragem) a Passividade (Racionalidade-Ausência de risco) e uma terceira dimensão (Factor III) que opõe Razão moral a Racionalidade científica.

4. Representações do Português e ancoragem

As variáveis que estratificam a amostra quase não introduzem modificações no padrão de resposta anteriormente descrito para a totalidade da amostra (Quadro 42).

Quadro 42: Associação entre as variáveis estratificadoras da amostra e a caracterização dos Portugueses

Os Portugueses...	Sexo	Naturalidade
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	0,05 n.s.	0,13 n.s.
Dão importância à amizade.	0,02 n.s.	0,16 n.s.
São corajosos.	0,16 n.s.	0,12 n.s.
São criativos.	0,14 n.s.	0,14 n.s.
Dão importância ao trabalho.	0,17 n.s.	0,02 n.s.
São ternos.	0,06 n.s.	0,14 n.s.
Revoltam-se com injustiças sociais.	0,23 p ≤ 0,05	0,17 n.s.
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	0,17 n.s.	0,19 n.s.
São tolerantes.	0,15 n.s.	0,09 n.s.
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	0,14 n.s.	0,07 n.s.

O sexo interfere na avaliação dos Portugueses quanto a *Revoltarem-se com injustiças sociais*: os homens concordam fortemente que essa é uma das características dos Portugueses, enquanto as mulheres se ficam por uma concordância intermédia.

A variável naturalidade não influencia o padrão de resposta a nenhum dos descritores¹¹².

¹¹² Incluindo na análise o terceiro grupo de naturalidade (respondentes naturais de países africanos de expressão portuguesa), identificam-se efeitos significativos dessa variável na avaliação das frases *Dão importância ao trabalho* ($\phi = 0,33$; $p \leq 0,01$), *Dão importância à amizade* ($\phi = 0,24$; $p \leq 0,05$) e *São ternos* ($\phi = 0,21$; $p \leq 0,10$). Na primeira destas frases os respondentes deste grupo tendem a apresentar níveis mais fortes de discordância, enquanto que

O Quadro 43 apresenta o efeito do sentimento nacional na avaliação das características dos Portugueses. Enquanto que a variável *Gostaria de ter nascido noutra país?* afecta apenas a avaliação da frase *Os Portugueses são atenciosos e agradáveis nas relações sociais* (quem gosta de ter nascido em Portugal concorda mais com esta frase que aqueles que não sabem se gostariam de ter nascido noutra país), a variável *Gosta de ser português?* afecta a quase totalidade das frases.

Quadro 43: Associação entre a avaliação do sentimento nacional e a caracterização dos Portugueses

Os Portugueses...	Gosta de ser português?	Gostaria de ter nascido noutra país?
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	0,13 n.s.	0,21 n.s.
Dão importância à amizade.	0,32 $p \leq 0,001$	0,20 n.s.
São corajosos.	0,30 $p \leq 0,001$	0,26 n.s.
São criativos.	0,25 $p \leq 0,05$	0,25 n.s.
Dão importância ao trabalho.	0,22 $p \leq 0,10$	0,18 n.s.
São ternos.	0,19 $p \leq 0,05$	0,04 n.s.
Revoltam-se com injustiças sociais.	0,28 $p \leq 0,01$	0,17 n.s.
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	0,22 $p \leq 0,10$	0,21 n.s.
São tolerantes.	0,16 n.s.	0,21 n.s.
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	0,25 $p \leq 0,05$	0,29 $p \leq 0,05$

De um modo geral, o padrão de interferência desta variável é sempre o mesmo: os respondentes que afirmam não saber se gostam de ser portugueses apresentam níveis de concordância mais reduzidos que os restantes, excepto na frase *Têm poucas capacidades tecnológicas e*

nas outras duas tendem a situar-se num nível médio de concordância, enquanto os outros respondentes extremam mais as suas opiniões. Mais uma vez se alerta para a reduzida fiabilidade destes estudos de significância, por incluírem um grupo de pequena dimensão.

científicas, onde a tendência se inverte. Poderemos considerar que os itens propostos descrevem de forma positiva o ser português, à excepção deste último caso. A ser assim, explicar-se-ia a menor concordância dos inquiridos com baixo sentimento nacional em função de uma imagem algo negativa dos Portugueses.

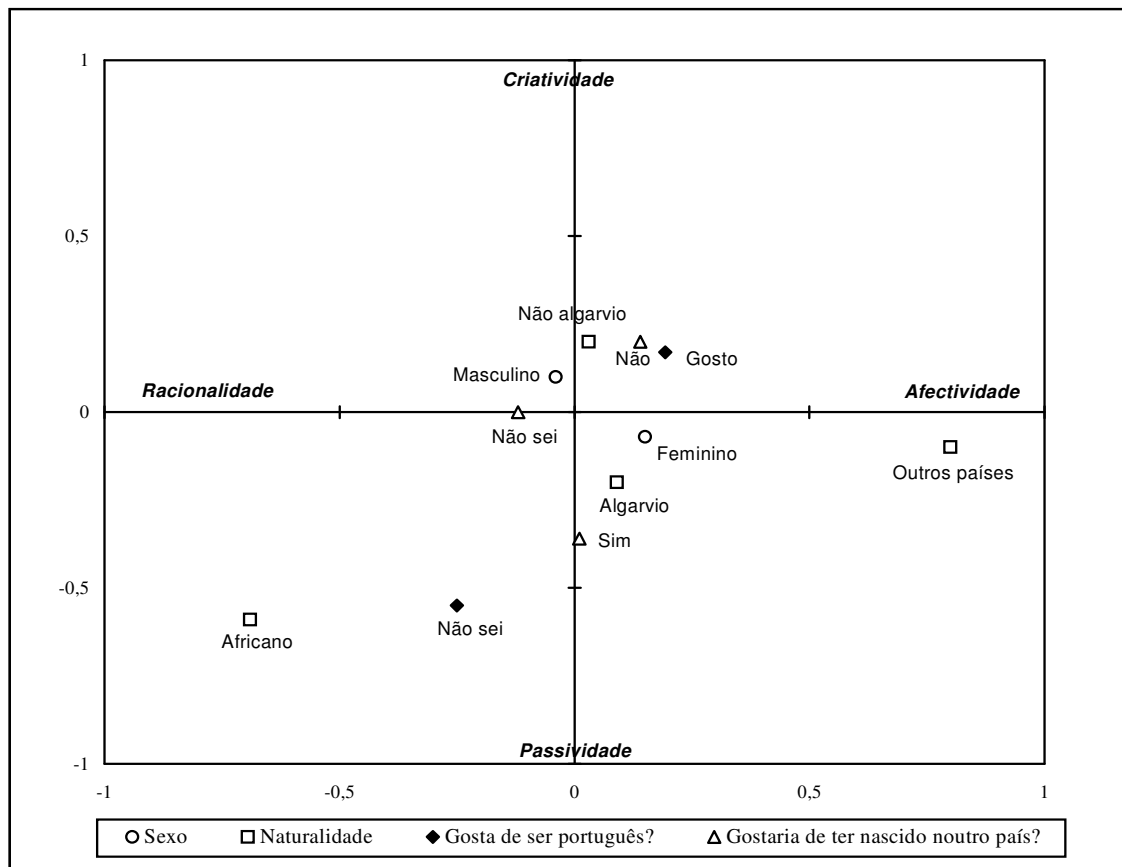
Com base nos factores extraídos pela análise factorial efectuada, procedeu-se a um estudo da diferenças entre os grupos definidos pelas variáveis estratificadoras da amostra (Quadro 44). Como seria de esperar, atendendo aos resultados da análise para cada um dos itens, a variável sexo não introduziu diferenças significativas nestes factores. No que respeita à naturalidade, o Factor I opõe os respondentes nascidos em países africanos de expressão portuguesa (mais próximos do pólo *racionalidade*) aos respondentes nascidos noutros países (mais próximos do pólo *afectividade*). Ainda relativamente a esta variável, verifica-se oposição no Factor II entre os naturais de países africanos (mais próximos do pólo *passividade*) e os respondentes não-algarvios.

Quadro 44: Diferenças entre grupos – comparação entre as médias factoriais

Grupos	Factor I	Factor II	Factor III
<i>Sexo</i>			
Masculino	- 0,04	0,15	0,01
Feminino	0,10	- 0,07	- 0,03
Estatística de teste	t = - 0,76 (n.s.)	t = 1,15 (n.s.)	t = 0,76 (n.s.)
<i>Naturalidade</i>			
Algarve	0,09	- 0,20	0,18
Fora do Algarve	0,03	0,20	- 0,02
Países afric. exp. portug.	- 0,69	- 0,59	- 0,13
Outros países	0,80	- 0,10	- 0,42
Estatística de teste	F = 3,15 (p ≤ 0,05)	F = 2,45 (p ≤ 0,1)	F = 0,79 (n.s.)
<i>Gosta de ser português?</i>			
Sim	0,19	0,17	0,17
Não sei	- 0,25	- 0,55	- 0,11
Estatística de teste	t = 1,88 (p ≤ 0,10)	t = 3,17 (p ≤ 0,01)	t = 1,20 (n.s.)
<i>Gost. ter nascido noutro país?</i>			
Sim	0,01	- 0,36	- 0,12
Não	0,14	0,20	0,30
Não sei	- 0,12	- 0,00	- 0,22
Estatística de teste	F = 0,58 (n.s.)	F = 1,79 (n.s.)	F = 2,96 (p ≤ 0,1)

Afirmar que se *Gosta de ser português?* está associado a uma posição de maior concordância com os pólos *afectividade* e *criatividade* dos Factores I e II, face aos sujeitos que respondem *Não sei* a essa pergunta. A Figura 4 apresenta a projecção das médias dos grupos estudados no plano factorial definido pelo cruzamento dos dois primeiros factores.

Figura 4: Primeiro plano factorial e projecção das médias dos grupos



5. Comparação entre a auto-descrição e a caracterização dos Portugueses

Para a comparação entre auto-descrição e caracterização dos Portugueses empregaram-se três procedimentos.

Inicialmente, restringiu-se a análise às respostas que utilizavam o nível de concordância “elevado”, por serem estas que revelam posição mais clara face às características em avaliação (Quadro 45). Nas suas respostas,

os inquiridos revelaram uma ordenação algo diferente na preferência dos itens para cada descrição¹¹³; no entanto, assinala-se nas duas descrições a preferência maior para *Dar importância à amizade*, enquanto que para *Dar mais força à razão que aos sentimentos* se regista a menor preferência. Algumas diferenças importantes entre as duas descrições podem ainda ser referidas: *Ser corajoso* ocupa um lugar de preferência mais elevado na descrição dos Portugueses e *Revoltar-se com injustiças sociais* ocupa o segundo lugar de preferência na auto-descrição e apenas o sétimo lugar na descrição dos Portugueses.

Quadro 45: Concordância *elevada* na auto-descrição e na descrição dos Portugueses (ordenação das características por valor de preferência)

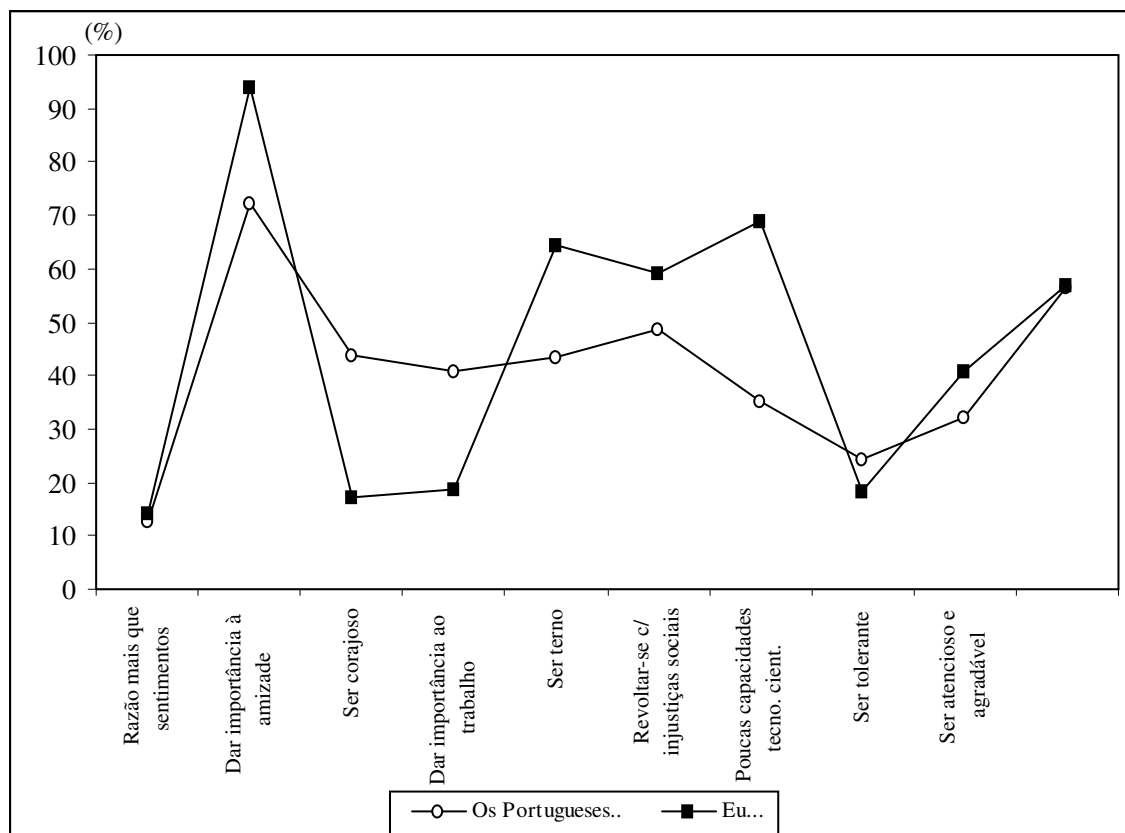
Características	Os Portugueses...		Eu...	
	%	Ordem	%	Ordem
Dar mais força à razão que aos sentimentos.	12,7	10	14,4	10
Dar importância à amizade.	72,1	1	93,9	1
Ser corajoso.	43,8	4	17,1	9
Ser criativo.	40,8	6	18,6	7
Dar importância ao trabalho.	43,4	5	64,3	3
Ser terno.	48,8	3	59,2	4
Revoltar-se com injustiças sociais.	35,1	7	68,8	2
Ter poucas capacidades tecnológicas e científicas.	24,4	9	18,4	8
Ser tolerante.	32,1	8	40,8	6
Ser atencioso e agradável nas relações sociais.	56,6	2	57,0	5

Correlação entre as ordenações: $r_s = 0,58$ (coeficiente de correlação de Spearman)

Correlação entre as percentagens de escolhas: $r_p = 0,73$ (coeficiente de correlação de Pearson)

No que respeita às percentagens, verifica-se que o perfil da descrição dos Portugueses é menos pronunciado que o perfil descritivo do próprio (Figura 5): maior concentração na escolha das frases *Dar importância à amizade*, *Revoltar-me com injustiças sociais*, *Ser trabalhador* e *Ser terno* quando os inquiridos fazem a sua auto-avaliação, e na escolha das frases *Ser corajoso* e *Ser criativo* na descrição dos Portugueses.

¹¹³ A comparação do valor do coeficiente de Spearman (correlação entre a ordem de preferência dos itens para cada descrição) com o valor mais elevado do coeficiente de Pearson (correlação entre as percentagens para cada descrição) parece indicar que diferentes posições de itens na ordenação das preferências se devem a diferenças percentuais reduzidas.

Figura 5: Descrição do Português e do Eu: nível de concordância mais elevado

Com o segundo procedimento procurou realizar-se uma análise mais global da proximidade entre as duas representações (auto-descrição e descrição dos Portugueses). Concebeu-se uma medida para avaliar a distância de posicionamento face a cada um dos itens nos dois tipos de descrição. Esta medida consiste na diferença (d) entre os níveis de concordância utilizados em cada item na auto-avaliação e na avaliação dos Portugueses. Assim, a diferença poderá oscilar entre $d = -2$ (concordância elevada com o item na auto-descrição mas discordância na avaliação dos Portugueses) e $d = +2$ (concordância elevada com o item na descrição dos Portugueses mas discordância na auto-avaliação). Ao valor $d = 0$ corresponde igual concordância nas duas descrições.

É tendência dos inquiridos responderem de igual modo na auto-avaliação e na avaliação dos Portugueses, o que se mostra pela grande concentração de respondentes na situação $d = 0$ em quase todos os itens, sempre acima de 50%; apenas a característica *Revoltar-se com injustiças*

sociais foge a essa regra, sendo mais utilizada na auto-descrição (Quadro 46).

A análise das médias dos valores d permitem tirar as seguintes conclusões: *Ser corajoso* e *Ser criativo* são características que os inquiridos concordam mais que descrevem os Portugueses que a eles próprios; *Revoltar-se com injustiças sociais*, *Dar importância à amizade* e *Dar importância ao trabalho* são características que os inquiridos atribuem em maior grau a eles próprios que aos Portugueses; os restantes não se distinguem na auto e na hetero-avaliação.

Quadro 46: Comparação entre a auto-descrição e a descrição dos Portugueses (análise intra-individual)

Características	Concordo que esta característica é...			Média (desvio-padrão)
	mais minha que dos Portugueses ($d < 0$)	tanto minha como dos Portugueses ($d = 0$)	mais dos Portugueses que minha ($d > 0$)	
Dar mais força à razão que aos sentimentos.	26 (21,7%)	75 (62,7%)	19 (15,8%)	-0,04 (0,69)
Dar importância à amizade.	33 (25,6%)	91 (70,5%)	5 (3,9%)	-0,21 (0,53)
Ser corajoso.	14 (10,9%)	68 (53,1%)	46 (35,9%)	+0,27 (0,67)
Ser criativo.	11 (8,6%)	78 (60,9%)	39 (30,5%)	+0,23 (0,64)
Dar importância ao trabalho.	42 (33,1%)	70 (55,1%)	15 (11,8%)	-0,21 (0,64)
Ser terno.	36 (28,6%)	67 (53,2%)	23 (18,3%)	-0,09 (0,72)
Revoltar-se com injustiças sociais.	60 (46,9%)	54 (42,2%)	14 (10,9%)	-0,39 (0,72)
Ter poucas capacidades tecnológicas e científicas.	14 (11,2%)	87 (69,6%)	24 (19,2%)	+0,09 (0,65)
Ser tolerante.	29 (23,2%)	78 (62,4%)	18 (14,4%)	-0,08 (0,63)
Ser atencioso e agradável nas relações sociais.	28 (21,4%)	71 (54,2%)	27 (20,6%)	-0,01 (0,70)

Perante este cenário, uma medida global da discrepância entre as duas avaliações poderia indicar a aderência ou afastamento individual à imagem do Português. Esta medida global, D , resulta da média individual dos valores absolutos de d obtidos por cada indivíduo nas 10 características, isto é,

$$D = \frac{\sum_{i=1}^{10} |d_i|}{10}$$

D , enquanto índice, pode variar entre 0 (aderência total entre a auto-descrição individual e descrição dos Portugueses) e 2 (oposição máxima entre as duas descrições). Categorizaram-se os valores D em 5 classes: *diferenças mínimas* (verificou-se $d = \pm 1$ no máximo em dois itens), *pequenas diferenças* (verificou-se $d = \pm 1$ no máximo em metade dos itens), *diferenças médias* (todos os itens com $d = \pm 1$ ou menos de metade com $d = \pm 2$), *grandes diferenças* (metade dos itens com $d = \pm 2$) e *diferenças máximas* (mais de metade dos itens com $d = \pm 2$). O Quadro 47 apresenta a distribuição dos inquiridos por essas classes.

Quadro 47: Índice D – distribuição por classes de valor

Valor do Índice D	N	%
[0,0, 0,2] (diferenças mínimas)	22	17,5
]0,2, 0,5] (pequenas diferenças)	72	57,1
]0,5, 1,0] (diferenças médias)	31	24,6
]1,0, 1,5] (grandes diferenças)	1	0,8
]1,5, 2,0] (diferenças máximas)	0	0,0
Total	126	100,0
Média (desvio-padrão)	0,43 (0,20)	

Embora apenas dois inquiridos apresentem $D = 0$, observa-se uma predominância de diferenças mínimas e pequenas entre as duas descrições. Se for encarado como índice de identificação entre a forma de ser individual e a forma de ser português, D revela elevados valores de aderência entre os inquiridos: para 74,6% dos respondentes obtiveram-se valores de D iguais inferiores a 0,5, sendo o valor máximo observado $D = 1,1$.

O estudo da relação entre o índice D e as variáveis estratificadoras da amostra não indicou associações estatisticamente significativas. As respostas obtidas para *Gostaria de ter nascido noutra país?* revelam que os valores D são mais elevados entre os inquiridos que responderam

afirmativamente a esta pergunta ($F = 3,71$; $p \leq 0,10$). Ainda quanto ao sentimento nacional, apesar de não serem estatisticamente significativas, registaram-se diferenças entre quem *gosta de ser português* e quem *não sabe se gosta de o ser*, as quais indicam para o primeiro caso maior aproximação entre as duas descrições.

Verificou-se ainda uma correlação significativa entre o primeiro factor extraído das descrições sobre os Portugueses (Afectividade *versus* Razão) e o índice *D* ($r = -0,37$; $p \leq 0,001$), associação que se pode interpretar como uma tendência dos sujeitos que mostram maior proximidade entre auto e hetero-imagem se posicionarem preferencialmente no pólo *afectividade* do factor.

Finalmente, o último procedimento para comparar as duas descrições consistiu na realização de uma análise factorial das auto-descrições. Os resultados desta análise revelam uma estrutura factorial semelhante à obtida na descrição dos Portugueses¹¹⁴, o que sugere uma forma similar de, a partir dos 10 itens utilizados, organizar as duas descrições.

Confrontação entre discurso erudito e discurso popular: Portugal e ser português

Para além dos elementos de caracterização que se acabaram de analisar obtiveram-se outros em contexto de perguntas abertas e referentes a afirmações de dois autores nacionais – Joel Serrão e António Gedeão. Estas afirmações foram a primeira tentativa de confrontar discurso erudito

¹¹⁴ A solução factorial das auto-descrições é menos ambígua, apresentando igualmente três factores: o primeiro (responsável por 18,3% da variância total) satura sobretudo nos itens *terno* (0,71), *atencioso e agradável* (0,67), *tolerante* (0,60) e *dando importância à amizade* (0,58); o segundo factor (14,7% da variância) satura nos itens *criativo* (0,74), *corajoso* (0,63) e *dá importância ao trabalho* (0,47); o terceiro factor, responsável por 13,2% da variância, reúne os itens *dá mais importância à razão que aos sentimentos* (0,66), *sem capacidades tecnológicas e científicas* (0,64) e *revoltar-se com injustiças sociais* (-0,51). Os itens referente à *amizade* e à *razão* não têm o posicionamento ambíguo mostrado na estrutura factorial referente à descrição dos Portugueses, situando-se aqui claramente associados ao primeiro e terceiro factor, respectivamente.

e discurso popular, confronto a que se procedeu através do Questionário Geral com mais destaque.

As perguntas sobre o discurso erudito incluíam duas curtas citações, não identificadas, designadas A e B, dos autores acima indicados. A tarefa proposta aos inquiridos consistia em explicitar os significados atribuídos às afirmações citadas e indicar a concordância ou discordância com as mesmas. Como atrás dissemos, através da citação A – “Portugueses somos, amigos. É bom sê-lo e assumi-lo” – procurava-se testar o agrado ou desagrado com a nacionalidade portuguesa. Com a citação B – “Provo-me e saibo-me a sal, não se nasce impunemente nas praias de Portugal” – pretendia-se obter elementos que denotassem eventual consciencialização do papel da cultura portuguesa na constituição das identidades pessoais.

Nas duas situações os jovens concordaram maioritariamente com as afirmações, evidenciando forte agrado com a cidadania portuguesa e reconhecimento da influência cultural portuguesa na sua identidade pessoal. Num elevado número de casos, os respondentes alteraram as respectivas mensagens explícitas, revelando uma dissonância que vai no sentido de fortalecer ou sublinhar os aspectos com que concordavam e que supunham estarem a ser mencionados ¹¹⁵.

O Quadro 48 apresenta conjuntamente as afirmações dos autores e algumas das frases que estas afirmações originaram.

As novas atribuições de significado, pelas quais não esperávamos, constituíram um desafio à sua interpretação e introduziram desde logo a questão do imaginário colectivo, da sua latência e da sua importância.

De entre as afirmações dos jovens, algumas se nos impuseram mais intensamente sem que, apesar disso, os seus significados se tornassem suficientemente claros. Que quererá dizer a *coragem* necessária para ser português (frase B3), a *preparação* para lidar com o desconhecido (frase B5) e a *grande ternura* (frase A3) como traço de união entre os Portugueses?

¹¹⁵ Trata-se de um resultado marginal pois, ao solicitar-se a explicitação do significado para o respondente, queríamos apenas garantir que a concordância ou discordância com as frases não estava associada à incompreensão do discurso.

Quadro 48: Reinterpretações do discurso erudito

Frase apresentada	Significação atribuída
<p>A. “Portugueses somos, amigos. É bom sabê-lo - e assumi-lo!” (Serrão, [s.d.]</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Que somos um povo unido, onde quer que estejamos tentamos sempre estar com os Portugueses. Temos laços muito fortes entre nós.” 2. “Que um povo se sente amigo dos outros povos e é bom senti-lo.” 3. “É como se fosse um tipo de confissão da grande ternura que temos uns pelos outros.” 4. “Significa que no final de contas os Portugueses foram importantes para a humanidade.” 5. “Uma característica ainda não perdida, da humanidade e globalidade do povo português.”
<p>B. “Provo-me e saibo-me a sal, não se nasce impunemente nas praias de Portugal” (Gedeão, [s.d.]</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Todos os Portugueses nascem com a missão de fazer todos os possíveis para melhorar a sua pátria.” 2. “Portugal está à beira mar plantado, o sal do mar salta, toca-nos e marca-nos. Sem esse mar e as paisagens portuguesas muito tempo fico perdida.” 3. “Para se ser português é preciso ser corajoso.” 4. “Um Português ao nascer está irremediavelmente ligado ao mar. O mar faz parte da alma do português.” 5. “Penso que quer dizer que estamos prontos a enfrentar o desconhecido, se tivermos em conta as descobertas.”

Em certa medida, estas respostas surgiam-nos como fragmentos individuais de um imaginário colectivo relativamente autónomo das aprendizagens conscientes. Foi graças aos testemunhos destes jovens que nos tomou uma confiança nova sobre a oportunidade e interesse de realizar um estudo das representações da identidade portuguesa. Como então referíamos na apresentação de resultados deste estudo, o seu *entusiasmo* ao falar de Portugal parecia sugerir uma transformação na situação de *haver Portugal e faltarem Portugueses* de que se lamentara Almada Negreiros (Rosado, 1993, p. 382).

Síntese

Face aos objectivos propostos para esta fase, poderá concluir-se o seguinte relativamente a cada um deles:

1. Conteúdos da representação social do Português – num conjunto de dez afirmações propostas para descrição do Português, evidencia-se, por um lado, a preferência por itens referentes à afectividade: não só os descritores *Dão importância à amizade* e *São atenciosos e agradáveis nas relações sociais* são os mais fortemente escolhidos, como o primeiro destes parece colocar-se numa posição central face aos restantes, estabelecendo com eles uma relação privilegiada; por outro lado, a frase *Dão mais força à razão que aos sentimentos*, que se opõe a esta linha caracteriológica, é a que reúne maior discordância. A organização do referido conjunto de descritores, perspectivada através de três modalidades de análise distintas, remete para uma lógica subjacente à representação do Português que se pode caracterizar por duas dimensões principais – Afectividade *versus* Razão, Actividade *versus* Passividade.

2. Descrição do Português *versus* auto-descrição de cidadãos portugueses – no que respeita ao segundo objectivo, parece existir proximidade entre a descrição do Português expressa pelos nacionais inquiridos e a sua auto-descrição: os itens caracterizadores utilizados mais frequentemente e mais raramente são os mesmos nas duas descrições; as diferenças encontradas parecem ser diferenças de grau ou relativas apenas a alguns traços (*Corajoso, Criativo e Revoltar-se com injustiças sociais*). As associações entre as respostas e as variáveis estratificadoras da amostra revelam-se mais frequentemente significativas na auto-descrição que na descrição dos Portugueses. Exemplo claro é, na caracterização individual, a variável género, sugerindo que a pertença sexual influencia mais a representação que se tem de si próprio do que influencia a representação do Português. O efeito da variável naturalidade não se apresenta significativo em nenhuma das descrições.

3. Sentimento nacional – as respostas referentes ao sentimento nacional revelam valores elevados para o mesmo. Em maioria, os respondentes consideraram-se Portugueses, gostam de o ser e não gostariam de ter nascido noutro país. A avaliação do sentimento nacional evidenciou forte associação com a imagem do Português, observando-se ainda maior proximidade entre esta imagem e a auto-descrição para os respondentes de elevado sentimento nacional.

4. Confrontação discurso erudito-discurso popular – as respostas e afirmações produzidas a propósito de duas citações eruditas sobre a

identidade portuguesa revelaram sintonia quanto ao sentido das mesmas e, indirectamente, evidenciaram agrado dos respondentes com a nacionalidade portuguesa.

C. Fase A e Fase B: comparação entre os resultados obtidos

O facto de se ter utilizado uma metodologia semelhante nestas duas fases permite comparar os resultados obtidos e assim confirmar as tendências encontradas em conjuntos diferentes de informantes:

1. Descrição dos Portugueses – o padrão de resposta na caracterização dos Portugueses não sofreu alterações significativas nas duas fases. Considerando apenas os níveis mais elevados de concordância, verifica-se que nos dois primeiros lugares são referidas as mesmas características e as duas frases menos escolhidas na Fase B contam-se também entre as menos escolhidas na Fase A. De assinalar a alteração de *São criativos* e *São ternos*, que na Fase B sobem de posição (Quadro 49).

Quadro 49: Concordância *elevada* na descrição do Português (ordenação das características por valor de preferência)

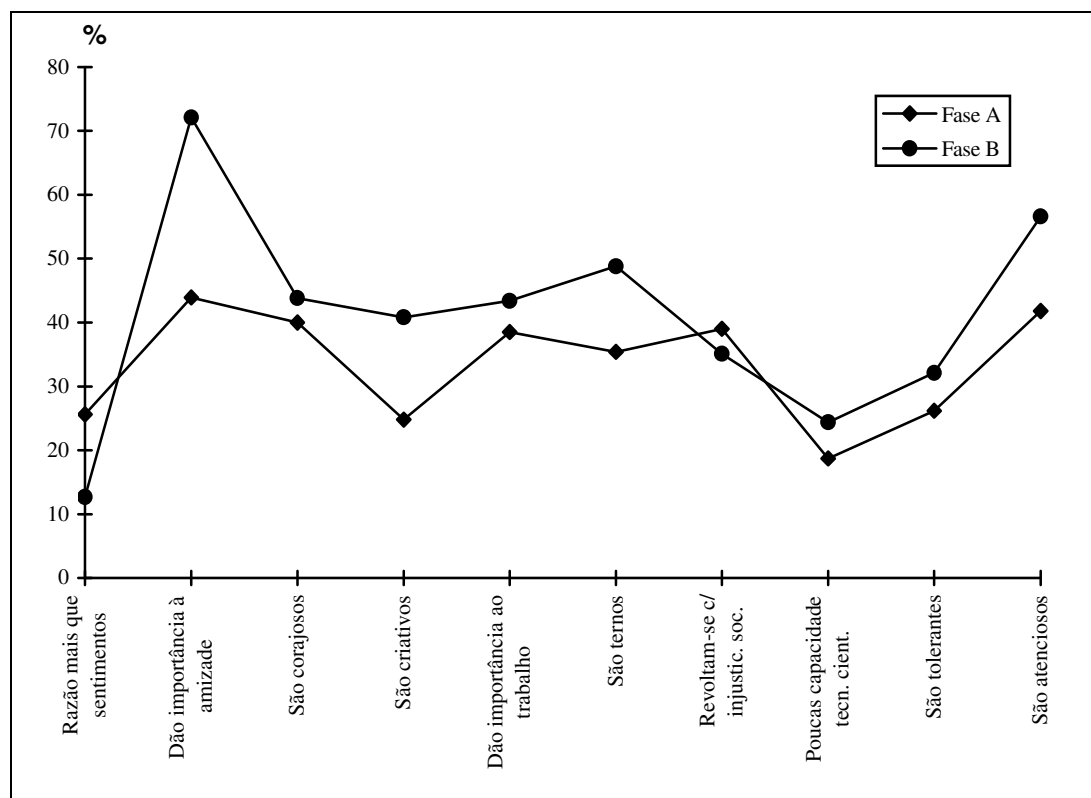
Os Portugueses...	Fase A		Fase B	
	%	Ordem	%	Ordem
Dão mais força à razão que aos sentimentos.	25,6	8	12,7	10
Dão importância à amizade.	43,9	1	72,1	1
São corajosos.	40,0	3	43,8	4
São criativos.	24,8	9	40,8	6
Dão importância ao trabalho.	38,5	5	43,4	4
São ternos.	35,4	6	48,8	3
Revoltam-se com injustiças sociais.	39,0	4	35,1	7
Têm poucas capacidades tecnológicas e científicas.	18,7	10	24,4	9
São tolerantes.	26,2	7	32,1	8
São atenciosos e agradáveis nas relações sociais.	41,8	2	56,6	2

Correlação entre as ordenações: $r_s = 0,79$ (coeficiente de correlação de Spearman)

Correlação entre as percentagens de escolhas: $r_p = 0,77$ (coeficiente de correlação de Pearson)

Os perfis de resposta nas duas fases são aproximados, evidenciando-se, no entanto, posições mais extremadas na Fase B, nomeadamente para os itens *Dão importância à amizade* e *São atenciosos e agradáveis nas relações sociais* (Figura 6).

Figura 6: Descrição dos Portugueses nas Fases A e B: nível de concordância mais elevado



2. Estrutura da representação – nos dois momentos em que se aplicou à caracterização dos Portugueses a análise de similitude, o item *Dão importância à amizade* apresentou o posicionamento típico de um elemento do núcleo central da representação, exibindo um elevado grau de conexividade com os outros elementos considerados.

3. Variáveis estratificadoras – por se trabalhar com uma amostra mais heterogénea na Fase A, registou-se um efeito mais acentuado das variáveis estratificadoras de natureza sociodemográfica, nomeadamente o efeito da idade e da actividade profissional. Nas duas fases verifica-se a quase ausência de diversidade introduzida nas respostas pelas variáveis sexo e naturalidade.

4. Proximidade Português-Eu – na Fase A, o estudo desta aproximação revelou-se pouco conclusivo. A Fase B revelou uma proximidade elevada entre a representação dos Portugueses e a representação da identidade pessoal, o que se poderá atribuir à maior adequação da metodologia então utilizada.

5. Sentimento nacional – poderá considerar-se a predominância de um sentimento nacional positivo nas duas fases. Na Fase A, este foi analisado apenas pela adesão ou rejeição de residir em Portugal, enquanto que na Fase B o mesmo se avaliou através de *considerar-se* e *gostar de ser português*, tendo-se obtido uma larga maioria de respostas positivas.

Em resumo, os dois estudos tendem a apresentar o mesmo padrão geral de resposta, apesar da maior homogeneidade da segunda amostra, prefigurando, deste modo, uma unidade latente na representação do Português.

Considerações

Após a realização das fases A e B, e com um total de 346 inquiridos, considerou-se cumprida a primeira etapa de exploração de uma problemática apenas esboçada. Na informação de que agora se dispunha surgiram dois planos para apreciação. Num deles, o que se pode observar e concluir daquilo que é expresso; no outro, um campo de possibilidades que se abre naquilo que é sugerido.

O que é expresso

Com os resultados obtidos na aplicação dos dois questionários parece adequado admitir-se certa preferência por conteúdos de afectividade na descrição do Português. Perante um conjunto de dez afirmações, o item *Dão importância à amizade* ocupa um lugar privilegiado entre os

conteúdos propostos, desempenhando um papel organizador no campo representacional assim delimitado.

Para além da caracterização da imagem do Português, pretendia-se ainda avaliar o sentimento nacional de cidadãos portugueses e a proximidade nas representações do Português e do Eu. No que respeita ao sentimento nacional, registou-se uma avaliação claramente positiva. Quanto às representações da identidade portuguesa e da identidade pessoal, será de concluir por forte proximidade entre ambas.

O que é sugerido

De entre o que ficou por aprofundar, e que contém muito de sugerido, dois aspectos se nos impuseram. O primeiro está em relação com o posicionamento geral dos inquiridos, em especial com as formas empregues pelos jovens para se referirem a Portugal e à nacionalidade portuguesa, constituindo para nós uma novidade muito interessante. Como tinham aprendido estes jovens a gostar de Portugal e das características nacionais se a sua socialização ocorrera no pós-25 de Abril, um dos períodos da vida nacional em que ser português se tornara tema de particular ambiguidade? De onde lhes vinha a convicção e a alegria com que se exprimiam? Perante a nossa inquieta postura, em vista do caminho ainda por explorar na compreensão de um objecto tão simbólico como o das representações e identidades, os jovens, particularmente os jovens universitários inquiridos na Fase B, transformaram-se a nossos olhos em impulsionadores e decisivos agentes da continuação deste trabalho.

O segundo aspecto é relativo à possível confirmação da hipótese de que partimos, da afectividade fazer parte do núcleo central da representação do Português. A nossa metodologia forçara os inquiridos a uma certa clarificação quanto à importância da afectividade na delimitação do núcleo central da imagem dos Portugueses e quanto à proximidade da sua auto-descrição com a descrição dos Portugueses. Em consequência, como se esteve a analisar, foi registada uma clara predominância de traços afectivos nas duas representações. No estudo de Eurico Figueiredo a que já nos referimos, realizado com outra metodologia e numa perspectiva comparativa intergeracional, conclui-se pelo “consenso entre pais e jovens a nível dos valores finais e instrumentais”, nomeadamente para os três valores mais escolhidos, entre os quais figura *Afectuoso*, escolhido em

segundo lugar pelos pais e em terceiro pelos filhos (Figueiredo, 1988, p. 11). Esta proximidade de resultados, quanto à importância da afectividade na representação da identidade pessoal dos Portugueses, constituiu igualmente para nós, nesta época, um estímulo ao prosseguimento da investigação.

Capítulo 7

PORTUGAL E SER PORTUGUÊS: SENTIMENTO NACIONAL E NACIONALIDADE

Neste capítulo, analisa-se informação resultante de diferentes perguntas sobre Portugal e ser português.

Os resultados que se passam a apresentar tiveram como instrumento de recolha o Questionário Geral referido no Capítulo 3. Com este questionário, construído após a apreciação dos resultados obtidos nas fases exploratórias, nomeadamente as duas de que trata o capítulo anterior, pretendeu-se aprofundar os temas visados por este trabalho e que decorrem dos seus objectivos principais: identificação de conteúdos e estrutura do núcleo central da representação social dos Portugueses; avaliação do sentimento nacional; averiguação de concepções predominantes sobre a nacionalidade portuguesa.

O material discursivo que se vai analisar neste capítulo e no próximo foi obtido no mesmo acto de inquirição mas através de dois procedimentos. Primeiramente, cada inquirido era posto numa situação de livre associação de ideias, em seguida, era solicitado a responder a perguntas estruturadas ou semi-estruturadas. Para os assuntos que foram objecto de associação livre e de inquirição estruturada iremos respeitar esta ordem na apresentação dos resultados: em primeiro lugar, analisam-se as respostas provenientes da associação de palavras aos estímulos propostos e que indicamos por *evocação*; em seguida apresenta-se aquilo que designámos por *discurso* e em que se recuperam conteúdos de respostas estruturadas.

Dado que a informação referente à maioria dos assuntos analisados foi colhida em mais de uma pergunta, ao introduzir cada um deles apresentam-se as perguntas feitas aos inquiridos, referindo-se ainda o número de respostas consideradas válidas.

Antes de se iniciar a apresentação dos resultados, caracteriza-se a amostra total através da qual os mesmos foram obtidos. Esta caracterização será igualmente útil para os dois capítulos seguintes, uma vez que os dados que aí se analisam foram recolhidos na mesma amostra.

A. Descrição da amostra total

Como se referiu anteriormente, o Questionário Geral foi aplicado (Fases D, E e F) de 1993 a 1995 em versões ligeiramente modificadas que tiveram como principal finalidade encurtar a duração do mesmo depois de se verificar que algumas perguntas originavam respostas marcadamente redundantes, enquanto que sobre outros assuntos se considerou oportuno apresentar mais perguntas. Por esta razão, nem todas as perguntas que se vão analisar, neste capítulo e nos seguintes, foram respondidas pelo mesmo conjunto de sujeitos, ocorrência indicada em cada caso. Se a pergunta foi feita em todas as fases, o total da amostra perfaz os 305 inquiridos; se apresentada nas Fases E e F, a dimensão da amostra reduz-se para 281 inquiridos; se feita nas fases D e F, a amostra passa a ter 249 efectivos; finalmente, se a pergunta se apresentou apenas na Fase F, o total de inquiridos é 225. São estes os quatro totais que irão surgir sempre que se apresente o número de inquiridos para cada uma das perguntas em análise.

Atendendo à homogeneidade das populações-alvo (estudantes do ensino secundário e universitário frequentando de instituições de ensino localizadas no Algarve), apenas se registaram as seguintes variáveis caracterizadoras: sexo, naturalidade (Portugal – Algarve/Fora do Algarve – e Outros países) e nível de ensino (Secundário/Universitário)¹¹⁶. O Quadro 50 apresenta a distribuição dos inquiridos de acordo com essas variáveis para cada uma das fases de inquirição.

¹¹⁶ Mais informação sobre as populações-alvo, nomeadamente os cursos e os anos frequentados pelos inquiridos e as respectivas instituições de ensino, pode ser encontrada no Capítulo 3.

Quadro 50: Caracterização das amostras nas diferentes fases de inquirição

Fases	Sexo		Nível de ensino		Naturalidade			Total
	Mascu- lino	Feminino	Secun- dário	Univer- sitário	Portugal		Outros países	
					Algarve	Fora do Algarve		
D	7 29,2%	17 70,8%	0 0,0%	24 100,0%	3 12,5%	15 62,5%	6 25,0%	24
E	24 42,9%	32 57,1%	0 0,0%	56 100,0%	15 27,3%	27 49,1%	13 23,6%	56
F1	57 45,6%	68 54,4%	0 0,0%	125 100,0%	40 32,8%	67 54,9%	15 12,3%	125
F2	41 41,0%	59 59,0%	100 100,0%	0 0,0%	82 82,0%	11 11,0%	7 7,0%	100
Total	129 42,3%	176 57,7%	100 32,8%	205 67,2%	140 46,5%	120 39,9%	41 13,6%	305

Na Fase B regista-se um desequilíbrio entre sexos que se esbate nas fases ulteriores, verificando-se, no entanto, sempre preponderância de inquiridos do sexo feminino (58% para 42%).

A variável escolaridade indica o nível de ensino frequentado pelos inquiridos (secundário ou universitário), sem discriminar os anos de escolaridade frequentados; para além de veicular a componente escolarização, esta variável reflecte ainda a idade dos respondentes, uma vez que os inquiridos universitário são, em média, cerca de 3 anos e meio mais velhos que os alunos do secundário¹¹⁷. A maioria dos inquiridos que frequentam o ensino universitário não é natural do Algarve; o mesmo já não se verifica com os inquiridos do ensino secundário, maioritariamente algarvios; existe, assim, uma forte associação entre as variáveis naturalidade e nível de ensino ($\phi = 0,45$; $p \leq 0,001$) que deverá ser levada em conta sempre que se analise o padrão de respostas em função destas duas variáveis. Ainda relativamente à naturalidade, será de referir que os inquiridos naturais de Portugal provém de todos os distritos do país (Quadro 51), e maioritariamente do Algarve (47%) e de Lisboa (14%); cerca de 14% são naturais de outros países, destacando-se os países africanos de expressão portuguesa (6%).

¹¹⁷ A média etária do inquiridos do ensino secundário é 17,7 anos (91% tem menos de 21 anos), sendo a dos do ensino universitário 21,1 (92% tem menos de 26 anos). Esta diferença é estatisticamente significativa ($t = 9,46$; $p \leq 0,001$).

Quadro 51: Distribuição dos respondentes segundo a naturalidade

Naturalidade		N	%
Portugal	Aveiro	2	0,7
	Beja	9	3,0
	Braga	7	2,3
	Bragança	2	0,7
	Castelo Branco	5	1,7
	Coimbra	4	1,3
	Évora	2	0,7
	Faro	140	46,5
	Guarda	5	1,7
	Leiria	6	2,0
	Lisboa	43	14,3
	Portalegre	2	0,7
	Porto	2	0,7
	Santarém	7	2,3
	Setúbal	11	3,7
	Viana do Castelo	5	1,7
	Vila Real	1	0,3
	Viseu	2	0,3
	Funchal	4	1,3
	Horta	1	0,3
Outros países	África do Sul	1	0,3
	Alemanha	4	1,3
	Angola	15	5,0
	Austrália	3	1,0
	Brasil	1	0,3
	França	11	5,0
	Moçambique	4	1,3
	Venezuela	1	0,3
	Zimbabwe	1	0,3
	Total	301	100,0
Não respostas	4	1,3	

B. Portugal e Ser Português

Neste ponto, apresentam-se os elementos directamente atribuídos pelos inquiridos a Portugal e ao ser português, e também elementos de caracterização e avaliação do sentimento nacional e da nacionalidade

portuguesa indirectamente obtidos nas respostas a diferentes perguntas sobre esta temática.

Em primeiro lugar, analisam-se as respostas espontâneas (perguntas de evocação), que foram objecto de análise de saliência, e em seguida as respostas mais elaboradas (discurso), resultantes de perguntas estruturadas ou semi-estruturadas.

Portugal...

País. Pátria. Pequeno. Meu país. Mar.

*Amizade. Esperança. Paz. Sonho.*¹¹⁸

Quadro 52: Portugal

Nº da pergunta	Conteúdo	Total de inquiridos	Total de respondentes
P01	Portugal	305	305 (100,0%)
P12	O que é Portugal para si?	305	301 (98,7%)
P13	Em seu entender, o que é que mais representa Portugal?	249	239 (96,0%)

O encontro com a palavra Portugal constituiu o primeiro instante da abordagem temática feita aos inquiridos, então solicitados a indicar, através de associação livre, o que esta palavra lhes evocava (P01). Seguiram-se-lhe dois outros momentos, com perguntas estruturadas, em que se visava obter conteúdos da relação pessoal com Portugal (P12) e identificar a que tipo de emblemas nacionais recorriam os respondentes (P13). Apresentam-se em seguida os aspectos considerados mais relevantes em cada passo desta abordagem.

¹¹⁸ Tal como se vai repetir com outros assuntos, inicia-se a apresentação dos mesmos com o destaque de alguns tipos de resposta. Em certos casos, como no presente, citam-se primeiramente itens ou frases mais frequentes (primeiro grupo de itens), seguidos de expressões pouco frequentes, de conteúdo mais idiossincrático (segundo grupo citado); noutros casos, cita-se apenas este último tipo de resposta.

1. Associações à palavra Portugal - análise de saliência

A pergunta em análise foi feita a 305 indivíduos, tendo-se obtido maioritariamente uma resposta simples. No entanto, em mais de 30% dos casos a palavra Portugal evocou respostas com vários elementos, chegando alguns respondentes a associar a Portugal cinco ou mais itens ¹¹⁹.

Desagregadas as respostas compostas por mais de um elemento, obteve-se um total de 479 itens evocados para a palavra *Portugal*, dos quais apenas 166 são diferentes, o que indicia um nível de riqueza no *corpus* total de 0,347 (107 itens ocorreram com frequência 1).

Amostra total

O Quadro 53 apresenta os 20 elementos que ocorreram com frequência mais elevada na amostra total, excluindo aqueles que foram referidos por menos de cinco respondentes e que figuram em anexo (ver Quadro III.1, Anexo III).

As respostas mais frequentes, *País* e *Pátria*, foram ambas referidas por mais de 12% dos inquiridos; ainda destacadas, posicionam-se as respostas *Pequeno* e *Meu país*. Ao identificarmos os seus autores, podemos concluir que 109 respondentes (35,7%) referiram pelo menos uma destas quatro, o que, segundo o critério de frequência, as investe, comparativamente, de uma maior representatividade. Por outro lado, estas quatro respostas agrupam 26,5% do *corpus* total e, anunciam a avaliação, a descrição e a ligação pessoal como categorias principais de resposta. No que respeita à ligação pessoal, para além dos itens *Meu país* e *Minha pátria* apresentados no Quadro 53, o possessivo *meu/minha* foi ainda usado em *Meu povo*, *Minha terra*, *Minha nacionalidade* ou tão só *Meu*, sendo referido por um total de 9% dos respondentes. Com os 20 elementos indicados no Quadro 2 está reunida mais de metade da totalidade das respostas obtidas (55%).

¹¹⁹ O número de itens associados à palavra Portugal apresentou a seguinte distribuição: 207 respostas simples (67,9%) com um item; 44 respostas (14,4%) com dois itens; 38 (12,5%) com três itens; 12 (3,9%) respostas com quatro itens e 4 (1,4%) respostas com cinco ou mais itens.

Quadro 53: Itens mais frequentemente associados a Portugal ¹²⁰

Portugal... (P01)	N	Respondentes (%)	Itens (%)
País	42	13,8	8,8
Pátria	39	12,8	8,1
Pequeno	27	8,9	5,6
Meu país	19	6,2	4,0
Mar	16	5,2	3,3
Nação	16	5,2	3,3
Praias	16	5,2	3,3
Sol	12	3,9	2,5
Descobrimientos	11	3,6	2,3
Bonito	9	3,0	1,9
Em desenvolvimento	8	2,6	1,7
Bom país	7	1,7	1,5
Paz	6	2,0	1,3
Pobreza	6	2,0	1,3
Atrasado	5	1,6	1,0
Beira mar	5	1,6	1,0
Casa	5	1,6	1,0
Lindo	5	1,6	1,0
Minha pátria	5	1,6	1,0
Onde nasci	5	1,6	1,0
Total	264		55,1

Relativamente às palavras mais associadas a Portugal, foi encontrada a mesma ordenação que a registada por nós para as duas palavras mais frequentes – *País*, *Pátria* – num estudo realizado em 1988 por iniciativa do Instituto de Defesa Nacional (1989) e em colaboração com o Instituto de Ciências Sociais (Cruz, 1989, p. 53). A propósito desta comparação importará assinalar a diferença de procedimentos e de constituição das respectivas amostras. Por um lado, no nosso caso tratou-se de um resultado de associação livre, enquanto que no estudo em causa os inquiridos respondiam a uma pergunta fechada escolhendo entre cinco respostas disponíveis. Por outro lado, os cidadãos inquiridos em 1988 não foram apenas jovens, distribuindo-se de forma equilibrada por diferentes escalões etários.

¹²⁰ Nos quadros em que figuram os elementos mais frequentes do *corpus* total associado a uma pergunta de resposta aberta ou de evocação seguiu-se sempre o mesmo critério de apresentação: frequência de cada elemento no *corpus* (N), percentagem de respondentes que indicaram esse elemento (% respondentes) e frequência relativa dos elementos no *corpus* (% itens).

Subamostras por sexo

A amostra masculina apresenta maiores níveis de ocorrência para *Pátria* seguida de *País*, enquanto que na amostra feminina a ordem é inversa. O recurso a *Meu país*, *Bonito*, *Paz* e *Onde nasci* é preferencialmente das mulheres. Estas preferências, tal como a masculina para *Em desenvolvimento*, são estatisticamente significativas (Quadro 54).

Quadro 54: Itens mais frequentemente associados a Portugal ¹²¹

Portugal... (P01)	Amostra total (%)	Subamostra do sexo masculino		Subamostra do sexo feminino		Signif. estatística
		N	%	N	%	
País	13,8	19	14,6	23	13,1	n.s.
Pátria	12,8	20	15,4	19	10,9	n.s.
Pequeno	8,9	10	7,7	17	9,7	n.s.
Meu país	6,2	3	2,3	16	9,1	p ≤ 0,05
Mar	5,2	9	6,9	7	4,0	n.s.
Nação	5,2	9	6,9	7	4,0	n.s.
Praias	5,2	7	5,4	9	5,1	n.s.
Sol	3,9	6	4,6	6	3,4	n.s.
Descobrimentos	3,6	4	3,1	7	4,0	n.s.
Bonito	3,0	2	1,5	7	4,0	*p ≤ 0,1
Em desenvolvimento	2,6	6	4,6	2	1,1	*p ≤ 0,1
Bom país	1,7	3	2,3	4	2,3	n.s.
Paz	2,0	1	0,8	5	2,9	*p ≤ 0,1
Pobreza	2,0	2	1,5	4	2,3	n.s.
Atrasado	1,6	2	1,5	3	1,7	n.s.
Beira mar	1,6	2	1,5	3	1,7	n.s.
Casa	1,6	2	1,5	3	1,7	n.s.
Lindo	1,6	1	0,8	4	2,3	n.s.
Minha pátria	1,6	2	1,5	3	1,7	n.s.
Onde nasci	1,6	0	0,0	5	2,9	*p ≤ 0,1

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

Sem atingirem significância estatística, observam-se algumas diferenças entre estas subamostras. No que respeita à subamostra feminina, destacam-se as preferências por *Pequeno*; na subamostra masculina, são de

¹²¹ Nos quadros referentes aos *subcorpora* obtidos junto de cada subamostra seguiu-se o seguinte critério: os itens apresentados são os expostos no quadro relativo à amostra total e ordenados de acordo com a frequência de respondentes que os referiu nessa amostra (% amostra total); em seguida, é indicada a frequência (N) desses elementos em cada *subcorpus* e a percentagem de inquiridos que os empregou (%); apresenta-se, finalmente, o nível de significância estatística alcançado pela comparação das frequências de ocorrência de cada elemento nas subamostras.

assinalar as preferências por *Mar* e *Nação*. Na subamostra do sexo masculino identificaram-se ainda respostas que não constam do Quadro 5 mas que surgem com frequência superior a algumas nele referidas. É o caso de *Benfica*, *Futebol*, *História* e *Turismo*, referidas por 4 respondentes do sexo masculino e por nenhum respondente feminino.

Subamostras por nível de escolaridade

Entre as subamostras definidas por escolaridade, a principal diferença consiste no facto dos estudantes universitários associarem preferentemente *Pátria* a Portugal enquanto que os estudantes do ensino secundário lhe associam sobretudo *País*. Outras diferenças estatisticamente significativas se registaram: a preferência universitária por *Mar*, *Sol*, *Descobrimientos*, *Bonito*, *Em desenvolvimento*, *Paz*, *Pobreza* e *Casa* e a preferência dos estudantes do ensino secundário por *Atrasado* (Quadro 55).

Quadro 55: Itens mais frequentemente associados a Portugal

Portugal... (P01)	Amostra total (%)	Subamostra do ensino secundário		Subamostra do ensino universitário		Signif. estatística
		N	%	N	%	
País	13,8	20	20,0	22	10,7	$p \leq 0,05$
Pátria	12,8	5	5,0	34	16,6	$p \leq 0,01$
Pequeno	8,9	8	8,0	19	9,3	n.s.
Meu país	6,2	3	3,0	16	7,8	n.s.
Mar	5,2	1	1,0	15	7,3	$p \leq 0,05$
Nação	5,2	6	6,0	10	4,9	n.s.
Praias	5,2	8	8,0	8	3,9	n.s.
Sol	3,9	1	1,0	11	5,4	$*p \leq 0,01$
Descobrimientos	3,6	2	2,0	9	4,4	$*p \leq 0,1$
Bonito	3,0	1	1,0	8	3,9	$*p \leq 0,05$
Em desenvolvimento	2,6	1	1,0	7	3,4	$*p \leq 0,05$
Bom país	1,7	4	4,0	3	1,5	n.s.
Paz	2,0	1	1,0	5	2,4	$*p \leq 0,1$
Pobreza	2,0	1	1,0	5	2,4	$*p \leq 0,1$
Atrasado	1,6	5	5,0	0	0,0	$*p \leq 0,01$
Beira mar	1,6	1	1,0	4	2,0	n.s.
Casa	1,6	0	0,0	5	2,4	n.s.
Lindo	1,6	2	2,0	3	1,5	n.s.
Minha pátria	1,6	1	1,0	4	2,0	n.s.
Onde nasci	1,6	2	2,0	3	1,5	n.s.

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

Subamostras por naturalidade

As subamostras por naturalidade revelam igualmente uma preferência maior por *País* e *Pátria*, sendo no entanto inversa a ordem por que estes itens são escolhidos: para os naturais do Algarve, *País* surge em primeiro lugar, enquanto que para os não algarvios é *Pátria* o item mais referido, constituindo esta uma diferença estatisticamente significativa (Quadro 56)¹²².

Outras diferenças significativas se registaram: a preferência dos não algarvios por *Sol* e *Beira-mar* e de *Em desenvolvimento*, *Bom país* e *Atrasado* e *Onde nasci* pelos algarvios.

Quadro 56: Itens mais frequentemente associados a Portugal

Portugal... (P01)	Amostra total %	Subamostra dos naturais do Algarve		Subamostra dos naturais de fora do Algarve		Signif. estatística
		N	%	N	%	
País	13,8	22	15,7	13	10,8	n.s.
Pátria	12,8	13	9,3	21	17,5	p ≤ 0,1
Pequeno	8,9	11	7,9	11	9,2	n.s.
Meu país	6,2	9	6,4	10	8,3	n.s.
Mar	5,2	5	3,6	8	6,7	n.s.
Nação	5,2	8	5,7	7	5,8	n.s.
Praias	5,2	5	3,6	10	8,3	n.s.
Sol	3,9	2	1,4	9	7,5	p ≤ 0,05
Descobrimentos	3,6	6	4,3	4	3,3	n.s.
Bonito	3,0	3	2,1	5	4,2	n.s.
Em desenvolvimento	2,6	4	2,9	0	0,0	*p ≤ 0,05
Bom país	1,7	5	3,6	1	0,8	*p ≤ 0,05
Paz	2,0	4	2,9	2	1,7	n.s.
Pobreza	2,0	2	1,4	2	1,7	n.s.
Atrasado	1,6	5	3,6	0	0,0	*p ≤ 0,05
Beira mar	1,6	1	0,7	4	3,3	*p ≤ 0,05
Casa	1,6	0	0,0	3	2,5	n.s.
Lindo	1,6	2	1,4	2	1,7	n.s.
Minha pátria	1,6	1	0,7	2	1,7	n.s.
Onde nasci	1,6	4	2,9	1	0,8	n.s.

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

¹²² Os inquiridos naturais de países estrangeiros foram excluídos desta análise por constituírem um grupo reduzido de origem muito heterogénea (41 sujeitos). As respostas mais frequentes neste grupo foram: *País* (N=7), *Pequeno* (N=5), *Pátria* (N=4), *Beira-mar*, *Casa*, *Em desenvolvimento*, *Mar* e *Pobreza* (N=3). Saliente-se que nenhum inquirido deu a resposta *Meu país* e apenas um referiu *Minha pátria*. Parece existir aqui, em comparação com as outras subamostras, uma preferência mais clara pela resposta *País* e *Pequeno* relativamente a *Pátria*.

2. Portugal, fragmentos de um discurso

*Pátria. O país com mais afecto dos povos de todo o mundo.
Meu país. O país mais belo. Conjuga beleza natural com
a beleza natural dos portugueses.
Pequeno. Meu amuleto de sorte.*

Depois de ter evocado Portugal por associação livre e de por diversas vezes o respondente ter sido instado a desenvolver o seu pensamento sobre outros assuntos, volta a ser-lhe pedido que considere Portugal através da pergunta: *o que é Portugal para si?* (Quadro 52, P12). A comparação das respostas às duas perguntas evidencia alguns aspectos interessantes.

Evocação-discurso: congruência das respostas

Um primeiro aspecto que ressalta da comparação entre evocação e discurso é o nível de congruência observado no padrão individual de resposta (Quadros 57 e 57a).

Quadro 57: Portugal, evocação e discurso

Evocação <i>Portugal...</i> (P01)	Discurso <i>O que é Portugal para si?</i> (P12)
1 - País	O pobre país da Europa onde por azar vivemos, já que existem tantos países ricos na Europa.
2 - Meu país	Pequeno em tamanho, grande em cultura, paz e simplicidade.
3 - Dos portugueses e mais alguns	Um jardim à beira mar plantado, com algumas flores a apodrecer.
4 - Portugueses	Loulé, porque apesar de não gostar de Portugal gosto da minha terra e essa é a única coisa que gosto de Portugal.
5 - Pequeno, variado, histórico, claro-escuro	Bonito, interessante, variado, com boas surpresas a cada esquina.
6 - País	País que represento.
7 - Pátria	Um paraíso no meio da confusão do mundo.
8 - Rectângulo à beira-mar	País que deu mundos ao mundo, com história com grandes vitórias.
9 - Em desenvolvimento	País simpático, em desenvolvimento, devia ser mais ambicioso, aventureiro e corajoso.
10 - País à beira-mar plantado	Um país muito bonito, cheio de gente bonita e agradável de conhecer.

Quadro 57a: Portugal, evocação e discurso (continuação)

Evocação <i>Portugal...</i> (P01)	Discurso <i>O que é Portugal para si?</i> (P12)
11 - Portugal	Um pedaço de terra muito engraçado.
12 - País	O meu país, não gostava de ter nascido noutra.
13 - Um país de sol	País cheio de sol, onde tive a felicidade de nascer. País com tradições e fronteiras muito antigas. Temos muitas coisas que deveríamos preservar.
14 - Mar	Terra bela, maus habitantes.
15 - Sonho	O meu país.
16 - Chão comum	O país onde nasci e que estou a ver quase morrer.
17 - Oásis, sucesso, insucesso	Um oásis mas não o do governo e será melhor país quando se conseguir que haja menos cunhas e que os políticos não o sejam.
18 - Um paraíso à beira da ruptura	Uma “ilha” porque é único na sua maneira de ser.
19 - País, o meu país	O meu país, pequeno, simpático, acolhedor, de povo demasiado comodista, pouco competitivo, pouco civilizado, pouco educado.
19 - País	País que represento.
20 - Pobreza	Atraso de vida. Devia estar mais desenvolvido.
21 - País pobre	País pobre de riquezas económicas mas rico de calor humano.
22 - Pátria	Amizade, sentimentos, acolhimento.
23 - Paz	O canto da Europa que vai deixar de ser sossegado quando vierem para cá os estrangeiros estragar tudo.
24 - Belo sítio	A minha casa, o meu castelo, a minha fortaleza. A Terra de Portugal está entranhada na minha pele e o seu sangue escorre pelas minhas veias.
25 - País pobre, membro da CEE	O país mais bonito do mundo, com mais liberdade pessoal, país tranquilo.
26 - Turismo	É liberdade, sol, praia, esperança, amizade, segurança.

Por um lado, não se registaram casos em que uma evocação de conteúdo positivo no primeiro momento passe a ter conteúdo negativo no segundo. Por outro lado, observa-se que respondentes que no primeiro momento fazem um reconhecimento circunscrito, de categorização geral,

no segundo momento tendem a manifestar um reconhecimento personalizado (por exemplo, Quadro 57, citação 1); em certos casos, a segunda resposta sobre Portugal tende não só para o reconhecimento individualizado como para uma proximidade afectiva mais acentuada e indiciadora de um sentimento nacional positivo (por exemplo, Quadro 57, citações 2 e 13).

Avaliação, descrição e ligação pessoal na enunciação de Portugal

Em consequência das categorias identificadas nas respostas à pergunta de associação livre, procedemos à codificação das respostas agora obtidas segundo *descrição, avaliação, ligação pessoal* (Quadro 58).

Para menos de um terço de respondentes (28,9% dos casos), não foi contudo possível aplicar esta grelha, sendo as respectivas respostas remetidas para a categoria *outro*. Os valores encontrados revelam que a avaliação predomina nos conteúdos de representação de Portugal, e que, entre estes, se destaca inequivocamente a avaliação positiva.

3. A simbólica nacional na representatividade de Portugal

Descobrimentos. História. Bandeira.

*A maneira peculiar que o português tem para se entender com outros povos.
As nossas lágrimas derramadas em tantos cais e navios.*

Escolher, afinal, sempre é tarefa difícil... Se as duas perguntas anteriores revelaram um discorrer fácil sobre Portugal, tal não aconteceu perante *aquilo que mais representa Portugal* (P13). Esta pergunta delimita naturalmente a enunciação e alguns inquiridos evidenciaram sinais de desagrado para com esta escolha restrita. Que destacar a propósito de um objecto que, muitos deles, como se acabou de ver, tinham exaustivamente enunciado? Das três perguntas sobre Portugal (Quadro 52), é nesta que aumentam as não respostas (observaram-se 10 não respostas e 1 resposta “não sei”), e, noutros casos, registam-se respostas que são afinal indirecta recusa em responder, como nos casos em que se diz: “*não há só uma coisa*” (no Quadro III.2, Anexo III, apresenta-se a totalidade das respostas obtidas).

Quadro 58: Avaliação, descrição e ligação pessoal: distribuição percentual respostas ilustrativas da enunciação de Portugal (P12)

Resposta descritiva	Resposta avaliativa		Resposta de ligação pessoal
	positiva	negativa	
N = 34 (11,3%)	N = 111 (36,9%)	N = 11 (3,7%)	N = 58 (19,3%)
Mar. Pátria. Pátria dos meus pais. País onde eu vivo. Onde eu moro. A pátria, o local onde nasci e moro. Pequeno. Um país.	Um país acolhedor, simpático, mas explorado em certos recursos económicos. É alegre. Cantinho maravilhoso... ainda se pode respirar em Portugal. Um país bonito, com uma história interessante e com boas pessoas. Provavelmente o melhor país para se viver. Muita beleza. País onde me sinto bem. Mar de rosas. Um país maravilhoso, não pela paisagem em si mas também pelo vibrar das suas gentes no dia a dia.	Limitado em diversos sectores. Muitas carências. Um país poluído e politicamente instável onde as pessoas gostam pouco da política. País pequeno que devia estar mais bem organizado em todos os aspectos. Pátria, habitat, mau ambiente. Buraco sem fundo. Campo, clima ameno, chato.	Lugar diferente de todos os outros, onde me sinto bem. O meu país, país pelo qual eu era capaz de chorar. Maravilhoso. É meu e está tudo dito! É onde me sinto em casa, pelo qual era capaz de dar a própria vida. País maravilhoso para se viver, basta não haver guerra. Meu país, minha pátria, minha língua, minha terra. É para mim o Mundo concentrado num só espaço. Cantinho da Europa. Grão de areia. Meu. A minha casa. O melhor. Tudo.

A importância do passado e da acção histórica

A pergunta que estamos a analisar visava ampliar o campo de representação de Portugal e, em certa medida, permitir hierarquizar alguns dos elementos constituintes da sua imagem. Admitia-se que na resposta à mesma os inquiridos recorressem preferencialmente à simbólica nacional como expressão de maior representatividade de Portugal. Desta simbólica esperava-se que fossem indicados diferentes *emblemas nacionais*. Como critério de *emblema nacional* tinha-se em conta a definição apresentada por Dubois: “le drapeau, l’hymne national, la devise et le livre des adages,

l'animal ou l'object-fétiche et encore d'autres signes de reconnaissance” (Dubois, 1991, pp.31-48).

Em parte, aconteceu o que se previra, foram efectivamente referidos vários emblemas nacionais, como se pode observar a seguir (Quadro 59). No entanto, a indicação emblemática de maior representatividade nacional, os *Descobrimientos*, remete-nos mais para aspectos concretos da acção de Portugal (dos Portugueses) que para elementos de simbologia formal. Tratando-se, de uma complexa série de acontecimentos – extraordinários sem dúvida e por isso tornados *emblemáticos* –, a referência à Aventura Marítima dos Portugueses durante os séculos XV e XVI comporta uma dimensão simbólica diferente da que faz da bandeira nacional um símbolo de Portugal.

Quadro 59: Simbólica nacional e representatividade de Portugal

Aquilo que mais representa Portugal (P13)	N	Respondentes (%)	Itens (%)
Descobrimientos	48	20,2	13,4
História	15	6,3	4,2
Bandeira	13	4,9	3,6
Fado	12	5,0	3,4
Praias	12	5,0	3,4
Clima	11	4,5	3,1
Os Portugueses	11	4,6	3,1
Vinho do Porto	11	4,6	3,1
Cultura	10	4,2	2,8
Língua portuguesa	8	3,4	2,2
Povo	8	3,4	2,2
Monumentos	7	2,9	2,0
Paisagens	7	2,9	2,0
Passado	7	2,9	2,0
Algarve	6	2,5	1,7
Benfica	5	2,1	1,4
Comida	5	2,1	1,4
Lisboa	5	2,1	1,4
Mário Soares	5	2,1	1,4
Sol	5	2,1	1,4
Tradições	5	2,1	1,4
Total	216		60,3

A representatividade dos aspectos étnicos

Para além da importância genérica atribuída ao passado, quer no conjunto das respostas mais frequentes, quer na totalidade das respostas, observa-se a tendência em atribuir a maior representatividade de Portugal aquilo que poderemos designar mais como *acontecimentos* emblemáticos de cariz étnico que *emblemas nacionais* propriamente ditos.

Como emblemas de cultura nacional foram referidos somente três elementos, num total de 15 citações: *bandeira* (13), *escudo* e *hino nacional* (uma citação cada); dois outros elementos – *galo de Barcelos* (4) e *Os Lusíadas* (2), embora possam ser considerados emblemas nacionais, não deixam de ser sobretudo elementos de raiz étnica, os quais, conjuntamente com a indicação de características dos Portugueses ¹²³, realçam a componente étnica na representação de Portugal. A *Bandeira*, inequívoco emblema nacional na simbólica dos estados modernos, sendo efectivamente mencionada, surge em posição muito inferior aos *Descobrimientos* e ao nível de vários elementos de natureza cultural e geográfica. Tal como na pergunta de associação livre P01, a dimensão território (*praias, clima*) e a dimensão colectividade humana reaparecem entre os elementos escolhidos como representativos de Portugal: produtos alimentares (*vinho do Porto*) e os próprios *portugueses* e a sua *história* e cultura material e espiritual (*fado, Benfica, monumentos, cultura, comida, língua*).

Num estudo anterior sobre a juventude portuguesa e de âmbito nacional ¹²⁴, Idalina Conde refere que se registou entre os jovens inquiridos “um claro afastamento face aos rituais tradicionais e emblemáticos da ‘Pátria’”. Sobre este afastamento, acrescenta que do mesmo não se deverá deduzir “a ausência de atitudes nacionalistas” ¹²⁵, mas tão só a transferência dos símbolos nacionais “para a esfera dos desafios e dos

¹²³ Relativamente à representatividade de Portugal através dos Portugueses e suas características encontraram-se os seguintes itens: *alegria, amabilidade, amizade, amor, aventura, convívio, espírito conquistador, experiência, ganância, liberdade, paz, piedade (país com piedade com os outros), resistência, saudade, sentimento (o seu povo com sentimento), simpatia e simplicidade*.

¹²⁴ Referimo-nos ao inquérito “A Juventude Portuguesa: Situações, Problemas, Aspirações” realizado em 1986-87 pelo Instituto de Ciências Sociais.

¹²⁵ No contexto terminológico da autora, estas atitudes nacionalistas não se inscrevem na oposição nacionalismo/identidade nacional, constituindo atitudes que decorrem da existência de um sentimento nacional positivo.

desempenhos concretos do país (...) visando a projecção externa de Portugal” (Conde, 1989, pp. 23, 26, 33), no que se poderá entender como uma maior representatividade atribuída a Portugal enquanto expressão concreta de uma comunidade humana, aproximando-se tal interpretação da que igualmente registámos.

Ser português...

Bom. O melhor. Altamente! Gostar de o ser.

Ter na alma a língua portuguesa.

Identificar-se com a cultura deste povo tão antigo.

Ter pena de não ser de um país mais desenvolvido.

Fado, vida, abraço amigo, cavalos e campo, tourada.

Uma complicação.

Uma arte.

Elogio.

Quadro 60: Ser português: cidadania, sentimento nacional, nacionalidade

Nº da pergunta	Conteúdo	Total de inquiridos	Total de respondentes
P03	Ser português	305	299 (98,0%)
P07	Considera-se português? Porquê? (indique três motivos)	225	209 (92,9%)
P08	Gosta de ser português? Porquê? (indique três motivos)	225	223 (99,1%)
P09	Gostaria de ter nascido noutra país? Qual? Porquê?	249	216 (86,7%)
P14	Ser português do Minho ou do Algarve é a mesma coisa que ser português de qualquer outra parte de Portugal?	249	246 (98,8%)
P15	Acha que se pode deixar de ser português?	225	224 (99,6%)

Entre as perguntas-estímulo para associação livre, poderá considerar-se uma das que mais directamente solicitava o respondente a construir uma resposta personalizada (P03). Pela nossa parte esta pergunta continha uma

intencionalidade múltipla, em consequência da qual se esperava o seguinte: obter requisitos que os respondentes considerassem necessários para ser português, nomeadamente itens de cidadania; recolher, eventualmente, alguns itens de caracterização dos Portugueses; registar primeiras impressões quanto ao agrado ou desagrado dos inquiridos com a sua nacionalidade. As associações realizadas pelos respondentes corresponderam à nossa expectativa, como se irá ver.

1. Associações à expressão “ser português”

Os 299 respondentes associaram à expressão “ser português” um total de 363 itens, dos quais 155 são diferentes, o que corresponde a 0,426 do índice de riqueza (118 itens ocorreram com frequência 1).

Análise de saliência

Entre os itens mais frequentes para “ser português” figuram *bom e orgulho*, congregando mais de um terço dos respondentes, no que se expressa uma predominante avaliação positiva (Quadro 61). Se lhe juntarmos as respostas menos frequentes (ver Quadro III.3, Anexo III), em que surgem itens como *feliz, sorte*, a avaliação positiva apresenta-se ainda mais forte.

Quadro 61: Itens mais frequentemente associadas a “ser português”

Ser português... (P03)	N	Respondentes (%)	Itens (%)
Bom	64	21,4	17,6
Orgulho	45	15,1	12,4
O melhor	12	4,0	3,3
Patriota	11	3,7	3,0
Viver em Portugal	9	3,0	2,5
Nascer em Portugal	9	3,0	2,5
Honra	9	3,0	2,5
Gostar de ser	5	1,7	1,4
Gostar de Portugal	5	1,7	1,4
Eu	5	1,7	1,4
Total	174		47,9

Avaliação e descrição de “ser português”

À semelhança do que se fizera na análise das respostas sobre Portugal, procurámos observar em que medida os inquiridos recorriam a respostas de descrição e de avaliação.

Consideraram-se respostas de *descrição* aquelas que na evocação a “ser português” descrevessem efectivamente tal existência e em que não figurassem elementos avaliativos. Subdividiu-se a descrição em três subcategorias: ‘definição por cidadania’, compreendendo as respostas que evocassem aspectos formais como *nascer* ou *viver em Portugal*; ‘definição por ligação pessoal’, compreendendo respostas como *lutar* ou *esforçar-se por Portugal*; ‘definição por características nacionais’, incluindo as respostas que atribuíam características aos Portugueses, como *marinheiros*, *serem crédulos...* Relativamente à avaliação consideraram-se igualmente três subcategorias: avaliação positiva, negativa e ambígua. As respostas que não puderam ser classificadas como ‘avaliação’ ou ‘definição’ foram agrupadas na categoria ‘outra’ (exemplos: *nós*, *arte*, *ser o que somos*).

Satisfação, condição mais importante

No conjunto das respostas identificaram-se as três componentes esperadas: cidadania, características nacionais, sentimento nacional. Assim, como requisitos necessários para ser português foram referidos elementos afectivos (definição por ligação pessoal) e elementos de naturalidade ou residência (definição por cidadania), respectivamente por 11% e 5% dos respondentes, sendo igualmente indicados (10%) alguns itens de caracterização dos Portugueses (definição por características nacionais).

Na comparação avaliação-descrição, observa-se o predomínio da avaliação sobre a descrição, respectivamente 44% e 26%, tratando-se maioritariamente de uma avaliação positiva, no que se poderá considerar o factor satisfação pessoal como preponderante entre os inquiridos para definição do ser português (Quadro 62). A opção dos inquiridos por cada uma das três modalidades de resposta apresentadas não se encontra associada de forma estatisticamente significativa às variáveis caracterizadoras da amostra (sexo, escolaridade e naturalidade).

Quadro 62: Ser português: avaliação e descrição

Ser Português... (P03)	N	Respondentes (%)	Itens (%)
Avaliação	158	52,8	43,5
Avaliação positiva	132	44,1	36,4
Avaliação ambígua	14	4,7	3,8
Avaliação negativa	12	4,0	3,3
Descrição	94	31,5	25,9
Definição por ligação pessoal	38	12,7	10,5
Definição por características nacionais	37	12,4	10,2
Definição por cidadania	19	6,4	5,2
Outra	47	15,7	12,9
Total	299	100,0	

Ser português é *sentir alguma coisa* e que é *boa* – esta seria uma definição resultante quase a impor-se. Poderá considerar-se que esta pergunta foi excepcionalmente bem acolhida pelos respondentes. Quer entre as perguntas iniciais, quer ao longo de todo o questionário, ela surge como uma das que maior possibilidade terá oferecido a grande número de inquiridos para encontrarem uma resposta que queriam dar e gostavam de dar. Uma das respondentes resume exemplarmente aquilo que queremos dizer ao responder apenas: “É bom sê-lo e dizê-lo”¹²⁶.

2. Ser português, considerar-se e gostar de ser: discurso sobre nacionalidade e sentimento nacional

As três perguntas que se vão apresentar em seguida pretenderam recolher um discurso mais estruturado sobre o ser português, diferentes concepções de nacionalidade e sentimento nacional. Primeiramente, pediu-se aos inquiridos um reconhecimento explícito da sua cidadania, através da pergunta “Considera-se português?” (P07), sendo-lhe em seguida solicitado que avaliassem a referida cidadania (P08: “Gosta de ser português?”) e, por fim, que admitissem e se pronunciassem sobre uma hipotética possibilidade de escolher outro país para local de nascimento (P09, Quadro 60). Segundo esta ordem passam a indicar-se os resultados obtidos.

¹²⁶ Esta expressão evoca naturalmente em nós a afirmação de Joel Serrão (que usámos, como estímulo ao gosto ou desagrado com a nacionalidade portuguesa, na Fase B de inquirição, Capítulo 6), remetendo para aspectos convergentes entre discurso erudito e discurso popular.

Reconhecimento de cidadania

Nasci em Portugal. Amo a minha terra. Gosto da nossa cultura.

Foi esta forma de viver que aprendi. Sinto-me português.

Gosto de improvisar. Sou sonhador.

Sou sentimental. Tenho esperança.

Uma larga maioria de inquiridos reconhece-se na cidadania portuguesa mas não a totalidade. Enquanto 197 respondentes (94,3%) se consideram portugueses, uma pequena minoria divide-se entre não saber (7 respondentes, 3,3%) e não se considerar efectivamente português (5 respondentes, 2,4%). Para estes posicionamentos não se registaram diferenças estatisticamente significativas relacionadas com as variáveis estratificadoras da amostra.

A pergunta em apreciação incluía ainda a explicitação dos motivos para se considerar ou não Português. Apesar de se solicitar aos inquiridos a indicação de três motivos justificando a respectiva resposta, nem todos o fizeram: uma parte apresentou apenas dois motivos, enquanto outra, mais pequena, referiu mais do que três. Em consequência, optámos por categorizar apenas os motivos indicados em primeiro lugar, recorrendo, pontualmente à análise dos restantes, como se irá expor.

O critério empregue para categorizar o conjunto das respostas foi a classificação dos motivos apresentados como ‘motivos formais/legais’, sempre que faziam apelo à cidadania, e como ‘motivos informais/circunstanciais’ quando eram indicados outros motivos, tais como a pertença nacional (subjectiva) ou a conformidade (*posse*) com as características nacionais.

Entre os respondentes que declaram considerar-se Portugueses predominam motivos *formais* (58%) – *nascer* ou *morar/viver*, embora o recurso a motivos informais – *ter características dos Portugueses*, *falar português*, *gosto/orgulho* – seja elevado (42% dos inquiridos, Quadro 63). No que respeita às variáveis estratificadoras da amostra, apenas a naturalidade exerce um efeito significativo neste padrão geral de resposta: os algarvios mostram maior tendência para darem respostas formais, enquanto que os naturais de outros países referem, proporcionalmente, mais motivos informais ($\phi = 0,24$; $p \leq 0,01$).

Quadro 63: Fundamentos para se considerar português (P07)

Motivos	N	Respondentes (%)
Motivos formais/legais	115	58,4
Nascer	108	54,8
Posse (legal) de nacionalidade portuguesa	5	2,5
Ter pais portugueses	2	1,0
Motivos informais/circunstanciais	82	41,6
Ter características/comportamentos portugueses	22	11,2
Falar português	14	7,1
Gosto/orgulho	12	6,1
Morar/viver em Portugal	11	5,6
Patriotismo, pertença/respeito ao país	10	5,1
Socialização/inserção na sociedade portuguesa	8	4,1
Outra	5	2,5
Total	197	100,0

No que se refere ao não reconhecimento da cidadania portuguesa observou-se o seguinte: os motivos invocados pelos cinco respondentes que não se consideraram portugueses assentam na não identificação com características que o próprio atribui aos Portugueses (exemplo: “*sinto-me diferente dos portugueses*”, “*sou inteligente, habilidoso e não sou oportunista*”, “*não tenho espírito patriótico*”) e no não nascimento em Portugal ou na residência fora de Portugal durante algum tempo, o que, quer num caso quer noutro, vai no sentido daquilo que se observara em relação às evocações do ser português: reconhecimento de cidadania mais por adesão pessoal (gosto) que por reconhecimento óbvio (factual)¹²⁷.

Não deixará de surpreender que a posse legal da nacionalidade seja tão fracamente referida (apenas por cinco respondentes, 2,5%), enquanto que a conformidade com cultura portuguesa e integração social – *socialização, ter características portuguesa* – constam em 15,2% dos casos (Quadro 63). A análise do percurso individual dos respondentes revela mesmo um pequeno grupo que nos três motivos apresentados não inclui qualquer

¹²⁷ Relativamente aos 7 respondentes, que declaram não saber se se consideram ou não portugueses, dois deles nasceram e passaram a maior parte da vida fora de Portugal, o que tenderá a acentuar a importância do lugar do nascimento na concepção de nacionalidade. Embora não atinja níveis de significância estatística, devido talvez ao número de reduzido de efectivos do grupo de naturais de outros países, detecta-se uma tendência para os inquiridos não nascidos em Portugal darem mais justificações informais para se considerarem portugueses.

elemento formal/legal, apenas indicando para reconhecimento da sua cidadania a auto-atribuição de características portuguesas (Quadro 64).

Perante este tipo de respostas, em que a fundamentação para ser português surge fortemente associada ao *gosto* de o ser, desenha-se a possibilidade do reconhecimento da nacionalidade ocorrer principalmente por identificação social, deixando antever uma concepção étnico-localista de pátria e de cidadania.

Quadro 64: Reconhecimento da cidadania portuguesa por identificação socio-cultural (percurso individual de alguns respondentes - P07)

<i>Primeiro motivo</i>	<i>Segundo motivo</i>	<i>Terceiro motivo</i>
Acolhedora	Amiga	Preguiçosa
Identifico-me com o país	Sou sentimental	Dou valor às amizades
Gosto de improvisar	Gosto de futebol	Sou trabalhador
Sou português	Sou patriota	Sou preguiçoso
Sou resmungona	Sou faladora	Boa pessoa
Trabalhadora	Acolhedora	Simpática
Sou amigo	Gosto de ajudar os outros	Sou alegre
Sou moreno	Sou batalhador	Sou pacato
Sou tradicional em alguns aspectos	Sou uma pessoa tranquila	Sou influenciável
Simpático	Fiel	Aventureiro
Sim, amo, sou apaixonada, romântica	Canto o fado e bebo vinho com chouriça assada	Falo alto e choro quando me comovo
Gosto do mar	Gosto de comer	Gosto de conviver
Sou pacato	Aventureiro	Social
Inteligente	Habilidoso	Não sou oportunista

Expressão de sentimento nacional

Apesar de indirectamente os inquiridos terem expresso o seu agrado em serem portugueses através da pergunta anteriormente analisada, não deixaram claramente de o assumir quando tal lhes foi directamente perguntado (P08) ¹²⁸: uma larga maioria de respondentes afirma efectivamente que gosta de ser português (79,5%); 36 respondentes

¹²⁸ Poderá dizer-se que esta posição se reflecte também no número de não respostas (apenas 2). No entanto, apesarem de terem respondido à pergunta, 23 inquiridos não o fizeram de acordo com as instruções dadas, não apresentando quaisquer motivos, como se solicitava, pelo que foram excluídos da análise, baseando-se esta apenas em 200 respondentes.

(18,0%) hesitam, declarando não saber se gostam ou não de o ser, e, uma pequena minoria (5 respondentes, 2,5%) afirma não gostar de ser português.

Relativamente às variáveis estratificadoras, observaram-se algumas associações significativas. No que se refere à naturalidade, gostam mais de ser portugueses os inquiridos não algarvios; o grupo de respondentes que afirma não saber se gosta de ser português reúne quase metade dos respondentes nascidos fora de Portugal ($\phi = 0,27$; $p \leq 0,01$). Para a escolaridade desenha-se uma tendência de os estudantes do ensino secundário afirmarem não gostar de ser portugueses mais frequentemente que os universitários ($\phi = 0,15$; $p \leq 0,10$). O sexo do respondente não interfere significativamente nas respostas a esta pergunta,

Tal como anteriormente, categorizaram-se apenas os motivos apresentados em primeiro lugar. Como se pode observar, reaparecem a justificar o gosto em ser português motivos que já haviam sido referidos para considerar-se português (Quadro 65).

Quadro 65: Fundamentos para gostar de ser português (P08)

Motivos	N	Respondentes (%)
Gostar de Portugal, ter orgulho em ser português	30	18,9
Beleza de Portugal	16	10,1
Patriotismo, pertença/respeito ao país	14	8,8
País pacífico	14	8,8
Pelas características/comportamentos portugueses	11	6,9
Gostar/ter orgulho na história e cultura portuguesa	10	6,3
Ter nascido	9	5,7
Socialização, inserção na sociedade portuguesa	9	5,7
Gostar de morar/viver em Portugal	8	5,0
Língua portuguesa	5	3,1
Outra	33	20,7
Total	159	100,0

Como principais motivos para gostar de ser português surgem com o mesmo valor (19%): a) a ligação pessoal a Portugal (*gostar de*) e o *ter orgulho* em o ser; b) gosto em ser português por dois atributos de Portugal (*beleza e país pacífico*); c) gosto pela *história/cultura* nacionais, pela *socialização* e pelas *características* portuguesas.

Finalmente, as razões evocadas para não gostar de ser português baseiam-se no desagrado com a mentalidade “muito pequena” e “pouco

evoluída” dos Portugueses ou por “não gostar de Portugal”. Relativamente aos respondentes que declaram não saber se gostam de ser portugueses, é assinalável a presença de respondentes nascidos fora de Portugal.

No que respeita à expressão do sentimento nacional, Idalina Conde na discussão dos resultados a que nos referimos assinala igualmente um elevado sentimento nacional: “podemos concluir que há, entre os jovens uma forte identificação nacional: 77,4% declaram gostar do seu país, e destes 61,4% dizem gostar muito dele; as manifestações de indiferença são apenas na ordem dos 20%” (ob. cit., p. 8). Por outro lado, não sendo assinaladas fortes assimetrias no que respeita ao sentimento nacional dos jovens, é referido por esta autora que o sentimento nacional “progride em função da sua maior maturação social e formação cultural”, em que a “posse de maiores qualificações académicas tende a favorecer a adesão nacional” (ob. cit., p. 53). Trata-se de um resultado convergente com o que observámos relativamente a mais baixo sentimento nacional entre os estudantes do ensino secundário comparativamente aos estudantes universitários. Foi ainda registada alguma diferenciação regional traduzindo-se num “comportamento regionalista globalmente mais acentuado na grande zona norte do país” (ob. cit., p. 18), sem que o mesmo se opusesse ao sentimento de pertença nacional dos jovens, antes parecendo “resultar na continuidade do seu próprio enraizamento local” (ob. cit., p. 22). No nosso caso, não sendo estudado o comportamento regionalista, apenas se registou a tendência dos jovens não algarvios para um sentimento nacional mais elevado.

No estudo do Instituto de Defesa Nacional, o sentimento nacional foi também identificado como elevado para uma maioria superior à da nossa amostra (respectivamente, 89,9% e 79,5%). Neste estudo, além da “forte identidade nacional dos portugueses” foi encontrada associação entre classe social e sentimento nacional, em que um menor grau de instrução favoreceria o orgulho em ser português (Cruz, 1989, pp. 78-80). Trata-se de um resultado com sentido oposto quer ao referido por Idalina Conde no inquérito do Instituto de Ciências Sociais quer ao que se poderá inferir dos nossos resultados como atrás se referiu, em que a escolaridade mais elevada surge associada a mais elevado sentimento nacional. São ainda interessantes de comparar os resultados obtidos à pergunta sobre preferência de nascimento noutra país que não Portugal e que repetimos

nosso trabalho: os valores foram de 79,4% para a negação e 14,2% para a afirmação, enquanto que nós obtivemos valores mais baixos para a negação e bastante aproximados para a afirmação, respectivamente 57,9% e 17,6%. O desequilíbrio ocorreu com o número muito superior dos hesitantes na nossa amostra: 24,5% para 4,1% no estudo do IND.

Num terceiro estudo referente a representações identitárias dos Portugueses, cuja recolha empírica decorreu em 1992, assinala-se de igual modo um forte sentimento nacional: “os portugueses apresentam elevadas taxas de identificação nacional” (Bastos, 1995, p. 626), podendo mesmo considerar-se “um povo altamente satisfeito com a sua diferenciação identitária” (Bastos, 1994, p. 151) .

Em novo estudo do Instituto de Ciências Sociais sobre a caracterização dos jovens portugueses (Cabral e Pais, 1998), e que retoma em parte as perguntas do inquérito de há dez anos atrás, refere-se que, apesar da forte identificação com o “lugar” e a “região”, Portugal é o espaço principal de identificação para a maioria dos jovens inquiridos (42,6%), apresentando valores superiores à identificação com espaços supra e infra-nacionais (Fernandes, 1998, p. 310).

Hipotético nascimento fora de Portugal

Com o fim de, por um lado, reconfirmar as afirmações anteriormente produzidas, e por outro, avaliar a importância da pertença comunitária (étnico-territorial) no sentimento nacional, perguntou-se aos inquiridos se gostariam de ter nascido noutro país e, em caso afirmativo, quais os motivos de tal preferência (P09).

Perante possibilidade tão irrealizável os respondentes não deixaram contudo de se pronunciar. Assim, a maioria (57,9%) declarou não gostar de ter nascido noutro país, resultado que se poderia esperar face às posições anteriores; contudo, e nisso se tornam interessantes as respostas obtidas, um grupo de respondentes revela-se hesitante (53 respondentes, 24,5%), e outro, mais pequeno, afirmou a preferência por outro país para nascer (38 respondentes, 17,6%). No que se refere às variáveis estratificadoras, observa-se que os homens indicam maior preferência pela resposta afirmativa que as mulheres ($\phi = 0,20$; $p \leq 0,05$); os respondentes do ensino secundário mostram igualmente tendência para a resposta afirmativa

($\phi = 0,19$; $p \leq 0,05$); a naturalidade não interfere no padrão global de resposta.

Os países preferidos para nascer repartem-se por quatro continentes, destacando-se a Europa e o continente americano (Quadro 66).

Quadro 66: Outros países preferidos para nascer (P09)

Países	N	Respondentes (%)	Motivos
Estados Unidos da América	13	34,2	modo de vida diferente, saídas profissionais, desenvolvimento
França	6	15,8	desenvolvimento, lazer, familiares
Alemanha	4	10,5	modo de vida diferente, saídas profissionais
Itália	4	10,5	beleza, cultura, misticismo
Brasil	3	7,9	gostar dos Brasileiros e da sua maneira de viver
Inglaterra	3	7,9	desenvolvimento
Irlanda	2	5,3	semelhança com Portugal
Outros países ¹²⁹	6	15,8	
“Um outro país qualquer”	4	10,5	

Os motivos que justificam em primeiro lugar a preferência de nascer fora de Portugal são as melhores condições de vida presumidamente existentes noutros países (*desenvolvimento, outras oportunidades a nível profissional*); alguns respondentes indicam ainda motivos de ordem estética (*beleza*), e de natureza afectiva (*gostar dos Brasileiros*), ou, a própria semelhança com Portugal (!). Este último tipo de resposta é, sem dúvida, o mais surpreendente, como se fosse, e afinal alguns o referem mesmo, *para continuar a gostar daquilo que gostam ao terem nascido em Portugal*. Parece ser este o caso da Irlanda, indicada por se assemelhar a Portugal, ou “qualquer outro país”, porque, explicam, “se ama sempre o sítio onde se nasce”, ou porque, “passaria a conhecer outro país, tal como conheço Portugal”.

Idalina Conde, no estudo já referido, fala de “forte fidelidade nacional” dos jovens ao comentar uma recusa igualmente maioritária e superior à

¹²⁹ Seis respondentes referiram ainda, e apenas uma vez, os seguintes países: Austrália, Marrocos, Moçambique, Holanda, Suécia, Suíça.

registada por nós (66,9% para o Não e 5,7% para o Sim) para outros países de nascimento (Conde, 1989, pp. 239, 70-3). Quanto às preferências de hipotético nascimento, estas aproximam-se notoriamente do observado entre os nosso inquiridos: em primeiro lugar Estados Unidos da América (23,7%), seguindo-se França (12,7%), Brasil e Suíça (9,6%), Inglaterra (7,9%). Também nos estudos do IDN e de José Bastos se observou recusa em preferir outro país para nascer (respectivamente, 79,4% e 89,1%; Cruz, 1989, p. 109; Bastos, 1995, p. 626).

3. Ser Português como nacionalidade

A identificação de concepções predominantes sobre a nacionalidade portuguesa constituía o último assunto que nos interessava analisar na temática que designámos como *ser português*.

De acordo com a literatura revista, poderá admitir-se que as representações de nacionalidade se organizem em torno da pertença ou da apropriação. Enquanto pertença, as representações de nacionalidade constituem a *identidade nacional* e correspondem a uma forma de identidade colectiva em que se destaca a partilha de uma memória comum; como representações de apropriação individual (e colectiva) constituem uma forma exacerbada de identidade nacional ou *nacionalismo* (Keane, 1994, pp. 208, 212 e 219).

Aos inquiridos apresentámos duas perguntas (P14 e P15, Quadro 60), através das quais se pretendeu, por um lado, identificar as representações da nacionalidade portuguesa, por outro, observar como se distribuían estas representações (representações de identidade nacional ou de nacionalismo). Para operacionalizar esta diferenciação, introduzimos a pertença regional e a contingência (perda de nacionalidade) como possíveis critérios de distintividade.

Nacionalidade portuguesa e pertença regional

Cada região tem os seus costumes, mas no geral todos temos bom coração.

Os portugueses têm todos a mesma personalidade.

Um português é sempre português, seja qual for a província.

As características base do povo português estão na sua alma e não na região.

Todos temos qualquer coisa semelhante, o bichinho que toca cá dentro quando se fala em Portugal

À primeira das referidas perguntas “Ser português do Minho ou do Algarve é a mesma coisa que ser português de qualquer outra parte de Portugal?” (P14), os inquiridos não revelam uma concepção claramente dominante: admitem que a pertença regional influi e não influi na definição do Português, respectivamente 48% e 44%¹³⁰.

A análise das repostas justificadas mostra que, a dividir as opiniões e acentuando a pertença regional, são destacados aspectos da cultura local (23,7%) e alguns traços de caracterização psicossocial dos Portugueses (12,6%, ver Quadro 67). Os inquiridos que não reconhecem a pertença regional como determinante da diferenciação nacional recorrem a vários elementos culturais e à comum “pertença” a Portugal (8,7%) para afirmarem que há um só tipo de Português. Embora admitindo aspectos de diversidade cultural, consideram estes inquiridos que a cultura é a *mesma*, sendo variável a intensidade com que esta é vivida – “nalguns pontos do país essas características acentuam-se mais”. À intensidade também recorrem aqueles que admitem a diversidade no ser português, nomeadamente quando invocam o “orgulho em ser português”, que não será uniforme em todo o país e por isso cria distintividade. Em contrapartida, os adeptos da pertença comum delegam nesta pertença a homogeneidade que dizem existir, propondo que o pertencer e reagir de modo semelhante à entidade Portugal instaura a semelhança – “no fundo lutamos pela mesma causa: vencer em nome de Portugal”.

As variáveis estratificadoras da amostra não mostraram interferir com o padrão de resposta descrito para a globalidade da amostra.

¹³⁰ Das 246 respostas válidas obtidas, 118 foram negativas (48,0%) e 108 positivas (43,9%); 20 respondentes optaram pelo *não sei* (8,1%). Entre os inquiridos que responderam afirmativamente, 92 apresentaram justificação para a sua resposta; dos que responderam negativamente apenas 3 não justificaram a resposta. A informação apresentada no Quadro 67 refere-se aos “sim” e “não” justificados (total de 207 respondentes).

Quadro 67: Pertença regional e semelhança nacional (P14)

Semelhança nacional	N	Respondentes (%)
Sim, por...	92	44,4
língua comum	9	4,3
mesma cultura/personalidade	9	4,3
nascer em Portugal	6	2,9
fazer parte/pertencer a Portugal	18	8,7
é sempre português / defende Portugal	21	10,1
outros motivos ¹³¹	29	14,0
Não, por...	115	55,6
falares diferentes	8	3,9
diferenças de cultura local	49	23,7
diferente orgulho de ser português	5	2,4
diferentes características psicossociais	26	12,6
outros motivos	27	13,0
Total	207	100,0

Deixar de ser português: contingência versus imanência

Não. É a nossa cultura, nascemos portugueses, morremos portugueses.

Não. Mesmo que se mude de nacionalidade, no fundo continua a ser português.

Não. Um papel não pode nunca mudar as raízes e o que está na nossa alma.

Não, ser português é algo muito profundo.

Não, porque uma vez sentido ser português é-se português para sempre.

Sim, deixando de amar o país.

Sim, uma pessoa que não gosta de Portugal, emigre e consiga estabelecer-se noutra país e que não tenha nada que a ligue a Portugal.

Sim, mudando a nacionalidade.

Se as respostas à pergunta anterior sugerem uma tendência em conceber a nacionalidade portuguesa como forma de pertença comunitária de base regional, as respostas à pergunta “Acha que se pode deixar de ser português?” (P15) parecem confirmar tal tendência. Em relação a esta

¹³¹ Em “outros motivos” considerou-se a referência à legislação e ao governo (um respondente em cada caso), o que evidencia novamente a pouca importância que os inquiridos parecem atribuir ao aspecto administrativo-legal na definição de nacionalidade.

pergunta, os respondentes estão maioritariamente de acordo que não se pode deixar de ser português (169 respondentes, 75,4%)¹³², porque é algo que aconteceu, que ficou e impregnou. Relativamente a esta posição maioritária, as variáveis estratificadoras da amostra não interferem; apenas para a variável sexo se registaram diferenças estatisticamente significativas, admitindo os homens mais que as mulheres que se pode deixar de ser português ($\phi = 0,24$; $p \leq 0,001$).

Os motivos invocados por vezes são explícitos, como no caso da *naturalidade* (“nascer em Portugal”, 12,8%), que cria amor à terra, ao país, mas num maior número de vezes não o são. Invocam-se aspectos da cultura, da socialização, e algo mais idiossincrático como *raízes, alma, espírito lusitano* ou *algo profundo, qualquer coisa sentida e que é para sempre*. Sintetizámos este tipo de respostas em “ficar sempre ligado”, incluindo-se nesta categoria 48% dos respondentes.

Uma pequena minoria (17%), no entanto, admite que é possível deixar de ser português. Alguma surpresa produzem os motivos apresentados, não sendo os que eventualmente mais se esperariam – os de ordem legal, decorrentes da mudança de nacionalidade. Predominam causas afectivas de *não gostar do país* (7,4%), ou circunstanciais “mudança de sociedade/cultura” (5,4%), em que apesar de nascido em Portugal o respondente *crece fora dele*; finalmente, um pequeno número de respondentes recorre ao quadro legal da mudança de nacionalidade, indicando por vezes *emigração* e, em dois casos apenas, o *casamento* (Quadro 68).

Reportando-nos à identidade nacional *versus* nacionalismo, associados respectivamente a pertença e apropriação, poder-se-á admitir que nas representações da nacionalidade portuguesa predomina entre os inquiridos a identidade nacional. E predominará como concepção genérica de nacionalidade, não como caso particular da nacionalidade portuguesa, o que alguns respondentes explicitam ao projectarem a mesma para além do campo do ser português: “uma pessoa que nasce ou cresce num país fica

¹³² Consideram que é possível deixar de ser português 38 respondentes (17,0%); 17 inquiridos (7,6%) dizem não saber se tal é possível. Entre os 169 inquiridos que responderam negativamente à pergunta em análise, apenas 113 apresentaram justificação para a sua resposta; dos que responderam afirmativamente, apenas 2 não justificaram a resposta. A informação apresentada no Quadro 68 refere-se aos “sim” e “não” justificados (total de 149 respondentes).

sempre ligada a ele”, ou, “seja de que nacionalidade se for, nunca se deixa de ser dela, nunca se esquece”.

Quadro 68: Contingência *versus* imanência no deixar de ser português (P15)

É possível deixar de ser português?	N	Respondentes (%)
Sim, por...	36	24,2
mudança de sociedade/cultura	8	5,4
mudança de nacionalidade	9	6,0
motivos afectivos	11	7,4
outros motivos	8	5,4
Não, por...	113	75,8
ficar sempre ligado	71	47,7
nascer em Portugal	19	12,8
outros motivos	23	15,4
Total	149	100,0

No caso específico da nacionalidade portuguesa, a concepção por pertença torna-se porventura mais claro. Repetidamente se capta uma representação do ser português em que impera a impossibilidade de deixar de o ser e em que a nacionalidade portuguesa, sendo categoria social contingente, se revela concebida como entidade imanente. No quadro que se segue apresentam-se alguns testemunhos que ilustram este ponto de vista, revelando-se o ser português uma identidade colectiva claramente valorizada, colada à alma de cada um e especialmente digna de ser lembrada (Quadro 69).

Sobre a importância da nacionalidade na identificação dos jovens, Idalina Conde refere a importância desta na sua identificação pessoal: “para a juventude portuguesa, as referências nacionais pertencem ao seu património simbólico mais importante e configuram a sua identidade num plano societal. Relativamente a outros valores de ordem colectiva e aos suportes institucionais básicos da identidade, eles também não foram abandonados pelos jovens (...) os jovens integram a nacionalidade como referência prioritária no seu sistema de valores, associando ao país uma imagem geral positiva e confiante.” (Conde, 1989, pp. 87-8).

Quadro 69: Imanência na nacionalidade portuguesa (P15)

Impossível deixar de ser português porque...	Respondente
1 - A saudade é mais forte. A saudade é portuguesa.	masculino, 21 anos, Beja, ensino universitário
2 - Há sempre um pouco de português no português.	feminino, 18 anos, Nazaré, ensino universitário
3 - Foi aquilo que me ensinaram e sinto-me bem sendo português.	masculino, 22 anos, Portimão, ensino universitário
4 - A partir do momento em que se nasce em Portugal e se fala português, nem a CE nos tira a individualidade.	feminino, 18 anos, Espinho, ensino universitário
5 - Impossível, está dentro de nós. Bom ou mau.	masculino, 20 anos, Lisboa, ensino universitário
6 - Há uma identidade demasiado forte.	masculino, 19 anos, Lisboa, ensino universitário
7 - Ser português está na alma e não no espaço que se ocupa.	feminino, 17 anos, Olhão, ensino secundário
9 - Nascendo e vivendo em Portugal ninguém se esquece dos seus encantos e pessoas.	masculino, 22 anos, Faro, ensino universitário
10 - Ser português é um estado de espírito, está-nos na alma.	feminino, 21 anos, Lourenço Marques (Moçambique), ensino universitário
11 - Não há outro povo com as nossas características.	masculino, 26 anos, Lisboa, ensino universitário
12 - Já temos uma cultura de 1 000 anos.	masculino, 19 anos, Joanesburgo (África do Sul), ensino secundário

Portugal e Ser Português: imagens

Para sumariar a informação até aqui apresentada sobre Portugal, as concepções de ser português e o sentimento nacional, procedeu-se à análise factorial das correspondências para as respostas às perguntas *Portugal* (P01) e *O que é Portugal para si* (P12) e à projecção, no espaço semântico definido por esta análise, de diferentes modalidades de resposta obtidas através das restantes perguntas que se estiveram a apresentar.

Optou-se por trabalhar com estas duas perguntas não apenas por elas terem induzido respostas que considerámos coerentes entre si, mas também

por se hipotetizar que o discurso dos respondentes sobre Portugal poderia constituir uma matriz para a compreensão das formas de ser português.

Para realizar esta análise do discurso sobre Portugal, tomaram-se para cada indivíduo os conteúdos das respostas às duas referidas perguntas e sobre os mesmos aplicaram-se alguns dos procedimentos de redução lexical referidos no Capítulo 3¹³³. Em consequência deste tratamento, obteve-se um *corpus* de 2166 itens, dos quais 525 são distintos, tendo-se optado por analisar apenas o conjunto de elementos que ocorreu com frequência superior a 8¹³⁴.

O Quadro 70 apresenta a caracterização dos três factores extraídos pela análise de correspondências efectuada sobre os 48 itens seleccionados¹³⁵. No seu conjunto, os três factores extraídos explicam apenas 13% da variância total dos dados; trata-se de uma fracção reduzida mas é comum encontrar valores desta ordem quando se realiza análise de correspondências sobre uma matriz desta natureza (indivíduos × itens) devido à variabilidade introduzida pela informação individualizada (Lebart & Salem, 1994, p. 105).

¹³³ Estes procedimentos consistiram na eliminação das variantes de género e número nos substantivos e nos pronomes, na redução dos adjectivos ao grau normal, na substituição de expressões adjectivantes pelo respectivo adjectivo, na redução dos verbos ao modo infinitivo, na supressão de palavras auxiliares (como artigos, preposições e advérbios modificadores de adjectivos); excluíram-se ainda os verbos de natureza auxiliar (ser, ter, haver). Todos estes procedimentos se tornaram necessários para evitar sobrecarregar a análise de termos sem relevância na concepção de Portugal e que abundam nas respostas de natureza discursiva.

¹³⁴ O conjunto assim definido consiste em 48 itens distintos que reúnem 944 elementos (57,5% do *corpus* total): *País* (N=290), *Meu* (N=105), *Onde* (N=67), *Pátria* (N=62), *Pequeno* (N=59), *Viver* (N=49), *Bonito* (N=38), *Bom* (N=32), *Melhor* (N=27), *Grande* (N=26), *Praia* (N=25), *Sol* (N=23), *Nascer*, *Europa* e *Mundo* (N=22), *Nação*, *Lindo* e *Casa* (N=21), *Mar* (N=19), *Beira-mar* (N=16), *Paraíso* (N=15), *Terra*, *Eu*, *Gostar* e *Belo* (N=14), *História* e *Calmo* (N=13), *Descobrimientos*, *Clima*, *Tradição* e *Maravilhoso* (N=12), *Paz*, *Vida* e *Me* (N=11), *Pouco desenvolvido*, *Pobre*, *Cultura*, *Bem*, *Em desenvolvimento* e *Poder* (N=10), *Portugal*, *Lugar*, *Plantado*, *Rico*, *Portugueses*, *Coisa*, *Paisagem* e *Acolhedor* (N=9).

¹³⁵ A matriz em análise é constituída pelas ocorrências dos 48 itens (colunas) nas respostas de individuais (linhas). O Anexo III (Quadros III.4 e III.5) apresenta-se a totalidade dos resultados da análise factorial de correspondências.

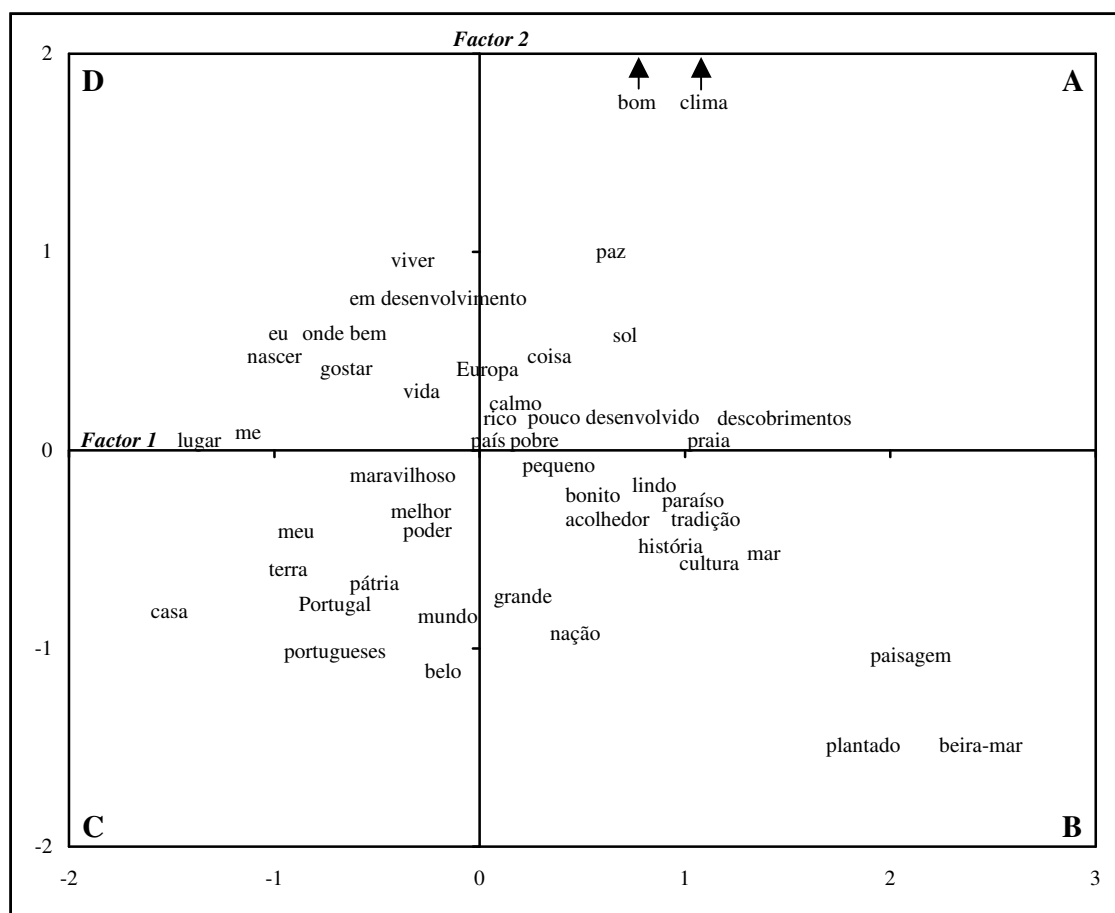
Quadro 70: Representação de Portugal: análise factorial de correspondências

Factor	Valor próprio	% variância	% acumulada	Itens com maior contribuição ¹³⁶
1	0,52	4,5	4,5	(+) → Beira-mar, Plantado, Paisagem, Mar, Praia, Descobrimientos, História, Bom, Lindo (-) → Meu, Casa, Onde, Nascer, Pátria, Bonito, Lugar, Me, Eu
2	0,50	4,3	8,8	(+) → Bom, Clima, Viver, Onde (-) → Beira-mar, Pátria, Plantado, Meu, Nação, Mundo, Grande, Belo, Casa
3	0,46	4,0	12,8	(+) → Paraíso, Pátria, Pequeno, Nação, Europa (-) → Beira-mar, Plantado, Mar, Praia, Portugal, Gostar, Onde, Portugueses, Belo

As figuras seguintes apresentam a projecção dos 48 itens no plano definido pelos dois primeiros factores (Figura 7) e no plano definido pelo segundo e pelo terceiro factores (Figura 8).

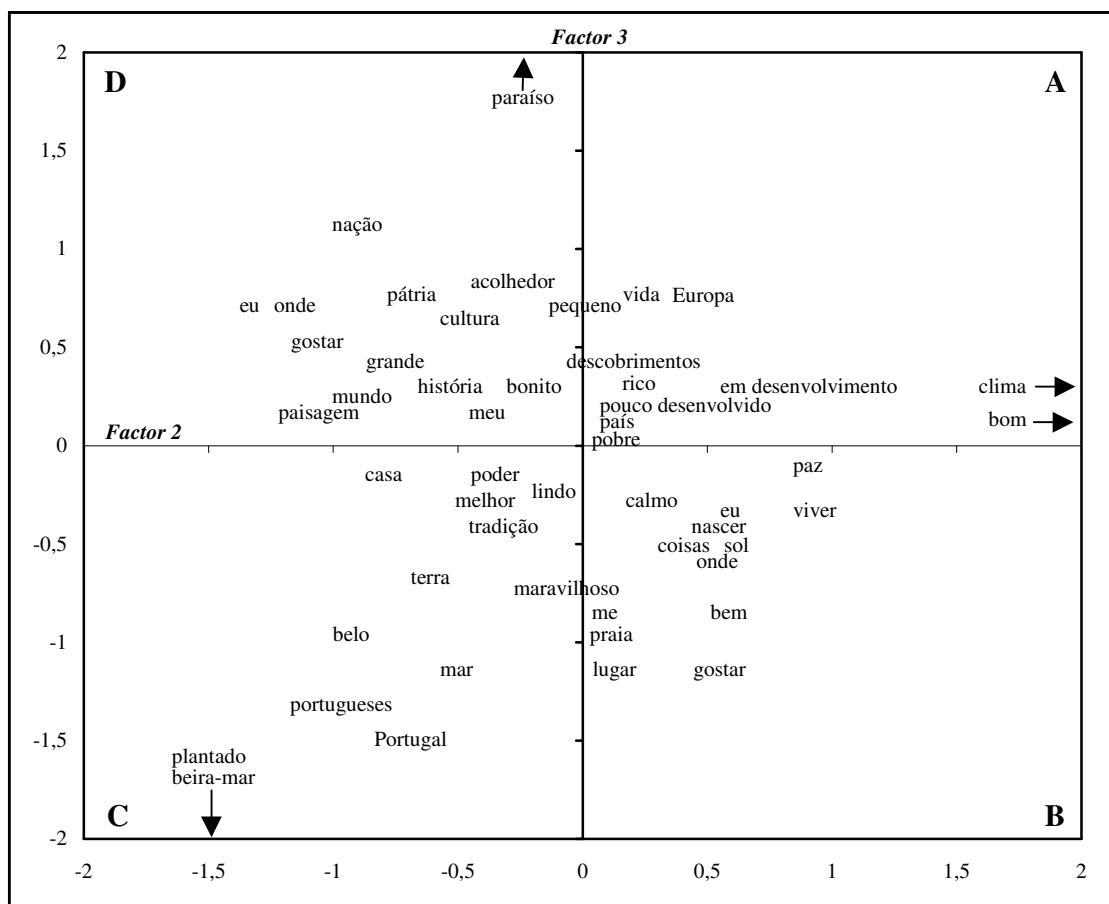
O primeiro factor explica 4,5% da variância e opõe itens como *meu, casa, nascer, pátria, lugar, eu* a *beira-mar, paisagem, praia, descobrimientos, história, lindo*. Parece delinear-se através deste factor uma divisão entre dois modos de representar Portugal: no semiplano C-D situam-se elementos de um discurso sobre Portugal construído em torno do *Eu*, enquanto que no semiplano A-B se encontram elementos de um discurso construído sobre as características (geográficas, sociais ou histórico-culturais) de Portugal. O referido factor distinguirá respostas que veiculam uma descrição mais objectivada de Portugal, de respostas em que a imagem deste evoca no inquirido aspectos subjectivos consubstanciados na sua ligação a Portugal. O conteúdo dos restantes itens situados em cada um dos semiplanos definidos por este factor parece confirmar esta interpretação (*me, viver, gostar*, semiplano C-D; *clima, sol, tradições, cultura*, semiplano A-B).

¹³⁶ Os itens referidos são aqueles cuja contribuição é superior à média (> 2,0%), sendo apresentados em função do sinal da sua coordenada nesse factor e por ordem decrescente da magnitude das respectivas contribuições. A informação sobre a contribuição é importante, uma vez a interpretação de um factor deverá ser baseada sobretudo no conteúdo dos itens com contribuição elevada para esse factor e não apenas na sua posição no plano factorial (Doise *et al.*, 1992, p. 75); recomenda-se, por isso, a consulta do Quadro III.4 (Anexo III).

Figura 7: Campo representacional de Portugal (primeiro plano factorial)¹³⁷

O segundo factor, responsável por uma fracção da variância próxima da anterior, contrasta itens como *bom*, *clima*, *onde*, *viver*, mas também *paz* e *sol*, com itens como *beira-mar*, *plantado*, *nação*, *grande*, *belo*, *mundo*. Poderá considerar-se que este factor confronta critérios de habitabilidade, perspectivando Portugal enquanto objecto conjuntural, do qual se aprecia a sua existência circunstancializada e que se reflecte em itens como *nascido*, *viver*, *gostar*, *paz*, *em desenvolvimento*, *calmo*, *clima* (semiplano A-D), e Portugal como objecto estruturado, cuja estruturação se reflecte nos aspectos persistentes evocados em *belo*, *maravilhoso*, e na *história* e *cultura* (semiplano B-C).

¹³⁷ As setas presentes nesta e nas figuras seguintes indicam que a posição real do item a elas associadas se encontra fora dos limites do gráfico. Optou-se por esta solução para se ter uma melhor imagem da nuvem central de itens, que de outra maneira ficaria excessivamente condensada.

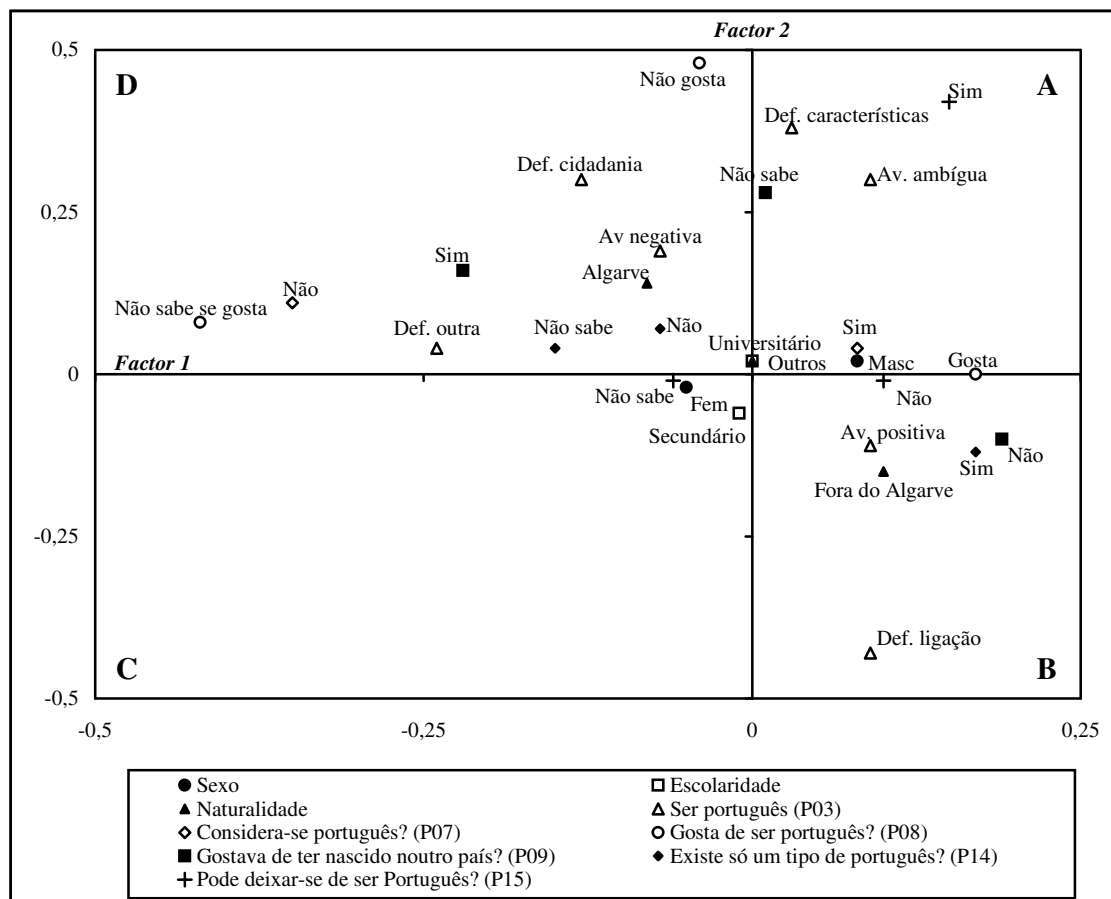
Figura 8: Campo representacional de Portugal (segundo plano factorial)

Finalmente, o terceiro factor, que opõe *beira-mar*, *plantado*, *praia*, *gostar*, *Portugal*, *belo* a *Paraíso*, *Pátria*, *Pequeno*, *Nação*, *Europa*, e que apresenta um significado menos claro, parece ter associadas visões mais convencionais sobre Portugal (*beira-mar*, *plantado*, *Portugal*, *lugar*) por oposição a conteúdos mais idealizados (como nos poderá indicar o item *paraíso*).

A projecção no primeiro plano factorial das variáveis estratificadoras da amostra e dos diferentes tipos de resposta analisadas neste capítulo, permitem-nos a apreciação complementar ao discurso sobre Portugal (Figura 9)¹³⁸.

¹³⁸ Na discussão das diferentes variáveis ilustrativas e da sua localização no plano factorial procurou-se ter em atenção a significância estatística do posicionamento de cada uma

Figura 9: Campo representacional de Portugal: projecção de algumas variáveis ilustrativas no primeiro plano factorial¹³⁹



Num primeiro comentário à Figura 9, destaca-se a posição perto da origem da variável nível de ensino, o que sugere o seu reduzido peso na matização do discurso sobre Portugal, resultado já verificado nas respostas às diferentes perguntas analisadas ao longo deste capítulo. O mesmo não se regista para a variável sexo: os respondentes masculinos e femininos parecem diferenciar-se de forma significativa relativamente ao primeiro factor, estando os homens mais associados a um discurso em que Portugal

delas face à origem das coordenadas. Esta avaliação foi feita recorrendo aos *valores teste* apresentados em anexo (Quadro III.5, Anexo III).

¹³⁹ Algumas abreviaturas foram usadas para representar as modalidades de resposta da pergunta P03 constantes no Quadro 62: “Av. positiva”, “Av. ambígua” e “Av. negativa” referem-se aos três tipos de avaliação feitos a ser português (positiva, ambígua e negativa); “Def. cidadania”, “Def. ligação” e Def. características” refere-se aos três tipos de definição de ser português (por cidadania, por ligação pessoal e por posse de características nacionais).

é mais fortemente objectivado. Também as três modalidades da variável naturalidade ocupam posições algo demarcadas: os inquiridos algarvios parecem estar mais próximos dos elementos situados no quadrante D, enquanto que os naturais de outros distritos do país se localizam no quadrante B; os naturais de outros países situam-se junto à origem das coordenadas.

As respostas referentes ao sentimento nacional e concepções de nacionalidade apresentam um comportamento mais disperso que para as três variáveis atrás analisadas, mas revelam grande coerência. Assim, no quadrante B, e na sua proximidade, localizam-se modalidades de resposta que reflectem níveis de elevado sentimento nacional: considerar-se português, ter gosto nisso e preferir não ter nascido noutra país; considerar que não se pode deixar de ser português e que existe só um português do Minho ao Algarve; situam-se igualmente neste quadrante as avaliações positivas ao ser português e à definição de nacionalidade portuguesa por ligação pessoal.

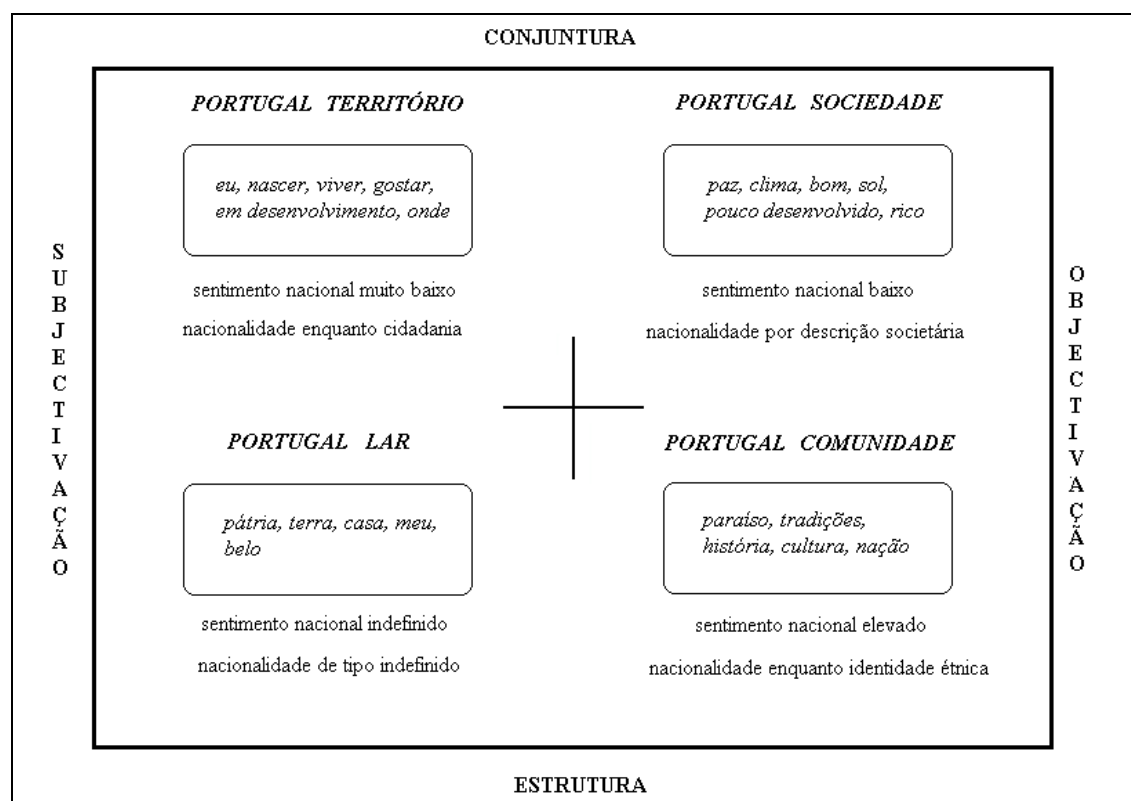
Em clara oposição, no quadrante D reúnem-se modalidades negativas de resposta: não se considerar português e não ter gosto ou não saber se se tem gosto em sê-lo; gostar de ter nascido noutra país; fazer uma avaliação negativa do ser português; definir a nacionalidade portuguesa por cidadania, não considerando que existe um português uno (ou pelo menos pondo isso em causa).

As modalidades localizadas no quadrante A sugerem uma abordagem diferente a Portugal e à nacionalidade portuguesa: a avaliação do ser português é ambígua, explicita-se uma definição por características nacionais; os respondentes consideram-se portugueses mas admitem que se pode deixar de o ser; gostam de ser portugueses mas não sabem se gostariam de ter nascido noutra país. Trata-se de uma posição aparentemente intermédia entre elevado e baixo sentimento nacional expresso nos quadrantes B e D, e para a qual se esperaria uma expressão de sentimento nacional mais reduzida que a observada. Será, por isso, uma posição de baixo sentimento nacional, embora não tão baixa como a encontrada no quadrante D.

Finalmente, a ausência de elementos no quadrante C impede a sua interpretação, embora na sua vizinhança predominem respostas “não sei”.

A análise efectuada e que se acaba de referir permite-nos, a partir do primeiro plano factorial, identificar quatro tipos de discurso sobre Portugal, aos quais se associam diferentes modalidades de conceber a nacionalidade e diferentes graus de sentimento nacional. A Figura 10 apresenta este modelo de forma sintetizada, indicando alguns dos elementos mais significativos de cada tipo de discurso.

Figura 10: Discursos sobre Portugal



Nos discursos produzidos sobre Portugal poderá considerar-se que lhe estão subjacentes as formas básicas dos indivíduos se conceberem na relação uns com os outros, segundo a tipologia “grid-group” proposta por Mary Douglas. As quatro imagens relativamente distintas de Portugal ilustram, em parte, as duas dimensões de sociabilidade que Douglas preconiza – *grelha* e *grupo* (Douglas e Wildavsky, 1982, p. 138). A dimensão *grupo* diz respeito ao grau de integração de um indivíduo em unidades sociais com fronteiras definidas, sendo a vida individual absorvida e sustentada pela força grupal. Esta dimensão prescreve que quanto maior a incorporação no grupo mais as decisões individuais ficam submetidas ao mesmo e mais forte são as fronteiras que separam os

membros dos não membros. *Grelha* corresponde à dimensão segundo a qual a vida individual é circunscrita por prescrições externas, de carácter mais difuso. Na medida em que as referidas prescrições se intensificam, mais se reduz o espaço de negociação individual. Para Douglas, os tipos de sociabilidade e as configurações culturais existentes podem ser classificadas de acordo com estas dimensões, as quais delimitam quatro espaços diferenciados: hierárquico, igualitário, individualista e isolado¹⁴⁰.

No nosso caso, os conteúdos de representação de Portugal, conjugados com a expressão do sentimento nacional e as concepções de nacionalidade, ocupariam do seguinte modo os espaços de sociabilidade anteriormente referidos. À dimensão subjectivação-objectivação corresponde a dimensão *grupo*: esta revela uma fraca e forte pertença grupal evidenciada, por um lado, num sentimento nacional indefinido ou muito baixo e num sentimento nacional elevado ou médio, e em que, por outro lado, a ligação a Portugal ocorre no primeiro caso ocorre isoladamente (*eu, meu*) e no segundo é mediatizada por unidades sociais simbolizadas pela *história, cultura* e grau de *desenvolvimento* económico. Correspondendo à dimensão *grelha* encontra-se a dimensão estrutural-conjuntural, em que no pólo estrutural as prescrições sociais são menores, permitindo expressões como *casa, paraíso*, e em que a prescrição se acentua através de características de conjuntura tais como *desenvolvimento, paz*.

No que respeita às diferentes imagens de Portugal, estas distribuem-se do seguinte modo pelos quatro quadrantes: *Portugal Comunidade* (tipo igualitário), em que a identificação é pessoal e afectiva e a identidade étnica define uma realidade grupal; *Portugal Sociedade* (tipo hierárquico), em que a identificação é marcadamente social e em que predominam relacionamentos mais formais, de tipo secundário; *Portugal Território* (tipo isolado), alienação quanto à pertença grupal, predominando o vínculo

¹⁴⁰ Os quatro espaços de sociabilidade referidos definem-se pela polarização das dimensões *Grelha* e *Grupo*. Assim, um contexto social caracterizado por nítidas fronteiras grupais e forte prescrição de papéis resulta num espaço de sociabilidade *hierárquico*; um contexto *igualitário* caracteriza-se igualmente por fronteiras grupais fortes mas nele a diferenciação de papéis é reduzida; num contexto *individualista* os indivíduos não estão ligados nem por pertenças grupais nem por papéis socialmente prescritos; finalmente, quando o contexto social não se caracteriza pela presença de grupo nítidos mas existem prescrições de papéis fala-se de um espaço de sociabilidade *isolado*. Para além destes quatro contextos de sociabilidade propostos por Mary Douglas, Thompson e colaboradores avançam ainda um quinto contexto – que denominam *ermíta* –, em que os indivíduos recusam o controlo social, ao rejeitar tanto controlar os outros como serem controlados (Thompson *et al.*, 1990, pp. 6-7).

formal da cidadania; *Portugal Lar* (tipo individualista), em que se observa acentuada neutralidade de identificação.

Com o objectivo de estudar posteriormente a relação entre os discursos sobre Portugal e a representação social dos Portugueses, definiram-se cinco grupos de inquiridos atendendo ao seu posicionamento face aos quatro discursos acima analisados. Para esse efeito, consideraram-se os respondentes que ocupavam as posições mais extremas em cada um dos quadrantes da Figura 7 (constituindo-se assim os grupos A, B, C e D, associados respectivamente aos discursos *Portugal Sociedade*, *Portugal Comunidade*, *Portugal Lar* e *Portugal Território*) e o grupo alargado de inquiridos situados próximo da origem dos eixos de coordenadas (grupo E, associado a um discurso mais consensual e englobando características dos quatro discursos considerados e que denominámos *Portugal em consenso*)¹⁴¹. Estes grupos não se distinguem entre si no que respeita à caracterização pelas variáveis estratificadoras da amostra.

Síntese

A informação que se pretendeu obter através das perguntas analisadas neste capítulo visava o seguinte: caracterizar a imagem de Portugal, avaliar, explícita e implicitamente, a intensidade do sentimento nacional e identificar concepções de nacionalidade.

Os resultados obtidos são, em geral, relativamente claros, como se passa a sintetizar.

1. Na pergunta de associação livre sobre Portugal, as respostas obtidas convergem para três grandes categorias de resposta: a) evocação formal, descritiva (*país, nação*); b) evocação objectivada em características de Portugal-território (*pequeno, praias, mar, sol...*) e características de

¹⁴¹ Os grupos constituíram-se definindo uma circunferência de raio 1 em torno da origem dos eixos do primeiro plano factorial. O grupo E reúne os inquiridos cujas coordenadas nos dois primeiros factores eram englobadas por essa circunferência (N = 216). Os restantes grupos reúnem os inquiridos situados no exterior à circunferência e que se posicionam em cada um dos quatro quadrantes. Os efectivos desses grupos são bastante próximos – grupo A (N = 34), grupo B (N = 46), grupo C (N = 43) e grupo D (N = 28); no entanto, as diferenças verificadas indicam uma maior representatividade do grupo associado ao discurso *Portugal Comunidade* e menor saliência numérica no grupo associado ao discurso *Portugal Território*.

Portugal-comunidade humana (*atraso/desenvolvimento, Descobrimentos, desporto, gastronomia, inserção na CEE*); c) evocação de ligação pessoal (*meu país, minha pátria*). Considerando apenas o conjunto das respostas mais frequentes, predomina a evocação por ligação pessoal (22% de respondentes), seguida da evocação formal de Portugal (19% de respondentes). Entre as restantes respostas mais frequentes predomina a evocação avaliativa das características de Portugal.

2. O segundo momento de evocação de Portugal ocorreu através de uma pergunta estruturada (“O que é Portugal para si?”). Os resultados obtidos revelam a predominância de respostas avaliativas (41%), seguidas das respostas de ligação pessoal e, em último lugar, de respostas descritivas. Se considerarmos que as respostas de ligação pessoal encontradas tendem a exprimir sobretudo uma avaliação positiva, e juntarmos, por isso, este tipo de respostas às de avaliação positiva, esta torna-se claramente predominante em mais de metade dos respondentes (56%). Sobre a avaliação positiva haverá ainda a acrescentar que alguns respondentes a exprimem moderadamente (*País onde me sinto bem*), enquanto que outros a exprimem intensamente (*O melhor, Mar de rosas...*). Um reduzido número de respondentes avalia negativamente Portugal (4%).

3. No que se refere aos elementos que mais representam Portugal, observou-se que a maior representatividade é disputada entre elementos de caracterização sócio-cultural, características territoriais e os próprios cidadãos nacionais (*os Portugueses, o seu povo/as suas gentes*), enquanto que o recurso a elementos formais, da simbólica nacional, é reduzido. Tal como se registara na pergunta de associação livre sobre Portugal, reaparecem a dimensão territorial e a dimensão comunidade humana entre os elementos escolhidos como representativos de Portugal. O conjunto de itens obtidos, nomeadamente o de maior representatividade (*Descobrimentos*), parece indicar uma representação de Portugal mais fundamentada na imagem de uma comunidade ou Comunidade-Nação, do que na imagem de Portugal como Estado-Nação.

4. Na associação livre para “ser português” predominam respostas de tipo avaliativo (53%). Nas primeiras impressões sobre o sentimento nacional, os inquiridos apresentam o *ser português* como algo que lhes é agradável e íntimo.

5. A avaliação positiva, inicialmente observada nas respostas de associação livre, foi confirmada pelas respostas às três perguntas estruturadas sobre o considerar-se/gostar de ser português. Assim, de uma avaliação positiva do sentimento nacional sugerida por 44%, passou-se para uma larga maioria afirmando o gosto em ser português (80%), e em que a quase totalidade dos respondentes (94,3%) se consideraram Portugueses. A análise dos motivos apresentados revela como fundamentação de ser português o *gosto* pessoal em detrimento da circunstância (factual) de *ser* cidadão português.

6. Mediatizada a representação da nacionalidade pela pertença regional e pela possibilidade de perda da cidadania portuguesa, as respostas obtidas revelaram predominante uma concepção de nacionalidade assente na pertença comunitária e em que a base regional é importante para cerca de metade dos respondentes (48%). Mais *identidade nacional* que *nacionalismo* no ser português é o que, à luz das propostas teóricas analisadas neste trabalho (Capítulo 2), se poderá concluir. Nacionalidade mais como representação de ligação pessoal a um objecto estruturado (a entidade Portugal), e por isso impossível de se extinguir (expressivamente evidenciada pela maioritária rejeição da possibilidade sugerida de deixar de ser português, 75% dos respondentes), em detrimento da representação de ligação a um objecto conjuntural (a nacionalidade como elemento de categorização social). As concepções sobre a nacionalidade portuguesa reforçam, num contexto diferente, a avaliação positiva dos inquiridos ao ser português, remetendo-nos para a existência, em média, de valores elevados do sentimento nacional.

7. Os resultados da análise factorial de correspondências sobre conteúdos da representação de Portugal permitiu identificar diferentes tipos de discurso sintetizados em quatro imagens. Estas imagens parecem ancorar-se em diferentes concepções de nacionalidade e em diferentes níveis de sentimento nacional. Assim, e como mais significativa, identificou-se a oposição entre duas imagens: a de Portugal como Comunidade – a que corresponde um elevado sentimento nacional e a concepção de nacionalidade como etnia –, e a de Portugal como Território, correspondendo-lhe baixo sentimento nacional e nacionalidade enquanto cidadania.

Considerações

As conclusões sobre Portugal e o sentimento nacional dos jovens portugueses que se podem extrair do nosso estudo não contrariam, e em alguns casos aproximam-se, de resultados obtidos em outros estudos, tal como oportunamente se referiu (Conde, 1989, Cruz, 1989, Bastos, 1995; Fernandes, 1998).

Avaliado de modo explícito, através das respostas sobre gostar de ser português, a expressão do sentimento nacional atingiu entre os jovens inquiridos valores elevados. Ser português tende a ser visto como inscrição de uma marca profunda na identidade pessoal (“*uma vez sentido português, é-se português para sempre*”).

Finalmente, a correspondência entre intensidade de sentimento nacional, conteúdos da representação de Portugal e a concepção da nacionalidade portuguesa revelou que a um sentimento nacional mais elevado tende a corresponder uma definição menos formal de Portugal e uma definição da nacionalidade portuguesa baseada na pertença cultural e na identificação étnica. Na interpretação da correspondência verificada, a tipologia *grupo-grelha* de Mary Douglas apresenta alguma pertinência na medida em que parece estar subjacente à produção do discurso sobre Portugal.

As indicações que a análise das respostas sobre Portugal e ser Português nos proporcionou levou a considerar que o posicionamento dos jovens inquiridos, quanto ao sentimento nacional, deveria ser tomado em conta e considerado como um quarto elemento a estudar nas representações da identidade nacional e pessoal. Em virtude de nos ter permitido chegar a esta conclusão, consideramos que a temática abordada neste capítulo constitui uma importante contribuição ao conjunto do trabalho.

A possibilidade de se compararem, ao nível empírico, alguns aspectos do nosso estudo com as investigações que se referiram, e em que as respectivas recolhas empíricas decorreram em datas aproximadas, revestiu-se para nós de particular importância. O registo de tendências semelhantes poderá reforçar a fiabilidade da nossa amostra, permitindo encarar de um modo mais tranquilo a representatividade relativa da mesma.

Capítulo 8

REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE PORTUGUESA

Os resultados que se apresentam neste capítulo referem-se ao estudo de representações da identidade portuguesa e procuram caracterizar conteúdos e estrutura da representação social dos Portugueses.

A abordagem utilizada consistiu em solicitar aos inquiridos para caracterizarem o Português através de perguntas com diferentes graus de estruturação – *evocação e discurso* –, tal como no capítulo anterior, e em se caracterizarem a si próprios, com vista a que a análise dos conteúdos da identidade pessoal de cidadãos portugueses contribuísse para compreender e aprofundar a representação da identidade nacional.

A informação que aqui se vai analisar foi recolhida, na sua maior parte, através do Questionário Geral, pelo que se torna necessário atender à caracterização da amostra apresentada no capítulo anterior. É igualmente mencionado um pequeno estudo complementar e independente realizado na última fase de inquirição deste trabalho (Fase G), sendo descritas no momento de apresentação dos resultados as respectivas amostras.

A exposição dos resultados inicia-se com a descrição dos conteúdos empregues nas representações do Português e do próprio, seguindo-se a identificação (exploratória e experimental) dos elementos do núcleo central da representação do Português. Finalmente confronta-se a informação obtida nas duas representações, com vista a avaliar a *coincidência eu-grupo* (Zavalloni & Guérin, 1984) revelada pelos conteúdos representacionais obtidos para estas duas formas de identidade.

A. Identidade portuguesa e identidade pessoal: representações

A temática subjacente às perguntas abordadas neste ponto é a da representação da identidade portuguesa e da identidade pessoal de

cidadãos portugueses (Quadro 71). Por um lado, analisa-se a caracterização dos Portugueses feita pelos jovens inquiridos quando tal lhes foi directamente perguntado (P02, P04); por outro lado, analisa-se a auto-caracterização dos respectivos jovens através de pergunta (P21) semelhante à que primeiramente lhes fora dirigida sobre os Portugueses (P04).

Quadro 71: Identidade portuguesa e identidade pessoal

Nº da pergunta	Conteúdo	Total de inquiridos	Total de respondentes
P02	Os Portugueses...	305	301 (98,7%)
P04	Os Portugueses são...	281	279 (99,3%)
P21	Quem sou eu?	281	273 (97,2%)

Portugueses...

Apresentam-se em seguida resultados obtidos através das duas perguntas que visaram a caracterização dos Portugueses e em que se analisam aspectos de evocação e discurso.

1. Associações à palavra “Portugueses” - análise de saliência

Simpáticos. Boas pessoas. Povo. Nós.

Incoerentes em relação a muita coisa, castiços, agarrados às raízes.

Gente diferente - coração nas mãos.

Povo misterioso.

Aquilo que sou.

A palavra *Portugueses*, apresentada para associação livre (P02), foi a primeira de um conjunto de outras perguntas que visavam a caracterização dos Portugueses e a que nos voltaremos a referir. As respostas que a seguir se analisam incidem sobre evocação e aspectos do discurso interiorizado sobre os Portugueses.

Para esta pergunta a maioria dos respondentes apresentou apenas uma resposta simples (73%), tendo alguns referido 3 ou mais itens ¹⁴². Desagregando as respostas compostas, obteve-se um total de 423 itens evocados, dos quais 214 são diferentes, o que indicia um nível de riqueza do *corpus* de 0,506, valor superior ao registado com as evocações sobre Portugal (foram referidos 152 itens com frequência 1).

Amostra total

O Quadro 72 apresenta os 16 itens que ocorreram com frequência mais elevada na amostra total; excluíram-se os que foram indicados por menos de 5 respondentes (ver Quadro III.6, Anexo III).

Quadro 72: Itens mais frequentemente associados aos Portugueses (*evocação*)

Os Portugueses... (P02)	N	Respondentes (%)	Itens (%)
Simpáticos	34	11,3	8,0
Boas pessoas	25	8,6	5,9
Povo	12	4,0	2,8
Acolhedores	9	3,0	2,1
Descobridores	9	3,0	2,1
Alegres	8	2,6	1,9
Nós	7	2,3	1,6
Pessoas	7	2,3	1,6
Amigos	6	2,0	1,4
Eu	6	2,0	1,4
Aventureiros	5	1,7	1,2
Hospitaleiros	5	1,7	1,2
Pacíficos	5	1,7	1,2
Patriotas	5	1,7	1,2
Porreiros	5	1,7	1,2
Portugal	5	1,7	1,2
Total	153		36,0

Simpáticos, o item mais frequente, foi referido por cerca de 11% dos respondentes; em segundo lugar, mencionado por 9% dos respondentes e destacado dos restantes itens, posicionou-se *Boas pessoas*, seguido de *Povo*. Com estes três primeiros elementos os inquiridos apresentam duas das categorias de resposta encontradas anteriormente na associação à

¹⁴² Uma grande parte dos respondentes associou apenas um item a “Os Portugueses” (219 respondentes, 72,8%); 50 respondentes (16,6%) referiram dois itens; 25 (8,3%) referiram três itens; 6 (2,0%) referiram quatro itens e apenas 1 respondente referiu cinco itens.

palavra Portugal: descrição mais ou menos formal (*Povo*); evocação objectivada em características nacionais (*Simpáticos, Boas pessoas*)¹⁴³. O item *Nós* introduz a terceira daquelas categorias (evocação de ligação pessoal). O conjunto dos dezasseis itens mais frequentes agrupa 36% do *corpus* total de respostas.

Análise das subamostras

O Quadro 73 apresenta os itens que, em cada uma das subamostras consideradas, ocorreram com frequência relativa superior a 3%.

Quadro 73: Itens mais frequentemente associados aos Portugueses (subamostras)

Subamostras	Itens mais frequentes ¹⁴⁴
<i>Por sexo</i>	
Masculina	Simpáticos, Boas pessoas, Descobridores*, Povo, Hospitaleiros*
Feminina	Simpáticos, Boas pessoas, Acolhedores
<i>Por escolaridade</i>	
Ensino secundário	Simpáticos, Boas pessoas, Pessoas*, Povo, Portugal, Nós, Acolhedores
Ensino universitário	Simpáticos*, Boas pessoas, Povo, Descobridores, Acolhedores
<i>Por naturalidade</i>	
Algarve	Simpáticos, Boas pessoas, Povo, Acolhedores, Descobridores, Alegres
Fora do Algarve	Simpáticos, Boas pessoas, Povo, Eu*, Descobridores
Outros países	Simpáticos, Boas pessoas, Povo, Aventureiros

As características *Simpáticos* e *Boas pessoas* ocupam as primeiras posições em todas subamostras, sendo de assinalar algumas diferenças relativamente aos outros itens. Se nos restringirmos às características referidas no Quadro 73, verificamos que os homens destacam *Descobridores, Hospitaleiros* e *Povo*, enquanto as mulheres assinalam *Acolhedores*.

¹⁴³ Outras respostas produzidas, como *eu, irmãos, compatriotas, minha nacionalidade*, embora não indiquem características nacionais, acentuam uma representação dos Portugueses mais marcada pela pertença comunitária que pela dimensão de nacionalidade. Um dos inquiridos, com “sou eu e é uma nacionalidade”, constituirá porventura a excepção que confirma a regra.

¹⁴⁴ Os itens apresentam-se ordenados segundo a frequência em cada subamostra, tendo-se excluído do quadro todos aqueles que foram referidos com frequência relativa inferior a 3%. Se o item vier assinalado (*), significa que a sua frequência é estatisticamente superior ao nível de ocorrência na outra subamostra.

Entre as subamostras definidas por escolaridade, detectaram-se as seguintes diferenças: *Pessoas*, *Portugal* e *Nós*, itens mais referidos pelos estudantes do ensino secundário, enquanto os estudantes universitários introduzem *Descobridores*.

Por último, no que diz respeito à naturalidade, será de referir que os algarvios evidenciam uma preferência mais acentuada por *Acolhedores* e *Alegres*, enquanto que os não algarvios destacam *Eu* e os naturais de outros países *Aventureiros*.

2. Campo semântico da representação social dos Portugueses - análise de saliência

Amigos. Instáveis. Curiosos. Afectuosos. Estranhos. Complexos.
Bons. Acolhedores. Amigos. Alegres. Engraçados.

Inteligentes. Atrasados no tempo. Pouco desenvolvidos no mundo exterior. Capazes de fazerem o que querem. Simpáticos.
Um grande povo. Engenhosos. Malandros (no bom sentido).

Responder à pergunta “Os Portugueses são...” (P04) abriu significativamente o leque do léxico sobre as características nacionais iniciado com a associação à palavra-estímulo “Portugueses”. Como se referiu (Capítulo 3), nesta pergunta solicitava-se aos inquiridos que dessem pelo menos cinco respostas. O conjunto de itens produzidos através desta pergunta é o mais importante numericamente e que, em consequência, considerámos o *corpus* principal na caracterização dos Portugueses.

A proposta para definir os Portugueses resultou num conjunto de 279 respostas válidas, que, uma vez desagregadas, perfizeram um total de 1453 elementos de caracterização (em média, cada respondente apresentou 5,2 elementos) dos quais 474 são distintos. Apenas 19,3% da totalidade dos elementos ocorreram com frequência 1, o que indicia redundância no universo de respostas (índice de riqueza: 0,326). A comparação que se fez entre amostra total e as diversas subamostras consideradas não evidenciou diferenças significativas quanto à diversidade das respostas.

Amostra total

Excluindo-se os itens referidos por menos de oito respondentes (ver Quadro III.7, Anexo III), constituiu-se um conjunto dos 33 itens que ocorreram com frequência mais elevada na caracterização dos Portugueses (Quadro 74). Estes 33 itens agrupam 44% do *corpus* total de respostas. A sua importância no campo semântico da representação social dos Portugueses é-nos dada pela percentagem de respondentes que a eles recorrem. Analisadas as respostas individuais, observou-se que 45% dos respondentes empregou pelo menos 3 destes itens na sua resposta e apenas 9% (25 respondentes) não recorreu a nenhum deles.

Simpáticos, a característica mais frequente, foi referida por um terço da amostra e reforça o posicionamento no primeiro momento de associação a “Portugueses...”. *Trabalhadores*, que agora surge destacadamente em segundo lugar, introduz uma interessante novidade pois anteriormente não chegara a figurar entre os itens mais frequente associados a “Portugueses...” (apenas 4 respondentes se lhe haviam referido).

O conjunto de itens mais frequentes informa-nos de certa polarização no campo semântico. Destaca-se o confronto *Trabalhadores-Preguiçosos*, *Inteligentes/Espertos-Burros/Ignorantes* e *Simples-Vaidosos*. Entre os itens afectivos atribuídos (*Amigos*, *Acolhedores*, *Boas pessoas*, *Compreensivos*, *Carinhosos...*), a referida polaridade é notoriamente menor, estando apenas presente em *Egoístas*.

Quadro 74: Itens mais frequentes na descrição dos Portugueses (*discurso*)

Os Portugueses são... (P04)	N	Respondentes (%)	Itens (%)
Simpáticos	93	33,3	6,4
Trabalhadores	45	16,1	3,1
Amigos	40	14,3	2,8
Acolhedores	35	12,5	2,4
Aventureiros	32	11,5	2,2
Inteligentes	29	10,4	2,0
Preguiçosos	27	9,7	1,9
Hospitaleiros	24	8,6	1,7
Alegres	22	7,9	1,5
Boas pessoas	20	7,2	1,4
Corajosos	20	7,2	1,4
Orgulhosos	19	6,8	1,3
Patriotas	19	6,8	1,3
Espertos	16	5,7	1,1
Bons	14	5,0	1,0
Compreensivos	14	5,0	1,0
Egoístas	14	5,0	1,0
Tradicionais	14	5,0	1,0
Simples	12	4,3	0,8
Pacíficos	12	4,3	0,8
Ambiciosos	11	3,9	0,8
Carinhosos	11	3,9	0,8
Divertidos	11	3,9	0,8
Burros	10	3,6	0,7
Comodistas	9	3,2	0,6
Honestos	9	3,2	0,6
Ignorantes	9	3,2	0,6
Pobres	9	3,2	0,6
Sociáveis	9	3,2	0,6
Atrasados	8	2,9	0,6
Bonitos	8	2,9	0,6
Sinceros	8	2,9	0,6
Vaidosos	8	2,9	0,6
Total	641		44,1

Subamostras por sexo

Como se pode observar em seguida (Quadro 75), a amostra feminina apresenta para alguns itens níveis de ocorrência mais elevados que a subamostra masculina; o caso mais claro e estatisticamente significativo ocorre com a característica *Simpáticos*, referida por 42% da subamostra feminina e apenas por 22% da masculina, e com *Amigos* e *Ignorantes*, igualmente mais atribuídos pelas mulheres. Outras diferenças

estatisticamente significativas se detectaram ainda, com *Comodistas* e *Pobres*, mais referidos pelos homens.

Quadro 75: Itens mais frequentes na descrição dos Portugueses (subamostras por sexos)

Os Portugueses são... (P04)	Amostra total (%)	Subamostra do sexo masculino		Subamostra do sexo feminino		Signif. estatís- tica
		N	%	N	%	
Simpáticos	33,3	26	21,5	67	42,4	p ≤ 0,01
Trabalhadores	16,1	20	16,4	25	15,8	n.s.
Amigos	14,3	9	7,4	31	19,6	p ≤ 0,01
Acolhedores	12,5	11	9,0	24	15,2	n.s.
Aventureiros	11,5	17	13,9	15	9,5	n.s.
Inteligentes	10,4	10	8,2	19	12,0	n.s.
Preguiçosos	9,7	14	11,6	13	8,2	n.s.
Hospitaleiros	8,6	8	6,6	16	10,1	n.s.
Alegres	7,9	8	6,6	14	8,9	n.s.
Boas pessoas	7,2	8	6,6	12	7,6	n.s.
Corajosos	7,2	8	6,6	12	7,6	n.s.
Orgulhosos	6,8	11	9,0	8	5,1	n.s.
Patriotas	6,8	9	7,4	10	6,3	n.s.
Espertos	5,7	9	7,4	7	4,4	n.s.
Bons	5,0	8	6,6	6	3,8	n.s.
Compreensivos	5,0	7	5,7	7	4,4	n.s.
Egoístas	5,0	4	3,3	10	6,3	n.s.
Tradicionalis	5,0	6	4,9	8	5,1	n.s.
Simple	4,3	6	4,9	6	3,8	n.s.
Pacíficos	4,3	4	3,3	8	5,1	n.s.
Ambiciosos	3,9	4	3,3	7	3,2	n.s.
Carinhosos	3,9	4	3,3	7	4,4	n.s.
Divertidos	3,9	3	2,5	8	5,1	n.s.
Burros	3,6	5	4,1	5	3,2	n.s.
Comodistas	3,2	6	4,9	3	1,9	*p ≤ 0,05
Honestos	3,2	4	3,3	5	3,2	n.s.
Ignorantes	3,2	1	0,8	8	5,1	*p ≤ 0,05
Pobres	3,2	6	4,9	3	1,9	*p ≤ 0,05
Sociáveis	3,2	4	3,3	5	3,2	n.s.
Atrasados	2,9	4	3,3	4	2,5	n.s.
Bonitos	2,9	2	1,7	6	3,8	n.s.
Sinceros	2,9	3	2,5	5	3,2	n.s.
Vaidosos	2,9	2	1,7	6	3,8	n.s.

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

Subamostras por nível de escolaridade

As duas subamostras apresentam valores semelhantes para *Simpáticos* e *Trabalhadores* (Quadro 76).

Quadro 76: Itens mais frequentes na descrição dos Portugueses (subamostras por escolaridade)

Os Portugueses são... (P04)	Amostra total (%)	Subamostra do ensino Secundário		Subamostra do ensino Universitário		Signif. estatística
		N	%	N	%	
Simpáticos	33,3	30	30,3	63	35,0	n.s.
Trabalhadores	16,1	16	16,2	29	16,1	n.s.
Amigos	14,3	20	20,2	20	10,6	p ≤ 0,05
Acolhedores	12,5	9	9,1	26	14,4	n.s.
Aventureiros	11,5	4	4,0	28	15,6	p ≤ 0,01
Inteligentes	10,4	10	10,1	19	10,6	n.s.
Preguiçosos	9,7	6	6,1	21	11,7	n.s.
Hospitaleiros	8,6	6	6,1	18	10,0	n.s.
Alegres	7,9	3	3,0	19	10,6	p ≤ 0,05
Boas pessoas	7,2	9	9,1	11	6,1	n.s.
Corajosos	7,2	8	8,1	12	6,7	n.s.
Orgulhosos	6,8	9	9,1	10	5,6	n.s.
Patriotas	6,8	8	8,1	11	6,1	n.s.
Espertos	5,7	7	7,1	9	5,0	n.s.
Bons	5,0	7	7,1	7	3,9	*p ≤ 0,1
Compreensivos	5,0	8	8,1	6	3,3	*p ≤ 0,05
Egoístas	5,0	6	6,1	8	4,4	n.s.
Tradicionalis	5,0	3	3,0	11	5,6	n.s.
Simples	4,3	2	2,0	10	5,6	n.s.
Pacíficos	4,3	0	0,0	12	6,7	*p ≤ 0,01
Ambiciosos	3,9	4	4,0	7	1,7	n.s.
Carinhosos	3,9	7	7,1	4	2,2	*p ≤ 0,05
Divertidos	3,9	4	4,1	7	3,9	n.s.
Burros	3,6	9	9,1	1	0,6	*p ≤ 0,001
Comodistas	3,2	3	3,0	6	2,8	n.s.
Honestos	3,2	5	5,1	4	2,8	*p ≤ 0,1
Ignorantes	3,2	6	6,1	3	3,3	*p ≤ 0,05
Pobres	3,2	4	4,0	5	3,9	n.s.
Sociáveis	3,2	0	0,0	9	5,0	*p ≤ 0,05
Atrasados	2,9	8	8,1	0	0,0	*p ≤ 0,01
Bonitos	2,9	2	2,0	6	2,2	n.s.
Sinceros	2,9	3	3,0	5	3,9	n.s.
Vaidosos	2,9	4	4,0	4	2,8	n.s.

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

Relativamente a outras características, na subamostra universitária registaram-se níveis de ocorrência estatisticamente mais elevados para

Aventureiros, Alegres, Pacíficos e Sociáveis. Entre os respondentes do ensino secundário observaram-se valores mais elevados para *Amigos, Bons, Compreensivos, Carinhosos, Burros, Honestos, Ignorantes e Atrasados*.

Embora não constem do Quadro 76, o item *Pessoas* é referido exclusivamente na subamostra do ensino secundário (frequência 6); enquanto que, na mesma situação, se encontram as características *Comilões e Pequenos* (frequência 7), referidas exclusivamente pela amostra do ensino universitário.

Subamostra por naturalidade

O item *Simpáticos* ocupa o primeiro lugar nas duas subamostras, sem que se registem diferenças de frequência significativas. Outras características, no entanto, apresentam diferenças estatisticamente significativas nos níveis de ocorrência: assim, os respondentes não algarvios indicam mais que os algarvios *Aventureiros, Preguiçosos, Hospitais e Simples*, enquanto que os algarvios recorrem mais às características *Burros, Ignorantes, Atrasados e Vaidosos* (Quadro 77)¹⁴⁵.

Atendendo aos itens não apresentados no Quadro 7, assinala-se que *Antipáticos, Companheiros e Pessoas* foram referidos com frequência 5 na subamostra algarvia mas apenas por um respondente na subamostra não-algarvia. Pelo contrário, o item *Sonhadores* foi referido exclusivamente nesta subamostra (frequência 5).

¹⁴⁵ Apresentam-se em seguida os itens mais frequentemente referidos pelos inquiridos nascidos em países estrangeiros (35 sujeitos): *Simpáticos* (N = 11, 31,4%), *Trabalhadores* (N = 9, 25,7%), *Acolhedores* (N = 6, 17,1%), *Aventureiros e Alegres* (N = 5, 14,3%), *Bons, Pacíficos e Sociáveis* (N = 4, 11,4%), *Preguiçosos, Calmos e Invejosos* (N = 3, 8,6%). Todos os outros 100 itens referidos por estes respondentes ocorreram com frequência igual ou inferior a 2. Assinala-se ainda que do conjunto de trinta e três itens que temos vindo a analisar, apenas *Ambiciosos, Bonitos e Honestos* não foram referidos nesta subamostra.

Quadro 77: Itens mais frequentes na descrição dos Portugueses (subamostras por naturalidade)

Os Portugueses são...	Amostra total %	Subamostra de naturais do Algarve		Subamostra de naturais de fora do Algarve		Signif. estatística
		N	%	N	%	
Simpáticos	33,3	44	32,6	38	36,2	n.s.
Trabalhadores	16,1	20	14,8	15	14,3	n.s.
Amigos	14,3	24	17,8	14	13,3	n.s.
Acolhedores	12,5	17	12,6	12	11,4	n.s.
Aventureiros	11,5	10	7,4	16	15,2	p ≤ 0,1
Inteligentes	10,4	17	12,6	11	10,5	n.s.
Preguiçosos	9,7	8	5,9	16	15,2	p ≤ 0,05
Hospitaleiros	8,6	8	5,9	14	13,3	p ≤ 0,1
Alegres	7,9	9	6,7	7	6,7	n.s.
Boas pessoas	7,2	10	7,4	8	7,6	n.s.
Corajosos	7,2	13	9,6	5	4,8	n.s.
Orgulhosos	6,8	11	8,1	7	6,7	n.s.
Patriotas	6,8	11	8,1	6	5,7	n.s.
Espertos	5,7	10	7,4	5	4,8	n.s.
Bons	5,0	5	3,7	5	4,8	n.s.
Compreensivos	5,0	7	5,2	5	4,8	n.s.
Egoístas	5,0	6	4,4	6	5,7	n.s.
Tradicionalis	5,0	5	3,7	7	6,7	n.s.
Simple	4,3	2	1,5	9	8,6	*p ≤ 0,05
Pacíficos	4,3	3	2,2	5	4,8	n.s.
Ambiciosos	3,9	6	4,4	5	4,8	n.s.
Carinhosos	3,9	6	4,4	4	3,8	n.s.
Divertidos	3,9	6	4,4	3	2,9	n.s.
Burros	3,6	7	5,2	1	1,0	*p ≤ 0,05
Comodistas	3,2	4	3,0	4	3,8	n.s.
Honestos	3,2	5	3,7	4	3,8	n.s.
Ignorantes	3,2	6	4,4	1	1,0	*p ≤ 0,05
Pobres	3,2	3	2,2	4	3,8	n.s.
Sociáveis	3,2	2	1,5	3	2,9	n.s.
Atrasados	2,9	7	5,2	1	1,0	*p ≤ 0,05
Bonitos	2,9	5	3,7	3	2,9	n.s.
Sinceros	2,9	3	2,2	5	4,8	n.s.
Vaidosos	2,9	6	4,4	1	1,0	*p ≤ 0,05

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

3. Portugueses, fragmentos de um discurso

*Povo acolhedor, aventureiro, mais ou menos trabalhador, simpáticos,
complicados, engraçados.
Santos, originais, amigos, orgulhosos, vaidosos, sinceros.*

A comparação de *evocação* e *discurso* revela-nos, tal como anteriormente, a propósito de Portugal, congruência no padrão individual de resposta e maior explicitação nas características dos Portugueses nas perguntas estruturadas.

Esta congruência pode ser observada quer no percurso individual dos respondentes, quer no conjunto das características mais referidas em ambos os casos.

Evocação-discurso: congruência das respostas

Os conteúdos obtidos através das perguntas P02 e P04 permitem-nos efectivamente observar que, entre os dois momentos de resposta, o inquirido tende a não alterar o fio do seu pensamento, procedendo sim a uma estruturação que não só explicita o seu discurso como exterioriza alguma emocionalidade (Quadro 78). A emocionalidade expressa tende para uma avaliação positiva dos Portugueses, embora menos intensa do que a observada relativamente a Portugal. Um dos inquiridos sugere que é Portugal e a ligação a ele que fundamenta o que melhor caracteriza os Portugueses: “[Portugueses] Bons naquilo que fazem, preguiçosos, desvalorizadores do que têm, boas pessoas, pouco ambiciosos, bastante considerados naquilo que têm – Portugal.”

A seguir apresentam-se alguns exemplos da congruência a que nos referimos. Trata-se das respostas dadas às duas perguntas pelo mesmo respondente.

Características mais frequentes

Dos dezasseis elementos que obtiveram inicialmente maior frequência (P02, Quadro 72), mais de metade surge novamente na segunda pergunta entre os 33 mais frequentes, ocupando, à excepção de *Pacíficos*, as primeiras posições do Quadro 4. *Simpático*, da primeira para a segunda pergunta, mantém-se em posição cimeira; para além deste, repetem-se

todos os itens de caracterização psicossocial (à exceção de *Porreiros*). Os itens não mencionados na segunda pergunta reflectem a associação Portugal-Portugueses (*Povo, Nós, Eu, Portugal*), a qual, neste caso, deixou de ter sentido.

Quadro 78: Os Portugueses, evocação e discurso

Evocação (P02) “Os Portugueses”	Discurso (P04) “Os Portugueses são...”	Respondente
1 - Gente	Boa gente, acolhedores, gente de confiança, simpáticos, não deixam que lhes pisem os calos.	masculino, 21 anos, (?), República Federal Alemã, ensino universitário
2 - Irmãos	Tristes, empreendedores, calados, pouco abertos, pouco cultos, teimosos.	feminino, 30 anos, Montijo, ensino universitário
3 - Nós	Boas pessoas, hospitaleiros, simpáticos, burros, alegres, nacionalistas.	feminino, 20 anos, Tomar, ensino universitário
4 - Mar	Hospitaleiros, melancólicos, conformados, pacíficos, ingénuos, prevenidos.	feminino, 19 anos, Faro, ensino universitário
5 - Povo	Trabalhadores, corajosos, desleixados, esquecem facilmente as dificuldades, espertos quando querem.	masculino, 28 anos, Port Kembla, Austrália, ensino universitário
6 - Um povo	Amorosos, românticos, atenciosos, convencidos, altruístas.	feminino, 19 anos, Tavira, ensino Secundário
7 - Nossa sociedade	Aventureiros, tradicionalistas, marinheiros, alegres, gulosos, hospitaleiros.	feminino, 28 anos, Braga, ensino universitário
8 - Caravela	Bons, nobres, valentes, pacíficos, independentes, conquistadores.	masculino, 22 anos, (?), Moçambique, ensino universitário
9 - O meu povo	Acolhedores, bons, sinceros, emigrantes, amáveis.	masculino, 22 anos, Mirandela, ensino universitário
10 - Povo da minha nacionalidade	Inteligentes, atenciosos, respeitadores, lutadores, unidos.	masculino, 20 anos, Funchal, ensino universitário
11 - Os melhores	Extrovertidos, brincalhões, trapalhões, temperamentais, espertos, inibidos.	masculino, 24 anos, Lisboa, ensino universitário
12 - Pátria, prazer	Bons, simpáticos, carinhosos, trabalhadores, competentes.	masculino, 19 anos, França, ensino secundário
13 - Nascidos em Portugal	Simpáticos, acolhedores, egoístas, preguiçosos, muitos têm complexos de inferioridade por serem portugueses.	feminino, 18 anos, Horta, ensino universitário

Entre as características mais atribuídas e comuns nas respostas às duas perguntas, três casos merecem destaque: *Boas pessoas*, que, sendo inicialmente o segundo item mais referido, passa para a décima posição, substituído por *Trabalhadores*; *Acolhedores*, que revela uma posição bastante estável (sobe de quinto para quarto lugar); e *Amigos* que sobe de nono para terceiro lugar. As alterações quanto a *Boas pessoas* e *Amigos* anunciam aquilo que se pôde comprovar posteriormente. O consenso quanto à Afectividade e a divergência sobre *Trabalhadores*, que, embora obtenha atribuição elevada, revela um posicionamento posicionamento conflituante típico do sistema periférico.

Tal como aconteceu em relação ao sentimento nacional, também para as características dos Portugueses se podem comparar os resultados obtidos no nosso trabalho com aqueles que outros estudos referem. Num estudo sobre auto e hetero-estereótipos nacionais, realizado com indivíduos portugueses (técnica da *introspecção focalizada*) e tendo Franceses e Espanhóis como grupos de referência, foram encontrados como mais frequentes os itens *Trabalhadores*, *Hospitaleiros*, *Simpáticos*, *Subdesenvolvidos*, e ainda *Calmos*, *Pobres* e *Preguiçosos* (Garcia-Marques e Palma-Oliveira, 1988, p. 314). Comparando estes itens com aqueles que se revelaram mais frequentes entre os jovens por nós inquiridos, conclui-se pelo posicionamento comum em lugares cimeiros de *Simpático*, *Hospitaleiro* e *Trabalhador*, constituindo a principal diferença no item *Subdesenvolvidos*, pouco indicado pelos nossos respondentes.

Em outro estudo de auto e hetero-estereótipos nacionais, de realização posterior e referente às imagens recíprocas de Portugueses e Franceses, foram identificados (*introspecção focalizada*) como itens descritores dos Portugueses mais frequentemente referidos os seguintes: “acolhedores, trabalhadores, simpáticos, acomodados, calmos, modestos/humildes, inteligentes, extrovertidos, incompetentes, amigos, conservadores” (Palma-Oliveira *et al.*, 1992, p. 75)¹⁴⁶. Trata-se, novamente, de resultados que se

¹⁴⁶ No mesmo estudo avaliou-se ainda a auto-imagem dos Portugueses recorrendo a um conjunto proposto de adjectivos. Do referido conjunto os inquiridos seleccionaram mais frequentemente *Acolhedores*, *Sentimento de família*, *Calorosos*, *Trabalhadores*, *Simpáticos*, *Tradicionalistas*, *Emotivos* e *Inteligentes*, figurando *Agressivos* e *Racistas* nos últimos lugares (Palma-Oliveira *et al.*, ob. cit., p. 72), no que se reflecte, por um lado a consistência dos itens

assemelham aos nossos, e de forma mais acentuada para os itens mencionados nos lugares cimeiros – *Acolhedores*, *Trabalhadores*, *Simpáticos*. Será interessante assinalar que, tal como no estudo anterior, também neste se trabalhou com amostras diversificadas (em sexo, idade, zona de residência, instrução e actividade profissional). Sobre as mesmas os autores concluem pela imagem consistente dos Portugueses: “Quer examinemos a variável zona, a variável sexo ou mesmo a variável idade não registamos variações significativas na positividade/negatividade da autodescrição dos sujeitos enquanto portugueses.” (Palma Oliveira *et al.*, *ob. cit.*, p. 78).

Um terceiro trabalho de auto e hetero-estereótipos nacionais sobre Portugueses e Alemães apresenta algum grau de proximidade com os nossos resultados relativamente aos itens comuns mais referidos – *Acolhedores* e *Bons*. De salientar que neste estudo se recolheram auto estereótipos de cidadãos Portugueses residentes em Portugal e na Alemanha e que os dois referidos itens foram encontrados nas duas imagens (Guinote, 1996, p. 69-71).

Finalmente, numa quarta investigação sobre representações sociais identitárias estudou-se o auto-estereótipo Português e dois hetero-estereótipos (Espanhóis e Norte-Europeus) recorrendo a um conjunto proposto de 98 itens. Os itens mais atribuídos aos Portugueses foram: *Religioso*, *Alegre*, *Aventureiro*, *Sonhador* e *Sentimental* (Bastos, 1995, p. 548). Excluindo desta imagem os traços também atribuídos aos outros dois estereótipos, o autor obteve o que denominou *perfil social identitário específico* dos Portugueses: *De boa fé*, *Sonhador*, *Confiante*, *Serviçal* e *Sentimental* (*ob. cit.*, p. 559). Quanto aos itens mais negados, evidenciam-se os seguintes: *Arrogante*, *Racista*, *Agressivo*, *Frio*, *Insolente*, *Com aptidão para ciências*, *Provocador* e *Presunçoso* (*ob. cit.*, p. 582), os quais descrevem uma tendência para a recusa do *Antipático* e *Frio*, tal como observámos.

De entre os quatro estudos que acabámos de referir, este é aquele que metodologicamente mais se aproxima do nosso em virtude de analisar, através de uma grelha comum, conteúdos identitários dos Portugueses e dos inquiridos, e procurar, pela integração destas duas auto-

mais escolhidos e, relativamente aos nossos resultados, a aproximação no que respeita aos itens pouco escolhidos.

representações¹⁴⁷, identificar aquilo que designou por “núcleo central do campo identitário” (ob. cit., p. 603). Embora este autor tenha recorrido a procedimentos metodológicos diferentes do nossos para delimitar esta zona central da auto-representação, é interessante comparar com os nossos os seus resultados, o que será feito no ponto seguinte deste capítulo.

4. Cartografia do campo representacional dos Portugueses

Uma forma alternativa à análise de frequências para estudar o campo representacional consiste na projecção dos itens num espaço semântico definido pelos factores extraídos através da análise factorial das correspondências (realizada sobre a matriz respondentes × itens). Para além do valor interpretativo dos factores como dimensões conceptuais organizadoras do campo representacional, revelando potenciais fontes de diversidade interindividual, a distribuição espacial dos itens no plano semântico permite perspectivá-los em função da sua co-ocorrência nas respostas individuais.

Dado que nos dois momentos de caracterização se observou congruência entre os respondentes, tanto ao nível geral da atribuição de características como ao nível do percurso individual do respondente, reuniu-se, para cada inquirido, o conteúdo das respostas às duas perguntas sobre os Portugueses (P02 e P04). Para realizar a análise factorial sobre o *corpus* assim constituído (campo representacional do Português), trabalhou-se apenas com os itens de frequência igual ou superior a 8¹⁴⁸.

¹⁴⁷ Na realidade, José Pereira Bastos, para além das duas fontes de informação referidas (*auto-representação do português* e *auto-representação pessoal*), considera uma terceira, que designou *auto-representação social ideal correctora*, constituída pelos traços que “seria ideal que os portugueses tivessem, isto é, aquilo que os portugueses não são mas que (...) seria bom que fossem” (ob. cit., p. 584).

¹⁴⁸ A reunião das respostas a estas duas perguntas resultou num *corpus* constituído por 568 itens diferentes que, no total, atingem os 1876 elementos (343 têm frequência 1). O conjunto com frequência igual ou superior a 8 corresponde a 49 itens distintos que agrupam 921 elementos (49,1% do *corpus* total): *Simpáticos* (N=127), *Trabalhadores* (N=49), *Amigos* (N=46), *Acolhedores* (N=44), *Boas pessoas* (N=45), *Aventureiros* (N=37), *Inteligentes* (N=32), *Preguiçosos e Alegres* (N=30), *Hospitaleiros* (N=29), *Patriotas* (N=24), *Corajosos* (N=22), *Espertos e Orgulhosos* (N=19), *Pacíficos* (N=17), *Egoístas, Simples e Tradicionais* (N=16), *Bons* (N=15), *Compreensivos* (N=14), *Burros* (N=13), *Divertidos e Povo* (N=12), *Amáveis, Ambiciosos, Carinhosos e Pessoas* (N=11), *Atrasados, Honestos, Ignorantes, Pobres, Sinceros e Sociáveis* (N=10), *Calmos, Comodistas, Descobridores, Unidos e Vaidosos* (N=9), *Amigáveis,*

Campo semântico do Português

O Quadro 79 apresenta a caracterização dos três factores extraídos pela análise de correspondências efectuada sobre os 49 itens seleccionados¹⁴⁹.

Quadro 79: Campo semântico do Português: resultados da análise factorial de correspondências

Factor	Valor próprio	% variância	% acumulada	Itens com maior contribuição ¹⁵⁰
1	0,61	4,0	4,0	(+) → Simples, Tradicionais, Amáveis, Porreiros, Trabalhadores, Aventureiros (-) → Burros, Atrasados, Espertos, Ignorantes, Pessoas, Povo, Ambiciosos, Pobres
2	0,54	3,6	7,6	(+) → Atrasados, Pobres, Povo, Pessoas, Boas pessoas (-) → Burros, Espertos, Pacatos
3	0,52	3,4	11,0	(+) → Porreiros, Sinceros, Vaidosos, Sonhadores, Atrasados, Trabalhadores, Amáveis (-) → Tradicionais, Descobridores, Calmos, Boas pessoas, Amigos

A percentagem de variância explicada pelos três factores é reduzida (11%), mas, tal como se disse no capítulo anterior, esse resultado é habitual quando se trabalha com matrizes esparsas (respondentes × itens).

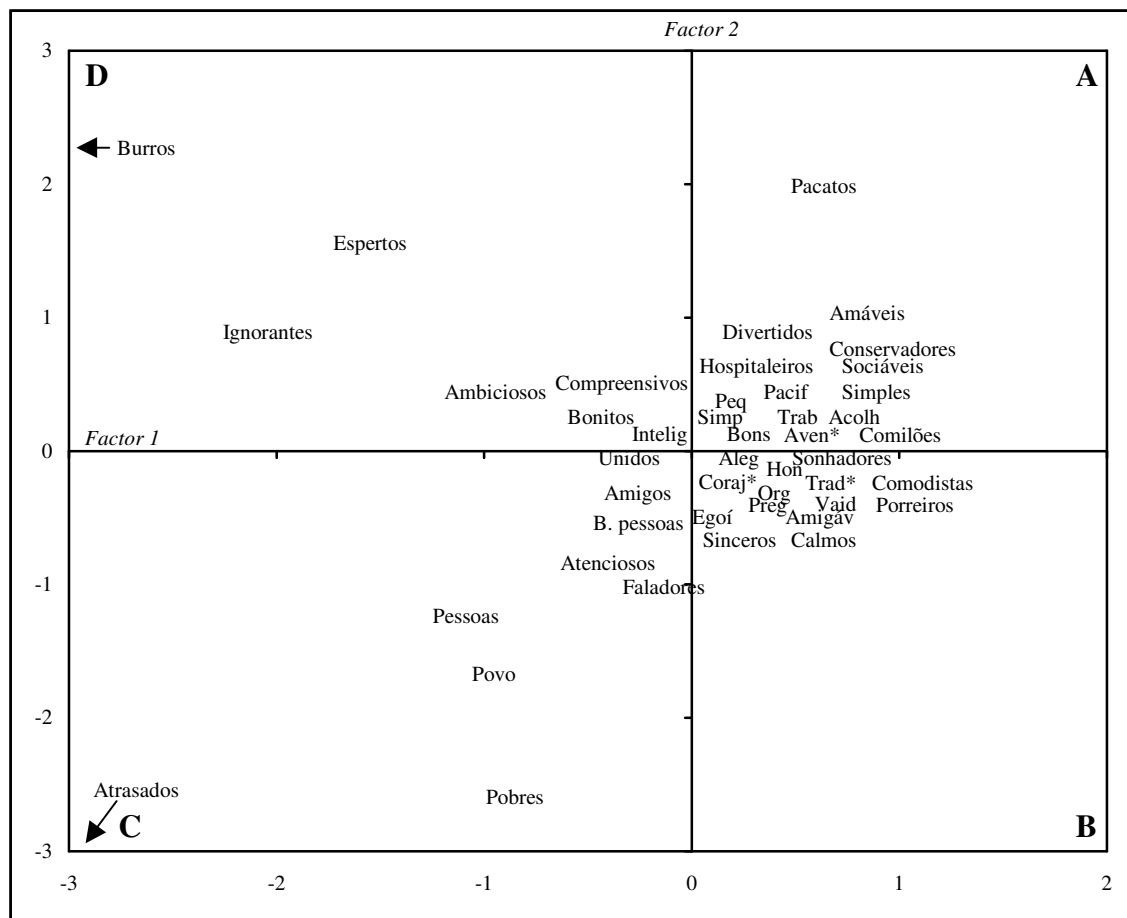
As Figuras 11 e 12 resultam da projecção dos 49 itens em dois planos factoriais¹⁵¹.

Atenciosos, Bonitos, Comilões, Conservadores, Faladores, Humanos, Pacatos, Pequenos, Porreiros e Sonhadores (N=8).

¹⁴⁹ No Anexo III (Quadros III.8 e III.9) apresenta-se a totalidade dos resultados da análise factorial de correspondências.

¹⁵⁰ Os itens destacados (**negrito**) em cada factor são aqueles cuja contribuição é superior à média (2,0%); os restantes itens, de contribuição inferior, são apresentados para haver uma representatividade mais equilibrada dos itens localizados em cada um dos pólos dos factores. Assim, no factor 1 considerou-se uma contribuição mínima de 1,0%, para se incluírem itens situados no pólo positivo do factor; no factor 3 consideraram-se contribuições superiores a 1,9%. Baseámos a interpretação de cada factor fundamentalmente nos itens com maior contribuição, embora tenhamos tomado igualmente como referência itens de menor peso mas ocupando posições extremadas.

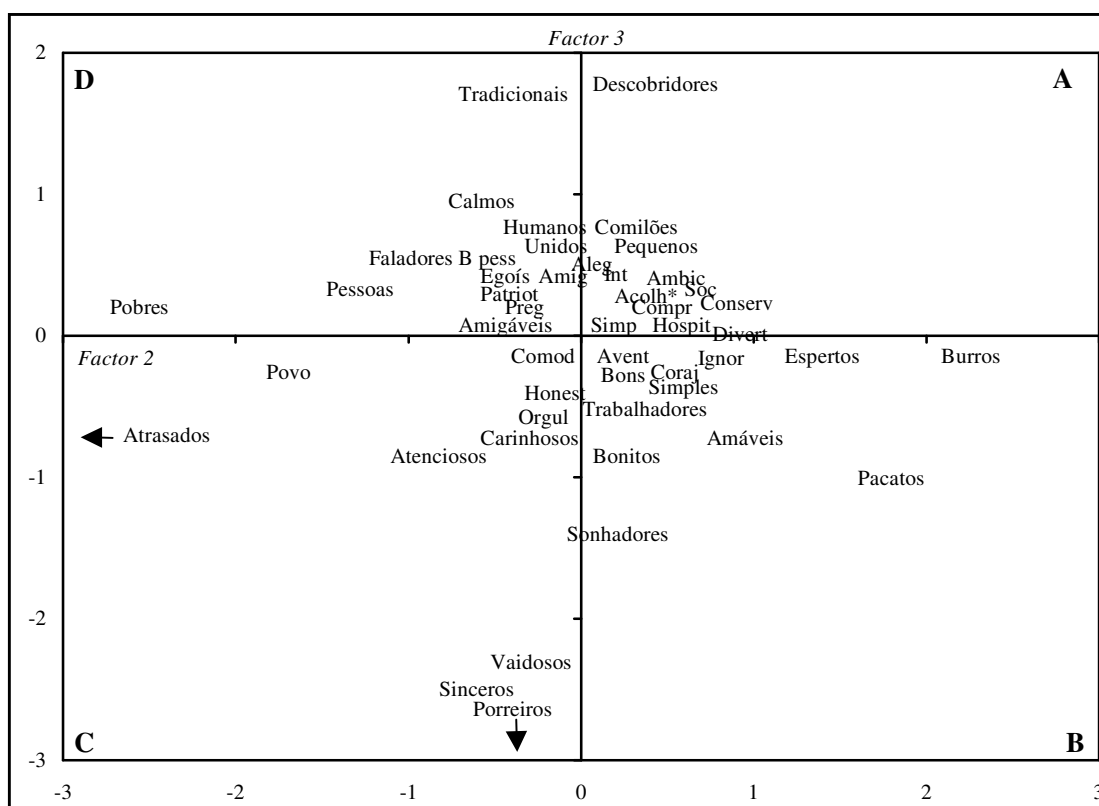
¹⁵¹ Tal como no capítulo anterior, as setas representadas nas três figuras seguintes indicam que o item a elas associado se encontra fora dos limites do gráfico. Nas Figuras 1 e 2 alguns itens aparecem abreviados, como a seguir se indica: Acolh (*Acolhedores*), Aleg (*Alegres*), Amigáv (*Amigáveis*), Aven (*Aventureiros*), B. pessoas (*Boas pessoas*), Coraj (*Corajosos*), Egoí (*Egoístas*), Hon (*Honestos*), Intelig (*Inteligentes*), Org (*Orgulhosos*), Pacif (*Pacíficos*), Peq (*Pequenos*), Preg (*Preguiçosos*), Simp (*Simpáticos*), Trab (*Trabalhadores*), Trad (*Tradicionais*), Vaid (*Vaidosos*).

Figura 11: Campo representacional do Português (primeiro plano factorial) ¹⁵²

O primeiro factor opõe itens que avaliam capacidades intelectuais ou aspectos de realização pessoal (*Burros, Atrasados, Espertos, Ignorantes, Ambiciosos*) a características mais relacionais (*Tradicionais, Simples, Amáveis, Porreiros*).

O segundo factor opõe itens como *Atrasados, Pobres, Povo, Pessoas, Boas pessoas* a *Burros, Espertos e Pacatos* e parece decorrer de uma perspectiva dominada pela configuração económica do país (*Atrasados, Pobres*) contra outra em que são valorizados os aspectos de convivência social, reflectidos no item *Pacatos*.

¹⁵² Devido a ocuparem posições bastante próximas no plano, alguns itens sobrepõem-se, estando por isso assinalados com um asterisco (*). Assim, o item *Aventureiros* esconde o item *Descobridores*, *Corajosos* esconde *Humanos*, *Tradicionais* esconde *Carinhosos* e *Patriotas*.

Figura 12: Campo representacional do Português (segundo plano factorial) ¹⁵³

Finalmente, para o terceiro factor, que contrasta os itens *Porreiros*, *Sinceros*, *Vaidosos*, *Sonhadores*, *Atrasados* e *Trabalhadores* com os itens *Tradicionais*, *Descobridores*, *Calmos*, *Amigos*, *Boas pessoas*, poderá pensar-se que a acção e o sonho polarizam o padrão de resposta, que *Descobridores* protagoniza no primeiro caso e *Sonhadores* no segundo.

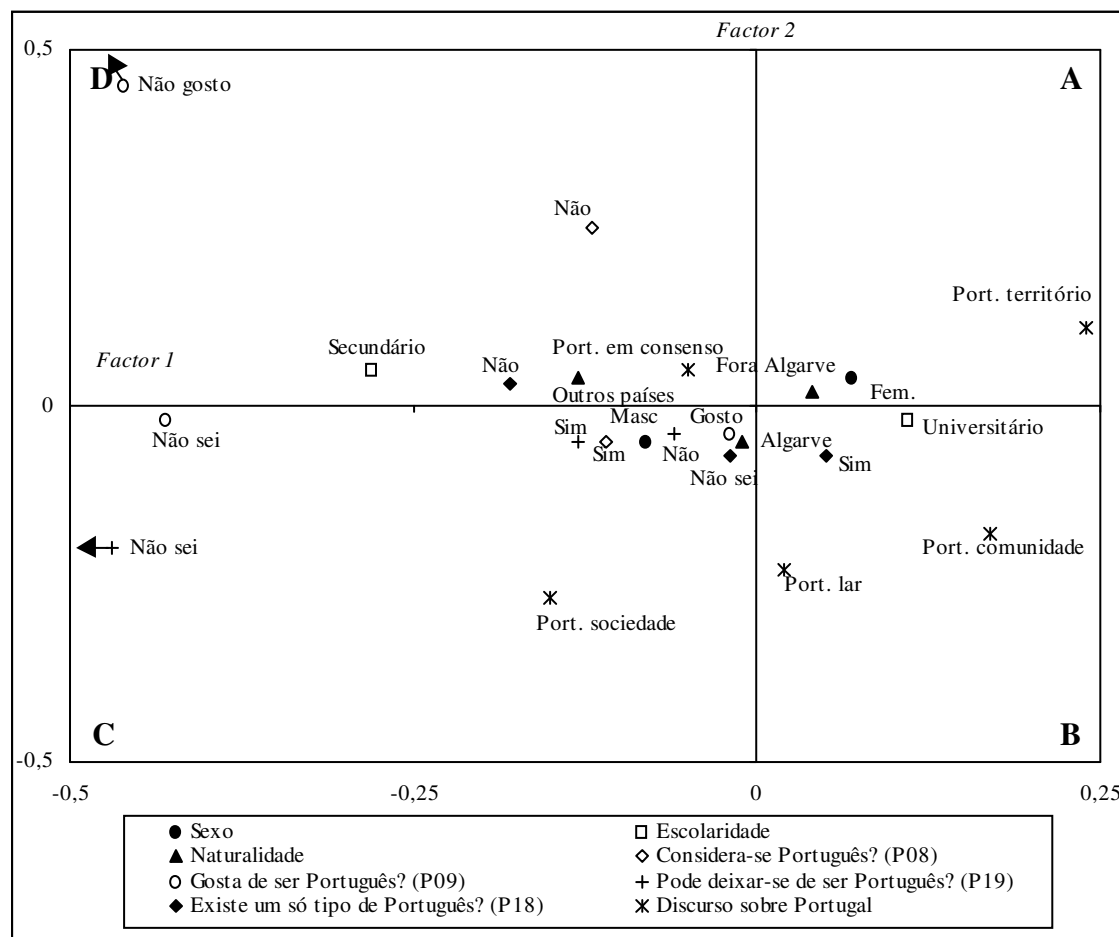
Campo semântico e ancoragem

Em complemento da análise anterior, e com vista ao esclarecimento possível dos tipos de ancoragem, utilizaram-se como variáveis ilustrativas as variáveis estratificadoras da amostra (sexo, escolaridade e naturalidade), as respostas a quatro das perguntas sobre o sentimento nacional e concepções de nacionalidade (P07, P08, P14 e P15) e o tipo de discurso

¹⁵³ O item assinalado (*Acolhedores*, *Acolh**) sobrepõe-se a *Pacíficos*, dado ocuparem igual posição no plano factorial.

sobre Portugal (ver Capítulo 7). A Figura 13 apresenta a projecção no primeiro plano factorial destas variáveis.

Figura 13: Campo representacional do Português: projecção de algumas variáveis ilustrativas no primeiro plano factorial



Relativamente à posição das variáveis estratificadoras, observa-se que elas se concentram em torno da origem dos eixos. As posições mais demarcadas referem-se aos dois níveis de ensino: a subamostra do ensino universitário situa-se à direita do primeiro factor (quadrante B) e a do ensino secundário à esquerda (quadrante D). O segundo factor não parece introduzir diversidade significativa no posicionamento das diferentes subamostras.

No que respeita às perguntas relativas ao sentimento nacional, verifica-se que as respostas que indiciam baixo sentimento nacional obtêm posições mais afastadas do centro do plano factorial. Destacam-se as respostas negativas às perguntas *Gosta de ser Português?* e *Considera-se*

Português? (quadrante D) e as respostas *Não sei* às perguntas *Gosta de ser Português?* e *Pode deixar-se de ser Português?* (quadrante C).

Também os discursos sobre Portugal, identificados no capítulo anterior, se posicionam diferentemente no plano: o discurso *Portugal sociedade* associa-se aos pólos negativos dos dois factores (quadrante C), enquanto o discurso *Portugal território* e *Portugal comunidade* se situam no lado positivo do primeiro factor (respectivamente nos quadrantes A e B). Como seria de esperar, o grupo definido por um tipo de discurso que designámos *Portugal em consenso* situa-se numa posição próxima da origem dos eixos¹⁵⁴.

Se considerarmos os três tipos de ancoragem propostos por Doise, podemos referir que a ancoragem da imagem dos Portugueses se verifica mais claramente nos níveis psicológico (sentimento nacional) e psicossocial (concepções de nacionalidade, discursos sobre Portugal), enquanto que a ancoragem sociológica só se manifestou através dos grupos de escolaridade considerados.

Representação social de identidade pessoal

Os resultados que as seguir se vão apresentar referem-se a conteúdos de representação da identidade pessoal dos respondentes, obtidos através de perguntas semelhantes às empregues para a representação dos Portugueses e que se acabam de mencionar. Por precaução, para evitar que o respondente procurasse facilitar a tarefa recorrendo a itens de que se servira para caracterização da identidade nacional, no que se produziriam aproximações ocasionais e não aproximações de fundo, estas perguntas

¹⁵⁴ Como complemento ao estudo da ancoragem da imagem do Português nos discursos sobre Portugal, analisou-se a ocorrência dos itens descritores dos Portugueses (Quadro 74) entre os grupos identificados no Capítulo 7 para representar cada tipo de discurso. A análise revelou que apenas o item *Simpático* ocorre em níveis estatisticamente distintos nos cinco grupos considerados ($\phi = 0,21$; $p \leq 0,01$), sendo mais frequente entre os respondentes que privilegiam um discurso *Portugal comunidade* e menos frequente entre aqueles que veiculam discursos *Portugal sociedade* e *Portugal lar*. Esta associação entre Portugal-comunidade étnica, e *Simpático*, como traço mais atribuído aos Portugueses, remete para a coerência interna entre estruturas sociais e formas culturais, exteriorizando o que tem sido afirmado sobre a força das crenças normativas como regras de vida específicas de certos grupos sociais.

foram apresentadas em separado, depois de respondidas todas as que se referiam aos Portugueses.

1. Campo semântico da representação do *Eu* (cidadãos portugueses) - análise de saliência

*Carinhosa, despistada, preguiçosa, esperta, bem portuguesa.
Português, companheiro, simples, mais um nacionalista, democrático.
Sonhadora, sensível, sentimental, racional, contraditória.
Inteligente, bondoso, amigo, carinhoso, meigo, falador.*

*Sou eu, português, alegre, descontraído, espírito aberto, saudosista.
Acima de tudo portuguesa, meiga, preguiçosa, amiga, acolhedora.*

A pergunta “Quem sou eu?” (P21), replicava para a identidade pessoal o que se passara com a pergunta P04 para a identidade portuguesa (Quadro 71), nomeadamente o pedido aos inquiridos para indicarem pelo menos 5 itens de caracterização. Respondida por 279 indivíduos, obtiveram-se através desta pergunta e após a desagregação das respostas 1399 elementos, dos quais 452 são itens distintos (índice de riqueza: 0,323; 303 itens com frequência 1) ¹⁵⁵.

Amostra total

Os itens mais frequentemente referidos, e que a seguir se indicam, agrupam mais de metade do *corpus* obtido, surgindo nos lugares cimeiros *Português, Amigo, Estudante e Simpático*. Descrever-se como *Português*

¹⁵⁵ Por se ter usado nesta pergunta o mesmo protocolo de resposta que para “Os Portugueses são...” (P04), torna-se possível comparar a diversidade dos *corpora* obtidos. O resultado desta comparação revela-se interessante. Registaram-se 1453 elementos caracterizadores dos Portugueses e 1399 elementos de caracterização do eu (uma diferença de apenas 3,7%); 474 itens distintos na caracterização dos Portugueses e 452 na do Eu; valores ligeiramente superiores se registaram na caracterização do eu para o número de itens com frequência 1 (22%, contra 19% na caracterização dos Portugueses), verificando-se o inverso no índice de riqueza (0,323 na caracterização do eu e 0,326 na caracterização dos Portugueses). A comparação deste valores sugere duas formas de identidade muito aproximadas quanto à sua riqueza semântica e apenas ligeiramente menos estereotipada na descrição do Eu, se atendermos aos itens de frequência 1.

reúne 43% dos respondentes e surge destacado dos três restantes (Quadro 80).

Quadro 80: Itens mais frequentes na representação do *Eu*

Quem sou eu? (P21)	N	Respondentes (%)	Itens (%)
Português	117	42,9	8,4
Amigo	70	25,6	5,0
Estudante	57	20,9	4,1
Simpático	41	15,0	2,9
Rapariga	23	8,4	1,6
Pessoa	22	8,1	1,6
Sentimental	22	8,1	1,6
Alegre	21	7,7	1,5
Jovem	20	7,3	1,4
Inteligente	19	7,0	1,4
Mulher	18	6,6	1,3
Ambicioso	17	6,2	1,2
Divertido	16	5,9	1,1
Trabalhador	16	5,9	1,1
Compreensivo	15	5,5	1,1
Honesto	15	5,5	1,1
Ser humano	15	5,5	1,1
Carinhoso	14	5,1	1,0
Sonhador	14	5,1	1,0
Afectuoso	13	4,8	0,9
Preguiçoso	13	4,8	0,9
Humano	12	4,4	0,9
Responsável	12	4,4	0,9
Tímido	11	4,0	0,8
Alguém	10	3,7	0,7
Aventureiro	10	3,7	0,7
Curioso	10	3,7	0,7
Eu	10	3,7	0,7
Rapaz	10	3,7	0,7
Brincalhão	9	3,3	0,7
Esperto	9	3,3	0,7
Homem	9	3,3	0,7
Algarvio	8	2,9	0,6
Apaixonado	8	2,9	0,6
Orgulhoso	8	2,9	0,6
Simple	8	2,9	0,6
Sincero	8	2,9	0,6
Sociável	8	2,9	0,6
Teimoso	8	2,9	0,6
Total	746		53,3

Apesar de no conjunto dos itens mais frequentes predominarem aqueles que se referem a papel social, como *Português* e *Estudante*, tendência que não contraria o já registado em estudos referentes à descrição do Eu (Doise *et al.*, 1992, p. 137), não deixa de ser igualmente interessante verificar que alguns traços de personalidade se posicionam nos primeiros lugares. É o caso nomeadamente de *Amigo* e *Simpático*.

A importância que os inquiridos assinalam às características psicossociais na apresentação do *Eu* torna-se mais notória se considerarmos a sua distribuição no conjunto total dos itens (ver Quadro III.10, Anexo III): quer quanto aos itens distintos produzidos, quer no total de elementos obtidos, a maioria dos inquiridos refere traços de personalidade. Num caso e noutro, os itens associados a papel social são notoriamente minoritários¹⁵⁶, respectivamente 10% e 24% (Quadro 81)¹⁵⁷.

Quadro 81: Formas de apresentação do *Eu*

Quem sou eu? (P21)	Itens distintos referidos		Total de itens referidos	
	N	%	N	%
Itens associados a papel social	47	10,4	341	24,4
Itens associados a traços de personalidade	338	74,8	918	65,6
Itens associados a traços físicos	16	3,5	25	1,8
Outros itens	51	11,3	115	8,2
Total	452	100,0	1399	100,0

Se no conjunto de itens de apresentação do *Eu* podemos observar a predominância de traços de personalidade, o que nos remete para uma auto-representação mais centrada na pessoa que na sua identificação social, a análise dos itens mais frequentes revela a preferência por traços afectivo-relacionais (*Amigo, Simpático, Carinhoso, Afectuoso...*), cuja atribuição se distancia claramente de outras dimensões do *Eu*. A inteligência e a acção são duas destas dimensões. No que se refere à inteligência, não se regista

¹⁵⁶ Os itens classificados como associados a papel social foram, entre outros, *Português, Rapariga, Rapaz, Homem, Mulher, Menina, Sexo feminino, Jovem, Adolescente, Estudante, Aluno, Universitário, Filho, Neto, Irmão, Mãe, Esposa, Sobrinho, Algarvio, Transmontano, Madeirense, Minhoto, Beirão, Do norte, Louletano, Olhanense, Lisboaeta, Alfacinha, Portista, Benfiquista, Sportinguista, Skin-head, Cidadão, Europeu*.

¹⁵⁷ A presença de itens que não se incluem em nenhuma destas categorias, como *pessoa, ser humano, alguém, eu...* e se considerou “outros”, não deixa de ser interessante e poderá estar relacionada com uma tendência para a não assertividade já pressentida em respostas a outras perguntas.

polarização. Os inquiridos definem-se como *Inteligentes* ou *Espertos*, o que não acontece para acção, em que voltamos a encontrar o confronto *Trabalhadores/Preguiçosos*, registado anteriormente na caracterização dos Portugueses.

Dos 43 itens apresentados para a descrição do Eu e do Português (Quadros 74 e 80, excluindo os itens associados a papel social), verifica-se que 17 (39,5%) são utilizados nas duas representações. A maior diferença respeita à inclusão na caracterização dos Portugueses de itens negativos (*Egoístas, Burros, Comodistas, Ignorantes, Pobres, Atrasados*), não referidos na descrição do Eu. Uma análise mais aprofundada da comparação destes dois campos semânticos será apresentada na parte C deste capítulo.

Subamostras por sexo

Para o item *Português* não se observa qualquer distinção entre as duas subamostras. No entanto, entre os restantes, um número elevado apresenta níveis de ocorrência cuja diferença é estatisticamente significativa. Se excluirmos os itens associados a papéis sexuais (*Rapariga, Rapaz, Mulher e Homem*), verificam-se as seguintes diferenças: *Amigo, Simpático, Alguém e Teimoso* são escolhidos preferencialmente pela subamostra feminina; *Humano, Aventureiro, Curioso, Esperto, Simples e Algarvio* sendo mais referidos pelos respondentes masculinos (Quadro 82). Serão ainda de assinalar os itens *Filha* (N = 6), *Bem disposto* e *Gosto de ajudar* (N = 5), referidos maioritariamente pelos respondentes femininos mas que não constam no quadro.

Para além de grande consenso na representação da identidade pessoal por papel, em que é destacada a pertença nacional (*Português*), observa-se uma diferenciação masculina na acentuação da componente de Aventura (*Aventureiro, Curioso*), enquanto que a subamostra feminina se diferencia por acentuar itens afectivos (*Amigo, Simpático*).

Quadro 82: Itens mais frequentes na descrição do *Eu* (subamostras por sexo)

Quem sou eu? (P21)	Amostra total (%)	Subamostra do sexo masculino		Subamostra do sexo feminino		Signif. estatística
		N	%	N	%	
Português	42,9	54	46,2	63	40,4	n.s.
Amigo	25,6	19	16,2	51	32,7	p ≤ 0,01
Estudante	20,9	26	22,2	31	19,9	n.s.
Simpático	15,0	8	6,8	33	21,2	p ≤ 0,01
Rapariga	8,4	0	0,0	23	14,7	p ≤ 0,01
Pessoa	8,1	7	6,0	15	9,6	n.s.
Sentimental	8,1	6	5,1	16	10,3	n.s.
Alegre	7,7	8	6,8	13	8,3	n.s.
Jovem	7,3	9	7,7	11	7,1	n.s.
Inteligente	7,0	10	8,5	9	5,8	n.s.
Mulher	6,6	0	0,0	18	11,5	p ≤ 0,001
Ambicioso	6,2	7	6,0	9	5,8	n.s.
Divertido	5,9	6	5,1	10	6,4	n.s.
Trabalhador	5,9	8	6,8	8	5,1	n.s.
Compreensivo	5,5	5	4,3	10	6,4	n.s.
Honesto	5,5	7	6,0	8	5,1	n.s.
Ser humano	5,5	4	3,4	11	7,1	n.s.
Carinhoso	5,1	4	3,4	10	6,4	n.s.
Sonhador	5,1	4	3,4	10	6,4	n.s.
Afectuoso	4,8	5	4,3	8	5,1	n.s.
Preguiçoso	4,8	7	6,0	6	3,8	n.s.
Humano	4,4	8	6,8	4	2,6	p ≤ 0,1
Responsável	4,4	3	2,6	9	5,8	n.s.
Tímido	4,0	4	3,4	7	4,5	n.s.
Alguém	3,7	0	0,0	10	6,4	*p ≤ 0,01
Aventureiro	3,7	7	6,0	3	1,9	*p ≤ 0,05
Curioso	3,7	6	5,1	4	2,6	*p ≤ 0,1
Eu	3,7	4	3,4	6	3,8	n.s.
Rapaz	3,7	10	8,5	0	0,0	*p ≤ 0,001
Brincalhão	3,3	3	2,6	6	3,8	n.s.
Esperto	3,3	6	5,1	3	1,9	*p ≤ 0,05
Homem	3,3	9	7,7	0	0,0	*p ≤ 0,001
Algarvio	2,9	7	6,0	1	0,6	*p ≤ 0,01
Apaixonado	2,9	3	2,6	5	3,2	n.s.
Orgulhoso	2,9	4	3,4	4	2,6	n.s.
Simple	2,9	5	4,3	3	1,9	*p ≤ 0,1
Sincero	2,9	3	2,6	5	3,2	n.s.
Sociável	2,9	3	2,6	5	3,2	n.s.
Teimoso	2,9	1	0,9	7	4,5	*p ≤ 0,1

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

Subamostras por nível de escolaridade

Não se registam diferenças estatisticamente significativas nas subamostras por escolaridade para os itens mais referidos.

Quadro 83: Itens mais frequentes na descrição do *Eu* (subamostras por escolaridade)

Quem sou eu? (P21)	Amostra total (%)	Subamostra do ensino secundário		Subamostra do ensino universitário		Signif. estatística
		N	%	N	%	
Português	42,9	44	44,9	73	41,7	n.s.
Amigo	25,6	21	21,4	49	28,0	n.s.
Estudante	20,9	18	18,4	39	22,3	n.s.
Simpático	15,0	14	14,3	27	15,4	n.s.
Rapariga	8,4	15	15,3	8	4,6	$p \leq 0,01$
Pessoa	8,1	12	12,2	10	5,7	$p \leq 0,1$
Sentimental	8,1	6	6,1	16	9,1	n.s.
Alegre	7,7	3	3,1	18	10,3	$p \leq 0,05$
Jovem	7,3	7	7,1	13	7,4	n.s.
Inteligente	7,0	9	9,2	10	5,7	n.s.
Mulher	6,6	10	10,2	8	4,6	$p \leq 0,1$
Ambicioso	6,2	4	4,1	13	7,4	n.s.
Divertido	5,9	3	3,1	13	7,4	n.s.
Trabalhador	5,9	2	2,0	14	8,0	$p \leq 0,1$
Compreensivo	5,5	5	5,1	10	5,7	n.s.
Honesto	5,5	2	2,0	13	7,4	$p \leq 0,1$
Ser humano	5,5	8	8,2	7	4,0	n.s.
Carinhoso	5,1	6	6,1	8	4,6	n.s.
Sonhador	5,1	2	2,0	12	6,9	$p \leq 0,1$
Afectuoso	4,8	1	1,0	12	6,9	* $p \leq 0,05$
Preguiçoso	4,8	3	3,1	10	5,7	n.s.
Humano	4,4	4	4,1	8	4,6	n.s.
Responsável	4,4	3	3,1	9	5,1	n.s.
Tímido	4,0	2	2,0	9	5,1	n.s.
Alguém	3,7	4	4,1	6	3,4	n.s.
Aventureiro	3,7	3	3,1	7	4,0	n.s.
Curioso	3,7	0	0,0	8	4,6	* $p \leq 0,05$
Eu	3,7	8	8,2	2	1,1	* $p \leq 0,001$
Rapaz	3,7	5	5,1	5	2,9	n.s.
Brincalhão	3,3	3	3,1	6	3,4	n.s.
Esperto	3,3	6	6,1	3	1,7	* $p \leq 0,05$
Homem	3,3	5	5,1	4	2,3	* $p \leq 0,1$
Algarvio	2,9	4	4,1	4	2,3	n.s.
Apaixonado	2,9	2	2,0	6	3,4	n.s.
Orgulhoso	2,9	2	2,0	6	3,4	n.s.
Simples	2,9	2	2,0	6	3,4	n.s.
Sincero	2,9	2	2,0	6	3,4	n.s.
Sociável	2,9	0	0,0	8	4,6	* $p \leq 0,05$
Teimoso	2,9	2	2,0	6	3,4	n.s.

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

No que respeita aos restantes, os respondentes do ensino secundário tendem a referir mais frequentemente os itens *Rapariga*, *Pessoa*, *Mulher*, *Eu*, *Esperto* e *Homem* e na subamostra universitária evidenciam-se os itens

Alegre, Trabalhador, Honesto, Sonhador, Afectuoso, Curioso e Sociável (Quadro 83).

Embora não presentes no quadro anterior, são ainda de mencionar alguns itens, por surgirem numa das subamostras com frequência relativamente elevada: *Adolescente* e *Aluno* (N = 5), referidos maioritariamente pelos estudantes do ensino secundário, e *Gosto de ajudar, Meigo, Humilde, Romântico, Sensível e Universitário* (N = 5), referidos maioritariamente pelos inquiridos do ensino universitário.

Relativamente às diferenças encontradas, a comparação destas duas subamostras revela uma caracterização do Eu diferentemente fundamentada: dominada por itens associados a papel social entre os estudantes do ensino secundário, enquanto que os estudantes do ensino universitário se auto-representam preferencialmente através de traços de personalidade. Será ainda de assinalar que na sua auto-representação por traços de personalidade os estudantes do ensino secundário recorrem mais que os universitários a uma imagem marcada pela polarização entre Inteligência (*Esperto e Inteligente*) e Afectividade (*Carinhoso*).

Subamostras por naturalidade

Como para as restantes variáveis, também a naturalidade não introduz diferenças significativas entre os itens mais frequentes. Os respondentes algarvios referem os itens *Pessoa, Carinhoso, Eu, Esperto, Algarvio e Apaixonado* mais frequentemente que os outros respondentes; entre os não algarvios evidenciam-se os itens *Jovem, Honesto, Afectuoso, Orgulhoso e Sociável* (Quadro 84¹⁵⁸).

Os itens *Adolescente* e *Bonito*, embora não constem no quadro anterior, foram mencionados exclusivamente pelos respondentes algarvios (N = 6); o item *Universitário* foi também exclusivamente indicado pelos naturais de fora do Algarve (N = 5).

¹⁵⁸ No que respeita à subamostra de naturais de fora do país (33 respondentes), indicam-se os itens mais frequentes: Português (N = 9, 27,3%), Amigo (N = 8, 24,2%), Estudante (N = 5, 15,2%), Simpático e Pessoa (N = 4, 12,1%). Esta ordenação é muito semelhante à registada no Quadro 84 para as outras duas subamostras.

Quadro 84: Itens mais frequentes na descrição do *Eu* (subamostras por naturalidade)

Quem sou eu? (P21)	Amostra total (%)	Subamostra de naturais do Algarve		Subamostra de naturais de fora do Algarve		Signif. estatística
		N	%	N	%	
Português	42,9	62	46,6	46	44,2	n.s.
Amigo	25,6	32	24,1	29	27,9	n.s.
Estudante	20,9	26	19,5	26	25,0	n.s.
Simpático	15,0	20	15,0	17	16,3	n.s.
Rapariga	8,4	14	10,5	8	7,7	n.s.
Pessoa	8,1	16	12,0	2	1,9	p ≤ 0,01
Sentimental	8,1	9	6,8	10	9,6	n.s.
Alegre	7,7	9	6,8	10	9,6	n.s.
Jovem	7,3	6	4,5	11	10,6	p ≤ 0,1
Inteligente	7,0	8	6,0	10	9,6	n.s.
Mulher	6,6	10	7,5	5	4,8	n.s.
Ambicioso	6,2	8	6,0	6	5,8	n.s.
Divertido	5,9	9	6,8	4	3,8	n.s.
Trabalhador	5,9	8	6,0	6	5,8	n.s.
Compreensivo	5,5	6	4,5	7	6,7	n.s.
Honesto	5,5	3	2,3	10	9,6	p ≤ 0,05
Ser humano	5,5	9	6,8	5	4,8	n.s.
Carinhoso	5,1	10	7,5	2	1,9	p ≤ 0,1
Sonhador	5,1	6	4,5	7	6,7	n.s.
Afectuoso	4,8	4	3,0	9	8,7	p ≤ 0,1
Preguiçoso	4,8	5	3,8	6	5,8	n.s.
Humano	4,4	7	5,3	3	2,9	n.s.
Responsável	4,4	3	2,3	6	5,8	n.s.
Tímido	4,0	6	4,5	3	2,9	n.s.
Alguém	3,7	5	3,8	4	3,8	n.s.
Aventureiro	3,7	4	3,0	6	5,8	n.s.
Curioso	3,7	7	5,3	3	2,9	n.s.
Eu	3,7	6	4,5	2	1,9	*p ≤ 0,1
Rapaz	3,7	4	3,0	3	2,9	n.s.
Brincalhão	3,3	4	3,0	5	4,8	n.s.
Esperto	3,3	7	5,3	2	1,9	*p ≤ 0,1
Homem	3,3	3	2,3	5	4,8	n.s.
Algarvio	2,9	6	4,5	2	1,9	*p ≤ 0,05
Apaixonado	2,9	4	3,0	1	1,0	*p ≤ 0,05
Orgulhoso	2,9	2	1,5	6	5,8	*p ≤ 0,1
Simple	2,9	4	3,0	3	2,9	n.s.
Sincero	2,9	3	2,3	5	4,8	n.s.
Sociável	2,9	0	0,0	5	4,8	*p ≤ 0,05
Teimoso	2,9	4	3,0	3	2,9	n.s.

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

Síntese

A análise à representação da identidade portuguesa (campo semântico e princípios organizadores) indicou como resultados principais os seguintes:

1. A associação livre para a palavra “Portugueses” revelou predominante a atribuição de características psicossociais, com os itens *Simpáticos* e *Boas pessoas* indicados respectivamente em primeiro e segundo lugar. Esta pode ser considerada uma atribuição consensual dado não sofrer influência das variáveis estratificadoras da amostra. No conjunto das respostas, a evocação de cidadania, designando os Portugueses enquanto nacionalidade (*Povo, Cidadãos, Nascidos e/ou vivendo em Portugal*), apresentou valores baixos, resultado que revela a tendência já manifestada no capítulo anterior.

2. O discurso sobre os Portugueses, estimulado por pergunta semi-estruturada em que se solicitava a descrição destes com pelo menos cinco respostas, apresentou alguma novidade relativamente à evocação. *Simpáticos* continuou a ser o item mais atribuído, enquanto na posição de *Boas pessoas* foi referido *Trabalhadores*, seguido de *Amigos, Acolhedores, Aventureiros, Inteligentes e Preguiçosos*. Entre os itens mais frequentes, *Simpáticos* e *Amigos* foram características mais atribuídas pelas mulheres; *Amigos* pelos estudantes do ensino secundário e *Aventureiros* pelos estudantes universitários. Os naturais de fora do Algarve privilegiaram igualmente este último item, juntamente com *Preguiçosos* e *Hospitais*. A comparação com estudos anteriores sobre auto-estereótipo dos Portugueses revelou aproximação de resultados, nomeadamente através da identificação de itens comuns (Garcia-Marques e Palma-Oliveira, 1988, Palma-Oliveira *et al.*, 1992, Bastos, 1995, Guinote, 1996).

3. A comparação das respostas referentes a estes dois momentos iniciais de caracterização dos Portugueses (evocação e discurso) permitiu-nos observar uma situação geral de congruência, quer na atribuição global de características quer no percurso individual dos respondentes. Relativamente a este percurso, a tendência observada consistiu em exprimir mais emocionalidade e avaliação positiva no segundo momento.

4. O estudo dos princípios organizadores do campo representacional dos Portugueses, inferido pela análise factorial de correspondências, sugere a presença de uma dimensão avaliativa principal, polarizada em

valores de domínio e apropriação do mundo (capacidades intelectuais – *Espertos* – e aspirações pessoais – *Ambiciosos*) e em valores de contacto interpessoal e estrutura social (comportamentos individuais – *Amáveis* – e características sócio-culturais – *Tradicionais*). A análise das variáveis estratificadoras da amostra, das posições relativas ao sentimento nacional e aos discursos sobre Portugal observadas no capítulo anterior indica-nos que no primeiro pólo se situam respondentes frequentando o ensino secundário, com fraco sentimento nacional e veiculando uma imagem Portugal como sociedade, enquanto que no segundo pólo se posicionam respondentes frequentando o ensino universitário com sentimento nacional mais elevado e expressando um imagem de Portugal como comunidade. Através do segundo factor parece evidenciar-se uma polaridade ainda avaliativa mas orientada apenas para o exterior, opondo a configuração sócio-económica (*Pobres*) à caracterização psicossocial (*Pacatos*). Embora a esta dimensão não parecem estar associados níveis distintos de sentimento nacional, o seu pólo positivo (configuração sócio-económica) parece relacionar-se com a imagem de Portugal como sociedade.

5. Outra forma prevista para captar a representação da identidade portuguesa consistiu na representação da identidade pessoal dos inquiridos através da caracterização do *Eu*. O aspecto mais marcante, ao reflectir sobre os descritores com que os jovens se auto-caracterizaram, é, sem dúvida, a atribuição de *Português* como item mais frequentemente referido (43% dos respondentes). Ainda que esta atribuição se possa considerar inflacionada, devido à temática que até aí fora apresentada aos respondentes e que será de admitir os tenha estimulado positivamente, a mesma pressupõe alguma consistência interna, sem o que seria difícil de obter tal efeito. Outros descritores mais indicados, como *Amigo*, *Simpático* e *Inteligente*, haviam sido igualmente mais frequentes na caracterização dos Portugueses. Como novidade e em posição destacada na caracterização do *Eu*, surge agora *Sentimental* (referido para os Portugueses apenas por 4 respondentes), o qual foi auto-atribuído por mulheres, estudantes universitários e naturais de fora do Algarve. Este primeiro momento de confrontação entre a representação da identidade nacional (dos Portugueses) e a representação da identidade pessoal (dos respondentes) sugere forte proximidade ao nível das características mais atribuídas. Para além dos três itens que se acabam de mencionar e entre os mais

frequentemente indicados encontraram-se ainda *Trabalhadores, Aventureiros, Preguiçosos, Alegres, Orgulhosos, Espertos, Compreensivos, Simples, Ambiciosos, Carinhosos, Divertidos, Honestos, Sociáveis e Sinceros*. No que respeita à representação da identidade pessoal na análise efectuada por subamostras registou-se o seguinte: comparativamente com a representação do Português, os efeitos diferenciadores mais claros das variáveis estratificadoras, sobretudo da variável sexo, são mais notórios, revelando que os homens tendem a acentuar a componente aventura enquanto que as mulheres tendem a acentuar itens afectivos.

B. Delimitação do núcleo central na representação dos Portugueses

A delimitação do núcleo central da representação dos Portugueses foi um dos objectivos que nos propusemos e que aqui abordamos com dois tipos de metodologia. Num primeiro momento, os resultados que se apresentam foram obtidos através de procedimentos metodológicos designados na literatura como exploratórios da centralidade (cruzamento de diferentes critérios de saliência e análise de similitude). Os resultados apresentados em segundo lugar foram obtidos numa abordagem mais experimental, com vista ao teste de hipóteses por nós formuladas.

Na linha de argumentação que temos vindo a desenvolver, em que a análise da representação da identidade pessoal é abordada como instrumento para aprofundar a representação da identidade portuguesa, apresentamos em conjunto os resultados referentes a estas duas representações.

Núcleo central da representação da identidade portuguesa: procedimentos exploratórios

A informação que em seguida se vai analisar provém exclusivamente das respostas às perguntas “Os Portugueses são...” (P04) e “Quem sou eu?” (P21), anteriormente analisadas.

1. Análise de saliência: a posição como critério complementar da frequência

Como se referiu anteriormente, a propósito dos aspectos metodológicos (Capítulo 3), a *posição* é o outro critério que Vergès (1992) indica como complemento da análise simples de frequências no estudo da saliência de um *corpus* semântico. No sentido de delimitar quais os elementos constituintes do núcleo central da representação social dos Portugueses, analisaram-se conjuntamente a frequência e a posição de alguns dos conteúdos obtidos tanto para a representação da identidade portuguesa como para a representação da identidade pessoal.

Representação do Português

Primeira resposta (posição 1)

Uma primeira apreciação dos itens mencionados em primeiro lugar na resposta de cada inquirido (posição 1), dá-nos conta dos elementos da representação de mais imediata acessibilidade para o conjunto dos respondentes.

No total, obtiveram-se 132 itens distintos referidos na posição 1, sendo parte deles comum ao conjunto das 33 características mais frequentemente mencionadas pela amostra total (Quadro 74)¹⁵⁹. No Quadro 85 apresentam-se de novo as 33 características mais referidas no *corpus* total (e a percentagem de respondentes que se lhes referiu) e indica-se a frequência com que ocorreram na posição 1.

¹⁵⁹ Para além destes itens comuns, apuraram-se ainda os seguintes referidos em primeiro lugar por 2 ou 3 respondentes: *afáveis, amáveis, amigáveis, brutos, calmos, comilões, descontentes, extrovertidos, machistas, pacatos, pequenos, pessoas, sinceros e solidários*.

Quadro 85: Itens mais frequentes na descrição dos Portugueses (posição 1)

Os Portugueses são... (P04) Itens em posição 1	Amostra total (%)	N	Respondentes (%)
Simpáticos	33,3	41	14,7
Trabalhadores	16,1	7	2,5
Amigos	14,3	5	1,8
Acolhedores	12,5	10	3,6
Aventureiros	11,5	9	3,2
Inteligentes	10,4	10	3,6
Preguiçosos	9,7	10	3,6
Hospitaleiros	8,6	7	2,5
Alegres	7,9	2	0,7
Boas pessoas	7,2	9	3,2
Corajosos	7,2	3	1,1
Orgulhosos	6,8	3	1,1
Patriotas	6,8	2	0,7
Espertos	5,7	4	1,4
Bons	5,0	6	3,2
Compreensivos	5,0	1	0,4
Egoístas	5,0	1	0,4
Tradicionalistas	5,0	3	1,1
Simplezes	4,3	2	0,7
Pacíficos	4,3	1	0,4
Ambiciosos	3,9	0	0,0
Carinhosos	3,9	1	0,4
Divertidos	3,9	1	0,4
Burros	3,6	5	1,8
Comodistas	3,2	4	1,4
Honestos	3,2	1	0,4
Ignorantes	3,2	2	0,7
Pobres	3,2	2	0,7
Sociáveis	3,2	2	0,7
Atrasados	2,9	1	0,4
Bonitos	2,9	1	0,6
Sinceros	2,9	3	1,1
Vaidosos	2,9	1	0,4
Total		163	58,4

Se compararmos os itens mais frequentemente atribuídos (Quadro 74) com aqueles que foram mais referidos na posição 1 (Quadro 85), destacam-se nove características comuns: *Simpáticos*, *Acolhedores*, *Inteligentes*, *Preguiçosos*, *Aventureiros*, *Boas pessoas*, *Bons*, *Trabalhadores* e *Hospitaleiros*. O item *Simpáticos* assume particular relevo não só por ser o mais frequentemente referido mas também por ser aquele que é mais vezes

citado em primeiro lugar (sensivelmente metade dos respondentes que a ele recorrem indicam-no com posição 1). A característica *Acolhedores* mantém uma posição aproximada nos dois casos, enquanto que, pelo contrário, *Trabalhadores* e *Amigos*, embora figurem entre as mais frequentemente referidas, surgem com menor representatividade no conjunto dos itens de posição 1. Relativamente à atribuição da característica *Trabalhadores*, enquanto anteriormente o número de respondentes que se lhe referia era superior ao daqueles que a contrariava indicando *Preguiçosos* (respectivamente 16% para 10%), observa-se agora o inverso, com *Preguiçosos* a ser mais atribuído na posição 1 que *Trabalhadores*. Também o par *Inteligentes/Espertos* perde importância perante *Burros/Ignorantes*, sendo, no entanto, o caso *Trabalhadores/Preguiçosos* aquele em que se observa uma descida mais acentuada.

Finalmente, será de referir que parte das características mais frequentemente referidas na posição 1 (com valores percentuais mais elevados) figuram entre as que apareceram na pergunta de associação livre “Portugueses...”, o que, metodologicamente, reforçará a reconhecida utilidade das perguntas de associação livre como meio não só de aceder à representação de um determinado objecto mas também de captar a posição persistente que alguns elementos ocupam na estrutura dessa representação.

Posição na resposta individual

Para além da identificação do primeiro elemento de cada resposta, o estudo dos itens mais frequentes precisa ser completado por uma análise do seu respectivo posicionamento na resposta individual. No Quadro 86 apresenta-se a média das posições ocupadas na resposta individual por cada um dos 33 itens que se têm vindo a analisar. Apresenta-se ainda o desvio-padrão e o erro-padrão da média das posições de cada item, o que nos permite avaliar se se trata ou não de um posicionamento *estável*. Verifica-se assim que a variabilidade de posições se apresenta mais ou menos semelhante para a generalidade dos itens, à excepção de *Inteligentes*, *Burros*, *Ignorantes* e *Pobres*, com valores de desvio-padrão mais elevados (Quadro 86).

Quadro 86: Posição média dos itens mais frequentes na descrição dos Portugueses

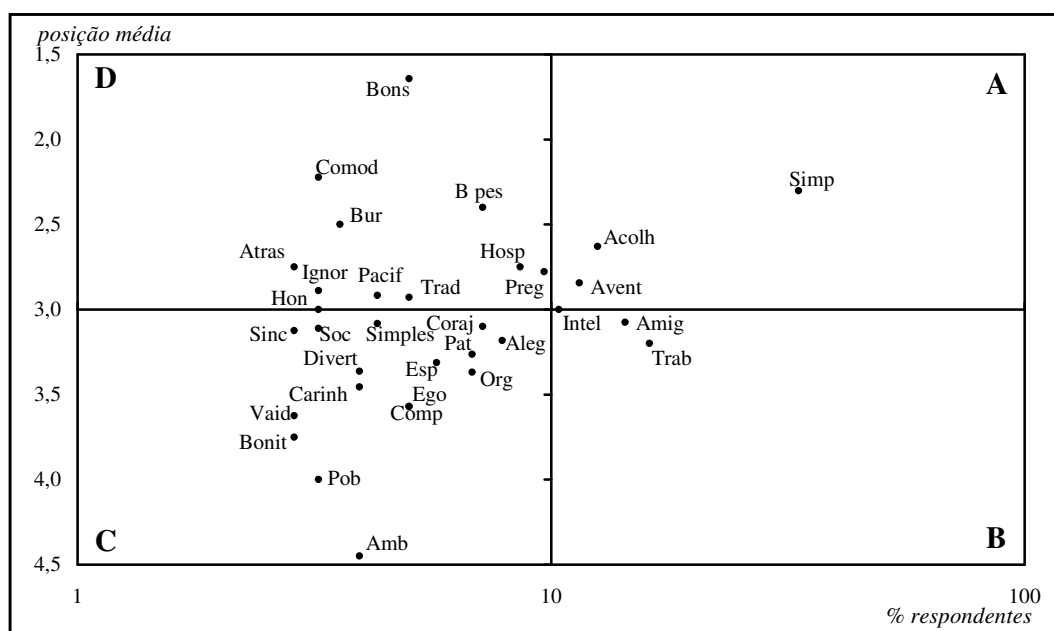
Os Portugueses são...	Amostra total %	Posição		
		Média	Erro-padrão	Desvio- padrão
Simpáticos	33,3	2,30	0,16	1,52
Trabalhadores	16,1	3,20	0,23	1,55
Amigos	14,3	3,08	0,21	1,33
Acolhedores	12,5	2,63	0,26	1,54
Aventureiros	11,5	2,84	0,28	1,59
Inteligentes	10,4	3,00	0,38	2,02
Preguiçosos	9,7	2,78	0,33	1,70
Hospitaleiros	8,6	2,75	0,37	1,82
Alegres	7,9	3,18	0,36	1,68
Boas pessoas	7,2	2,40	0,34	1,54
Corajosos	7,2	3,10	0,34	1,52
Orgulhosos	6,8	3,37	0,40	1,74
Patriotas	6,8	3,26	0,32	1,41
Espertos	5,7	3,31	0,43	1,70
Bons	5,0	1,64	0,31	1,15
Compreensivos	5,0	3,57	0,33	1,22
Egoístas	5,0	3,57	0,37	1,40
Tradicionalis	5,0	2,93	0,44	1,64
Simple	4,3	3,08	0,53	1,83
Pacíficos	4,3	2,92	0,40	1,38
Ambiciosos	3,9	4,55	0,53	1,75
Carinhosos	3,9	3,36	0,41	1,36
Divertidos	3,9	3,46	0,49	1,64
Burros	3,6	2,50	0,56	1,78
Comodistas	3,2	2,22	0,55	1,64
Honestos	3,2	3,00	0,33	1,00
Ignorantes	3,2	2,89	0,63	1,90
Pobres	3,2	4,00	0,62	1,87
Sociáveis	3,2	3,11	0,54	1,62
Atrasados	2,9	2,75	0,45	1,28
Bonitos	2,9	3,75	0,56	1,58
Sinceros	2,9	3,13	0,69	1,96
Vaidosos	2,9	3,63	0,46	1,30

O Quadro 86 permite-nos ainda apreciar a ordenação das respostas segundo o critério de *frequência* e de *posição*. Perante os valores obtidos, poderá concluir-se que existe fraca associação entre estes dois critérios de ordenação ($r_s = - 0,28$; $p \leq 0,1$): apesar do sinal do coeficiente de correlação de Spearman ser positivo (o que indica uma tendência para as características mais frequentes ocuparem as primeiras posições nas respostas individuais), a sua magnitude é reduzida, levando a considerar que estes dois critérios de saliência indicam efectiva independência na

informação por eles transmitida. Significa, neste caso, que a importância de algumas características atribuídas aos Portugueses é diferente conforme as respostas se analisem segundo cada um destes critérios.

Cruzados os referidos critérios de saliência, define-se um plano cartesiano onde se podem situar as características em estudo ¹⁶⁰. A Figura 14 apresenta a projecção neste plano dos 33 itens, objecto da nossa análise.

Figura 14: Itens descritores dos Portugueses: frequência *versus* posição média ¹⁶¹



A disposição dos diferentes itens no plano permite organizá-los em quadrantes. Em dois dos quadrantes, os critérios de saliência convergem: num deles (quadrante A), situam-se características referidas por mais de 10% da amostra (frequência elevada) e ocupando posições fortes nas respostas (posição média inferior a 3); no outro (quadrante C), encontram-

¹⁶⁰ A frequência relativa de ocorrência das características está representada nas abcissas (escala logarítmica) enquanto que a sua posição média se encontra em ordenadas (escala aritmética).

¹⁶¹ Legenda: Acolh (*Acolhedores*), Aleg (*Alegres*), Amb (*Ambiciosos*), Amig (*Amigos*), Atras (*Atrasados*), Avent (*Adventureiros*), B pes (*Boas pessoas*), Bonit (*Bonitos*), Bons (*Bons*), Bur (*Burros*), Carinh (*Carinhosos*), Comod (*Comodistas*), Comp (*Compreensivos*), Coraj (*Corajosos*), Divert (*Divertidos*), Ego (*Egoístas*), Esp (*Espertos*), Hon (*Honestos*), Hosp (*Hospitaleiros*), Ignor (*Ignorantes*), Intel (*Inteligentes*), Org (*Orgulhosos*), Pacif (*Pacíficos*), Pat (*Patriotas*), Pob (*Pobres*), Preg (*Preguiçosos*), Simp (*Simpáticos*), Simple (*Simples*), Sinc (*Sinceros*), Soc (*Sociáveis*), Trab (*Trabalhadores*), Trad (*Tradicionais*), Vaid (*Vaidosos*).

se características referidas por menos de 10% dos respondentes (frequência baixa) cuja posição média é fraca (superior a 3). Nos restantes quadrantes, os dois critérios de saliência contradizem-se: características referidas por mais de 10% da amostra (frequência elevada) mas ocupando posições fracas (posição média superior a 3) situam-se no quadrante B, enquanto no quadrante D se projectam características referidas por menos de 10% dos respondentes (frequência baixa) mas cuja posição média é forte (inferior a 3). No Quadro 87 apresenta-se a disposição nos quatro quadrantes das 33 características analisadas.

Quadro 87: Itens descritivos dos Portugueses (cruzamento de dois critérios de saliência) ¹⁶²

	Frequência elevada ($\geq 10\%$)	Frequência baixa ($< 10\%$)
Posicionamento forte (< 3)	Simpáticos Acolhedores Aventureiros A	Preguiçosos Hospitaleiros Boas pessoas Bons Tradicionais Pacíficos Burros Atrasados D
Posicionamento fraco (≥ 3)	Trabalhadores Amigos Inteligentes B	Alegres Corajosos Orgulhosos, Patriotas Espertos Compreensivos, Egoístas Simples Ambiciosos, Carinhosos, Divertidos Comodistas, Sociáveis, Pobres, Ignorantes, Honestos Bonitos, Sinceros, Vaidosos C

De acordo com pressupostos da análise de saliência, a congruência de frequência mais elevada com posição mais forte sugere a presença de potenciais elementos do núcleo central ¹⁶³. Em conformidade com esta

¹⁶² A ordem de apresentação dos itens nos quadrantes desta tabela reflecte a frequência com que ocorrem no *corpus*.

¹⁶³ Relembramos que, segundo a perspectiva de Vergès, apesar das dificuldades ainda experimentadas nos estudos de representações sociais em precisar quais os elementos constituintes do núcleo central de uma representação social, o estudo quantitativo do campo

perspectiva, teríamos como elementos centrais da representação dos Portugueses as seguintes características: *Simpáticos*, *Acolhedores* e *Aventureiros*.

Análise de saliência por subamostras

A análise de saliência com o cruzamento dos dois critérios nas diferentes subamostras introduz algumas alterações importantes relativamente à amostra total, principalmente no que respeita a alguns dos potenciais elementos centrais da representação dos Portugueses (Quadro 88).

No total, são referidos oito itens como potencialmente centrais, três identificados na amostra total (Quadro 87) e todos eles assinalados pelo menos em duas subamostras. No entanto, só a característica *Simpáticos* se mantém em todas as subamostras; os restantes itens com presença forte são *Acolhedores*, *Preguiçosos* e *Aventureiros*.

Quadro 88: Itens potencialmente centrais na representação do Português: resultados por subamostras

Subamostras	Itens potencialmente centrais
<i>Subamostras por sexo</i> Masculina Feminina	Simpáticos, Preguiçosos Simpáticos, Amigos, Acolhedores, Hospitais
<i>Subamostras por escolaridade</i> Nível secundário Nível universitário	Simpáticos, Inteligentes Simpáticos, Aventureiros, Acolhedores, Preguiçosos, Hospitais
<i>Subamostras por naturalidade</i> Naturais do Algarve Naturais de fora do Algarve Naturais de outros países ¹⁶⁴	Simpáticos, Trabalhadores Simpáticos, Aventureiros, Preguiçosos, Amigos, Hospitais, Acolhedores, Inteligentes Simpáticos, Trabalhadores, Acolhedores, Aventureiros

semântico de uma representação pode fornecer indicações importantes. Nesta linha, conjugar o critério de frequência com o critério de posição pode dar-nos mais segurança na delimitação do núcleo central de uma dada representação social (Vergès, 1992, 1994).

¹⁶⁴ Apresentam-se os resultados da análise de saliência para a subamostra de naturais de outros países, apesar da pouca fiabilidade dos resultados devida à pequena dimensão deste grupo, como se tem referido.

Representação do Eu em cidadãos portugueses

Primeira resposta (posição 1)

Relativamente aos itens mais referidos em primeiro lugar na resposta de auto-caracterização de cada inquirido (posição 1), obteve-se um total de 101 itens distintos. Parte destes itens é comum aos itens mais frequentemente indicados e corresponde a uma larga maioria dos respondentes (75%), como se pode observar no Quadro 89. *Português*, que fora o item mais frequentemente referido, é também o item mais referido em primeiro lugar, seguido de *Estudante*, *Pessoa* e *Rapariga*.

Contrariamente ao que fora registado para a totalidade das respostas, no conjunto das primeiras posições verifica-se uma superioridade de itens de caracterização por papel: se atendermos apenas aos itens mais frequentes (Quadros 80 e 89), verifica-se que 60% das primeiras respostas se referem a caracterização por papel, enquanto que a percentagem desce para 35% quando se considera a resposta completa¹⁶⁵. A supremacia de caracterização por papel fundamenta-se bastante no item *Português*; se não o considerássemos, as caracterizações por papel e por traços de personalidade teriam aproximadamente o mesmo valor de ocorrência.

¹⁶⁵ Se analisarmos a totalidade dos itens que ocupam a posição 1 identificam-se 132 itens referentes a caracterização por papel (formando um grupo de 15 itens diferentes), 91 de caracterização por traço de personalidade (formando um grupo de 61 itens diferentes), 1 por traço físico e 49 por outro tipo de caracterização (formando um grupo de 24 itens diferentes).

Quadro 89: Itens mais frequentes na descrição do *Eu* (posição 1)

Quem sou Eu? (P21) Itens em posição 1	Amostra total (%)	N	Respondentes (%)
Português	42,9	57	20,9
Amigo	25,6	11	4,0
Estudante	20,9	19	7,0
Simpático	15,0	6	2,2
Rapariga	8,4	14	5,1
Pessoa	8,1	16	5,9
Sentimental	8,1	2	0,7
Alegre	7,7	4	1,5
Jovem	7,3	8	2,9
Inteligente	7,0	1	0,4
Mulher	6,6	10	3,7
Ambicioso	6,2	1	0,4
Divertido	5,9	0	0,0
Trabalhador	5,9	1	0,4
Compreensivo	5,5	2	0,7
Honesto	5,5	2	0,7
Ser humano	5,5	8	2,9
Carinhoso	5,1	1	0,4
Sonhador	5,1	1	0,4
Afectuoso	4,8	1	0,4
Preguiçoso	4,8	3	1,1
Humano	4,4	2	0,7
Responsável	4,4	1	0,4
Tímido	4,0	3	1,1
Alguém	3,7	1	0,4
Aventureiro	3,7	0	0,0
Curioso	3,7	0	0,0
Eu	3,7	4	1,5
Rapaz	3,7	8	2,9
Brincalhão	3,3	1	0,4
Esperto	3,3	2	0,7
Homem	3,3	7	2,6
Algarvio	2,9	0	0,0
Apaixonado	2,9	1	0,4
Orgulhoso	2,9	0	0,0
Simples	2,9	5	1,8
Sincero	2,9	1	0,4
Sociável	2,9	1	0,4
Teimoso	2,9	0	0,0
Total		205	75,1

Posição na resposta individual

O Quadro 90 apresenta o resultado do cruzamento dos dois critérios de saliência (frequência e posição na resposta) relativamente à descrição do Eu. Verifica-se convergência de frequência mais elevada com posição mais forte para os itens *Português*, *Estudante* e *Simpático*.

Quadro 90: Itens descritivos do *Eu* (cruzamento de dois critérios de saliência)

	Frequência elevada ($\geq 10\%$)	Frequência baixa ($< 10\%$)
Posicionamento forte (< 3)	Português Estudante Simpático A	Rapariga, Pessoa, Alegre Jovem, Mulher, Ser humano Humano, Eu, Rapaz Homem, Simples C
Posicionamento fraco (≥ 3)	Amigo B	Sentimental, Inteligente, Ambicioso, Divertido, Trabalhador, Compreensivo, Honesto, Carinhoso, Sonhador, Afectuoso, Preguiçoso, Responsável, Tímido, Alguém, Aventureiro, Curioso, Brincalhão, Esperto, Algarvio, Apaixonado, Orgulhoso, Sincero, Sociável, Teimoso D

Embora os itens de caracterização por papel social, como se referiu, sejam maioritariamente indicados na posição 1, alguns deles não são consensuais devido à diversidade da amostra (por exemplo, *Rapariga*, *Rapaz*, *Mulher* ou *Homem*). Por essa razão, ocupam os quadrantes reservados à caracterização da periferia do campo representacional do Eu (C e B).

Pretendendo-se com esta análise chegar ao núcleo central da representação da identidade pessoal numa perspectiva de comparação com a representação da identidade nacional (identidade atribuída pelos respondentes aos Portugueses), decidiu-se repetir a análise mas retirando do *corpus* os itens de caracterização por papel ¹⁶⁶. O Quadro 91 apresenta os resultados desta nova análise: os itens *Amigo* e *Simpático* ocupam a posição de itens potencialmente centrais na representação de si de cidadãos

¹⁶⁶ Esta segunda análise não consistiu apenas em ignorar os itens relativos a papéis mas implicou ainda reatribuir as posições dos restantes itens na resposta, sendo necessário calcular as novas posições médias.

nacionais; na periferia situam-se *Humano, Preguiçoso, Responsável, Sentimental, Simples, Sociável, Sonhador e Trabalhador*.

Quadro 91: Itens descritivos do *Eu* (cruzamento de dois critérios de saliência)

	Frequência elevada ($\geq 10\%$)	Frequência baixa ($< 10\%$)
Posicionamento forte (< 3)	Amigo Simpático A	Pessoa, Sentimental, Trabalhador, Ser humano, Sonhador, Preguiçoso, Humano, Responsável, Eu, Simples, Sociável C
Posicionamento Fraco (≥ 3)	B	Inteligente, Honesto, Tímido, Curioso, Apaixonado, Orgulhoso, Sincero, Teimoso D

2. Análise da estrutura do campo representacional do Português

A análise da estrutura do campo representacional tem sido um dos instrumentos privilegiados na identificação dos elementos centrais de uma representação (Sá, 1996) e foi por nós já utilizada na exploração dos dados apresentados no Capítulo 6, nomeadamente através da metodologia de análise de similitude. Por esta metodologia se basear na quantificação das co-ocorrências de itens na resposta individual, tornou-se necessário proceder a categorização dos dados em estudo ¹⁶⁷. Para isso, realizou-se uma análise temática dos itens, procurando seguir os preceitos referidos por Vergès (1992, pp. 205-6) ¹⁶⁸.

¹⁶⁷ Nas abordagens realizadas até esta fase, tinha-se evitado a categorização das respostas, as quais se analisaram de um ponto de vista puramente lexical de modo a evitar que a informação original sofresse distorção introduzida pela formação de categorias. Consequentemente, trabalhou-se com muitos itens, grande parte deles ocorrendo com baixa frequência e, por isso mesmo, tendo níveis nulos de co-ocorrência na resposta individual. A análise temática das respostas e a categorização dos seus elementos torna possível uma análise de similitude baseada nas co-ocorrências, uma vez que se passa a trabalhar com categorias de maior dimensão.

¹⁶⁸ Recorrer a categorias envolve utilizar informação semanticamente alterada dado que se reagrupam sob um mesmo termo palavras diferentes. Vergès, numa tentativa de reduzir ao mínimo essa deformação, sugere que cada categoria seja organizada em volta de um item com forte presença no *corpus*, o que significará respeitar “o princípio do campo semântico organizado em torno de uma noção prototípica” (Vergès, 1992, p. 206).

A categorização dos 1453 itens descritores dos Portugueses (obtidos através da pergunta P04) originou em 71 categorias, sendo uma delas residual e que reúne itens de baixa frequência não agrupados noutras categorias (a sua dimensão correspondente a 10% do *corpus* total). No Quadro 92 apresentam-se as categorias referidas por mais de 7% dos respondentes e que irão ser utilizadas na análise de similitude; indicam-se ainda alguns elementos que permitem avaliar a deformação semântica introduzida pelo reagrupamento em categorias.

Quadro 92: Representação dos Portugueses - categorias de resposta ¹⁶⁹

Categorias (P04)	N1	Itens		Respondentes		Exemplo de itens incluídos
		N2	%	N3	%	
Simpáticos	13	129	8,9	119	42,7	Sociáveis, Atenciosos, Amáveis, Gentis...
Acolhedores	5	62	4,3	60	21,5	Hospitaleiros, Anfitriões...
Aventureiros	6	59	4,1	50	17,9	Corajosos, Destemidos, Valentos...
Trabalhadores	9	58	4,0	53	19,0	Lutadores, Empreendedores...
Amigos	4	55	3,8	48	17,2	Companheiros, Amigáveis, Amistosos
Inteligentes	7	51	3,5	48	17,2	Espertos, Engenhosos, Astutos...
Pacíficos	14	47	3,2	40	14,3	Calmos, Acomodados, Pacatos...
Boas pessoas	7	40	2,8	39	14,0	Bons, Bondosos, Bom povo...
Preguiçosos	7	39	2,7	39	14,0	Pouco trabalhadores, Molengões...
Carinhosos	10	38	2,6	36	12,9	Sensíveis, Afectuosos, Sentimentais...
Orgulhosos	5	34	2,3	31	11,1	Vaidosos, Convencidos, Gabarolas...
Simples	10	32	2,2	32	11,5	Modestos, Humildes, Ingénuos...
Burros	10	31	2,1	26	9,3	Ignorantes, Parvos, Estúpidos, Imbecis...
Honestos	7	29	2,0	29	10,4	Sinceros, Sérios, Leais, Fiéis...
Divertidos	9	28	1,9	25	9,0	Brincalhões, Engraçados, Foliões...
Ambiciosos	9	28	1,9	27	9,7	Oportunistas, Gananciosos...
Patriotas	6	27	1,9	27	9,7	Nacionalistas...
Egoístas	5	25	1,7	24	8,6	Interesseiros, Mesquinhos, Egocêntricos...
Tradicionais	5	24	1,7	22	7,9	Conservadores, Típicos, Retrógrados...
Antipáticos	10	24	1,7	22	7,9	Mal-educados, Brutos, Malcriados...
Alegres	3	24	1,7	24	8,6	Bem-dispostos...
Inseguros	16	23	1,6	23	8,2	Tímidos, Desconfiados, Introvertidos...
Impulsivos	16	22	1,5	22	7,9	Ciumentos, Temperamentais, Quentes...
Humanos	7	20	1,4	20	7,2	Solidários, Prestáveis, Generosos...
Outras	175	355	24,4			
Residual	99	149	10,3			
Total	474	1453	100,0			

¹⁶⁹ A coluna N1 refere-se ao número de itens diferentes que foram incluídos em cada categoria; a coluna N2 refere-se ao número total de itens compreendidos em cada categoria, indicando-se igualmente a percentagem dos mesmos face ao total do *corpus*; a coluna N3 indica o número de respondentes que referiu a categoria, pelo menos uma vez, sendo igualmente indicada a percentagem de respondentes relativa ao total da amostra; a última coluna do quadro ilustra alguns dos itens que, para além daquele que dá nome à categoria, figuram na mesma.

Com as 24 categorias retidas reuniu-se 65,3% do *corpus*. A categoria denominada *Outras* inclui as 46 categorias restantes que foram excluídas da análise por respeitarem a um baixo número de respondentes ¹⁷⁰.

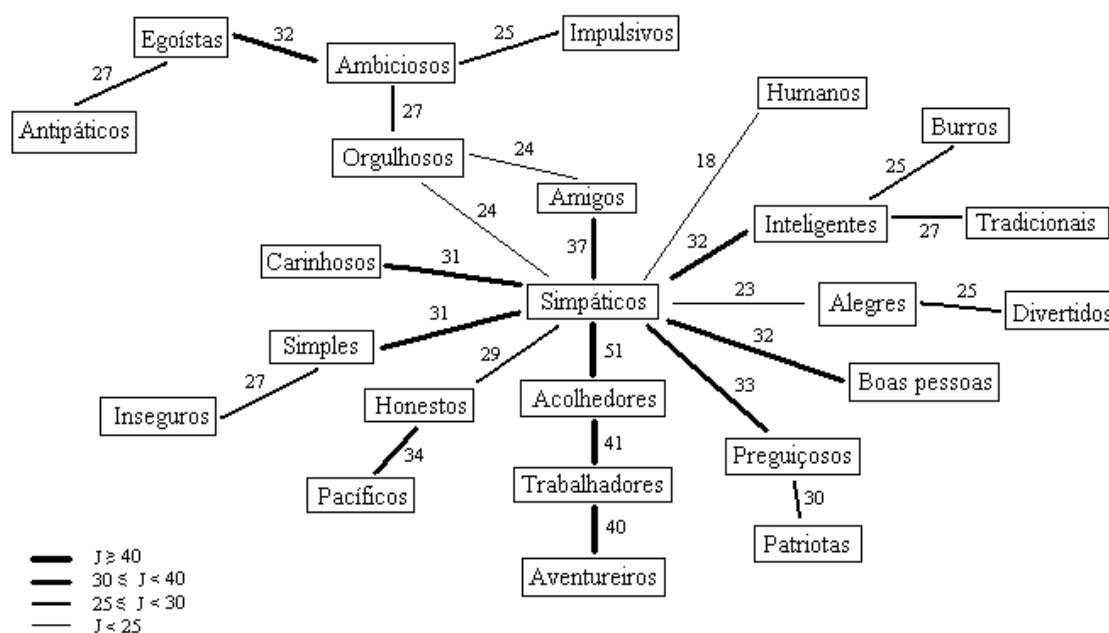
A categoria preponderante, *Simpáticos*, que reúne 13 itens distintos em torno do termo organizador e agrupa 9% dos elementos do *corpus*, foi referida por 43% dos respondentes, o que significa que esta categoria segue a tendência anteriormente registada para o item mais frequente. De resto, as seis primeiras categorias organizam-se em torno dos seis itens mais frequentes do *corpus* (Quadro 74), apenas com ordenações diferentes: *Inteligentes* mantém-se na sexta posição e as categorias *Acolhedores* e *Aventureiros* ganham agora maior protagonismo que *Trabalhadores* e *Amigos*. Estes resultados sugerem que a organização dos itens em classes não modifica em muito as conclusões decorrentes da análise lexical efectuada. No entanto, será de salientar que as categorias *Pacíficos* e *Carinhosos* se situam agora entre as dez mais referidas, enquanto anteriormente os seus itens organizadores ocupavam respectivamente a 20^a e a 22^a posições (Quadro 74). Por outro lado, os itens *Antipáticos*, *Inseguros*, *Impulsivos* e *Humanos*, sem expressão na análise lexical, permitem aqui a formação de categorias de dimensão útil ao seu tratamento, introduzindo cambiantes no campo representacional do Português.

A Figura 15 apresenta o grafo “árvore máxima” obtido a partir da matriz de similitude entre as 24 categorias em análise. O índice de similitude utilizado foi o índice de Jaccard (J).

O grafo tem uma configuração em estrela, posicionando-se a categoria *Simpáticos* no centro, em relação privilegiada com a quase totalidade das restantes categorias. As arestas mais fortes são as que unem as categorias *Simpáticos*, *Acolhedores*, *Trabalhadores* e *Aventureiros* ¹⁷¹.

¹⁷⁰ Exemplos de algumas das categorias incluídas em *Outras* (entre parêntesis apresenta-se a frequência de inquiridos que as menciona): *Compreensivos* (6,1%), *Heróis* e *Tristes* (5,7%), *Desorganizados* (5,4%), *Curiosos* (5,0%), *Comilões*, *Diferentes* e *Apaixonados* (4,7%), *Atrasados* e *Faladores* (3,9%), *Mentirosos* (3,6%). Em anexo apresenta-se a lista total das categorias criadas (ver Quadro III.11, Anexo III).

¹⁷¹ Embora não sejam referidas na Figura 15, por se tratar da representação da árvore máxima associada à matriz de similitude, as arestas que unem estas quatro categorias contam-se entre as mais intensas, o que sugere forte conexividade entre elas.

Figura 15: Representação dos Portugueses - árvore máxima ¹⁷²

Eliminar as arestas mais fracas do grafo ($J < 0,25$) tem como efeito desligar do centro, de *Simpáticos*, o par de categorias *Alegres* e *Divertidos*, a categoria *Humanos* e o grupo formado pelas categorias *Ambiciosos*, *Egoístas*, *Antipáticos* e *Impulsivos*.

Os resultados obtidos com esta análise vão no sentido dos extraídos a partir do estudo da saliência dos itens, que indicaram como constituintes do núcleo central *Simpático*, *Acolhedor* e *Aventureiro*. A notória exceção vai para *Trabalhadores*, que agora se vê incluído entre o grupo de categorias mais fortemente associadas a *Simpáticos*.

Como referimos anteriormente, o estudo conduzido por José Bastos procurou também caracterizar aquilo que o autor designou *por núcleo central do campo identitário português* e que obteve por sobreposição de três auto-representações (nacional, pessoal e idealizada). Os traços assim retidos foram: *Alegre*, *Activo*, *Religioso*, *Aventureiro*, *Leal* e *Organizado*, sendo o primeiro aquele que estabelece a máxima integração entre as três auto-representações consideradas pelo autor e o último reflectindo um ideal virtual para os Portugueses (Bastos, 1995, pp. 603-4). Trata-se de um

¹⁷² O valor associado a cada aresta corresponde ao valor do índice de Jaccard calculado a partir das co-ocorrências dos itens por ela unidos e multiplicado por 100.

resultado diferente daquele que obtivemos, mas a concepção teórica de “núcleo central” é diferente nas duas investigações e, concomitantemente, os procedimentos seguidos são também distintos. No entanto, e se tivermos em conta outros resultados obtidos por este autor, não se poderá considerar que a auto-imagem dos Portugueses seja radicalmente oposta. Através da preferência por traços considerados como projectando a imagem da *Mulher* e da *Criança* (ob. cit., pp. 665-6), os inquiridos vêm a definir os Portugueses segundo traços específicos que relevam do afectivo.

*Núcleo central da representação dos Portugueses:
procedimentos experimentais*

Para testar experimentalmente a presença de itens afectivos na constituição do núcleo central da representação do Português, utilizaram-se dois procedimentos baseados no método ISA (*Induction par Scenario Ambigu*), desenvolvido por Pascal Moliner (Moliner, 1993), como se referiu na Capítulo 3. O primeiro destes procedimentos experimentais inspira-se livremente na referida metodologia, denominou-se *imagens ambíguas* e foi seguido no Questionário Geral (Quadro 93). O segundo procedimento segue mais de perto a metodologia ISA e foi aplicado em duas amostras diferentes, que adiante se descrevem.

Quadro 93: Portugueses: *imagens ambíguas*

Nº da pergunta	Conteúdo	Total de inquiridos	Total de respondentes
P17	Imagens do povo português: imagem mais semelhante imagem mais oposta	281	245 (87,2%) 241 (85,8%)
P24	Imagens do Eu: imagem mais semelhante imagem mais oposta	281	231 (82,2%) 233 (83,9%)

1. *Imagens ambíguas*: descritores afectivos no núcleo da representação dos Portugueses e da identidade pessoal

No protocolo experimental que designámos por *imagens ambíguas* recorreremos aos itens propostos aos inquiridos na fase exploratória para

caracterização dos Portugueses (Fases A e B). Dos 10 descritores propostos nestas fases, retirámos seis que reunimos em grupos de três, dois dos quais eram afirmados e um negado. A partir deste agrupamento constituiu-se um conjunto de oito imagens que pretendiam descrever maneiras de ser e agir dos Portugueses e dos inquiridos (representação da identidade nacional e representação da identidade pessoal) e que se apresentam a seguir (Quadro 94)¹⁷³.

Quadro 94: *Imagens ambíguas*¹⁷⁴

- | |
|---|
| A - É um povo criativo (engenhocas) e que se revolta com injustiças sociais, mas que não dá importância à amizade . |
| B - É um povo que se revolta com injustiças sociais e que é atencioso e agradável nas relações sociais , mas que não dá importância à amizade . |
| C - É um povo que dá muita importância à amizade e que é atencioso e agradável nas relações sociais , mas que é covarde. |
| D - É um povo que dá muita importância à amizade e que é trabalhador, mas que é covarde. |
| E - É um povo corajoso, atencioso e agradável nas relações sociais , mas que não dá importância à amizade . |
| F - É um povo que dá muita importância à amizade e que é criativo, mas que é desabrido e desagradável nas relações sociais . |
| G - É um povo corajoso e que dá muita importância à amizade , mas que é desabrido e desagradável nas relações sociais . |
| H - É um povo que dá muita importância à amizade e que é atencioso e agradável nas relações sociais , mas que não gosta de trabalhar. |

O conjunto das *imagens ambíguas* foi apresentado aos inquiridos em dois momentos diferentes: num primeiro momento, para descrição dos Portugueses (P17); num segundo momento, a terminar o questionário, para descrição individual do respondente (P24). A avaliação da proximidade das imagens com o objecto a descrever foi feita de duas formas distintas: utilizando uma escala de 5 níveis (1 - *não concordo*, 5 - *concordo plenamente*), e identificando a imagem mais semelhante e a imagem mais oposta.

¹⁷³ Para descrição individual a expressão “É um povo...” foi substituída em cada frase por “É uma pessoa...”.

¹⁷⁴ Em cada frase, os itens hipoteticamente centrais estão sublinhados (**negrito**).

Fundamentação dos descritores e resultados esperados

Os resultados da análise de similitude realizada na fase exploratória com os 10 descritores propostos para caracterização do Português sugerem um posicionamento diferenciado em termos de elementos centrais e elementos periféricos (Capítulo 6). A afirmação *Dar importância à amizade* posicionou-se nesta fase como potencialmente central e *Ser atencioso e agradável nas relações sociais* como eventualmente periférico mas de mais forte proximidade ao primeiro que os restantes. Em consequência, decidiu-se considerar este último item como explicitação da qualidade afectiva e tratá-lo como um segundo item central, embora hierarquicamente de menor peso. *Criativo, Trabalhador, Revoltar-se com injustiças sociais* e *Corajoso* surgiram como eventuais elementos periféricos.

Atendendo à possibilidade do núcleo central ser constituído da forma que se acaba de descrever, previu-se uma avaliação diferenciada de cada imagem, esperando que se registasse o seguinte: a) que em primeiro lugar fosse menos escolhida a imagem A, por rejeitar um item central sem afirmar nenhum outro; b) que em segundo lugar fossem escolhidas as imagens que, embora negando um item central, afirmam um outro item também central (imagens B, E, F e G); c) que fossem mais escolhidas as imagens que não negam itens centrais (C, D e H).

Avaliação de imagens ambíguas

Imagens dos Portugueses

A avaliação realizada pelos inquiridos, quanto à proximidade das *imagens ambíguas* com a maneira de ser dos Portugueses, confirma os modos de resposta previstos. Através da escala de avaliação proposta, a imagem que recebe um nível médio mais elevado de concordância é H, enquanto a mais rejeitada é A (Quadro 95). Os resultados do estudo da significância estatística das diferenças entre pares de médias (teste t, ao nível de significância 0,05 com correcção de Bonferroni) indicaram: que a imagem A se diferencia de todas as outras por ser de menor valor; que as imagens F, E, B, G, D não se distinguem significativamente entre si; que as imagens C e H se distinguem entre si e são as que apresentam os valores mais elevados. Esta ordenação das escolhas para as diferentes imagens

vem confirmar as predições enunciadas. No entanto, as médias obtidas são baixas, a mais elevada tem valor próximo de 3, valor que corresponde apenas ao nível *concordo* da escala utilizada, e os desvios-padrão apresentam valores pouco elevados. Consideradas conjuntamente, estas duas medidas descritivas parecem sugerir que os respondentes concordam pouco com a descrição dos Portugueses feita pelas imagens apresentadas, o que corresponderá em parte à situação de ambiguidade que procurámos criar¹⁷⁵.

Quadro 95: Imagens mais e menos representativas dos Portugueses

Imagens (P17)	Nível de concordância		Imagem mais semelhante		Imagem menos semelhante	
	Média	Desvio-padrão	N	%	N	%
A – criativos, revolta com injustiças, não amizade	1,81	0,87	17	6,9	65	27,0
B - revolta com injustiças, atenciosos, não amizade	2,01	0,85	11	4,5	29	12,0
C - amizade, atenciosos, cobardes	2,45	1,07	40	16,3	22	9,1
D - amizade, trabalhadores, cobardes	2,26	0,93	46	18,8	27	11,2
E - corajosos, atenciosos, não amizade	2,00	0,82	15	6,1	27	11,2
F - amizade, criativos, desabridos	1,98	0,88	11	4,5	27	11,2
G - corajosos, amizade, desabridos	2,08	0,89	18	7,3	19	7,9
H - amizade, atenciosos, não trabalhadores	2,78	1,33	87	35,5	25	10,4
Total			245	100,0	241	100,0

¹⁷⁵ O comentário final de dois respondentes sobre o questionário ilustra, em diferentes graus, a dificuldade envolvida na avaliação e escolha das imagens ambíguas: “Nas perguntas de resposta com chave tive dificuldade em encontrar a resposta. Por outro lado, as escolhas possíveis obrigam-nos a responder o que provavelmente não queríamos, mas com certeza que há razão para isso” (respondente do sexo feminino, estudante universitária, não indicou naturalidade); “Gostava de saber a lógica deste inquérito, principalmente a lógica de perguntar se concorda com a afirmação: ‘Ele é um tipo bom, mas gosta de matar’. Identificasse?” (respondente do sexo masculino, estudante universitário, natural do distrito da Guarda). Este respondente extrema a contradição encontrada, ilustrando de forma inequívoca a ambiguidade com que se confrontou.

A segunda forma dos inquiridos expressarem a sua opinião sobre a proximidade das imagens apresentadas conduziu a resultados semelhantes. Assim, a imagem claramente escolhida como sendo a que mais se assemelha à maneira de ser do povo português foi H (36% da amostra), enquanto que as imagens mais escolhidas, respectivamente em segundo e terceiro lugar, foram D e C. Se atendermos à ligeira preferência demonstrada pela imagem D relativamente a C, poderia relativizar-se o peso de *ser atencioso* no núcleo central, dado que, embora com pequena diferença, os respondentes optam pela imagem em que no mesmo lugar figura *trabalhador*, isto é, preferem afirmar este item em detrimento de *atencioso*. Mas convirá ter presente que estas são escolhas minoritárias. Pelos respondentes do grupo maioritário é aceite não gostar de trabalhar e, no conjunto das oito imagens, as que negam *ser atencioso*, afirmando *ser desabrido*, foram das menos escolhidas.

Considerada a afectividade expressa pelos itens *dar muita importância à amizade e ser atencioso e agradável nas relações sociais*, observa-se que apenas para 7% dos inquiridos os Portugueses não são afectuosos (escolha da imagem A), enquanto que para larga maioria o são (93%). Na rejeição das imagens verifica-se uma menor convergência de opiniões. A imagem mais claramente rejeitada foi A, sendo o nível de rejeição das restantes bastante semelhante. A imagem G, a menos rejeitada, é igualmente pouco escolhida como mais semelhante (Quadro 95)

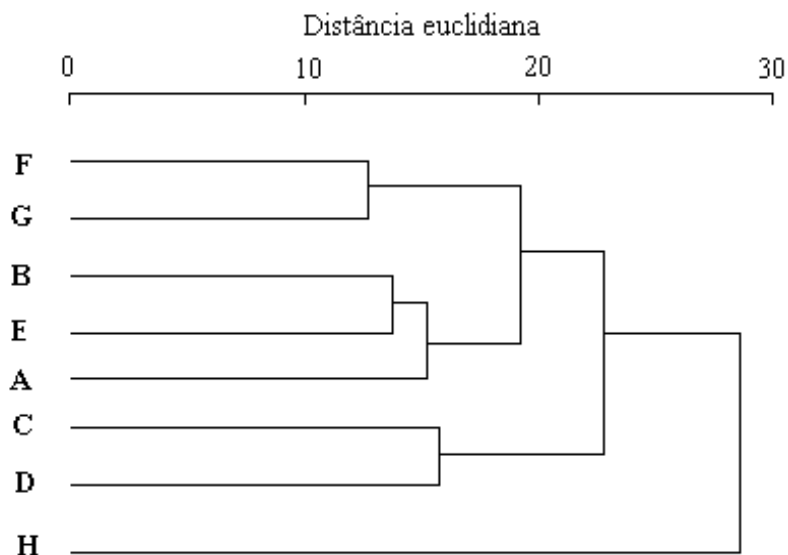
A análise da associação entre a escolha das imagens e as variáveis caracterizadoras dos respondentes (sexo, nível de escolaridade, naturalidade) não evidenciou relações estatisticamente significativas. No entanto, podem ser referidas duas tendências principais: os respondentes do sexo masculino tendem a escolher a imagem H (*amizade, atenciosos, não trabalhadores*) mais que os respondentes femininos, enquanto que os estudantes do ensino secundário e os algarvios tendem a escolher mais que os restantes a imagem G (*corajosos, amizade, desabridos*).

Com o objectivo de compreender o padrão de resposta dos inquiridos, realizou-se uma análise de *clusters* sobre as avaliações das imagens cujo dendrograma final se apresenta na Figura 16¹⁷⁶. A imagem H evidencia-se

¹⁷⁶ A distância usada foi a distância euclidiana e o algoritmo de agregação foi o método *Average Linkage (between groups)*.

das restantes, que se organizam em três grupos: o grupo F e G (estas imagens têm em comum a negação do item *atencioso* e diferem apenas na presença dos itens *criativo* ou *corajoso*); o grupo B e E (que difere apenas na presença do item *revolta-se com injustiças sociais* ou *corajoso*), a que se junta a imagem A (que tem em comum com as outras duas a rejeição do item *dão importância à amizade*); e o grupo C e D (imagens que têm em comum a negação do item *corajoso* e diferem apenas na presença do item *atencioso* ou *trabalhador*). Apesar desta organização das imagens não reflectir a ordenação das escolhas, revela que os respondentes se posicionam de modo semelhante perante determinadas imagens e que esse posicionamento é função evidente do seu conteúdo, nomeadamente do item que é nelas rejeitado. Esta forma de organizar as imagens torna-se particularmente interessante pois poderá ser entendida como uma reconfirmação indirecta do peso de que se revestem os itens negados no reconhecimento de um determinado objecto, tal como se defende no método ISA.

Figura 16: Proximidade entre as imagens utilizadas para caracterização do Português



Imagens do próprio

Quando os inquiridos avaliam a proximidade entre as imagens propostas e a sua própria maneira de ser, também se encontram avaliações médias baixas, não chegando a proximidade mais elevada ao valor 2,5,

enquanto para os Portugueses ficou próximo de 3. Mais claramente ainda no que respeita a si próprios, os respondentes consideram, em geral, que todas as imagens se aproximavam pouco da sua forma de ser. As imagens que recebem níveis médios mais elevados de concordância são H e C, enquanto a mais rejeitada é A. A análise estatística das diferenças entre as médias das avaliações indica que apenas as imagens H e A se destacam do grupo das restantes.

A segunda forma de expressar a opinião sobre as imagens apresentadas conduziu a resultados semelhantes. Assim, a imagem mais escolhida foi H (38% da amostra), ficando em segundo lugar C. A imagem mais rejeitada foi A (Quadro 96). O padrão de escolhas registado foi semelhante ao que se identificara na caracterização dos Portugueses.

Quadro 96: Imagens mais e menos representativas do próprio

Imagens (P24)	Nível de concordância		Imagem mais semelhante		Imagem menos semelhante	
	Média	Desvio-padrão	N	%	N	%
A – criativo, revolta com injustiças, não amizade	1,65	0,78	10	4,3	56	24,0
B - revolta com injustiças, atencioso, não amizade	1,82	0,76	14	6,1	34	14,6
C - amizade, atencioso, cobarde	2,22	0,99	39	16,9	20	8,6
D - amizade, trabalhador, cobarde	2,14	0,91	30	13,0	21	9,0
E - corajoso, atencioso, não amizade	1,74	0,73	1	0,4	32	13,7
F - amizade, criativo, desabrido	2,01	0,94	26	11,3	15	6,4
G - corajoso, amizade, desabrido	2,07	0,92	24	10,4	23	9,9
H - amizade, atencioso, não trabalhador	2,47	1,18	87	37,7	32	13,7
Total			231	100,0	233	100,0

Tal como se observara relativamente às imagens para caracterização dos Portugueses, as variáveis estratificadoras da amostra não parecem interferir nas escolhas e rejeições das imagens de auto-caracterização. Apenas a variável sexo evidencia uma associação significativa com a escolha das imagens ($\phi = 0,28$; $p \leq 0,01$): os respondentes do sexo masculino tendem a escolher mais frequentemente que os do sexo feminino

a imagem H (*amizade, atenciosos, não trabalhadores*), enquanto estes tendem a escolher mais frequentemente que aqueles as imagens C (*amizade, atencioso, cobarde*) e D (*amizade, trabalhador, cobarde*), no que se poderá ver uma maior preferência feminina pela identificação através do trabalho. Os respondentes femininos mostram ainda uma tendência não significativa para rejeitar, mais que os masculinos, a imagem F (*amizade, criativo, desabrido*).

A análise de *clusters* realizada sobre estas avaliações replicou exactamente os resultados obtidos na análise anterior para imagens descritoras dos Portugueses, o que sugere que os respondentes atenderam aos mesmos aspectos na realização desta tarefa avaliativa.

2. Cenário ambíguo: núcleo central na representação do Português

A segunda abordagem experimental ao estudo do núcleo central da representação dos Portugueses, igualmente inspirada na metodologia ISA, agora seguida mais de perto, teve como objectivo principal o de, através de outra população e em condições de maior controlo que o empregue nas *imagens ambíguas*, continuar a testar o núcleo central da representação da identidade portuguesa. Um segundo objectivo, complementar deste, visava avaliar a proximidade entre discurso erudito e popular.

Aspectos metodológicos

Questionário

O questionário utilizado neste estudo apresentava aos inquiridos um cenário ambíguo sobre o qual se pedia que dessem a sua opinião. Os diferentes tipos de *cenário ambíguo* foram apresentados no Capítulo 3 e consistiam na descrição de uma personagem fictícia (H.). Aos inquiridos estes foi pedido que dessem a sua opinião quanto à possibilidade de H. ser uma pessoa de nacionalidade portuguesa. No total, construíram-se sete descrições diferentes de H., seis afirmativas e uma negativa. Nas descrições afirmativas usaram-se cinco das seis características anteriormente empregues nas *imagens ambíguas*, substituindo-se *Revoltar-se contra injustiças sociais*, considerado periférico, por *Sentimental*. Esta substituição deve-se ao facto de, através da análise do discurso erudito,

esta característica se poder considerar central, e da mesma se ter posicionado nos primeiros lugares na representação do Eu (Quadro 80). A sétima descrição consistiu na negação de *Dar importância à amizade*. Em consequência do que se acaba de referir, continuaram a considerar-se centrais *Dar muita importância à amizade*, *Ser atencioso e agradável nas relações sociais* e *Ser sentimental*, introduzido pela primeira vez e acrescentado ao conjunto de traços afectivos, com vista a avaliar a proximidade entre discursos.

Recolha de informação empírica

A cada sujeito inquirido foi apresentado apenas um cenário para descrição de H. e a recolha de informação decorreu em duas fases distintas, cada uma recorrendo a amostras e a procedimentos diferentes.

A primeira amostra inclui 119 estudantes universitários frequentando cursos de licenciatura na Universidade de Évora e na Universidade do Algarve, com idades maioritariamente entre os 18 e os 25 anos (idade média de 20 anos). Relativamente a outras variáveis, a distribuição da amostra revelou-se equilibrada: 41% indivíduos do sexo masculino e 59% do sexo feminino, composta por indivíduos provenientes de todos os distritos do país, com maior incidência em naturais de Évora, Lisboa e Setúbal. A informação foi recolhida através da aplicação colectiva do questionário.

Com a finalidade de diversificar a origem social e situação socio-económica dos informantes, usámos uma segunda amostra de 29 cidadãos residentes no Algarve. A constituição desta foi a seguinte: 57% de indivíduos do sexo masculino e 43% do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 19 e os 71 anos (idade média de 47 anos), de diferentes níveis de escolarização (57% até ao ensino primário; os restantes com a escolaridade básica ou complementar) e com actividade profissional diversa (36% do sector terciário, 36% domésticas e os restantes distribuídos pelos sectores primário e secundário). Nesta fase de recolha, procedemos por entrevista e usámos apenas cenários ambíguos referentes às características consideradas centrais, dado que o objectivo principal visava testar estas características no discurso do cidadão comum sobre o português. Consequentemente, os resultados obtidos com esta amostra poderão ser tomados como reforço do teste da nossa hipótese de trabalho.

A distribuição dos cenários pelos inquiridos das duas amostras conduziu aos efectivos referidos no Quadro 97.

Quadro 97: Distribuição dos cenários ambíguos pelos inquiridos

Cenários ambíguos	Amostra 1	Amostra 2
	N	N
Dar muita importância à amizade	17	–
Não dar importância à amizade	17	11
Ser atencioso e agradável nas relações sociais	17	7
Ser corajoso	17	–
Ser criativo	17	–
Ser sentimental	17	11
Ser trabalhador	17	–

Resultados

Reconhecimento do objecto de representação: características centrais e periféricas

Na amostra 1, os cenários em que a identidade portuguesa como objecto de representação foi mais claramente reconhecida são aqueles que apresentam as características hipotetizadas como centrais (*ser atencioso e agradável nas relações sociais, ser sentimental e dar importância à amizade*). Em contrapartida, o nível mais baixo de reconhecimento ocorre perante o cenário que nega *dar importância à amizade*. Para as três características consideradas periféricas observam-se médias próximas, destacando-se *ser trabalhador* com a média mais baixa (Quadro 98).

Quadro 98: Reconhecimento da identidade portuguesa através dos cenários (amostra 1)

Cenários ambíguos	Escala de avaliação		Agrupamento de respostas		
	Média	Desvio-padrão	“Provavelmente não é Português” (N)	“Provavelmente é Português” (N)	Estatística do qui-quadrado
Dar muita importância à amizade	4,24	1,64	6	11	1,47 (n.s.)
Ser corajoso	3,82	1,42	8	9	0,06 (n.s.)
Ser criativo	3,82	0,95	8	9	0,06 (n.s.)
Ser sentimental	4,35	1,46	5	12	2,88 (p≤0,1)
Ser trabalhador	3,18	1,42	10	7	0,53 (n.s.)
Não dar importância à amizade	2,53	1,33	14	3	7,12 (p≤0,01)
Ser atencioso e agradável nas relações sociais	4,41	1,54	5	12	2,88 (p≤0,1)

Para testar a significância estatística das diferenças entre as avaliações dos sete cenários utilizados, agruparam-se em duas classes os níveis de resposta ao reconhecimento de H. como pessoa de nacionalidade portuguesa: para os níveis 1, 2 e 3 estabeleceu-se a categoria “Provavelmente não é Português” e para os restantes níveis “Provavelmente é Português”. A quarta e a quinta colunas do Quadro 98 apresentam a distribuição dos respondentes por essas categorias para cada cenário. Somente em três dos sete cenários se assinalam assimetrias estatisticamente significativas nesta distribuição. Assim, os sujeitos reconhecem preferencialmente H. como português se ele for caracterizado como uma pessoa que *é atenciosa e agradável nas relações sociais* ou que *é sentimental*; ao caracterizar H. como *não dando importância à amizade*, os inquiridos consideram-no como não sendo provavelmente Português. Perante os restantes cenários, os respondentes não manifestam posições tão claramente definidas, distribuindo-se de forma regular pelas duas categorias de resposta. Será ainda de salientar que, relativamente ao cenário onde se afirma que H. *dá muita importância à amizade*, não se verificou assimetria estatisticamente significativa, a qual se observou perante a negação desta característica. Poder-se-á interpretar a aparente discrepância aceitando que, afirmada, a importância da amizade surge com carácter geral e portanto aplicável não apenas ao Português. Somente quando negada remete para o caso português. Finalmente, assinale-se que os respondentes consideram H. Português quando ele é descrito como *sentimental*, o que aponta um reconhecimento do discurso erudito pelo senso comum.

Agrupando os cenários em função de centralidade e periferia hipotéticas das características apresentadas, os resultados que acabamos de referir tornam-se ainda mais ilustrativos (Quadro 99). Se atendermos às médias de atribuição da nacionalidade portuguesa a H., verificamos que a sua ordenação é a prevista: uma atribuição mais baixa no cenário que nega uma característica central e mais alta nos restantes que afirmam itens centrais ($F = 11,1$; $p \leq 0,001$). Se tomarmos as duas classes de resposta acima referidas, observamos que apenas quando os cenários se referem a características centrais se registam assimetrias estatisticamente significativas no modo como os respondentes avaliam a probabilidade de H. ser um cidadão português. Quando no cenário se afirma uma

característica central, este é classificado predominantemente como correspondendo à descrição de um português; o contrário se observa quando no cenário se nega uma característica central; se o cenário inclui uma característica periférica, o inquirido responde indiferentemente, situação em que o cenário retoma a sua ambiguidade, podendo descrever ou não descrever um português.

Quadro 99: Reconhecimento de H. como pessoa de nacionalidade portuguesa (cenários agrupados)

Cenários ambíguos agrupados	Escala de avaliação		Agrupamento de respostas		
	Média	Desvio-padrão	“Provavelmente não é português” (N)	“Provavelmente é português” (N)	Estatística do qui-quadrado
Afirmção de característica central	4,37	1,83	16	35	7,08 (p≤0,01)
Afirmção de característica periférica	3,61	1,67	26	25	0,02 (n.s.)
Negação de característica central	2,53	1,33	14	3	7,12 (p≤0,01)

Na segunda amostra encontraram-se resultados muito próximos dos obtidos junto dos estudantes. A tendência dos valores médios é semelhante à referida para a amostra 1, podendo atribuir-se ao acaso as diferenças registadas entre ambas (Quadro 100).

Quadro 100: Reconhecimento da identidade portuguesa através dos cenários (amostra 2)

Cenários ambíguos	Escala de avaliação		Agrupamento de respostas		
	Média	Desvio-padrão	“Provavelmente não é português” (N)	“Provavelmente é português” (N)	Estatística do qui-quadrado
Ser sentimental	3,63	1,43	5	6	0,09 (n.s.)
Não dar importância à amizade	2,18	1,17	9	2	4,45 (p≤0,05)
Ser atencioso e agradável nas relações sociais	4,83	0,98	1	6	3,57 (p≤0,1)

Agrupados os níveis de resposta tal como anteriormente, observam-se duas assimetrias estatisticamente significativas (*não dar importância à*

amizade e ser atencioso), resultados que vão no mesmo sentido dos obtidos com a amostra 1. Quanto ao cenário *ser sentimental*, a assimetria assinalada não é significativa; segue, contudo, a tendência esperada segundo a hipótese de centralidade desse traço.

Reconhecimento do objecto e descritores

Para além do reconhecimento da identidade portuguesa em H., pretendeu-se estudar a possibilidade de a composição de alguns cenários influenciar a atribuição de características a H. Com esta finalidade, pediu-se aos inquiridos para, em cada cenário apresentado, completarem a caracterização de H. através de uma grelha constituída por seis descritores (escala de 1 a 6). Estes descritores repetem os itens empregues na constituição dos diferentes cenários¹⁷⁷.

Nesta segunda forma de caracterizar H., obtém-se efectivamente um posicionamento diferente dos descritores. Assim, os valores obtidos para os descritores “simpático”, “sentimental”, “atencioso e agradável nas relações sociais”, “dar importância à amizade” sofrem alteração significativa conforme a composição do cenário: valores mais altos nos cenários que descrevem H. através de características centrais e valores mais baixos no cenário que nega uma característica central. Já assim não acontece quando o inquirido se pronuncia sobre os descritores “corajoso”, “trabalhador” e “criativo”, não se verificando diferenças significativas entre cenários (Quadro 101). Dado que estes três itens têm vindo a ser considerados elementos periféricos, o seu posicionamento relativamente estável deverá ser tomado como confirmativo da referida posição periférica.

Tendo em conta a possibilidade de a caracterização global de H. ser afectada pela composição do cenário, estes resultados parecem comprovativos, revelando o seguinte: se no cenário H. é apresentado através de uma característica central, a imagem que os respondentes dele formam aglutina outras características centrais presentes na grelha de descritores; pelo contrário, se o cenário negar uma característica central na

¹⁷⁷ Aos seis descritores em estudo acrescentou-se o item *Simpático*. Assim, apesar de em cada cenário haver um descritor excluído por entrar na constituição do respectivo cenário, o número de descritores disponíveis para caracterizar H. continuou a ser de seis.

descrição de H., esta negação conduz à rejeição das outras características centrais presentes na grelha de descritores.

Quadro 101: Descrição de H., segundo os três tipos de cenário ambíguo

Descritores	Afirmação de característica central (A)	Afirmação de característica periférica (B)	Negação de característica central (C)	Estatística F e teste de Tukey
Ser corajoso	3,5	3,7	3,4	0,3 (n.s.)
Ser trabalhador	3,5	3,9	3,1	1,8 (n.s.)
Ser simpático	5,5	5,0	2,6	43,0 (p≤0,01) C≠B≠A
Ser criativo	4,0	3,6	3,8	0,6 (n.s.)
Ser sentimental	4,8	3,6	3,0	10,1 (p≤0,01) (C=B)≠A
Dar importância à amizade	5,5	4,9	–	5,8 (p≤0,05) B≠A
Ser atencioso e agradável nas relações sociais	5,5	5,2	2,8	32,4 (p≤0,01) C≠(B=A)

Sobre os resultados obtidos, dois aspectos serão de sublinhar. O primeiro, referente ao efeito que designámos por aglutinador, assemelha-se ao referido por Abric na verificação experimental do núcleo central e da capacidade deste em gerar sentido (Abric, 1994) e inscreve-se no processo conhecido como “formação de impressões” (Asch, 1946)¹⁷⁸; o segundo, relacionado com a oscilação de posicionamento que se observou para o item *Simpático*. Recorde-se que este item não fez parte dos descritores propostos para caracterização dos Portugueses na fase exploratória, não sendo usado para definir nenhum dos cenários ambíguos que acabamos de apresentar. No entanto, será de relembrar que os resultados colhidos junto da amostra maioritária deste trabalho (Fases D a F) indicam-no como constituinte predominante do núcleo central. O facto de esta nova amostra revelar *Simpático* fortemente associado à afirmação e negação de outros itens considerados centrais, permitirá inclui-lo no núcleo central da

¹⁷⁸ Este processo permite, a partir de alguns traços sobre um determinado indivíduo, compor uma imagem geral, coerente, com significado para o observador, reinventando alguns traços sobre os quais não dispõe de informação.

imagem dos Portugueses também para esta amostra, o que o investe de alguma transversalidade.¹⁷⁹

Síntese

Duas vias se seguiram para a delimitação do núcleo central da representação da identidade nacional: procedimentos exploratórios de análise do campo semântico da representação dos Portugueses e da representação de si dos cidadãos portugueses inquiridos; procedimentos de validação experimental (*Imagens ambíguas, Cenário ambíguo*). Em seguida mencionam-se aspectos considerados mais relevantes na referida delimitação:

1. No que respeita aos procedimentos exploratórios para identificação de elementos do núcleo central da representação do Português, a análise de saliência, conjugados os critérios frequência e posição, indicou como constituintes do núcleo central os itens *Simpáticos, Acolhedores e Aventureiros* (amostra total). Realizando a referida análise por subamostras, apenas o item *Simpático* se manteve em todas elas como potencialmente central. Em consequência, apenas esta característica se poderá admitir como inequivocamente constituinte do núcleo central; sobre os restantes itens mais convergentemente indicados (*Acolhedores, Preguiçosos e Aventureiros*), parece mais razoável considerar que se está em presença de elementos periféricos, embora com forte ligação ao núcleo central.

2. Para delimitação do núcleo central da representação dos Portugueses, recorreremos ainda à análise de similitude. Os resultados obtidos através da mesma sublinham os que se acabam de referir: *Simpáticos* novamente indicado como elemento do núcleo central, enquanto que os itens sugeridos como periféricos apresentam fortes conexões com ele.

¹⁷⁹ Esta transversalidade poderia, no entanto, ser relativizada tendo em conta a forte correlação existente, na formação de impressões, entre os traços “caloroso/frio” e traços de sociabilidade (Wisnher, 1960). No nosso caso, o facto de H. ser descrito através de traços afectivos (*Atencioso e agradável nas relações sociais, Dar importância à amizade*) poderia fazer-nos esperar o efeito aglutinador observado relativamente a *Simpático*.

3. Considerada a representação da identidade portuguesa através da identidade pessoal dos respondentes, observamos uma composição do núcleo central assente em *Português*, *Estudante* e *Simpático*. Se isolarmos da análise os descritores por papel social, o item *Simpático* mantém-se como elemento potencialmente central, sendo-lhe acrescentado *Amigo*. Este resultado revela grande proximidade entre a representação dos Portugueses e a representação de si, o que corresponde ao que se poderia esperar de acordo com os pressupostos inicialmente referidos sobre a proximidade Eu-Grupo, dado que se está perante uma amostra caracterizada por elevado sentimento nacional (Capítulo 7).

4. A validação experimental do núcleo central por *imagens ambíguas* (escolha e rejeição de imagens mais e menos representativas dos Portugueses e do respondente) permitiu extrair conclusões de dois tipos diferentes sobre a estruturação dos conteúdos da representação da identidade portuguesa: a) por um lado, a escolha e rejeição das imagens propostas para caracterização dos Portugueses ocorreu segundo o modelo que se previra para o caso de *Dar importância à amizade* e *Ser atencioso e agradável nas relações sociais* entrarem na constituição do núcleo central da representação, revelando-se este segundo item em posição hierarquicamente inferior (mais claramente afirmado na descrição do Eu que na dos Portugueses). Relativamente aos restantes itens hipotetizados como periféricos, as rejeições e escolhas observadas apontam para a confirmação da hipótese de trabalho avançada. O item *Trabalhador*, dado o número de escolhas da imagem D (segundo lugar para os Portugueses e terceiro para os respondentes), parece ser o terceiro elemento posicionado mais próximo do núcleo central; haverá no entanto que ter em conta a escolha maioritária da imagem H que, incluindo a negação de *Trabalhador*, não impediu uma escolha maioritária; b) por outro lado, o padrão comum Português/Próprio observado na escolha e rejeição de imagens evidencia novamente a proximidade das duas representações, tal como se registara nos procedimentos exploratórios.

5. O teste experimental sobre a presença de características afectivas na constituição do núcleo central da representação dos Portugueses (*Cenário Ambíguo*), aplicado a uma nova população, forneceu resultados que vão no sentido da reconfirmação de *Dar importância à amizade* e *Ser atencioso e agradável nas relações sociais* como constituintes do núcleo central. A

juntar a estes dois itens também *Ser sentimental* se posicionou como elemento do núcleo central. No seu conjunto, estes resultados indicam aproximação entre discurso erudito e discurso popular.

6. Concluíra-se, através dos procedimentos exploratórios, que o núcleo central da representação da identidade portuguesa era constituído por características afectivas: *Simpático*, quando se trata da representação dos Portugueses, *Simpático* reforçado por *Amigo* quando se analisa a identidade pessoal. Os procedimentos experimentais (*imagens ambíguas* e *cenário ambíguo*) não põem em causa estes resultados, antes sugerem que não basta nomear como *Sentimental* esta afectividade, sendo necessário objectivá-la através de *Dar importância à amizade*. Sobre o item *Simpático*, usado na verificação experimental apenas como descritor, observou-se um efeito de aglutinação que o associa fortemente às características hipotetizadas como constituintes do núcleo central.

7. Para além da delimitação do núcleo central da representação da identidade portuguesa que, de acordo com os resultados apresentados, nos parece clara e convincente, impõe-se uma nota de reflexão final a propósito da composição do referido núcleo. Se, como afirma Abric (1994), os elementos periféricos constituem o essencial do conteúdo de uma representação, na medida em que realizam a ancoragem da referida representação na realidade do presente (*função concretização*), e a adaptam às evoluções do contexto, integrando elementos controversos sem pôr em causa os fundamentos da representação (*função regulação*), no nosso estudo esta situação estará ilustrada pela presença simultânea de *Trabalhadores* (subamostra de naturais do Algarve) e *Preguiçosos* (subamostras masculina e de estudantes do ensino universitário). Se tomarmos em conta que os elementos periféricos se têm considerado esquemas periféricos que permitem descodificar a normalidade numa situação (Flament, 1989, pp. 209-10), sendo por isso prescritores de comportamentos e elementos de tomadas de posição (Abric, 1994, p. 26), não deixa de ser interessante verificar que, sendo o estereótipo do “preguiçoso” mais forte no sul do país, seja entre os jovens algarvios que o item simétrico *Trabalhador* se posicione como elemento do núcleo central da representação do Portugueses, ocorrendo pensar que a sua inclusão é sobretudo idealizada.

C. Identidade nacional *versus* Identidade pessoal

A análise da representação da identidade pessoal de cidadãos portugueses constitui neste trabalho uma forma complementar ao estudo da representação dos Portugueses. A proximidade entre estas duas formas de representação (da identidade pessoal e da identidade nacional) é um dos aspectos teóricos que se pretende explorar e que decorre de se considerar a identidade pessoal como representação social. Neste ponto analisam-se resultados que, para além de contribuírem com informação adicional para o campo representacional do Português, ilustram, de modo explícito e implícito, as estreitas ligações que se estabelecem entre a representação do Eu e a representação do grupo nacional.

Para além de se recuperar informação já anteriormente apresentada, explorada agora na perspectiva acima referida (P04, P21, P17 e P24), analisam-se também respostas a novas perguntas (Quadro 102).

Quadro 102: Identidade nacional *versus* identidade pessoal

Nº da pergunta	Conteúdo	Total de inquiridos	Total de respondentes
P10	Identifica-se com a maneira de ser dos Portugueses?	281	279 (99,3%)
P05	Os Portugueses são acima de tudo...	281	276 (98,2%)
P22	Eu sou acima de tudo...	281	274 (97,5%)
P06	O que os Portugueses não são é...	281	267 (95,0%)
P23	O que eu não sou é...	281	272 (96,8%)

Identificação explícita com o grupo nacional

O questionário incluía uma pergunta fechada solicitando a expressão directa do grau de identificação do inquirido com a identidade nacional, através da identificação com os Portugueses. Trata-se da pergunta P10 (“Identifica-se com a maneira de ser dos Portugueses?”), que oferecia aos respondentes cinco níveis de intensidade para exprimirem a sua identificação e de que passamos a apresentar os tipos de resposta encontrados (Quadro 103).

Quadro 103: Identificação com a maneira de ser dos Portugueses

Níveis de intensidade de identificação (P10)	N	Respondentes %
Não me identifico	7	2,5
Identifico-me pouco	47	16,8
Identifico-me	144	51,6
Identifico-me muito	62	22,2
Identifico-me totalmente	19	6,8
Total	279	100,0

As respostas obtidas seguem uma distribuição unimodal, concentrando-se mais de metade da amostra no nível *Identifico-me*.

Poderá salientar-se que, apesar de próxima da simetria, a distribuição evidencia uma preferência dos respondentes pelos níveis mais elevados de identificação. Atribuindo valores numéricos aos diferentes níveis¹⁸⁰, obtém-se o valor médio 3,14, em que a tendência da amostra se revela ligeiramente superior ao nível *Identifico-me*. O reduzido valor do desvio-padrão (0,86) assinala igualmente forte concentração em torno dos níveis centrais.

A comparação dos valores médios obtidos nas diferentes subamostras confirma o padrão registado na amostra total, e esclarece que o nível médio de identificação não difere para nenhum dos pares de subamostras consideradas (Quadro 104).

Quadro 104: Identificação com a maneira de ser dos Portugueses (subamostras)

Subamostras	Identificação média	Estatística de teste
Sexo		
Masculino	3,09	t = 0,83 (n.s.)
Feminino	3,18	
Escolaridade		
Ensino secundário	3,08	t = 0,86 (n.s.)
Ensino universitário	3,17	
Naturalidade		
Naturais do Algarve	3,12	F = 0,38 (n.s.)
Naturais de fora do Algarve	3,20	
Naturais de outros países	3,06	

¹⁸⁰ Atribuiu-se o valor 1 ao nível *Não me identifico* e o valor 5 ao extremo oposto da escala, *Identifico-me totalmente*.

Dado que esta pergunta também pode ser olhada como uma medida do sentimento nacional, estudou-se a sua relação com as variáveis que, no Capítulo 7, mediam o referido sentimento, tendo-se identificado associações estatisticamente significativas entre elas (Quadro 105).

De um modo geral, registou-se correspondência entre sentimento nacional elevado e identificação mais elevada com a maneira de ser dos Portugueses.

Quadro 105: Identificação com a maneira de ser dos Portugueses (P10) e sentimento nacional

Sentimento nacional	Identificação média	Estatística de teste
Considera-se português? (P07)		
Sim	3,22	t = 3,19 (p ≤ 0,01)
Não	2,42	
Gosta de ser português? (P08)		
Sim	3,33	F = 11,79 (p ≤ 0,001) N ≠ (NS = S)
Não	2,00	
Não sei	2,78	
Gostaria de ter nascido noutro país? (P09)		
Sim	2,68	F = 6,67 (p ≤ 0,01) S ≠ (NS = N)
Não	3,26	
Não sei	3,21	
Existe só um tipo de português? (P14)		
Sim	3,20	F = 1,03 (n.s.)
Não	3,11	
Não sei	2,90	
Acha que se pode deixar de ser Português? (P15)		
Sim	2,63	F = 6,41 (p ≤ 0,01) (S=NS) ≠ (NS = N)
Não	3,24	
Não sei	3,00	

Os respondentes que se consideraram portugueses (P07) apresentam um nível médio de identificação significativamente superior àqueles que não se consideraram portugueses. Igualmente, para aqueles que afirmam gostar de ser portugueses (P08), a identificação apresenta um nível médio superior que o observado entre aqueles que não gostam de o ser ¹⁸¹.

¹⁸¹ A coincidência de resposta nas perguntas P08 e P10 clarifica-se nas percentagens: a percentagem de respostas positivas para *Gosta de ser português?* (80%) é muito próxima da

Relativamente aos inquiridos que gostariam de ter nascido noutra país (P09), o nível médio de identificação é significativamente inferior aos que hesitam ou que respondem negativamente. Por outro lado, entre os que admitiram que se pode deixar de ser Português, o nível médio de identificação é mais baixo. Finalmente, aceitar que possam existir vários tipos de Portugueses não influi no nível de identificação.

Comparação dos campos semânticos do Português e do Eu

Neste ponto analisam-se as respostas dadas às perguntas “Portugueses são...” (P04) e “Quem sou eu?” (P21) com o fim de averiguar se existia semelhança entre os campos representacionais destes diferentes objectos e identificar eventuais zonas temáticas comuns.

1. Análise global dos *corpora*

Uma comparação global dos itens utilizados para caracterizar os Portugueses (P04) e o Eu (P21) permitiu-nos avaliar a proximidade entre os dois campos representacionais¹⁸². O Quadro 106 apresenta os itens comuns e os itens específicos dos *corpora* obtidos através destas duas perguntas.

Quadro 106: Comparação dos campos representacionais do Português e do Eu

	Português				Eu			
	Itens diferentes		Itens		Itens diferentes		Itens	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Itens comuns	137	29,8	873	61,3	137	40,5	693	75,5
Itens específicos	336	73,2	574	40,3	201	59,5	225	24,5
Total	459	100,0	1424	100,0	338	100,0	918	100,0

observada para os inquiridos que se identificam com a maneira de ser dos Portugueses (81%, reunindo os níveis *identifico-me*, *identifico-me muito* e *identifico-me totalmente*).

¹⁸² Comparam-se somente os itens que caracterizam o Eu e o Português em termos de traços de personalidade, sendo excluídos da contagem os itens de caracterização por papel social ou outro tipo de respostas. Por essa razão, os totais apresentados no Quadro 106 não correspondem aos referidos na parte A deste capítulo.

Como se pode observar no referido quadro, aos 137 itens comuns às duas descrições correspondem percentagens elevadas em cada *corpus*¹⁸³. No entanto, este conjunto comum tem peso diferente, sendo mais importante na descrição do Eu que na do Português (cerca de 40% dos itens referidos e três quartos do *corpus*, para o Eu, e cerca de 30% dos itens referidos e 60% do *corpus* para o Português). A fracção específica de cada descrição é assim maior para os Portugueses que para o Eu, mas convirá lembrar que nesta análise figuram apenas os itens caracterizadores do Eu por traços de personalidade, tendo sido excluídos os restantes.

O Quadro 107 ilustra alguns itens específicos e comuns aos dois *corpora*. Relativamente aos itens comuns de ocorrência aproximada na descrição do Português e do Eu não deixa de ser significativo que estes nos tracem um perfil claramente positivo, o que está de acordo com o nível elevado de sentimento nacional que se registou. Excluir-se-ia *Preguiçoso*, e talvez *Orgulhoso*, mas nesta amostra, por um lado, a preguiça não parece ser propriamente desvalorizada, como, de resto, se pode inferir ao verificar que *Trabalhador* é mais referido para os Portugueses que para o Próprio; por outro lado, o orgulho aparece associado mais a satisfação que a superioridade, no sentido de distância social.

Os itens comuns mais empregues no *corpus* do Português esboçam igualmente um perfil positivo, à excepção de *Egoístas*. Entre os itens comuns mas mais escolhidos para representar os próprios respondentes é muito interessante verificar que mais de metade se referem a características afectivas. Este resultado poderá ser interpretado como um reforço da afirmação da Afectividade na caracterização dos Portugueses: se os Portugueses “representados” são afectuosos (*Atenciosos, Simpáticos, Sociáveis*), os Portugueses “concretos” ainda o são mais claramente e sob designações porventura mais explícitas – *Afectuoso, Carinhoso, Amoroso, Amigo...*

¹⁸³ O valor do índice de Ellegard, medida global de similitude dos dois campos semânticos, é de 34,8%.

Quadro 107: Comparação dos campos representacionais do Português e do Eu: itens comuns e itens específicos¹⁸⁴

Itens comuns		
Nível de ocorrência aproximado nos dois <i>corpora</i>	Maior nível de ocorrência no <i>corpus</i> “Português”	Maior nível de ocorrência no <i>corpus</i> “Eu”
Sincero, Alegre, Sociável, Bonito, Simples, Inteligente, Atencioso, Companheiro, Esperto, Preguiçoso, Simpático, Orgulhoso	Bom, Pacífico, Acolhedor, Vaidoso, Calmo, Comilão, Conservador, Boa pessoa, Patriota, Egoísta, Aventureiro, Falador, Corajoso, Trabalhador	Bem disposto, Sentimental, Igual a outros, Inseguro, Apaixonado, Responsável, Brincalhão, Meigo, Tímido, Afectuoso, Curioso, Sonhador, Feliz, Humano, Humilde, Romântico, Amigo, Amoroso, Honesto, Teimoso, Ambicioso, Divertido, Carinhoso, Lutador, Sensível, Compreensivo
Itens específicos		
<i>Corpus</i> “Português”	<i>Corpus</i> “Eu”	
Hospitaleiros, Tradicionais, Burros, Comodistas, Pobres, Ignorantes, Atrasados, Pequenos, Amáveis, Oportunistas, Unidos, Acomodados, Antipáticos, Conquistadores	Gosto de ajudar, Amante*, Despistado*, Dorminhoco*, Dou importância à amizade*, Exigente*, Fixe*, Frio*, Inconformado*, Justo*, Normal*, Pensador*, Progressista* Racional*, Rebelde*, Revoltado*	

A análise dos itens específicos, ainda que referindo-se a um menor número de respondentes, revela igualmente aspectos interessantes e que decorrem sobretudo da ancoragem de certas características em diferentes visões (avaliativas) do mundo. Estas visões remetem-nos para os resultados obtidos na análise factorial de correspondências efectuada sobre o campo semântico do Português: aceitação do mundo e valorização do

¹⁸⁴ Neste quadro incluem-se os itens comuns aos dois *corpora* ocorrendo em pelo um deles com frequência relativa superior a 0,5% (corresponde esta frequência a 7 ocorrências no *corpus* “Português” e 5 ocorrências no *corpus* “Eu”). Para avaliar se um item era mais fortemente referido num ou noutro *corpus* foi calculado o logaritmo do quociente das duas frequências relativas (*log-odds*), considerando-se que ocorria com igual frequência nos dois *corpora* se o *log-odds* estivesse na vizinhança de zero (entre -0,5 e 0,5). No que respeita aos itens específicos, apontam-se aqueles que ocorrem com frequência superior a 5; no entanto, dado no *corpus* “Eu” existir apenas um item específico nessas condições, apresentam-se igualmente os itens com frequência igual ou superior 2, estando estes assinalados com um asterisco. A ordem de apresentação dos itens no Quadro 37 é a seguinte: para os itens comuns, respeita o valor do *log-odds* a eles associado; no caso dos itens específicos, a ordem de apresentação respeita a frequência que registaram.

relacional *versus* afirmação pessoal e um modelo de sociedade dirigido para a apropriação do mundo (Quadro 79). Assim, para os respondentes que privilegiam o segundo tipo de concepção do mundo, os Portugueses são *Burros, Ignorantes e Atrasados*, enquanto que, em oposição, o(s) Eu(s) é *Normal, Exigente, Progressista, Frio, Racional*; para aqueles que valorizam mais o relacional, os Portugueses surgem, em certa medida, como grupo nacional, representados através de características societárias (*Hospitaleiros e Unidos*), enquanto os Portugueses-respondentes se auto-definem sobretudo por afectivos.

Finalmente, analisada a interrelação Eu-Português através dos núcleos centrais de cada uma destas representações, observou-se que, por um lado, o item *Simpático* lhes é comum e que, por outro, *Amigo* entra na constituição do núcleo central do Eu. Para as duas representações, a Afectividade caracteriza os respectivos núcleos, o que, de acordo com os pressupostos teóricos (teoria do núcleo central), permitirá considerar que estamos perante duas representações semelhantes.

2. Análise das co-ocorrências

A análise efectuada sobre os *corpora* totais da representação da identidade nacional e da identidade pessoal poderá ser completada com a comparação intraindividual dos dicionários utilizados para descrever o Português e o Eu. Com essa finalidade, realizou-se uma análise factorial de correspondências sobre o conjunto total de itens presentes nos dois *corpora*, tendo o cuidado de identificar a origem de cada um deles. O Quadro 108 apresenta a caracterização dos três factores extraídos.

O primeiro factor, responsável por 3,6% da variância, contrasta a caracterização do Eu pela pertença a grupos abstractos (*Ser humano, Pessoa*) com a caracterização do Eu por traços de personalidade. No que se refere aos Portugueses, o pólo positivo deste factor parece estar orientado para a caracterização destes enquanto *Burros* ou *Atrasados*, parecendo reflectir significado idêntico ao do primeiro factor encontrado na análise da caracterização dos Portugueses (Quadro 79).

Quadro 108: Português – Eu: análise factorial de correspondências

Factor	Valor próprio	% variância	% acumulada	Itens com maior contribuição ¹⁸⁵
1	0,480	3,6	3,6	(+) → P-Atrasados, E-Rapaz, E-Ser humano, P-Burros, E-Esperto, E-Pessoa, P-Ignorantes (-) → E-Alegres, E-Sociável, E-Curioso
2	0,395	2,9	6,5	(+) → E-Alguém, E-Eu, E-Português, E-Algarvio, P-Amigos, P-Ignorantes, P-Compreensivos, E-Estudante, E-Humano, E-Mulher (-) → P-Atrasados, E-Tímido, E-Teimoso, E-Rapaz, E-Sociável, E-Afectuoso, E-Simpático, E-Trabalhador, E-Honesto, P-Tradicionais, P-Sociáveis, E-Inteligente
3	0,380	2,9	9,4	(+) → P-Tradicionais, P-Aventureiros, E-Alguém, E-Sociável, P-Alegres, E-Ser humano, P-Sociáveis, E-Teimoso, E-Português, P-Ignorantes (-) → E-Espertos, E-Preguiçosos, P-Patriotas, E-Inteligente, E-Homem, P-Espertos, P-Orgulhosos, P-Preguiçosos, E-Brincalhão, P-Compreensivos, E-Carinhoso

O segundo factor parece opor uma definição do Eu por papéis sociais (*Português, Algarvio, Estudante*) a uma caracterização por aspectos de relação com o outro (*Tímido, Teimoso, Sociável*); no que respeita aos Portugueses, este factor corresponde a uma visão em que, estando embora presentes algumas características relacionais (*Amigos, Compreensivos*), predominam os aspectos referentes ao desenvolvimento sócio-económico (*Ignorantes, Atrasados*).

O terceiro factor parece organizar o campo semântico pela proximidade-afastamento entre o Eu e os Portugueses – aproximando-se em *Sociáveis, Espertos e Preguiçosos* e afastando-se em *Trabalhadores e Compreensivos*. No que respeita à proximidade, a organização apresentada por este factor poderá considerar-se orientada por critérios de acção prática e de aventura e relacionamento.

¹⁸⁵ Os itens destacados (**negrito**) são aqueles cuja contribuição é superior à média (1,4%) para o factor em questão; os restantes itens do factor 1 têm uma contribuição mínima de 1,0. Para distinguir os itens atribuídos aos Portugueses e ao Próprio, cada item é antecedido respectivamente pela letra P e E.

Português, Eu e intensidade de identificação

1. Português/Eu: características mais e menos representativas

As descrições dos Portugueses e do próprio através de uma atribuição restrita de itens (o que mais e menos caracteriza as respectivas identidades) foi outra das formas através da qual se procurou comparar identidade nacional e identidade pessoal.

Admitia-se que esta escolha forçada poderia conduzir maioritariamente à não indicação de elementos periféricos e a uma orientação preferencial das respostas para elementos do núcleo central. Também se considerou que esta fórmula comportava o risco de se obterem respostas de conveniência, pela acrescida dificuldade de escolha, a qual implicava reconstruir num campo complexo uma hierarquia simples. Perante o tipo de respostas produzidas este risco parece não se ter concretizado. Uma das maneiras de minimizar a dificuldade estaria no recurso a uma segunda resposta, dado que nada era dito em contrário. No entanto, apenas 10 inquiridos (cerca de 4% da amostra total) na caracterização dos Portugueses e 17 (6%) na caracterização do Próprio recorreram a um segundo item descritor.

As perguntas referentes àquilo que mais e menos caracteriza os Portugueses e cada inquirido em concreto foram, tal como no caso das perguntas P04 e P21, apresentadas em separado: na fase inicial do questionário era pedido para completar as frases “Os Portugueses são acima de tudo...” e “O que os Portugueses não são é...”; no grupo das perguntas finais pedia-se aos respondentes para concluírem as frases “Eu sou acima de tudo...” e “O que eu não sou é...” (Quadro 102).

“Os Portugueses são acima de tudo...”

Portugueses (a palavra diz tudo).

Boas pessoa.

Acolhedores.

Autênticos preguiçosos.

Pessoas dadas.

“Eu sou acima de tudo...”

*Um ser humano português.
Tanta coisa, é tão subjectivo.
Uma pessoa extremamente acessível.
Português, macho (não machista).
Um ser humano forte e fraco.
Bondosa, carinhosa.*

Os resultados obtidos para aquilo que mais representa os Portugueses/o próprio indicam *Portugueses/Português* com o valor mais alto entre os itens mais referidos. Esta indicação repete o que se verificara com as respostas para caracterização do Eu (a pergunta que se analisou anteriormente).

Nas duas representações, por entre as restantes respostas mais frequentemente referidas, perpassam dois perfis que ora se sobrepõem ora se afastam.

Na representação dos Portugueses são mais assinalados os itens *Boas Pessoas, Acolhedores, Simpáticos, Preguiçosos e Patriotas*; na auto-representação destacam-se os itens *Amigo, Eu, Simpático e Boa Pessoa*. Em comum, além de *Simpáticos*, em terceiro e quarto lugares, respectivamente para o próprio e para os Portugueses, encontram-se *Boas Pessoas* (mais atribuído aos Portugueses) e, com valores mais baixos mas muito aproximados, *Honestos e Sentimentais* (Quadro 109).

Será ainda interessante reparar nos itens que afastam extremadamente as duas representações. Os casos mais notórios são *Acolhedores*, exclusivamente atribuído aos Portugueses, e *Amigo*, segundo item na auto-descrição e com valor muito baixo na descrição dos Portugueses ¹⁸⁶.

¹⁸⁶ Relativamente a estes dois itens haverá a salientar que são as mulheres que mais os atribuem. A observação das respostas em paralelo (representação dos Portugueses/representação do Eu) mostra-nos, em correspondência com o item *Acolhedores*, a presença dos seguintes itens a caracterizar o próprio: *Amigo e Português* (2 respondentes), *Afectuoso, Bem disposto, Filha, Igual aos outros, Optimista, Simpático, Sincero, Sociável* (1 respondente) e uma não resposta. Apesar do recurso a uma palavra diferente, não se poderá concluir por uma mudança de padrão, dado que os itens *Amigo, Afectuoso e Simpático* se podem considerar relacionados em *Acolhedores*; será eventualmente, como se referiu, o assinalar de uma característica de âmbito mais societal e, por isso, mais adequada à caracterização dos Portugueses enquanto grupo nacional.

Quadro 109: O que mais caracteriza os Portugueses e o Eu ¹⁸⁷

	Os Portugueses são acima de tudo... (P05)		Eu sou acima de tudo... (P22)	
	N	%	N	%
Portugueses	21	7,6	35	12,7
Boas pessoas	19	6,9	10	3,6
Acolhedores	13	4,7	0	0,0
Simpáticos	11	4,0	12	4,4
Preguiçosos	9	3,3	2	0,7
Patriotas	9	3,3	2	0,7
Hospitaleiros	8	2,9	0	0,0
Inteligentes	7	2,6	0	0,0
Trabalhadores	6	2,2	2	0,7
Aventureiros	5	1,8	2	0,7
Melhores	5	1,8	1	0,4
Orgulhosos	5	1,8	0	0,0
Comodistas	5	1,8	0	0,0
Honestos	4	1,4	5	1,8
Simples	4	1,4	1	0,4
Calmos	4	1,4	1	0,4
Amáveis	4	1,4	1	0,4
Corajosos	4	1,4	0	0,0
Amigo	3	1,1	29	10,5
Compreensivos	3	1,1	6	2,2
Sentimentais	3	1,1	4	1,5
Ser humano	2	0,7	8	2,9
Sonhador	2	0,7	4	1,5
Sociável	2	0,7	4	1,5
Feliz	1	0,4	4	1,5
Eu	0	0,0	16	5,8
Justo	0	0,0	5	1,8
Responsáveis	0	0,0	4	1,5
Rapariga	0	0,0	4	1,5
Mulher	0	0,0	4	1,5
Total	159		166	

Acima de tudo “portugueses”?

A resposta predominante, que descreve os Portugueses como *portugueses acima de tudo*, não deixa de ser surpreendente na sua aparente (?) tautologia. O risco da resposta de conveniência anteriormente referido poderia aqui estar patenteado. Que sentidos poderá conter esta forma de

¹⁸⁷ Dos itens indicados no quadro foram referidos por 4 ou mais respondentes pelo menos numa das duas perguntas. Destacam-se (**negrito**) os itens comuns às duas descrições.

resposta? Será este o tipo de resposta útil que não deixa ficar mal perante o entrevistador e resolve a dificuldade da escolha? Será uma redundância reveladora de cansaço com a repetição temática (contudo, na ordem de apresentação das perguntas, a pergunta *Os Portugueses acima de tudo são...* surge logo no início, em sexto lugar...) ¹⁸⁸? E se nada disto tiver ocorrido, que pretendem os inquiridos expressar?

Pode pensar-se numa exultante afirmação de Portugalidade – relembremos a frase já citada “Portugueses (a palavra diz tudo)”... Procuremos ir tão fundo quanto se pode, face aos limites da abordagem *a posteriori*, sem o inquirido presente para se captarem associações de outro tipo.

Assim, se, à semelhança do que se fez na análise a outras perguntas, recorrermos ao percurso individual e observarmos as respostas dos inquiridos que afirmaram que os Portugueses acima de tudo são “Portugueses”, pode admitir-se, em parte, que se trata de uma afirmação mas também se terá de concluir pelo gosto em ser Português e por alguma rejeição ¹⁸⁹. Exemplos de atribuição positiva para *portugueses acima de tudo* podem considerar-se as respostas 3, 6, 11 ou 16, exemplos de implícita atribuição negativa podem detectar-se nas respostas 10, 13, 18, e ainda alguma ambiguidade nas respostas 5 e 7 (Quadro 110).

¹⁸⁸ A interpretação de cansaço do respondente poderia mesmo considerar-se contrariada ao relacionar as respostas a esta pergunta com as respostas à pergunta “Em seu entender, o que é que mais representa Portugal?” em que *Portugueses* aparece igualmente entre os itens mais frequentes para representar Portugal (ver Quadro 59, Capítulo 7).

¹⁸⁹ Ocorre pensar que a rejeição que poderemos deduzir de certas respostas resultará do confronto com outras identidades nacionais, dado que compõem este subgrupo respondentes nascidos fora de Portugal e uma maioria de algarvios. Poderá ainda, no mesmo sentido, suspeitar-se que a presença maioritária dos naturais do Algarve a dar este tipo de resposta possa estar associada a uma desvalorização da identidade portuguesa comparativamente com a imagem de outros nacionais presentes na região, imagem que, segundo critérios económicos, se encontra mais valorizada que a dos Portugueses.

Quadro 110: Os Portugueses são *portugueses acima de tudo...* (P05): percurso individual dos respondentes

“Portugueses” (P02)	“Os Portugueses são...” (P04)
1 - Pessoas, hábitos, costumes, povo	Ricos, acostumados, fala-barato, desportistas, pobres.
2 - Tipos porreiros	Universalistas, aventureiros, bem viventes, condicionados.
3 - Povo da minha nacionalidade	Inteligentes, atenciosos, respeitadores, lutadores, unidos.
4 - Emigrantes	Carinhosos, amigos, preguiçosos, trabalhadores.
5 - Cidadãos, descontentes	Pobres, ricos, orgulhosos, pessimistas, optimistas.
6 - Somos nós	Como os outros, diferentes dos outros, patriotas, amigos.
7 - Também um pouco atrasados	Boas pessoas, com maus hábitos alimentares, fumam muito, em vias de desenvolvimento, em parte pobres.
8 - Óptimas pessoas	Muito faladores, resmungões, boas pessoas, brincalhões, educados.
9 - Patriotas	Orgulhosos, trabalhadores, teimosos, materialistas, sonhadores, alegres.
10 - Refilam muito, nunca estão contentes	Descontentes, retilões, comilões, oportunistas, “amigos da onça”, divertidos.
11 - Povo	Simpáticos, preguiçosos, corajosos, acomodados, livres.
12 - Banhistas	Espertos, trabalhadores, interesseiros, bonitos, idealistas, agitados.
13 - Um bocado fechados	Fechados, mal humorados, tímidos, incompreensíveis, agarrados.
14 - Descobrimientos	Vitoriosos, gloriosos, portugueses, trabalhadores, dependentes.
15 - Semelhantes	Bons, orgulhosos, amigos, companheiros, cidadãos, agradáveis.
16 - Pessoas	Boas pessoas, companheiros, amigos, compreensivos, sentimentais, agradáveis.
17 - Portugal	Aventureiros, pessoas, honestos, responsáveis, apaixonados.
18 - Parvos	Mentirosos, aldrabões, parvos, convencidos, burros, básicos.
19 - Não responde	Burros, ciumentos, estúpidos, cínicos, invejosos, garganeiros.
20 - Pátria, prazer	Bons, simpáticos, carinhosos, trabalhadores, competentes.
21 - Originais	Santos, originais, amigos, orgulhosos, vaidosos, sinceros.

“O que os Portugueses não são é...”

*Estúpidos, sabem é fazer-se de estúpidos.
Frios, robots, domesticados.
Agressivos e arrogantes.
Anti-sociais.
Firmes na sua vontade.
Determinados, coerentes.*

“O que Eu não sou é...”

*Antipática, anti-sociável.
Parvo.
Muito trabalhador.
Agressivo e violento.
Persistente.
Desagradável para ninguém.*

As duas perguntas sobre o que menos caracteriza os Portugueses e o próprio seguiam-se imediatamente às anteriores, em que era pedido o contrário, aquilo que mais caracterizava em ambos os casos, induzindo, esperávamos, um posicionamento contrastante e de reconfirmação das atribuições já realizadas. Esperávamos, por um lado, que neste posicionamento contrastante predominassem respostas de polaridade oposta (por exemplo, *preguiçosos-trabalhadores*), por outro lado, admitia-se que o campo semântico de caracterização do Português se expandisse um pouco mais. Campo que estaria a ser reactivado pelo apelo a novos itens, mesmo que estes estivessem inicialmente ausentes do domínio considerado possível ou adequado para definir os Portugueses. Todavia, não foi bem assim ou não foi tão simplesmente assim que as coisas se passaram, como se indica a seguir (Quadro 111).

Contrariamente à situação anterior, em que se verificara considerável aproximação na atribuição de itens para perfil dos Portugueses e do próprio, nomeadamente para os valores mais altos, deparamos agora com alguma dissemelhança. Sobre os Portugueses surge *Parvos* como item mais negado, seguido de *Egoístas*, *Burros* e *Estúpidos*, enquanto na caracterização do próprio se destaca, em primeiro lugar, a negação de *Egoísta*, e, com o mesmo número de escolhas *Antipático* e *Cobarde*.

Quadro 111: O que menos caracteriza os Portugueses e o Eu

Itens	O que os Portugueses não são é... (P06)		O que eu não sou é... (P23)	
	N	%	N	%
Parvos	18	6,3	7	2,6
Egoístas	11	4,2	25	9,2
Burros	10	3,7	4	1,5
Estúpidos	9	3,4	5	1,8
Trabalhadores	7	2,6	8	2,9
Preguiçosos	7	2,6	3	1,1
Antipáticos	6	2,2	15	5,5
Racistas	5	1,9	6	2,2
Organizados	5	1,9	0	0,0
Inteligentes	5	1,9	0	0,0
Frios	5	1,9	0	0,0
Cobardes	4	1,5	15	5,5
Maus	4	1,5	4	1,5
Ambiciosos	4	1,5	2	0,7
Estrangeiros	4	1,5	1	0,4
Compreensivos	4	1,5	0	0,0
Ricos	4	1,5	0	0,0
Hipócrita	1	0,4	5	1,8
Arrogante	1	0,4	4	1,5
Interesseiros	0	0,0	7	2,6
Falso	0	0,0	5	1,8
Mentiroso	0	0,0	6	2,2
Espanhol	0	0,0	4	1,5
Total	114		120	

Relativamente aos itens em comum, verifica-se que a maioria (61%) das características mais negadas aos Portugueses são também negadas ao próprio, sendo de assinalar entre estas, com valores muito semelhantes, *Trabalhador*, *Racista* e *Mau*.

Se, para as duas perguntas anteriores, a atribuição destacada de *Portugueses* pode interpelar-nos quanto ao seu significado, aqui o seu equivalente, respectivamente não *Parvos* e não *Egoístas*, causará igualmente alguma surpresa, nomeadamente porque não corresponde ao reforço dos itens mais atribuídos. É-se tentado a pensar que os respondentes possam ter sido movidos mais por uma atitude avaliativa-

defensiva, rejeitando características que *não querem ver* atribuídas, do que por uma postura descritiva ¹⁹⁰.

Será ainda de referir que, para além de eventual maior dificuldade em responder ¹⁹¹, que explicará o ligeiro aumento das não-respostas, só se observam escolhas simétricas para características não fortemente atribuídas como: *Preguiçosos-trabalhadores*, *Corajosos-Cobardes* (Quadros 109 e 111).

Relativamente ao item *Egoísta*, mais rejeitado para caracterização do próprio, poder-se-á considerar que esta resposta revela certa simetria com a caracterização anterior. Na análise em paralelo dos dois tipos de resposta (percursos individual dos respondentes), observamos que os respondentes que agora negam ser *Egoístas* se haviam caracterizado acima de tudo por *Amigos*.

2. Português/Eu: aspectos da proximidade Eu-Grupo

A escolha e a rejeição de imagens (*imagens ambíguas*) para caracterização dos Portugueses e do Eu, além de um procedimento que informa sobre a constituição do núcleo central, permite, numa abordagem já esboçada no segundo estudo exploratório apresentado no Capítulo 6, avaliar a proximidade entre a representação do Eu e a representação do Português através de uma grelha de resposta idêntica. Esta grelha é constituída pelas *imagens ambíguas* analisadas no ponto B deste capítulo. Os resultados obtidos podem considerar-se como uma forma implícita de identificação nacional.

¹⁹⁰ Efectivamente, se agruparmos os itens que na linguagem corrente são empregues como afins (*Parvos*, *Burros*, *Estúpidos*) aumenta significativamente o número de respondentes declarando que os Portugueses sobretudo não são *Parvos*. Se observarmos como a trilogia *Parvos-Burros-Estúpidos* se corresponde com os itens anteriormente mais referidos para a caracterização “acima de tudo”, vemos que esta trilogia percorre nomeadamente a atribuição de *Portugueses*, *Boas pessoas*, *Simpáticos*, *Preguiçosos*, *Patriotas*, distribuindo-se do seguinte modo: *Portugueses* – *Parvos* (2), *Burros* (1) e *Estúpidos* (1); *Boas pessoas* – *Parvos* (3); *Simpáticos* – *Burros* (1) e *Parvos* (1); *Preguiçosos* – *Parvos* (1); *Patriotas* – *Burros* (2).

¹⁹¹ A afirmação de um respondente que apenas responde “os portugueses são sempre qualquer coisa” pode sugerir um certo desagrado implícito como se tratasse efectivamente de *retirar* atributos aos Portugueses.

Identificação nacional implícita na escolha de auto-imagens representativas: análise global

A escolha e rejeição das mesmas imagens para representar o próprio e os Portugueses foi um padrão de resposta relativamente comum, como se viu anteriormente. A imagem A foi a mais rejeitada nas duas situações, H a mais escolhida e C e D figuram entre as mais escolhidas nas duas situações (Quadro 112).

A Figura 7 ilustra os dois perfis médios de avaliação para as oito imagens. Como se pode observar, apesar de os níveis de concordância serem quase sempre mais baixos quando se atribuem as imagens ao Eu, os perfis são quase paralelos, revelando um modo de resposta idêntico, e ocorrendo mesmo sobreposição nas imagens F e G.

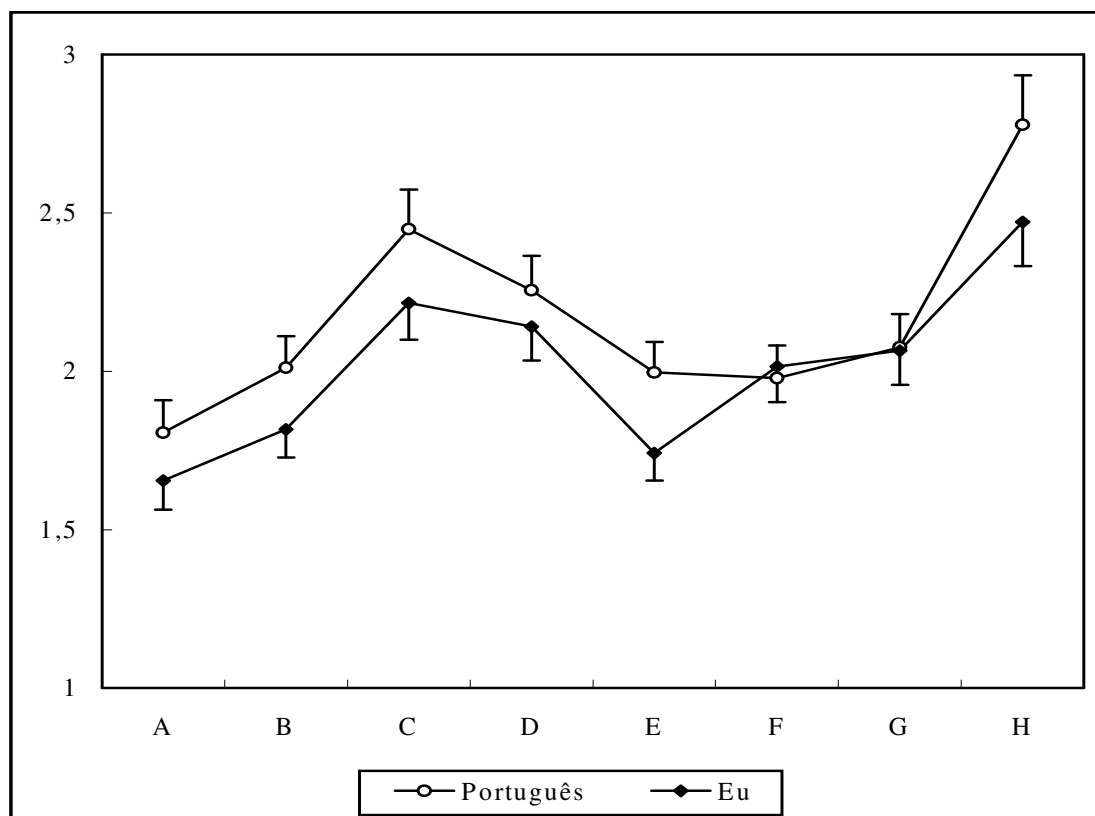
Quadro 112: Identificação pessoal implícita na escolha de imagens (Portugueses/Eu)

	Portugueses			Eu		
	Média	% escolhas	% rejeições	Média	% escolhas	% rejeições
A – criativo, revolta com injustiças, não amizade	1,81	6,9	27,0	1,65	4,3	24,0
B - revolta com injustiças, atencioso, não amizade	2,01	4,5	12,0	1,82	6,1	14,6
C – amizade, atencioso, covarde	2,45	16,3	9,1	2,22	16,9	8,6
D – amizade, trabalhador, covarde	2,26	18,8	11,2	2,14	13,0	9,0
E – corajoso, atencioso, não amizade	2,00	6,1	11,2	1,74	0,4	13,7
F – amizade, criativo, desabrido	1,98	4,5	11,2	2,01	11,3	6,4
G – corajoso, amizade, desabrido	2,08	7,3	7,9	2,07	10,4	9,9
H – amizade, atencioso, não trabalhador	2,78	35,5	10,4	2,47	37,7	13,7

Esta aproximação, entre imagens mais e menos escolhidas para representação dos Portugueses e do próprio, remete, naturalmente, para uma situação de identificação pessoal profunda com a imagem do Português. Trata-se, no entanto, de uma análise global, traduzida em termos médios. Procurou-se completar a mesma com uma análise individual, atendendo ao percurso de cada respondente, no que se seguiram dois procedimentos: estudo das diferenças nas avaliações efectuadas por

cada indivíduo para a mesma imagem nas duas situações; estudo das escolhas coincidentes de imagens.

Figura 17: Identificação pessoal implícita na avaliação de *imagens ambíguas* – perfil médio para o Português e para o Eu ¹⁹²



Identificação nacional implícita na escolha de auto-imagens representativas: percurso individual dos respondentes

Diferenças nas avaliações das imagens ambíguas

Estudadas as diferenças entre as avaliações individuais de cada imagem para o Português e para o Eu (d) ¹⁹³, verifica-se que, para todas as imagens excepto para H, mais de 40% dos respondentes avaliaram de igual forma a adequação das imagens ao Eu e ao Português (Quadro 113). De

¹⁹² As barras referem-se ao intervalo de confiança a 95% para o valor médio.

¹⁹³ Para realizar este estudo, calculou-se, para cada indivíduo, a diferença entre a avaliação da mesma imagem na tarefa de descrição dos Portugueses e na tarefa de descrição do próprio; designou-se essa nova variável por d . Trata-se da variável anteriormente empregue no Capítulo 6.

um modo geral, como já tínhamos referido, é sistematicamente maior a percentagem de inquiridos que consideram as imagens mais próximas dos Portugueses que de si, excepto para a imagem G.

Quadro 113: Proximidade Portugueses/Eu: avaliação de *imagens ambíguas*

Imagens ambíguas	Mais parecida comigo que com os Portugueses (d < 0)	Igualmente parecida comigo e com os Portugueses (d = 0)	Mais parecida com os Portugueses que comigo (d > 0)
A – criativo, revolta com injustiças, não amizade	93 22,0%	123 44,4%	61 33,6%
B - revolta com injustiças, atencioso, não amizade	59 21,4%	123 44,6%	94 34,1%
C – amizade, atencioso, cobarde	98 22,4%	117 42,2%	62 35,4%
D – amizade, trabalhador, cobarde	88 24,6%	120 43,5%	68 31,9%
E – corajoso, atencioso, não amizade	99 16,7%	131 47,5%	46 35,9%
F – amizade, criativo, desabrido	63 26,6%	138 50,4%	73 23,0%
G – corajoso, amizade, desabrido	74 27,6%	125 45,5%	76 26,9%
H – amizade, atencioso, não trabalhador	73 26,4%	89 32,1%	115 41,5%

Calculou-se um índice global do afastamento-proximidade entre as duas avaliações (D), consistindo na média dos oito valores absolutos de d obtidos para cada indivíduo. Este índice, por reflectir a proximidade entre a representação do Eu e do Português veiculada pelas imagens, deverá espelhar uma identificação implícita com a forma de ser dos Portugueses. Pelo modo como foi concebido, o índice pode variar entre 0 e 4; no entanto, tal não se verifica: 82% dos respondentes apresentam um valor inferior a 1, o que sugere níveis elevados de identificação implícita; 32% apresentam valores iguais ou inferiores a 0,5 para este índice¹⁹⁴.

¹⁹⁴ Os valores 1 e 0,5 tomados por este índice podem resultar de diferentes cenários. Apresentamos em seguida duas situações extremadas para esses valores. O valor 1 pode resultar de uma diferença mínima (± 1) nas avaliações do Eu e do Português em todas as imagens ou de uma diferença máxima (± 4) em duas imagens e diferença nula nas restantes. O valor 0,5 pode resultar de uma diferença mínima nas avaliações de quatro imagens ou da diferença máxima numa única imagem.

Diferenças nas avaliações das imagens ambíguas e sentimento nacional

Ao relacionar o índice de proximidade na avaliação das imagens ambíguas com as variáveis indicadoras de sentimento nacional, registaram-se alguns resultados interessantes: o índice apresenta valor médio mais elevado junto dos inquiridos que não se consideram portugueses ($t = 2,64$; $p \leq 0,01$) e valor médio mais baixo junto daqueles que afirmam não gostar de ter nascido em outro país ($F = 2,88$; $p \leq 0,1$). No que se refere às respostas obtidas às outras perguntas relacionadas com o sentimento nacional (P08, P14 e P15), não se detectou associação estatisticamente significativa. Por outro lado, entre este índice e a medida explícita de identificação com o grupo nacional (P10) também se verificou associação: apesar de reduzido, o coeficiente de correlação tem um sinal negativo, revelando concordância entre estas duas medidas ($r = -0,12$; $p \leq 0,05$), assim se podendo concluir que aqueles que menos se identificam com a maneira de ser dos Portugueses tendem a apresentar maior afastamento na avaliação das imagens ambíguas.

Finalmente, realizada uma análise de *clusters* sobre as avaliações das dezasseis imagens (oito respeitantes aos Portugueses e oito respeitantes ao Eu), verifica-se uma organização em tudo idêntica à já apresentada na Figura 6, definindo-se os mesmos quatro grupos de imagens (imagem H; grupo F e G; grupo B, E e A; grupo C e D), resultado que sugere uma clara aproximação entre as duas representações através da avaliação de imagens comuns.

Escolhas coincidentes de *imagens ambígua*

A análise do percurso individual dos respondentes permite-nos ainda identificar as escolhas coincidentes de imagens na avaliação do Eu e do Português, revelando-se deste modo implícita e íntima identificação entre representação de si e representação da identidade nacional.

Comparadas as imagens que cada respondente usou para melhor descrever os Portugueses e se descrever a si próprio, verificamos que mais de um terço das escolhas de imagens são coincidentes (35,3% dos inquiridos escolheram exactamente a mesma imagem). Neste caso está nomeadamente a imagem H, mais escolhida e utilizada simultaneamente nas duas representações (46 respondentes, 22%), enquanto que as restantes

escolhas coincidentes respeitam seis outras imagens, correspondendo a 14% dos inquiridos ¹⁹⁵. As escolhas não coincidentes devem-se sobretudo a situações em que a imagem H é escolhida apenas para descrever ou o próprio ou o Português (29,8% dos inquiridos).

O padrão de coincidências no que respeita às imagens mais rejeitadas é menos claro, parecendo que os respondentes se distribuem mais uniformemente nas suas rejeições. No entanto, a imagem A destaca-se como a menos escolhida (9,7%) para as duas representações.

Identificação nacional explícita *versus* identificação implícita

Comparar directamente a identificação nacional explícita e implícita continuou a revelar uma postura congruente dos entrevistados, testemunhada a propósito de diferentes assuntos abordados e que temos salientado.

Como anteriormente se referiu, os valores da identificação nacional explícita (P10) evidenciaram forte identificação em 29% dos respondentes (níveis *identifico-me totalmente* e *identifico-me muito*). Esta identificação elevada é, no entanto, inferior à identificação implícita que se pode deduzir das escolhas de imagens ambíguas: por um lado, 36% dos inquiridos fazem escolhas coincidentes de imagens para os Portugueses e para si próprios, o que pressupõe elevada identificação pessoal com a imagem do Português; por outro lado, nas diferenças entre as avaliações das imagens, 32% dos respondentes apresentam níveis mínimos de diferenciação. Nos dois casos, os valores registados tornam semelhante esta forte identificação implícita aos níveis mais elevados de P10 obtidos na amostra total.

Se analisarmos identificação explícita e identificação implícita através da escolha coincidente de imagens, verificamos que entre os respondentes que escolhem para si a mesma imagem que para os Portugueses, somente 33% se declararam nos referidos dois níveis mais elevados de identificação; 55% deles declararam *identificar-se* e apenas 12% referiram mesmo *não se identificar/identificar-se pouco* ¹⁹⁶. Assim, a diferença mais

¹⁹⁵ Os valores de escolha simultânea nas duas representações para as restantes imagens foram os seguintes: A - 2 respondentes (0,9%), B - 2 respondentes (0,9%), C - 12 respondentes (5,6%), D - 9 respondentes (4,2%), E - 0 respondentes, F - 1 respondentes (0,5%) e G - 4 respondentes (1,9%).

¹⁹⁶ Igual resultado se verifica quando se considera o outro critério de identificação implícita utilizado (índice pela através da média dos valores *d* obtidos para cada imagem): dos

acentuada entre identificação explícita e implícita consiste na tendência de os inquiridos explicitamente se identificarem menos com a maneira de ser dos Portugueses do que a sua escolha de perfil comum indica. Esta tendência para uma maior escolha dos níveis inferiores nas respostas à pergunta sobre identificação explícita, revelará que, afinal, e de um modo genérico, os respondentes são mais “portugueses” do que se imaginam.

Síntese

Da comparação de resultados exploratórios e resultados experimentais obtidos na caracterização dos Portugueses e na caracterização pessoal dos jovens inquiridos, bem como de formas explícitas e implícitas de identificação nacional, ressaltou grande proximidade entre a representação da identidade portuguesa e a representação da identidade pessoal, que se sintetiza em seguida.

1. Na identificação explícita dos respondentes com o grupo nacional (“maneira de ser dos Portugueses”) os resultados obtidos indicam uma tendência para os níveis mais elevados da escala, situando-se mais de metade da amostra no nível médio (*identifico-me*). Comparando-se estes valores com aqueles que se obtiveram anteriormente para o sentimento nacional, regista-se não só que os inquiridos *gostam de ser* Portugueses como assumem a sua identificação nacional através da identificação com a *maneira de ser dos Portugueses*.

2. A comparação dos campos semânticos da representação da identidade nacional (descrição dos Portugueses) e da identidade pessoal (descrição do Eu), para avaliar a profundidade e amplitude da identificação nacional, revelou, como primeiro resultado, a existência de itens específicos e de itens comuns. Os itens comuns e com níveis aproximados de ocorrência descrevem os Portugueses e os inquiridos através de características afectivas (*Atenciosos, Sociáveis, Simpáticos...*) e de outros traços cuja atribuição se foi revelando constante (*Inteligentes,*

respondentes que apresentaram, segundo este critério, valores inferiores a 0,5, apenas 34,2% se situam nos dois níveis superiores da variável *Identificação com a maneira de ser dos portugueses* (P10).

Preguiçosos). Os itens comuns mas mais escolhidos na representação da identidade pessoal descrevem os respondentes ainda mais afectuosos que os Portugueses que emergem da sua própria representação. A apreciação dos itens específicos remete para o tipo de discriminação encontrada na análise factorial de correspondências do campo semântico da representação dos Portugueses – aceitação do mundo e valorização do relacional *versus* afirmação pessoal e valores sociais de apropriação do mundo. A análise factorial de correspondências dos dicionários individuais para descrever o Português e o Eu confirma, através do primeiro factor, e sobretudo do segundo, a polarização em torno do relacional e do desenvolvimento sócio-económico.

3. Comparadas a afirmação e a negação de atributos aos Portugueses e ao próprio (o que “são acima de tudo” e o que “não são”), identificaram-se perfis com notória semelhança para os itens de valores mais elevados, nomeadamente o item *Portugueses*, mais indicado para aquilo que são acima de tudo, quer os inquiridos, quer os Portugueses. No conjunto das características mais atribuídas e mais rejeitadas destacam-se os itens que designam afectividade (são *Boas pessoas, Amigos, Simpáticos*, e não são *Egoístas, Antipáticos*). Relativamente ao perfil dos Portugueses, além de acentuarem valores afectivo-relacionais, como *Acolhedores-Simpáticos-Hospitaleiros*, os respondentes expressam uma forte recusa na sua caracterização como pouco “inteligentes”, atribuindo-lhes, muito mais que a si próprios, *não Parvos-não Burros-não Estúpidos*. Tal como nas outras formas de comparar as duas representações, também esta, mais extremada, evidencia acentuada proximidade entre a descrição do Eu e a descrição do Português.

4. Na representação da identidade pessoal, a escolha maioritária das mesmas três imagens mais escolhidas para representação da identidade portuguesa revela elevado nível de aproximação Eu-Portugueses e poderá ser considerada como identificação nacional implícita. A análise dos percursos individuais mostrou que, para as oito imagens propostas, mais de um terço dos respondentes fez escolhas coincidentes na designação da imagem mais representativa do Português e de si próprio. Este padrão de escolha coincidente deverá certamente ser tomado como correspondente a um nível elevado e íntimo de identificação com a identidade nacional enquanto identidade psicossocial. Será ainda de referir que a mais íntima

identificação se observou através da imagem H, que descreve uma identidade de perfil afectuoso (*Dar importância à amizade, Ser atencioso*). Avaliada através deste modo implícito (coincidência de imagens) a identificação nacional dos inquiridos revelou-se ligeiramente superior aos valores encontrados para a identificação explícita.

Considerações

Analisada a representação social da identidade portuguesa segundo as três dimensões fundamentais que configuram uma representação social – informação, atitude e imagem –, alguns aspectos se destacaram relativos quer à objectivação quer à ancoragem da mesma.

Na composição do campo representacional, as características psicossociais revelaram-se predominantes. No que respeita à atitude subjacente a estes conteúdos cognitivos, poderá concluir-se que a mesma é positiva: de forma específica, atendendo ao tipo de itens mais referidos e a expressões em que os inquiridos evidenciam o seu apreço pelas características nacionais; de modo geral, atendendo à elevada identificação (explícita e implícita) dos inquiridos com a maneira de ser dos Portugueses e considerando, como dado adquirido, que, quando se assume uma determinada forma de identificação, predomina em relação a esta uma avaliação positiva (Doise e Lorenzi-Cioldi, 1981).

Na definição da imagem dos Portugueses, poderemos considerar que a mesma se objectiva em *Simpáticos* e *Boas pessoas*, os itens mais consistente e consensualmente referidos (evocação e discurso), não se registando neles influência das variáveis estratificadoras da amostra. *Trabalhadores, Amigos, Acolhedores, Aventureiros, Inteligentes* e *Preguiçosos* surgem como conteúdos através do quais a representação da identidade nacional se ancora diferentemente nas concepções individuais e que a análise das diferentes subamostras mais claramente revela.

As análises exploratórias para delimitação do núcleo central (análise de saliência e similitude) indicam *Simpáticos* como constituinte do núcleo central da representação social do Português e do Eu, acompanhado de *Amigo* na representação do Eu. Os dois procedimentos de validação experimental (*imagens ambíguas* e *cenário ambíguo*) reconfirmaram a

presença de itens afectivos na delimitação do referido núcleo. Neste contexto, a hipótese por nós avançada de a afectividade fazer parte do núcleo central da representação da identidade nacional recolhe elementos confirmativos em todas as análises realizadas.

No que se refere a uma das novidades teórico-metodológicas deste trabalho – o estudo comparativo da representação da identidade nacional e da identidade pessoal –, os resultados obtidos vêm reforçar os dois pressupostos que inicialmente se referiram (Capítulo 2): a) maior semelhança nas descrições do Eu-Grupo, pela aproximação de conteúdos na definição de si e de grupos de pertença para mais elevados níveis de identificação; b) utilidade de conceber a identidade pessoal como socialmente construída. Os resultados obtidos em algumas das situações criadas tendo em vista esta proposta vieram revelar forte influência do campo semântico da representação dos Portugueses no campo semântico da representação da identidade pessoal, em particular no que se refere aos elementos do núcleo central. Permitiram ainda registar elementos que revelam uma identificação implícita mais elevada do que aquela que foi explicitamente assumida, situando-se ambas em posição médio-elevada. Também este dado nos informa da contribuição efectiva da identidade social na definição da identidade pessoal, apresentando esta como uma identidade psicossocial.

Sobre a identidade nacional como processo íntimo de identificação, poderá concluir-se que à medida que este processo revela maior aproximação pessoal em relação à imagem do Português mais se acentua a definição deste através de conteúdos afectivos, tal como se previra.

Capítulo 9

CONTINUIDADES(S): DISCURSO, PASSADO E FUTURO

Sou português, sou algarvio, sou estudante, sou humano, sou amoroso, sou muito exigente.

Jovem inquirido

Ser português é possuir o “bom espírito” lusitano.

Jovem inquirida

De acordo com o que inicialmente se anunciou, a realização deste trabalho deve permitir verificar se na constituição do núcleo central da representação da identidade portuguesa entram descritores afectivos. O nosso ponto de partida é afirmativo e duas vias se consideraram úteis para fazer a crítica desta hipótese: a análise do discurso erudito e a observação empírica do discurso popular. Relativamente ao discurso popular, a informação que apresentámos nos capítulos precedentes, abordada a partir de diferentes perspectivas metodológicas, apoia a referida hipótese. O discurso erudito, analisado nos Capítulos 4 e 5 e fonte de informação privilegiada por se situar nele a origem do nosso problema, remete igualmente para a sua validação.

No presente capítulo vamos proceder à comparação dos dois discursos. Pretende-se averiguar se há convergência entre ambos, o que, a existir, reforçará os resultados até agora apresentados e que indicam a continuidade do traço Afectuoso na representação social do Português.

Primeiramente, abordam-se aspectos que se consideraram pertinentes na concordância entre discurso popular e discurso erudito sobre a representação dos Portugueses. Em segundo lugar, apresentam-se resultados empíricos referentes à projecção da identidade portuguesa através da descrição que os inquiridos fazem do Português do passado e do futuro. A terminar, reflecte-se sobre o afecto na representação da identidade portuguesa, como provável *themata* (Moscovici e Vignaux,

1994) da mesma e de cuja importância prática os jovens inquiridos parecem estar conscientes.

A. Sintonia e dissonância entre discurso erudito e discurso popular

A análise que se segue tem como finalidade comparar o discurso erudito e o discurso popular sobre a identidade portuguesa e identificar aspectos que os aproximem ou afastem. Considerou-se, a partir da experiência realizada na fase exploratória (Capítulo 6), que a confrontação dos jovens inquiridos com afirmações provenientes do discurso erudito poderia constituir uma interessante modalidade de registo da sintonia ou dissonância entre estes dois tipos de discurso. Realizámos este confronto através do Questionário Geral e de duas formas (Quadro 114). Primeiramente, como estímulo evocativo para associação livre, foram apresentadas afirmações incompletas de autores nacionais (sem as características nelas atribuídas ao Português), solicitando-se aos inquiridos que as completassem, o que iria permitir encontrar atribuições convergentes ou divergentes dos autores. Posteriormente, em fase mais adiantada do questionário, depois de os inquiridos terem completado as afirmações, apresentámos a versão original de cada autor, convidando os respondentes a manifestarem as suas preferências quanto à representatividade das mesmas.

Quadro 114: Identidade portuguesa: discurso erudito e discurso popular

Nº da pergunta	Conteúdo	Total de inquiridos	Total de respondentes
P11	“Pensando agora nos Portugueses, complete as seguintes frases”	225	Variável ¹⁹⁷
P16	“Nas frases que se seguem, quais são para si as que melhor caracterizam os Portugueses? Sublinhe a letra das TRÊS frases mais características.”	225	210 ¹⁹⁸ (93,3%)

¹⁹⁷ Para cada afirmação observou-se o número de respondentes que a seguir se indica: afirmação 1 - 212 respondentes (94,2%); afirmação 2 - 211 respondentes (93,8%); afirmação 3 - 196 respondentes (87,1%); afirmação 4 - 217 respondentes (96,4%); afirmação 5 - 214 respondentes (95,1%); afirmação 6 - 201 respondentes (89,3%); afirmação 7 - 195 respondentes (86,7%); afirmação 8 - 207 respondentes (92,0%); afirmação 9 - 202 respondentes (89,8%); afirmação 10 - 198 respondentes (88,0%).

Pela sua natureza metodológica, este trabalho resulta de uma abordagem mais exploratória que demonstrativa. Apresentam-se, primeiramente, alguns resultados referentes ao reconhecimento implícito do discurso erudito pelo discurso popular; em seguida, aqueles que respeitam à concordância explícita dos inquiridos com afirmações eruditas.

*Sentimento nacional e características nacionais:
reconhecimento implícito do discurso erudito pelo discurso popular*

As afirmações sujeitas à apreciação dos jovens inquiridos provêm, na sua maioria, dos autores analisados no capítulo anterior. Incluíram-se, ainda, três outros autores, dois nacionais e um estrangeiro. Os novos autores nacionais incluídos são D. Francisco Manuel de Melo e Fernando Dacosta. Relativamente ao primeiro, a sua inclusão é justificável precisamente por ser o nosso ponto de partida; sobre o segundo a inclusão fica a dever-se à especificação de um modelo de afectividade portuguesa que a sua afirmação pretende sumarizar.

O autor estrangeiro é o vizinho peninsular Miguel de Unamuno que, em resultado das suas viagens a Portugal e de um contacto próximo com as elites portuguesas entre finais do século XIX e início do século XX, escreveu sobre as características dos Portugueses, sendo referência frequente no discurso erudito¹⁹⁸. Trata-se de um olhar exterior que, se recorrermos à terminologia de Aquilino Ribeiro, estabelece, tal como este anos mais tarde, o *axioma* da sentimentalidade como aspecto predominante na representação dos Portugueses.

Dos restantes autores nacionais seleccionaram-se afirmações que visavam aspectos referentes a dois temas principais: sentimento nacional, características nacionais. Relativamente ao último tema a escolha privilegia as afirmações que acentuam a importância da afectividade na definição do ser-português, pois é este o aspecto que mais nos interessa testar.

¹⁹⁸ Entre as 15 respostas não válidas incluem-se os casos em que o respondente assinalou menos ou mais que as três afirmações pedidas.

¹⁹⁹ Por exemplo, Saraiva (1994) e Lourdes Belchior (1982).

As dez afirmações incompletas foram apresentadas a 225 inquiridos pela ordem por que a seguir se indicam os resultados obtidos²⁰⁰. O total de respondentes foi variável, devido sobretudo ao número de respostas consideradas não válidas (Quadro 114).

1. Sentimento nacional

*Ser português é uma complicação mas também é engraçado.*²⁰¹

Agostinho da Silva

Ou...
 ...encantador
 ...sui generis
 ...gostoso
 ...bom
 ...engraçado

Quadro 115: “Ser português é uma complicação mas também é...” (P11.1)

Tipo de resposta	N	%	Itens ilustrativos
O mesmo	7	3,3	Engraçado
Concordante	114	53,8	Bom, óptimo, maravilhoso, agradável, divertido, compensador, fixe, satisfação, gratificante, alegria, interessante...
Discordante	8	3,8	Tristeza, chato, desgosto, nada, complicado, não ser nada para os estrangeiros, preocupação, arreliação
Outro	83	39,1	

Esta foi sem dúvida uma das afirmações que a nível geral revelou grande sintonia entre inquiridos e autor. A maioria dos respondentes expressa um pensar e sentir semelhantes ao autor, embora mais entusiástico e unilateral, concluindo a frase com: *bom, óptimo, agradável...*

²⁰⁰ Ao iniciar-se a apresentação dos resultados referentes a cada afirmação, indica-se a versão original (**negrito**), excepto nos casos em que se houve adaptação, a qual se indica em nota ao iniciar-se a apresentação dos resultados referentes a cada uma.

²⁰¹ Esta é uma das frases ao jeito popular e bem ilustrativa do estilo simples e directo usado frequentemente por Agostinho da Silva. Trata-se de uma afirmação feita durante uma entrevista (Jornal de Letras, 15 de Setembro de 1986). Em postura que lhe era peculiar, Agostinho da Silva não nega dificuldades inerentes ao facto de ser português (*complicação...*), mas relembra o reverso da medalha: a graça ou gosto que ser português implica.

Alguns respondentes parecem mesmo recusar a avaliação negativa que se poderá associar à *complicação* e completam a frase pela afirmação do contrário – *é fácil, simples...* Um reduzido número (8 respondentes) conclui a frase reforçando a implícita dificuldade ou desagrado da primeira parte da afirmação (Quadro 115).

Dois aspectos serão de salientar: por um lado, a reconfirmação de um posicionamento revelador de sentimento nacional positivo, tal como se verificara no Capítulo 7; por outro lado, a grande proximidade entre os dois tipos de discurso.

*O português é mais patriota fora do País que dentro dele.*²⁰²

Francisco da Cunha Leão

Ou...

...mais português

...mais nacionalista

...mais trabalhador

...mais simpático

...mais reconhecido

Maior patriotismo no estrangeiro é uma afirmação do discurso erudito que encontra eco na maioria dos inquiridos.

No entanto, considerando a generalidade das respostas obtidas podem observar-se três grandes orientações. A primeira delas é a que segue o autor e assinala o maior patriotismo dos Portugueses fora de Portugal²⁰³; uma outra que perante o confronto com o mundo exterior entende reforçarem-se as características nacionais como *trabalhador* e *simpático*; e a terceira orientação que figura o Português como mais valorizado (*importante, reconhecido*) fora de Portugal e que poderá causar alguma surpresa, mas que relembra certa tendência da literatura nacional – a

²⁰² Afirmação extraída da obra “O enigma português” (Leão, 1960) e presente na antologia “O Homem Português” (ANT, p. 43).

²⁰³ O maior *patriotismo* poderá significar a descoberta de uma forma de identidade só possível no confronto com o mundo exterior a Portugal, o mundo *estranho*, estrangeiro. João Palma-Ferreira, um dos autores da antologia analisada, ilustra bem esta descoberta de uma identidade *nomeada*, dir-se-ia. Uma identidade que está para além do pequeno círculo comunitário em que o *nós*, como lembra, é nome necessário e suficiente: “Quando vivemos em Portugal, dizemo-nos simplesmente *nós*. Só quando passamos a viver fora de Portugal nos dizemos e pensamos portugueses.” (ANT, p. 50).

sensação de mal amados filhos da pátria, ignorados entre os seus²⁰⁴. Trata-se, aparentemente, de remeter para o estrangeiro a capacidade de fazer surgir a própria identidade nacional através do reconhecimento dos Portugueses²⁰⁵.

Quadro 116: “O português é mais ... fora do País que dentro dele.” (P11.2)

Tipo de resposta	N	%	Itens ilustrativos
O mesmo	15	7,1	Patriota
Concordante	40	19,0	Português, nacionalista
Discordante	52	24,6	Trabalhador, simpático, desprezado, desconsiderado, esperto, importante, reconhecido, amigo, humilde, orgulhoso
Outro	104	49,3	

Finalmente, um reduzido número de jovens exprime uma avaliação negativa do confronto com o exterior, referindo que o Português é então mais *desprezado* ou *desconsiderado* (Quadro 116).

2. Características nacionais

*Onde o português chega há tertúlia; desenvolve-se a afabilidade,
alarga-se o halo humano.*²⁰⁶

Aquilino Ribeiro

Ou...
...há sempre mais alegria
...fazem-se amizades
...começa a festa
...chega calor humano
...chega Portugal
...há tertúlia

²⁰⁴ A análise da correspondência (publicada) entre Jorge de Sena e Eduardo Lourenço é bem ilustrativa desta situação (Lourenço e Sena, 1991).

²⁰⁵ Apesar de seguirem outra via os respondentes poderão estar a atribuir ao confronto com o estrangeiro um papel semelhante ao referido por Palma-Ferreira.

²⁰⁶ Afirmação extraída da obra “Os avós dos nossos avós” (Ribeiro, [s.d.]) e presente na antologia “O Homem Português” (ANT, p. 22).

Aquilino Ribeiro não parecia duvidar da sua capacidade de bem observar, mas talvez lhe agradasse ver-se acompanhado por estes jovens que tão de perto seguem o seu “axioma” da *sociabilidade-afabilidade* portuguesa. Expressões começadas por *tudo* – como “tudo pára”, “tudo se alegre”, “tudo fica em festa”, “tudo se cala”, “tudo o acolhe”, “tudo se alvoroça” – dão bem conta do *alvoroço* que terá percorrido grande parte dos respondentes perante as imagens de um Português entre estrangeiros chegando.

Com efeito, a maioria dos inquiridos, quer através de expressões simples, quer da maneira que se acabou de citar, completou a afirmação com alusões à capacidade dos Portugueses estabelecerem relações afectuosas, calorosas. A insistência na *alegria* remete igualmente para o pensamento do autor, para o “ânimo prazenteiro” que Aquilino atribui aos Portugueses²⁰⁷.

Para alguns inquiridos, a divergência maior com o autor surge através do *chegar* dos Portugueses que terá sido entendido em âmbito mais restrito. Não como resultado de um chegar breve, de contacto quotidiano, mas como um chegar de longa viagem que se pode transformar em permanência. E então a conclusão da frase faz-se com um chegar que *deixa marcas*, ou *onde ninguém chegou* ou *outros já chegaram/todos chegaram* (Quadro 117).

Quadro 117: “Onde o português chega há ...” (P11.3)

Tipo de resposta	N	%	Itens ilustrativos
O mesmo	1	0,5	Tertúlia
Concordante	49	25,0	Alegria, amizade, festa, simpatia, é bem recebido
Discordante	35	17,9	Já outros chegaram, deixa marca, mais ninguém chega, chegam mais dois ou três, conquista, todos olham
Outro	111	56,6	

²⁰⁷ *Ânimo prazenteiro* que Aquilino esclarece ser: “justo meio entre a alegria que lhe confere a cançoneta idiota e a vil tristeza que verberava Camões como supino flagelo da alma. Representa ainda gosto de folgar; tendência para a irradiação” (ANT, p. 22).

*Por esse mundo fora o português poderá não ser o mais temido,
mas é com certeza o mais popular.*²⁰⁸

Aquilino Ribeiro

Ou...

...não o mais conhecido

...não o mais rico

...não o mais inteligente

...mas o mais trabalhador

...mas o mais esperto

...mas o mais simpático

Eis-nos perante afirmações que não parecem revelar sintonia com o autor²⁰⁹. Ao não *temido* de outrora associaram-se agora negações de outro tipo, nomeadamente não *conhecido*, não *rico*, que reúnem 21,2% dos respondentes. Em certa medida, estará subjacente, num e noutro caso, a dimensão “poder”, em que conhecido e rico figurariam como factores de influência anteriormente atribuída à autoridade. A ser assim, existiria alguma convergência com o autor quanto ao modo de inserção dos Portugueses no Mundo.

Perante a *popularidade*, o outro termo do par em apreciação, destaca-se *trabalho* (7,4%), levando a pensar que o *português-trabalhador* possa ter começado a concorrer com o *português-popular* de Aquilino. No entanto e apesar disso, a *simpatia* continua a ser indicada (6,5%).

Se dermos uma atenção mais pormenorizada ao padrão individual de resposta, apesar de não se encontrar nenhum respondente que repita o autor²¹⁰, identificam-se pares de respostas que podem estabelecer alguma aproximação. Serão os casos de *rico-simpático*, *conhecido-simpático*, *antipático-divertido* e *forte-amigo*, que explicitam, afinal, a tónica da afabilidade e tertúlia defendida por Aquilino.

²⁰⁸ Afirmação extraída da obra *Os avós dos nossos avós* (Ribeiro, [s.d.]) e presente na antologia “O Homem Português” (ANT, p. 22).

²⁰⁹ Em virtude da divergência encontrada e da afirmação conter um par oposto, tornou-se difícil agrupar as respostas em frases concordantes e discordantes, pelo que não se apresenta quadro referente aos valores encontrados.

²¹⁰ A característica *popular* é referida por um respondente, mas como negação daquilo em que o português não é o mais; *temido* nunca foi empregue.

Em síntese, as respostas parecem remeter para uma releitura da imagem dos Portugueses no contexto internacional, em que a sua presença continua a não se associar a formas de dominação, não sendo nem dos mais ricos nem dos mais conhecidos, mas continuando a destacar-se pela *simpatia*. Esta poderá ser uma das afirmações que ajuda a captar não uma efectiva dissonância entre os dois discursos mas sim uma eventual alteração no conjunto dos elementos periféricos da representação social do Português.

*Os Portugueses são conhecidos entre as outras nações por amorosos.*²¹¹

D. Francisco Manuel de Melo

Ou...

...descobridores

...trabalhadores

...aventureiros

...acolhedores

...amorosos

Esta afirmação constituiu um segundo estímulo que permite situar a identidade portuguesa no quadro alargado do mundo e captar aquilo que os jovens inquiridos pensam sobre a imagem que o mundo tem dos Portugueses.

As respostas obtidas induzem a pensar que os conteúdos de acção prática serão aqueles que os respondentes consideram mais valorizados pelo “outro” e a que recorrem para definir o actual perfil Português no contexto de outras identidades nacionais.

No entanto, se de novo se manifesta a convicção de que os Descobrimientos perpetuam um potencial de reconhecimento exterior, tal como se observara anteriormente (P13, Capítulo 8), e igualmente reaparece, como na afirmação anterior, a tendência para destacar o *trabalho* como elemento de especificação nacional, no conjunto das respostas são também mencionadas características referentes a formas de acção não prática. São, então, apontados aspectos de interacção pessoal e modos de sentir. Destaca-se um sentir amoroso, tal como preconizava o autor, afirmando-se que os Portugueses são conhecidos como *acolhedores*,

²¹¹ Trata-se da afirmação que inspira este trabalho, adaptada, e anteriormente referida: “(...) nosso natural é, entre as mais nações, conhecido por amoroso” (Melo, 1977).

simpáticos... e um dos respondentes chega mesmo a glosar D. Francisco Manuel de Melo (Quadro 118).

Quadro 118: “Os Portugueses são conhecidos nas outras nações por ...” (P11.5)

Tipo de resposta	N	%	Itens ilustrativos
O mesmo	1	0,5	Amorosos
Concordante	26	12,1	Acolhedores, simpáticos, hospitaleiros, amigos
Discordante	89	41,6	Descobridores, trabalhadores, aventureiros, Portugueses, pobres, burros, atrasados, pacíficos, espanhóis, corajosos
Outro	101	46,5	

Outro aspecto interessante é o tipo de avaliação feito à presença portuguesa no mundo, que é convergente com o do autor quanto à imagem positiva dos Portugueses vistos pelo Outro. *Amoroso*, na representação do autor, correspondia a uma avaliação positiva e fortemente valorizada face ao sistema de valores da época. Apesar das transformações ocorridas neste sistema de valores e de os inquiridos destacarem outras características, ao ser-lhes pedido que descrevam a imagem pela qual os Portugueses são vistos no mundo, a mesma continua, em maioria, a incluir características que representam um reconhecimento positivo ²¹².

Todos os Portugueses se imaginam pinga-amor, universalmente irresistíveis. ²¹³

Jorge de Sena

Ou...
...ricos
...bons
...os melhores
...ricos e bonitos

²¹² Apesar de minoritárias, podem observar-se algumas respostas que denotam avaliação negativa do modo como os Portugueses serão reconhecidos, seja pela atribuição de características desvalorizantes, como *burros* ou *atrasados*, seja pela admitida ignorância das outras nações da própria existência nacional, presente nomeadamente quando os inquiridos completam a frase dizendo que os Portugueses são conhecidos por *Espanhóis* (Quadro 5).

²¹³ Adaptação da frase “E, numa vaidade já ancestral, não há português que se não suponha um pinga-amor, universalmente irresistível.”, extraída da obra “O reino da estupidez” (Sena, 1961) e presente na antologia “O Homem Português” (ANT, p. 39).

Será que a postura-expectativa de inflamado amador ²¹⁴ que Sena atribuía aos Portugueses está a ser substituída pela ambição de riqueza material? À primeira vista assim parece, mas, se se agruparem alguns dos itens mais referidos, o cenário altera-se significativamente. Assim, *bons/boas pessoas* e *os melhores* excede o total de referências a *ricos*, e outras designações remetem mesmo para uma ressonância com o autor, acentuando a tonalidade atractiva-irresistível: *bonitos, sortudos, campeões, românticos*, e, sobretudo, *vaidosos* ²¹⁵ (Quadro 119).

Quadro 119: “Todos os Portugueses se imaginam...” (P11.6)

Tipo de resposta	N	%	Itens ilustrativos
O mesmo	0	0,0	–
Concordante (em parte)	57	28,4	Bons, os melhores, grandes, heróis, boas pessoas, superiores, os maiores
Discordante	61	30,3	Ricos, milionários, portugueses, espertos, importantes, reis, aventureiros, inferiores, inteligentes
Outro	83	41,3	

²¹⁴ A referência a *irresistível* poderia fazer-nos pensar num eventual narcisismo ou mesmo *donjuanismo* atribuído pelo autor aos Portugueses. No entanto, a inclusão de *pinga-amor* contraria tal perspectiva e orienta-nos mais para uma postura de insistente mas passivo amante, a qual é inconciliável com a personagem donjuanesca de activo sedutor. A expressão popular *pinga-amor* retrata um homem fácil e passivamente enamorável (Simões, 1993, p. 524), o que, igualmente na frase que antecede esta, o próprio Sena parece clarificar ao escrever: “Houve mesmo, europeicamente e noutras eras, no teatro e na novela, o português suspiroso, modelo de amantes teimosos e inconsoláveis.” (ANT, p. 39).

²¹⁵ No caso de *vaidosos*, o facto de o respondente ser uma mulher poderá indiciar mais fácil exteriorização desta característica *masculina* a partir do olhar feminino, assim se aproximando do segundo sentido que a frase de Sena poderá ter.

O Português dá mais valor aos sentimentos do que ao lucro e utilitário.²¹⁶

Jorge Dias

Ou...
a dinheiro, riqueza
a bens materiais
à razão
às leis
ao sucesso
ao dinheiro e aos lucros

Se considerarmos que no *lucro e utilitário* de Jorge Dias estão implícitos dinheiro/riqueza/bens materiais, volta-se a uma situação de grande sintonia entre o discurso erudito e popular. Com efeito, quase metade dos inquiridos atribui aos Portugueses uma maior valorização dos sentimentos que dos bens materiais (Quadro 120).

Em certa medida inesperado, mas particularmente interessante, é o facto de alguns respondentes completarem a oposição a que a afirmação induz com *razão/leis* e comparem *Português/Estrangeiro*, concluindo que os Portugueses dão mais importância aos sentimentos que alguns outros nacionais.

Quadro 120: “O Português dá mais valor aos sentimentos do que...” (P11.7)

Tipo de resposta	N	%	Itens ilustrativos
O mesmo	1	0,5	Lucro
Concordante	86	44,1	Dinheiro, bens materiais, riqueza
Discordante	44	22,6	À razão, outros povos, ao trabalho, às aparências, aos actos, à beleza, ao aspecto, a ambições
Outro	64	32,8	

Outros pares surgem e igualmente com interesse – sentimento/*trabalho* ou *aparências, actos, ambições* (Quadro 7) –, pares que nos remetem para

²¹⁶ Trata-se de uma adaptação da seguinte afirmação do autor: “É a sobreposição dos valores humanos ao lucro e ao utilitário que explica muitos capítulos da nossa história e que deixa compreender muitas formas da sociedade actual. Tal mentalidade é a negação do espírito capitalista.”, extraída da obra “O essencial sobre os elementos fundamentais da cultura portuguesa” (Dias, 1986, p. 50).

um confronto entre profundidade e superficialidade, valores espirituais e materiais, precisamente o confronto estabelecido pelo autor.

*O que para outros povos se faz pela vontade,
em Portugal faz-se pelo sentimento.*²¹⁷

Francisco da Cunha Leão

Ou...
...obrigação
...necessidade
...gosto
...amor
....**sentimento**
...agrado
....coração
...de vontade

A um primeiro olhar esta seria a afirmação que mais desacordo produziu entre autor e inquiridos. Assim, quando outros povos agem por *vontade* em Portugal age-se por *obrigação*, poderia concluir-se.

Mas será que há efectivamente um tão grande desacordo ou estaremos perante diferentes concepções da palavra *vontade*? A consulta de um dicionário do português corrente poderá em parte esclarecer-nos. Aí se afirma que *vontade* é: “potência ou faculdade interior, em virtude da qual o homem e ainda os animais se determinam a fazer ou não fazer qualquer coisa”; mas igualmente se refere que é *desejo, espontaneidade, prazer, apetite* (Figueiredo, 1981). Filosoficamente, embora se tenham verificado divergências quanto à essência da *vontade*, a esta se têm vindo a associar preferencialmente o elemento intelectual, enquanto que no pensamento português parece continuar predominante *desejo* e *apetite* como sinónimos de *vontade*²¹⁸.

Relativamente ao autor, esta parece ser também a sua concepção. Entre os inquiridos, deram-se reacções nos dois sentidos: os que concebem a

²¹⁷ Neste caso adaptou-se a afirmação de Francisco da Cunha Leão ao comparar Portugal e Espanha, extraída da obra “O enigma português” (Leão, 1960) e à qual anteriormente se fez referência: “A afirmação plena do homem, a renúncia a não admiti-lo senão integralmente, – postura filosófica do carácter ibérico, que leva a desconcertantes expressões – executa-se em Espanha pela vontade, em Portugal pelo sentimento.” (ANT, p. 43).

²¹⁸ Em dicionário de língua próxima, como a francesa, não se encontra *vontade* associada a *desejo*.

vontade como *vontade racionalizada* opuseram, em consequência, *gosto, amor, prazer, sentimento*; aqueles para quem a vontade é sinónimo de gosto e de apetite opuseram *obrigação, necessidade, força* e até mesmo *dinheiro*²¹⁹ (Quadro 121).

Quadro 121: “O que para outros povos se faz pela vontade, em Portugal faz-se pelo...” (P11.8)

Tipo de resposta	N	%	Itens ilustrativos
O mesmo	3	1,4	Sentimento
Concordante	38	18,4	Gosto, amor, prazer, amizade
Discordante	106	51,2	Obrigação, necessidade, força, também por vontade, dinheiro, dever, Pátria, interesse, orgulho
Outro	60	29,0	

Significará, afinal, que o que parecia um claro desacordo se atenua face à divergência de interpretação? Parece-nos que sim. Mesmo admitindo diferente interpretação, a conclusão da frase por *gosto/sentimento* reúne um elevado número de respondentes. Entre estes, *por carinho ao próximo* é sem dúvida uma bem expressiva definição do *fazer* dos Portugueses em oposição ao *fazer* de outros povos.

*Os Portugueses não são gente de paixão mas sim de ternuras.*²²⁰

Fernando Dacosta

Ou...

...amores

...amizades

...sentimentos mais fortes

...alma

...ternuras

...amor para toda a vida

²¹⁹ A linguagem popular reflecte ainda mais claramente estas duas diferentes acepções de vontade. Por um lado temos a *vontade de comer* ou “apetite”, ou seja a vontade como *potência interior* extensiva até aos animais, como se viu na definição do dicionário; por outro lado temos a *vontade de ferro* ou “firmeza na tomada de decisões; força de vontade”, sendo a vontade considerada preferentemente como racionalidade (Simões, 1993, pp. 73 e 691). Alguns respondentes explicitaram estes dois sentidos com respostas como: *faz-se por obrigação ou não se faz e faz-se de vontade* ou *com vontade*.

²²⁰ Na versão original, o autor afirma: “Não somos gente de sol mas de sombras, não de areais mas de vales, não de paixões mas de ternuras.” (Dacosta, 1986).

Na análise às diferentes formas de completar esta afirmação, concluiu-se estarmos novamente perante uma afirmação que desencadeia um elevadíssimo número de respostas afins. Tal como o autor, a maioria dos nossos inquiridos parece convicta de que os Portugueses serão mais de *amores* e outros semelhantes afectos que de paixões. Várias explicitações se encontram a precisar a natureza destes outros afectos – *amores grandes, eternos, verdadeiros, gente de coração, encantos, alma, saudades, tristezas...*²²¹

Aqueles que completaram de forma divergente a oposição sugerida pela frase deram destaque à *acção* em sentido geral. Assim, os Portugueses não seriam de paixões mas sim de *aventuras, acções e trabalho* (Quadro 122).

Quadro 122: “Os Portugueses não são gente de paixão mas sim de...” (P11.9)

Tipo de resposta	N	%	Itens ilustrativos
O mesmo	3	1,5	Ternuras
Concordante	94	46,5	Amores, amizades, emoções, sentimentos, saudades, corações, romances, afecto, tristeza
Discordante	32	15,8	Aventuras, acções, ambições, trabalho, sonhos, grandes paixões
Outro	73	36,1	

²²¹ A análise das respostas dadas a esta pergunta proporcionou-nos um daqueles momentos de encantada comoção perante o que estando oculto parece finalmente revelar-se. Algo como uma chave que entreabre a porta do mistério e a que na moderna ciência se acabou por chamar *prova*. Uma comprovação a que no entanto poderia nunca se chegar se o estímulo apropriado não tivesse surgido. Efectivamente, dir-se-ia que a afirmação de Dacosta toca o ponto exacto mas subjacente, em que os respondentes guardam subconscientemente a representação que clarifica a natureza afectiva dos Portugueses e a que seria mais difícil chegar de forma directa.

*Os Portugueses consideram-se antes de mais e acima de tudo sentimentais.*²²²

Miguel de Unamuno

Ou...
portugueses
bons
os melhores/maiores
galãs
sentimentais

Finalmente, resta-nos aquilo que se poderá considerar uma grande surpresa, pois os inquiridos parecem contrariar vivamente a observação de que Unamuno parecia tão seguro, já que a resposta de maior consenso é que os Portugueses se consideram acima de tudo *portugueses* (Quadro 123).

Distanciado desta forma de concluir, embora com valores mais baixos, obtém-se um padrão de resposta algo semelhante ao que se obteve para concluir a afirmação de Jorge de Sena, sobre aquilo que os Portugueses se imaginariam – *bons, os melhores...* –, como se as duas afirmações desencadeassem em alguns respondentes quase o mesmo tipo de associação, com a diferença da sentimentalidade não ser uma aspiração (imaginar-se) mas uma comprovação (considerar-se). Galãs poderá tomar-se como abonatório desta interpretação.

Quadro 123: “Os Portugueses consideram-se antes de mais e acima de tudo...”
(P11.10)

Tipo de resposta	N	%	Itens ilustrativos
O mesmo	2	1,0	Sentimentais
Concordante	15	7,6	Amigos, latinos, acolhedores, simpáticos
Discordante	103	52,0	Portugueses, espertos, boas pessoas, bons, os melhores, patriotas, inteligentes, alegres, trabalhadores, aventureiros
Outro	78	39,4	

²²² Unamuno que chamou a Portugal “pátria dos amores tristes e grandes naufrágios” esclarecia o seguinte num texto de 1912: “se alguma afectação há nos vizinhos portugueses é a afectação do sentimentalismo. Um português reconhecerá facilmente que outro povo se lhe avanta em riqueza, em poderio, em ciência, em arte, mas não em sentimentalismo. Consideram-se antes de mais e acima de tudo sentimentais.” (Unamuno, 1986, p. 84).

Dado que o desacordo com Miguel de Unamuno não poderá ser explicado por a frase provir de um estrangeiro (como se referiu todas as afirmações circularam sem autor), ocorre-nos o comentário de um respondente, entrevistado na fase de pré-inquérito (Fase C), e que poderá contribuir para a compreensão de alguns aspectos desta discordância.

O respondente a que nos referimos concluiu então a frase de Unamuno com *honrados e honestos*. Posteriormente, quando confrontado com a frase na versão original para a escolher ou rejeitar, diz discordar dela por não lhe parecer verosímil que um Português se definisse perante um estrangeiro de modo semelhante e exemplificou: “você tem dinheiro mas eu sou sentimental”. Instado a esclarecer o que poderia achar credível para a mesma situação, responde que talvez referências à história nacional, nomeadamente a *aventura*, a *descoberta*, o “fomos para Além...”. No entanto, em vários momentos este respondente caracterizara efectivamente os Portugueses como sentimentais: completara a frase anterior (“Os Portugueses não são gente de paixões mas sim de *contemplações*”), não se inibindo de acrescentar que concordava inteiramente com a mesma – com o que afinal julgava ser a mesma; considerara o povo português *simpático*, e completara, com sentido idêntico ao do autor, a afirmação de Jorge Dias que opõe sentimentos a lucro e utilitário. Por outro lado, também discordara da afirmação de Sena sobre os Portugueses se julgarem *pinga-amor, irresistíveis...*

A ambivalência que este entrevistado revelou, e de que pudemos explorar matizes por nos encontrarmos em situação de entrevista, parece-nos relacionada com o modo peremptório das afirmações de Sena e Unamuno. Em ambos os casos é notória alguma assertividade no discurso. Trata-se de afirmar, exteriorizando de forma directa, aquilo que *interiormente* os Portugueses parecem efectivamente considerar-se *acima de tudo* (além de Portugueses), mas cuja exteriorização não se adequa à *não assertividade* que caracteriza a cultura nacional como tem sido referido na literatura.

Regressando aos nossos respondentes, implicitamente se terá de concluir que concordam com o autor, já que, anteriormente e em diferentes momentos, caracterizaram maioritariamente o Português como *afetuoso, simpático...* e outros atributos próprios da sentimentalidade, e, sobretudo,

porque ao serem confrontados com a frase completa a escolheram entre as três mais representativas do Português, como se irá ver em seguida.

Discurso erudito avaliado pelo discurso popular: afirmações mais representativas dos Portugueses

As frases de autor apresentadas incompletas aos inquiridos e que anteriormente se analisaram serviram ainda como material de confrontação e avaliação do discurso erudito pelo discurso popular. Para as frases agora completas, solicitou-se aos inquiridos a escolha de três que, no seu entender, melhor caracterizassem os Portugueses. O conjunto de afirmações em escolha era composto por doze, nove das quais anteriormente completadas pelos inquiridos a cuja análise se acabou de proceder. A anterior ordem de apresentação das afirmações foi alterada, mantendo-se o anonimato do autor.

Os resultados deste confronto são interessantes porque, se no geral confirmam os posicionamentos anteriores dos inquiridos, acentuam igualmente as suas posições expressas através de perguntas analisadas nos dois capítulos anteriores (Quadro 124).

Das três afirmações mais escolhidas, figura em primeiro lugar os Portugueses “mais patriotas fora de Portugal.” (59% dos respondentes). Trata-se de uma concordância que implicitamente já fora revelada no completar anterior desta frase (Quadro 116). A escolha da afirmação indicada em segundo lugar – “Um português reconhecerá facilmente que outro povo se lhe avanteja em riqueza, em poderio, em ciência, em arte, mas não em sentimentalismo. Consideram-se antes de mais e acima de tudo sentimentais.” –, não seguindo o padrão de resposta obtido no completar da mesma, em que os respondentes reiteraram que os Portugueses acima de tudo se consideram *portugueses*, situação que se verificara igualmente no capítulo anterior (P05, P22), é uma escolha que revela grande sintonia entre os dois discursos. Torna-se esta escolha naquela que mais contribui para validar a hipótese deste trabalho, na medida em que pressupusemos a concordância entre discursos (erudito e popular). A terceira afirmação mais escolhida – “O Português não gosta de fazer sofrer e evita conflitos.” – reforça a segunda, explicitando a representação da natureza amorável e condocida dos Portugueses como defendeu, entre outros, o seu autor, e que

nos indica o investimento dos inquiridos na caracterização afectiva dos Portugueses.

Quadro 124: Discurso erudito avaliado pelo discurso popular (P16)

Afirmações	Autores	N	%
A - O povo Português é um dos mais civilizados da Europa.*	Fernando Pessoa	25	11,9
B - O que para outros povos se faz pela vontade, em Portugal faz-se pelo sentimento.	Francisco da Cunha Leão	44	21,0
C - Não há Português que não se suponha um pinga-amor, universalmente irresistível.	Jorge de Sena	33	15,7
D - O Português é mais patriota fora do País que dentro dele.	Francisco da Cunha Leão	124	59,0
E - O Português dá mais valor aos sentimentos do que ao lucro e utilitário.	Jorge Dias	45	21,4
F - Onde o Português chega há tertúlia; desenvolve-se a afabilidade, alarga-se o halo humano.	Aquilino Ribeiro	64	30,5
G - O Português não gosta de fazer sofrer e evita conflitos.*	Jorge Dias	84	40,0
H - Um Português reconhecerá facilmente que outro povo se lhe avanta em riqueza, em poderio, em ciência, em arte, mas não em sentimentalismo. Consideram-se antes de mais e acima de tudo sentimentais.	Miguel de Unamuno	88	41,9
I - Ser Português é uma complicação mas também é engraçado.	Agostinho da Silva	49	23,3
J - Os Portugueses são conhecidos entre as outras nações por amorosos.	D. Francisco Manuel de Melo	29	13,8
L - Os Portugueses não são gente de paixão mas sim de ternuras.	Fernando Dacosta	25	11,9
M - O humano deve ser a única varonia de Portugal.*	José de Almada Negreiros	20	9,5

*novas frases ²²³

²²³ Estas três frases, além de ampliarem a diversidade da escolha, referem traços que explicitam paradigmas da identidade portuguesa (as frases de Pessoa, Dias e Almada) e aspirações sobre a mesma (Almada). Para Pessoa, em *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, “o facto significativo acerca dos portugueses é que eles são o povo mais civilizado da Europa. Eles nascem civilizados porque são aceitadores de tudo” (Pessoa, [s.d.], p. 152), ou seja, são *adaptáveis* não só para fazer tudo mas para *ser tudo*, como anteriormente se indicou (Capítulo 4); para Jorge Dias, o “profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso” do Português

A escolha destas três afirmações foi comum às diferentes subamostras, à exceção dos estudantes universitários, que, em terceiro lugar, indicaram que “Onde os Portugueses chegam há irradiar de afabilidade, de halo humano”, e que, não contrariando por si a imagem bondosa subjacente à frase de Dias, poderá indicar que privilegiam nesta o lado mais extrovertido e activo na relação com o outro – *irradiando* e não *rejeitando* (“não gosta (...) evita”).

Nas várias subamostras, observam-se algumas associações estatisticamente significativas entre cinco frases escolhidas e as variáveis estratificadoras. Os respondentes do sexo feminino escolhem mais as afirmações B e L que a subamostra do sexo masculino ($\phi = 0,11$; $p \leq 0,1$ e $\phi = 0,12$; $p \leq 0,1$, respectivamente), concedendo as mulheres, com essas escolhas, maior relevo que os homens à imagem do Português movido pelo sentimento mais do que pela vontade e sobrevalorizando o carinho em detrimento da paixão no tipo de afectividade nacional (*mais ternura do que paixão*). Nas subamostras por escolaridade observa-se que os estudantes do ensino secundário escolhem mais as afirmações A e M ($\phi = 0,25$; $p \leq 0,001$ e $\phi = 0,20$; $p \leq 0,001$), enquanto que os estudantes universitários escolhem mais a afirmação F ($\phi = 0,26$; $p \leq 0,001$). Os estudantes do ensino secundário privilegiarem afirmações que caracterizam os Portugueses no confronto inter-identitário, sendo o estereótipo nacional definido por civilizado e humano. Nas subamostras por naturalidade, os algarvios escolhem mais as afirmações A e L ($\phi = 0,14$; $p \leq 0,1$ e $\phi = 0,16$; $p \leq 0,05$), ou seja *civilizado* e *ternura*, enquanto os naturais de fora do Algarve escolhem mais a afirmação F ($\phi = 0,14$; $p \leq 0,1$), que sublinha uma *afabilidade* claramente expressa, aproximando-se dos respondentes universitários.

Para o conjunto das afirmações observa-se, como se disse, o reconfirmar da concordância ou discordância implícitas nos conteúdos evocados aquando do completar das frases. Assim, para a afirmação I, que

leva-o a evitar vivências de intensidade trágica e de conflitualidade social: “Não gosta de fazer sofrer e evita conflitos (...)” (Dias, ANT, p. 32); para Almada Negreiros (*Ensaio*, 1971), os Portugueses têm uma *predisposição* ou “acessibilidade melhor dos sentimentos universais”, sendo para o autor o *humano* (“respeito por cada uma das pessoas humanas”) o sentimento mais universal e a promover em Portugal (ANT, p. 18).

avalia o ser português (*complicado-agradável*) e que incompleta revelara elevada sintonia é, na versão original, a quinta mais escolhida, enquanto que a frase J, com a qual os inquiridos pareceram inicialmente pouco sintonizados, volta a ser pouco escolhida, e a afirmação C, que, apesar de completa ter obtido maior concordância continua a figurar entre as menos escolhidas ²²⁴. Relativamente a B, explicitada a oposição *vontade-sentimento* e em consequência afastada a ambiguidade que rodeara anteriormente a noção de vontade, como se assinalou, os inquiridos terão podido revelar mais abertamente o seu acordo com o que, segundo alguns autores, distingue os Portugueses de outros povos – o lugar privilegiado do *sentimento* na *acção* (sentimento em vez de vontade). Contrariamente, para a afirmação L, que opõe *paixão-ternura*, diminuiu bastante a concordância. Poderá entender-se esta alteração como consequência dos inquiridos se encontrarem perante um quadro de liberdade restrita em que lhes era solicitado não que abrissem o campo de representação da identidade nacional mas sim que indicassem aquilo que *melhor* caracteriza os Portugueses. Deste ponto de vista, a escolha desta frase não seria efectivamente uma escolha prioritária, já que não caracterizava globalmente, afirmando sim um item em detrimento de outro, indicando apenas uma especificidade do ser afectuoso.

Os Portugueses ao espelho de Gonçalo Ramires

Finalmente, após a confrontação que se acabou de apresentar entre discurso erudito maioritariamente contemporâneo e discurso popular produzido pelos jovens, procurámos comparar o discurso popular com o discurso erudito de um passado recente, para ver se o paradigma anterior ainda se reflectia e em que extensão na representação dos jovens de hoje.

²²⁴ Relativamente à frase E, sobre a oposição *sentimentos/lucro e utilitarismo*, quando deixados à sua livre associação, os inquiridos completam a afirmação de um modo bastante aproximado ao do autor, quando confrontados com ela parecem recuar significativamente não chegando a referida afirmação a figurar entre as três primeiras. Contudo, talvez não se possa tomar como discordância relativamente ao discurso erudito. Dar mais valor ao sentir que à acção nos seus resultados lucrativos e utilitários não faz parte da caracterização determinante do Português no discurso erudito, e será mesmo, em última análise, passível de não poder ser apresentado como profundamente característico, dado que em diversos autores se admite a presença simultânea do *sonhador-realista* e Eça de Queirós, nomeadamente, atribui ao português “um espírito prático sempre atento à realidade útil”. (Queirós, 1980, p.295.)

Com esta finalidade, recorremos ao texto de Eça de Queirós anteriormente analisado e ao seu personagem Gonçalo Mendes Ramires. Retomámos o *corpus* semântico obtido através do Questionário Geral para a pergunta “Os Portugueses são...” (P04) ²²⁵ e procedemos ao seu reagrupamento segundo categorias definidas pelos quinze traços referidos por Eça.

Da análise à frequência com que os diferentes itens empregues por Eça foram indicados pelos respondentes (os mesmos ou através de sinónimos), o primeiro aspecto a salientar é que o conjunto de itens empregues por Eça na caracterização de Gonçalo Ramires foi utilizado pelo discurso popular distribuindo-se por mais de metade das respostas obtidas (58%, Quadro 12 ²²⁶). O segundo aspecto interessante consiste na convergência entre os dois discursos em torno da bondade, item de hierarquia mais elevada ²²⁷ (Quadro 125).

O terceiro aspecto refere-se às diferenças entre discursos, revelando alguma transformação. Há conceitos que perderam importância, enquanto outros a estarão a adquirir. E a diferença que se poderá considerar mais significativa é a quase ausente “esperança”. Enquanto Eça a aponta como estrutural, digamos, e por isso sempre presente (“A esperança constante nalgum milagre (...) que sanará todas as dificuldades”, Queiroz, 1980, p. 337), apenas quatro respondentes parecem invocá-la mas com opiniões divergentes: dois através de *optimista* e dois com *pessimista*, e que acabam assim por lhe reduzir-lhe a expressão ²²⁸. De entre as características a que Eça atribuía grande peso, três delas são pouco reconhecidas pelos respondentes: “desconfiança de si”, que o autor qualifica de “terrível” e

²²⁵ O *corpus* da pergunta P04 foi sendo objecto de análise ao longo do capítulo anterior. Como então se disse, identificaram-se 1453 itens de caracterização. Na comparação a que agora nos referimos, trabalhou-se apenas com respostas de dois ou mais respondentes, o que perfaz um total de 1172 itens, excluindo-se da presente comparação 19,3% da totalidade das respostas.

²²⁶ A percentagem indicada corresponde aos itens reconhecidos, excluindo-se aqueles que se incluíram na categoria *Outro*.

²²⁷ Como se referiu anteriormente a bondade de Gonçalo é a bondade amável de amar e ser amado. Como explicita o autor, é ser “amável”, “generoso”, “carinhoso”... (Queirós, ob. cit., p. 337).

²²⁸ No conjunto das restantes respostas ainda se encontra algo afim através de *confiante*, com um respondente a dizer que os portugueses são “confiantes” e outro que são “pouco confiantes”, e, apenas um outro a referir que são “esperançados pois Portugal poderá ser sempre melhor”.

que apenas é reconhecida em 1,0% das respostas, excessiva “imaginação” (1,5% das respostas) e o “espírito prático” (0,3% das respostas).

Quadro 125: Continuidade entre discurso erudito e discurso popular: Gonçalo Ramires (Portugal) e os Portugueses

Categorias	Itens atribuídos		Itens negados	
	N	%	N	%
Bondade	372	31,7	52	4,4
Viveza	49	4,2	26	2,2
Sociável	45	3,8	10	0,9
Herói	41	3,5	0	0,0
Honra	32	2,7	0	0,0
Desleixo	27	2,3	4	0,3
Entusiasmo	24	2,0	0	0,0
Simplicidade	20	1,7	0	0,0
Imaginação	18	1,5	0	0,0
Persistência	14	1,2	0	0,0
Vaidade	12	1,0	0	0,0
Desconfiança de si	12	1,0	0	0,0
Melancolia	10	0,9	0	0,0
Espírito prático	4	0,3	0	0,0
Esperança	2	0,2	2	0,2
<i>Outro</i> ²²⁹	396	33,7		
Total	1078	92,0	94	8,0

Entre os itens promovidos pelo discurso popular salienta-se a oposição *trabalhadores-preguiçosos* (respectivamente, 4% e 3% das respostas) e *aventureiros* (3%), *tradicionais/conservadores* (2%) e *pacíficos/calmos/pacatos* (2%). Poderá admitir-se que parte dos mesmos estivesse subjacente na descrição de Eça, nomeadamente *trabalhadores* no traço “persistente” e *preguiçosos* em “desleixo”, mas efectivamente não são, enquanto tal, explicitados pelo autor.

²²⁹ Na categoria *Outro* encontram-se traços referentes ao perfil do Português presentes no discurso popular e não mencionados na caracterização de Eça. Entre estes salientam-se *trabalhadores* (4% das respostas) e *preguiçosos* (3%), *aventureiros* (3%), *tradicionais/conservadores* (2%) e *pacíficos/calmos/pacatos* (2%), atributos já anteriormente indicados e que constituem 13% dos itens incluídos nesta categoria. Poderá admitir-se que estes itens estejam subjacentes à descrição de Eça, nomeadamente *trabalhadores* no traço “persistente” e *preguiçosos* em “desleixo”, mas efectivamente não são, enquanto tal, explicitados pelo autor.

Síntese

As diversas formas como os inquiridos completaram afirmações provenientes do discurso erudito e escolheram algumas delas como mais representativas dos Portugueses revelam concordância e discordância entre os dois tipos de discurso, como se menciona em seguida:

1. Esta forma semi-estruturada de captar a representação dos Portugueses, tendo como estímulos elementos do discurso erudito, permitiu registar: por um lado, a expansão do campo representacional com o aparecimento de novos conteúdos semânticos (*arrelição, tertúlia, desconsiderado, galãs, amores eternos, gente de encantos...*); por outro lado, a concordância dos inquiridos com alguns dos conteúdos empregues na caracterização dos Portugueses segundo o discurso erudito e até mesmo sintonia semântica (em alguns casos, com respondentes a recorrerem à mesma palavra usada pelo autor para completarem as frases em apreciação).

2. Através deste confronto a avaliação positiva da identidade portuguesa voltou a ser detectada, tal como se registara anteriormente (Capítulo 7).

3. A maior divergência entre os dois tipos de discurso surgiu a propósito da imagem exterior dos Portugueses. Enquanto que no discurso erudito se identificou o estereótipo do *Português-afectuoso*, no discurso popular a imagem do Português visto pelos estrangeiros revelou-se dominada pelo estereótipo do *Português-descobridor-aventureiro*, apesar de o *Português-simpático* estar igualmente presente e ocupar a segunda posição.

4. Os casos de concordância autores-inquiridos corporizam aquilo que considerámos um reconhecimento implícito do discurso erudito pelo discurso popular. A escolha das afirmações de autores teve em vista testar o seu reconhecimento sobretudo em aspectos relacionados com a importância da afectividade na caracterização dos Portugueses. Os resultados obtidos para as frases que acentuam esta importância indicam forte concordância na conclusão da afirmação em que os Portugueses são evocados como valorizando mais a dimensão espiritual-sentimental que a dimensão material-utilitária (Dias) e concordância ambígua para aquilo

que os Portugueses se imaginam (Sena) e para aquilo que mais consideram ser (Unamuno), ambiguidade que desaparece na fase seguinte, para a escolha das afirmações já completas, como a seguir se refere.

5. A escolha destas afirmações de entre as que melhor definem os Portugueses revelou, na avaliação explícita do discurso erudito pelo discurso popular, a preferência por afirmações referentes ao sentimento nacional e à caracterização dos Portugueses como afectuosos. Esta forma de responder poderá interpretar-se como a manifestação de uma geração que quer afirmar a sua pertença nacional e que para isso aproveita diferentes oportunidades. A concordância maioritária com o Português *mais patriota no exterior*, parece sugerir um implícito desacordo com a existência de um patriotismo *interno* mais baixo do que aquele que os inquiridos consideram desejável, em consequência do que só depois de se pronunciarem sobre o patriotismo se mostram disponíveis para a descrição da identidade nacional.

6. Para as restantes afirmações os resultados da comparação reconhecimento implícito-concordância explícita revelou que os inquiridos tendem a manter o posicionamento anteriormente expresso ao completarem as mesmas, excepto quanto ao que mais caracteriza os Portugueses, agora em estreita sintonia com a importância da *sentimentalidade*, tal como Unamuno concluía. Em síntese, considerando as escolhas ocorridas nas duas fases, cremos haver convergência de discursos quanto ao perfil do Português como *sentimental-bondoso-não conflituoso*.

7. Distribuído o campo semântico da representação dos Portugueses obtido no discurso popular (P04) segundo o perfil do Português, apresentado há quase um século por Eça de Queirós, poderá dizer-se que no fundamental – a *bondade*, indirectamente atribuída aos Portugueses, e definida como qualidade afectuosa, continua a figurar no discurso popular. Outros traços de Gonçalo implicitamente reconhecidos pelo discurso popular foram “honra”, o “herói”, o “sociável”, o “entusiasmo”, o “desleixo” e a “viveza”; embora com reduzida expressão, poderá ainda considerar-se que são reconhecidas a “simplicidade”, a “melancolia”, a “ vaidade”, e a “persistência”. Esta última comparação entre discurso erudito e popular, tendo a particularidade de se encontrar mediatizada por um tempo mais longo, veio igualmente revelar aspectos convergentes de sintonia, sobretudo no que se refere ao perfil afectuoso.

B. Os Portugueses entre passado e futuro e a importância do Afecto

Duas últimas perguntas referentes à delimitação do campo semântico sobre os Portugueses foram apresentadas aos respondentes, que deveriam para tal fazer um breve exercício de memória e imaginação: evocar primeiramente o perfil característico dos Portugueses do passado, respondendo à pergunta *Como eram antigamente os Portugueses?* e, em seguida, antecipar o perfil do futuro, respondendo à pergunta *Como serão os Portugueses daqui a 30 anos?*. Retomando a nossa problemática inicial da caracterização dos Portugueses pelo Afecto, procurámos, através de uma das perguntas da terceira parte do Questionário Geral, conhecer a importância atribuída pelos inquiridos ao Afecto e justificação da mesma (Quadro 126).

Quadro 126: Projectão e avaliação da identidade portuguesa

Nº da pergunta	Conteúdo	Total de inquiridos	Total de respondentes
P18	Como acha que eram antigamente os Portugueses?	281	275 (97,9%)
P19	Como acha que serão os Portugueses daqui a 30 anos? Porquê?	281	271 (96,4%)
P20	O afecto para si é... Porquê?	305 ²³⁰	304 (99,7%)

Os Portugueses do passado

Conhecidos em todo o mundo pelo seu heroísmo.

Gostavam mais da descoberta.

Gostavam muito de viajar e espalhar a sua cultura por esse mundo fora.

Cheios de espírito de aventura e desejo de desafiar o desconhecido.

Dedicaram-se à pátria de corpo e alma quando começaram a ter a noção de nacionalidade.

Criativos (todo o perfil de um navegador ou cavaleiro da corte).

²³⁰ O pedido para justificar a importância dada ao afecto foi feito apenas a 281 inquiridos, tendo-se verificado uma taxa de resposta de 98,2% (5 inquiridos não responderam).

Um conjunto de 284 itens diferentes, variando em frequências, constituiu o total dos 665 itens caracterizadores do Português do passado.

O primeiro aspecto mais surpreendente surge na comparação passado-presente, como se passa a referir. Os sete itens mais empregues na definição do Português do passado incluem alguns dos referidos na representação da actualidade (Quadro 127).

Quadro 127: Itens mais frequentes na descrição dos Portugueses do passado

Português do passado (P18)	N	Respondentes	Itens
		%	%
Corajosos	56	20,4	8,4
Aventureiros	45	16,4	6,8
Trabalhadores	34	12,4	5,1
Lutadores	17	6,2	2,6
Amigos	13	4,7	2,0
Patriotas	13	4,7	2,0
Unidos	13	4,7	2,0
Simple	9	3,3	1,4
Ambiciosos	8	2,9	1,2
Antiquados	8	2,9	1,2
Parecidos	8	2,9	1,2
Burros	7	2,5	1,1
Conservadores	7	2,5	1,1
Diferentes	7	2,5	1,1
Iguais	7	2,5	1,1
Pobres	7	2,5	1,1
Portugueses	7	2,5	1,1
Sentimentais	7	2,5	1,1
Inteligentes	6	2,2	0,9
Destemidos	5	1,8	0,8
Fechados	5	1,8	0,8
Humildes	5	1,8	0,8
Nacionalistas	5	1,8	0,8
Valentes	5	1,8	0,8
Abertos	4	1,5	0,6
Alegres	4	1,5	0,6
Conquistadores	4	1,5	0,6
Criativos	4	1,5	0,6
Descobridores	4	1,5	0,6
Fortes	4	1,5	0,6
Guerreiros	4	1,5	0,6
Heróis	4	1,5	0,6
Honestos	4	1,5	0,6
Ignorantes	4	1,5	0,6
Simpáticos	4	1,5	0,6
Total	348		52,3

Assim, o item *Corajosos*, destacado em primeiro lugar para o passado (20% dos inquiridos, correspondendo a 8% das respostas), ocupa a posição atribuída a *Simpáticos* na actualidade. Conjuntamente, *Corajosos* e *Aventureiros* perfazem 15% das respostas, contrapondo-se aos cerca de 4% que lhes fora atribuído na descrição dos Portugueses do presente.

Na extraordinária alteração verificada, será de salientar a quase inexistente atribuição de *Simpáticos*, repetidamente mais referido ao longo deste trabalho, e que assim se vê remetido para apenas 4 citações, ou seja, 0,6% das respostas, enquanto que outros itens mais frequentes no presente permaneceram relativamente estáveis. Destacam-se os casos de *Trabalhadores*, *Amigos* (nos lugares cimeiros) e de *Patriotas*, *Pobres* e *Simple*s.

Do poliformismo que percorre a representação do Português, são as características de acção que predominam, embora permaneçam traços afectivos. Do passado vêm as formas de Aventura, de Coragem, que a memória colectiva recorda e a que a História Nacional oferece conteúdos²³¹, formas enfraquecidas no confronto com o presente, num tempo sem nacionalidade por inaugurar ou *Índia por achar*²³².

²³¹ A presença de outros itens de significado semelhante vem reforçar esta imagem: *Lutadores*, *Destemidos*, *Valentes*, *Conquistadores*, *Descobridores*, *Guerreiros* e *Heróis*.

²³² O papel do Império colonial na definição da identidade portuguesa é ambivalente, porque estão vividas a posse e a perda. Do efeito traumático da perda quase só silenciosamente se tem notícia. A literatura, na sua prodigiosa capacidade subversiva, fez o seu registo elegíaco mas os rituais fúnebres não foram colectivamente assumidos nem antes nem depois do 25 de Abril, e provavelmente por diferentes causas. Alguns autores têm explicado esta ocultação pelo *irrealismo* sempre latente na construção da nossa identidade cultural: “pelo império devimos outros, mas de tão singular maneira que na hora em que fomos amputados à força (mas nós vivemos a amputação como ‘voluntária’) dessa componente imperial da nossa imagem, tudo pareceu passar-se como se jamais tivéssemos tido essa famigerada existência ‘imperial’ e em nada nos afectasse o regresso aos estreitos e morenos muros da pequena casa lusitana” (Lourenço, 1978, p. 41). Outra explicação plausível residiria no modo contido da expressividade portuguesa (Gil, 1995). Os poetas para, além do elegíaco, têm acentuado os aspectos quiméricos da perda do Império, prefigurando-os na perda da Índia: “É claro que é tudo uma chatice / Estávamos habituados a acreditar em qualquer coisa / Fosse a Terra Prometida O Dia de Amanhã ou a Esperança...” (Manuel Alegre, *De chegar aqui, apud* Quadros, 1989, pp. 240); “Aqui sentado em frente desta página / Atlântico Atlântico / no extremo ocidental do continente / espírito de Quinhentos / sem índias por achar” (Manuel Alegre, *Atlântico*, 1989, p. 132). Perda que, afinal, se objectivará mais no sonho já impossível de sonhar que na realidade do Império antes estabelecido. Em estudo sobre a representação social da Índia entre os Portugueses, pudemos registar como o antigo encontro Portugal-Índia protagoniza o lado heróico da identidade nacional (Rosado e Faísca, 1994, p. 443). Ao sermos confrontados com a forte atribuição heróica aos Portugueses do passado e sobretudo com o acentuado desencanto em relação aos Portugueses do futuro, como a seguir se refere, insinua-se

Quadro 128: Itens mais frequentes na descrição dos Portugueses do passado (comparação de subamostras)

Português do passado (P18)	Sexo (N)			Escolaridade (N)			Naturalidade (N)			
	Masc.	Fem.	Sig.	Sec.	Univ.	Sig.	Alg.	Fora Alg.	Outro país	Sig.
Corajosos	25	31	n.s.	13	43	0,10	26	26	4	n.s.
Aventureiros	17	28	n.s.	6	39	0,001	21	17	7	n.s.
Trabalhadores	19	15	n.s.	9	25	n.s.	13	19	2	0,1
Lutadores	8	9	n.s.	6	11	n.s.	10	5	2	n.s.
Amigos	6	7	n.s.	3	10	n.s.	7	4	1	n.s.
Patriotas	6	7	n.s.	2	11	n.s.	4	6	3	n.s.
Unidos	8	5	n.s.	1	12	0,05	5	8	0	n.s.
Simples	4	5	n.s.	1	8	n.s.	4	5	0	n.s.
Ambiciosos	4	4	n.s.	1	7	n.s.	4	2	1	n.s.
Antiquados	3	5	n.s.	7	1	0,01*	7	1	0	0,1*
Parecidos	4	4	n.s.	6	2	0,05*	7	1	0	0,1*

* Nível de significância obtido a partir do teste binomial exacto

Na imagem predominante dos Portugueses do passado, as variáveis estratificadoras exercem alguma influência (Quadro 128). O sexo dos respondentes não interfere no nível de ocorrência de nenhum dos itens mais frequentes. O nível de escolaridade influencia a referência de *corajosos*, *aventureiros* e *unidos* (mais referidos pelos universitários) e *antiquados* e *parecidos* (mais referidos pelos estudantes do ensino secundário). Os naturais de fora do Algarve referem mais frequentemente *Trabalhadores*, enquanto os Algarvios escolhem mais fortemente os itens *Antiquados* e *Parecidos*.

uma interrogação não apenas de índole científica mas, e sobretudo, de ordem pragmático-afectiva: com que recursos simbólicos se continuará a construir a identidade portuguesa?

Os Portugueses do futuro

*Como agora.
Desenvolvidos.
Evoluídos.*

*50% portugueses, 50% anglo-saxónicos.
Perderão todas as características que lhes estão vincadas desde o
aparecimento de Portugal.
Cada vez mais dependentes económica e psicologicamente dos
outros povos.
Vão-se adaptar à mudança sem deixarem de ser ótimas pessoas.
Serão mais conscientes do que é ser português.
Acima de tudo muito fracos nas relações sociais.
Sempre acolhedores.
Talvez um povo sem identidade, não tão simpático.
Revoltados. Porque cada vez lhes abrem menos as portas para que
possam realizar os seus sonhos.*

O número de itens caracterizadores do Português do futuro foi substancialmente inferior ao obtido na pergunta sobre os Portugueses do passado (um total de 460 itens, dos quais 252 são diferentes).

O futuro é o cenário da incerteza, do desconhecido, e as respostas que caracterizam os Portugueses do futuro parecem testemunhar isso mesmo. Para o futuro se atiram com esperança os sonhos por realizar, mas também o receio e o medo de ver pesadelos tornados realidade.

Um tema se destaca neste perfil imaginário, o do desenvolvimento, das transformações sócio-económicas, civilizacionais. Vão os Portugueses ser *mais evoluídos, mais desenvolvidos, mais civilizados, mais modernos* mas outros traços se vão também acentuar (Quadro 129). Entre estes figura *egoístas*, que, como vimos, ocupa na descrição dos Portugueses de hoje um lugar secundário (Quadro 74), e que ascende ao primeiro lugar no quadro das transformações a haver; *individualistas* e *ambiciosos*, escassamente referidos sobre o presente, são igualmente escolhidos como traços que se irão acentuar no futuro (“mais individualistas”, “mais ambiciosos”). O item *Simpático*, galvanizador da actual imagem, é ainda referido mas apenas uma vez, com explicitação de “não tão simpáticos”. *Sentimentais*, item referido ainda por 6 respondentes, apresenta-se já marcado pela

ambiguidade: para metade permanece estável (“tanto quanto agora / ainda serão”); para a outra metade, “serão cada vez menos”.

Quadro 129: Itens mais frequentes na descrição dos Portugueses do futuro

Português do futuro (P19)	N	Respondentes %	Itens %
Como agora	20	7,4	4,3
Egoístas	14	5,2	3,0
Não sei	14	5,2	3,0
Desenvolvidos	10	3,7	2,2
Evoluídos	10	3,7	2,2
Diferentes	8	3,0	1,7
Individualistas	8	3,0	1,7
Ambiciosos	7	2,6	1,5
Civilizados	7	2,6	1,5
Inteligentes	7	2,6	1,5
Cultos	6	2,2	1,3
Lutadores	6	2,2	1,3
Melhores	6	2,2	1,3
Abertos	5	1,8	1,1
Atrasados	5	1,8	1,1
Modernizados	5	1,8	1,1
Os pobres da CE	5	1,8	1,1
Trabalhadores	5	1,8	1,1
Criativos	4	1,5	0,9
Fechados	4	1,5	0,9
Orgulhosos de si	4	1,5	0,9
Revoltados	4	1,5	0,9
Total	164		35,7

Além da posição obtida por estes itens, é todo o tema da afectividade que se apresenta com profundas alterações. Alguns itens não são sequer referidos (*carinhosos, afectuosos*); outros, dos mais empregues anteriormente, são-no ainda mas para assinalar o seu previsível enfraquecimento²³³. Os casos mais notórios são *amigos e boas pessoas*, referidos respectivamente por 2 e 1 respondentes.

Esta pergunta pedia ainda que os inquiridos indicassem em que se baseavam para construir a futura imagem. A análise desta segunda

²³³ No âmbito dos traços que se irão acentuar no futuro, será de salientar a indicação de *Revoltados*, que apenas fora utilizado anteriormente por 2 respondentes e na caracterização do Eu, e que nos revelará a tendência para uma avaliação negativa da futura imagem dos Portugueses.

resposta, que procura explicar as causas de um Português diferente no futuro, tema maior da identidade nacional prospectivada, revela-nos que parte da diferença é atribuída a causas exteriores: por um lado, o contacto genérico com outros modelos sócio-culturais e a sua influência contrária à manutenção das características nacionais; por outro lado, a inclusão de Portugal no espaço de poder político-económico da União Europeia com legitimidade para interferir no sistema social nacional. Em contraste com a imagem positiva vinda do passado, a imagem futura caracteriza-se mais pela inquietação que pelo entusiasmo. O receio da perda de identidade é notório, com expressões radicalizadas e, noutros casos, atenuadas – “Perderão todas as características...”, “Vão-se adaptar à mudança sem deixar de ser óptimas pessoas”. Este receio de alterações estruturais no sistema social e, em consequência, na cultura nacional e na caracterização psicossocial dos Portugueses, explicará certamente que, apesar do futuro ser avaliado positivamente por cerca de um terço de respondentes (32%), seja a avaliação negativa que tende a predominar (37%, Quadro 130)²³⁴.

Quadro 130: Portugueses do futuro: avaliação das imagens projectadas

Imagem projectada (P19)	Amostra total		Subamostras por sexo (N)		Subamostras por escolaridade (N)		Subamostras por naturalidade (N)		
	N	%	Mas.	Fem.	Sec.	Univ.	Alg.	Fora Alg.	Outros países
Claramente positiva	27	10,0	13	14	10	17	14	11	2
Talvez positiva	60	22,1	21	39	20	40	30	23	7
Claramente negativa	42	15,5	18	24	12	30	23	12	7
Talvez negativa	58	21,4	23	35	22	36	29	20	10
Idêntica à actual	20	7,4	8	12	7	13	10	7	3
Outra	50	18,5	27	23	17	33	16	26	6
Não sei	14	5,2	8	6	9	5	9	5	0
Total	271	100,0	118	153	97	174	131	104	35

²³⁴ No estudo de José Pereira Bastos, anteriormente referido, registou-se uma tendência diferente, sendo a *maneira de ser* dos Portugueses no futuro avaliada maioritariamente como melhor (Bastos, 1995, p. 626). Para além desta informação ter sido diferentemente recolhida (pergunta fechada), haverá ainda que lembrar que se trata de uma amostra heterogénea quanto à idade, enquanto nós trabalhamos predominantemente com jovens.

As variáveis estratificadoras da amostra não revelaram influenciar o tipo de resposta. No entanto, o sentimento nacional e a identificação nacional explícita introduziram variação no padrão das respostas.

Das cinco perguntas utilizadas para avaliar o sentimento nacional, verifica-se que três delas interferem na avaliação da imagem do Português do futuro. Os respondentes que afirmam gostarem de ser Portugueses (P08) e que reconhecem um único tipo de Português (P14) projectam uma imagem mais positiva ($\phi = 0,26$; $p \leq 0,05$ e $\phi = 0,27$; $p \leq 0,05$, respectivamente). Por outro lado, entre os respondentes que não sabem se se pode ou não deixar de ser Português (P15), no que revelam certa ambiguidade perante a nacionalidade portuguesa, predomina a tendência de as imagens dos Portugueses do futuro se assemelharem às do presente ($\phi = 0,23$; $p \leq 0,1$).

No que respeita à identificação explícita (P10), os respondentes situados no nível médio de identificação tendem a projectar uma imagem negativa ou moderadamente positiva do Português futuro, enquanto que os respondentes situados no nível elevado de identificação (“muito” e “totalmente”) exteriorizam decididamente uma representação positiva da futura identidade nacional ($r = 0,15$; $p \leq 0,05$).

Trata-se, sem dúvida, de resultados pertinentes no que concerne aos mecanismos de identificação e seus efeitos cumulativos: identificação forte estimulando positivamente e, em consequência, contribuindo para a preservação da imagem identitária; identificação fraca operando em sentido idêntico mas de sinal contrário, avolumando aspectos considerados negativos no momento e contribuindo para o enfraquecimento da referida imagem identitária.

A importância do Afecto

A vida sem afecto não é nada, é como a comida sem sal, não tem graça nem sentido.

Faz-me sentir que estou viva, quando sinto amor junto de mim.

A falta de afecto torna as pessoas egoístas, individualistas e pobres de espírito.

Leva as pessoas a aceitarem os defeitos dos outros, mostrando-lhes os nossos pontos de vista sem no entanto se desrespeitarem mutuamente.

Ajuda na relação com os outros, no desenvolvimento da nossa estabilidade emocional e no incremento da paz.

Importante para que as pessoas e tudo o que as rodeia continue ligado e se ligue ainda mais.

O afecto é sinónimo de amor, carinho, etc. e isso é importante para todas as pessoas, desde a mais nova até aos mais idosos.

O ser humano só tem isso para dar desde que nasce.

Serve para superar e resolver problemas, é o melhor valor humano.

É sinal de grandeza interior.

No quadro das perguntas de identificação pessoal foi pedido aos jovens inquiridos que indicassem e justificassem se consideravam ou não o afecto importante (P20, Quadro 126). Ao analisar o conjunto das respostas o aspecto que mais se destaca é a clareza que os jovens revelam quanto à importância que atribuem ao afecto (poucos “Não sei” e não respostas) e quanto ao tipo de razões que invocam para esclarecer as respectivas posições.

Numa escala de cinco níveis, uma larga maioria afirmou considerar o afecto muito importante (77%, Quadro 131).

Quadro 131: Importância do afecto

O afecto para si é... (P20)	N	%
Muito importante	234	77,0
Importante	60	19,7
Algo importante	8	2,6
Pouco importante	2	0,7
Nada importante	0	0,0
Total	304	100,0

Categorizadas as respostas justificativas da importância do afecto, depara-se-nos um quadro que se poderá considerar surpreendente, pela estruturação que o discurso apresenta e pelos motivos indicados. O afecto é considerado um bem que poderemos designar de *existência* (tem utilidade pessoal, ajuda a viver) e de *essência* (define o humano, dá sentido à vida). (Quadro 132).

Quadro 132: Justificação da importância do afecto

Importância do afecto (P20)	N	%
Utilidade geral	89	32,4
Utilidade para o próprio	51	18,5
Utilidade no relacionamento	49	17,8
Utilidade na vida social	13	4,7
Define o ser humano	20	7,3
Dá sentido à vida	22	8,0
Outra	31	11,3
Total	275	100,0
Não considerada ²³⁵	6	2,1

Tratando-se de jovens, esperávamos que a utilidade para o próprio fosse fortemente assinalada; assim não aconteceu: a utilidade geral surge destacada em primeiro lugar (32,4%), vindo a utilidade pessoal e no relacionamento a par, com valores inferiores a 20%; com valores ainda próximos, foi referida a contribuição do afecto para a definição do ser humano e do sentido da vida (15,3%).

No que se refere às variáveis estratificadoras da amostra, apenas o sexo do respondente parece interferir na justificação da importância do afecto ($\phi = 0,28$; $p \leq 0,001$): mais referências à utilidade pessoal por parte das mulheres, enquanto os homens referem mais a utilidade no relacionamento, a importância do afecto na definição do ser humano e recorrem mais a *outra* justificação. A naturalidade não introduz nenhuma alteração no padrão global de resposta, enquanto que a escolaridade revela a tendência para serem os universitários a referirem mais a importância do afecto na

²³⁵ Nas 6 respostas não consideradas incluem-se 1 não resposta à pergunta P20, 4 respondentes que avaliaram a importância do afecto mas não deram justificação e 1 justificação “Não sei”.

definição do ser humano enquanto os inquiridos do ensino secundário preferem *outra* justificação.

Se considerarmos as respostas obtidas na identificação nacional explícita (P10), observa-se que os respondentes que privilegiaram o afecto como bem de essência (*dar sentido à vida*) apresentam um nível médio de identificação superior aos outros respondentes (3,64), enquanto que aqueles que destacam a utilidade para a vida em sociedade apresentam o nível de identificação médio mais baixo (2,92)²³⁶.

A esta dupla pergunta sobre o afecto as respostas, não sendo completamente inesperadas, dado que revelam uma avaliação positiva do afecto – implícita nos conteúdos mais atribuídos aos Portugueses e aos respondentes, nomeadamente através de *simpáticos, amigos, acolhedores* – permitem compreender melhor não só como a afectividade é relevante mas como é estruturante de um modo de estar e conceber o funcionamento do mundo. Perante o conjunto de respostas produzido pode apreciar-se o enraizamento em extensão e profundidade de dar e receber afecto para estes jovens.

Haverá ainda a salientar que não predominou a expressão de uma afectividade fantasiosa, mais comumente considerada romântica e designada como *sentimentalidade*, a qual, não será demais insistir, seria esperável sobretudo entre os estudantes do ensino secundário, mais próximos da adolescência; contrariamente, observou-se a expressão de um pensamento claro, consistente, e de um juízo avaliativo que não só enaltece o afecto, enquanto “melhor valor humano”, como lhe confere diversas funções práticas e transcendentais enquanto fundadoras do humano.

O afecto, como bem que considerámos de existência, os respondentes atribuem múltiplas funções: funções terapêuticas – *dá sentido à vida, é cura nos momentos mais difíceis*; funções instrumentais, de resistência pessoal – *ajuda-me a sustentar certas fases da vida; faz-nos sentir amados, queridos, e com coragem de enfrentar seja o que for* –, de conhecimento – *serve para o ser humano se compreender a si próprio e*

²³⁶ Os níveis médios de identificação para os respondentes incluídos nas sete categorias de resposta apresentadas no Quadro 132 foram: utilidade geral – 3,02; utilidade para o próprio – 3,26; utilidade no relacionamento – 3,14; utilidade na vida social – 2,92; define o ser humano – 3,10; dá sentido à vida – 3,64; outra – 3,03. Existem diferenças estatisticamente significativas entre estas médias, nomeadamente entre a mais alta e a mais baixa ($F = 2,00$; $p \leq 0,1$).

aos outros –, de facilitação do relacionamento humano – sem afecto o mundo tornar-se-ia algo mecânico e pouco provável de fornecer boas relações entre os indivíduos –, de resolução de problemas – sem afecto não haveria compreensão entre as pessoas e ia haver muita violência –, de interajuda – o afecto é necessário na vida que as pessoas se ajudem mutuamente e sem afecto as pessoas caem na solidão –, de união política – eu acho que sem afecto não existia harmonia em nenhum país, pois é o afecto que une as pessoas de diferentes regiões; funções lúdicas, de bem estar – dá-nos um bem estar único, sensações únicas e maravilhosas.

Para além destas, são ainda reconhecidas ao afecto funções finais ou transcendentais: funções de constituição e consolidação – *muito importante senão deixamos de ser humanos e somos fogo; é paralelo à existência humana, revela a razão de existir, motiva ao desenvolvimento humano – e funções de manutenção do humano – sem afecto seríamos desumanos; muito importante porque é como um alimento para a alma quer venha da amizade quer venha do amor, é algo divinal mas real.*

Como se referiu, o posicionamento dos inquiridos surpreendeu-nos pela maturidade revelada; a dimensão estruturante que o afecto parece configurar nas suas vidas levanta-nos algumas interrogações quanto ao futuro e à interacção representação-práticas na definição da identidade portuguesa.

Se, como se registou, os Portugueses do futuro são imaginados diferentes em grande parte por irem ser menos afectuosos, esta projectada representação antecipa duas problemáticas. Por um lado, a problemática da persistência *versus* transformação dos Portugueses Afectuosos; por outro lado, a problemática que respeitaria aos custos e benefícios de tal transformação. De imediato, poder-se-ia pensar nos problemas reais, nas dificuldades ou custos psicológicos e sociais a suportar por estas gerações para quem ser afectuoso tem alicerces e contornos tão fundamentais e até pragmáticos, como os que se acabam de assinalar. Ainda que estes jovens projectem apenas para o futuro (para outros) a desvalorização afectiva, referem-se-lhe com elementos que se revestem de alguma irreversibilidade e será nesse futuro que eles irão viver.

A perspectiva deste trabalho foi estudar a continuidade histórica da representação da identidade nacional, ficando fora dos nossos objectivos a avaliação dos conteúdos representacionais da mesma, bem como o estudo das práticas sociais dos Portugueses; não pretendemos, por isso, apresentar

propostas para alterar ou manter a imagem dos Portugueses. No entanto, os resultados a que acabámos de nos referir questionaram-nos vivamente. Em consequência, na reflexão que apresentamos a seguir, implicámo-nos, em certa medida, na avaliação do Português Afectuoso.

Síntese

Os resultados de uma breve confrontação dos inquiridos com a imagem dos Portugueses, representando-os no passado ou projectando-os no futuro próximo (daqui a trinta anos), revelam que quer num caso quer noutro os perfis se distinguem daquele que se representa no presente.

1. No passado, os Portugueses eram *Corajosos*, *Aventureiros*, *Trabalhadores*, de acordo com os itens mais frequentemente referidos, mas não seriam tão *Afectuosos*. No futuro, são concebidos como radicalmente diferentes. Apesar de *como agora* ser a afirmação mais frequente, os itens que se lhe seguem compõem uma imagem em que predominam *Egoístas*, *Desenvolvidos*, *Evoluídos*, a qual opõe claramente o económico-social ao relacional-pessoal.

2. A fundamentação de uma imagem diferente dos futuros Portugueses revelou a atribuição da mudança a causas externas, nomeadamente à inserção na Comunidade Europeia.

3. A avaliação da imagem futura dos Portugueses tende a ser mais negativa que positiva. O receio de futuras alterações estruturais na sociedade e na cultura nacional é expresso, por vezes, através de posições extremas que incluem a perda de identidade nacional.

4. O estudo da conjugação sentimento nacional-representação dos Portugueses do futuro revelou que os respondentes em que se observava sentimento nacional mais elevado projectavam uma imagem futura mais positiva, resultado que se poderá considerar interessante quanto aos mecanismos de identificação e seus efeitos cumulativos.

5. Na avaliação de características afectivas os inquiridos indicaram maioritariamente o afecto como muito importante (77%), justificando a respectiva importância através de utilidade geral mais que de utilidade pessoal e de relacionamento.

6. Para além da importância declarada, são atribuídas múltiplas funções ao afecto. Os resultados globais que se obtiveram permitem aprofundar a compreensão sobre o papel estruturante da afectividade na visão do mundo dos Portugueses, insinuando algumas interrogações quanto à sua importância no futuro, tendo em conta os resultados apurados para a representação dos Portugueses do futuro, descritos como residual e escassamente afectivos.

C. Afecto, alma e *themata* na representação dos Portugueses

Céu e inferno são destinos da alma. (...) Ter uma alma é a aventura da vida.

Toda a pessoa merece cuidar de si mesma porque na sua alma transporta as sementes do seu futuro.

Carl Jung

As análises precedentes, baseadas primeiramente no discurso erudito e em seguida no discurso popular, levam-nos a concluir que os traços afectuosos são efectivamente os menos declináveis na representação da identidade portuguesa, figurando na constituição do respectivo núcleo central. De acordo com as prerrogativas do núcleo central, em que “representação, discurso e prática” não podem ser dissociadas (Abriç, 1994b, p. 230), mesmo sem estudar as práticas sociais dos Portugueses, através da presença de características afectivas no núcleo central da representação da identidade nacional ficamos a saber algo respeitante às suas práticas sociais. Por outro lado, no que respeita aos *themata*, admite-se que estes são compostos por crenças que se situam numa posição privilegiada relativamente a outras, constituindo assim uma “regra de vida” ou um “ritual”²³⁷, o que leva a defender estreita ligação entre núcleo central e *themata*. Em consequência, poder-se-á considerar a imagem dos

²³⁷ Segundo Moscovici, o conteúdo dos *themata*, para além de ser um conteúdo virtual, no qual se ancoram conteúdos actuais, inclui crenças “qui sont concentrées, directement collectives en ce qu’elles sont placées au-dessus des autres du fait qu’on ne peut pas les mettre en question et qu’elles étayent une règle de vie ou un rituel” (Moscovici, ob. cit., p. 15).

Portugueses Afectuosos não apenas como um conteúdo cognitivo entre outros mas e sobretudo como uma crença “normativa ou extraordinária” (Moscovici, 1992a, p. 11) que se revelou persistente e que poderemos considerar como uma “ideia-força” ou *themata* da identidade portuguesa.

A análise que se segue fundamenta-se uma vez mais na teoria das representações sociais e na contribuição da Psicologia Analítica que, através da noção de *alma*, reintroduziu o estudo dos fenómenos psíquicos no domínio científico e tem vindo a revalorizar a sua importância no comportamento humano.

Retomam-se alguns aspectos do discurso erudito e popular anteriormente analisados, bem como apreciações de alguns autores à história da literatura portuguesa, com vista a evidenciar que o *paradigma da alma* poderá ter interesse para uma compreensão mais profunda do Afecto como *themata* da identidade portuguesa.

O paradigma da Alma

Nas sociedades modernas a palavra *alma* é fonte de perplexidades várias, entre um conceito arcaico e uma pressentida reactualidade. Historicamente, a alma foi não apenas uma noção conceptual mas uma realidade actuante, como o corpo físico e a componente espiritual ou intelectual. A Carl Jung se deve a sua reabilitação no século XX e reintrodução nas ciências humanas. Para Jung, a alma (*anima*) é inconsciência e consciência, constituindo uma totalidade psíquica própria e fundamento do humano.

Na concepção de Jung a alma readquire a dimensão actuante da tradição renascentista ao ser considerada como fenómeno natural: “L’âme humaine ne se trouve absolument pas en dehors de la nature. Elle est un phénomène naturel parmi d’autres, et ses problèmes ont autant d’importance que ceux posés par les énigmes de la maladie physique.” (Jung, 1963, p. 25). Thomas Moore, um dos autores que recentemente se tem consagrado ao estudo e divulgação da alma, oferece, na abordagem que faz da mesma, da sua natureza, do seu valor e percurso, um quadro

conceptual em que as características atribuídas aos Portugueses se tornam, em grande parte, material de alma ²³⁸.

1. A natureza da alma

Jung falou longamente da alma associando-a à realidade “sensível”, pulsante, e Thomas Moore relembra que a definição da alma é algo precisamente que não pertence à sua natureza – “definição é trabalho intelectual e a alma dá preferência à imaginação” –, embora intuitivamente lhe associemos autenticidade, profundidade, emoção, sentimento, e a memória de experiência particulares como “boa comida, conversa gratificante, amizades genuínas e experiências que permanecem gravadas na memória e que tocam o nosso coração” (Moore, 1997, pp. 9-10) ²³⁹.

Da natureza profunda da alma fazem parte o mistério, a multiplicidade e a instabilidade, dimensões a que o paradigma do conhecimento objectivo da matéria tem apresentado inevitável resistência ²⁴⁰. Segundo a tradição, ainda plenamente integrada na Europa do século XVI, a alma é o elemento do meio, aquele que faz a ligação entre os três grandes componentes humanos – mente (*animus* ou espírito), alma e corpo, servindo de “intermediária entre entendimento e inconsciência” e tendo como instrumento a imaginação (ob. cit., p. 11). A melhor apresentação da alma vem afinal a ser o modo como ela se revela – “através do afecto, do amor e

²³⁸ Thomas Moore fundamenta-se em autores dos séculos XV e XVI, nomeadamente Marcilio Ficino e Paracelso, que documentam a presença actuante da alma ainda durante a Idade Média e o Renascimento, e autores contemporâneos, Freud e Jung, que reintroduziram os fenómenos do mundo psíquico na explicação do mundo humano.

²³⁹ Afirmando a incapacidade do intelecto para captar a realidade “tangível”, só possível através da psique humana em que se estabelece o equilíbrio entre ideia e coisa, Jung refere-se do seguinte modo à alma: “Qu'est la *réalité sensible* sinon *réalité* en nous, un *esse in anima*? La *réalité* vivante n'est donnée exclusivement ni par le comportement réel objectif des choses, ni par la formule dont la revêt la pensée; elle ne l'est que par la communion des deux dans le processus vivant de la psyché, par l'*esse in anima*.” (Jung, 1963, p. 31).

²⁴⁰ Para o autor, o nosso actual modo de conhecer, em certa medida apolíneo, que escolheu a objectividade como critério de verdade, levando a que a complexidade e a pluralidade de sentidos sejam afastados, conduz à exclusão da alma, já que esta se “manifesta sempre através do mistério e da multiplicidade”. Moore refere-se à instituição escolar como “metáfora de todas as nossas tentativas para conhecer”, cuja actividade “decorre numa espécie de torre de marfim apolínea e superior”, e em que a preservação apolínea da objectividade científica constitui uma *perda de alma*, uma perda de “sagrado”; afinal uma diminuição de conhecimento real, porque “se penetrarmos o suficiente em alguma coisa deparar-nos-emos ou com o sagrado ou com o demoníaco” (ob. cit., pp. 306-13).

da solidariedade, assim como na opção pelo recolhimento em nome da contemplação interior e da intimidade” (ob. cit., p. 10).

2. *Anima e animus*

Se a *anima* não se confunde com o corpo por não ser considerada uma entidade de natureza física, as suas manifestações confundem-se em parte, com as manifestações do *animus* enquanto actividade intelectual ou *espírito*.

Caracterizados elementarmente e em contraste, à alma corresponde a compreensão e ao espírito o conhecimento, sendo oposta a sua orientação. A alma vive “virada para dentro”, o espírito “dirigido para o exterior”; a alma aceitando a “incerteza”, a “dúvida”, vivendo e alimentando-se de apego, de ligações, o espírito querendo “provas”, “certezas” e facilmente se desapegando, perseguindo “ambições elevadas” (ob. cit., pp. 251-253).

Características da alma e características dos Portugueses

Na dimensão contrastante alma-espírito, as características atribuídas aos Portugueses relevam de um e de outro pólo, embora acentuadamente mais próximas da *anima*. No quadro que se segue (Quadro 133) ilustra-se esta proximidade através de afirmações de autores do nosso *corpus* e de respostas de jovens inquiridos enquadradas pela caracterização de Thomas Moore (Moore, 1997).

Quadro 133: *Anima, Animus e características dos Portugueses*

<i>Anima e Animus</i>	Características dos Portugueses
<p style="text-align: center;">Características de <i>anima</i></p> <p>“A alma, constantemente virada para dentro, busca a contemplação e a experiência mais imaterial e mais misteriosa do mundo inferior.” (ob. cit., p. 251).</p> <p>“(…) anseia por reflexão profunda, por muitos níveis de sentido, cambiantes infinitos, referências e alusões e prefigurações.” (ob. cit., p. 253).</p> <p>“(…) está mais interessada em aspectos particulares do que em generalidades (…) proporciona um forte sentido de individualidade.” (ob. cit., p. 255).</p> <p>“O pensamento da alma encontra as suas raízes de um modo diferente. Agrada-lhe a persuasão, a subtilidade de análise, uma lógica interna e a elegância. Gosta do género de discussão que nunca é dada por concluída, que termina com o desejo de prolongar o diálogo ou a leitura.” (ob. cit., p. 263).</p>	<p>“[Português] Tudo para ele deve irradiar de um certo fundo hierárquico, tudo a continuar, pré-estabelecido, bem mantido. A nossa gente, mesmo a mais tonalizada, gasta o seu espírito a apalpar terreno, a farejar atmosferas. (...) palaciana alma, simultaneamente amaneirada e exibicionista, frívola e cerrada, sectária, iliberal” (ANT, p. 19).</p> <p style="text-align: right;">Irene Lisboa</p> <p>“O que os Portugueses não são é determinados, coerentes.”</p> <p style="text-align: right;">Jovem inquirido</p> <p>“[Portugueses:] Sentido das cambiantes e das sombras. (...) Teimosia surda, <i>aquosa</i>. Plasticidade.” (ANT, p. 42).</p> <p style="text-align: right;">Francisco da Cunha Leão</p>
<p style="text-align: center;">Características de <i>animus</i></p> <p>“O intelecto, cujo olhar está dirigido para o exterior, deseja ser iluminado e sentir o prazer de um entusiasmo intenso (...) deseja um significado sumário – muito adequado à natureza pragmática do espírito.” (op. cit., p. 251).</p> <p>“É frequente o intelecto exigir provas de que se encontra em terra firme.” (ob. cit., p. 263).</p>	<p>“O português, mesmo o <i>snob</i>, é interesseirão e prático (...) Dá-se, porventura a manifestações desinteressadas do espírito? Lança, galharda, nobremente, laços de pura convivência mental; aquilata o seu semelhante por simples valores morais ou intelectuais, ou sequer profissionais? Não.” (ANT, p. 19).</p> <p style="text-align: right;">Irene Lisboa</p> <p>“O que os Portugueses não são é firmes na sua vontade.”</p> <p style="text-align: right;">Jovem inquirido</p>

Como se pode observar, embora venham a convergir na caracterização dos Portugueses atribuindo-lhes traços da alma, Francisco da Cunha Leão e Irene Lisboa divergem na respectiva valorização. Para Leão, a “teimosia surda” dos Portugueses é positiva porque é entretecida de plasticidade, enquanto que, e em oposição, a teimosia dos Castelhanos é “aberta” e “obstinada”; para Irene Lisboa, a ausência ou pouco peso de elementos do

espírito e predomínio de elementos de alma apresenta-se como um defeito nacional ²⁴¹.

Nas características atribuídas aos Portugueses, o predomínio da alma torna-se mais notório se atentarmos nas características específicas desta. A alma é considerada fundamentalmente como contraditória, plural, instável ²⁴². Entre os temas comuns à alma, observa-se uma estreita interligação entre imaginação, beleza, individualidade, sociabilidade e amor do passado. Relativamente à natureza contraditória dos Portugueses, a imaginação ²⁴³, a individualidade e a afabilidade foram dos traços mais salientes encontrados na análise ao discurso erudito, sendo igualmente acentuados pelos jovens estudantes (Quadro 134).

²⁴¹ Noutra passagem da obra que tomámos como referência e a propósito da oposição que pode chegar a ser perigosa entre alma e espírito, Thomas Moore refere: “O espírito tende a dispersar-se pela ambição, fanatismo, fundamentalismo e perfeccionismo. A alma torna-se prisioneira dos seus humores poderosos, relações impossíveis e preocupações obsessivas.” (ob. cit., p. 276). Nestes aspectos de dissociação do par anima-animus ecoam alguns dos defeitos da *hombridade* (“soberba”, “intolerância fanática”) e da *plasticidade amável* (“exacerbação anárquica do eu”) que Cortesão afirmavam se encontrarem em certas épocas agudizados nas atitudes e comportamentos dos Portugueses (ver Capítulo 4).

²⁴² A caracterização dos Portugueses de Marcello Duarte Mathias, a seguir citada (Quadro 134), oferece-nos um exemplo claro da proximidade das características nacionais com a natureza contraditória e instável da alma, de cujo poder Moore alerta: “O poder da alma pode levar uma pessoa ao êxtase ou à depressão. Pode ser criativo ou destrutivo, doce ou agressivo.” (ob. cit., p. 147).

²⁴³ Enquanto revíamos pela última vez este texto, folheámos uma obra acabada de editar em Portugal que mostra como a *imaginação*, nas suas diferentes acepções – ser “engenhocas”, criativo, manhoso, desenrascado, improvisador... –, está interiorizada como característica portuguesa. Para traduzir um conceito novo – “kludges” – presente na referida obra, Álvaro Augusto Fernandes socorre-se da improvisação atribuída aos Portugueses: “Um *kludge* é um amontoado de mecanismos, de dispositivos e de soluções improvisadas que acabam por funcionar, desenrascando-se à boa maneira portuguesa.” (Brockman, 1998, p. 133).

Quadro 134: *Alma e características dos Portugueses*

Características específicas da Alma	Características dos Portugueses
<p>“A alma é sempre, seja qual for o contexto em que se encontre, humilde, banal, familiar e comunitária, sentida, íntima, afectiva, empenhada, envolvida, afecta, contemplativa, agitada e poética.” (ob. cit., p. 306)</p>	<p>“O Português é, sobretudo, profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso” (ANT, p. 32). Jorge Dias</p> <p>“Gente diferente – coração nas mãos.” Jovem inquirido</p> <p>“O português é o homem mais sociável do mundo. (...) E por cima de tudo, a coroar estes sentimentos, uma grande simpatia humana.” (ANT, p. 22) Aquilino Ribeiro</p> <p>“O Português tem vivo sentimento da natureza e um fundo poético e contemplativo estático.” (ANT, p. 32) Jorge Dias</p> <p>“[O Português] Na eterna encruzilhada entre o anjo e o demónio, o desassossego e a contemplação.” (ANT, p. 45) Marcello Duarte Mathias</p>
<p>“(…) inteligência penetrante, sensibilidade para a vida simbólica e metafórica, comunidade genuína e ligação ao mundo.” (ob. cit., p. 247).</p>	<p>“A imaginação sonhadora, a antipatia pela limitação que a razão impõe e a crença milagreira levam-no com frequência a situações perigosas, de que se salva pela invulgar capacidade de improvisação de que é dotado.” (ANT, p. 33) Jorge Dias</p> <p>“[Considero-me Português porque] Gosto de improvisar.” Jovem inquirido</p> <p>“O português, no seu fundo psíquico, define-se com razoável aproximação, por três característicos: (1) o predomínio da imaginação sobre a inteligência; (2) o predomínio da emoção sobre a paixão; (3) a adaptabilidade instintiva.” (ANT, p. 13) Fernando Pessoa</p>

Para além destes aspectos em certa medida comuns à descrição da alma e dos Portugueses, o tema da beleza e amor do passado encontra na auto-descrição de José Rodrigues Miguéis uma aplicação exemplar.

A alma, segundo Thomas Moore, “ama o passado e não se limita a aprender com as lições da História, alimenta-se das histórias e dos vestígios do que já não é (...) está mais interessada em aspectos particulares do que em generalidades (...) proporciona um forte sentido de individualidade – destino pessoal, influências particulares e passado, bem como histórias singulares” (ob. cit., pp. 255 e 290). Em Miguéis, no retrato de si como Português, reencontra-se bem explícita e encantatoriamente exposta a ligação e amor do passado, da sua absorção, contemplação, e dos múltiplos vestígios que constituem o mundo do autor “anedotas”, “conchas”, “pedrinhas”, “pedacinhos de osso”²⁴⁴, “regras de sintaxe”), de tudo aquilo que foi, já não é e originou histórias singulares de que vive um “usufrutuário contemplativo”:

“Assim sou eu, amigo: irracional, contraditório, confuso, medular, humoral como soíamos dizer noutra tempo. É para onde me dá.

(...) Que fiz eu quando a riqueza me bafejou passageiramente? Edifiquei palácios, torres e jardins para meu regalo e gozo; ou sonhei construí-los.

Fiquei estruturalmente colecionador: de charadas, anedotas, conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos, móveis e louças, propriedades, nomes de família, regras de sintaxe, livros, noções alheias sobretudo. Mas o colecionador raras vezes é o criador, ou mesmo o *connaisseur*. (Os meus tombos e arquivos são exemplos da minha incúria ou desordem.) Videirinho, topa-a-tudo, às vezes troca-tintas, traficante, piadista, empírico e superficial, falador gesticulante, comentador dogmático de quanto vejo (ou não vejo, ou vejo mal) querendo abranger tudo, saber de tudo, falar de tudo, – traço que me ficou talvez de ter andado pelo mundo aos paus e às catanadas, a querer tragar mais do que podia, pela força, a astúcia e a pregação – tornei-me hoje sobretudo usufrutuário contemplativo.” (ANT, pp. 51-2).

A importância da alma e o valor do afecto na identidade portuguesa

Se a caracterização de D. Francisco Manuel de Melo se pudesse inscrever nas características da alma talvez se pudessem reinterpretar os seus Portugueses Amorosos como *Amorosos de Alma*.

Na verdade estamos convencidos de que não será incorrecto tal pensamento.

²⁴⁴ E com “conchas, pedrinhas e pedacinhos de osso” Miguéis estará simultaneamente a homenagear Camilo Pessanha e o seu famoso poema *Vénus*.

Recorrendo ao discurso erudito e popular e a algumas referências a comportamentos antigos e actuais dos Portugueses registados em obras da literatura nacional, procura-se em seguida fundamentar a nossa convicção de que as características da alma persistem na imagem dos Portugueses desde a definição de D. Francisco Manuel de Melo.

A caracterização por contraste, de alma e espírito, não significa que apenas a dimensão alma seja preconizada nas atitudes e comportamentos humanos.

Dissociados um do outro, o excesso de alma ou o excesso de espírito constituem um desequilíbrio para a vida interior e para a actividade humana em geral. Jung acentuava a importância da *união mística* para a fundamental individuação humana, e diversos autores depois dele referem-se à necessidade de uma estreita ligação alma-espírito num percurso de “construção da própria alma” em que a participação da vontade é decisiva²⁴⁵. Entre estes destaca-se Thomas Moore, que advoga a necessidade redobrada de uma complementar vivência alma-espírito neste final de milénio²⁴⁶.

No caso da representação social dos Portugueses encontram-se referidas a “união dos contrários”, expressão também empregue para falar

²⁴⁵ Referindo-se a Jung, Moore escreve: “Jung sempre defendeu que a *anima* [alma] e o *animus* [espírito ou intelecto] são ambos capazes de realizar uma união mística, o *hieros gamos*, a união divina. Não se trata, porém, de um casamento fácil. O espírito tende a dispersar-se pela ambição, fanatismo, fundamentalismo e perfeccionismo. A alma torna-se prisioneira dos seus humores poderosos, relações impossíveis e preocupações obsessivas. Para que a união aconteça, cada um de nós deve aprender a valorizar o outro e a deixar-se afectar pelo outro - as ambições elevadas do espírito moderadas pelas limitações humildes da alma, inconsciência da alma agitada pelas ideias e pela imaginação. O movimento que conduz a esta união é algo que deverá ser ensaiado, trabalhado e viajado. É esta, precisamente, a noção de construção da alma, descrito por Keats e recomendado por Hillman.” (Moore, 1997, p. 276). Entre nós, Raul Brandão faz-nos ver de forma nítida o processo de construção e despojamento da alma: “Uma alma é preciso criá-la, e quando está criada – deixá-la. Tanta luta, tanta dúvida, perguntas ansiosas, respostas que nos deixam perplexos, necessidades de recalcar os instintos, e quando, enfim, a gente tem, à custa de dor, construído um universo que não existe e criado uma alma que não tinha, está cansada, velha, exausta, e é forçoso deixá-la!” (Brandão, 1995, p. 34).

²⁴⁶ Escreveu este autor: “A alma necessita de espírito, mas a nossa espiritualidade necessita igualmente de alma (...) A história do nosso século tem revelado a inclinação da espiritualidade neurótica para a psicose e a violência. A espiritualidade é poderosa, evidenciando por isso um potencial para o mal e para o bem” (ob. cit., pp. 227 e 247). A espiritualidade a que o autor se refere decorre dos atributos do *animus* e não à espiritualidade especificamente religiosa como o próprio tem o cuidado de precisar; trata-se de uma abstracção dos pormenores concretos da vida e neste sentido a “matemática” é uma actividade espiritual (ob. cit., p. 250).

da união mística, considerando a cultura portuguesa como portadora de conteúdos iniciáticos. Em seguida e a esta luz recapitulamos algumas das posições anteriormente mencionadas.

Do superior valor da união alma-espírito, Jaime Cortesão e Fernando Pessoa dão notícia nas referências à identidade portuguesa. Cortesão, que representa o Português com elementos de alma e de espírito – a força *telúrica* e a força *vagamunda* (Capítulo 4), como vimos –, afirma que em certos períodos estas duas forças se fundem, tal como aconteceu na época dos Descobrimentos, e fazem florescer aquilo a que chamou a *união de contrários*, matriz profunda da índole portuguesa, retratada no seu melhor pelo autor como *plasticidade amorável*. Fernando Pessoa, relativamente ao mesmo tempo histórico, fala das transformações havidas nos seus “três característicos” nacionais e, de uma forma particular, no par *imaginação-inteligência* (Capítulo 4, Quadro 13). Este autor será mesmo aquele que melhor nos informa sobre a presença simultânea de elementos de alma (imaginação) e elementos de espírito (inteligência), sem deixar de indicar certa supremacia da alma. Recorde-se que Pessoa referia, sobre o característico o “predomínio da imaginação sobre a inteligência”, que, no processo então vivido (Descobrimentos), a estreita união deste par teve não só resultados especiais em si, como se estendeu e influiu nos restantes, originando “uma nova qualidade mental”. Qualidade mental que poderíamos considerar como necessária à já referida construção da alma, e que leva o autor a descrever os Portugueses desse tipo (imperial) de um modo que será difícil não classificar como iniciático – transmutados numa “nova espécie de mentalidade” que da “habilidade” absoluta para o fazer se transforma na de ser²⁴⁷:

“O português do tipo imperial absorve a inteligência com a imaginação; a imaginação é tão forte que, por assim dizer, integra a inteligência em si, formando uma espécie de nova qualidade mental. Daí os Descobrimentos que são um emprego intelectual, até prático, da imaginação. (...) E esta nova espécie de mentalidade influiu nas outras duas qualidades mentais do português: por influência dela a adaptabilidade torna-se activa, em vez de passiva, e o que era habilidade para fazer tudo torna-se habilidade para ser tudo...” (ANT, p. 13).

²⁴⁷ Igualmente nesta linha se insere outra sua afirmação já referida sobre a supremacia civilizacional dos Portugueses dado serem aceitadores de tudo (ver nota 223).

Outros autores, também referidos no Capítulo 4, optam sistematicamente por uma definição dos Portugueses com conteúdos interligados de alma-espírito, nomeadamente Jorge Dias, com o Português “misto de sonhador e homem de acção” e Agostinho da Silva, com “povo realista (...) ainda na teimosia de que o sonho se torne verdadeiro”, embora quer um quer outro deleguem no afectivo o fundamental da representação dos Portugueses, respectivamente o *coração como medida* e o *amor irrestrito*.

No que respeita à convivência de características de alma, lado a lado com elementos do espírito, o perfil do Português (Gonçalo Ramires) delineado por Eça de Queirós, e que atrás se apresentou (Capítulo 5), é verdadeiramente exemplar. Lembremos alguns elementos do mesmo: *imaginação, exagero até à mentira com espírito prático, sempre atento à realidade útil; um dia se decide, e aparece um herói que tudo arrasa e a desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe*.

Os jovens inquiridos corroboraram, por diversas vezes, aspectos desta imagem contraditória quer dos Portugueses quer de si próprios, como as duas descrições seguintes exemplarmente ilustram:

[Portugueses] *Orgulhosos, trabalhadores, teimosos, materialistas, sonhadores, alegres.*

[Eu] *Sonhadora, sensível, sentimental, racional, contraditória.*

No modo como Moore se refere à influência da alma na personalidade, tornando-a “emocionalmente rica (...) complicada, multifacetada e moldada, quer pela dor e pelo prazer, quer pelo sucesso e insucesso”(ob. cit., p. 15), reencontramos o perfil de Gonçalo Ramires, escutamos uma das conhecidas sínteses de Fernando Pessoa – “o bom português é várias pessoas” (Pessoa, [s.d.], p. 94) – e podemos igualmente incluir descrições consonantes dos jovens sobre os Portugueses e sobre si próprios:

[Portugueses] *Amigos, instáveis, curiosos, afectuosos, estranhos, complexos.*

[Portugueses] *Inteligentes, atrasados no tempo, pouco desenvolvidos no mundo exterior, capazes de fazerem o que querem, simpáticos.*

[Portugueses] *Aventureiros, honestos, responsáveis, apaixonados.*

[Eu] *Carinhosa, despistada, preguiçosa, esperta, bem portuguesa.*

Thomas Moore fala actualmente de uma *ecologia da alma* ao referir-se à urgência de encontrar novos valores e comportamentos que reequilibrem o padrão de valores que tem protagonizado a marcha das sociedades modernas. Do valor atribuído no passado às características da alma enquanto afecto, o discurso erudito português é sobremaneira claro em D. Francisco Manuel de Melo e Eça de Queirós, sendo reafirmado em diversos autores do *corpus* analisado e, de uma forma veemente, no discurso dos jovens inquiridos ao reflectirem sobre a imagem dos Portugueses na próxima geração.

Segundo Moore, o valor da alma manifesta-se na capacidade de proporcionar autêntica satisfação: “desprovidos de alma, o que quer que encontremos não nos trará satisfação, pois aquilo a que aspiramos verdadeiramente é à alma que habita cada uma dessas áreas (Moore, 1997, pp 27 e 15) ²⁴⁸. A alma é afecto, é amor, no sentido amplo em que o amor era definido no passado, é guardiã da vida ²⁴⁹. Ser afectuoso é ser humano porque implica a capacidade de relacionamento, sendo por isso um “índice de alma”, e que, ao levar à criação de sentimentos de parentesco, e à pertença a uma comunidade, permite à alma fluir para a vida, como que libertando-se de si própria e devolvendo a pessoa à sua humanidade (ob. cit., pp. 112-3) ²⁵⁰.

Em D. Francisco Manuel de Melo, através da definição da *saudade* como “generosa paixão (...) que lhes toca mais aos Portugueses, que a outra nação do mundo” (Melo, 1977, p. 289), pode ver-se a saudade-amor fundamentada na essência do humano, em virtude da qualidade de entendimento que, como seres “racionais”, é próprio dos humanos:

²⁴⁸ Torna-se quase irrecusável lembrar o provérbio português “Quem corre por gosto não cansa”.

²⁴⁹ Expressão devida a Ficino e que Moore recorda de uma das suas cartas: “‘O único guardião da vida é o amor, mas para que sejamos amados temos de amar’.” (ob. cit., p. 112).

²⁵⁰ Sobre a importância do afectuoso escreve, noutra passagem, Thomas Moore: “Habitualmente não interpretamos a capacidade de ser afectuoso como uma força e como a acção de um músculo poderoso; no entanto, para a alma, tal como para a flor, este é o mais duro dos seus trabalhos e a função primordial que desempenha nas nossas vidas.” (ob. cit., pp. 264 e 296). Ao socorrer-se de músculo e flor, o autor está a seguir Rainer Maria Rilke, servindo-se da definição de paixão deste: “A palavra *paixão* significa em termos gerais ‘ser afectado’, e a paixão é a energia essencial da alma.” (ob. cit., p. 296). Rilke, que Moore recorda, descreve este poder passivo através da imagística da estrutura da flor, designando-a por um “músculo de infinita recepção”.

“diremos que ela [saudade] é, um suave fumo do fogo do Amor, (...) parte do natural apetite da união de todas as coisas amáveis, e semelhantes; (...) Compete por esta causa aos racionais, pela mais nobre porção, que há em nós;” (ob. cit., p.291).

Da alma enquanto *bondade*, ou capacidade de amar e ser amado, objectivada na “franqueza” e “doçura” de Gonçalo a quem “todos amam”, Eça sugere-nos tratar-se de uma lei maior, ainda que não completamente triunfante (“anda nas almas; anda já em muitas almas”).

Mais recentemente Fernando Pessoa data de António Nobre o lado mais amante e elevadamente “divino” da alma na definição dos Portugueses que não parou de se aprofundar:

“De António Nobre partem todas as palavras com sentido lusitano que de então para cá têm sido pronunciadas. Têm subido a um sentido mais alto e divino do que ele balbuciou. Mas ele foi o primeiro a pôr em europeu este sentimento português das almas e das coisas, que tem pena de que umas não sejam corpos, para lhes poder fazer festas, e de que outras não sejam gente para poder falar com elas. (...) Quando ele nasceu, nascemos todos nós.” (Pessoa, 1915).

Raul Brandão é talvez dos mais vivos testemunhos de uma continuação convicta e profunda do referido sentido lusitano:

“Se tivesse de recomeçar a vida, recomeçava-a com os mesmos erros e paixões. Não me arrependo, nunca me arrependi. Perdia outras tantas horas diante do que é eterno, embebido ainda neste sonho puído. Não me habituo: não posso ver uma árvore sem espanto, e acabo desconhecendo a vida e titubeando como comecei. Ignoro tudo, acho tudo esplêndido, até as coisas vulgares: extraio ternura de uma pedra. Não sei – nem me importo – se creio na imortalidade da alma, mas no fundo do meu ser agradeço a Deus ter-me deixado assistir um momento a este espectáculo desabalado da vida. Isso me basta. Isso me enche: levo-o para a cova, para remoer durante séculos e séculos, até o juízo final.” (Brandão, 1995, p. 9).

Considerando a história da literatura nacional, os Portugueses surgem primeiramente como *líricos* dado ser esta a sua maior produção literária, e, enquanto líricos, como poetas do amor, tal como recordava Jacinto do Prado Coelho:

“Se tivermos em conta os autores que mais detidamente enunciaram as características da literatura portuguesa (...) é forçoso reconhecer que o mais abundante caudal desta literatura [lírica], de fins do século XII aos nossos dias, tem sido o da poesia lírica - poesia amorosa, terna ou apaixonada, obsessiva, nostálgica.

Em parte por esta feição literária, comum à Galiza e a Portugal, e ainda porventura porque a mesma índole se manifestava no plano da vida quotidiana, nos séculos XVI e XVII Galegos e Portugueses tinham fama, na Península, de sentimentais e muito atreitos ao amor – fama que, por seu turno, havia de projectar-se na literatura. Nem valeria a pena citar os textos abonatórios já aduzidos por Teófilo Braga, a começar por Gil Vicente, em cujas *Cortes de Júpiter Marte*, ao elogiar os Portugueses, diz que ‘são extremo nos amores’” (Coelho, 1992, pp. 39-40)

Como poetas do amor e apesar das referências a uma *religião do Amor* em Portugal e da feição mística do *amor à portuguesa*²⁵¹, é sublinhado por diversos autores que o aspecto humano, terrestre, nunca desaparece, e que a religiosidade portuguesa continua humanizada, ou paganizada.

Sobre a saudade e a religião do amor dominando desde muito cedo a literatura portuguesa escreveu António José Saraiva:

“É impossível que [a saudade] se trate de um sentimento exclusivamente português; mas é certo que tem na nossa língua e na nossa literatura uma presença saliente e quase obsessiva. (...) Encontra-se [a palavra *soidade*] nos cancioneros dos séculos XIII e XIV (...) A saudade está ligada ao apego que se criou aos sítios, aos tempos e às pessoas que ficaram distantes. E é muito característico do amor à portuguesa, que parece comprazer-se na distanciação. O amor é um tema extraordinariamente obsessivo na literatura portuguesa, desde os primeiros cancioneros, prossequindo quase sem descontinuidade até aos nossos dias (...) É um dos principais temas da poesia popular. (...) O sentimentalismo amoroso à portuguesa impressionou os nossos vizinhos castelhanos e deu lugar a este epigrama de Lope de Vega:

*A un portugués que lloraba
preguntaron la ocasión.
Respondió que el corazon
y que namorado estaba.
Por minorar su dolor,
le preguntaron de quién?
Respondió: - Pues de ningún
lloro de puro amor.”*

É um sentimento em que certa sensualidade insatisfeita e uma certa espiritualidade impura se temperam mutuamente, e que é mais que mera sexualidade. Falou-se de uma ‘religião do amor em Portugal’ e pode dizer-se que ele é entre nós quase uma

²⁵¹ Sobre o *amor à portuguesa* reflectiu Jacinto do Prado Coelho do seguinte modo: “Entretanto, se virmos bem o ‘modo português de amar’ que se manifesta em literatura comporta variadíssimos cambiantes, desde o longo sofrer do amor infeliz, resignado, inquebrantável, até às alegrias brandas do amor correspondido, pré-nupcial. Celebrizou-se a quadra popular onde palpita a ânsia de absoluto no amor: ‘Chamaste-me tua vida, / Eu tua alma quero ser. / A vida acaba com a morte. / A alma não pode morrer’” (Coelho, 1992, p. 42).

forma de misticismo, e de um misticismo que não logra despegar-se inteiramente da carne” (Saraiva, 1994, pp. 83-5).

Entre outros, e tal como Prado Coelho, António José Saraiva entendia que o aspecto místico e pagão da afectividade portuguesa chegara até aos nossos dias ²⁵², indicando alguns exemplos ainda actuais desta concepção místico-pagã ou místico-carnal, como o tratamento “jovial” dado a Santo António ²⁵³, o culto generalizado da Virgem, cujo testemunho mais recente, bem ilustrativo das bases em que tem assentado a cultura portuguesa, será a “peregrinação a Fátima” (Saraiva, 1994) ²⁵⁴.

Na poesia portuguesa da actualidade algumas passagens de poemas de Manuel Alegre podem ilustrar os *Amorosos da Alma* a que atrás nos referíamos. Define-se neles o amar como fundamento da identidade nacional, nomeia-se a sua componente mística ou absoluta de “amor sem mas nem talvez”, de “amor do amor”, em que o corpo físico não é esquecido porque se torna seu habitáculo:

Já fomos Europa
 Europa por sobre o mar.
 Nosso fado é vento à popa
Nosso verbo, o verbo amar.
 (...)

²⁵² Fernando Pessoa, sintético como é seu timbre e inspirado de um modo diferente, como se revelou em Alberto Caeiro, canta este misticismo que é, afinal, também do corpo, e esta espiritualidade que é imperfeita: “Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o / Sou místico, mas só com o corpo. / A minha alma é simples e não pensa. / O meu misticismo é não querer saber. / É viver e não pensar nisso.” (Pessoa, 1985, p. 43-4).

²⁵³ Ao falar de Santo António, num livro que lhe é inteiramente dedicado, Agustina Bessa-Luís não hesita em afirmar que Santo António não é um místico mas sim um afectivo, defendendo que os melhores méritos do Santo têm origem na cultura portuguesa deste (Bessa-Luís, 1993, pp. 51, 99 e 191).

²⁵⁴ Afirmando que os Portugueses não são menos católicos que os Espanhóis, escreve Saraiva: “Mas são-no de outra maneira, que alguns consideram mais pagã. É uma relação mais veemente com o sagrado, um sentimento mais difuso e menos problemático, mais misturado com a terra dos vivos e dos mortos. Veja-se esse jovial Santo António, com o menino ao colo, achador de objectos perdidos, protector de raparigas namoradas. E de uma maneira geral o culto dos santos populares: ‘São João foi tomar banho / com vinte e cinco donzelas; / as donzelas caem n’água, / São João caiu com elas’ (Cantiga popular do Brasil) (...) A expressão mais geral e evidente desta forma de religiosidade é o culto da Virgem. É um culto que se espalhou nos países católicos e que tem sem dúvida raízes psicanalíticas. Mas talvez em nenhum outro se espalhasse tanto como em Portugal como o mostra o onomástico. (...) A prova mais flagrante desta religiosidade é a peregrinação a Fátima, a última das grandes peregrinações da cristandade ocidental, ainda bem viva” (Saraiva, ob. cit., pp. 87-8).

Amor sem mas nem talvez

Que não tem cor nem tem raça;
É este amor português
Que fica por onde passa.²⁵⁵

Amor do amor Amor de Perdição

E quanto mais se perde mais conquista
O Fado é sempre um sim é sempre um não
Em cada Português há um Fadista.²⁵⁶

Cativo mas tu só libertador

fosse princesa ou puta ou fosse escrava
que para ti somente amor bastava.²⁵⁷

Por último, se na análise da literatura portuguesa considerarmos não só representações sociais mas também costumes e normas sociais e referências míticas, torna-se ainda mais claro o lugar privilegiado que o afectivo-relacional, terrestre e místico tem tido na cultura portuguesa.

No que se refere à antiguidade da sobrevalorização de conteúdos afectivos não só nas representações identitárias mas também em costumes e normas sociais, António José Saraiva relembra que, se a brandura é “tópico literário” desde o século XVI (presente já em Fernão Lopes e na sua ‘maviosidade’ típica dos Portugueses), o teor de certas normas colectivas, em que a docilidade de costumes se manifesta, não o contradiz: abolição (pioneira) da pena de morte e outras práticas de direito penal²⁵⁸, a “miscigenação”, “certa promiscuidade entre o Eu e o Outro”, “ausência de

²⁵⁵ Poema *Fado de Aquém e de Além*. O sublinhado (**negrito**) é nosso.

²⁵⁶ Poema *Em cada Português há sempre um Fado*.

²⁵⁷ Poema *Amor somente (a Luís de Camões)*.

²⁵⁸ Dando como exemplo do Direito Penal medieval o enterramento enterrar do assassino vivo debaixo do cadáver do assassinado: “Ora esta pena encontra-se nos forais de Atouguia da Baleia e da Lourinhã, que foram concedidos a populações de Francos e de Flamengos, que vieram a Portugal com os cruzados e aqui se fixaram, forais que reproduzem ‘costumes’ desses povos. Esta pena falta nos outros forais portugueses, que se limitam à morte por enforcamento em certos casos graves.” (Saraiva, 1994, p. 100). Dos nossos dias, salienta o comportamento que caracterizou a revolução de Abril, um tipo de acontecimento habitualmente violento: “Foi uma romaria pacífica a que só faltou o santo; as flores davam-lhe um ar campestre e festivo; quase não se ouviam palavras de ódio e agressão contra os vencidos (...) Foi um dos mais irrecusáveis exemplos do comportamento do povo português.” (ob. cit., p. 101).

sentimento de superioridade”²⁵⁹, bem como comportamentos de natureza económica e fundiária²⁶⁰, e, como tema de fundo, a saudade moldando a personalidade dos Portugueses e evidenciando a interacção de entre conteúdos representacionais e práticas sociais²⁶¹. Também Jacinto Prado Coelho insiste que a problemática da saudade, como sentimento matizadamente português e como tentativa filosófica de uma particular visão do mundo (à qual se pode “não aderir”, como diz, mas que não deixa por isso de ser um significativo elemento da cultura portuguesa)²⁶² vem de longa data e persiste na actualidade.

Na análise aos conteúdos míticos, em diversos estudos se indicam particularidades das lendas e mitos portugueses em que o afectivo e as características da alma ressaltam valorizadas. Trata-se em geral de um enobrecimento do feminino na figuração multiforme da Grande Mãe ou Mulher Primordial e da encarnação divino-humana na Criança como estádio mais propício às metamorfoses e iniciações que a encarnação divina exige. Neste contexto, a Dona Marinha, mulher selvagem vinda do mar, mito fundador de origem uma antiga família da pequena nobreza

²⁵⁹ O autor apresenta como exemplo o escândalo dos Ingleses no século XIX não pela relação carnal mas “porque os portugueses as tratavam como esposas, legitimavam os filhos delas e os baptizavam. Isso é que era intolerável, porque era a transgressão de uma regra cultural na relação entre a raça branca e a raça negra.” (Saraiva, ob. cit., p. 97).

²⁶⁰ “O flamengo Cleonardo, na primeira metade do século XVI, já notava com escândalo o espírito de dissipação dos escudeiros de Lisboa, e o português Tomé Pinheiro da Veiga, um século depois, satiriza o pequeno lavrador que passava privações para comprar uma vinha ou um olival que deixava em herança. É esta outra feição pela qual nos afastamos das sociedades propriamente ocidentais.” (Saraiva, ob. cit. p. 96).

²⁶¹ Sobre a saudade escreve este autor: “Do ponto de vista da actividade, [a saudade] é um acelerador combinado com um travão simultâneo, se é possível usar imagens mecânicas em matéria de tanta subtilidade qualitativa. De qualquer forma, é um sentimento complexo, mesclado, doce-amargo, pouco propício à acção, e não deve ter contribuído pouco para que a personalidade portuguesa apareça a observadores estrangeiros como desnorteante e paradoxal.” (Saraiva, ob. cit., p. 84).

²⁶² “Nas últimas décadas congeminou-se bastante sobre a saudade, quer em Portugal quer na Galiza: proclamou-se a existência duma *Weltanschauung* peculiarmente portuguesa, ou luso-galaico, condição para um pensamento de alcance universal cujas raízes estariam mergulhadas na experiência concreta da saudade, logo vivência da solidão radical do Homem e duma indefinida inquietude. Assim o admitiu Joaquim de Carvalho, assim o pretenderam Álvaro Ribeiro, Ramon Piñeiro e outros. Podemos não aderir a esta concepção, mas é sem dúvida, um elemento significativo para a definição da cultura portuguesa.” (Coelho, 1992, p. 45).

portuguesa, já foi considerada sonho e projecto nacional (Cardigos, 1991)²⁶³.

Como substracto a esta persistência encontram-se gestos, ritos, e sobretudo e uma vez mais a linguagem falada, quer como tradição oral quer como memória escrita. Através da estruturação e características da própria língua portuguesa alguns autores concluem pela relevância do afectivo. Entre outros, Jaime Cortesão destacou a língua portuguesa como veículo e instrumento de um modo afectivo de conceber o mundo e estar nele, instrumento talhado em terra mas afeiçoado pelo mar, trabalhado nestes vários séculos de vida historicamente em comum e que a tornaram uma língua “repassada de ternura”:

“A primeira, a mais espontânea e anónima das criações literárias do português e na qual desde logo aquelas duas tendências [“telúrica” e “vagamunda”] se casam à maravilha, é a sua própria língua, considerada na sua prosódia e idiotismos.

Língua de navegantes, em vez das cinco vogais claras e batidas dos castelhanos, que soam como castanholas nos revolteios sacudidos da *jota* (...) traduz, melhor que nenhuma outra das criações populares ou cultas, a diferenciação, longamente operada pelo *habitat* e a história, entre Portugueses e Castelhanos.

Língua lírica, franciscana, repassada de ternura e de piedade, nenhuma outra é mais rica de diminutivos carinhosos (...) profundamente moldada pelo estilo de vida dos Portugueses: marcada pelo mar e pelas navegações (...) O mais sedentário de nós, quando fala, continua, pela força da tradição, a navegar.” (ANT, p. 36)²⁶⁴.

Sendo tal a importância reconhecida à língua na estruturação e configuração do real e na manutenção das práticas sociais, importância que de um modo especial a teoria das representações sociais lhe assinala, o papel da língua portuguesa na definição futura dos Portugueses será sem dúvida fundamental, quer para a comunicação de novos conteúdos representacionais, quer para a avaliação do património simbólico herdado.

²⁶³ Outros autores e obras referenciam esta temática, nomeadamente Dalila Pereira da Costa (1989) e Yvette Centeno (1993).

²⁶⁴ Mais recentemente, José Fernandes Fafe retoma aspectos do português como língua “sentimental” (Fafe, 1990, p. 56).

Do futuro é próprio ser plural: o tempo, a sua herança e os Portugueses

Quem nada conhece nada ama

*Aqueles que imaginam que todos os frutos amadurecem ao mesmo tempo,
como as cerejas, é porque nada sabem, acerca das uvas*

Paracelso

Já depois de Abril, João Palma-Ferreira escrevia no seu *Diário* que de Portugal, “pátria da paixão”, ainda se guardavam alguns lumes:

“O País é uma coisa velha, uma tormenta insondável. Foi a pátria da paixão e de uma aventura de loucos que arde sempre com uma luzinha frouxa no horror do escuro.” (Palma-Ferreira, 1977, p. 119).

Quase a terminar o milénio, um dos jovens inquiridos apresentava na sua definição dos Portugueses inequívocas marcas de uma herança cultural:

“[Portugueses] Santos, originais, amigos, orgulhosos, vaidosos, sinceros”.

Até quando, poder-se-á perguntar, esta herança se vai manter e, mais pragmaticamente, qual o seu valor real e quais os critérios para a sua medição.

1. Amorosos antigos, afectuosos para sempre?

Se se tiver em conta a força normativa das crenças extraordinárias – segundo a teoria das representações sociais expressa na constituição do núcleo central e remetendo para a existência de alguns conteúdos em estado de latência (“conteúdos virtuais”) –, seria de se admitir como provável que a identidade portuguesa do futuro se apresentasse como a ficcionou Maria Isabel Barreno:

“Cessaram as viagens e outras descobertas, ficaram as conquistas. Mantinham-se os sons abertos para contar a saga dum povo vivo. Tal como as pessoas contam os seus amores e as suas missões. (...) Um pouco mais de azul. E era esse, seria esse o

destino daquele povo: as transcendências, os destinos verticais, o início dum novo império, duma nova era de amor. (...) Graça começou a considerar com gosto e estranheza aquele povo que, vindo de parte incerta, saía, agitado, na sua caneta, desenhando-se no papel.” (Barreno, 1992, pp.122-3).

No entanto, quer esta antevisão, quer as duas citações anteriores, relevam mais da persistência de aspectos que têm estruturado a identidade nacional do que de previsíveis alterações; e, como se referiu a propósito das perspectivas dos jovens sobre a imagem dos Portugueses na próxima geração, registaram-se afirmações que indiciam não só apreensão com a própria continuidade da identidade nacional como, e sobretudo, com alguns dos futuros conteúdos caracterizadores dos Portugueses. No que respeita a estes foi sublinhado que será na dimensão relacional-afectiva que as alterações se hão-de tornar mais significativas, traduzindo-se num notório empobrecimento. Embora este seja apenas mais um cenário possível, à luz da teoria das representações sociais adquire um interesse acrescido, dado que as crenças extraordinárias, sendo poderosas não são imutáveis.

Ao estruturarem determinadas representações sociais as crenças extraordinárias – que no caso presente defendemos serem o afectivo e outras características da alma – são, enquanto crenças “concentradas”, “conteúdos virtuais” fornecidos pela memória colectiva e pela linguagem que através da comunicação, se transformam em conteúdos actuais (Moscovici, 1992b, p. 15). A riqueza da sua virtualidade fica assim fortemente dependente do processo de comunicação, que, por um lado, pode impedir a circulação de certos conteúdos e, por outro lado, lhes pode alterar a valorização social. De acordo com resultados obtidos em alguns estudos de representações sociais, considera-se que perante situações que os indivíduos e os grupos interpretam como social e culturalmente irreversíveis as práticas sociais se alteram, deixando de estar em conformidade com as representações e assim originando novas representações (Abric, 1994b; Mamontoff, 1995).

Tal poderá começar a ser com a identidade portuguesa, já que, como crença normativa, a representação dos Portugueses Afectuosos constitui uma prescrição representacional e de prática social, em que a avaliação pessoal e social de ser afectuoso é positiva, é “regra de vida”. Pelo que nos foi dado observar ainda que regra persistente na actualidade anda-lhe já associada alguma instabilidade quanto ao cumprimento futuro.

Admitindo que poderá ser uma questão em aberto, tem-se, para a probabilidade de uma nova continuidade histórica, a conhecida afirmação do Padre António Vieira que *para medir o futuro há que avaliar a esperança*. Embora os factores de mudança referidos pelos jovens sejam projectados no exterior, através de uma crescente inserção sócio-política no quadro europeu e no contexto mais vasto do chamado mundo desenvolvido, e permitam desenvolver estratégias simbólicas de resistência, precisamente porque vindos do exterior, estes factores não deixam de ser prefigurados como bastante poderosos, levando a que no confronto alguns inquiridos admitam a perda não só da identidade nacional no âmbito político e como soberania (pela previsível dependência económica e legislativa), mas, e principalmente, como identidade étnica.

Se do futuro é próprio ser plural, fazendo com que alguns cenários se revelem mais conformes à acção, o que nos parece poder admitir-se é ser este um tempo que desvendou encruzilhadas para a redefinição e reconstrução da identidade portuguesa.

2. Incapacidade de amar, perda da alma: males e indigências do tempo presente e esperanças futuras

Sobre o valor do amor, do afecto em geral e da alma, escrevia Jung, nos anos 50, que “é a incapacidade de amar” que diminui o ser humano, e que, sendo o amor “um dos grandes sofrimentos da humanidade”, não se compreende como num mundo que se tornou “tão rico” nos tenhamos tornado afectivamente tão pobres, recusando tão acerrimamente conhecer a riqueza da nossa alma (Jung, 1963, p. 42)²⁶⁵. Quase meio século depois, Thomas Moore não hesita em falar da “perda de alma” como a “grande

²⁶⁵ “Il est difficile de croire que ce monde si riche puisse être pauvre au point de ne pouvoir offrir un objet à l’amour d’un être humain. (...) C’est bien plutôt *l’incapacité d’aimer*, qui enlève à l’homme ses possibilités. (...) Certes, les difficultés des conditions d’existence, les contrariétés de la lutte pour la vie nous accableront, mais, d’autre part, des situations extérieurement pénibles ne contrarieront pas l’amour; au contraire, elles peuvent nous éperonner pour de plus grands efforts, nous amenant à inscrire toute notre libido dans la réalité. Notre duperie sentimentale a pris des proportions vraiment inconvenantes. (...) Par malheur, c’est presque un idéal collectif que de rester aussi négligent et inconscient que possible dans les situations concernant l’amour. (...) Malgré toute assurance contraire et indignée, c’est un fait que l’amour (dans le sens étendu que lui revient de nature et que ne comprend pas uniquement la sexualité) constitue avec ses problèmes et ses conflits un facteur d’une importance fondamentale pour la vie humaine et, comme il apparaît dès qu’on en fait un examen sérieux, d’une importance bien plus grande que ne le soupçonne l’individu. Le problème de l’amour constitue une des grandes souffrances de l’humanité et personne ne doit avoir honte de lui payer son tribut.” (Jung, 1963, pp. 118-121).

enfermidade do séc. XX” associando à crise ecológica a “alienação” da alma, patente na poluição e na fealdade; consequência da falta de visão global e envolvente que a alma proporciona ²⁶⁶. Daí o seu alerta para um repensar civilizacional que volte a ter em conta que as “coisas” também têm alma – recuperando o conceito renascentista de *anima mundi* ²⁶⁷ –, pensar reorientado segundo um paradigma que seja “sensível às questões do coração”.

Para María Zambrano aquilo que chama a “indigência de amar” própria deste século é uma consequência da liberdade “negativa” em que vislumbra, contudo, uma purificação para nova fase da humanidade (Zambrano, 1993) ²⁶⁸.

²⁶⁶ “A grande enfermidade do século XX, ligada a todos os nossos problemas e afectando-nos individual e socialmente, é a “perda da alma”. Quando é ignorada a alma não desaparece, ela assinala a sua presença, sintomaticamente, através de obsessões, dependências, violência e perda de significado. (Moore, ob. cit., pp. 224-5). Do ponto de vista do que na crise ecológica é fruto de uma inversão de valores, que desligou o ser humano da chamada natureza, transformando-o desenfreadamente em infractor das leis do mundo vivo, será de relembrar o pioneirismo, entre nós, de Manuel Gomes Guerreiro, sistematicamente insistindo que a espécie humana é a filha mais jovem da vida, que a todas as suas múltiplas formas deve reverência. O título do seu último livro – *O homem na perspectiva ecológica* – consubstancia de forma inequívoca o seu posicionamento (Guerreiro, 1999).

²⁶⁷ “Nós temos uma alma, tal como a árvore em frente à nossa casa e o carro estacionado debaixo dessa árvore. Para o indivíduo moderno, que poderá pensar na psique como uma estrutura química, no corpo como uma máquina e no mundo industrializado como uma das maravilhas produzidas pela inteligência e tecnologia humanas, o conceito de *anima mundi* poderá afigurar-se deveras estranho. (...) O inconveniente da explicação moderna, segundo a qual *projectamos* vida e personalidade nas coisas; reside no facto de nos situarmos em pleno território do ego: ‘Toda a vida e personalidade têm origem em mim, no modo como compreendo e imagino a experiência.’ Deixar que as coisas em si mesmas possuam vitalidade e personalidade é uma abordagem completamente distinta.” (Moore, ob. cit., pp. 283-4).

²⁶⁸ “Uma das indigências dos nossos dias é a que se refere ao amor. Não porque ele não exista, mas a sua existência não acha lugar (...) No ilimitado espaço que, na aparência, a mente de hoje abre a toda a realidade, o amor tropeça com barreiras infinitas. E tem de justificar-se e dar razões sem fim, e tem de resignar-se finalmente a ser confundido com a multidão dos sentimentos, ou dos instintos, se não quer esse lugar escuro da 'libido', ou ser tratado como uma doença secreta, de que deveríamos libertar-nos. (...) à medida que o homem foi acreditando que o seu ser consistia na consciência e nada mais, amor foi-se encontrando sem espaço vital onde respirar, como um pássaro asfíxiado no vazio de uma liberdade negativa. (...) Viver o lado negativo da liberdade parece ser o destino que há-de purificar o homem da nossa época. E nada mais difícil de decifrar que o que sucede na negação, na sombra e na vacuidade. Vida na negação é a que se vive na ausência do amor. Quando o amor – inspiração, sopro divino no homem – se retira, não parece perder-se nada de momento, e até parecem emergir com mais força e clareza coisas como os direitos do homem emancipado.” (Zambrano, 1993, p. 53).

Em escritos do final da sua vida, Raul Brandão, em declaração daquilo que com a mulher aprendera, testemunhava declaradamente a favor do amor, da ternura, do encontro de alma:

“tenho passado o tempo a comentar-me e poucas almas me interessam como a minha. O que eu amo sobretudo é o diálogo com este ser esfarrapado. Dêem-me um buraco e papéis e condenem-me à solidão perpétua. É-me indiferente... Isto é um erro – e tu fizeste-me sentir. Sem mo dizeres – compreendi que nossa vida é, principalmente, a vida dos outros... Melhor: compreendi que a ternura era o melhor da vida. O resto não vale nada. Não é por a esmola da velha do Evangelho ser dada com sacrifício que é mais aceita no céu que o oiro do rico – é por ser dada com ternura. O importante é a comunicação de alma para alma. A mão que aperta a nossa mão, o sorriso que nos acolhe, desvendam-nos o mundo. Às vezes é um nada que nos faz reflectir, é o momento, é uma figura que nos entra pela porta dentro e de quem nos sentimos logo irmãos... (Brandão, 1995, p. 30).

No quadro da manifestação afectiva como qualidade e necessidade humana fundamental, uma eventual perda da importância atribuída ao afecto em futuras redefinições da identidade portuguesa afigura-se, por um lado, possível – dado que como vai sendo referido se conhece pouco das bases mais profundas da cultura portuguesa – e, por outro lado, considera-se um sério prejuízo a procurar evitar.

3. Honesto estudo para medir o valor real da herança

O desconhecimento da existência de certos conteúdos estruturantes da identidade portuguesa, bem como a avaliação de alguns destes segundo os valores dominantes do mundo industrializado, pode impedir a circulação dos referidos conteúdos ou alterar-lhes, numa apressada análise, a respectiva valorização social.

Entre outros, e apesar do messianismo que atribuía a Portugal e demais Comunidades de Cultura e Língua Portuguesa (ver Capítulo 5), Agostinho da Silva nunca deixou de se interrogar sobre as potencialidades concretas da cultura portuguesa na dupla perspectiva do seu interesse em si e para o futuro da humanidade, escrevendo no final dos anos 60:

“O que me interessa fundamentalmente na questão da cultura de língua portuguesa, (...) é o problema de qual será o futuro dessa cultura, se ela realmente vale alguma coisa ou se devemos desistir de qualquer pretensão de apresentar a cultura portuguesa no mundo como qualquer coisa que valha, que se possa pôr a par de

outras culturas ou ainda, digo, ou acima delas, e que tenha uma resposta para o futuro da humanidade.” (Silva, 1988, pp. 21-2).

Se continuarmos a recorrer a autores nacionais, repertoriando obras de ficção literária, de ensaísmo, de reflexão histórica e de análise sociológica, observamos duas perspectivas algo distintas. Por outro lado, afirmações de alguns investigadores do social em prol do estudo sistemático, empírico e aprofundado da sociedade e da cultura portuguesa (Moreira, 1994; Santos, 1996; Mattoso *et al.*, 1996; Silva, 1997; Lourenço, 1998; Mattoso, 1998). Por outro lado, fazedores da literatura construindo a partir de valores herdados que relançam na corrente das ideias e imagens da cultura portuguesa e em particular da definição da identidade nacional. Fernando Dacosta e Maria Isabel Barreno, atrás referida, são dois exemplos. Dacosta através do seu “viúvo” falando do destino imposto a Portugal – “fingia ter pena de não ser novo, rapaz outra vez, não poder ir-se ao mundo saborear o amor e a liberdade, cumprir a condição de andarilho imposta pelos deuses ao seu povo” (Dacosta, 1986, p. 173); Barreno lembrando que o sentido da “missão” portuguesa é participar activamente no desenvolvimento da humanidade:

“Graça apenas pode explorar, atabalhoadamente, um dos veios temáticos que preparara: identidade nacional. Com ramificações várias, encontrou referências a antigas crenças numa missão especial do seu país. Essa missão situava-se num ponto indeterminado entre a história e o misticismo, tinha a ver com sabedorias ocultas e teorias relativas a estágios de desenvolvimento da humanidade.” (Barreno, 1992, p. 185).

Do ponto de vista histórico e sócio-antropológico a existência desde há oito séculos de Portugal como unidade política em que a soberania nacional esteve apenas brevemente interrompida, e a vivência colectiva ocorre desde há quinhentos anos em contexto acentuadamente pluricultural e politicamente referenciada por diferentes latitudes, apresenta-se como um facto social de estimulante investigação a convidar os investigadores sociais para novos desafios científicos, situação que entre outros Boaventura Sousa Santos tem vindo a assinalar (Santos, 1996). Ainda que ao nível individual os factos históricos da existência nacional se apresentam pouco assumidos e pouco consciencializados, há gestos, práticas e corpos que se interpenetraram, houve e há a língua e o imaginário e concreto que veicula, há e houve os “outros” que, como

observa Fernando Dacosta, nos acrescentam e vêm connosco na hora do retorno:

“Em todas as paragens deixámos descendentes, nas horas do retorno outros povos, pretos, mulatos, indianos, orientais vêm connosco, acrescentam-nos, aprendem o frio e a geografia, ajudam no erguer de casas, no amanho de baldios, inovam a cozinha, a música, o imaginário, dissipam o isolamento.” (Dacosta, ob. cit., p.175).

Finalmente, relembra-se, a questão interessante e em aberto, consiste em saber se os Portugueses de hoje, e de um modo especial as suas elites, aceitam conhecer e reavaliar a herança nacional.

Sobre a questão já antiga do mistério e exotismo *versus* inteligibilidade de Portugal e dos Portugueses, João Palma-Ferreira parece ter encontrado uma via frutuosa – “remetido às proporções naturais, Portugal torna-se inteligível” (Palma-Ferreira, 1977, p. 123). Parecendo simples, claro e fácil este caminho, talvez que o não o seja tanto, dado que é preciso definir e delimitar as tais proporções.

No campo do realismo impõe-se sem qualquer dúvida a reduzida e concreta dimensão territorial. Como integrar este nível de realidade nas imagens do Futuro? Em primeiro lugar, não se trata de algo específico de Portugal: consiste num facto que é comum a outros países e afinal a quase toda a Europa e que leva a reflectir sobre o papel dos pequenos países, da sua possibilidade de sobrevivência e da utilidade da sua existência para o estado e progresso do mundo. Jorge Borges de Macedo terá talvez razão ao considerar como perversidade intelectual certo tipo de julgamentos sobre as pequenas nações (Macedo, 1990).

Sobre a eficácia do sonho ou lugar ao imaginário messiânico, serão de fazer reflectir algumas posições de analistas conceituados. Sobre a influência do acaso (para outros da *predestinação*), o historiador Charles Boxer, que aprofundadamente estudou o passado imperial português, admite terem-lhe ficado deste algumas interrogações para as quais não encontrou resposta (Boxer, 1992). Gilbert Durand tem repetidamente afirmado a importância do imaginário português para a renovação das mentalidades na Europa (Durand, 1986).

Enquanto historiador, António Borges Coelho sublinha actualmente a importância da identidade nacional, pela sua antiguidade de objecto social; pondo de lado o seu desapego científico mergulha decididamente no gosto pela persistência deste objecto (Coelho, 1998).

Em representações e práticas sociais que assumam claramente a herança de certos valores, para outras que não os assumam ou o façam menos, residirá a futura definição de Portugal e dos Portugueses.

Facto será o da identidade portuguesa ter chegado a um tempo de encruzilhada, não só pela sua circunstância temporal mas porque tal é o tempo do mundo na nova era em que inegavelmente todos entrámos desde que as novas navegações atiraram os humanos para fora da órbita terrestre. Sejam quais forem os conteúdos com que a caracterizemos, deste a primeira alunagem e progressiva interiorização das suas imagens visuais, o Céu, ou o inacessível, ficou-nos mais próximo, entrou no nosso quotidiano e está a trabalhar a própria representação da Humanidade.

Regressando aos quadros plurais do futuro da identidade nacional, encontramos a certeza-convicção de António Alçada Baptista – “A sociedade portuguesa é a sociedade do afecto, os valores do mundo no futuro serão também os do afecto.” – e atitudes que a memória colectiva guardou, as quais exigem simultaneamente escolha, confiança e acção e que a nossa tradição oral tão bem retrata em duas afirmações aparentemente contraditórias – *O futuro a Deus pertence; Deus diz: põe a tua mão que eu te ajudarei.*

Desta ambivalência (sonho-acção) e como contraponto às dúvidas inquietas de alguns jovens sobre os Portugueses no futuro – “Revoltados [Portugueses no futuro]. Porque cada vez lhes abrem menos as portas para que possam realizar os seus sonhos” – será de relembrar insistências várias de portugueses que se empenharam no conhecimento e valor real da identidade nacional: João Palma-Ferreira – “Portugal tem de ser o país do respeito e da tolerância. De outro modo, nunca será um país.” (ob. cit., p. 85)²⁶⁹ –, Almada Negreiros – “O humano deve ser a única varonia de Portugal” –, Agostinho da Silva – “mostrar o homem inteiro” – e Fernando Pessoa, visando o aprofundamento da imaginação, instrumento privilegiado da alma:

²⁶⁹ Em outras passagens se pode ver como João Palma-Ferreira insistia de forma vigorosa na importância da projecção portuguesa no mundo: “Apesar de Portugal ser esse país onde só se tem razão depois de morto, não deixa de ser pouco razoável que não se faça o esforço necessário para salvar da microerudição auto-satisfeita e ratona o que ainda temos que possa interessar o mundo. E sem interessarmos o mundo, pelo menos culturalmente, a nossa sobrevivência é impossível.” (Palma-Ferreira, 1977, p. 99).

“o excesso imaginativo do português, que tão daninho lhe tem sido, só pode ser curado mediante uma cultura cada vez maior da imaginação portuguesa. Educar as novas gerações no sonho, no devaneio, no cultivo prolixo e doentio da vida-interior, vem a dar em educá-las para a civilização e para a vida.”

Afinal, aos Portugueses de hoje restará o que sempre resta – o tudo e o nada ou o caminho do meio. Vénus, segundo Camões, aconselhou aos Portugueses que “caminho há-de fazer-se nunca cuidado”. O Padre António Vieira, no quadro ainda dramático do pós-Restauração mas em que a predestinação portuguesa era mais fácil de comprovar, incitava a viver para ver – *Vivei, vivei, Portugueses, e vereis*.

Síntese

Se o afecto poderá sem dificuldade de maior ser incluído em eventuais *themata* da imagem do Português – porque se observou a presença de itens afectivos na constituição do núcleo central da representação social da identidade portuguesa, quer actualmente e sem discordâncias significativas entre discurso erudito e popular, quer naquilo que ficou registado e nos indica a persistência do mesmo tipo de traços claramente a partir do século XVII –, já sobre a alma, como mais arcaico primeiro princípio a aceitação se apresenta mais difícil.

No entanto, porque nos pareceu de utilidade fazê-lo, procurámos aprofundar a temática afectiva na representação da identidade portuguesa através daquilo que se designou como *paradigma da alma*. Recorremos a este paradigma para comparar características atribuídas aos Portugueses com características atribuídas ao par *anima-animus* pela Psicologia Analítica.

Em consequência – e embora só indirectamente as características de alma dos Portugueses e a implícita convicção nacional sobre as virtudes da mesma possam ser referenciadas na cultura portuguesa –, parece-nos que é no paradigma da alma que as características persistentes da definição do Português melhor se compreendem, como constituintes de um todo coerente em que razão e sentimento se aliam, e em que afecto, imaginação, saudade, brandura ou adaptabilidade se entrelaçam e reforçam, permitindo que estranhamente a identidade nacional resista a diversos e violentos

confrontos sociais e culturais sem que esta coesa estrutura representacional ceda. Como lembrava recentemente Eduardo Lourenço, mesmo agora, subalterna e forçadamente integrados na Europa industrializada, continuamos a querer arrastar os nossos novos companheiros para lhes poder oferecer daquilo que nos parece mais valer a pena – o nosso Quinto Império, que talvez também se pudesse designar como *Império terrestre da Alma*.

De forma breve e na terminologia das representações sociais, diríamos que se o Afecto objectiva a representação social da identidade portuguesa são as características da Alma que enquanto conteúdo virtual o ancoram, o nutrem e fazem renovadamente reverdecer.

No paradigma da alma como abordagem simbólica, se encontram elementos interessantes para uma melhor compreensão da génese da representação social da identidade portuguesa que apenas esboçámos. Dado que este paradigma se revelou adequado ao estudo mais profundo das características atribuídas aos Portugueses, admitimos que o seu valor heurístico possa ir para além da descrição psicológica dos indivíduos, apresentando igualmente um quadro conceptual que ajude a compreender as diferenças entre culturas, juntando-se a outras tipologias existentes sobre estas diferenças, nomeadamente à de Mary Douglas a que nos referimos neste trabalho.

Considerações

Como se referiu ao iniciar, pretendeu-se neste capítulo construir um cenário de confrontação de discursos sobre a representação da identidade portuguesa. Numa perspectiva diacrónica, confrontar conteúdos representacionais da imagem dos Portugueses do século XX com características referidas no século XVII; de modo sincrónico, averiguar a homogeneidade-diversidade dos conteúdos representacionais (discurso erudito *versus* discurso popular), do sentimento nacional e, no caso da informação empírica, encontrar formas de ancoragem. A análise dos resultados da referida confrontação convida a considerações várias.

Sobre o presente, na conjugação discurso erudito-popular e quanto aos conteúdos representacionais, se algumas características se distinguem no discurso popular pela ausência, como a *esperança* ou crença quase caseira no “milagre” que há-de resolver o que se deseja ou receia, outras conquistaram terreno, como *Trabalhadores e Inteligentes...* Quanto ao tema afectivo, e enquanto definição das características nacionais, tornou-se claro que continua persistente nos dois tipos de discurso, como repetidamente se registou. Embora não se tenham estudado as práticas sociais dos Portugueses, atendendo às prerrogativas atribuídas ao núcleo central e aos princípios organizadores fica implícito que tenham sido e continuem a ser afectadas pelo afectivo²⁷⁰. Sobre o futuro, a questão está em aberto. O que com maior segurança se poderá aduzir é que se trata de um tempo de encruzilhadas...

²⁷⁰ Sobre este assunto talvez valha a pena referir que num trabalho recente, constituído por um conjunto de entrevistas a cidadãos de nacionalidade portuguesa sobre aspectos da cultura portuguesa, são destacados pelos entrevistados alguns comportamentos, pessoais ou de terceiros, em que o afectivo, na sua versão de afectivo-relacional (*Simpático*) ou de sociabilidade simples, afável e eficaz na capacidade de lidar com a complexidade das relações humanas, é predominante (Negreiros, 1998). Alguns dos testemunhos chegam mesmo a fazer pensar em Aquilino Ribeiro e no seu “axioma” da sociabilidade portuguesa e suas características.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Chego por fim à ideia de que estamos condenados a ser ensaístas.(...)
Aliás, os sociólogos conhecidos são todos ensaístas, incluindo aqueles
que pretendem não o ser.*

Edgar Morin ²⁷¹

Partimos do pressuposto de que a identidade nacional é uma construção psicossocial que poderia ser correctamente estudada enquanto representação social. Ao dar por terminado este trabalho consideramos que o caminho seguido foi frutuoso. Quer no estudo das representações sociais da imagem do Português, quer no estudo da identidade pessoal de cidadãos portugueses, os aspectos teóricos e metodológicos da teoria das representações sociais a que recorremos revelaram-se adequados. De um modo mais específico, a *teoria do núcleo central e os princípios organizadores* permitiram validar a nossa hipótese de uma continuidade do Amoroso como traço predominante na caracterização dos Portugueses entre o século XVII e o século XX. Adoptando a proposta de Moscovici de integrar nos estudos de representações sociais ideias-força ou *themata* subjacentes a certos conteúdos representacionais, procurámos ainda interpretar as características nacionais segundo o paradigma da alma.

Se são os símbolos que consolam a mente, na expressão de Klee, que vantagens podem advir para os Portugueses ao darem preferência ao Afectivo e a características de Alma na sua auto-representação?

O que se perde e o que se ganha numa definição da identidade portuguesa privilegiando o afectuoso poderá ser a questão

²⁷¹ Na atribuição de ensaísmo à actividade científica e especificamente à Sociologia, o autor esclarece qual o sentido que lhe está subjacente: “O que é um ensaísta moderno? É preciso tomar a palavra no seu sentido literal: tenta-se compreender sem pretender reservar o saber supremo dos pontífices. Neste sentido, o ensaísta é alguém que sabe que o que estabelece é uma visão pessoal, com uma parte de parcialidade, de contingência, de gratuito, mas que se esforça por possuir o máximo de elementos fiáveis, o máximo de dados para apoiar a sua hipótese.” (Morin, 1989, *apud* Coster e Bawin-Legros, 1998, p. 48).

pragmaticamente mais interessante a que algumas das conclusões do nosso estudo conduzem.

Nas páginas seguintes procura-se traçar um quadro geral mas sintético que ligue ponto de partida e momento de chegada do trabalho aqui presente.

Da problemática analisada iremos destacar duas dimensões: a importância da identidade nacional na construção da identidade pessoal e a persistência estruturante de alguns conteúdos representacionais no campo de uma dada representação social, continuidade estrutural que no caso português permite reencontrar na actualidade a imagem do Português Amoroso do século XVII.

A. A continuidade histórica dos Portugueses Amorosos

A imagem do Português estudada no discurso erudito através da análise de textos de um conjunto de autores portugueses do século XX e do excerto de uma obra do final do século passado, *A ilustre casa de Ramires* de Eça de Queirós, permitiu concluir que na representação da identidade nacional continuam a figurar conteúdos afectivos: *afabilidade, bondade, plasticidade amarável, predomínio da emoção sobre a paixão...*

O estudo empírico desta imagem conduziu a resultados semelhantes. Para caracterizarem os Portugueses, os cidadãos inquiridos recorreram predominantemente a itens de carácter relacional-afectivo: *simpáticos, boas pessoas, acolhedores*. Na caracterização de si próprios seguiram um perfil muito aproximado mas em que se revelou repetidamente a tendência para uma maior auto-atribuição de descritores afectivos.

Os diversos procedimentos e tipos de análise que utilizámos para delimitação do núcleo central da representação social do Português indicaram *simpático* como elemento comum à amostra total e às diversas subamostras, nas quais se encontraram também outros itens, continuando alguns destes a ser descritores afectivos e surgindo outros de significado diferente (*aventureiro, trabalhador, inteligente*). Através do estudo da representação do Eu pudemos observar que *simpático* se incluía igualmente na delimitação do respectivo núcleo central, bem como *amigo*. Os dois testes experimentais que realizámos validaram a referida composição do núcleo central.

Parte do trabalho empírico com os jovens visava comparar o discurso erudito com o discurso popular. Deste confronto registou-se concordância quanto ao sentimento nacional positivo dos Portugueses e à sua auto-caracterização como afectuosos. Tal como no discurso erudito, a afectividade recebeu dos jovens uma avaliação positiva, o que responde afirmativamente à necessidade pré-estabelecida de convergência entre estes dois tipos de discurso para que pudessemos considerar verificada a nossa hipótese de trabalho.

Seguindo a proposta inicial de Moscovici procurámos aprofundar aspectos da afectividade como constituinte dos *themata* da identidade portuguesa. Nesta perspectiva entende-se que o Afecto é tema persistente e se enraíza nas características da Alma, temática antiga e universal. O enraizamento no paradigma da Alma corresponde à atribuição aos Portugueses de características de *anima* e de *animus* ou “união de contrários” (Cortesão, 1951), embora predominem características da alma.

B. Identidade nacional, de osmose a ideologia do quotidiano e representação social

A identidade nacional, noção simultaneamente herdeira da consciência tribal e resultado da territorialidade da espécie humana, apresenta-se através da figura abstracta da Nação como um processo osmótico pessoa-agrupamento nacional em que se constrói parte da identidade pessoal e se reconstrói permanentemente a identidade nacional como identidade social e realidade histórico-política (Morin, 1984). De uma ligação à Nação, entidade multiforme e geograficamente diversificada, a identidade nacional encontra-se actualmente estreitamente associada à identificação dos cidadãos com o seu Estado-Nação transformando progressivamente a identificação nacional em *ideologia do quotidiano* (Billig, 1993).

Reconhecendo-se na noção de identidade nacional a *polissemia* ou *multidimensionalidade* que lhe é atribuída (Smith, 1994), privilegiaram-se nesta pluridimensionalidade as componentes sentimento nacional e etnicidade, recorrendo para o seu estudo à Teoria das Representações Sociais como enquadramento teórico-metodológico, e à noção de Representação social como noção conceptual apropriada à definição da identidade nacional enquanto modalidade de identificação psicossocial de

cariz vincadamente étnico. A contribuição efectiva desta abordagem para o estudo da identidade nacional e em particular para o estudo da hipótese formulada sobre a identidade portuguesa, é um dos aspectos conclusivos que esta investigação permitiu revelar.

As análises aprofundadas e em paralelo que realizámos ao nível empírico sobre a representação da identidade portuguesa e da identidade pessoal possibilitaram-nos observar que se trabalhou com amostras de elevado sentimento nacional e acentuada identificação íntima. Esta circunstância permitiu testar a proposta teórica de Zavalloni & Louis-Guérin (1984) sobre a proximidade Eu-Grupo – que no nosso caso levava a esperar maior proximidade com o paradigma antigo (amoroso) para os sujeitos em que a identificação pessoal com a identidade portuguesa se revelasse mais forte –, e permitiu ainda evidenciar a importância da proposta teórica de Doise e Lorenzi-Cioldi de que a identidade pessoal fosse considerada como uma representação social.

Para além dos objectivos principais, a cuja consecução nos estivemos a referir, será ainda de salientar que se captou elevado sentimento nacional entre os inquiridos, que entre as formas de adesão à nacionalidade predominou a pertença comunitária e a inexistência de nacionalismo nos termos em que este foi inicialmente considerado. O estudo da representação social de Portugal revelou neste um objecto de ligação pessoal e de identidade étnica, resultados que se podem tomar como coadjuvantes das conclusões gerais desta investigação.

Algumas últimas notas nos parecem de salientar.

A primeira referente à importância da identidade nacional no plano da representação de identidade pessoal (Doise, 1998) e enquanto forma de integração social (Schudson, 1994; Salazar, 1998) para cujo reconhecimento a informação apresentada neste trabalho constitui um modesto contributo.

A segunda relativa à importância que continua a ser reconhecida aos conteúdos afectivos na definição da cultura portuguesa (Baptista, 1987; Silva, 1986; Saraiva, 1994; Lourenço, 1995), quer através das representações sociais sobre os Portugueses quer através das suas práticas sociais (Mattoso, 1996; Negreiros, 1998).

A terceira relativa ao valor do afectivo como catalizador e expressão dinamizadora de valores de uma nova fase da civilização humana (Jung,

1951; Moore, 1994) e cuja avaliação pelos Portugueses se poderá inscrever no quadro em que no passado D. Francisco Manuel de Melo situava o Amor como valor supremo.

A quarta referente às limitações deste trabalho que são várias mas de que queremos destacar a ausência de estudo da tradição oral, que embora inicialmente previsto, não foi possível realizar, mas que continuamos a considerar fundamental para o conhecimento e correcta avaliação do património contido na identidade nacional, conforme diversos estudos nos sugerem (Guimarães, 1990; Rosado, 1993; Dias-Marques, 1994).

Parafraseando Edgar Morin, e embora neste trabalho se tenha pretendido não perder de vista os preceitos da evidência verificável e da neutralidade ética, que definiram a actividade científica moderna e ainda imperam, apesar da objectividade (possível) que procurámos manter na análise e síntese da informação recolhida e daquilo que se consideram frutos da mesma – os correntemente designados resultados –, assume-se que o presente texto, ao ser percorrido por reflexões várias, de diferentes autores e algumas nossas muito contenha de *ensaísmo* (Morin, op. cit.).

No que nos respeita, oxalá, tivéssemos reunido *elementos fiáveis* que possam permitir a outros, se a tal se sentirem motivados, irem mais além e apresentar novas visões sobre um assunto cujo valor se vai revelando elevado. Se o “neoliberalismo” é uma utopia de “de exploração sem limites”, como a caracterizou recentemente Pierre Bourdieu (Bourdieu, 1998), e as sociedades moderno-industrializadas se estão a tornar perigosamente “pós-emocionais”, como alguns insistem (Mestrovic, 1997), talvez que a persistência em se definirem como *concretos do afectivo e atenciosos* para com *as prerrogativas da alma* não seja uma das menores contribuições à civilização europeia e terrestre.

POSFÁCIO

*O segredo é amar... Amar a Vida
Com tudo o que há de bom e mau em nós...*

(...) Amar em cada pedra, em cada ser

Fernanda de Castro

Eu não sabia que o amor era tão real...

Fernando Pessoa

Não tinha ao propor-me a este trabalho – e por isso escrevi no início que não sei por que comecei a estudar o tema – não tinha, repito, mas tenho, hoje, satisfação em ser portuguesa.

Tenho-a porque, ao longo do muito tempo que este estudo me tomou, descobri que me posso rever em gente simples e em figuras públicas de uma cultura e de uma língua em que se têm ensinado perspectivas e transmitido ensinamentos que me estimulam à procura do *tesouro* no mais interior e inferior de mim, para assim me poder reencontrar com o Universal que à pedra, ao bicho e à pessoa é comum.

E tenho-a ainda porque a cultura portuguesa se me revelou em aspectos de rendição ao feminino ou Grande Mãe e à sábia e alegre Criança seu filho e filha predilectos ou dimensão andrógina que em cada um de nós existe pronta a nos Guiar na aventura da Vida.

Por tudo isso, de bom grado faria meu o canto de Ruy Belo sobre o Português do futuro, desejando que exista e cativa outros para o sabor das amoras bravias...

*canto aquele português que não domina ainda
a face decomposta e deformada
mas onde se reflecte a luz do sol e onde cai a chuva
e que sabe saborear amoras bravas*

*Praza àquele que talvez seja, dilatar o coração do homem
à medida de toda a vida.*

Marguerite Yourcenar

BIBLIOGRAFIA

A. Referências Bibliográficas

- ABRIC, Jean-Claude – *Jeux, conflits et représentations sociales*. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1976. Thèse de Doctorat d'État.
- ABRIC, Jean-Claude – L'Artisan et l'artisanat: analyse du contenu et de la structure d'une représentation sociale. *Bulletin de Psychologie*. 37 (1984) 861-875.
- ABRIC, Jean-Claude – L'Étude expérimentale des représentations sociales. In JODELET, Denise – *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. p. 187-203.
- ABRIC, Jean-Claude – Les Représentations sociales: aspects théoriques. In ABRIC, Jean-Claude – *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994. p. 11-35.
- ABRIC, Jean-Claude – Méthodologie de recueil des représentations sociales. In ABRIC, Jean-Claude – *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994a. p. 59-82.
- ABRIC, Jean-Claude – Pratiques sociales, représentations sociales. In ABRIC, Jean-Claude – *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994b. p. 217-38.
- ALEGRE, Manuel – *Atlântico*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1989.
- AMÂNCIO, Lígia – *Masculino e feminino: a construção social da diferença*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1994.
- ASCH, Salomon E. – Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*. 41 (1946) 258-290.
- BAPTISTA, António Alçada – *O Jornal*, (11 Dez. 1987).
- BARRENO, Maria Isabel – *O chão salgado*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.
- BASTOS, José Gabriel P. – 'Portugal, minha princesa' - contribuição para o estudo das representações sociais identitárias dos Portugueses. *Ethnologia*. 1-2 (Out. 1994-Jan.1995) 141-162.
- BASTOS, José Gabriel P. – *'Portugal, minha princesa. Contribuição para uma antropologia pós-racionalista dos processos identitários e para o estudo do sistema de representações sociais identitárias dos Portugueses*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1995. Tese de doutoramento.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes – Sobre o carácter nacional ou para uma 'explicação' de Portugal. *Nação e Defesa*. VI (Jan-Mar 1982) 11-31.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas – *The social construction of reality*. New York: Doubleday & Company, 1966.
- BESSA-LUÍS, Agustina – *Santo António*. 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

- BILLIG, Michael – Studying nationalism as an everyday ideology. *Papers on Social Representations*. 2:1 (1993) 40-43.
- BIRBAUM, P. – Nationalismes: la comparaison France/Alemagne. *RISS*. 133 (Août 1992) 423-432.
- BOLETIM Cultural*. VII Série. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fevereiro 1990, n.º1.
- BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François – *Dictionnaire critique de la Sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- BOURDIEU, Pierre – *Contrafogos*. Lisboa: Celta Editores, 1998.
- BOXER, Charles R. – *O império marítimo português (1415-1825)*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- BRANDÃO, Raul – *Se tivesse de recomeçar a vida*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1995.
- BROCKMAN, John – *A terceira cultura*. Lisboa: Temas e Debates, 1998.
- CABRAL, Manuel Villaverde; PAIS, José Machado – *Jovens portugueses de hoje*. Oeiras: Celta Editora, 1998.
- CAMÕES, Luís de – *Os Lusíadas*. 2ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e Ministério da Cultura, 1989.
- CARDIGOS, Isabel – La dame de la mer: Dona Marinha, une mélusine portugaise. In DUBOIS, C.-G. – *L'Imaginaires de la nation (1792-1992)*. Actes du Colloque Européen de Bordeaux, 1989. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 1991. p. 185-191.
- CENTENO, Yvette K. – Os santos populares e a utopia da criança eterna. In CENTENO, Y. K. – *Portugal: mitos revisitados*. Lisboa: Edições Salamandra, 1993. p. 253-273.
- COELHO, António Borges – A identidade portuguesa no dealbar do terceiro milénio. In ROSAS, R.; ROLLO, Maria Fernanda – *Portugal na viragem do século. Os Portugueses e os desafios do milénio*. Lisboa: Pavilhão de Portugal - Expo'98 - Assírio & Alvim, 1998.
- COELHO, Jacinto do Prado – *A originalidade da literatura portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- CONDE, Idalina – A identidade nacional e social dos jovens. Vol. VIII. In *A juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1989.
- CORTESÃO, Jaime – *Os factores democráticos na formação de Portugal*. 4ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
- COSTA, Dalila P. – *A ladainha de Setúbal*. Porto: Lello & Irmão, 1989.
- COSTER, Michel de; BAWIN-LEGROS, Bernardette – *Introdução à sociologia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- CRUZ, Manuel Braga da – Nacionalismo e patriotismo na sociedade portuguesa actual - relatório de investigação. In INSTITUTO da Defesa Nacional – *Nacionalismo e patriotismo na sociedade portuguesa actual*. Oeiras: Instituto da Defesa Nacional, 1998. p. 73-132.
- DACOSTA, Fernando – O cinzentismo da nossa vocação. *Jornal Ilustrado* (21-27 Nov. 1986).

- DACOSTA, Fernando- *O viúvo*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986.
- DIAS, Jorge – *O essencial sobre os elementos fundamentais da cultura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- DIAS-MARQUES, José Joaquim – El romancero português. *Ínsula, Revista de Letras y Ciencias Humanas*. 567 (Mar. 1994) 7-8.
- DICIONÁRIO de Sinónimos*. Compil. Tertúlia Edípica. Porto: Porto Editora, [s.d.].
- DIGIACOMO, J. P. – *Représentations sociales et comportements collectifs*. Louvain-La-Neuve: Université Catholique de Louvain, 1981. Thèse de Doctorat.
- DOISE, Willem – Les représentations sociales. In DOISE, W.; PALMONARI, A. – *L'Étude des représentations sociales*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1986. p. 81-94.
- DOISE, Willem – Les représentations sociales. In GHIGLIONE, R.; BONNET, C.; RICHARD, J. F. – *Traité de psychologie cognitive*. Tome 3: *Cognition, représentation, communication*. Paris: Dunod, 1990. p. 111-174.
- DOISE, Willem – L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*. XLV:405 (1992) 189-195.
- DOISE, Willem; CLEMENCE, Alain; LORENZI-CIOLDI, Fabio – *Représentations sociales et analyses de données*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1992.
- DOISE, Willem; LORENZI-CIOLDI, Fabio – L'identité comme représentation sociale. In Aebischer, V.; DECONCHY, J.-P.; LIPIANSKY, E. P. – *Idéologie et représentations sociales*. Cousset: Delval, 1991. p. 273-286.
- DOMINGUES, Bento – *A religião dos Portugueses*. Porto: Figueirinhas, 1988.
- DOUGLAS, Mary; WILDAVSKY, Aaron – *Risk and culture: an essay on the selection of technological and environmental dangers*. Berkeley: University of California Press, 1982.
- DUBOIS, Claude-Gilbert – Mythologies des origines et identité nationale. In BETHENCOURT, F.; CURTO, F. R. – *A memória da Nação*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991. p. 31-48.
- FAFE, José Fernandes – *Nação: fim ou metamorfose?* Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990.
- FERNANDES, Ana Alexandra – Identidade nacional e cidadania europeia. In CABRAL, M. V.; PAIS, J. M. – *Jovens portuguesas de hoje*. Oeiras: Celta Editora, 1998. p. 307-357.
- FIGUEIREDO, Eurico – Mudança, valores e conflito de gerações em Portugal. *Análise Social*. XXI:3-5 (1985) 1005-1020.
- FIGUEIREDO, Eurico – *Portugal, os próximos vinte anos*. Vol. II. *Conflito de gerações, conflito de valores*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
- FLAMENT, Claude – L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les représentations sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*. 1 (1981) 375-396.
- FLAMENT, Claude – L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les représentations sociales. In DOISE, W.; PALMONARI, A. – *L'Étude des représentations sociales*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1986. p. 139-156.
- FLAMENT, Claude – Pratiques et représentations sociales. In J. L. BEAUVOIS, J. L.; JOULE, R. V.; J. M. MONTEIL, J. M. – *Perspectives cognitives et conduites sociales*. Vol. 1. Cousset: Delval, 1987. p. 143-150.

- FLAMENT, Claude – Structure et dynamique des représentations sociales. In JODELET, D. – *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. p. 204-219.
- GARCIA-MARQUES, Leonel; PALMA-OLIVEIRA, José – National identities and levels of categorization: self-stereotypes, attitudes and perception of other nationalities. In CANTER, D.; JESUÍNO, J. C.; SOCZKA, L.; STEPHENSON, G. M. – *Environmental social psychology*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1988. p. 312-319.
- GEDEÃO, António – *Poesias Completas (1956-1967)*. 6ª ed. Lisboa: Portugália, [s.d.].
- GIL, Fernando; MACEDO, Helder – *Viagens do olhar: retrospectiva, visão e profecia no Renascimento Português*. Porto: Campo das Letras, 1998.
- GIL, José – A não expressão e a guerra colonial. *Público*. (24 Abr. 1995).
- GRIZZE, Jean-Blaise; VERGÈS, Pierre; SILEM, Ahmed – *Salariés face aux nouvelles technologies*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1987.
- GUERREIRO, Manuel Gomes – *O homem na perspectiva ecológica*. Faro: Fundação para o Desenvolvimento da Universidade do Algarve, 1999.
- GUIMARÃES, Ana Paula – *Olhos, coração e mãos no Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1990. Tese de Doutoramento.
- GUIMELLI, Christian – Introduction. In GUIMELLI, Ch. – *Structures et transformations des représentations sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 11-24.
- GUINOTE, Ana – *Gruppenwahrnehmung im Minderheits- und Mehrheitskontext: Portugiesen in Deutschland und in Portugal*. Frankfurt: Peter Lang, 1996.
- HEIDER, Fritz – Ding und Medium. *Symposium*. I (1927) 109-158.
- INSTITUTO da Defesa Nacional – *Nacionalismo e patriotismo na sociedade portuguesa actual*. Oeiras: Instituto da Defesa Nacional, 1998.
- INSTITUTO de Estudos para o Desenvolvimento – Inquérito I.E.D. - Valores e atitudes dos jovens (estudo preliminar). *Cadernos «Juventude»*, VI. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1983.
- JESUÍNO, Jorge Correia – Anchoring and objectifying: two basic processes of social representations. Comunicação apresentada em *The Third Summer School on Social Representation and Communication - Social Representations theory: historical roots, articulations and development*. Lisboa, 6-15 Setembro de 1997. Exemplar dactilografado cedido pelo autor.
- JODELET, Denise – Fou et folie dans un milieu rural français: une approche monographique. In DOISE, W.; PALMONARI, A. – *L'Étude des représentations sociales*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1986. p. 171-192.
- JODELET, Denise – Représentations sociales: un domaine en expansion. In JODELET, D. – *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. p. 31-61.
- JUNG, Carl Gustav – *L'Âme et la vie*. Paris: Éditions Buchet/Chastel, 1963.
- KEANE, John – Nations, nationalisme et citoyens en Europe. *RISS*. 140 (Juin 1994) 205-222.

- LEAL, João – *As festas do Espírito Santo nos Açores. Um estudo de antropologia social*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1994.
- LEBART, Ludovic; SALEM, André – *Statistique textuelle*. Paris: Dunod, 1994.
- LINTON, Ralph – *Le Fondement culturel de la personnalité*. Paris: Dunod, 1986.
- LIPIANSKY, Edmond Marc – *L'Âme française ou le national-libéralisme. Analyse d'une représentation sociale*. Paris: Éditions Anthropos, 1979.
- LOPES, Francisco F. – Culto do Espírito Santo. In *Dicionário da História de Portugal*, Vol. II. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1971. p. 108-9.
- LOURENÇO, Eduardo – *O labirinto da saudade, psicanálise mítica do povo português*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1978.
- LOURENÇO, Eduardo – Prefácio: Um homem extra-ordinário. In SILVA, Agostinho da – *A última conversa*. Lisboa: Editorial Notícias, 1995. p. 11-19.
- LOURENÇO, Eduardo – *Nós como futuro*. Lisboa: Paviulhão de Portugal - Expo'98 e Assírio & Alvim, 1997.
- LOURENÇO, Eduardo; SENA, Jorge de – *Correspondência*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.
- MACEDO, Helder – *Camões e a viagem iniciática*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- MACEDO, Jorge Borges de – *Portugal, um destino histórico*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1990.
- MAMONTOFF, Anne Marie - *Pratiques nouvelles et transformations de la représentation de l'identité: le cas des gitans sédentaires et des gitans nomades*. Montpellier: Université Paul Valéry, 1995. Thèse de Doctorat Arts et Lettres, Langues et Sciences Humaines et Sociales.
- MATTOSO, José; SAPIEHA, Nicolas; CALVET, Nuno – *Portugal*. Lisboa: Livros Quetzal, 1996.
- MATTOSO, José – *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1998.
- MELO, Francisco Manuel de – Epanáfora Amorosa III. In *Epanáforas de Vária História Portuguesa*. Edição fac-simile. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977. p. 173-348.
- MEŠTROVIC, Stjepan G. – *Postemotional society*. London: Sage Publications, 1997.
- MOLINER, Pascal – Validation expérimentale de l'hypothèse du noyau central des représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*. XLI (1989) 759-762.
- MOLINER, Pascal – ISA: l'Induction par Scénario Ambigu. Une méthode pour l'étude des représentations sociales. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*. 2 (1993) 7-21.
- MOLINER, Pascal – Les méthodes de repérage et d'identification du noyau des représentations sociales. In GUIMELLI, Ch. – *Structures et transformations des représentations sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 199-232.
- MOORE, Thomas – *O sentido da alma. Como desenvolver a dimensão profunda e sagrada da vida quotidiana*. Lisboa: Planeta Editora Lda, 1997.
- MOREIRA, Adriano – *Identidade europeia, identidade portuguesa*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1994.
- MORIN, Edgar – *Sociologie*. Paris: Fayard, 1984.

- MOSCOVICI, Serge – Introduction. In FAUCHEUX, C.; MOSCOVICI, S. – *Psychologie sociale théorique et expérimentale*. Paris: Mouton Éditeur, 1971. p. 7-12.
- MOSCOVICI, Serge – *La psychanalyse, son image et son publique*. 2ème édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.
- MOSCOVICI, Serge – On social representations. In FORGAS, J. P. – *Social cognition: perspectives on everyday understanding*. London: Academic Press, 1981. p. 181-209.
- MOSCOVICI, Serge – *Notes toward a description of social representations*. European Journal of Social Psychology. 18 (1988) 211-250.
- MOSCOVICI, Serge – Présentation. *Bulletin de Psychologie Sociale*. XLV:405 (1992) 137-143.
- MOSCOVICI, Serge – Conférence introductive à la Première Conférence International sur les Représentations Sociales, Ravello (Itália), Octobre, 1992a. Exemplar dactilografado cedido pelo autor.
- MOSCOVICI, Serge; VIGNAUX, G. – Le concept de thémata. In GUIMELLI, Ch. – *Structures et transformations des représentations sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 25-72.
- MOUNIN, Georges – *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, 1963.
- NAUBERT-RISER, Constance – *Klee*. Lisboa: Editorial Estampa e Círculo de Leitores, 1994.
- NEGREIROS, Maria José A. – *Ah! Portugueses, se nós soubéssemos quem somos....* Lisboa: Edição de autor, 1998.
- PALMA-FERREIRA, João – *Diário*. Vol. II. (1972-76). *Porque é tão difícil ser português*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.
- PALMA-OLIVEIRA, José M.; GARCIA-MARQUES, Leonel; JESUÍNO, Jorge C. – A imagem do outro no grande público. Uma abordagem psico-social. In Actes du Colloque Images Réciproques FRANCE-PORTUGAL. Association Pour le Développement des Études. Paris: APEPBA, 1992.
- PEABODY, Dean – *National characteristics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- PESSOA, Fernando – *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Lisboa: Edições Ática, [s. d.].
- PESSOA, Fernando – Para a memória de António Nobre. *A Galera*. Coimbra. 1:5-6 (1915) 35.
- PESSOA, Fernando – *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Clássica Editora, 1985.
- POESCHL, Gabrielle – *L'Intelligence: un concept à la recherche d'un sens, étude de l'effet du processus d'ancrage sur la représentation sociale de l'intelligence*. Genève: Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation, Université de Genève, 1992. Thèse de Doctorat.
- QUADROS, António – *Portugal razão e mistério. O projecto áureo ou o Império do Espírito Santo*. Livro II. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
- QUADROS, António – *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1989.

- QUADROS, António – *Memórias das origens, saudades do futuro. Valores, mitos, arquétipos, ideias*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1992.
- QUEIRÓS, Eça de – *A ilustre casa de Ramires*. Obras Completas, Vol. VII. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1980.
- QUENTAL, Antero de – *Causas da decadência dos povos peninsulares*. 4ª ed. Lisboa: Ulmeiro, 1982.
- REAL, Miguel – *Portugal - ser e representação*. Lisboa: Difel, 1998.
- REBELO, Luís de Sousa – *A concepção do poder em Fernão Lopes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.
- REIS, José Eduardo – *Do espírito da utopia: lugares eutópicos e utópicos, tempos proféticos nas literaturas portuguesa e inglesa*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1997. Tese de doutoramento.
- ROKEACH, M. – *The nature of human values*. New York: Free Press, 1973.
- ROSADO, Fátima – ‘Portugueses somos’ com que agrado?. In *Estruturas sociais e desenvolvimento. Actas do II Congresso Português de Sociologia*. Vol. II. Lisboa: Editorial Fragmentos e Associação Portuguesa de Sociologia, 1993. p. 372-383.
- ROSADO, Fátima – *Tradição oral algarvia 1. Poesia recolhida na freguesia de Querença*. Faro: Secretaria de Estado da Cultura, Delegação Regional do Algarve, e Universidade do Algarve, 1993.
- ROSADO, Fátima; FAÍSCA, Luís – Portugal e o Oriente: que laços? Representações sociais da Índia entre os Portugueses. In CUSATTI, Maria Luisa – *Congresso Internazionale Il Portogallo e i Mari: un Incontro tra Culture. Napoli, 15-17 Dicembre 1994*. Vol. 2. Napoli: IUO & Liguori Editore, 1997. p. 439-454.
- ROSE, Richard – La fierté nationale dans une perspective comparative. *RISS*. 103 (1985) 95-108
- ROUQUETTE, M. L. – La pensée sociale. In MOSCOVICI, S. – *Introduction à la psychologie sociale*. Paris: Larousse, 1973. p. 299-327.
- SÁ, Celso de – *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SÁ, Celso de – *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.
- SALAZAR, José Miguel – Social identity and national identity. In WORCHEL, S.; MORALES, J. F.; PÁEZ, D.; DESCHAMPS, J.-C. – *Social identity. International perspectives*. London: Sage Publications, 1998.
- SANTOS, Boaventura de Sousa – *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 5ª ed. Porto: Afrontamento, 1996.
- SARAIVA, António José – *O que é a cultura*. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.
- SARAIVA, António José – *A cultura em Portugal: teoria e história*. Vol. I. Lisboa: Gradiva, 1994.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa*. 16ª ed. Porto: Porto Editora, [s.d.].
- SCHUDSON, Michael – La culture et l’intégration des sociétés nationales. *RISS*. 139 (Fev. 1994) 77-100.
- SERRÃO, Joel – *Portugueses somos*. Lisboa: Livros Horizonte, 1975.

- SILVA, Agostinho da – *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Guimarães Editores, [s.d.].
- SILVA, Agostinho da – *Dispersos*. Organização e apresentação de Paulo Alexandre Borges. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988.
- SILVA, Agostinho da – *Um Fernando Pessoa*. 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1988a.
- SILVA, Agostinho da – *Educação de Portugal*. Lisboa: Ulmeiro, 1989.
- SILVA, Agostinho da – *A última conversa*. Entrevista de Luís Machado; prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Editorial Notícias, 1995.
- SILVA, Augusto Santos – *Palavras de um país*. Oeiras: Celta Editora, 1997.
- SIMÕES, Guilherme Augusto – *Dicionário de expressões populares portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- SMITH, Anthony D. – *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- SOARES, Mário – Um intelectual solidário e generoso. *O Público*. 1489 (4/4/1994) 36.
- SPINI, Dario – *Valeurs et représentations sociales des droites de l'homme: une approche structurale*. Genève: Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation de l'Université de Genève, 1997. Thèse de Doctorat.
- STOEZEL, Jean – *Les valeurs du temps présent*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.
- TAFANI, Eric – *Attitude & approche structurale des représentations sociales: de l'ancrage psychologique à l'ancrage sociologique*. Aix en Provence: Laboratoire de Psychologie Sociale, Université de Provence, 1997. Thèse de Doctorat Nouveau Régime.
- TAJFEL, H. – La catégorization sociale. In MOSCOVICI, S. – *Introduction à la psychologie sociale*. Vol. I. Paris: Larousse, 1972.
- THOMPSON, Michael; ELLIS, Richard; WILDAVSKY, Aaron – *Cultural theory*. Boulder: Westview Press, 1990.
- UNAMUNO, Miguel de – *Portugal povo de suicidas*. Lisboa: & etc, 1986.
- VALA, Jorge – Representações sociais dos jovens: valores, identidade e imagens da sociedade portuguesa. *Cadernos «Juventude»*, XI. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1986.
- VERGÈS, Pierre – L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. *Bulletin de Psychologie*. XLV:405 (1992) 203-209.
- VERGÈS, Pierre – Approche du noyau central: propriétés quantitatives et structurales In GUIMELLI, Ch. – *Structures et transformations des représentations sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 233-253.
- VERGÈS, Pierre; BARBRY, W.; SCANO, S. – *Analyse de Similitude SIMI97 - version 1.2 - Manuel*. Montpellier: Institut des Sciences de l'Ingénieur de Montpellier, 1997.
- WISHNER, J. – Reanalysis of 'Impressions of personality'. *Psychological Review*. 67 (1960) 96-112.
- ZAMBRANO, María – *A metáfora do coração e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.
- ZAVALLONI, Marisa – L'Effet de résonance dans la création de l'identité et des représentations sociales. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*. 3:3 (1990) 407-428.

- ZAVALLONI, Marisa; LOUIS-GUÉRIN, Christiane – *Identité sociale et conscience. Introduction à l'égo-écologie*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1984.
- ZAVALLONI, Marisa; LOUIS-GUÉRIN, Christiane – La transdimensionnalité des mots identitaires: explorations égo-écologiques. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*. 1:2 (1988) 173-187.
- ZAVALLONI, Marisa – L'Identité psychosociale, un concept à la recherche d'une science. In MOSCOVICI, S. – *Introduction à la psychologie sociale*. Vol. II. Paris: Larousse, 1973. p. 245-265.
- ZAVALLONI, Marisa – Social identity and the recoding of reality: its relevance for crosscultural psychology. *Journal International of Psychology*. 10 (1975) 197-217.
- ZEILIGER, R. – *AVRIL - Manuel de référence*. CNRS-IRPEACS, 1994.

B. Obras citadas no Boletim “O Homem Português”

- ALEGRE, Manuel – *O canto e as armas*. Coimbra: Centelha, 1974.
- BARROS, João de – Vida vitoriosa. In MOURÃO-FERREIRA, David; SEIXO, Maria A. – *Portugal: a terra e o homem. Antologia de textos de escritores do séc. XX*. Vol. II, 1ª série. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- BRANDÃO, Raúl – Os pescadores. In NEMÉSIO, Vitorino – *Portugal: a terra e o homem. Antologia de textos de escritores do séc. XIX-XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.
- BRANDÃO, Raúl – *Memórias*. Lisboa: Perspectivas e Realidade, [s.d.].
- CASTRO, Fernanda de – *Ao fim da memória*. Lisboa: Verbo, 1986.
- CHAVES, Castelo Branco – Universalismo, particularismo ou cosmopolitismo. *Revista Litoral*. 1 (Junho 1944).
- COIMBRA, Leonardo – Camões e a fisionomia espiritual da Pátria. In QUADROS, António – *Portugal, razão e mistério*. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.
- CORTESÃO, Jaime – *O humanismo universalista dos portugueses: a síntese histórica e literária*. Lisboa: Portugália, 1986.
- COSTA, Dalila Pereira da – *Da serpente à Imaculada*. Porto: Lello, 1984.
- COSTA, Dalila Pereira da; GOMES, Pinharanda – *Introdução à saudade: antologia teórica e aproximação crítica*. Porto: Lello, 1976.
- DIAS, Jorge – *O essencial sobre os elementos fundamentais da cultura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- FERREIRA, João Palma – *Porque é tão difícil ser português*. Lisboa: Europa-América, 1977.
- GOMES, Manuel Teixeira – *Regressos*. 3ª ed. Lisboa: Portugália, 1960.
- LEÃO, Francisco da Cunha – *Ensaio de psicologia portuguesa*. Lisboa: Guimarães Editores, 1971.

- LEÃO, Francisco da Cunha – *O enigma português*. Lisboa: Guimarães Editores, 1960.
- LEITÃO, Ruben A. – *Páginas*. Coimbra: Coimbra Editora, 1949.
- LISBOA, Irene (sob o pseud. João Falco) – *Momentos - disparates*. Seara Nova. (1937).
- LUÍS, Agustina Bessa – *A Renascença Portuguesa*. In LEÃO, Francisco da Cunha – *Ensaio da psicologia portuguesa*. Lisboa: Guimarães Editores, 1971.
- MATHIAS, Marcello Duarte – *No devagar depressa dos tempos*. Amadora: Bertrand, 1980.
- MELLO, Pedro Homem de – *Bodas vermelhas*. Porto: Domingos Barreira, 1947.
- MELLO, Pedro Homem de – *Povo que lavas no rio*. Porto: Brasília, 1969.
- MIGUÉIS, José Rodrigues – *As harmonias do “canelão”*. Lisboa: Estúdios Cor, 1974.
- MONTEIRO, Domingos – *Paisagem social portuguesa*. Porto: Educação Nacional, 1944.
- NAMORA, Fernando – *A nave de pedra*. Amadora: Bertrand, 1975.
- NAMORA, Fernando – *Jornal sem data: cadernos de um escritor*. Venda Nova: Bertrand, 1988.
- NEGREIROS, José de Almada – *Ensaaios*. Vol. I. Lisboa: Estampa, 1971.
- NEMÉSIO, Vitorino – *Sob os signos de agora*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.
- O’NEILL, Alexandre – *Poesia completa, 1951-1981*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- PASCOAES, Teixeira de – *Arte de ser português*. Lisboa: Roger Delraux, 1978.
- PESSOA, Fernando – *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Lisboa: Ática, 1979.
- QUADROS, António – *A arte de continuar português*. In MOURÃO-FERREIRA, David; SEIXO, Maria A. – *Portugal: a terra e o homem. Antologia de textos de escritores do séc. XX*. Vol. II, 2ª série. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- QUEIROZ, Carlos – *Epístola aos vindouros e outros poemas*. Lisboa: Ática, 1989.
- RÉGIO, José – *Fado*. Lisboa: Portugália, 1969.
- RIBEIRO, Aquilino – *Introdução etnográfica*. In PROENÇA, Raul – *Guia de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- RIBEIRO, Aquilino – *Os avós dos nossos avós*. Lisboa: Bertrand, [s.d.].
- RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: esboço de relações geográficas*. Lisboa: Sá da Costa, 1986.
- SÁ, Pedro de Moura e – *Vida e literatura*. Lisboa: Bertrand, 1960.
- SARAIVA, António José – *Resposta a Castelo Branco Chaves*. *Revista Litoral*. 3 (1945).
- SARDINHA, António – *Antologia poética*. Lisboa: Guimarães, 1960.
- SEGURADO, Henrique – *Ressentimento de um ocidental*. In MOURÃO-FERREIRA, David; SEIXO, Maria A. – *Portugal: a terra e o homem. Antologia de textos de escritores do séc. XX*. Vol. II, 3ª série. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- SENA, Jorge de – *O reino da estupidez*. Vol. I. Lisboa: Moraes Editores, 1961.
- SÉRGIO, António – *Breve interpretação da história de Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1972.
- SILVA, Agostinho da – *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Guimarães Editores, [s.d.].

-
- SOUSA, Maria Ângela de. In QUADROS, António – *Poesia e filosofia do Mito Sebastianista*. Lisboa: Guimarães Editores, 1982-1983.
- TORGA, Miguel – *Diário*. Vol. XIV. Coimbra: Miguel Torga, 1941.
- TRIGUEIROS, Luís F. – Herói sem disciplina. In TRIGUEIROS, Luís F. – *Um jardim em Londres*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
- VIANA, António M. C. – *Uma vez uma voz: poesia completa, 1948-1983*. Lisboa: Verbo, 1985.
- VIEIRA, Afonso Lopes – *Em demanda do Graal*. Lisboa: Portugal-Brasil, 1922.
- VIEIRA, Afonso Lopes – *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Lisboa: Bertrand, 1940.
- VITORINO, Orlando – O centro da terra. *A Ilha (suplemento literário do Jornal da Madeira)* (1971).

ANEXOS

ANEXO I

EXCERTO DA VERSÃO FAC-SÍMILE DA “EPANÁFORA AMOROSA” DE DOM FRANCISCO MANUEL DE MELO, 1660 ¹

¹ In *Epanáforas de Vária História Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977. Edição fac-símile da edição original de 1660. Introdução e Apêndice documental por Joel Serrão.

EPANÁFORA AMOROSA III. 289
 nouo resignados, hum na vontade do outro, cada qual prometteo: *De tomar por ley, o gosto alheyo, & por fiador de suas verdades, ao tempo.* Aquelle tempo que, apagar as diuidas de todos por qué fica, fora a mais pobre creatura do mundo.

Quando a Dama algũa vez, mais aliuiada das molestias do mar, & elle mais esquecido de sua herba, fãa a divertir-se, vendo as agoas, tambem Roberto as via em sua vista; mas cõ diferête affecto, quão diferête he o temor, da saudade. As ondas se mencauão à maneira de jogo, diminuão os cuidados de Ana, & os seus olhos se se humedeçião, como por lisonja, aumentauão os de Roberto. As nuens, que guiadas do vento, vinhão da mesma parte que elles deixauão, entendia Ana, que lhes trazião recados de sua patria; acufando a ingratitude, com que della se hauia partido. As escumas que hão correndo contra o curso do nauio, & se ficauão atraz delle, julgaua ella, se lhe oferecião para levar-lhe reposta. Tudo em fim era lastimas, sem ver outra cousa, que hum mar nunca visto, & hum ceo desvíado: de q̃ no coração de Ana se começauão a aleuantar grandes affectos de saudade.

E pois parece, que lhes toca mais aos Portuguezes, que a outra nação do mundo, o dar-lhe cõta de tanta generosa paixão, a quem sómente nós sabemos o nome, chamãdo-lhe: *Saudade*; quero eu agora tomar sobre mi esta noticia. Florece entre os Portuguezes a saudade, por duas causas, mais certas em nós, q̃ em outra

290 DESCOBRIMENTO DA ILHA DA MAD.

outra gente do mundo; porque de ambas effas causas, tem seu principio. Amor, & Ausencia, são os pays da saudade; & como nosso natural, he entre as mais nações, conhecido por amoroso, & nossas dilatadas viagens, occasionão as mayores ausencias, de aqui vem, que donde se acha muyto amor, & ausencia larga, as saudades se jão mais certas, & esta foi sem falta a razão, porque entre nós habitassem, como em seu natural centro. Mas porque tenho por certo, que fui eu o primeiro neste reparo, parece que não será reprehensuel, que me detenha algum tãto, por fazer a notomia em hum affecto; o qual ainda que pa decido de todos, não temos todavia aueriguado, se compete às injurias, ou aos beneficios, que do amor recebem os humanos: ou se sem amor, tãbem, se podem experimentar saudades.

Do Amor, houve quem disse: *Era o unico affecto de nossa alma*; porq̃ até o Odio, que he do Amor a cousa mais dessemelhante, se afirma ser o mesmo Amor; porque he certo, que ninguém pôde ter Amor a hũa cousa, que não tenha odio à cousa que for contraria, àquella que ama; ou de outro modo: ninguém pode odiar hũa cousa, que não ame aquella cousa contraria da que aborrece. Se esta regra fosse certa (de cuja validade não disputo) bem se seguia, que sem Amor, não pôde hauer saudade: com tudo nós, vemos, que muitas vezes a saudade se contrabe com cousas, que antes da saudade não amauamos.

He a Saudade, hũa mimosa paixão da alma, & por isso

EPANÁFORA AMOROSA III. 291

isso tão fútil, que equiuocamente se experimenta, deixádonos indistinta a dor, da satisfação. He hum mal, de que se gosta, & hum bem, que se padecer; quando fenecer, trocalle a outro mayor contentamêto, mas não que formalmente se extinga: porque se sem melhora se acaba a saudade, he certo, que o amor, & o desejo, se acabára o primeiro; não he assi com a pena: porque quanto he mayor a pena, he mayor a saudade, & nunca se passa ao mayor mal, antes rompe pellos males; conforme succede aos rios impenetráos, conservarem o fabor de suas agoas, muyto espaço de pois de misturar se com as ondas do mar, mais opulento. Pello que, diremos, que ella he, hum suave fumo do fogo do Amor, & que do proprio modo, que a lenha odorifera, lança hum vapor leue alho, & cherofo, assi a Saudade modela, & regulada, dá indícios de hum Amor fino, casto, & puro. Não necessita de larga ausencia: qualquer deluio lhe basta, para que se conheça. Assi prova ser parte do natural apertice da viação de todas as cousas amaucis, & semelhantes; ou fera quella falsa, que da deusa deffas taes cousas, procede. Compete por esta causa aos racionaes, pella mais nobre porção, que ha em nós; & he legitimo argumento, da immortalidade de nosso espiritu, por aquella muda illação, q̄ sempre nos está fazendo interiormente, de que fóra de nós; ha outra coula melhor, que nós mesmos, com q̄ nos desejamos vir. Sendo esta tal, a mais subida das faudades humanas: como se dissefemos hum desejo viuo,

292 DESCOBRIMENTO DA ILHA DA MAD.

viuo, húa remeniscencia forçosa, com que apetece-mos espiritalmente, o que não haemos visto já; mais, nem ainda ouvido: & temporalmete, o que está de nós remoto, & incerto. Mas hum, & outro fim, sempre debatxo das primissas de bom, & de leuvel. Esta he em meu juizo a theorica das faudades, pellos modos, que sem as conhecer, as padecemos, agora humana, agora diuinamente

Cinco dias hauia, que naugeauão, sem que a terra, que hião buicãdo, se lhes descobrisse; porque a falta de gouerno, & sobejo vento, que de ordinario corría, fora causa, de que insensuelmente se apartassem da costa de França, adonde se encaminhaão (mas em vão) seus desejos. Os amigos de Roberto, cujos animos ainda erão liures, de affectos mais poderosos, que o cuidado da vida, como he o amor, começaraõ a temêla. Porém a fortuna, tinha já igualado, culpados, & innocentes: ou pello menos, como acontece nos grandes delictos, não fazia distincção de culpa, a culpa, para lhe proporcionar o perigo.

Por horas conheção os miseraucis nauigantes, caminhaão à perdição, com aquelles proprios naffos, que ignorauao; & mais o remedio delles. Sobre todos, misero Roberto, padecia em seu risco, o detodos, mas incomparauelmente sentia mais o trabalho, em que por sua causa estava vendo a coula, que mais amaua: nem o proprio contentimento de Ana, lhe diminuia parte da lastima, que lhe tinha; porque o Amor, nunca foi homem de justiça. Figue embora para

ANEXO II

QUESTIONÁRIO GERAL (VERSÃO FAC-SÍMILE)

QUESTIONÁRIO

Tem junto a si um conjunto de perguntas que são parte de um trabalho de investigação sobre características dos Portugueses e da sua relação com Portugal.

É convidado a lê-las e a responder de imediato, quer dizer, a usar as imagens e ideias que primeiro lhe venham à mente.

Diga as primeiras palavras que lhe vierem à cabeça ao pensar em:

1. Portugal _____

2. Os Portugueses _____

3. Ser português _____

4. Os Portugueses são...
(no mínimo 5 respostas)

5. Os Portugueses são acima de tudo _____

6. O que os Portugueses não são é _____

7. Considera-se português? Porquê? Indique três motivos:

Sim, porque: a) _____
b) _____
c) _____

Não, porque: a) _____
b) _____
c) _____

Não sei

8. Gosta de ser português? Porquê? Indique três motivos:

Gosto, porque: a) _____
 b) _____
 c) _____

Não gosto, porque: a) _____
 b) _____
 c) _____

Não sei

9. Gostaria de ter nascido noutra país?

Sim Não Não sei

Se SIM, em qual? _____

E porquê? _____

10. Identifica-se com a maneira de ser dos Portugueses?

Identifico-me Totalmente	Identifico-me Muito	Identifico-me	Identifico-me Pouco	Não me Identifico
-----------------------------	------------------------	---------------	------------------------	----------------------

11. Pensando agora nos Portugueses, complete as seguintes frases:

- 1) Ser português é uma complicação mas também é _____ .
- 2) O Português é mais _____ fora de Portugal que dentro dele.
- 3) Onde o Português chega _____ .
- 4) Por esse mundo fora o Português poderá não ser o mais _____ mas é
 certeza o mais _____.
- 5) Os Portugueses são conhecidos entre as outras nações por _____ .
- 6) Todos os Portugueses se imaginam _____ .
- 7) O Português dá mais valor aos sentimentos do que _____ .
- 8) O que para os outros povos se faz pela vontade, em Portugal faz-se _____ .
- 9) Os Portugueses não são gentes de paixões mas sim de _____ .
- 10) Os Portugueses consideram-se antes de mais e acima de tudo _____ .

12. Portugal para si é _____

13. Em seu entender, o que mais representa Portugal? _____

14. Ser português do Minho ou do Algarve é a mesma coisa que ser português de qualquer outra parte de Portugal?

Sim Não Não sei

Porquê? _____

15. Acha que se pode deixar de ser Português?

Sim Não Não sei

Porquê? _____

16. Nas frases que se seguem, quais são para si as que melhor caracterizam os Portugueses? Sublinhe a letra das TRÊS mais características.

- A. O povo português é um dos mais civilizados da Europa.
- B. O que para outros povos se faz pela vontade em Portugal faz-se pelo sentimento.
- C. Não há Português que não se suponha um pinga-amor, universalmente irresistível.
- D. O Português é mais patriota fora do país que dentro dele.
- E. O Português dá mais valor aos sentimentos que ao lucro e ao utilitário.
- F. Onde o Português chega há tertúlia; desenvolve-se a afabilidade; alarga-se o halo humano.
- G. O Português não gosta de fazer sofrer e evita conflitos.
- H. Um Português reconhecerá facilmente que outro povo se lhe avanteja em riqueza, em poderio, em ciência, em arte, mas não em sentimentalismo. Consideram-se antes de mais e acima de tudo sentimentais.
- I. Ser Português é uma complicação mas também é engraçado.
- J. Os Portugueses são conhecidos entre as outras nações por amorosos.

L. Os Portugueses não são gente de paixões mas de ternuras.

M. O humano deve ser a única varonia de Portugal.

17. Vou apresentar-lhe algumas maneiras de ser que podem ser aplicadas a alguns povos. Pensando no povo português, gostava que me dissesse qual a sua opinião para cada uma delas, usando na escala que se segue a opção que mais lhe agrade:

Não concordo 1	Concordo pouco 2	Concordo 3	Concordo muito 4	Concordo plenamente 5
----------------------	------------------------	---------------	------------------------	-----------------------------

- A. É um povo criativo (engenhocas) e que se revolta com injustiças sociais, mas que não dá importância à amizade. _____
- B. É um povo que se revolta com injustiças sociais e que é atencioso e agradável nas relações sociais, mas que não dá importância à amizade. _____
- C. É um povo que dá muita importância à amizade e que é atencioso e agradável nas relações sociais, mas que é covarde. _____
- D. É um povo que dá muita importância à amizade e que é trabalhador, mas que é covarde. _____
- E. É um povo corajoso, atencioso e agradável das relações sociais, mas que não dá importância à amizade. _____
- F. É um povo que dá muita importância à amizade e que é criativo, mas que é desabrido e desagradável nas relações sociais. _____
- G. É um povo corajoso e que dá muita importância à amizade, mas que é desabrido e desagradável nas relações sociais. _____
- H. É um povo que dá muita importância à amizade e que é atencioso e agradável nas relações sociais, mas que não gosta de trabalhar. _____

Gostava ainda que escolhesse qual destas maneiras de ser se parece mais e menos com o povo português, indicando a letra da respectiva frase.

Imagem mais semelhante	Imagem mais oposta

18. Como acha que eram antigamente os Portugueses? _____

19. Como acha que serão os Portugueses daqui a trinta anos? _____

E porquê? _____

20. O Afecto para si é...

Muito
Importante

Importante

Algo
Importante

Pouco
Importante

Nada
Importante

E porquê? _____

21. Quem sou eu?

(no mínimo 5 respostas)

22. Eu sou acima de tudo _____

23. O que eu não sou é _____

24. Das seguintes pessoas que lhe vou apresentar, gostava que indicasse o grau de semelhança que julga terem consigo, usando a escala que se segue.

Não concordo 1	Concordo pouco 2	Concordo 3	Concordo muito 4	Concordo plenamente 5
----------------------	------------------------	---------------	------------------------	-----------------------------

- A. É uma pessoa criativa (engenhocas) e que se revolta com injustiças sociais, mas que não dá importância à amizade. _____
- B. É uma pessoa que se revolta com injustiças sociais e que é atenciosa e agradável nas relações sociais, mas que não dá importância à amizade. _____
- C. É uma pessoa que dá muita importância à amizade e que é atenciosa e agradável nas relações sociais, mas que é covarde. _____
- D. É uma pessoa que dá muito importância à amizade e que é trabalhadora, mas que é covarde. _____
- E. É uma pessoa corajosa, atenciosa e agradável das relações sociais, mas que não dá importância à amizade. _____
- F. É uma pessoa que dá muita importância à amizade e que é criativa, mas que é desabrida e desagradável nas relações sociais. _____
- G. É uma pessoa corajosa e que dá muita importância à amizade, mas que é desabrida e desagradável nas relações sociais. _____
- H. É uma pessoa que dá muito importância à amizade e que é atenciosa e agradável nas relações sociais, mas que não gosta de trabalhar. _____

Gostava ainda que escolhesse qual destas maneiras de ser se parece mais e menos consigo, indicando a letra da respectiva frase.

Imagem mais semelhante	Imagem mais oposta

25. Identificação pessoal

Sexo: masculino feminino

Idade: _____

Naturalidade: Freguesia _____ Concelho _____ Distrito _____

Depois desta nossa conversa, quer dizer mais alguma coisa?

Os meus agradecimentos pela sua colaboração.

ANEXO III

RESULTADOS EMPÍRICOS: *CORPORA* E ANÁLISE FACTORIAL DE CORRESPONDÊNCIAS

Quadro III.1: “Portugal” (P01) - distribuição das respostas

Frequência	Itens
Itens com frequência 42	País
Itens com frequência 39	Pátria
Itens com frequência 27	Pequeno
Itens com frequência 19	Meu país
Itens com frequência 16	Mar, Nação, Praias
Itens com frequência 12	Sol
Itens com frequência 11	Descobrimientos
Itens com frequência 9	Bonito
Itens com frequência 8	Em desenvolvimento
Itens com frequência 7	Bom país
Itens com frequência 6	Paz, Pobreza
Itens com frequência 5	Atrasado, Beira mar, Casa, Lindo, Minha pátria, Onde nasci
Itens com frequência 4	Algarve, Benfica, Clima, Europa, Férias, Futebol, História, Onde vivo, Portugueses, Tradição, Turismo
Itens com frequência 3	Amizade, Comunidade Europeia, Comida, Nosso país, Pouco desenvolvido, O melhor, Paisagens, Península Ibérica
Itens com frequência 2	25 de Abril, Alentejo, Amor, Calmo, Continente, Democracia, Expansão, Família, Grande país, Jardim, Lisboa, Mário Soares, Música, Nós, Para se viver, Política, República, Rios, Selecção, Verde

Quadro III.2: “Em seu entender, o que mais representa Portugal?” (P13) - distribuição das respostas

Frequência	Itens
Itens com frequência 48	Descobrimientos
Itens com frequência 15	História
Itens com frequência 13	Bandeira
Itens com frequência 12	Fado, Praias
Itens com frequência 11	Clima, Os portugueses, Vinho do Porto
Itens com frequência 10	Cultura
Itens com frequência 8	Língua portuguesa, Povo
Itens com frequência 7	Monumentos, Paisagens, Passado
Itens com frequência 6	Algarve
Itens com frequência 5	Benfica, Comida, Lisboa, Mário Soares, Sol, Tradições
Itens com frequência 4	Galo de Barcelos, Futebol, O país, País acolhedor, Suas gentes, Torre de Belém, Tudo
Itens com frequência 3	As pessoas, Costumes, Emigração, Maneira de ser portuguesa, Música, País pequeno, Patriotismo, Presidente da República, Turismo
Itens com frequência 2	Amália, Caravelas, Conquistas, Cozido à portuguesa, Desporto, Gastronomia, Geografia, Grandes personalidade, Lusíadas, Mar, Monumento às Descobertas, Pátria, Património, Um país grande, Zé Povinho

Quadro III.3: “Ser Português” (P03) - distribuição das respostas

Frequência	Itens
Itens com frequência 64	Bom
Itens com frequência 45	Orgulho
Itens com frequência 12	O melhor
Itens com frequência 11	Patriota
Itens com frequência 9	Viver em Portugal, Nascer em Portugal, Honra
Itens com frequência 5	Gostar de ser, Gostar de Portugal, Eu
Itens com frequência 4	Falar português, Feliz, Indiferente, Pertencer a Portugal, Saudade
Itens com frequência 3	Diferente, Difícil, Forte, Nacionalidade, Sorte
Itens com frequência 2	Amizade, Aventureiro, Defender, Europeu, Fado, Gosto, Honesto, Hospitaleiro, Infelizmente, Inteligente, Interessante, Língua difícil, Lutar por Portugal, Portugal, Ser, Trabalhador, Triste

Quadro II.4: “Portugal” e “Portugal para si” (P01 e P12) - resultados da análise factorial das correspondências

Itens	P	I	Coordenadas			Contribuições absolutas			Contribuições relativas		
			F1	F2	F3	F1	F2	F3	F1	F2	F3
Acolhedor	07	23,52	0,64	-0,32	0,75	0,6	0,1	0,9	0,02	0,00	0,02
Beira mar	13	20,50	1,94	-1,51	-1,83	9,1	5,9	9,4	0,18	0,11	0,16
Belo	11	29,55	-0,12	-0,97	-0,95	0,0	2,2	2,2	0,00	0,03	0,03
Bem	08	26,35	-0,63	0,56	-0,86	0,6	0,5	1,3	0,02	0,01	0,03
Bom	25	11,89	0,71	2,15	0,04	2,4	24,1	0,0	0,04	0,39	0,00
Bonito	30	7,82	0,68	-0,18	0,32	2,6	0,2	0,7	0,06	0,00	0,01
Calmo	10	23,05	0,14	0,23	-0,24	0,0	0,1	0,1	0,00	0,00	0,00
Casa	16	15,46	-1,49	-0,80	-0,14	7,0	2,2	0,1	0,14	0,04	0,00
Clima	09	31,76	1,05	3,27	0,31	2,0	20,9	0,2	0,03	0,34	0,00
Coisas	07	32,98	0,26	0,47	-0,49	0,1	0,3	0,4	0,00	0,01	0,01
Cultura	08	23,07	1,06	-0,46	0,63	1,7	0,4	0,7	0,05	0,01	0,02
Descobrimentos	09	37,48	1,35	0,14	0,32	3,3	0,0	0,2	0,05	0,00	0,00
Em desenvolvimento	08	35,62	-0,23	0,60	0,33	0,1	0,6	0,2	0,00	0,01	0,00
Desenvolvido	08	27,14	0,32	0,17	0,29	0,2	0,0	0,1	0,00	0,00	0,00
Eu	11	15,09	-0,97	0,58	-0,28	2,0	0,8	0,2	0,06	0,02	0,01
Europa	17	17,87	0,06	0,42	0,75	0,0	0,6	2,1	0,00	0,01	0,03
Gostar	11	21,86	-0,68	0,47	-1,11	1,0	0,5	3,0	0,02	0,01	0,06
Grande	20	11,37	0,15	-0,75	0,41	0,1	2,4	0,8	0,00	0,05	0,01
História	10	25,19	1,12	-0,47	0,28	2,5	0,5	0,2	0,05	0,01	0,00
Lindo	16	13,46	0,81	-0,19	-0,19	2,1	0,1	0,1	0,05	0,00	0,00
Lugar	07	34,89	-1,29	0,03	-1,12	2,3	0,0	2,0	0,05	0,00	0,04
Mar	15	16,73	1,26	-0,50	-1,14	4,6	0,8	4,3	0,10	0,02	0,08
Maravilhoso	09	24,75	-0,30	-0,14	-0,73	0,2	0,0	1,1	0,00	0,00	0,02
Me	09	23,05	-1,15	0,04	-0,83	2,2	0,0	1,3	0,06	0,00	0,03
Melhor	21	11,25	-0,26	-0,30	-0,27	0,3	0,4	0,3	0,01	0,01	0,01
Meu	82	2,84	-0,86	-0,40	0,20	11,8	2,8	0,7	0,00	0,06	0,01
Mundo	17	14,17	-0,17	-0,84	0,28	0,1	2,5	0,3	0,00	0,05	0,01
Nação	16	18,05	0,47	-0,89	1,14	0,7	2,7	4,8	0,01	0,04	0,07
Nascer	17	9,72	-0,99	0,52	-0,39	3,2	1,0	0,6	0,10	0,03	0,02
Onde	52	3,54	-0,72	0,56	-0,50	5,2	3,4	2,9	0,15	0,09	0,07
País	227	0,62	0,02	0,07	0,08	0,0	0,3	0,3	0,00	0,01	0,01
Paisagem	07	42,94	2,08	-1,03	0,16	5,9	1,6	0,0	0,10	0,02	0,00
Paraíso	12	31,50	0,92	-0,24	3,04	1,9	0,1	24,2	0,03	0,00	0,29
Pátria	49	6,17	-0,55	-0,70	0,80	2,9	5,0	7,0	0,05	0,08	0,10
Paz	09	31,80	0,62	0,93	-0,09	0,6	1,5	0,0	0,01	0,03	0,00
Pequeno	46	4,87	0,29	-0,02	0,72	0,7	0,0	5,4	0,02	0,00	0,11
Plantado	07	28,32	2,46	-1,51	-2,09	8,2	3,4	6,9	0,21	0,08	0,15
Pobre	08	29,02	0,14	0,06	0,03	0,0	0,0	0,0	0,00	0,00	0,00
Poder	08	26,41	-0,22	-0,34	-0,20	0,1	0,2	0,1	0,00	0,00	0,00
Portugal	07	32,50	-0,70	-0,76	-1,46	0,7	0,8	3,4	0,02	0,02	0,07
Portugueses	07	30,92	-0,74	-1,00	-1,35	0,7	1,5	2,9	0,02	0,03	0,06
Praia	20	15,95	1,08	0,01	-0,99	4,4	0,0	4,3	0,07	0,00	0,06
Rico	07	31,58	0,13	0,20	0,31	0,0	0,1	0,1	0,00	0,00	0,00
Sol	18	14,12	0,70	0,60	-0,50	1,7	1,4	1,0	0,04	0,03	0,02
Terra	11	18,98	-0,92	-0,61	-0,63	1,8	0,9	1,0	0,05	0,02	0,02
Tradição	09	22,49	0,96	-0,36	-0,34	1,7	0,3	0,2	0,04	0,01	0,01
Vida	09	24,98	-0,26	0,28	0,77	0,1	0,1	1,2	0,00	0,00	0,02
Viver	38	5,11	-0,32	0,93	-0,28	0,8	6,9	0,7	0,02	0,17	0,02

Legenda: P – peso relativo (frequência relativa de cada item no *corpus*, em permilagem); I – inércia (permilagem da contribuição de cada item para o desvio à independência); Coordenadas – coordenadas de cada item nos três factores; Contribuições absolutas – percentagem da contribuição de cada item para a

constituição de cada factor; Contribuições relativas – fracção da variância do item explicada por cada factor.

Quadro III.5: “Portugal” e “Portugal para si” P01 e P12) - resultados da análise factorial das correspondências - variáveis ilustrativas

Grupos ilustrativos	N	D	Coordenadas			Valores teste		
			F1	F2	F3	F1	F2	F3
<i>Sexo</i>								
Masculino	129	1,5	0,08	0,02	0,01	2,3	0,7	0,2
Feminino	176	0,7	-0,05	-0,02	-0,00	-2,3	-0,7	-0,2
<i>Nível de escolaridade</i>								
Secundário	100	2,6	-0,01	-0,06	-0,09	-0,2	-1,2	-1,9
Universitário	205	0,4	0,00	0,02	0,03	0,2	1,2	1,9
<i>Naturalidade</i>								
Algarve	140	1,3	-0,08	0,14	-0,00	-2,6	4,3	-0,1
Fora do Algarve	120	1,5	0,10	-0,15	0,04	3,0	-4,6	1,2
Outros países	41	6,1	-0,00	0,02	-0,07	-0,0	0,2	-1,0
<i>Ser Português (P03)</i>								
Avaliação positiva	132	1,3	0,09	-0,11	0,04	2,8	-3,4	1,1
Avaliação negativa	12	28,7	-0,07	0,19	0,12	-0,5	1,3	0,8
Avaliação ambígua	14	21,0	0,09	0,30	-0,18	0,7	2,4	-1,4
Definição por cidadania	19	15,4	-0,13	0,30	0,02	-1,2	2,7	0,2
Definição por relação	38	7,3	0,09	-0,43	0,16	1,2	-5,7	2,2
Definição por características nacionais	37	6,9	0,03	0,38	-0,06	0,4	5,1	-0,8
Outro tipo de definição	47	5,1	-0,24	0,04	-0,13	-3,8	0,6	-2,0
<i>Considera-se Português? (P07)</i>								
Sim	197	0,7	0,08	0,04	0,04	3,5	1,6	1,9
Não e Não sei	12	35,5	-0,35	0,11	0,04	-2,1	0,7	0,3
<i>Gosta de ser Português? (P08)</i>								
Gosto	159	1,0	0,17	0,00	0,07	6,1	0,0	2,3
Não gosto	5	115,1	-0,02	0,68	0,10	-0,1	2,2	0,3
Não sei	36	8,4	-0,42	0,08	-0,13	-5,2	1,0	-1,6
<i>Gostaria de ter nascido noutra país? (P09)</i>								
Não	125	1,6	0,19	-0,10	0,04	5,3	-2,9	1,0
Sim	38	7,2	-0,22	0,16	-0,04	-3,0	2,1	-0,5
Não sei	53	5,8	0,01	0,28	0,15	0,2	4,1	2,3
<i>Ser Português do Minho ao Algarve é a mesma coisa que ser Português de qualquer outra parte de Portugal? (P14)</i>								
Sim	108	2,1	0,17	-0,12	0,07	4,1	-2,9	1,8
Não	118	1,8	-0,07	0,08	0,09	-1,8	2,1	2,4
Não sei	20	15,0	-0,15	0,04	-0,16	-1,4	0,3	-1,5
<i>Pode deixar-se de ser Português? (P15)</i>								
Sim	30	8,7	0,15	0,42	0,20	1,8	5,1	2,5
Não	171	1,0	0,10	-0,01	0,05	3,5	-0,2	1,7
Não sei	16	21,0	-0,06	-0,01	0,13	-0,4	-0,1	1,0

Legenda: N – dimensão de cada grupo; D – distância euclidiana de cada grupo à média global;

Coordenadas – coordenadas de cada grupo de respostas nos três factores; Valores teste – coordenadas normalizadas para cada grupo.

Quadro III.6: “Os Portugueses” (P02) - distribuição das respostas

Frequência	Itens
Itens com frequência 34	Simpáticos
Itens com frequência 25	Boas pessoas
Itens com frequência 12	Povo
Itens com frequência 9	Acolhedores, Descobridores
Itens com frequência 8	Alegres
Itens com frequência 7	Nós, Pessoas
Itens com frequência 6	Amigos, Eu
Itens com frequência 5	Aventureiros, Hospitaleiros, Pacíficos, Patriotas, Porreiros, Portugal
Itens com frequência 4	Amáveis, Baixos, Cidadãos, Irmãos, Simples, Trabalhadores
Itens com frequência 3	Abertos, Afáveis, Amigáveis, Burros, Compatriotas, Espertos, Inteligentes, Latinos, Minha nacionalidade, Morenos, Nascidos em Portugal, Pacatos, Preguiçosos, Unidos
Itens com frequência 2	Atrasados, Bem humorados, Brandos, Calmos, Civilizados, Corajosos, Costumes, Descontentes, Diferentes, Egoístas, Emigrantes, Estúpidos, Gosto deles, Grandes homens, Humanos, Insatisfeitos, Interessantes, Lusitanos, Mandriões, Navegadores, Os melhores, Sinceros, Sonhadores, Submissos, Tradicionais, Zé Povinho

Quadro III.7: “Os Portugueses são...” (P04) - distribuição das respostas

Frequência	Itens
Itens com frequência 93	Simpáticos
Itens com frequência 45	Trabalhadores
Itens com frequência 40	Amigos
Itens com frequência 35	Acolhedores
Itens com frequência 32	Aventureiros
Itens com frequência 29	Inteligentes
Itens com frequência 27	Preguiçosos
Itens com frequência 24	Hospitaleiros
Itens com frequência 22	Alegres
Itens com frequência 20	Boas pessoas, Corajosos
Itens com frequência 19	Orgulhosos, Patriotas
Itens com frequência 16	Espertos
Itens com frequência 14	Bons, Compreensivos, Egoístas, Tradicionais
Itens com frequência 12	Simples, Pacíficos
Itens com frequência 11	Ambiciosos, Carinhosos, Divertidos
Itens com frequência 10	Burros
Itens com frequência 9	Comodistas, Ignorantes, Honestos, Pobres, Sociáveis
Itens com frequência 8	Atrasados, Bonitos, Sinceros, Vaidosos
Itens com frequência 7	Amáveis, Atenciosos, Calmos, Comilões, Companheiros, Conservadores, Faladores, Pequenos
Itens com frequência 6	Acomodados, Antipáticos, Conquistadores, Humanos, Invejosos, Oportunistas, Pessoas, Sonhadores, Unidos
Itens com frequência 5	Afectuosos, Amigáveis, Desorganizados, Diferentes, Interesseiros, Lutadores, Mal educados, Modestos, Pacatos, Pouco trabalhadores, Saudosistas, Sensíveis, Teimosos, Tristes
Itens com frequência 4	Afáveis, Amorosos, Baixos, Básicos, Brutos, Compatriotas, Conformados, Convencidos, Curiosos, Descobridores, Estúpidos, Gananciosos, Latinos, Livres, Marinheiros, Mentirosos, Nacionalistas, Parvos, Poetas, Pouco ambiciosos, Responsáveis, Ricos, Sentimentais, Sérios, Solidários, Tímidos
Itens com frequência 3	Agradáveis, Aldrabões, Amistosos, Bondosos, Brincalhões, Ciumentos, Complicados, Contestatários, Desconfiados, Descontentes, Desleixados, Desportistas, Destemidos, Directos, Emigrantes, Engraçados, Extrovertidos, Fechados, Felizes, Fieis, Generosos, Humildes, Idealistas, Incultos, Influenciados, Influenciáveis, Ingénuos, Inventores, Leais, Malandros, Malucos, Morenos, Passivos, Porreiros, Portugueses, Pouco nacionalistas, Prestáveis, Românticos, Sofredores, Trapalhões, Únicos
Itens com frequência 2	Aborrecidos, Altamente, Altruístas, Anfitriões, Antiquados, Apaixonados, Bem viventes, Boémios, Bom senso, Brancos, Complexados, Comunicativos, Criativos, Cultos, Desenrascados, Despreocupados, Educados, Egocêntricos, Empreendedores, Engenhocas, Estranhos, Europeus, Fadistas, Foliões, Fortes, Gabarolas, Gentis, Gloriosos, Grande povo, Gulosos, Heróis, Humorados, Imitadores, Impulsivos, Incompetentes, Independentes, Individualistas, Insatisfeitos, Interessantes, Introversos, Irresponsáveis, Machistas, Malcriados, Mal pagos, Materialistas, Meigos, Mesquinhos, Minha família, Optimistas, Pessimistas, Políglotas, Pouco desenvolvidos, Pouco patriotas, Preconceituosos, Radicais, Receptivos, Refilões, Respeitadores, Submissos, Supersticiosos, Tolerantes, Valentes

Quadro III.8: “Os Portugueses” e “Os Portugueses são...” (P02 e P04) - resultados da análise factorial das correspondências

Itens	P	I	Coordenadas			Contribuições absolutas			Contribuições relativas		
			F1	F2	F3	F1	F2	F3	F1	F2	F3
Acolhedores	48	4,94	0,29	0,31	0,25	0,7	0,8	0,6	0,02	0,02	0,01
Alegres	31	9,28	0,31	-0,05	0,53	0,5	0,0	1,7	0,01	0,00	0,03
Amáveis	12	29,56	0,79	0,93	-0,78	1,2	1,9	1,4	0,02	0,03	0,02
Ambiciosos	12	28,07	-0,90	0,41	0,43	1,6	0,4	0,4	0,03	0,01	0,01
Amigáveis	09	33,06	0,45	-0,48	0,02	0,3	0,4	0,0	0,01	0,01	0,00
Amigos	52	4,96	-0,25	-0,20	0,43	0,5	0,4	1,9	0,01	0,01	0,04
Atenciosos	09	38,35	-0,26	-0,82	-0,89	0,1	1,1	1,3	0,00	0,02	0,02
Atrasados	11	40,34	-2,99	-3,31	-1,00	16,2	22,3	2,1	0,22	0,27	0,02
Aventureiros	41	7,46	0,41	0,06	-0,07	1,1	0,0	0,0	0,02	0,00	0,00
Boas pessoas	47	5,55	-0,19	-0,52	0,51	0,3	2,3	2,3	0,01	0,05	0,05
Bonitos	09	23,19	-0,37	0,24	-0,89	0,2	0,1	1,3	0,01	0,00	0,03
Bons	17	16,31	0,12	0,06	-0,24	0,0	0,0	0,2	0,00	0,00	0,00
Burros	16	31,31	-4,07	2,28	-0,15	42,0	14,9	0,1	0,53	0,17	0,00
Calmos	10	29,62	0,45	-0,59	0,92	0,3	0,6	1,6	0,01	0,01	0,03
Carinhosos	12	18,13	0,36	-0,32	-0,81	0,3	0,2	1,6	0,01	0,01	0,04
Comilões	09	30,95	0,68	0,16	0,62	0,7	0,0	0,7	0,01	0,00	0,01
Comodistas	09	26,85	0,77	-0,23	-0,08	0,9	0,1	0,0	0,02	0,00	0,00
Compreensivos	16	14,38	-0,33	0,38	0,11	0,3	0,4	0,0	0,01	0,01	0,00
Conservadores	09	42,93	0,66	0,72	0,28	0,6	0,8	0,1	0,01	0,01	0,00
Corajosos	24	11,07	0,13	-0,24	-0,30	0,1	0,2	0,4	0,00	0,00	0,01
Descobridores	10	37,42	0,29	0,30	1,81	0,1	0,2	6,3	0,00	0,00	0,09
Divertidos	12	22,61	0,53	0,79	-0,03	0,6	1,4	0,0	0,01	0,03	0,00
Egoístas	18	16,32	0,18	-0,55	0,52	0,1	1,0	0,9	0,00	0,02	0,02
Espertos	22	16,24	-1,53	1,42	-0,22	8,4	8,2	0,2	0,14	0,12	0,00
Faladores	09	39,87	-0,14	-1,04	0,57	0,0	1,8	0,5	0,00	0,03	0,01
Honestos	11	20,58	0,44	-0,20	-0,44	0,4	0,1	0,4	0,01	0,00	0,01
Hospitaleiro	30	9,18	0,30	0,51	0,03	0,4	1,4	0,0	0,01	0,03	0,00
Humanos	09	32,02	0,13	-0,27	0,73	0,0	0,1	0,9	0,00	0,00	0,02
Ignorantes	11	30,72	-1,99	0,80	-0,15	7,2	1,3	0,0	0,13	0,02	0,00
Inteligentes	35	7,78	-0,02	0,08	0,43	0,0	0,0	1,2	0,00	0,00	0,02
Orgulhosos	21	15,22	0,20	-0,28	-0,49	0,1	0,3	1,0	0,00	0,00	0,02
Pacatos	09	49,97	0,55	1,92	-1,04	0,4	6,0	1,9	0,01	0,07	0,02
Pacíficos	17	21,72	0,31	0,40	0,38	0,3	0,5	0,5	0,00	0,01	0,01
Patriotas	25	11,92	0,25	-0,41	0,42	0,3	0,8	0,9	0,01	0,01	0,01
Pequenos	09	32,12	0,15	0,24	0,64	0,0	0,1	0,7	0,00	0,00	0,01
Pessoas	12	32,79	-1,11	-1,34	0,35	2,5	4,0	0,3	0,04	0,05	0,00
Pobres	11	31,41	-0,92	-2,60	0,23	1,5	13,8	0,1	0,03	0,22	0,00
Porreiros	09	38,23	0,89	-0,34	-3,62	1,1	0,2	22,4	0,02	0,00	0,34
Povo	12	28,20	-0,93	-1,69	-0,30	1,7	6,4	0,2	0,03	0,10	0,00
Preguiçosos	32	10,52	0,36	-0,41	0,12	0,7	1,0	0,1	0,01	0,02	0,00
Simpáticos	135	1,64	0,12	0,18	0,05	0,3	0,8	0,1	0,01	0,02	0,00
Simple	17	17,39	0,69	0,54	-0,44	1,3	0,9	0,6	0,03	0,02	0,01
Sinceros	11	24,11	0,13	-0,63	-2,56	0,0	0,8	13,9	0,00	0,02	0,27
Sociáveis	11	23,96	0,69	0,59	0,38	0,9	0,7	0,3	0,02	0,01	0,01
Sonhadores	09	32,83	0,44	0,09	-1,48	0,3	0,0	3,7	0,01	0,00	0,07
Trabalhadores	54	5,09	0,37	0,27	-0,57	1,2	0,7	3,5	0,03	0,01	0,06
Tradicionalis	18	23,35	0,69	-0,23	1,71	1,4	0,2	10,0	0,02	0,00	0,13
Unidos	09	36,58	-0,26	-0,12	0,67	0,1	0,0	0,8	0,00	0,00	0,01
Vaidosos	10	36,49	0,68	-0,27	-2,37	0,7	0,1	10,8	0,01	0,00	0,15

Legenda: P – peso relativo (frequência relativa de cada item no *corpus*, em permilagem); I – inércia (permilagem da contribuição de cada item para o desvio à independência); Coordenadas – coordenadas

de cada item nos três factores; Contribuições absolutas – percentagem da contribuição de cada item para a constituição de cada factor; Contribuições relativas – fracção da variância do item explicada por cada factor.

Quadro III.9: “Os Portugueses” e “Os Portugueses são...” (P02 e P04) - resultados da análise factorial das correspondências - variáveis ilustrativas

Grupos ilustrativos	N	D	Coordenadas			Valores teste		
			F1	F2	F3	F1	F2	F3
<i>Sexo</i>								
Masculino	123	1,2	-0,08	-0,05	-0,04	-2,3	-1,4	-1,1
Feminino	156	0,8	0,07	0,04	0,03	2,3	1,4	1,1
<i>Nível de escolaridade</i>								
Secundário	74	2,6	-0,28	0,05	-0,20	-5,2	0,9	-3,8
Universitário	205	0,4	0,11	-0,02	0,08	5,2	-0,9	3,8
<i>Naturalidade</i>								
Algarve	119	1,4	-,01	-0,05	-0,03	-0,1	-1,3	-0,9
Fora do Algarve	118	1,3	,04	0,02	0,04	1,0	0,5	1,0
Outros países	38	5,8	-,13	0,04	0,01	-1,6	0,5	0,2
<i>Considera-se Português? (P07)</i>								
Sim	178	0,6	-,11	-0,05	-0,15	-4,4	-1,8	-5,9
Não e Não sei	10	28,1	-,52	0,02	-0,03	-3,0	0,1	-0,2
<i>Gosta de ser Português? (P08)</i>								
Gosto	144	0,9	-0,02	-0,04	-0,22	-,7	-1,4	-7,1
Não gosto	4	68,4	-0,74	0,93	-0,03	-2,7	3,4	-0,1
Não sei	33	8,3	-0,43	-0,02	0,17	-4,4	-0,2	1,8
<i>Gostaria de ter nascido noutra país? (P09)</i>								
Não	115	1,3	-0,06	-0,19	-0,22	-1,7	-4,9	-5,8
Sim	34	8,5	-0,04	0,31	-0,04	-,4	3,2	-0,4
Não sei	41	6,4	-0,10	-0,07	0,09	-1,1	-0,8	1,1
<i>Ser Português do Minho ao Algarve é a mesma coisa que ser Português de qualquer outra parte de Portugal? (P14)</i>								
Sim	98	2,0	0,05	-0,07	-0,06	1,1	-1,4	-1,3
Não	106	1,4	-0,18	0,03	0,04	-4,4	0,8	1,1
Não sei	16	18,2	-0,02	-0,07	-0,80	-,1	-0,5	-5,7
<i>Pode deixar-se de ser Português? (P15)</i>								
Sim	29	7,8	-0,13	-0,05	0,16	-1,4	-0,5	1,7
Não	150	0,9	-0,08	-0,04	-0,20	-2,6	-1,1	-6,3
Não sei	13	21,0	-0,73	-0,20	-0,09	-4,8	-1,3	-0,6
<i>Discursos sobre Portugal (P01 e P12)</i>								
Central	197	0,4	-0,05	0,05	0,00	-2,1	2,3	-0,1
Portugal Sociedade	22	12,3	-0,15	-0,27	0,04	-1,3	-2,3	0,4
Portugal Comunidade	25	10,4	0,17	-0,18	0,15	1,6	-1,7	1,4
Portugal Lar	11	24,1	0,02	-0,23	0,42	0,1	-1,4	2,5
Portugal Território	24	9,7	0,30	0,11	-0,34	2,9	1,0	-3,2

Legenda: N – dimensão de cada grupo; D – distância euclidiana de cada grupo à média global; Coordenadas – coordenadas de cada grupo de respostas nos três factores; Valores teste – coordenadas normalizadas para cada grupo.

Quadro III.10: “Quem sou eu?” (P21) - distribuição das respostas

Frequência	Itens
Itens com frequência 117	Português
Itens com frequência 70	Amigo
Itens com frequência 57	Estudante
Itens com frequência 41	Simpático
Itens com frequência 23	Rapariga
Itens com frequência 22	Pessoa, Sentimental
Itens com frequência 21	Alegre
Itens com frequência 20	Jovem
Itens com frequência 19	Inteligente
Itens com frequência 18	Mulher
Itens com frequência 17	Ambicioso
Itens com frequência 16	Divertido, Trabalhador
Itens com frequência 15	Compreensivo, Honesto, Ser humano
Itens com frequência 14	Carinhoso, Sonhador
Itens com frequência 13	Afectuoso, Preguiçoso
Itens com frequência 12	Humano, Responsável
Itens com frequência 11	Tímido
Itens com frequência 10	Alguém, Aventureiro, Curioso, Eu, Rapaz
Itens com frequência 9	Brincalhão, Esperto, Homem
Itens com frequência 8	Algarvio, Apaixonado, Orgulhoso, Simples, Sincero, Sociável, Teimoso
Itens com frequência 7	Amoroso, Corajoso, Feliz, Filho
Itens com frequência 6	Adolescente, Aluno, Bem disposto, Bonito, Gosto de ajudar, Humilde, Lutador, Meigo, Romântico, Sensível
Itens com frequência 5	Igual aos outros, Inseguro, Não sei, Patriota, Universitário
Itens com frequência 4	Acolhedor, Amigável, Atencioso, Boa pessoa, Cidadão, Companheiro, Confiante, Desportista, Egoísta, Europeu, Extrovertido, Idealista, Impulsivo, Irmão, Nacionalista, Optimista, Pessimista
Itens com frequência 3	Afável, Agradável, Boa filha, Chato, Ciumento, Cobarde, Complicado, Conselheiro, Desconfiado, Despreocupada, Fiel, Gosto da Natureza, Gosto dos amigos, Livre, Neto, Olhanense, Parvo, Realista, Ser vivo, Triste, Vida
Itens com frequência 2	Alto, Amante, Animal, Baixo, Benfiquista, Borguista, Colega, Conversador, Criativo, Despistado, Diferente, Dorminhoco, Dou importância à amizade, Educado, Enérgico, Engraçado, Estudioso, Exigente, Explorador, Falador, Fixe, Forte, Frio, Generoso, Guloso, Inconformado, Independente, Justo, Lisboaeta, Louletano, Mãe, Magro, Mais um, Maluco, Mandrião, Menina, Moreno, Nervoso, Normal, Novo, Pedro, Pensador, Poeta, Progressista, Racional, Radical, Rebelde, Respeitador, Revoltado, Sexo feminino, Sofredor, Único, Vivo

Quadro III.11: “Os Portugueses são...” (P04) - distribuição das respostas por categorias

Categorias	N1	N2	N3	Itens incluídos
Simpáticos	13	129	119	Simpáticos, Sociáveis, Atenciosos, Amáveis, Agradáveis, Gentis, Educados, Simpáticos para estrangeiros, Simpáticos/Antipáticos, Mania de se meter com toda a gente, Encantadores, Dá-se bem com as outras nações, Amáveis para os estrangeiros
Acolhedores	5	62	60	Acolhedores, Hospitaleiros, Colaboradores, Bons anfitriões, Anfitriões
Aventureiros	6	59	50	Aventureiros, Corajosos, Destemidos, Valentos, Pouco medrosos, Combatentes
Trabalhadores	9	58	53	Trabalhadores, Lutadores, Empreendedores, Trabalhadores/Preguiçosos, Enérgicos, Dinâmicos, Batalhadores, Ágeis, Activos
Amigos	4	55	48	Amigos, Companheiros, Amigáveis, Amistosos
Inteligentes	7	51	48	Inteligentes, Espertos, Engenhosos, Cheios de ideias, Brillhantes, Bom raciocínio, Astutos
Pacíficos	14	47	40	Pacíficos, Calmos, Acomodados, Pacatos, Conformados, Passivos, Submissos, Despreocupados, Não violentos, Tranquilos, Ordeiros, Moderados, Esquecem facilmente dificuldades, Consensuais
Boas pessoas	7	40	39	Boas pessoas, Bons, Bondosos, Bons/Maus, Bom povo, Bom coração, Bem intencionadas
Preguiçosos	7	39	39	Preguiçosos, Pouco trabalhadores, Malandros, Molengões, Mandriões, Deixaandar, Anti-trabalho...
Carinhosos	10	38	36	Carinhosos, Sensíveis, Afectuosos, Sentimentais, Amorosos, Afáveis, Meigos, Grandes de coração, Dedicados, Dados
Orgulhosos	5	34	31	Orgulhosos, Vaidosos, Convencidos, Gabarolas, Pensam que são os melhores
Simples	10	32	32	Simples, Modestos, Pouco ambiciosos, Ingénuos, Humildes, Terra-a-terra, Simples/Complexos, Naives, Discretos, Dão pouco nas vistas
Burros	10	31	26	Burros, Ignorantes, Parvos, Estúpidos, Otários, Menos espertos, Medíocres, Pseudo-inteligentes, Imbecis, Calinas
Honestos	7	29	29	Honestos, Sinceros, Sérios, Leais, Fiéis, Verdadeiros, Gente de confiança
Divertidos	9	28	25	Divertidos, Extrovertidos, Engraçados, Brincalhões, Humorados, Foliões, Boémios, Borguistas, Bons para a farra
Ambiciosos	9	28	27	Ambiciosos, Oportunistas, Gananciosos, Materialistas, Somáticos, Garganeiros, Calculistas, Agarrados às coisas dos outros, Agarrados
Patriotas	6	27	27	Patriotas, Nacionalistas, Honra em ser Português, Força de vontade para levar o país para a frente, Ferrenhos, Bons cidadãos
Egoístas	5	25	24	Egoístas, Interesseiros, Mesquinhos, Individualistas, Egocêntricos
Tradicionais	5	24	22	Tradicionais, Conservadores, Típicos, Retrógrados, Moralistas
Antipáticos	10	24	22	Antipáticos, Mal-educados, Brutos, Malcriados, Pouco sentido de humor, Rudes, Mal humorados, Mal agradecidos, Carrancudos, Arrogantes
Alegres	3	24	24	Alegres, Bem dispostos, Alegres/Tristes
Tímidos	16	23	23	Tímidos, Desconfiados, Introvertidos, Complexados, Vulneráveis, Inibidos, Impotentes, Fracos, Falta de confiança, Não espontâneos, Envergonhados, Dependentes, Pouco confiantes, Atrapalhados, Acreditam pouco em si
Impulsivos*	16	22	22	Malucos, Ciumentos, Radicais, Impulsivos, Temperamentais, Sangue quente, Pouco racionais, Quentes, Precipitados, Possessivos, Nervosos, Instáveis, Inconstantes, Imprudentes, Cabeça quente, Agitados
Humanos	7	20	20	Humanos, Solidários, Prestáveis, Generosos, Altruístas, Prontos para ajudar, Humanistas
Heróis*	11	18	16	Descobridores, Heróis, Grande povo, Gloriosos, Fortes, Vitoriosos, Pessoas grandes, Importantes, Guerreiros decadentes, Famosos, Eternos
Compreensivos	3	17	17	Compreensivos, Receptivos, Abertos

Tristes	6	17	16	Tristes, Saudosistas, Descontentes, Aborrecidos, Melancólicos, Infelizes
Desorganizados	6	15	15	Desorganizados, Trapalhões, Desleixados, Irresponsáveis, Trafalhas, Desajeitados
Curiosos	7	14	14	Curiosos, Inventores, Desenrascados, Criativos, Inovadores, Improvisadores, Bisbilhoteiros
Bonitos	6	13	9	Bonitos, Feminino igual a bonito, Chamosos, Bons (homens), Bonitos interiormente, Belos
Comilões	6	13	13	Comilões, Gulosos, Maus hábitos alimentares, Gostam de uma boa refeição, Boa comida, Adeptos dos petiscos
Diferentes	6	13	13	Diferentes, Únicos, Estranhos, Originais, Especiais, Carácter
Apaixonados*	9	13	13	Românticos, Machistas, Apaixonados, Mulherengos, Matreiros, Machos, Gostam de sexo, Engatões, Enamorados
Atrasados	4	12	11	Atrasados, Pouco desenvolvidos, Não estão a para das coisas, Em desenvolvimento
Desonestos*	6	11	10	Mentirosos, Aldrabões, Trapaceiros, Pouco honestos, Corruptos, Amigos da onça
Faladores	4	11	11	Faladores, Comunicativos, Fala-baratos, Conversadores
Pobres	1	9	9	Pobres
Sonhadores	2	9	8	Sonhadores, Idealistas
Comodistas	1	9	9	Comodistas
Os maiores*	5	8	5	Porreiros, Altamente, Os melhores, Os maiores, Campeões
Maus*	7	8	8	Traidores, Não tolerantes, Sacanas, Rancorosos, Racistas, Injustos, Cruéis
Fechados	5	7	6	Fechados, Pessoas que não dialogam, Pouco faladores, Calados, Pouco abertos
Incultos	4	7	7	Incultos, Pouco cultos, Pouco civilizados, Analfabetos
Cultos	6	7	7	Cultos, Sábios/Incultos, Nobres, Estudiosos, Com costumes, Civilizados
Complexos*	4	7	7	Complicados, Incompreensíveis, Incoerentes, Complexos
Desprezados*	7	7	5	Usados, Postos para trás em quase tudo, Inferiores, Ignorados, Desrespeitados, Desprezados, Desclassificados
Influenciáveis	3	7	7	Influenciáveis, Influenciados, Manejáveis
Pequenos	1	7	7	Pequenos
Capazes*	6	6	6	Hábeis, Competentes, Com capacidades, Capazes de fazerem o que querem, Capazes, Bons naquilo que fazem
Teimosos	2	6	6	Teimosos, Cabeça-dura
Pouco nacionalistas	3	6	6	Pouco nacionalistas, Pouco patriotas, Inseguros quanto aos ideais nacionais
Invejosos	1	6	6	Invejosos
Pessoas	1	6	6	Pessoas
Unidos	1	6	6	Unidos
Conquistadores	1	6	6	Conquistadores
Portugueses	3	5	5	Portugueses, Nasceram em Portugal, Cidadãos...
Compatriotas	2	5	5	Compatriotas, Irmãos
Marinheiros	2	5	5	Marinheiros, Povo marítimo
Contestatários	3	5	4	Contestatários, Revolucionários, Reivindicadores
Cínicos*	4	4	4	Manhosos, Hipócritas, Duvidosos, Cínicos
Como os outros*	4	4	4	Povo como qualquer outro, Parecidos, Iguais às outras pessoas, Como os outros...
Optimistas	3	4	4	Optimistas, Esperançados, Confiantes
Críticos*	4	4	4	Irónicos, Gostam de criticar, Desvalorizadores, Críticos
Religiosos	3	3	3	Religiosos, Cristãos, Católicos
Cobardes*	3	3	3	Temerosos, Medrosos, Cobardes
Imitadores	2	3	3	Imitadores, Pouco criativos
Refilões	2	3	3	Refilões, Resmungões
Insensíveis	2	2	2	Insensíveis, Cabeças-fria
Subservientes	2	2	2	Subservientes, Mania de agradar
Realistas	2	2	2	Realistas, Objectivos
Residual	97	148		
Total	474	1453		

Legenda: N1 – número de itens diferentes incluídos em cada categoria; N2 - número total de itens reunidos em cada categoria; N3 - número de respondentes que referiu a categoria pelo menos uma vez. As categorias foram nomeadas segundo o item mais frequente nelas incluído, excepto nas situações em que o nome é assinalado por um asterisco.